EFÉSIOS

INTRODUÇÃO

I. O VEXATÓRIO PROBLEMA DA AUTORIA
   a. A Confirmação Histórica
   b. A Crítica Moderna: Natureza do Problema
II. DATA E PROVENIÊNCIA
III. PARA QUEM FOI ESCRITA? PROPÓSITOS
IV. TEMAS CENTRAIS
V. CONTEÚDO
VI. BIBLIOGRAFIA

★★★

A epístola aos Efésios é um dos documentos religiosos mais elevados que já foram produzidos, e isso devido tanto à sua sublime mensagem como suas formas nobres de expressão.

Esta epístola, escrita essencialmente sem as pressões da controvérsia, e sem a necessidade de dar atenção a grandes necessidades pastorais, acima de todos os demais documentos do N.T., contém as mais significantes e profundas declarações sobre os eternos propósitos de Deus relativos aos homens, com a única possível exceção do oitavo capítulo da epístola aos Rom. (ver Efé. cap. 1). Além disso, esta epístola encerra as mais claras revelações divinas acerca da natureza e do destino da igreja (ver caps. 1, 3, 5). Os capítulos quarto a sexto são extraordinários em sua concisa mas eloqüente expressão sobre as conseqüências práticas da vida cristã, em face do elevado destino determinado para os remidos pelo sangue de Cristo.

I. O VEXATÓRIO PROBLEMA DA AUTORIA

Quatro epístolas são largamente aceitas, sem qualquer disputa séria, como obras paulinas clássicas. Essas epístolas são aos Romanos, aos Gálatas, e I e II Coríntios. São tão similares quanto a questões como estilo, vocabulário e características literárias de todos os tipos, e apresentam idéias e doutrinas tão parecidas, que praticamente nenhum erudito sério tem duvidado que todas elas tenham saído da mesma pena, e que o seu autor foi o apóstolo Paulo. Comumente, outras cinco epístolas são aceitas como paulinas, com pouca disputa. Essas outras cinco epístolas são Colossenses, Filipenses, I e II Tessalonicenses e Filemom. A essas nove epístolas, a maioria dos estudiosos adicionam a presente epístola aos Efésios. Outros eruditos conservadores também acrescentam as chamadas epístolas «pastorais», a saber, I e II Timóteo e Tito, ao mesmo tempo que muitos sábios eruditos, e quase todos os intérpretes liberais, acreditam que essas epístolas pastorais foram escritas posteriormente, pois refletiriam uma igreja cristã mais desenvolvida, embora seu autor ou autores tivessem usado o nome de Paulo, tendo incorporado, nas mesmas, idéias nitidamente paulinas. (Quanto aos problemas de *autoria* das citadas epístolas, ver a introdução a cada uma delas).

a. *Confirmação histórica*

A controvérsia sobre a autoria da epístola aos Efésios não tinha qualquer significação até aos primórdios do século XIX, quando, por razões de vocabulário, de ausência de situação real a que se dirigia essa epístola, de uma avançada doutrina «eclesiástica», e de certas supostas expressões posteriores, como, por exemplo, «santos apóstolos e profetas», começou-se a pôr seriamente em dúvida que Paulo tivesse sido realmente o autor dessa epístola. Todavia, se a questão da autoria dessa epístola dependesse somente da confirmação histórica, não se teria levantado qualquer questão séria. Embora fosse considerado um herege gnóstico, Márciom foi quem imprimiu o primeiro impulso óbvio para a formação do «cânon» do N.T., em sua forma mais primitiva. Márciom rejeitava a autoridade do A.T., mas aceitava dez epístolas paulinas, já que o apóstolo Paulo era o seu herói, bem como uma forma mutilada do evangelho de Lucas, como o seu «cânon» dos documentos sagrados. A igreja cristã, por causa disso, começou então a preparar o seu próprio «cânon», utilizando-se do «cânon» básico de Márciom. O «cânon» neotestamentário do século II d.C. consistia essencialmente de dez das epístolas paulinas e dos quatro evangelhos. Não foi senão já nos fins do século IV d.C. que todos os vinte e sete livros que hoje conhecemos tivessem sido universalmente reconhecidos como o Novo Testamento autorizado. (Quanto a detalhes sobre o problema inteiro do «cânon» do N.T., ver o artigo introdutório deste comentário que versa sobre esse assunto, e que aborda a questão com pormenores).

A epístola aos Efésios fazia parte do «cânon» marcionita, embora ela ali houvesse recebido o título de *Aos Laodicenses*, porquanto ele cria que ela fosse a suposta «epístola perdida», referida em Col. 4:16. É deveras interessante que alguns eruditos modernos têm concordado com essa suposição de Márciom. E isso porque, desde o descobrimento do papiro «Chester Beatty» (pertencente ao início do século III d.C., que é o mais antigo documento de que dispomos, dentre as epístolas paulinas), verificou-se que as palavras «...*em Éfeso*...», em Efé. 1:1, não aparecem no texto original. Por conseguinte, se essa epístola foi escrita não tendo qualquer destino particular em mira, conforme indicam nossos mais antigos manuscritos (o papiro Chester Beatty, P(46), Aleph e B), então parece lógica a conclusão que aquele a que damos o nome de «epístola aos Efésios» na realidade foi escrita à igreja de Laodicéia. Essa idéia, entretanto, não é mais fácil de ser defendida do que a tradição que afirma que ela foi escrita aos Efésios. (Ver a secção III da introdução, que mostra para quem essa epístola foi escrita, onde há detalhes sobre o destino da epístola).

Por enquanto, no que diz respeito à confirmação histórica, basta observarmos que o «cânon» neotestamentário mais primitivo, preparado por Márciom, continha a epístola aos Efésios como livro de autoria paulina, embora sob um título diferente do daquele que hoje usualmente designa essa epístola. Policarpo, que foi martirizado em 168 d.C., faz alusão a essa epístola, em sua própria epístola aos Filipenses (capítulos primeiro e décimo segundo). Isso nos mostra que essa epístola, desde os tempos mais remotos, antes mesmo dos anos da canonização dos livros neotestamentários, já usufruía de alto prestígio. Mais ou menos nesse tempo encontramos o *cânon muratoriano*, que dava testemunho sobre a autoridade desta epístola. Entre as igrejas para quem Paulo escreveu, esse citado «cânon» alista Éfeso em segundo lugar. Por igual modo, Irineu, que foi martirizado em 202 d.C., cita de forma definida a epístola aos Efésios. (Ver *Adv. Haer.*, v. 2,36: i.5,8). Esta última referência parece indicar que antes desse tempo os valentinianos aceitavam essa epístola como autêntica. Clemente de Alexandria, por semelhante modo, acrescenta o seu testemunho sobre a autoridade dessa epístola e sobre sua autoria paulina. (Ver *Strom.* iv.65 e *Pard.* i.18). Orígenes, pouco mais tarde (254 d.C.), igualmente a menciona como de autoria paulina. (Ver Phil. 6,54). Finalmente, o historiador eclesiástico, Eusébio, cita a nossa epístola aos Efésios em sua *homologoumena*. Pode-se observar, portanto, que esta epístola aos Efésios desfruta de notável confirmação histórica, tanto como qualquer outro dos livros do N.T.

b. *A Crítica Moderna: Natureza do Problema*

No entanto, nos tempos modernos, vários argumentos têm sido apresentados por alguns eruditos, contrários à autoria paulina da epístola aos Efésios. Erasmo, contemporâneo de Lutero, e que foi o compilador do primeiro N.T. grego impresso, observou algumas peculiaridades de estilo da epístola aos Efésios, em contraste com outras epístolas paulinas; e isso lançou uma sombra de dúvida sobre essa epístola, como obra do apóstolo Paulo. Entretanto, não houve nenhuma dúvida verdadeira até o surgimento de Evanson, o deísta

inglês, o qual publicou um livro sobre os evangelhos, no ano de 1782. Esse autor foi seguido rapidamente por numerosos outros críticos, como Usteri (1824), De Wette (1826), etc. Baur e os seus discípulos rejeitaram a epístola aos Efésios como paulina, juntamente com Colossenses, porquanto encontraram ali alguns traços de gnosticismo, porquanto pensavam erroneamente que o gnosticismo só surgira depois dos tempos de Paulo. Desde os dias desses críticos, pois, tornou-se costumeiro, incluindo até mesmo alguns intérpretes conservadores, supor que a epístola aos Efésios não é de autoria paulina, ainda que muitos outros a tenham defendido como tal, a despeito disso, mantendo-a dentro da coletânea dos escritos sagrados paulinos. Abaixo oferecemos as principais objeções feitas contra a autoria paulina da epístola aos Efésios:

1. Essa epístola não foi escrita para qualquer comunidade distinta, posto que as palavras «em Éfeso» não aparecem nos mais antigos manuscritos que possuímos. (Ver as notas textuais sobre essa questão, nos comentários sobre Efé. 1:1). Não era costume de Paulo escrever uma epístola sem visar qualquer comunidade.

2. Outrossim, essa epístola não visou qualquer «situação de vida real» em particular, nem qualquer necessidade eclesiástica, o que significa que lhe falta qualquer conexão geográfica ou histórica, característica essa definidamente não-paulina, conforme se pode averiguar pelo estilo de suas outras epístolas, reconhecidamente paulinas.

3. Há vocabulário que não pertence ao vocabulário paulino. Nessa epístola comparativamente curta, existem quarenta e dois vocábulos que não são usados em qualquer outra porção do N.T., bem como oitenta e dois vocábulos que não são utilizados em qualquer das outras epístolas paulinas.

4. Há questões de estilo e de estrutura nas sentenças. Alguns estudiosos descobrem na epístola aos Efésios um temperamento diferente daquele que transparece nas epístolas reconhecidamente paulinas. Ao invés de sua expressão qual torrente, encontramos uma mente calma e ruminante. Nos trechos de Efé. 1:3,14,15; 2:1-7, 11-13,14-18,19-22; 3:1-19; 4:11-19,20-24; 6:14-20, alguns estudiosos encontram uma sucessão de expressões prolongadas, de reverberações continuadas, e que eles não sentem serem paulinas, havendo qualquer coisa que se lhe assemelhe somente no primeiro capítulo da epístola aos Colossenses, entre todas as epístolas de Paulo.

5. Há questões de expressões não-paulinas. Nesta epístola aos Efésios há uma forte inclinação para compostos, com a preposição grega «sun» (com), o que não pode ser observado em outras epístolas paulinas. Também há um número extraordinário de frases que contêm a palavra grega «aion» (ver Efé. 1:21; 2:2,7 e 3:21), as quais não podem ser encontradas em outras epístolas paulinas. Além disso, outros eruditos vêem algumas palavras usadas noutras epístolas de Paulo que recebem um sentido não-paulino. Por exemplo. «Ta ethne» (as nações), que noutras epístolas significa «não-judeus», nesta epístola aos Efésios significa «não-cristãos». (Ver Efé. 4:17). Similar é o caso do vocábulo grego «oikonomia», que aparece em Efésios não com o sentido paulino usual de «mordomia», mas antes, recebe o sentido de «plano» ou «norma». (Ver Efé. 1:10 e 3:9). Ver igualmente o vocábulo «mistério», em relação aos crentes, em Col. 1:27 indica «Cristo em vós, a esperança da glória», ao passo que em 2:3 é Cristo «em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento». Porém, nesta epístola aos Efésios, esse mistério é o «plano» divino que procura unir todas as coisas em volta de Cristo (ver Efé. 1:10), incluindo a idéia que os gentios são «co-herdeiros» juntamente com os judeus (ver Efé. 3:6). Em Efé. 5:32 essa mesma palavra se reveste de um significado «místico», que alguns estudiosos consideram ser um «uso helenista secundário», não podendo ser encontrado em qualquer das epístolas consideradas definitivamente paulinas.

6. Alguns conceitos existentes nesta epístola aos Efésios, apesar de talvez se relacionarem a idéias paulinas, parecem ser desenvolvimentos que refletem um período posterior ao de Paulo. Há grande ênfase sobre a igreja cristã e pouca saliência posta sobre questões escatológicas. O estudo sobre a doutrina dos «dons espirituais», diferente daquele que aparece na primeira epístola aos Coríntios, e a questão sobre a descida ao hades (ver Efé. 4:8-10), não aparecem como temas paulinos em nenhuma outra porção dos escritos paulinos.

7. A grande similaridade com a epístola aos Colossenses, sugere que esta epístola aos Efésios foi uma expansão com base naquela, feita por algum dos discípulos de Paulo, ou por alguém cujo herói era o apóstolo Paulo.

Aqueles que procuram defender a autoria paulina tradicional têm procurado responder a todas essas dificuldades, conforme se vê abaixo:

a. Em resposta às razões 1 e 2, esses eruditos perguntam: Por que se pensaria que Paulo não poderia ter escrito uma epístola «circular», não endereçada a qualquer comunidade em particular, não baseada em qualquer situação geográfica ou pastoral? Pois a verdade é que Paulo poderia ter escrito uma epístola geral, a fim de ensinar elevadas doutrinas, tendo-a enviado para uma localidade bem geral, como a Ásia Menor, com a esperança que a mesma receberia boa circulação entre as igrejas cristãs, tal como esperou que acontecesse às epístolas aos Colossenses e aos Laodicenses (ver Col. 4:16). Muito presumem aqueles que pensam saber tudo acerca do método e do caráter de Paulo, acerca dos seus hábitos, ou acerca de alguma decisão diversa que ele possa ter tido.

b. O vocabulário não-paulino poderia ser explicado à base simples do assunto abordado por ele, nesta epístola aos Efésios, porquanto envolvia temas conhecidos por ele mas não ventilados em qualquer de suas demais epístolas, e que, envolviam, naturalmente, palavras diversas para expressá-los. A coletânea paulina total de nove ou dez epístolas, que a maioria dos estudiosos admite como paulina, dificilmente pode ser considerada como uma demonstração do vocabulário conhecido pelo apóstolo Paulo, como se ele só conhecesse essas palavras, dependendo das necessidades da ocasião. Isso responde à objeção número (3).

c. A questão de estilo e da estrutura das sentenças, abordada na objeção de número 4, não é muito difícil para responder. Devemo-nos lembrar que a quantidade de material que temos em Efésios é muito pequena. A carta inteira pode ser lida facilmente dentro de 20 minutos. A quantidade pequena de matéria simplesmente não oferece uma base adequada para os tipos de julgamentos que alguns estudiosos fazem concernentes a questões de estilo, vocabulário, termos, etc. Também, o uso de amanuenses diferentes, na produção de documentos diversos, podia ter modificado as cartas de Paulo (nas questões sob consideração) adequadamente para criar certos problemas à respeito.

d. As expressões não-paulinas: O que temos falado sob o ponto c também se aplica aqui. O corpo *inteiro* das cartas de Paulo, sendo relativamente *pequeno*, não pode representar todas as expressões possíveis do Apóstolo. Cada documento, portanto, deve ser uma simples representação de algumas expressões paulinas. Cada carta de Paulo, *necessariamente*, apresenta algumas expressões e idéias que as outras não contêm.

e. Os supostos *conceitos não-paulinos*, que supostamente seriam por demais «eclesiásticos» para a sua época, e que conteriam pouquíssimas idéias escatológicas, não formam uma objeção justa. Pois a epístola aos Colossenses frisa fortemente a doutrina da igreja; e não é razoável supormos que Paulo não pudesse enfatizar ainda mais esse tema, em uma ocasião posterior qualquer. Além disso, não há negligência pelo aspecto escatológico nesta epístola aos Efésios. Porquanto o grande e notável primeiro capítulo dessa epístola consiste principalmente de questões escatológicas. Outrossim, a questão da «descida ao hades» era um pensamento comum naquela época, no seio da igreja cristã, conforme se pode ver nos trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6, tema esse igualmente aludido em Fil. 2:9-11, embora ali não seja especificamente declarado. Ver a descida mencionada em Rom. 10:7. Isso responde à objeção de número 6.

f. Há estudiosos que têm considerado a óbvia similaridade entre esta epístola aos Efésios e a de Colossenses, como uma prova em favor da autoria paulina, e não algo que milita contra a mesma. Pois isso pode sugerir-nos que, algum tempo depois de haver escrito a epístola aos Colossenses, em uma outra epístola, Paulo expandiu os temas que havia abordado naquela primeira. Isso responde à sétima e última dessas objeções. Não nos parece, entretanto, que a epístola aos Efésios tenha sido «copiada» da epístola aos Colossenses, em qualquer sentido, porquanto não aparece qualquer cópia *verbatim*, ou seja, palavra por palavra, conforme se esperaria no caso de alguém ter supostamente «expandido» essa epístola a fim de produzir esta epístola aos Efésios.

Se Paulo não escreveu a epístola aos Efésios, qual seria a razão de um pseudônimo, isto é, de alguém que escreveu sem revelar o próprio nome, fazendo-o em lugar desse apóstolo? Por que essa epístola teria sido atribuída a Paulo? Em primeiro lugar, devemo-nos lembrar que, nos tempos antigos, não era considerado errado escrever um livro ou uma obra qualquer em nome de algum personagem famoso, com o intuito de ajudar na sua circulação e prestígio. Existem muitos documentos antigos dessa natureza, e os muitíssimos livros apócrifos do N.T. mostram exatamente esse tipo abundante de atividade literária. Embora fossem reconhecidos como pseudônimos, muitos destes livros antigos desfrutaram de grande fama e circulação, até mesmo entre alguns cristãos primitivos.

Alguns estudiosos acreditam que esta epístola aos Efésios foi escrita como uma espécie de *epístola de apresentação*, para ser posta juntamente com a coletânea de escritos paulinos, na tentativa de restaurar o interesse pelas epístolas desse apóstolo. Goodspeed foi quem primeiro expôs essa teoria, supondo que Filemom (ou algum outro dos primeiros discípulos de Paulo) tivesse sido o seu compilador, isto é, da coleção dos escritos paulinos, bem como o autor da epístola de apresentação, que seria a de Efésios. As epístolas de Paulo tinham um interesse e uma aplicação locais; mas algum discípulo seu pode ter visto claramente a sua aplicação universal, motivo pelo qual interessou-se por reavivar o interesse pelas mesmas, tendo usado o método acima descrito para realizar o seu alvo. Goodspeed, pois, supunha que «cada linha dela (da epístola aos Efésios) mostra sua dívida para com uma ou outra das nove epístolas de Paulo», o que serviria para demonstrar quão intimamente vinculado estava o seu autor ao apóstolo Paulo, pelo menos no tocante à simpatia e ao estudo de seus escritos. Sem importar quem teria sido esse suposto autor, é evidente que ele só poderia ter sido um judeu, segundo se vê em Efé. 2:11,12, onde seu autor se expressa como se os seus leitores pertencessem a uma categoria diferente da sua, sem nos referirmos às muitas expressões de origem semítica, como *filhos da desobediência*, «da ira», «da luz» e «obras das trevas».

Conclusão

1. Temos exposto os vários prós e contras acerca da autoria paulina de Efésios. A posição deste comentário é que, apesar de haver dificuldades que devem ser reconhecidas e estudadas, não há objeções avassaladoras à autoria paulina desta epístola. A epístola é mui provavelmente paulina, considerando-se que reflete grande gênio, profundas expressões e conceitos profundos, possuidora de qualidades que a destacam acima de todos os demais livros do N.T. Porventura Paulo teria algum *discípulo* que o ultrapassou? A epístola é muito mais que um mero sumário das idéias paulinas. Antes, é um empreendimento ambicioso, possuindo sinais de grande originalidade e poder. A epístola tenta formular uma filosofia da religião, a qual, ao mesmo tempo, é uma filosofia da história humana. É o documento teológico mais profundo do N.T., apesar de sua brevidade.

2. O real problema: Prezados amigos, conforme se dá com todos os livros do N.T., cuja autoria é disputada, nosso real problema aqui não é afirmar que «Paulo o escreveu» ou «Paulo não escreveu». Antes, nosso cuidado deveria ser: Quanto do mesmo eu já aprendi? Quanto do mesmo venho praticando? O que sei acerca de 'vir a participar de toda a plenitude divina' (3:19)? «O que sei acerca de fazer de Cristo o motivo de toda a vida e viver diário (1:10)? Já fui libertado dos vícios pagãos que ele deplora? Conheço algo da inspiração, revelação e iluminação da alma, sobre o que o livro fala (1:18)?

II. DATA E PROVENIÊNCIA

Se a epístola aos Efésios não foi escrita por Paulo, a sua proveniência não pode ser determinada, porquanto essa questão se torna impossível de ser investigada, já que para ela não teremos qualquer conexão histórica. Além disso, se ela não é de autoria paulina, não pode ter sido escrita antes de 90 a 92 a.C., mais ou menos na época em que se fazia a coleção dos escritos paulinos, os quais já usufruíam de intensa circulação na igreja cristã primitiva. Assim, pois, se a teoria de Goodspeed está correta, e não existe teoria melhor, ficando assim comprovado que essa epístola não é de autoria de Paulo, então a «epístola de apresentação», que seria a nossa atual epístola aos Efésios, como já dissemos, mui provavelmente teria surgido depois da publicação e circulação da literatura lucana; e isso indicaria, quando muito, o fim do século I d.C., como o tempo da escrita desta epístola aos Efésios. As citações que aparecem nos escritos dos pais da igreja, entretanto, indicam que isso não poderia ter acontecido mais tarde que a primeira porção do século II d.C.

Por outro lado, se a nossa epístola aos Efésios é realmente paulina (qual é a suposição deste comentário) fica óbvio que a mesma foi escrita ao mesmo tempo que as epístolas aos Colossenses e a Filemom. (Comparar Col. 4:7,8 com Efé. 6:21,22 e File. 23 e 24, trechos que exibem circunstâncias definidamente similares, sob as quais essas três epístolas foram escritas, além de mostrarem que Paulo vinha sendo ajudado pelos mesmos companheiros de trabalho). Na epístola aos Colossenses, Onésimo, o escravo convertido que voltou à companhia de seu senhor, é mencionado como co-portador dessa epístola, juntamente com Tíquico. Isso não é dito na epístola aos Efésios; mas as circunstâncias parecem indicar que o envio da epístola aos Efésios teve lugar ou pouco antes ou pouco depois do envio da epístola aos Colossenses. A maioria dos estudiosos que atribuem a Paulo a autoria desta epístola aos Efésios, pensa que a mesma foi escrita pouco depois da epístola aos Colossenses, pensando que a mesma foi escrita em Roma, durante o período de aprisionamento descrito nos versículos finais do livro de Atos. Outros eruditos, contudo, atribuem-na a um período de aprisionamento anterior, em Cesaréia, descrito a partir do capítulo vigésimo terceiro do livro de Atos. Isso fazia a carta ter sido escrita cerca de dois ou três anos antes. É bem provável que Paulo tenha chegado em Roma em cerca de 58 d.C., o que significaria que as epístolas que ele escreveu dali poderiam ser datadas em qualquer ponto, entre 58 e 60 d.C., supondo-se que ele foi aprisionado pela primeira vez por um período de dois anos ou pouco mais. (Ver Atos 28:30).

Podemos observar como Paulo, em File. 22, requer que Filemom lhe prepare um cômodo, em antecipação à visita que tencionava fazer para breves dias. Dificilmente Paulo poderia ter escrito tais palavras em Cesaréia, mas poderia tê-lo feito quando se aproximava o fim do período de seu aprisionamento na cidade de Roma, ou, pelo menos, na esperança de que seu aprisionamento terminaria dentro de poucos dias. Os trechos de Efé. 3:1; 4:1 e 6:20 identificam definidamente essa epístola como missiva enviada da prisão. E o tradicional «primeiro aprisionamento romano» é uma boa idéia proposta pelos estudiosos para situar essa prisão, embora tal sugestão seja acompanhada de algumas dificuldades. No entanto, outros eruditos têm sugerido Éfeso como lugar onde foi escrita a epístola a Filemom, porquanto Paulo também foi aprisionado ali. A cidade de Colossos ficava nas proximidades e Paulo pode ter desejado estacionar ali algum tempo, antes de finalmente despedir-se de Éfeso, para fazer sua visita final à Macedônia e à cidade de Corinto. Ora, isso situaria o tempo da escrita da epístola a Filemom tão cedo como o verão de 54 d.C.

A alusão feita por Paulo de que ele lutou «*...em Éfeso com feras...*» (I Cor. 15:32), talvez indique que realmente Paulo tenha sido aprisionado em Éfeso, embora o livro de Atos nada nos diga a respeito. Não obstante, continua sendo forte a conjectura que Paulo deveras foi aprisionado ali, apesar do que a maioria dos eruditos opine que o primeiro aprisionamento em Roma seja a sugestão mais isenta de dificuldades. Não obstante, G.S. Duncan (*St. Paul's Ephesian Ministry*, 1929) sugeriu nada menos de três períodos diversos de aprisionamento em Éfeso, supondo que todas as chamadas «epístolas da prisão» foram escritas daquela cidade. Esse autor tem sido secundado em suas opiniões por alguns excelentes eruditos, como E. J. Goodspeed (*History of Early Christian Literature*, 1942), bem como por outros nomes respeitáveis do mundo da literatura bíblica. Não devemos deixar de observar, entretanto, que em sua tradução, no ponto onde ele apresenta introduções a cada um dos livros do N.T., nessa época ainda aceitava a idéia de que Paulo escreveu suas «epístolas da prisão» quando estava aprisionado na cidade de Roma. Por conseguinte, a questão continua sem solução; mas, afinal de contas, não se reveste de grande importância.

Ver uma nota mais detalhada sobre este assunto na introdução de Colossenses, sec. II.

III. PARA QUEM FOI ESCRITA? PROPÓSITOS

A epístola aos Efésios, menos do que qualquer das demais epístolas de Paulo, tem alguma vinculação com qualquer localidade conhecida. A essa epístola faltam as saudações ordinárias e as referências pessoais que refletem situações locais. Por essa razão, muitos eruditos têm duvidado que essa

epístola tivesse qualquer endereço certo, pensando que a mesma foi escrita como mera «epístola de apresentação», por parte de algum dos discípulos íntimos de Paulo, a fim de restaurar o interesse pela literatura paulina. (Ver os comentários sobre a «Autoria», no tocante a detalhes sobre essa suposição). Mas outros estudiosos têm suposto que essa epístola foi uma *circular*, enviada às igrejas locais da Ásia Menor, que poderia ter incluído a de Éfeso; e, posto que a cidade de Éfeso era a mais importante daquela região, eventualmente essa epístola veio a ser chamada de «epístola aos Efésios».

Para muitos estudiosos, as palavras que aparecem no primeiro versículo dessa epístola, «...aos santos que vivem em Éfeso...», conforme aparecem em alguns dos manuscritos antigos, os quais são seguidos pela esmagadora maioria das traduções de todos os tempos, solucionam o problema de «para quem» essa epístola foi escrita. Infelizmente, porém, a questão não pode ser solucionada com essa facilidade; pois é fato inequívoco que a maioria dos manuscritos antigos não contém essas palavras. Abaixo oferecemos as evidências textuais a respeito:

As palavras «*...em Éfeso...*» estão contidas nos mss ADG e na maioria das versões latinas, bem como em todos os manuscritos minúsculos posteriores. As traduções ASV, BR, NE, KJ, PH e WY seguem esses manuscritos. (Quanto à identificação dessas traduções, ver a introdução ao comentário e a lista de abreviação das mesmas). Contudo, os manuscritos mais antigos, como P(46), o mais antigo manuscrito existente das epístolas de Paulo, um papiro pertencente ao século III d.C., não contém essas palavras. Esse testemunho é consubstanciado, igualmente, pela omissão dessas palavras nos dois mais antigos mss unciais, escritos em velum, que se conhecem, a saber, os mss Aleph e B, ainda que, em ambos, um escriba posterior naturalmente escreveu as palavras *em Éfeso*.Os mss 424(2) e 1739 também omitem essas palavras, e os pais da igreja Márciom, Tertuliano, Orígenes e Basílio omitiram-nas também em suas referências a essa epístola. É interessante que Basílio diz especificamente que a alusão a Éfeso se fazia ausente na maioria dos manuscritos que ele conhecia. Por sua vez, Márciom diz que essa epístola foi escrita «aos Laodicenses», embora isso tivesse sido somente uma opinião, baseada na menção de Col. 4:16, onde Paulo fala de uma epístola «aos Laodicenses», que atualmente desconhecemos, mas que Márciom (além de muitos outros estudiosos de séculos posteriores) supunha ter podido identificar com aquela que atualmente chamamos de «aos Efésios». Entretanto, nenhum manuscrito antigo diz «aos Laodicenses» ou frase semelhante, que nos permita identificar tal epístola; e todos os problemas que são contrários ao tradicional endereço, «aos Efésios», se fazem presentes no caso de Laodicéia, além do problema adicional que não existe qualquer evidência textual em favor desse suposto endereço, ao passo que pelo menos manuscritos posteriores exibem o endereço «aos Efésios».

Essa ausência de qualquer endereço, no teor da própria epístola, tem provocado muita discussão e controvérsia. As provas textuais de mais peso evidentemente favorecem a omissão das palavras «em Éfeso», e isso deixa a questão insolúvel, do ponto de vista textual. Outrossim, os trechos de Efé. 1:15 e 3:2 parecem indicar que o autor sagrado ainda não havia visitado o lugar para onde escrevia, embora se saiba perfeitamente bem que Paulo passou longo período de tempo em Éfeso, segundo se compreende através do décimo nono capítulo do livro de Atos. A maioria dos intérpretes, na realidade com base em pouquíssimas provas textuais, supõem que essa tenha sido uma «epístola circular», enviada para certo número de igrejas da Ásia, mui provavelmente as mesmas que são mencionadas no livro de Apocalipse, a saber, Éfeso, Esmirna, Sardes, Colossos, Filadélfia, Laodicéia e Tiatira, incluindo até mesmo outras localidades não mencionadas no N.T. em parte alguma.

Em favor do ponto de vista ventilado no fim do parágrafo acima, pode-se dizer que a nossa epístola aos Efésios tem certa conexão com as epístolas aos Colossenses e a Filemom, pois Filemom evidentemente residia na cidade de Colossos. Tíquico estava então em sua companhia, e o apóstolo declara que ele estava pronto a informar aos leitores de sua epístola quais eram as condições de sua pessoa (Paulo estava então aprisionado). Na epístola aos Colossenses lemos que Onésimo também estava em companhia de Paulo; mas não ocorria outro tanto no tempo em que ele escreveu a epístola aos Efésios. Não obstante, Onésimo poderia já ter sido enviado de volta a seu senhor, Filemom; mas também é possível que a epístola aos Efésios tenha sido escrita antes, tendo assim precedido a visita feita por Onésimo. A comparação entre Col. 4:7,8 e Efé. 6:21,22 e File. 23;24, mostra-nos a relação bem definida entre essas três epístolas. Por conseguinte, se a epístola aos Efésios é verdadeiramente paulina, então adquire grande força a idéia de ter sido ela uma «epístola circular». Outrossim, o fato que essas três missivas são apresentadas como epístolas escritas «na prisão», sem importar se Paulo era prisioneiro em Roma, em Cesaréia ou em Éfeso, mostra-nos haver íntima conexão entre elas, e que todas as três foram enviadas aproximadamente para a mesma localização, a saber, a Ásia Menor, da qual a cidade de Éfeso era um dos principais centros populosos.

Não obstante, se não pudermos aceitar a autoria paulina da epístola aos Efésios, então as referências que poderiam identificar a localidade aproximada para onde essa epístola foi enviada são todas artificiais, tendo sido inseridas por quem quer que tenha escrito esse livro, a fim de dar-lhe um sabor paulino. Porém, se essa epístola é deveras paulina, então as palavras «em Éfeso» naturalmente devem ter sido ajuntadas à epístola, primeiramente por causa de sua íntima conexão com as cartas paulinas enviadas para as proximidades daquela cidade, todas as quais foram enviadas por intermédio de Tíquico; e, em segundo lugar, porque não havia nenhum livro de origem apostólica dirigido a Éfeso, um dos lugares mais importantes dentre onde Paulo labutou no evangelho, e isso preencheria a lacuna. Além disso, posto que Éfeso era a grande capital daquela região, sendo a cidade mais populosa, cópias da «epístola circular», enviada àquela área geral, com o tempo mui naturalmente seriam consideradas como enviada para os crentes «em Éfeso», e não para os de qualquer outra localidade, quando alguns dos primeiros copistas desejaram emprestar-lhe uma identificação local.

Isso significaria apenas que os primeiros copistas meramente escolheram *Éfeso* por causa de seu prestígio e importância em detrimento de qualquer outra localidade próxima, como a localidade específica para onde essa epístola foi enviada.

O motivo que mais recomenda a teoria da «epístola circular», como explicação para os destinatários da nossa epístola aos Efésios, é que ela representa a única alternativa plausível para a teoria da autoria não-paulina; sendo essa a razão pela qual tantos eruditos conservadores, não tendo idéia melhor do que essa, e querendo reter sua identificação como epístola paulina, se têm apegado a essa citada teoria. Pois nenhum erudito nas questões textuais haveria de incluir as palavras «em Éfeso», que aparecem logo no primeiro versículo dessa epístola, ignorando o fato que mui provavelmente essas palavras foram incluídas posteriormente, não refletindo realmente seus verdadeiros destinatários. Nenhum manuscrito anterior ao século IV d.C. inclui as palavras «em Éfeso»; pelo que também se pode concluir que essa epístola, apesar de não ter sido especificamente enviada para os crentes que habitavam naquela cidade, foram incluídos como habitantes de uma área geral maior, a Ásia Menor. Essa é a posição tomada pela grande maioria dos eruditos conservadores modernos, ao passo que a maioria dos eruditos liberais prefere pensar na autoria não-paulina, conforme foi descrito na secção desta introdução intitulada «O Vexatório Problema da Autoria».

Portanto, essa epístola foi realmente endereçada «*...aos santos e fiéis em Cristo Jesus...*», conforme o texto grego pode ser traduzido, se omitirmos as palavras «em Éfeso». No entanto, o particípio presente do verbo grego, «ousin», conforme se verifica em certos papiros pertencentes ao século primeiro da era cristã, significa «local»; motivo pelo qual alguns estudiosos têm conjecturado que a saudação de Paulo deve ser compreendida como «aos santos locais, que são fiéis em Cristo Jesus». Essa tradução possível favorece a teoria da «epístola circular», pois, nesse caso, ver-se-ia que essa epístola realmente teve um destino, ainda que extremamente amplo, o que explica a ausência de quaisquer referências pessoais.

Mas existem eruditos que pensam que foi deixado um espaço em branco, no manuscrito original, de tal modo que as cópias que fossem enviadas às diversas congregações locais preenchessem ali o nome das diversas localidades, segundo o caso.Todavia, esse método de envio de missivas não tem paralelo histórico quanto aos métodos literários, bastando essa razão para que ele não seja muito provável. Outrossim, se tais nomes tivessem sido inseridos, é perfeitamente certo que ao menos alguns deles tivessem sido preservados para nós, do

mesmo modo que o título «aos Efésios» foi preservado em tantos manuscritos. De outro modo, teríamos de supor que todas as demais cópias se perderam, e que foram preservadas tão-somente aquelas endereçadas «aos Êfésios», o que parece absurdo, devido à alta porcentagem de improbabilidade.

Além das razões que já abordamos, sobre por qual razão a cidade de Éfeso veio a ser associada à nossa «epístola aos Efésios», podemos acrescentar aqui aquela outra que resulta de II Tim. 4:12, que diz: «Quanto a Tíquico, mandei-o até «Éfeso». Posto ter sido ele o portador das epístolas aos Colossenses e a Filemom, e visto que ele foi também o portador da epístola aos Efésios (ver Efé. 6:21), é apenas natural vincular essa epístola a Éfeso, supondo-se, mediante a comparação entre essas duas referências, que quando ele foi ali, levou a epístola de Paulo para eles.

Essa epístola foi enviada, segundo nos parece certo, à igreja cristã universal, uma sociedade de âmbito mundial, e não local, a saber, aos «santos e fiéis em Cristo Jesus», sem importar se foi o apóstolo Paulo ou outro qualquer que a escreveu.

Quais foram os propósitos dessa epístola *aos Efésios*? tendo escrito de maneira geral, objetivando toda a igreja cristã, são discutidas questões importantes para a igreja inteira. O grande primeiro capítulo dessa epístola estabelece o tom, ao anunciar o elevado destino dos remidos, como «plenitude daquele que preenche a tudo em todos». Devemos observar que esse primeiro capítulo é muito semelhante, quanto à sua mensagem, embora seja uma abordagem mais abreviada, ao oitavo capítulo da epístola aos Romanos, não havendo literatura religiosa mais elevada, no mundo inteiro, do que aquela que nossos olhos encontram nesses dois trechos bíblicos. Um dos propósitos centrais dessa epístola, portanto, é a de salientar esse elevadíssimo destino dos remidos, apresentando as várias aplicações desse conceito, no que diz respeito ao andar cristão diário.

Goodspeed, e aqueles que seguem as suas idéias, supõem que um discípulo qualquer de Paulo é que teria escrito esta epístola aos Efésios, como uma espécie de «epístola de apresentação» para as demais epístolas paulinas, a fim de despertar novamente o interesse pelos escritos paulinos. Não há meios para confirmarmos ou negarmos essa teoria; mas, quando muito, isso deve ser reputado uma *mera hipótese*. Mas, ainda que assim realmente tivesse acontecido, e que esse tivesse sido um dos *propósitos* da escrita dessa epístola, contudo, acima dessa razão avulta aquela outra, que é a de revelar o elevadíssimo destino da igreja cristã, e o que isso deve significar em relação à conduta diária, tanto acerca da igreja cristã inteira como em relação ao indivíduo.

É evidente, na própria epístola, que se caracteriza por sua elevada cristologia, que Paulo combatia alguma forma do *gnosticismo*, tal como se verifica também no caso da epístola aos Colossenses. Sabemos atualmente que formas anteriores e mais primitivas do gnosticismo já existiam, certamente, antes do começo do movimento cristão, não sendo, portanto, um desenvolvimento doutrinário de séculos posteriores. Por conseguinte, a epístola aos Efésios deve ser classificada entre as «epístolas que combatem heresias», o que significa simplesmente que um de seus propósitos era apologético. Apesar de ter por intuito ensinar elevadas doutrinas cristãs, não foi ela escrita exclusivamente com essa finalidade, mas também tinha outros objetivos. Se porventura ela foi escrita por algum dos discípulos de Paulo, então um de seus propósitos, pelo menos parcialmente, foi exaltar a teologia paulina aos olhos da igreja cristã, sobretudo no que se relaciona a questões que envolvem a igreja e o seu destino específico, porque essas questões, apesar de serem abordadas em outros trechos, são descritas de maneira mais completa e vigorosa em nossa epístola aos Efésios.

«Seu principal propósito era o de confirmar os seus irmãos na fé, ampliando os seus horizontes, apertando ainda mais os laços de fraternidade que já os uniam; ensinando-lhes assim que as mais profundas experiências e os mais exaltados pensamentos podem ser encontrados dentro do corpo a que todos eles pertenciam; e que na unidade deles jazia a garantia da unidade de toda a humanidade, e, de fato, da criação inteira, na pessoa de Cristo». (Francis W. Beare).

IV. TEMAS CENTRAIS

Nenhuma outra epístola de Paulo se tem mostrado dotada de maior influência sobre a história subseqüente da igreja cristã do que esta epístola aos Efésios. Somente as epístolas aos Romanos e aos Gálatas têm sido mais largamente usadas. E a projeção da epístola aos Efésios é resultado natural das idéias elevadas e das expressões eloqüentes existentes nessa epístola. Pode-se sentir a notável influência do apóstolo Paulo através dessa epístola, tal como a influência de Tertuliano foi transmitida através de Cipriano. Eis os grandes temas da epístola aos Efésios:

1. Cristo Jesus é aquele que *preenche tudo em todos, sendo* esse o seu tema principal e central. O primeiro capítulo dessa epístola tem a finalidade precípua de situar o Senhor Jesus na mais elevada posição cosmológica possível, do mesmo modo que Paulo faz nos capítulos primeiro e segundo de sua epístola aos Colossenses: «...porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade» (Col. 2:9). Portanto, vê-se no primeiro capítulo da espítola aos Efésios que Cristo é o mais elevado poder cosmológico, acima de qualquer ser angelical.

Mas os gnósticos, em contraste com isso, ensinavam que apesar de Cristo ter sido uma exaltada figura, certamente mais do que humana, provavelmente da ordem angelical, não pertencia, entretanto, à ordem mais elevada de todas, isto é, a ordem divina; e que, apesar dele ter sido o criador; não era o criador de «todos os mundos», mas tão-somente *deste mundo*, o que fazia dele «o deus deste mundo». As epístolas aos Colossenses e aos Efésios, entretanto, contradizem essa tese gnóstica, mostrando que o Senhor Jesus é o cabeça de toda a criação, o ponto em torno de quem tudo tem sua unidade e significação, pois nada mais profundo e vigoroso do que isso poderia ter sido dito com relação à sua divindade inerente do que Paulo diz acerca de Cristo. O «mistério» de Deus consiste exatamente dessa unidade de tudo em torno de Cristo, o que se manifestará quando ele houver de assumir a posição que lhe compete, quando houver de ocupá-la de forma universal, aos olhos de todas as criaturas inteligentes.

2. A criação inteira, portanto, está relacionada a Cristo, e, de uma maneira ou de outra, encontra nele o seu alvo e o *seu propósito de ser*. (Efé. 1:10). Não sabemos como tudo isso se concretizará, mas o segundo capítulo da epístola aos Filipenses dá-nos a entender a mesma verdade. O quarto capítulo da epístola aos Efésios, em conexão com aquele trecho antes citado, repete a idéia popular nos séculos I e II da era cristã, e que finalmente foi incorporada no chamado «Credo Apostólico», isto é, a idéia da descida de Cristo ao hades, onde ele realizou uma obra remidora. Alguns dizem que ele ofereceu salvação aos perdidos. Outros dizem que ele só *melhorou* seu estado. Ver notas sobre este tema em I Ped. 3:18-20 e 4:6.

Essa descida de Cristo ao hades e sua subseqüente ascensão aos céus, são especificamente declaradas como necessária ao fato que ele «enchesse a todas as coisas», isto é, que ele fosse *o Senhor de tudo*, a personagem *unificadora* de toda a criação. Com base nisso se deriva a grande esperança dos *efeitos universais* da missão de Cristo, a qual, apesar de não ser dito claramente esse tanto, dá-nos a entender que Cristo estabeleceu uma diferença em toda a parte, para melhor, afetando não só a igreja cristã, mas até os próprios perdidos no estado eterno, embora isso não queira dizer, sob hipótese alguma, que eles venham a receber a vida eterna dos eleitos. (Quanto a uma completa discussão sobre esse conceito, ver os versículos referidos na primeira epístola de Pedro, e a exposição ali apresentada). O evangelho apócrifo de Nicodemos também apresenta Cristo nesse ministério, como também o faz o Testamento apócrifo de Abraão, apesar de que esses livros expõem um resultado universalista, como se a descida de Cristo ao hades significasse salvação para todos. Apesar da teologia de Paulo não descer a tanto, é justo observarmos que Cristo, sendo a mais elevada figura cosmológica da história, estabeleceu uma diferença universal e cosmológica para melhor. Esse é o tema central dos capítulos primeiro e quarto desta epíst. aos Efésios. 1:10, certamente, ensina este conceito.

3. Em sua aplicação aos crentes, aos eleitos e predestinados, esse tema se eleva mais ainda. No tocante aos remidos vemos que eles são «a plenitude daquele que preenche a tudo em todos», o que, como é óbvio, eleva a pessoa de Cristo muito acima da ordem dos seres angelicais, e, por conseqüência, os remidos são elevados, em Cristo, acima dos anjos. O oitavo capítulo da epístola aos Romanos define essa elevação em termos de nossa transformação segundo a imagem de Cristo, ao passo que o trecho de II Ped. 1:4 o faz em termos de nossa participação na natureza divina. Ver as notas sobre 3:19.

Nesta epístola, o trecho de Efé. 1:23 é o versículo central

que ensina essa doutrina. (Ver Rom. 8:29, onde damos um sumário referente a todo esse conceito, reunindo as diversas passagens que o ensinam diretamente ou que dão a entender o mesmo). Ora, esse é o verdadeiro e completo evangelho de Cristo. Não envolve o evangelho de Cristo meramente o perdão dos pecados e a mudança de endereço para os lugares celestiais. Antes, manuseamos uma transformação celestial e divinamente determinada do ser humano, que fará os remidos subirem até à própria posição ocupada por Cristo, levando-os a herdarem aquilo que Cristo herdará. Assim nos ensinam passagens como Rom. 8:14 e ss. e Efé. 1:11. Muitos versículos desse primeiro capítulo da epístola aos Efésios descrevem o elevadíssimo privilégio dos eleitos, motivo pelo qual esse capítulo é um dos que maiores informações nos prestam sobre o tema, perdendo em importância apenas para o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, se é que realmente assim acontece. Até que ponto o «evangelho de Paulo» afeta os homens, pois, é um dos temas centrais desta epístola aos Efésios. Esse tema central envolve outros temas secundários, como a questão inteira da predestinação e da eleição, tão disputada na história eclesiástica subseqüente. (Ver Efé. 1:4,5). Uma ampla discussão a respeito aparece no contexto, juntamente com referências a outras passagens, neste comentário, onde esses mesmos assuntos são ventilados.

4. O segundo capítulo desta epístola aos Efésios mostra-nos como essa redenção e *eleição* afetam os gentios. Eles são elevados do paganismo para os lugares celestiais. A redenção dos gentios, por conseguinte, é um dos temas centrais dessa epístola, embora seja uma subcategoria da redenção humana, conforme aparece no teor do primeiro capítulo da mesma. Um outro subproduto da reconciliação com Cristo, e da unidade que foi estabelecida entre judeus e gentios, é o ensino que aqueles que estavam em inimizade serão unidos, sendo tanto os judeus como os gentios convertidos edificados sobre o alicerce dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a principal pedra de esquina. Portanto, na igreja cristã, judeus e gentios são unidos em Cristo, estabelecendo-se uma unidade que elimina as antigas divergências, conforme se vê no segundo capítulo desta epístola.

5. Tudo isso se revestia de significação pessoal para o próprio apóstolo Paulo. Isso revelava a glória de seu chamamento, que o convocara especialmente para ser o apóstolo dos gentios. (Ver Efé. 3:14-21).

6. As conseqüências práticas dessa *redenção geral*, e seu elevado destino, são os temas ou assuntos centrais dessa epístola, a começar por Efé. 4:1 até ao fim do mesmo. Uma maneira digna de andar é o tema geral (ver Efé. 4:1-16), o que requer a negação da vida antiga de ignorância e de hábitos pecaminosos. (Ver Efé. 4:17-32). Porém, a unidade de todos os crentes em Cristo requer a unidade da igreja como uma comunidade de seres humanos. (Ver Efé. 4:1-8). E também exige o exercício apropriado dos dons ministeriais da igreja (ver Efé. 4:9 e ss.), porquanto Cristo capacita a todos a servirem-no de alguma maneira específica. Além disso, a unidade em Cristo também importa na unidade no lar, entre esposo e esposa, visto que essa relação é análoga à de Cristo e sua igreja. (Ver Efé. 5:22-33). A unidade em Cristo provoca o conflito contra o reino das trevas e contra os seus muitíssimos agentes que povoam ao redor da terra. Esses poderes malignos são considerados seres perfeitamente reais pelo autor sagrado, o qual também ajunta que os remidos devem resistir-lhes de maneira diligente. (Ver Efé. 6:10-20). Em parte alguma das Escrituras o conflito dos crentes contra as forças malignas é salientado e descrito com maior clareza do que nesta passagem que é uma das porções mais eloqüentes desta epístola aos Efésios.

7. Os *mistérios* da epístola aos Efésios. De conformidade com o vocabulário paulino, um «mistério» não é nenhum assunto insondável, que só possa ser conhecido por alguns poucos indivíduos seletos, conforme esse vocábulo é usualmente usado, sobretudo como era empregado para indicar as chamadas «religiões misteriosas» dos dias desse apóstolo. Pelo contrário, um «mistério» é um «segredo desvendado», pertencente à categoria das verdades «reveladas», visto que tais verdades não podem ser descobertas pela percepção dos sentidos ou pela razão humana. Ver o trecho de Efé. 3:5, onde essa definição essencial aparece na própria epístola. É mister desdobrarmos essa questão, conforme fazemos abaixo:

a. Efé. 1:10 apresenta-nos o maior e todo inclusivo «mistério». Trata-se da *unidade universal* de todas as coisas em redor de Cristo, a expansão total de sua obra criativa, bem como os resultados finais dessa obra. Esse mistério, naturalmente, inclui todos os outros mistérios.

b. O trecho de Efé. 3:4, que introduz o tema da *igreja*, assevera que esse é um mistério. Os gentios deveriam ser salvos e equiparados em pé de igualdade com os judeus crentes, em Cristo, formando uma comunidade religiosa remida; o que era tema profético; mas a verdadeira natureza dessa comunidade, segundo a descrição de Paulo nos capítulos primeiro a quinto desta epístola, fosse um «mistério». Portanto, na qualidade de plenitude daquele que enche a tudo em todos, na qualidade de um corpo místico que incorpora tanto judeus e gentios (pois as divisões entre uns e outros foram eliminadas em Cristo, desde que se convertam a ele), a igreja cristã era um assunto que os profetas antigos percebiam apenas mui indistintamente; e, em seu sentido completo, conforme Paulo o revelou, era algo totalmente ignorado, e, portanto, um «mistério».

c. A igreja cristã, na posição de *noiva de Cristo*, o que envolve uma relação especial, um privilégio sem igual, é um «mistério», ilustrado pelo matrimônio terrestre. É salientada a unidade, pois é declarado que os dois (marido e mulher, que representam, respectivamente, Cristo e sua igreja) se tornarão «uma só carne». O tema do povo celestial, a noiva de Cristo, em sua relação para com o Senhor Jesus, é um «mistério», algo anteriormente completamente desconhecido, mas que agora nos foi revelado pela vontade divina.

d. O trecho de Efé. 6:19 menciona o *mistério do evangelho*, isto é, o evangelho conforme o mesmo é plenamente revelado, com tudo quanto está implícito nesse ensino, relativamente à redenção humana, algo que foi totalmente oculto dos profetas antigos. O evangelho, pois, revela certas verdades anteriormente ocultas, verdades exaltadas, que falam sobre uma redenção e uma glorificação transcendentais para os crentes. Que o mero homem pudesse estar destinado para um alvo tão elevado e celestial era algo desconhecido nos tempos do A.T., mas que nos foi revelado em Cristo, através do apóstolo Paulo, o agente dessa revelação.

8. *Deus como Pai*. (Ver Efé. 1:2; 2:4; 5; 3:13,15). Deus aparece nessas passagens como o cabeça de toda a criação, a qual é vista como se fossem muitas famílias.

9. *O Espírito Santo*, como agente da iluminação espiritual. (Ver Efé. 1:18 e ss.). Ele é o revelador da unidade que há em Cristo (ver Efé. 3:5). O acesso a Deus Pai se dá por meio do Espírito Santo, para todos (ver Efé. 2:18). E todos os crentes se tornam uma habitação de Deus, através do Espírito (ver Efé. 2:22). Além disso, o Espírito Santo aparece nesta epístola como o poder revigorador, no homem interior, que produz a piedade prática dos crentes (ver Efé. 3:16 e ss.). Outrossim, a unidade entre os membros da igreja se verifica por meio do Espírito Santo (ver Efé. 4:3). O fruto do Espírito Santo é bondade, verdade e retidão. (Ver Efé. 5:9). Na batalha contra o reino das trevas, o Espírito é a nossa espada, nossa principal arma ofensiva. (Ver Efé. 6:17). E o Espírito Santo, igualmente, quem nos assegura poder na oração. (Ver Efé. 6:18).

V. CONTEÚDO

I. *SECÇÃO DOUTRINÁRIA —Os Elevados Propósitos de Deus quanto ao Destino Humano.* 1:1-3:21.
1. Saudação (1:1,2)
2. Ação de graças e louvor (1:3-8)
3. Mistério da vontade de Deus, mediante Cristo (1:9-14)
4. Oração pedindo iluminação dos crentes (1:15-22)
5. O mais alto propósito de Deus para o homem: a igreja como a plenitude daquele que enche a tudo em todos (1:23)
6. O propósito de Deus relativo aos gentios (2:1-10)
7. A unidade espiritual de todos em Cristo (2:11-22)
8. A missão de Paulo, e como a mesma se aplica à igreja e aos propósitos de Deus —o mistério da igreja (3:1-13)
9. Segunda oração: que a igreja experimente o amor de Cristo e sua plenitude habitadora (3:14-21)

II. *SECÇÃO HORTATÓRIA —Conseqüências Práticas das elevadas* doutrinas da primeira secção (4:1-6:24)
1. Exortações à unidade e ao andar digno, à luz dos elevados propósitos de Deus para os remidos (4:1-16)
2. Segunda exortação: ponto final em todas as práticas do anterior paganismo (4:17-32)
3. Terceira exortação: amor e pureza, como filhos da luz, e a plenitude de louvor e utilidade no reino celeste (5:1-20)
4. Quarta exortação: observância da subordinação mútua entre todos os membros da casa cristã (5:21-6:9)

a. Maridos e mulheres—o matrimônio simboliza a relação entre Cristo e sua igreja (5:21-33)
b. Pais e filhos (6:1-4)
c. Escravos e senhores (6:5-9)

5. Quinta exortação: necessidade de usar toda a armadura de Deus, na batalha contra o mal (6:10-17)
6. Sexta exortação: apelo à prática da oração (6:18-20)

III. *Recomendação sobre o portador da epístola* (6:21,22)
IV. *Bênção final* (6:23,24)

VI. BIBLIOGRAFIA

Além daqueles catorze comentários que foram usados como fontes informativas em toda a exposição do N.T., recomendamos os seguintes livros:

Enslin, Morton Scott, *The Literature of the Christian Movement*, N.Y: Harper and Brothers, 1956.

Goodspeed, Edgar J., *The Meaning of Ephesians*, Chicago: University of Chicago Press, 1933.

Hort, Fenton John Anthony, *Prolegomena to St. Paul's Epistles to the Romans and the Ephesians*, Londres: Macmillan and Co., 1895.

Knox, Wilfred Lawrence, *St. Paul and the Church of the Gentiles*, cap. IX, «The Ephesian Continuator», Cambridge: Cambridge University Press, 1939.

Lock, Walter, *St. Paul's Epistle to the Ephesians*, (Westminster Commentaries), Londres: Methuen and Co., 1929.

Mitton, Charles Leslie, *The Epistle to the Ephesians*: Its Authorship, Origin and Purpose, Oxford: Clarendon Press, 1951.

Scott, Ernest Findlay, *The Epistles of Paul to the Colossians, Philemon and to the Ephesians*, (The Moffatt New Testament Commentary), Londres: Hodder and Stoughton, 1930.

Titus, Eric Lane, *Essentials of New Testament Study*, N.Y:, the Ronald Press, 1958.

Westcott, Brooke Foss, *Saint Paul's Epistle to the Ephesians*, Londres: Macmillan and Co., 1906.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, em Efésios, os autores Francis W. Beare e Theodore C. Wedel.

Capítulo 1

I. *Secção Doutrinária: O Elevado Propósito de Deus quanto ao Destino do Homem* (Efé. 1:1- 3:21).

1. Saudação (1:1.2)

Esta introdução à epístola aos Efésios aborda problemas tais como autoria, confirmação histórica da epístola, data e procedência, para quem foi escrita, propósitos, temas centrais, conteúdo —e deve ser lida para que se compreenda o pano de fundo, os propósitos e os problemas centrais deste livro paulino. (Quanto a uma proposta ordem cronológica das epístolas de Paulo, ver a introdução à epístola aos Romanos, em sua secção II).

Muitos temas explorados pelo apóstolo Paulo, encontrados nesta epístola, já foram comentados em outros lugares. Faremos alusões a essas outras notas expositivas, juntamente com um comentário mais abreviado a respeito, nas notas expositivas sobre esta epístola. Para seu total benefício, o leitor deveria consultar essas outras notas expositivas, pois invariavelmente elas são mais completas nesses casos.

Podem ser observados muitos pontos de semelhança entre esta epístola aos Efésios e a epístola aos Colossenses; e isso tem levado alguns eruditos a pensar que Efésios foi uma epístola escrita por algum dos discípulos de Paulo, que teria usado a epístola aos Colossenses como principal manancial de idéias. (Quanto à discussão sobre a *autoria da epístola aos Efésios*, que aborda vários problemas atinentes a esse particular, ver a secção *i*). As similaridades entre essas epístolas aos Efésios e aos Colossenses aparecem numa tabela oferecida na introdução a Colossenses.

Alguns estudiosos têm sugerido que o autor da epístola aos Efésios igualmente tomou por empréstimo algum material da primeira epistola de Pedro, o que pode ter sido feito por Paulo ou por algum de seus discípulos; ou mesmo que o empréstimo foi feito exatamente ao contrário, isto é, que o autor da primeira epístola de Pedro tomou porções da epístola aos Efésios e aproveitou idéias ali constantes. Naturalmente, essas semelhanças são muito menos numerosas entre Efésios e I Pedro, não havendo qualquer necessidade real de dependência uma da outra, embora exista tal dependência, sem dúvida alguma entre Colossenses e Efésios, ou, pelo menos, temas similares foram desenvolvidos propositadamente de maneiras similares, sem qualquer dependência direta.

Abaixo transcrevemos alguns comentários de apreciação sobre a grandiosidade da presente epístola aos Efésios.

«Trata-se de uma das mais divinas composições do homem». (Coleridge, «Table Talk»).

«É, ao mesmo tempo, o livro mais moderno de todos os volumes do Novo Testamento e o registro mais rico sobre a experiência cristã». (F.R. Barry, *St. Paul and Social Psychology*, Oxford University Press, 1923, pág. 8).

«É 'epístola' bela em suas expressões, porém, mais bela ainda em seus pensamentos, transportando-nos aos mais altos pináculos da especulação cristã com uma coragem que só se equipara com sua reverência e humildade, conquistando a nossa lealdade por ser perfeitamente razoável. Sua linguagem e simbolismo têm passado a fazer parte dos mais ricos tesouros da igreja cristã e sobre isso se têm fundamentado seus melhores hinos e suas mais imortais alegorias, desde os gloriosos cânticos de Prudêncio e Bernardo até ao 'único Fundamento da Igreja', dos nossos próprios dias; e desde as singulares homílias da Idade Média até às não menos maravilhosas obras do puritano Bunyan, que a essa epístola deveram suas sugestões acerca do quadro do guerreiro cristão». (G.C. Martin, *Ephesians, Colossians, Philemon and Philippians,* Edinburgo: T.C. and E.C. Jack, 1902, «The New Century Bible», pág. 23).

«Entre as epístolas que trazem o nome do apóstolo Paulo, não há nenhuma maior do que esta, e nem existe outra com um caráter mais inteiramente seu». (Salmond, *Introduction to Ephesians*).

«...ela extravasa de pensamentos exaltados e de grandiosas doutrinas que ele 'o apóstolo Paulo' raramente aborda noutros escritos». (*Crisóstomo*).

«...abarcando, em sua brevidade, o campo inteiro da religião cristã, ora em suas doutrinas, ora em seus princípios morais, com tal concisão e plenitude combinadas que seria difícil determinar qualquer grande doutrina ou qualquer dever essencial que não apareçam assinalados em seu bojo». (Adolphe Monod, *Explication*).

«Tem sido indagado: 'O que o cristianismo tem a declarar como um evangelho para a sociedade em geral, ou como chave para as misteriosas relações que há entre a humanidade e a criação, e, por conseguinte, para com aquele que tudo criou?' Talvez a resposta a essa pergunta em parte alguma seja dada com tanta veracidade como na epístola aos Efésios. Precisamos de uma unidade real e viva: Mas ela precisa ser tal que preserve a individualidade igualmente sagrada da liberdade. Esta epístola apresenta isso para nós, em seu magnificente conceito da unidade de todos com Deus e com o Senhor Jesus Cristo». (Barry, *Introduction to Ephesians*).

«A sublimidade de seu 'estilo' corresponde com a sublimidade de seus temas, excedendo a quase todas as demais epístolas de Paulo. É próprio pensarmos que aqueles para quem ele escreveu fossem crentes desde há muito alicerçados na fé». (Faucett, *Introduction to Ephesians*).

Sim, o primeiro capítulo da epístola aos Efésios é uma das maiores composições religiosas de todos os séculos. Tem como seu alvo a descrição da vontade central de Deus, a saber, «...o mistério da sua vontade...», em relação a toda a criação, e como os homens participam desse desígnio. Cristo é visto como o ser unificador de todos os seres inteligentes, que têm um propósito comum em sua existência, a fim de exibirem a sua grandeza, a fim de aumentarem o bem-estar dele, ao mesmo tempo que eles mesmos chegam a participar de sua glória. O homem, para espanto nosso, é pintado como criatura destinada a ser o mais elevado de todos os seres inteligentes, chegando à mesma plenitude daquele que preenche a tudo em todos. E o cumprimento desse plano terá lugar nos «lugares celestiais», isto é, nas dimensões espirituais da existência, as quais, nesta epístola, aparecem como muitas e variegadas, porquanto essas dimensões são lares dos anjos (bons e maus), como também de Cristo e de seu Pai, além dos homens remidos.

«O primeiro capítulo (da epístola aos Efésios) contém, por assim dizer, um caráter litúrgico e sálmico, como se fosse, por assim dizer, um cântico colorido, em louvor às riquezas transcendentais da graça de Deus em Cristo, bem como da glória da chamada cristã». (Shaff).

1 *Παῦλος ἀπόστολος Χριστοῦ Ἰησοῦ διὰ θελήματος θεοῦ τοῖς ἁγίοις τοῖς οὖσιν [ἐν Ἐφέσῳ]*[1] *καὶ πιστοῖς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ·*

[1] **1** {C} *ἐν* Ἐφέσῳ ℵ^{c} A B^{3} D G K P Ψ? 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{ar,e,d,dem,e,f,g,rl,x,z} vg syr^{p,h} cop^{sa,bo} goth arm Ambrosiaster (Victorinus-Rome) Chrysostom Pelagius Theodoret^{lat} Cyril Theodoret Ps-Jerome Cassiodorus John-Damascus // *omit* $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* B* 424^{c} 1739 (Marcion) (Tertullian) Origen (Ephraem) mss$^{acc.\ to\ Basil}$

1 Παῦλος...*θεοῦ* 1 Cor 1.1; Col 1.1

1 τοῖς 2°] *om* $\mathfrak{p}^{46}$D: *praem παυν* A *pc* vg |

As palavras *ἐν* Ἐφέσῳ estão ausentes em vários testemunhos importantes ($\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* B* 424 (c) 1739), bem como em manuscritos mencionados por Basílio e no texto usado por Orígenes. Certas características internas da epístola, bem como a designação da epístola, («Aos Laodicenses», feita por Márciom, além da ausência, em Tertuliano e Efraem, de uma citação explícita das palavras *ἐν* Ἐφέσῳ tem levado muitos comentadores a sugerirem que essa epístola foi escrita como uma encíclica, tendo sido enviadas cópias a várias congregações, dentre as quais a de Éfeso era a principal. Já que a epístola é tradicionalmente conhecida como «Aos Efésios», e já que todos os testemunhos, exceto os mencionados acima, incluem as palavras *ἐν* Ἐφέσῳ, a comissão resolveu retê-las, mas entre colchetes.

1:1: Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos que estão em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus:

«...Paulo...» Quanto a Paulo como *servo* (escravo) de Cristo, ver Rom. 1:1. Ver o artigo sobre Paulo na introdução ao comentário. Quase todas as introduções e saudações paulinas são similares entre si, pelo que têm sido comentadas algures. Ver a introdução a Rom. 1:1 sobre os diversos temas.

«...*aos santos*...» Todos os crentes são chamados «santos». A santidade é um dos alvos primordiais do chamamento cristão. Em Cristo, o homem deverá participar da própria santidade de Deus (ver Mat. 5:28). Isso provoca a alteração metafísica no homem; porquanto à medida em que ele vai sendo transformado em seu caráter moral (mediante os vários aspectos do fruto do Espírito Santo, criados em seu interior, ver Gál. 5:22,23), assim também vai sendo ele transformado segundo a própria imagem de Cristo, a fim de vir a participar da essência do ser de Cristo (ver Rom. 8:29 e Efé. 1:23), e, por conseguinte, da própria divindade (ver II Ped. 1:4). Por isso mesmo é que, agora mesmo, cada crente é chamado de «santo», isto é, «consagrado», «devotado», «separado», por ter dado início à sua grandiosa inquirição espiritual, contando com a atuação decisiva do Espírito Santo, que opera essa obra de transformação. (Ver II Cor. 3:18). (Quanto ao conceito dos crentes na qualidade de «santos», com referências a outras passagens bíblicas onde essa expressão é encontrada, ver as notas expositivas sobre Rom. 1:7).

«...um dos mais importantes indícios para que se recupere a idéia neotestamentária da igreja cristã jaz exatamente nesse vocábulo. Cada crente é um santo! O que poderia isso significar? Conforme ela é comumente utilizada nas epístolas de Paulo (ver Rom. 1:7; I Cor. 1:2 e Col. 1:2), essa palavra foi transferida da antiga para a nova dispensação. O povo de Deus, no A.T., era uma raça escolhida, e, por conseguinte, era um povo santo (ver Êxo. 19:6; Deut. 7:6; Dan. 7:18; I Macabeus 10:39 e I Ped. 2:9)... Os escritores do N.T. transferiram esse ponto de vista acerca de um povo santo para adjetivar o novo Israel... Cada crente é um santo! Esse conceito pode servir de motivo para muitas prédicas e ensinamentos proveitosos. Nenhum crente pode negar a sua vocação divina para uma vida de santidade. Essa é uma determinação fixa, não podendo nenhum crente escapar dela a não ser por negação pecaminosa». (Wedal, *in loc.*).

«...*aos santos que vivem em Éfeso*...» A adição das palavras «...em Éfeso...», que aparece em alguns manuscritos, mui provavelmente não é genuína. (Ver a nota textual que se segue, sobre esse particular). Por conseguinte, deveríamos traduzir neste ponto, como segue: «...aos santos que são fiéis em Cristo Jesus...» (Quanto a notas expositivas sobre «Éfeso», ver Atos 19:1. Quanto à «Ásia Menor» da qual a cidade de Éfeso era a principal comunidade, ver Atos 19:10. Quanto às «condições em Éfeso», quando Paulo ali se encontrava, ver a introdução ao décimo nono capítulo do livro de Atos).

Posto que as palavras «...em Êfeso...» não representam uma porção legítima desta epístola, alguns estudiosos supõem que o espaço deixado em branco visava a inserção do nome de qualquer outra cidade para onde esta epístola (que seria mais uma espécie de carta circular) fosse enviada. (No que tange a outras conjecturas sobre a questão, ver as notas textuais que se seguem).

«...*fiéis*...» Essa palavra pode significar 1. aqueles que se mostravam fiéis a Cristo, na sua vida e profissão cristã; ou 2. aqueles que «criam» simplesmente em Cristo. Ambas as possibilidades são legítimas, e bons eruditos têm definido uma ou outra dessas duas posições. Naturalmente, ambas as possibilidades expressam verdades. No entanto, alguns estudiosos argumentam que se o sentido fosse «aos fiéis», então a palavra grega «en» («em»), que aparece em seguida no texto teria sido omitida, e que o simples dativo, «Christo Iesou», se seguiria. Porém, nada há de conclusivo acerca desse argumento, como também não parece haver qualquer argumento forte e decisivo em favor de «fiéis» ou de «crentes». A verdade é que ambas as condições devem ser verdadeiras no caso de todos os discípulos do Senhor Jesus. Os «santos», mui naturalmente, serão «fiéis»; e aqueles que estão «em Cristo» mui naturalmente «confiam» neles, exercendo fé evangélica, entregando a ele as suas almas. (Ver Heb. 11:1, e as notas expositivas ali existentes, acerca do que «é a fé». Ver I Tes. 4:3 e suas respectivas notas expositivas sobre o tema da «santificação»).

Variante Textual: As palavras «...em Éfeso...» aparecem nos mss ADG, na maioria das versões latinas, na tradição siríaca em geral e na maioria dos mss gregos posteriores, sobretudo minúsculos. As traduções ASV, BR, NE, KJ, PH e WY retêm essas palavras, as quais são omitidas pelas traduções GD, RSV e WM, as quais seguem os mss P(46), Aleph(1), B(1), 424(1) e 1739.

Vários pais da igreja também omitem em seus escritos as palavras «em Éfeso», nas citações que fazem da porção inicial desta epístola. São eles Márciom, Orígenes, Basílio e, bem provavelmente, Tertuliano. Por isso mesmo, esta variante tem ocasionado muitas discussões—mormente em face do fato que a evidência textual favorece a omissão, o que dá nítida impressão que a epístola não foi escrita aos crentes de Éfeso. Além disso, alguns estudiosos pensam que os trechos de Efé. 1:5 e 3:2 mostram que o autor nunca estivera na localização para onde esta epístola foi enviada; e que posto que se sabe bem que Éfeso foi uma localidade onde Paulo passou tempo considerável, não é possível que esta epístola tenha sido endereçada para essa cidade. Outros estudiosos crêem que esta é a epístola mencionada em Col. 4:16, à «...igreja dos laodicenses...» No entanto, nenhum manuscrito dirige essa epístola àquela comunidade, pelo que essa conjectura está eivada das mesmas dificuldades que acompanham a sugestão, dada pela opinião tradicional, que esta epístola foi enviada aos efésios. No entanto, a verdade é que Márciom, um dos primeiros pais da igreja, cita esta epístola como se ela houvesse sido enviada aos laodicenses. Não obstante, trata-se mais provavelmente de uma conjectura de Márciom, sem base em qualquer tradição histórica sólida.

Se esta epístola houvesse sido endereçada para alguma comunidade cristã em particular, como Laodicéia ou Éfeso, é difícil vermos por qual razão algum escriba retirou essa indicação do manuscrito. Alguns eruditos supõem que isso foi feito a fim de dar à epístola um ar mais *universal*, para que se tornasse uma «carta circular», e que, finalmente, com a passagem do tempo, ela perdeu qualquer designação específica sobre o seu destino. No entanto, essas idéias também são meras especulações, sem qualquer alicerce real.

A idéia que talvez seja mais comum hoje em dia é que essa epístola fora originalmente enviada às comunidades cristãs da Ásia Menor, como uma espécie de «carta circular», tendo sido dirigida ao «povo de Deus», ou aos «santos e fiéis em Cristo», conforme dizem os manuscritos mais antigos. Essa é uma conjectura tão boa como qualquer outra que já foi apresentada; e a menos que novas descobertas desvendem para nós o mistério, será difícil inventar suposição melhor do que essa, por mais inadequada que ela seja. É possível, realmente, que as palavras «em Éfeso» tivessem vindo a ser vinculadas à epístola que, a princípio, era uma «carta circular», por ser Éfeso a principal cidade da região, onde havia a principal comunidade cristã daquele território.

Mas também existem aqueles que pensam que essa epístola veio finalmente a ser chamada de «*Aos Efésios*» simplesmente porque, entre as epístolas paulinas, não havia nenhuma dirigida àquele tão importante centro do cristianismo primitivo, onde Paulo labutou por tanto tempo. E essa atribuição viria a preencher essa lacuna.

É interessante a idéia de Goodspeed, que especulava que algum dos discípulos de Paulo é quem teria realmente escrito esta epístola, como uma espécie de «epístola de apresentação» para a coletânea de escritos paulinos, a fim de reavivar o interesse pelos escritos do apóstolo dos gentios, razão pela qual não se encontra qualquer destino para a mesma, no seu começo. E as palavras «em Éfeso» vieram as ser vinculadas à mesma, posteriormente, talvez por causa de alguma das razões ventiladas acima.

É realmente de estranhar que se uma epístola houvesse sido escrita para uma localidade importante, onde Paulo trabalhou no evangelho por quase três anos, e onde sem dúvida tinha muitíssimos conhecidos, que não tivesse saudado a qualquer deles em qualquer porção da epístola, em contraste com todas as suas demais epístolas. Por igual modo, Paulo não mencionou o nome de pessoas que viviam em Éfeso, conforme seria natural esperarmos. Bastaria esta última consideração para que caísse por terra a idéia que esta epístola foi originalmente enviada a Éfeso.

A Carta de Paulo aos Efésios: É interessante observarmos que há boas evidências em prol da especulação que diz que o décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos, na realidade, originalmente era uma carta de introdução em favor da irmã Febe, aos crentes efésios, dirigida àquela localidade geral de Éfeso. Portanto, esse citado capítulo da epístola aos Romanos pode ser a nossa única correspondência paulina genuína com aquela comunidade cristã. (Ver as notas textuais em Rom. 14:23 e 16:25-27, bem como as notas de introdução ao décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos, que falam sobre esse problema).

«...*em Cristo Jesus*...» Notamos aqui a expressão familiar do apóstolo dos gentios, «...em Cristo...» essa expressão, com pequenas variações, ocorre nos escritos paulinos por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes. Bastaria isso para mostrar que se trata de um tema central paulino, a chave da teologia paulina. Tal expressão é comentada nas notas expositivas sobre I Cor. 1:4, onde se apresenta a exposição acerca do «misticismo cristão», o qual fala sobre a nossa comunhão mística com Cristo, o que nos dá a

posição de crentes que possuímos. Isso pressupõe um contacto real com o Cristo vivo, por intermédio do seu «alter ego», o Espírito Santo.

2 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ.

1:2: Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Temos aqui uma saudação paulina comum. (Suas notas expositivas aparecem em Rom. 1:7). Essa mesma nota explica o título *Senhor Jesus Cristo* e o tema do «senhorio de Jesus, o Cristo). Tal saudação se encontra em todas as epístolas paulinas, embora seja acrescentada a palavra misericórdia na saudação da primeira epístola a Timóteo, conforme também se vê na segunda epístola a Timóteo e na epístola a Tito. (Os trechos de I Cor. 1:3 e Gál. 1:3 fornecem notas expositivas adicionais àquelas expostas na epístola aos Romanos. Quanto a notas expositivas gerais sobre a «paz com Deus» e sobre a «paz entre os crentes», dentro da comunidade cristã e dentro do seio da família crente, ver os trechos de João 14:27; 16:33 e Rom. 5:1. Quanto à explanação sobre a «graça divina», ver Efé. 2:8). Nesta epístola aos Efésios, a palavra «...paz...» é empregada por nada menos de treze vezes. (Quanto a Deus como *Pai*, ver Rom. 8:15 e João 8:42. Quanto a Deus como «o Pai do Senhor Jesus Cristo», ver Rom. 15:6). O presente versículo não reflete tal ensinamento, mas o terceiro versículo o faz.

«Trata-se da forma cristã da saudação com que as missivas tinham início. Combina as formas grega e hebraica, mas transmuta o termo grego 'chairein', 'regozijar-se', para o termo evangélico *charis* ('graça'). O que Paulo desejava para os seus leitores era o aprazimento do favor gratuito e amoroso de Deus, bem como a paz que daí resulta». (Salmond, *in loc.*).

Prestemos atenção ao fato que a bênção procede da parte de Deus, como Pai, bem como da parte do Senhor, que é Jesus Cristo. Observemos, igualmente, que Cristo é posto lado a lado com Deus Pai, o que destaca a grande majestade do Senhor Jesus, deixando claramente subentendida a sua divindade; porquanto que é o mero homem para ser posto lado a lado com Deus, em uma saudação como esta?

I. *Secção Doutrinária* (Efé. 1:1- 3:21)

b. Ação de graças e louvor (1:3-8)

3 Εὐλογητὸς ὁ θεὸς καὶ πατὴρ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ εὐλογήσας ἡμᾶς ἐν πάσῃ εὐλογίᾳ πνευματικῇ ἐν τοῖς ἐπουρανίοις ἐν Χριστῷ,

3 ὁ εὐλογήσας...Χριστῷ Eph 2.6 — 3 και Πατηρ] *om* **B**

1:3: Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo;

(Quanto a notas expositivas sobre Deus como «o Pai do Senhor Jesus Cristo», ver Rom. 15:6 e II Cor. 1:3). Essa expressão também ocorre em I Cor. 11:31 e I Ped. 1:3. Esse título é especialmente apropriado nesta epístola, que enfatiza o grandioso destino dos filhos de Deus, os quais haverão de ser a plenitude «do Filho» (ver Efé. 1:23). Assim, pois, a bênção flui da parte do Pai e do Filho, para os filhos. Estes são feitos «herdeiros» legítimos, juntamente com o Filho (ver Rom. 8:17), e passarão a compartilhar perfeitamente de seu próprio ser essencial (ver Rom. 8:29).

Este título, embora pareça falar de «geração», não dá a entender «começo de filiação». Trata-se de uma expressão que indica uma «relação eterna». E essa idéia é intitulada pelos teólogos de «geração eterna do Filho». Ele é o «unigênito do Pai», a saber, o único Filho gerado de sua categoria, por ocupar uma posição sem-par. Para nós, entretanto, ele é o «primogênito», visto ser o primeiro dentre muitos filhos, dentre muitas almas remidas que compartilharão de sua natureza essencial. As notas expositivas acima aludidas expandem mais plenamente essas idéias.

«*bendito...*» Expressão rabínica comum, que indica louvor a Deus, devido aos seus muitíssimos benefícios. Lemos em Sal. 68:19: «Bendito seja o Senhor que, dia a dia, leva o nosso fardo: Deus é a nossa salvação. (Selá)». O termo hebraico «barukh» («bendito») figura nesse Salmo citado, aparecendo na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã) sob a tradução «eulogetos», que é exatamente a palavra empregada neste versículo.

A forma verbal desta palavra, *eulogeo*, significa «abençoar», «bendizer» «dizer bem de», «louvar», «exaltar». Portanto, sua idéia é «que Deus seja louvado», «exaltado», devido, naturalmente, àquilo que ele fez em favor dos homens por intermédio do Senhor Jesus Cristo. Um dos nomes conferidos a Deus, na cultura dos hebreus, era «o Bendito», por motivo de reverência ou talvez temor, visto que os israelitas temiam proferir os nomes santos e sagrados de Deus. Além disso, desse modo Deus era representado como o benfeitor supremo da humanidade. E aqueles que recebem de suas bênçãos espirituais também são chamados «benditos», por se encontrarem em estado de bem-estar espiritual, tal como aquela que Deus igualmente desfruta.

Um termo grego diferente é usado nas «bem-aventuranças», em Mat. 5:3, onde tal palavra é plenamente anotada, quanto à sua história e ao seu uso. O conceito subjacente difere entre aquela e esta palavra. Pois o homem jamais deve ser «louvado» ou «exaltado», embora possa vir a ser «abençoado» por motivo do amor de Deus. E os remidos haverão de participar do estado exaltado de Deus por meio de Cristo Jesus, o que significa que desfrutarão do bem-estar divino.

«*...nos tem abençoado...*» A raiz do mesmo vocábulo grego é empregado aqui, que foi usado para indicar nosso ato de «bendizer» a Deus, embora aqui tenha um significado diferente. Deus é «louvado», «exaltado». Mas o homem é «abençoado», «beneficiado», recebedor da «abundância e graça de Deus», conforme esse vocábulo grego nos indica. Há aqui um jogo de palavras: Deus é «bendito» porque nos «abençoa». (Quanto a outras referências bíblicas que contêm a expressão «bendito seja Deus», ver Luc. 1:68; Rom. 1:25; 9:5; II Cor. 1:3; 11:31 e I Ped. 1:3),

«Deus não é um Deus que é apenas o autor de verdades matemáticas, ou da ordem dos elementos, conforme se dá no caso do deus dos pagãos e dos epicureus. E nem é ele meramente um Deus que dispõe providencialmente da vida e da sorte dos homens, a fim de coroar seus adoradores com anos longos e felizes... Mas o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, o Deus dos cristãos, é um Deus de amor e consolo, um Deus que enche as almas e os corações daqueles que lhe pertencem, um Deus que fá-los sentir sua miséria íntima e a sua infinita misericórdia, que se une ao mais íntimo de seus espíritos, enchendo-os de humildade e de júbilo, de confiança e de amor, tornando-os incapazes de qualquer outra finalidade senão ele mesmo». (Blaise Pascal, *Pensamentos*, pág. 93).

«*...com toda sorte de bênção espiritual...*» Palavras que indicam uma idéia lata e indefinida, indicativa de tudo quanto somos e possuímos em Cristo, o que também nos torna cidadãos aptos para o mundo espiritual. Essa expressão, ampla e indefinida, sugere «totalidade» e «elevado caráter», porquanto aquelas bênçãos nos são dadas inteiramente da parte do outro mundo, por serem elevadíssimas, exaltadas, divinas. As bênçãos de Deus não são parciais, e também não têm limite. Temos indicação da mesma idéia em Rom. 8:32, onde se lê: «...porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas?» O mesmo conceito transparece igualmente em I Cor. 3:21: «...porque tudo é vosso...», a saber, o mundo, os ministros de Deus, este mundo, a vida inteira, tudo quanto resulta da morte física, o mundo vindouro—tudo é dos crentes; os crentes são de Cristo, e Cristo é de Deus. (Ver I Cor. 3:22,23).

De conformidade como essas bênçãos são definidas nesta epístola aos Efésios, elas envolvem os seguintes pontos: 1. Cidadania no mundo celestial (ver Efé. 2:6). 2. Transformação segundo a pessoa de Cristo, a ponto de virmos a possuir a sua própria plenitude (ver Efé. 1:23). 3. Liberação das cadeias; do paganismo, do pecado, do princípio do pecado-morte, paralelamente à entrada na vida eterna e imortal (ver Efé. 2:1-6). 4. Fim da alienação com Deus, o que significa que nos tornamos habitação espiritual do Espírito de Deus, com a obtenção de tudo quanto Israel possuía, mas muito mais ainda (ver Efé. 2:19 e ss.). 5. Seremos o mais exaltado tipo de ser inteligente, em Cristo (ver Efé. 1:10 e ss.). 6. Seremos algo sem igual na criação e na utilização nas mãos de Deus, a saber, a igreja eterna, a noiva de Cristo (ver Efé. 3:1-11; 5:32). 7. Em suma, seremos tudo quanto Cristo é (compartilhando de sua natureza essencial), e teremos tudo quanto ele possui, pois seremos seus co-herdeiros. (Ver Efé. 1:23 e 2:4-7). Toda a secção «doutrinária» desta epístola aos Efésios (capítulos primeiro a terceiro) descreve essas bênçãos celestiais.

A palavra grega aqui traduzida por «*...bênção...*» procede da mesma raiz que o termo usado para falar sobre o «Deus bendito» e sobre o «sermos abençoados». Notemos o jogo de palavras em torno desse mesmo vocábulo, que destaca seus vários sentidos e usos possíveis. Esse termo fala de todo o grande benefício espiritual da salvação, da imortalidade, da transformação segundo a imagem de Cristo, e de tudo quanto essas realidades envolvem. (Ver as notas expositivas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

«*...nas regiões celestiais...*» Não estão aqui em foco os «benefícios celestes» ou os «benefícios provenientes do céu», mas antes, a «localização» dessas futuras bênçãos espirituais, que são aqui pintadas como nossas, por já havermos recebido a primeira parcela das mesmas.

Essa expressão se encontra por nada menos de cinco vezes nesta epístola, mas em nenhuma outra parte do N.T. (Além do presente versículo, ver também Efé. 1:20; 2:6; 3:10 e 6:12). Estão em pauta as «habitações celestes», ou «regiões da existência celestial». Na qualidade de habitações celestes, podemos perceber as seguintes características:

1. São a habitação de Deus Pai e de Deus Filho (ver Efé. 1:20).

2. São as moradas dos remidos, os quais são aqui descritos como quem está assentado ali, em companhia de Jesus Cristo, embora somente no futuro é que isso se concretizará (ver Efé. 2:6).

3. São a habitação dos seres angelicais de todas as ordens (ver Efé. 3:10); e nessa passagem a alusão é aos anjos santos, exaltados, seres espirituais não caídos.

4. Mas também são a habitação de muitíssimas ordens de seres espirituais decaídos, que se encontram nos «lugares celestiais».

Sabendo-se que muitas variedades de seres habitam nesses «lugares celestiais», precisamos dizer que muitas regiões, mundos e universos estão aqui em foco. O crente, pois, partirá para os «lugares celestiais»; mas para onde ele vai é definido no texto presente; ele vai para aquelas regiões que pertencem a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo.

Considerando Os Lugares Celestiais

a. Paulo menciona o «terceiro céu», em II Cor. 12:2, o que quase certamente é uma referência aos sete céus, ou, pelo menos, um reflexo de sua crença em «muitos céus», um comum conceito judaico em seus dias.

b. A alusão feita por Jesus às «muitas mansões» (João 14:2) é outro reflexo neotestamentário dessa crença.

c. Os judeus da época de Jesus, pensavam que o templo servia de ilustração sobre a estrutura dos céus. O templo compunha-se de muitas divisões, como o átrio dos gentios, o átrio das mulheres, o Lugar Santo, o Santo dos Santos, etc. Por semelhante modo, o céu seria «céus», por conter

muitas divisões, cada qual com seu respectivo nível de glória. (Ver Heb. 9:3, onde esse conceito é refletido).

d. Jesus, como Pioneiro de nossa fé, foi capaz de atravessar todas essas divisões, e penetrar na maior glória, a saber, no Santo dos Santos. Dessa forma, ele preparou um lugar para os demais filhos de Deus, capazes de entrar na mais elevada glória. Isso não significa que entrarão diretamente na glória maior. Pois, na verdade, os próprios céus são lugares onde se alcança progresso espiritual, embora todos eles, coletivamente, sejam «a casa de Deus», o «céu» de Deus.

e. É provável, conforme as especulações de vários dos pais da igreja, que a glorificação envolverá uma passagem de um nível celestial para outro, como se alguém passasse de uma dependência do templo de Jerusalém para outra. Alguns pais da igreja supunham que tal passagem exigiria o recebimento de novos corpos espirituais, veículos apropriados para cada estágio mais avançado da glória. Provavelmente essa opinião esteja correta, embora não haja como prová-la. O trecho de II Cor. 3:18, como é óbvio, alude à passagem de um estágio de glória para outro. A glorificação será um processo interminável, porque, havendo uma infinitude com que seremos cheios, também deverá haver um enchimento infinito. (Ver as notas sobre esse conceito em Efé. 3:19).

Quase todos os intérpretes compreendem que a expressão «lugares celestiais» tem um sentido «local», falando sobre esferas definidas de existência. Todavia, há outras interpretações, muito menos prováveis, que são as seguintes:

1. Aquela que pensa em bênção de natureza celeste, provenientes do céu, «bens» celestiais.

2. Outros pensam que o «céu espiritual» é aqui contrastado com o firmamento estrelado, que podemos contemplar.

3. Há aqueles que julgam tratar-se do «reino celeste» à face da terra, em um aspecto presente ou futuro, e que talvez envolva a própria igreja.

4. Também não temos aqui o «céu», aludido mediante uma expressão vazada no plural, e não no singular; pelo contrário, aquilo que chamamos de «céu», na realidade se compõe de muitas regiões de glória celeste, embora essa expressão—lugares celestiais—possa expressar qualquer dimensão espiritual, ocupada por espíritos bons ou maus.

A Lição Moral Ensinada Neste Versículo

1. Os crentes são os cidadãos legítimos dos lugares celestiais. A mente dos crentes, pois, deveria voltar-se para o seu lar celeste (ver Col. 3:1), atitude essa que modificaria toda a sua vida presente, a começar pela sua maneira de pensar e terminando em tudo quanto fizessem.

2. O crente é um «cidadão» de um outro país—o celestial—, e não deveria envolver-se, como tal, com aquilo que é terreno e carnal (ver Fil. 3:20).

3. Nosso tesouro se encontra nesse país celestial, razão pela qual deveríamos procurar cultivar uma vida capaz de demonstrar esse fato, desvencilhando-nos dos cuidados terrestres (ver Mat. 6:20,21).

4. Nossa herança se acha nos céus, e ali deveríamos fixar nossa mente; e em favor dessa herança deveríamos labutar (ver I Ped. 1:4 e Rom. 8:17).

5. Posto que nosso destino é os lugares celestiais, aqui e agora somos estrangeiros e peregrinos (ver Heb. 11:13).

«*...em Cristo...*» Por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes essa expressão ocorre nos escritos de Paulo. Também podemos observar neste primeiro capítulo, e nos versículos primeiro, terceiro e quarto, as expressões «...nos escolheu nele...», «...no Amado...» (sexto versículo), «...no qual temos a redenção...» (sétimo versículo), «...em Cristo...» (nono versículo), «...no qual fomos também feitos herança...» (décimo primeiro versículo), «...em Cristo...» (décimo segundo versículo), como o objeto de nossa fé gentílica, expressões essas que encerram a mesma idéia que a expressão aqui usada, «em Cristo», indicando a nossa posição espiritual e a nossa comunhão mística com o Filho de Deus. (Quanto a notas expositivas completas sobre essa expressão e sobre o «Cristo-misticismo» que ela representa, ver I Cor. 1:4).

Em nenhuma outra porção do N.T. é usada a expressão «lugares celestiais», de maneira específica, embora existam termos similares. Essa doutrina indubitavelmente é paulina, conforme a exposição dessa idéia o demonstra; e também é de origem judaica. Não sabemos dizer por qual razão Paulo empregou essa expressão exclusivamente nesta epístola aos Efésios. Naturalmente, aqueles que afirmam que esta epístola não foi escrita pelo próprio Paulo, e, sim, por algum de seus discípulos, contam aqui com um trunfo em apoio à sua opinião. Mas a expressão exata poderia ter sido cunhada por essa pessoa, embora a mesma expresse uma idéia claramente paulina.

4 καθὼς ἐξελέξατο ἡμᾶς ἐν αὐτῷ πρὸ καταβολῆς κόσμου, εἶναι ἡμᾶς ἁγίους καὶ ἀμώμους κατενώπιον αὐτοῦ[a] ἐν ἀγάπῃ,[a]

[a a] 4 *a* none, *a* minor: TR WH AV RV ASV RSV^{mg} (NEB) (Jer) // *a* minor, *a* none: Nes BF^2 RV^{mg} ASV^{mg} (RSV) (NEB^{mg}) TT Zür (Luth) (Seg) // *a* none, *a* none: Bov

4 ἐξελέξατο ...αὐτῷ Jn 15.16; 17.24; 2 Th 2.13 εἶναι...αὐτοῦ Eph 5.27; Col 1.22

4 (αυτου, εν αγαπη it (sy^p) co Or; R^m] αυτου εν αγαπη, **LP** *al* vg Ambst ς; R^t)

1:4: como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor;

Encontramos aqui a doutrina da «chamada» ou «eleição». (Tais assuntos são amplamente ventilados nas notas expositivas sobre Rom. 8:29,30. Ver também I Ped. 1:2). Fomos «eleitos», isto é, «escolhidos» por Deus. Esses termos podem adquirir os seguintes sentidos:

1. Coletivamente, como no caso de uma nação ou povo (ver Isa. 45:4), como foi o caso dos israelitas, e como agora é o caso dos gentios. (O décimo primeiro capítulo da epístola aos Romanos aborda ambos os temas).

2. Mas também somos escolhidos como «indivíduos» (ver I Ped. 1:2 e Rom. 9:11-13). O presente versículo refere-se tanto à eleição dos gentios em geral como à eleição de gentios individuais. E o oitavo capítulo da epístola aos Romanos certamente alude a indivíduos como eleitos e escolhidos.

3. A eleição é para a vida eterna, para a transformação segundo a imagem de Cristo, o qual, acima de todos, é o *eleito de Deus*. A chamada de Rom. 8:29,30, a chamada da predestinação, visa conferir todas as promessas da salvação à coletividade eleita e aos indivíduos eleitos. A mera pesquisa das várias passagens que falam sobre a chamada, a eleição e a predestinação mostrar-nos-á que está em foco muito mais do que o «privilégio» de ouvir e de possuir as realidades espirituais. Antes, tudo aquilo que Cristo nos oferece no evangelho, como indivíduos que somos, é para aquilo para o que somos convocados como indivíduos.

4. A eleição é de conformidade com a «presciência de Deus»; mas isso não indica apenas que Deus previu quem creria. Antes, indica o fato que Deus previu os próprios indivíduos, tendo-os amado de antemão, tendo fixado neles o seu coração desde a eternidade. Cristo Jesus também foi previsto (ver I Ped. 1:20), e isso não pode significar meramente que Deus previu o que ele faria. (Essa particularidade é amplamente ventilada nas notas expositivas sobre Rom. 8:29 e I Ped. 1:2).

5. A eleição se alicerça sobre a vontade divina, e não sobre o mérito humano ou a fé prevista. (Ver Efé. 1:11 e João 15:16).

6. A eleição foi estabelecida segundo o propósito divino (vs. 11 deste capítulo). Portanto, não foi algo arbitrário.

7. A eleição foi estabelecida em consonância com a salvação pela graça divina (ver as notas a respeito em Efé. 2:8), o que é garantia de que no homem nada existe capaz de merecer a salvação.

8. A eleição foi determinada na mente divina antes da fundação do mundo (como diz este versículo), pelo que reside exclusivamente na vontade divina, inteiramente à parte do homem, de sua fé, de suas obras, de seus esforços voluntários, etc.

Que Dizer Sobre O Livre-arbítrio?

1. Essa também é uma verdade ensinada nas Escrituras. Sem o livre-arbítrio não pode haver responsabilidade em qualquer sistema de moral. (Ver notas completas sobre o tema, em I Tim. 2:4).

2. Não podemos descobrir um meio para reconciliar entre si o livre-arbítrio e a eleição. A palavra «eleição», por si mesma, fala de limitação, ao passo que o livre-arbítrio afirma que todos poderiam ser salvos se o quisessem, e que todos poderiam exercer fé. Simplesmente temos de aceitar ambos esses conceitos como verdadeiros, esperando receber maior luz para entendermos como isso pode ser. Deus se utiliza do livre-arbítrio do homem sem destruí-lo, apesar de não sabermos exprimir de que maneira o faz. Isso nos apresenta um «paradoxo», isto é, um ensino que parece entrar em contradição consigo mesmo. Não deveríamos diminuir o vulto da eleição, procurando fazê-la ajustar-se ao livre-arbítrio. E nem deveríamos diminuir a importância do livre-arbítrio procurando ajustá-lo à eleição. Por que se pensaria ser estranho que os mais profundos conceitos teológicos escapam à nossa pobre capacidade de expressão? A eleição muito ensina aos homens. Portanto, ensinemo-la! O livre-arbítrio muito ensina aos homens. Portanto, ensinemo-lo!

Conceitos Relacionados

Ver as notas sobre a «predestinação», em Rom. 9:16; sobre o «voluntarismo», em Rom. 9:13; e sobre a «reprovação divina», em Rom. 9:10.

A *compreensão intelectual* nem sempre é o critério certo para aceitarmos algum ensinamento ou doutrina. Não existe problema mais difícil, tanto para a ciência como para a filosofia (e também para a teologia) do que aquele apresentado pelas evidências dadas tanto pelo livre-arbítrio (ou liberdade) como pelo determinismo, sob o que a predestinação e a eleição podem ser classificadas como subcategorias. Por conseguinte, a antiga batalha verbal acerca das doutrinas da predestinação e do livre-arbítrio humano, que tem dividido denominações evangélicas e causado contendas entre os crentes, é uma batalha inútil e desnecessária. Ambos os lados desse conflito têm razão, embora não saibamos determinar de que maneira.

«*...antes da fundação...*» Foi «...nele...», isto é, em Cristo Jesus., que fomos escolhidos. Fomos escolhidos por consideração a ele, para que lhe fôssemos dados como seus irmãos, mediante a sua redenção, através dos seus méritos (ver o sexto versículo deste capítulo), através de sua «agência remidora» (ver o quinto versículo), e visando a sua «glória» (ver os versículos décimo e vigésimo terceiro deste capítulo). E aqui o tempo em que se processou essa escolha é determinado—«...antes da fundação do mundo...», ou seja, antes da criação. É interessante que essa mesma expressão é usada para indicar o amor de Deus Pai para com o seu Filho, em João 17:24. Por semelhante modo, é usada para falar sobre o fato que Deus conheceu Cristo de *antemão*, porquanto isso também se verificou antes da fundação do mundo. E ainda em outras passagens é empregada essa expressão familiar, «antes da fundação do mundo». Por exemplo: Em Mat. 25:34, onde se vê que o reino estava adredemente preparado, desde então, para os futuros discípulos; em Luc. 11:50, onde se vê que o sangue dos profetas foi visto derramado desde aquela época; em Heb. 4:3, onde se lê que as obras de Deus estavam terminadas, no desígnio divino desde a eternidade; em Heb. 9:26, onde se aprende que os sofrimentos de Cristo estavam determinados desde o passado remoto; em Apo. 13:8, onde os

ímpios não tinham o seu nome escrito no livro da vida do Cordeiro, o qual é reputado por morto desde aquele tempo; e em Apo. 17:8, onde os nomes dos ímpios não aparecem registrados desde o princípio no livro da vida.

Ambas essas expressões falam da grande antiguidade dos decretos de Deus, e, mui provavelmente, da «eternidade» dos mesmos. Naturalmente, na mente de Deus, todas as suas obras estão presentes, desde a eternidade passada, e daí até à eternidade futura. Para Deus não existe «tempo», conforme o consideramos, embora certamente haja seqüência de eventos. O sentido que Paulo queria imprimir parece ser que a redenção humana, por meio da eleição, não foi um pensamento tardio de Deus; pelo contrário, os decretos divinos que asseguram uma e outra coisa são eternos.

Portanto, a eleição não é um «processo histórico», conforme pensam alguns estudiosos. Antes, trata-se de um plano e de um ato eternos. O trecho de Rom. 9:11 mostra-nos que a eleição ocorre antes do nascimento do indivíduo, e insiste que a mesma não se baseia no mérito humano, naquilo que o homem faz, e nem mesmo naquilo que Deus previu que um homem faria. Assim é para que o «propósito de Deus na eleição prevaleça», não procedendo *das obras*.

«*...para sermos santos e irrepreensíveis perante ele...*» Esses são alguns dos objetivos da eleição. A santidade perfeita é o alvo, e esta consiste de nada menos que a participação na própria santidade divina. (Ver Mat. 5:48 e as notas expositivas ali existentes acerca disso. Ver também Rom. 3:21 acerca da «justiça de Deus», e de como o evangelho exige que o indivíduo venha a possuir a própria retidão divina). Essa participação na santidade divina é, primeiramente, de natureza forense, ou seja, por decreto e reconhecimento divino de que uma pessoa está «em Cristo»; mas, ato contínuo, tal participação se torna real, mediante a «santificação», até que o indivíduo realmente venha a possuí-la, como ser transformado. É isso que provoca a transformação metafísica do crente, capacitando-o a manifestar a própria natureza de Deus, o mesmo tipo de ser (ver Rom. 8:20 e as notas expositivas sobre a «santificação», em I Tes. 4:3).

«*...santos...*», no original grego, é «*agios*». Esse termo se origina de «agos», que significa «respeito», aquilo que produz tal sentimento. Em seguida veio a significar algo «consagrado a um deus», ou seja, um «sacrifício», algo «dedicado», «separado» para a adoração aos deuses ou a Deus. Tudo quanto é «consagrado a Deus», naturalmente, deve ser «santo» e apto para o seu serviço. E daí se originaram as idéias de «pureza» e «santidade», ao ponto que, com freqüência, esse vocábulo é usado com esse sentido, sem reter qualquer reverberação de suas origens.

Tal palavra é empregada para indicar a santidade infinita de Deus, a santidade dos anjos e dos seres espirituais. (Ver sobre a «santidade de Deus» em Aristófanes, Av. 522; João 17:11; I Ped. 1:16; Luc. 1:49. Ver sobre a «santidade dos anjos», em Jó 5:1; Luc. 9:26. Ver sobre a «santidade de Cristo», em Atos 4:27; 30. E ver sobre a «santidade dos homens», em Atos 3:21; I Ped. 1:16 e Col. 1:22). Porém, em termos «evangélicos», temos aqui a idéia de ser um crente de tal maneira transformado segundo a imagem de Cristo que possui a santidade do próprio Deus Pai. No momento, isso está em processo nos remidos, por obra e graça do Espírito Santo, refletindo-se neles na forma que denominamos de «santificação».

«*...irrepreensíveis...*» No grego, «*amomos*», «sem mácula», «sem culpa», aquilo que não provoca censura. O mesmo termo era usado para indicar os animais separados para os sacrifícios, os quais não deveriam ter qualquer defeito ou mácula. (Ver Êxo. 29:1; Lev. 1:3,10; 3:1,6,9,10. Ver ainda outros usos dessa palavra, nas páginas do N.T., em Heb. 9:14; I Ped. 1:19; II Ped. 2:13; Efé. 5:27; Fil. 2:15 e Col. 1:22). Somente aquele que possui a santidade de Deus (ver Rom. 3:21 e as notas expositivas ali existentes) é que realmente é «irrepreensível», ou «imaculado», segundo a definição neotestamentária. Ora, a eleição garante esse resultado em nós; e, de fato, se tivermos de chegar a ver a Deus, teremos de ser santos, conforme aprendemos em Heb. 12:14.

«*...e em amor...*» Alguns intérpretes incluem essas palavras como parte integrante do quarto versículo. E isso significaria que o amor é que governa a eleição, tornando este versículo equivalente a João 3:16: «Deus amou o mundo de tal maneira...» Mas outros estudiosos ligam essas palavras com o versículo quinto, o que dá em resultado a tradução, «...e em amor nos predestinou para ele...», conforme vemos nesta tradução portuguesa. Ambas as possibilidades são verdadeiras. (Comparar com Rom. 11:32, que expressa grande esperança para toda a humanidade). Até mesmo a ação de Deus, que encerrou todos os homens debaixo da incredulidade, tem por força motivadora a «misericórdia», a fim de que ele possa usar de «misericórdia para com todos». Ver as notas expositivas, *in loc.* quanto a notas expositivas completas sobre o «amor», onde são incluídos poemas ilustrativos, ver os trechos de João 3:16; 14:21 e 15:10, além da totalidade do décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios e Rom. 5:8, que fala sobre o amor de Deus, que nos é recomendado).

«*...perante ele...*» Essa santidade e irrepreensibilidade resistirá ao escrutínio severo do olhar de Deus, à sua avaliação. Portanto, só pode significar a participação em sua própria santidade, porquanto nada menos do que isso pode resistir ao exame divino. É interessante que essa expressão também subentende a nossa «proximidade» de Deus, por nos ter ele aceito, por ter ele comunhão conosco, no nível da alma.

ὁ προορίσας ἡμᾶς εἰς υἱοθεσίαν διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς αὐτόν, κατὰ τὴν εὐδοκίαν τοῦ θελήματος αὐτοῦ,

5 εἰς υἱοθεσίαν...Χριστοῦ Jn 1.12

1:5: e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade,

«*...predestinou...*» é tradução de «*prooridzo*», que literalmente, significa «assinalar de antemão», visto que o vocábulo grego «oridzo» quer dizer «dividir com fronteira», «limitar», «definir». A preposição grega «*pro*» faz essa palavra indicar uma atividade feita de antemão. E isso indica aquele tempo anterior a esta existência terrena, talvez até mesmo anterior à própria existência da alma. Naquela oportunidade (antes da própria criação), a predestinação das almas teve lugar. Há a predestinação de nações, de condições, de privilégios religiosos, etc. Porém, não nos podemos enganar quanto ao fato de que a predestinação também inclui indivíduos, e que a predestinação de indivíduos separa-os para a «salvação da alma», e não apenas para algum «privilégio». Em outras palavras, Deus não determinou meramente quais «nações» ouviriam o evangelho, mas até mesmo quais indivíduos o receberiam e se beneficiariam do mesmo. (Ver o trecho de Rom. 9:11-17, onde a predestinação aparece como algo «individual». Ver Rom. 9:23, que mostra que a predestinação separa para a «salvação»). Porém, mesmo assim, o fato de certos povos terem sido privilegiados com a possibilidade de ouvirem o evangelho, equivale à escolha de certos indivíduos como beneficiários; e o fato de Deus ter conhecido de antemão quais os indivíduos que seriam assim beneficiados, equivale à predestinação, em termos gerais.

A Implacável Doutrina Da Predestinação

1. A vontade de Deus é suprema nesse particular, mas jamais será uma vontade arbitrária. Há propósito por detrás de tudo quanto ela envolve. Deus sabe o que está fazendo, e por que, ainda quando nossas mentes não podem penetrar em seus mistérios (ver Rom. 11:33 e ss.). Por conseguinte, a predestinação, apesar de arraigada na vontade de Deus, não é irracional nem caprichosa. O voluntarismo, pois, não é um acompanhante necessário da predestinação. (ver as notas sobre o «voluntarismo», em Rom. 9:13).

2. Embora o propósito predestinador de Deus opere inteiramente à parte de qualquer consideração humana (ver as notas em Rom. 9:16), ela não alcança necessariamente todos os eleitos nesta esfera terrena. Pode atingi-los além do sepulcro (ver as notas sobre esse conceito em I Ped. 4:6).

3. A eleição é uma subcategoria da predestinação, relacionando-se especificamente à salvação do homem (ver as notas no quarto versículo deste capítulo); mas a predestinação é a vontade de Deus por detrás de todas as coisas.

4. O lado negativo da predestinação é a reprovação. Assim, Deus *não* escolhe a alguns, e, ao mesmo tempo, *determina* os destinos dos não-eleitos. (ver Notas completas sobre essa doutrina, em Rom. 9:10).

5. Neste comentário, toma-se a posição de que a própria reprovação ativa pode expressar uma verdade, se o que Deus fizer em prol dos não-eleitos for, finalmente, bom, e não destrutivo. Cremos que a missão de Cristo, possibilitou uma «restauração», que opera em favor dos não-eleitos, conferindo-lhes uma glória positiva a ser conquistada e entregue a Cristo, além de uma vida digna de ser vivida. Isso será alcançado através do «julgamento», e não à revelia do mesmo. (Esse conceito é comentado plenamente em Efé. 1:10, pois faz parte do mistério da vontade de Deus, que é a unidade de todas as coisas em redor de Cristo, no ainda distante dia eterno. Ver sobre a «missão universal de Cristo», em João 14:6).

6. A restauração dos não-eleitos não pode ser comparada com a redenção dos eleitos, pois, a despeito da glória secundária que porventura envolva, comparativamente falando, é apenas uma perda infinita, pois o que perderão representa—para os eleitos—uma vantagem infinita. (Ver as notas sobre a «salvação», em Heb. 2:3; e sobre o «julgamento», em Apo. 14:11).

7. O outro lado da moeda é o «livre-arbítrio» (ver as notas em I Tim. 2:4), o qual também representa um princípio escriturístico que declara que todos os homens têm a responsabilidade de responder afirmativamente ao evangelho; todos os homens poderiam exercer fé; todos os homens poderiam ser salvos. É inútil tentar reconciliar esse conceito com a idéia da predestinação, embora seja correto ensiná-lo individualmente, à parte da predestinação. A verdade não depende de nossa habilidade de reconciliar doutrinas aparentemente contraditórias.

«*...para a adoção de filhos...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «adoção», ver Rom. 8:15). O N.T. encara a «filiação» dos remidos sob dois prismas diferentes, a saber:

1. Como adoção, em que alguém é posto na posição de filho, de filho adulto, sujeito ao recebimento de uma herança, «através da adoção». Ao assim expor a questão, o apóstolo Paulo lança mão da metáfora do costume de adoção que havia na sociedade romana.

2. Como geração natural, conforme se encontra em João 1:12,13. Isso envolve inerentemente «a participação na mesma natureza que Deus Pai», que é uma verdade cristã elevadíssima.

Os remidos haverão de participar da «divindade» (Col. 2:10) e vão sendo agora transformados de glória em glória, conforme a imagem moral de Cristo, com vistas a participarem totalmente de sua própria natureza metafísica (ver II Cor. 3:18). A cabeça e o corpo têm sempre a mesma natureza, ainda que a posição da cabeça seja maior. Mas a cabeça e um dos dedos da mão, por exemplo, a despeito de ocuparem posições diversas, compartilham da mesma natureza. Naturalmente, dentro do plano da redenção, não haverá afinal um tão grande hiato entre o Irmão mais velho e os irmãos que estão sendo conduzidos à glória, como há entre a cabeça e um dos dedos em um corpo humano. E embora a figura simbólica da «adoção», utilizada por Paulo, não seja tão apta como a da «geração», para expressar a participação na mesma natureza de Cristo, o trecho de Rom. 8:29 (no contexto da «adoção», apresentada um pouco antes) ainda assim indica tal participação; e é naquela passagem que a nota expositiva geral sobre a «transformação do crente segundo a imagem de Cristo e a participação em

sua própria natureza» aparece.

Filiação a Deus: Hodge (*in loc.*) observa sobre essa verdade como segue: «A filiação inclui: 1. A participação na natureza de Cristo, ou conformidade com a sua imagem. 2. Aprazimento do seu favor, em que os filhos são objetos especiais do seu amor. 3. Herança, ou participação na glória e bem-aventurança de Deus. Algumas vezes se destaca uma dessas idéias, e de outras vezes outra aparece com proeminência. No presente caso acham-se salientes a segunda e a terceira». Acrescentamos aqui que, naturalmente, a questão da participação na natureza e imagem de Cristo envolve igualmente a participação na própria santidade de Deus Pai. (Ver Mat. 5:48 e Rom. 3:21).

Barry, (*in loc.*) comentou sobre a «predestinação», destacando os seguintes pontos: «1. Sua origem é o amor divino (pensando ele que as palavras '...e em amor...', que geralmente aparecem no fim do quarto versículo, realmente pertencem a este quinto versículo, conforme a opinião da maioria dos intérpretes modernos). 2. Sua causa meritória é a mediação do Senhor Jesus Cristo. 3. O seu resultado é a adoção, de tal modo que Jesus Cristo aparece como o '...primogênito entre muitos irmãos...' (Rom. 8:29), os quais são amoldados à sua imagem, tendo sido remidos por ele da servidão para a filiação (ver Gál. 4:5). 4. A idéia de predestinação transparece nas palavras '...segundo o beneplácito de sua vontade...', do que tudo, finalmente, depende. 5. Seu propósito final é o de exibir a glória de Deus no dom do seu amor».

«Nós, os cristãos modernos, com freqüência pensamos que essa doutrina da eleição, que atravessa a Bíblia inteira, é difícil de ser compreendida. É que não somos suficientemente humildes. Também não temos sido disciplinados como convém pela justiça de Deus. Somos herdeiros inconscientes de dezoito séculos da graça cristã. Olvidamo-nos que somos órfãos *adotados*. Por natureza não somos filhos de Deus, sob hipótese alguma. Somos simplesmente pecadores. Pensamos em Deus como um servo, e não como o Senhor. Não temos nós todos o direito de exigir que o universo nos sirva? Nem mesmo os cidadãos mais iníquos de uma democracia qualquer põem em dúvida os seus direitos de serem tratados como seres dotados de valor infinito, a quem a sociedade precisa tratar com respeito. O 'valor infinito de uma alma individual', na realidade, é uma das marcas distintivas do sistema democrático. Porém, isso é um presente derivado da fé cristã dos antepassados cristãos dos democratas modernos. As sociedades totalitárias mostram-se bastante lógicas ao descartarem-se desse dogma, sem qualquer cerimônia. Pois a menos que Deus nos confira alguma posição em seu universo, 'de conformidade com a escolha que tiver feito de nós... desde antes da fundação do mundo', seremos apenas meras criaturas que existem por alguns momentos e então desaparecem da face desta terra». (Wedel, *in loc.*).

«*...segundo o beneplácito de sua vontade...*» A predestinação repousa exclusivamente sobre a vontade de Deus, mas não uma vontade divina desvinculada da razão e de fatores causativos. (Ver as notas expositivas sobre o «voluntarismo», em Rom. 9:13). Portanto, este versículo, em sua primeira metade, declara-nos que a predestinação se alicerça sobre o «amor». E quanto a isso, consideremos os pontos seguintes:

1. É conforme o *beneplácito*, isto é, aquilo que agrada ao Senhor. E sabemos que somente a misericórdia e a administração da graça agrada a Deus (ver Rom. 11:32), porquanto ele não tem prazer na morte do ímpio.

2. É conforme «parece bem» a Deus, segundo um outro sentido possível do termo grego *eudokia*. Isso quer dizer que «razão» e «desígnio» fazem parte da predestinação, não dependendo esta de algum «capricho» da mente divina, conforme é postulado pelo voluntarismo.

3. Trata-se de uma «boa vontade», ou seja, em consonância com um propósito reto e benigno, como também de acordo com um amor altruísta.

4. Tais coisas «agradam» ao Senhor, conforme se depreende do versículo, porquanto Deus é «amigável», e «conciliador» para com os homens.

Essas considerações retiram o *ferrão* da doutrina da predestinação, porque sabemos que o Juiz e Salvador da humanidade fará aquilo que é justo. É nesse particular que encontramos a salvaguarda contra «decretos arbitrários». A vontade de Deus é absoluta, mas não com base na incerteza ou em algum vácuo divino. Pelo contrário, essa vontade é exercida soberanamente, com base em seu amor; e também se expressa com base nesse amor. Por conseguinte, todos os decretos de Deus necessariamente são beneficentes. Por isso mesmo até mesmo o próprio julgamento não importa em mera retribuição, mas antes, em disciplina, contendo em si mesmo as sementes de ao menos uma espécie inferior de restauração para os próprios perdidos. Essa verdade é claramente ensinada em trechos como I Ped. 3:18-20, 4:6. É ensinada igualmente em Rom. 11:32. Essa maneira de compreender as coisas lança uma nova luz sobre a doutrina da «predestinação», a qual, desse modo, torna-se uma radiosa esperança, e não motivo de condenação fixa para aqueles que não são beneficiados por ela.

«*...para ele...*» Está em foco a pessoa de Deus Pai. E quanto a isso também podemos salientar algumas considerações: 1. A predestinação restaura os homens a Deus; pois os homens retornam ao Senhor através dela. 2. A natureza da predestinação fica assim salientada: consiste da participação nas mais elevadas bênçãos de Deus, em comunhão com a sua pessoa. 3. Redunda na glória divina. 4. Consiste do cumprimento de seu propósito benigno. 5. Deus é visto, por esse prisma, como o alvo de toda a existência humana. (Ver esse mesmo tema exposto em I Cor. 8:6). A verdadeira vida eterna não consiste de mera existência interminável. Antes, é uma «modalidade» de vida, a saber, aquela que encontra sua fruição em Deus. (Ver João 3:15 e as notas expositivas ali existentes sobre a «vida eterna»).

6 εἰς ἔπαινον δόξης τῆς χάριτος αὐτοῦ ἧς ἐχαρίτωσεν ἡμᾶς ἐν τῷ ἠγαπημένῳ,

6 τῷ ἠγαπημένῳ Mt 3.17; Col 1.13 6 ης] εν η **DG** *pm* ζ | Ηγαπημενω] *add* Υιω αυτου **D*G** vg^{s}, cl sy^{h} sa Mcion Or

O Textus Receptus, seguindo ℵ^{c} D G K L Ψ maioria dos minúsculos it (d,g) vg sir (h) gót, substitui ἐν ᾗ por ἧς. Essa última forma foi preferida pela maioria da comissão com base em: (a) o peso do apoio externo (𝔓^{46} ℵ* A B P 6 33 88 330 424 (C) 436 1319 1837 1908 2127 Orígenes Crisóstomo Eutálio), e (b) a probabilidade que copistas mais provavelmente teriam substituído a construção mais difícil (ἧς aparece por atração de ἣν, o acusativo cognato) por outra menos difícil, e não vice-versa.

1:6: para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado:

As primeiras palavras deste versículo, «...para louvor da glória de sua graça...» fazem-nos lembrar que esse louvor vem através de palavras, através da vida e através do próprio ser dos remidos. Esse alto privilégio incluirá uma total dedicação do ser do crente, que redundará no «louvor a Deus». (Comparar isso com I Ped. 2:9, onde se lê: «Vós, porém, sois... povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz».

A glória procede da graça de Deus; e uma vez que a graça de Deus se manifesta, os homens louvam a Deus. Os versículos doze e catorze deste capítulo reiteram essa expressão. Esse louvor vem por diversos meios, a saber: 1. Por palavra; 2. pela vida do crente; e 3. na eternidade, por vidas que Deus tornou úteis para os seus planos eternos. A própria participação na vida eterna redundará em louvor perene a Deus, tal como um filho bom é uma glória para o seu pai. Tal vida ilustra o que Deus pode fazer no sentido da transformação e da espiritualização da alma humana, a ponto do ser humano remido tornar-se um ser magnificente, útil para Deus e para todo o bem, e isso para toda a eternidade.

«*...glória de sua graça...*» Ou, conforme dizem algumas traduções «de sua graça gloriosa». A graça divina é que provoca a glória, estando inseparavelmente vinculada a ela, porquanto a própria graça de Deus é gloriosa. Uma vez que uma vida individual redunda em louvor a Deus torna-se também um louvor perante à sua magnificente graça. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça», que é uma das palavras chaves da presente epístola, ver Efé. 2:8). A graça divina é o seu favor desinteressado, o seu presente, a sua atuação desmerecida em nosso favor, alicerçada exclusivamente sobre a boa vontade de Deus. Por conseguinte, a salvação se baseia inteiramente na graça divina, não podendo nós chegar a qualquer outra conclusão que concorde com essa circunstância.

Variante Textual:—As traduções AC, F, KJ e M (dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação neste comentário—nove em inglês e cinco em português), dizem aqui, «...em quem nos tornou aceitáveis...», seguindo os mss Aleph(3) DEFGKL e a maioria dos manuscritos gregos posteriores, principalmente minúsculos. Todas as demais traduções consultadas encerram variações da frase «...que ele nos concedeu gratuitamente...», de conformidades com os mss P(46), Aleph(1) e ABP. Esta última forma representa o texto mais antigo, melhor confirmado pelos manuscritos, e que sem dúvida mostra o original.

A «graça» de Deus, tão altamente elogiada aqui, nos foi dada como um presente, gratuitamente, a troco de nada, porquanto tal doação se alicerça somente sobre o beneplácito da vontade de Deus. O verbo usado no original grego é «charidzomai», que vem da raiz grega «charis», a palavra aqui traduzida por «graça». Assim, pois, a graça divina nos foi dada gratuitamente, isto é, sem vinculação com qualquer mérito humano. O verbo «charidzomai» também pode significar «remir», «perdoar», o que mostra a natureza desse vocábulo grego. A graça também pode ser compreendida no «sentido subjetivo», isto é, ele tornou os homens «amável», «agradável». Ou antes, podemos compreendê-la no sentido objetivo, isto é, «deu gratuitamente sua graça aos homens». Esse é o ponto de vista seguido pela maioria dos intérpretes. Que Deus nos tornou «aceitáveis» (sentido subjetivo) é possível; mas que ele nos «deu gratuitamente» (objetivo) é preferível. No entanto, alguns estudiosos traduzem aqui pelo sentido subjetivo «tornou-se dignos de amor». Crisóstomo, que preferia essa tradução, refere-se a um leproso que foi transformado em um belo jovem. Isso é o que Deus tem feito por nós. Naturalmente que isso expressa uma verdade. Mas o apóstolo Paulo quase sempre usa o termo «graça» em sentido objetivo, dando a entender que a salvação nos foi dada como graça divina gratuita, em troca de nada. Mas isso, naturalmente, resulta na feitura de uma pessoa tornada «graciosa» aos olhos do Senhor.

«*...no Amado...*» Cristo Jesus, na qualidade de Amado de Deus Pai, é:

1. A esfera desse dom.
2. Em quem recebemos a graça.
3. Por meio dele e de seus méritos remidores é que recebemos a graça divina. Cristo é «o Amado por excelência». (Comparar com 'o Filho de seu amor', em Col. 1:13; e ver também Mat. 3:17 e 17:5». (Vincent, *in loc.*). Ver «em Cristo», Cor. 1:4.

É em Cristo Jesus, pois, que somos favorecidos e amados. (Comparar com isso a totalidade do décimo sétimo capítulo do evangelho de João, quanto a essa *comunhão de amor* que há na família divina, que flui de Deus Pai para Deus Filho, e daí para os filhos de Deus, e de volta a Deus Pai novamente). Também é em Cristo que somos feitos «dignos de ser amados», e a graça nos

é conferida gratuitamente por esse motivo.

Naturalmente, a expressão «o Amado» é um título de Cristo que tem vislumbres messiânicos. Faz-nos lembrar da voz proveniente dos céus, que declarou, por ocasião do batismo de Jesus: «Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo». (Marc. 1:11). Entretanto, neste passo bíblico, é usado o particípio perfeito, no grego, «*egapemenos*, ao invés de «*agapetos*», conforme aparece naquela passagem do evangelho de Marcos. Ora, o particípio assinala mais definidamente o pensamento que Cristo é o objeto primário e supremo do amor de Deus; e que a graça de Deus, que nos é galardoada, é uma manifestação daquele amor que compartilhamos por estarmos 'nele'». (Beare, *in loc.*).

Essa expressão, conforme a lemos aqui, não figura em nenhuma outra porção do N.T., embora a sua idéia seja perfeitamente comum. Fora do N.T. encontramo-la na Epístola de Barnabé 3:4, onde também se refere a Cristo Jesus. (Ver João 17:23,25, que diz: «...e os amaste como também amaste a mim»). Com razão poderíamos insistir que isso fala de igualdade na intensidade do amor, o que é um outro fator que faz o evangelho tornar-se tão admirável. Recebemos idêntico amor, com idêntica intensidade, por causa de Cristo, por havermos sido feitos filhos em Jesus Cristo, participantes de igual natureza e expressão de ser. Ora, esse amor se prolonga desde antes da fundação do mundo, conforme nos ensina o contexto do décimo sétimo capítulo do evangelho de João. Deus nos ama porque amamos a seu Filho, Jesus Cristo (ver I João 4:9,10. Ver o amor de Deus pelo homem, em João 3:16, bem como nas notas expositivas ali existentes).

Variante Textual:—Às palavras «...no Amado...» **são acrescentadas as palavras, «...seu Filho...», nos mss D(1)G, nos manuscritos da Vulgata latina; mas é óbvio que se trata de uma *glosa* posterior.**

7 ἐν ᾧ ἔχομεν τὴν ἀπολύτρωσιν διὰ τοῦ αἵματος αὐτοῦ, τὴν ἄφεσιν τῶν παραπτωμάτων, κατὰ τὸ πλοῦτος τῆς χάριτος αὐτοῦ,[b] [b b b] 7-8 *b* minor, *b* none, *b* none: (WH) Bov Nes BF² // *b* minor, *b* none, *b* minor: TR AV RV ASV // *b* minor, *b* none, *b* major: (NEB) TT Zür Luth (Jer) (Seg) // *b* none, *b* major, *b* none: RSV

7 ἐν...παραπτωμάτων Col 1.14, 20 τὸ πλοῦτος...αὐτοῦ Eph 2.7

7 εχομεν] εσχ- ℵ*D*ºΨ Ir | χαριτος] (Rom. 2.4) χρηστοτητος A *pc* bo

1:7: em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça,

(Com este versículo pode ser confrontado o trecho de Col. 1:14. Ver também a exposição introdutória ao primeiro versículo do presente capítulo, quanto às muitas similaridades existentes entre as epístolas aos Colossenses e aos Efésios).

«...*no qual*...» Isto é, em Cristo, mediante a sua agência, devido à expiação que temos em seu sangue, em comunhão com ele, através da confiança em sua pessoa. (Ver o trecho de I Cor. 1:4 e as notas expositivas a respeito, sobre essa expressão).

«...*redenção*...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse tema, ver Rom. 3:24 e I Cor. 1:30). Muitos temas paulinos têm sido plenamente comentados em livros anteriores a esta epístola aos Efésios; e, para pleno benefício, o leitor deveria consultar essas outras exposições. Ambas as referências dadas neste parágrafo usam o mesmo vocábulo grego, explanado nessas notas expositivas, isto é, «apolutrosis», que originalmente significava «reobter algo por meio de compra», «libertar por meio de resgate». Mas, nas páginas do N.T. esse sentido usualmente se perdeu, passando tal palavra a significar «libertação», mediante um ato do poder divino, por intermédio de Cristo, liberando o pecador do seu passado e conferindo-lhe uma gloriosa salvação presente e futura. Assim é que o povo israelita foi libertado da escravidão no Egito e, posteriormente, na Babilônia, tendo-lhe sido restaurada a sua glória anterior, com a revivificação da vida nacional. Ora, isso prefigura a *redenção* que agora é conferida aos crentes. No caso do crente, pois, a ira divina e a penalidade contra o pecado são eliminadas; o crente é liberado das conseqüências dessas coisas, e passa a gozar da liberdade que a nova vida confere.

«...*pelo seu sangue*...» A expiação pelo sangue de Cristo é focalizada aqui, pois foi assim que a redenção nos foi «comprada» ou «adquirida». (Quanto a notas expositivas sobre a «expiação», ver Rom. 5:11. Quanto à «expiação pelo sangue», ver Rom. 3:25. Quanto à «propiciação», ver o mesmo trecho. Quanto à «reconciliação», ver as notas expositivas sobre Rom. 5:10).

«...*a remissão dos pecados*..» (Quanto ao «perdão dos pecados», ver as notas expositivas sobre Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:7. Quanto ao perdão dos pecados como um «apagar dos pecados», ver Atos 3:19. Quanto à «significação da cruz» e às muitas coisas realizadas por meio dela, o que inclui até mesmo o perdão dos pecados, ver Gál. 3:13).

«...*segundo a riqueza da sua graça*...» A «...graça...» que é uma palavra chave no N.T., mormente nesta epístola aos Efésios, reaparece aqui. (Ver Efé. 2:8 quanto a notas expositivas completas sobre esse tema. Ver Efé. 1:2,6,7; 2:5,7,8; 3:2,7,8; 4:7,29 e 6:24, quanto ao uso que esse termo tem nesta epístola). A graça divina:

1. É o agente do perdão, aquilo que fez o Filho de Deus tornar-se a propiciação pelos nossos pecados, o grande e eterno presente de Deus.
2. É a fonte do perdão divino.
3. É rica. E podemos desdobrar este aspecto nas seguintes subdivisões: a. é abundante; b. é conferida gratuitamente; c. é eficaz; e d. produz resultados grandiosos e eternos.
4. Essa redenção e perdão de pecados custaram o derramamento do sangue do Filho de Deus; e isso é prova da vastíssima riqueza da graça, que o impulsionou a tal ato. Essa foi coisa de somenos, para o Filho de Deus, fazer a expiação pelos pecados.

Nenhum indivíduo poderá jamais apresentar-se diante de Deus se não for santo (ver Heb. 12:14), pelo que também o perdão dos pecados era algo absolutamente necessário para que qualquer ser humano pudesse aproximar-se de Deus, e assim fosse salvo. Naturalmente que o perdão dos pecados é tão-somente o começo da caminhada de volta para Deus. Depois disso continuamos precisando receber toda a santidade positiva de Cristo; e isso ultrapassa em muito ao mero conceito do perdão de pecados ou eliminação de pecados. Os vários aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23) servem de meios para tornar-nos santos como Deus Pai é santo, tão perfeitos quanto ele (ver Mat. 5:48), levando-nos a compartilhar de sua própria retidão (ver Rom. 3:21). E isso ultrapassa em muito o sermos isentos de atos pecaminosos. Porém, ser alguém assim livre é algo absolutamente necessário, devendo anteceder qualquer verdadeiro desenvolvimento no campo da santidade positiva, o que consiste de participarmos da bondade, da justiça e do amor de Deus.

Podemos confrontar a palavra «...*riqueza*...», que aparece neste versículo, com a «...graça...» de Efé. 2:7, onde aprendemos que as riquezas da graça divina conduzem-nos à completa salvação, nos lugares celestiais, bem como conferem-nos as riquezas da glória da herança que possuímos em Cristo. Também podemos encontrar essa idéia nos trechos de Efé. 1:18 e 3:16, que igualmente mencionam as «riquezas da glória» divina, onde elas são retratadas como a base do fortalecimento e do amadurecimento do homem interior ou homem espiritual, na sua atual experiência terrena. (Comparar a expressão «riquezas de sua bondade», com que Deus perdoa a todos os homens e os conduz ao arrependimento, em Rom. 9:23, que igualmente menciona as «riquezas de sua glória», que serão derramadas superabundantemente sobre os vasos de misericórdia). A passagem de Col. 1:27 fala em «riquezas da glória do mistério» mediante o que, estando Cristo nos homens, os conduz à «glória». Em todas essas expressões e passagens a abundância e a vastíssima natureza do valor da graça divina são enfatizadas.

O perdão dos pecados é apenas o começo, e não a própria substância da nossa salvação. É deveras lamentável que, na moderna igreja evangélica, tanta ênfase se dê ao perdão dos pecados e ao transporte futuro para os céus que muitos chegam a crer que isso representa a súmula total da salvação. Na realidade, o perdão dos pecados é tão-somente o *portão* para as demais bênçãos espirituais de Deus. É um portão necessário, mas é apenas isso. A leitura do resto deste primeiro capítulo da epístola aos Efésios prova isso de maneira conclusiva. Existem muitos tesouros divinos que ainda nos serão proporcionados por intermédio de Cristo. No aspecto inicial do perdão dos pecados obtemos «acesso» a esses outros tesouros. E no aspecto final da «glorificação» é que nos será dado tudo quanto Cristo possui, e então é que seremos transformados em tudo quanto Cristo é. (Ver as notas expositivas sobre Rom. 8:29,30 acerca desse tema).

Foi em troco de grande custo, de imenso esforço, de tremendas agonias, que o povo de Israel foi tirado do Egito; e que, séculos depois, foi tirado da Babilônia, para onde havia sido exilado. Por igual modo, foi a troco de grande custo que a expiação pelos pecados foi realizada, que a salvação foi oferecida aos homens. Isso exigiu as «riquezas da graça de Deus», como base e poder motivador de tudo.

Pois o amor de Deus é mais vasto
Que a medida da mente humana,
E o coração do Deus eterno
É maravilhosamente bondoso.
(F.W.Faber).

8 ἧς ἐπερίσσευσεν εἰς ἡμᾶς[b] ἐν πάσῃ σοφίᾳ καὶ φρονήσει[b] 8 (φρονησει], ς R)

1:8: que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência,

A palavra «...*que*...», com a qual se inicia este versículo, alude à «graça» divina, mencionada no versículo anterior, a fonte originária do bem-estar humano, a começar pelo perdão dos pecados. Esse verbo, no grego, pode ser intransitivo, o que lhe dá o sentido de «...com que ele abundou para conosco...» Ou pode ser transitivo, o que lhe confere o sentido de «...que ele fez abundar para conosco...» Ambas possibilidades expressam verdades, e o sentido não é alterado se adotarmos uma ou outra dessas possibilidades. A maioria dos intérpretes, entretanto, prefere pensar nesse verbo como transitivo, ainda que existam exemplos, nos escritos de Paulo, onde o verbo aparece como intransitivo. (Ver os trechos de Rom. 5:15; I Cor. 14:2; II Cor. 1:5,7; 8:2; 10:12 e Fil. 1:26).

«...*derramou abundantemente*...» vem do termo grego «perisseuo», que significa «ser mais do que suficiente», «sobrar», «estar presente em abundância», ou seja, «extremamente rico», «transbordante». Isso é dito acerca da «graça divina» que nos foi oferecida. Esta foi capaz de conferir-nos o perdão dos pecados, a redenção, e todas as demais bênçãos espirituais daí resultantes, incluindo até mesmo a «glorificação» final. É por meio dessa graça que fomos «salvos» (ver Efé. 2:8,9). Por conseguinte «das obras». Foi necessário o derramamento abundantíssimo da graça de Deus para levar o pecador de volta ao Senhor, para transformá-lo segundo a imagem de Cristo, levando o crente a compartilhar de tudo quanto ele possui e de tudo quanto ele é.

As descrições sobre a graça divina, que encontramos neste versículo,

mostram-nos que os esforços humanos mais empenhados não servem de base para a salvação da alma, a despeito do fato que toda a graça divina é recebida pelo livre-arbítrio humano. E assim realmente tem de ser, porque Deus não impõe sua graça gratuita a quem quer que seja.

«...*em toda a sabedoria e prudência...*» O quinto versículo deste capítulo mostra-nos que os decretos divinos, embora sejam absolutos em si mesmos, não estão baseados no vácuo ou em caprichos; antes, são alicerçados em um desígnio divino razoável, coerente com o amor e a misericórdia de Deus. Assim também o presente versículo mostra-nos que a graça divina é abundantemente derramada sobre nós não de maneira arbitrária, sem razão ou desígnio, mas antes, se fundamenta, antes de tudo, na «sabedoria». No original grego temos aqui a palavra «sophia», que significa «sabedoria», e que aponta para o «conhecimento total» que Deus possui, o que o capacita a «usar» de sua graça de maneira sábia. Esse conhecimento total leva em conta todos os fatores possíveis, pesando todos os valores e medindo todas as conseqüências possíveis. Portanto, foi mediante essa sabedoria que a tudo ultrapassa, e que aqui é chamada de «toda a sabedoria», para efeito de ênfase, que Deus derramou sobre os seus eleitos a sua superabundância. Isso, por sua vez, significa que o plano divino deve ser bom, exequível, capaz de produzir os resultados esperados—e assim a salvação tornar-se-á uma realidade completa, na forma exata como Deus a previu. E Jesus Cristo é a personificação mesma da sabedoria divina, porquanto é em Cristo que toda essa sabedoria se concentra e se cumpre. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em I Cor. 1:30).

«...*prudência...*» No grego é «phronesis», isto é, «compreensão», «discernimento», «inteligência». Trata-se de uma aplicação e atributo da sabedoria, aquele fator do discernimento de Deus que o leva a aplicar corretamente a sua sabedoria. Fica-nos assegurado, pois, que o plano divino da redenção humana é ao mesmo tempo imaculado e perfeito, por estar baseado no discernimento divino. Tudo isso nos mostra quão inútil é defender o sistema da salvação pelas obras, porquanto isso faria a salvação ser alicerçada sobre homens imperfeitos e fracos, e não sobre a sabedoria de Deus.

A reprimenda contra a falsa religião: Indiretamente, Paulo podia estar condenando as idéias dos gnósticos, que se gloriavam em sua sabedoria supostamente secreta. (Quanto a notas expositivas sobre os «gnósticos», ver Col. 2:18). Os gregos davam grande valor à «sabedoria». Mas o apóstolo dos gentios mostra agora o pináculo da sabedoria. Cícero dizia que a sabedoria é «a principal de todas as virtudes». Os judeus pensavam que a lei continha a palavra final da sabedoria de Deus. Mas o apóstolo como que respondia: «Não é assim. Pois há o evangelho de Jesus Cristo, baseado na graça divina, que é conferida em meio a sabedoria e prudência». Dessa maneira, o «problema» das boas obras, visando a salvação, fica resolvido. Os homens pensam que não é «razoável» que a salvação seja «gratuita». Eles «raciocinam» que deve custar muitíssimo, e, assim sendo, esforçam-se sobremaneira. De fato, a salvação é caríssima, mas não é adquirida da maneira que os homens imaginam. É verdade que é preciso trabalho para ser adquirida, mas o trabalho da missão terrena de Cristo, a sua morte e a sua vida ressurrecta aplicada às nossas almas. Além disso, há a obra do Espírito Santo, o qual forma Cristo em nós.

Nesse sentido, «obras» e «graça» são uma e a mesma coisa, porquanto são apenas duas maneiras diversas de considerar a mesma realidade. Contudo, não estão em foco aqui as nossas «boas obras», e, sim, a obra divina «em nós», o seu poder transformador; e também nada disso depende do nosso próprio mérito, e, sim, do mérito de Cristo, porquanto somos «aceitos no Amado» (ver o sexto versículo).

A sabedoria de Deus: É aquela sabedoria que não pode ser desvendada pela razão humana, porquanto é elevada demais para o homem. E essa é a sabedoria que serve de alicerce para a aplicação da graça de Deus. Ora, isso soluciona inúmeros problemas teológicos e práticos, ainda que tal conceito não seja universalmente acolhido, nem mesmo no seio da igreja evangélica. (Ver o trecho de Efé. 2:8 e as notas expositivas ali existentes, acerca da definição geral da «graça divina», acerca de como as obras e a graça são iguais, quando vistas do mesmo ponto de vista espiritual).

«A sabedoria atuou no traçado do plano remidor; a prudência, na execução do mesmo através de meios, e ao fazer todos os arranjos necessários e providenciais». (Faucett, *in loc.*). Sim, no entanto, a sabedoria de Deus pode parecer «loucura» ou «insensatez» para os homens, conforme aprendemos em I Cor. 1:18 e *ss.*

«Se dirigíssemos nossa atenção para as novidades do pensamento, durante nosso próprio período de vida terrena, observaríamos que quase todas as idéias realmente novas se revestem de um certo aspecto de insensatez quando são apresentadas pela primeira vez». (Alfred North Whitehead). Embora esse citado autor houvesse falado sobre idéias científicas, podemos aplicar sua declaração ao terreno do «discernimento espiritual», que ultrapassa em muito o que é comum e tradicional.

3. *Mistério da vontade de Deus, mediante Cristo* (1:9-14)

9 γνωρίσας ἡμῖν τὸ μυστήριον τοῦ θελήματος αὐτοῦ, κατὰ τὴν εὐδοκίαν αὐτοῦ ἣν προέθετο ἐν αὐτῷ

9 γνωρίσας...μυστήριον Ro 16.25; Eph 3.3, 9

9 αυτου 2°] *om* **DG** Mcion | αυτω] εαυ- **P** Tert Hil

1:9: fazendo-nos conhecer o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que nele propôs

O Mistério: Ver notas sobre vs. 10.

«...desvendando-vos...», no original grego, é «gnoridzo», que quer dizer «revelar», «tornar conhecido», o que se refere a revelações íntimas e externas, como as palavras dos profetas, as Escrituras Sagradas que contêm as revelações divinas, e o entendimento íntimo, que é proporcionado a nós, pelo Espírito de Deus, a fim de compreendermos corretamente o objetivo da revelação de Deus. A começar pelo décimo oitavo versículo deste capítulo, começa a ênfase sobre a revelação íntima. Com o presente versículo podemos comparar as passagens de Col.1:9 e 2:3, que lhe são paralelas.

Há eruditos que ligam «sabedoria e prudência», do versículo anterior, com a «revelação» ou «desvendamento» que aparece neste nono versículo. Segundo eles, seria através da «sabedoria e prudência de Deus» que essa iluminação e revelação nos teriam sido feitas. Ou então, ainda segundo outros estudiosos, essa revelação é compreendida através de homens que recebem a sabedoria e a prudência divinas. (Ver a exposição sobre esses termos, no versículo anterior).

«...*o mistério...*» Um mistério é qualquer verdade divina, antes oculta, que nos foi revelada, para o que fôssemos iluminados. Consideremos abaixo alguns pontos sobre o que não é e o que é um «mistério»:

1. Um mistério não é alguma verdade misteriosa que somente os «iniciados» possam compreender, segundo se pensava nas «religiões misteriosas» dos gregos e entre os gnósticos.

2. Um mistério é antes uma verdade que até o momento de sua revelação estava oculta, mas que agora nos foi desvendada.

3. Envolvendo alguma verdade divina profunda, um mistério se reveste de determinados elementos que até agora não são perfeitamente compreendidos por nós, o que requer a iluminação espiritual da alma. E o Espírito Santo é quem projeta o foco de luz esclarecedora em nossas almas. (Ver o décimo oitavo versículo e os seguintes, deste capítulo, acerca dessa questão).

4. Compreendem-se os mistérios intuitivamente, em parte, não se tratando de uma compreensão inteiramente descritiva. Em outras palavras, alguns crentes perceberão, intuitivamente, a importância e a natureza dos mistérios de Deus; e esse entendimento os transformará, tornando-os mais santos e espirituais, apesar de não poderem «descrever», em termos objetivos e intelectuais, a natureza do mistério melhor do que outros crentes.

5. Um mistério é um *segredo desvendado*, uma verdade divinamente revelada. Não se trata de algo que possa ser descoberto exclusivamente pelo raciocínio da razão, e, muito menos ainda, através da pesquisa. Trata-se de conhecimento outorgado mística e intuitivamente, e não empiricamente.

6. O vocábulo «mistério» provavelmente foi tomado por empréstimo, pelo apóstolo Paulo, das religiões misteriosas de sua época, a fim de estabelecer um paradoxo proposital. De acordo com essas religiões, os mistérios seriam segredos ocultos, que só poderiam ser entendidos por alguns poucos. Seria um conhecimento esotérico. No cristianismo, entretanto, os mistérios são *segredos desvendados*, a fim de se tornarem conhecidos pelo mundo inteiro. A tarefa dos crentes é justamente tornar tais mistérios conhecidos, a fim de que os homens tomem conhecimento da glória de Cristo e de suas promessas aos homens. Tais mistérios devem ser «publicados» e não ocultados, conforme era o caso naquelas religiões da antigüidade.

7. A própria palavra grega aqui usada, «musterion», significa «segredo», «rito secreto», «doutrina secreta». Nas páginas do N.T., portanto, um mistério é alguma realidade espiritual antes oculta nos conselhos divinos, mas que agora ele nos desvendou. Os mistérios sempre são verdades profundas e importantes. Existem muitos mistérios no N.T., e essa questão, em sua inteireza, é comentada nas notas expositivas sobre os trechos de Rom. 11:25 e Mat. 13:11,13. (A passagem de Efésios 3:5 fornece-nos a definição bíblica de «mistério»).

«...*da sua vontade...*» Precisamos desdobrar essas palavras, como segue:

1. Tudo nos foi dado pela vontade de Deus, e de conformidade com ela.
2. Foram-nos desvendados os seus conselhos secretos, alicerçados em sua vontade divina.
3. Esses mistérios dizem respeito ao que Deus quer, aquilo que foi determinado em seus decretos eternos.
4. Porém, o que é enfaticamente destacado aqui é «aquilo que Deus tenciona fazer», a saber, o «mistério concernente ao que Deus está fazendo e fará, em toda a sua criação».

Por conseguinte, trata-se daquilo que Deus fará vir à tona, por força de sua vontade soberana. O décimo versículo deste capítulo define a vontade divina em termos bem amplos; e pode-se perceber que aquela definição inclui quase todos os demais mistérios que aparecem nas páginas do N.T., o que, por sua vez, mostra-nos que há um mistério maior do qual todos os mistérios menores fazem parte. O fim do primeiro capítulo desta epístola, que alude à igreja de Cristo, mostra-nos como os remidos são encaixados nesse plano divino geral, ao passo que o seu terceiro capítulo demonstra especificamente como os remidos, considerados como a igreja de Deus, se encaixam dentro desse plano.

«...*segundo o seu beneplácito...*» A vontade de Deus opera de conformidade com o seu «beneplácito...», aquilo que agrada ao Senhor, segundo aquilo que «lhe parece bom». E isso indica uma razão e um desígnio divinos governados pelo «amor», pela «misericórdia» e pela «bondade», no que tange à criação inteira, porquanto a maldade e a destruição não agradam a Deus. (Ver o trecho de Rom. 11:32, que confirma esse ponto). Essa mesma expressão reaparece no quinto versículo deste capítulo, em conexão com a vontade divina, que «predestina» indivíduos à salvação, sendo esse aspecto mais amplamente exposto ali.

«...*que propusera em Cristo...*» Essas palavras limitam a operação divina a considerações que envolvem o Filho de Deus. Nada há de predestinado, nada existe, dentro da vontade de Deus, acerca da criação, que de alguma maneira não esteja vinculado a Cristo, ao fato de ser ele o Senhor cósmico.

Comparar esta idéia com a declaração de Col. 1:16 que indica que todas as coisas foram criadas *por ele*, isto é, mediante a sua agência e poder criador (pois ele é o criador de tudo); e também essa passagem indica-nos que tudo foi criado «nele», isto é, levando em conta o seu ser. Os próprios homens foram moldados «segundo Cristo», pois o grande alcance da vontade de Deus fará os homens remidos terem natureza similar à de Cristo Jesus. Por conseguinte, o homem foi criado «em Cristo», ou seja, em consideração ao seu ser, a fim de que o seu ser seja duplicado. Portanto, Cristo é a esfera da criação, o «modelo» da criação. E isso envolve tudo o mais, porquanto a criação inteira é igualmente a «esfera» da atividade da vontade divina. Acrescente-se ainda a isso que todas as coisas foram criadas «para ele», ou seja, para o seu benefício, para a sua glória, para ele ser o Senhor universal. Porém, o fato que tudo foi criado «para Cristo», indica que também foi criado «para nós», porque, tendo nós sido criados e eleitos para a sua glória, isso se intensifica mais especialmente no aspecto da, participação em sua natureza, quando houvermos de ser conformados à sua imagem. Assim, pois, a glorificação de Cristo é também a nossa, e isso em termos exatos. Seremos o que ele é, e possuiremos o que ele possui. Todas essas coisas são fatores de quão grande é o mistério da vontade divina, no que ela se aplica aos homens. O fato que Cristo seja tão profundamente exaltado fala, como é evidente, da sua divindade (o que é comentado nas notas expositivas sobre Heb. 1:3), e também indica que, uma vez que seremos a sua plenitude (ver Efé. 1:23), haveremos igualmente de compartilhar de sua própria divindade (segundo nos ensina o trecho de II Ped. 1:4. Ver também Efé. 3:19).

Variante Textual: As palavras «*...em Cristo...*» são uma interpretação dos tradutores, e talvez seja uma interpretação correta. Mas é preferível dizermos aqui «*...nele...*», conforme aparece na maioria das antigas autoridades textuais. É possível, no entanto, que com o sinal de aspereza (῾), no original grego, tenhamos de compreender «nele mesmo». Alguns manuscritos dizem «eauto», o que certamente reflete isso; e até hoje se debate se a palavra «auto», com o sinal de aspereza, pode substituir «eauto», embora a maioria dos eruditos modernos do grego «koiné» pareça concordar que assim pode ser. Porém, se compreendermos aqui a presença do sinal de suavidade (᾽), então teremos de entender «nele», como texto mais provável, o que faria a alusão dizer respeito naturalmente a Cristo.

Entretanto, ainda assim este versículo pode estar-se referindo a Deus Pai; e, nesse caso, o propósito de Deus encontra seu alicerce no próprio Deus Pai, em seu desígnio e vontade, que são coisas que este versículo já expressou, ao mencionar a vontade divina que governa a natureza e a revelação dos mistérios. Naturalmente que o vocábulo grego «autos», com o sinal de suavidade, pode ser reflexivo, e, nesse caso, Deus Pai estaria indiscutivelmente em foco. A forma «eauto» aparece no ms P, sendo assim citada por Tertuliano e Hilário. Mas Elzevier e outros críticos textuais (formando minoria) acreditam que «auto», com o sinal de aspereza, é que realmente representa o original. (O certo é que o versículo seguinte faz convergir todas as coisas na pessoa de Cristo, sem importar se assim faz ou não o presente versículo).

10 εἰς οἰκονομίαν τοῦ πληρώματος τῶν καιρῶν, ἀνακεφαλαιώσασθαι τὰ πάντα ἐν τῷ Χριστῷ, τὰ ἐπὶ τοῖς οὐρανοῖς καὶ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς· ᶜἐν αὐτῷ,

ᶜᶜ **10–11** *c* no number, *c* number 11: TR[ed] WH? Nes BF[2] AV RV ASV RSV NEB TT

Zür Luth Jer Seg // *c* number 11, *ć* no number: TR[ed] WH? Bov

10 τοῦ πληρώματος τῶν καιρῶν Ga 4.4 ἀνακεφαλαιώσασθαι...Χριστῷ Col 1.16, 20

1:10: para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra,

«*...de fazer convergir nele...todas as coisas...*» Essas palavras expressan o mistério máximo da vontade de Deus. Todas as coisas encontram sua existência, propósito e significação em Cristo Jesus. E isso, por sua vez, mostra a sua significação cósmica, e não meramente terrena. Cristo é o ponto culminante ou centro em torno de quem todas as coisas têm sua existência e sentido. De uma maneira ou de outra, todas as coisas lhe redundarão em glória e nele serão glorificadas. Ele é o Cabeça e benfeitor universal de todas as coisas, de todos os seres inteligentes, e não apenas dos homens.

Notemos que este versículo menciona coisas «*...tanto as do céu como as da terra...*» Na qualidade de Verbo de Deus, todas as coisas conhecidas por Deus foram conhecidas por intermédio dele. Isso está incluso na doutrina do «Verbo», que aparece no primeiro capítulo do evangelho de João, como também está implícito em Col. 1:15, onde ele é visto como «a imagem do Deus invisível». Deus vive em luz inabordável, de quem ninguém se pode aproximar (ver Tim. 6:16). Qualquer ser que se avizinhe de Deus tem de fazê-lo por intermédio do Verbo, a imagem de Deus; e qualquer acesso futuro terá de ocorrer da mesma maneira. Por conseguinte, todo o bem-estar e a unidade universal de todas as coisas, tudo se centraliza em torno de Cristo. Nas Escrituras aprendemos que tudo vive, se move e tem seu ser em Deus (ver Atos. 17:28); e agora ficamos sabendo que isso faz parte do mistério da vontade divina, sendo plano do Senhor que todas as coisas tenham seu centro em Cristo, o Verbo eterno. E a história inteira da humanidade é tão-somente o processo terreno mediante o que isso está tendo lugar.

«*...fazer convergir...*» No grego, «*anakephalaico*», isto é, «sumariar», «recapitular», *reunir*. Podemos comparar isso com Rom. 13:9: «...tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo». Por semelhante modo, a criação inteira está «sumariada» em Cristo, tendo nele o seu ser, propósito, destino e centro. E tudo é «devolvido à sua órbita, sendo ele o centro». Isso indica a unidade universal de todas as coisas em Cristo. Todos os seres e todas as coisas, igualmente, giram em torno dele. (Comparar isso com Rom.8:21 e I Cor. 15:28).

O Mistério da Vontade de Deus: A Restauração Universal

1. É tempo perdido procurar diminuir o alcance do que é dito no texto à nossa frente. A vontade de Deus é restaurar «todas as coisas», tal como ele também criou «todas as coisas». O trecho de Col. 1:16, encerra idêntica mensagem. E assim como a criação foi realizada «por Cristo» (ele é o Alfa), assim também veio a existir «para Cristo» (pois ele também é o Ômega). Eventualmente, Cristo haverá de «sumariar» a criação inteira. Ele terá de ser «tudo para todos» (interpretação do trecho de Efé. 1:23). Ora, isso não poderia ocorrer a menos que a unidade em torno de Cristo fosse absolutamente toda-compreensiva, incluindo cada ser que jamais viveu, bem como a estrutura de todos os mundos criados.

2. Os intérpretes que opinam que essa unidade envolverá somente os salvos, entendem mal o grandioso conceito da vontade de Deus, no tocante a toda a sua criação.

3. Unidade fala de harmonia, boa vontade, bem-estar. A unidade que eventualmente se formará em redor de Cristo, portanto, deve visar o bem. Não basta dizer-se que os perdidos servirão de louvor a Deus, ao mesmo tempo que habitarão no fogo eterno, porquanto contemplarão a santidade divina. Isso exprime uma verdade, mas é uma declaração por demais parcial, por demais míope. Orígenes por certo tinha razão, quando afirmou que o conceito do julgamento como algo apenas retributivo (sem qualquer grau de restauração), é uma idéia que condescende com uma teologia inferior.

4. Não temos nisso o universalismo. Alguns intérpretes têm lançado mão do presente texto para defender a idéia do universalismo, isto é, o conceito de que, finalmente, todos serão salvos, e que o «quando» (o ponto dentro do tempo) é a única diferença que se pode conceber aqui. Pelo contrário, consideremos os seguintes fatores:

A Redenção É Um Aspecto Da Restauração

1. A restauração envolverá todos os seres e todas as coisas. A redenção, por sua parte, atinge somente os eleitos. A redenção quer dizer que os homens participarão da própria imagem e natureza de Cristo (ver Rom. 8:29), e, portanto, da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), e dos atributos de Deus (ver Efé. 3:19), e, assim sendo, de sua própria forma de vida (ver João 5:25,26). Os eleitos passarão de um estágio de glória para outro, pois a glorificação deles será interminável (ver II Cor. 3:18).

2. Em contraste com isso, os *não-eleitos restaurados*, formarão uma espécie completamente diferente, que não compartilhará da natureza divina; e as vantagens que adquirirem—pelo motivo de fazerem parte da unidade em torno de Cristo e do fato de que ele será tudo para eles (ver Efé. 1:23)—serão, em comparação com o ganho infinito dos eleitos, uma perda infinita. Não podemos imaginar qualquer estagnação no estado dos perdidos; mas estes jamais poderão adquirir a forma de vida que será dada aos eleitos.

3. Os eleitos serão maiores, em poder e glória, do que a maioria dos homens concebe acerca do poder e da glória de Deus, pois os homens, afinal de contas, fazem uma idéia bem baixa da pessoa de Deus. Por semelhante modo, especulamos, os perdidos terão uma glória e uma utilidade maiores, a serviço de *Jesus Cristo* (porquanto eles provavelmente comporão muitas sociedades bem dispersas, onde Cristo será ativamente glorificado), do que a maioria dos homens agora pensa ser o destino dos eleitos.

Que Dizer Sobre O Julgamento?

1. A restauração dos perdidos não deixará de lado o julgamento. Antes, o próprio juízo será um dos elementos que produzirão essa restauração. O julgamento será restaurador, e não apenas retributivo, conforme somos ensinados em I Ped. 4:6 (onde as notas expositivas devem ser examinadas; ver um conceito similar comentado em Rom. 11:32).

2. Porém, o julgamento não terá natureza *remidora*. Jamais poderá guindar os homens à posição ocupada exclusivamente pelos eleitos.

3. O julgamento deve ser aquilatado em termos de «contraste», e não em termos de «sofrimento». Noutras palavras, os não-eleitos sempre estarão debaixo de julgamento, porque esse será eterno, porquanto a idéia central do julgamento é privação. Aqueles que forem assim julgados, jamais poderão ser remidos. Todavia, o julgamento ajudá-los-á a verem restaurado às suas pessoas um certo grau de utilidade e glória, que os ajustará dentro do plano de Deus. Esse «grau», repetimos, por si mesmo será um julgamento, pois será uma perda infinita, em contraste com a redenção.

4. O número dos eleitos será extremamente pequeno. Poucos descobrirão o caminho da redenção que há em Cristo; poucos compartilharão de sua própria natureza e imagem; poucos obterão o ganho infinito. O número dos restaurados será muito vasto, a saber, todos os não-eleitos.

Abaixo mostramos algumas particularidades desse mistério, e como esse mistério se aplica aos homens:

1. Envolve muito mais do que a «salvação dos povos gentílicos», segundo essa questão tem sido reduzida por alguns intérpretes. Pois que os gentios haveriam de ser salvos não constituía nenhum segredo, por ser tema das profecias do A.T. (Ver Rom. 9:24-33 e 10:19-21).

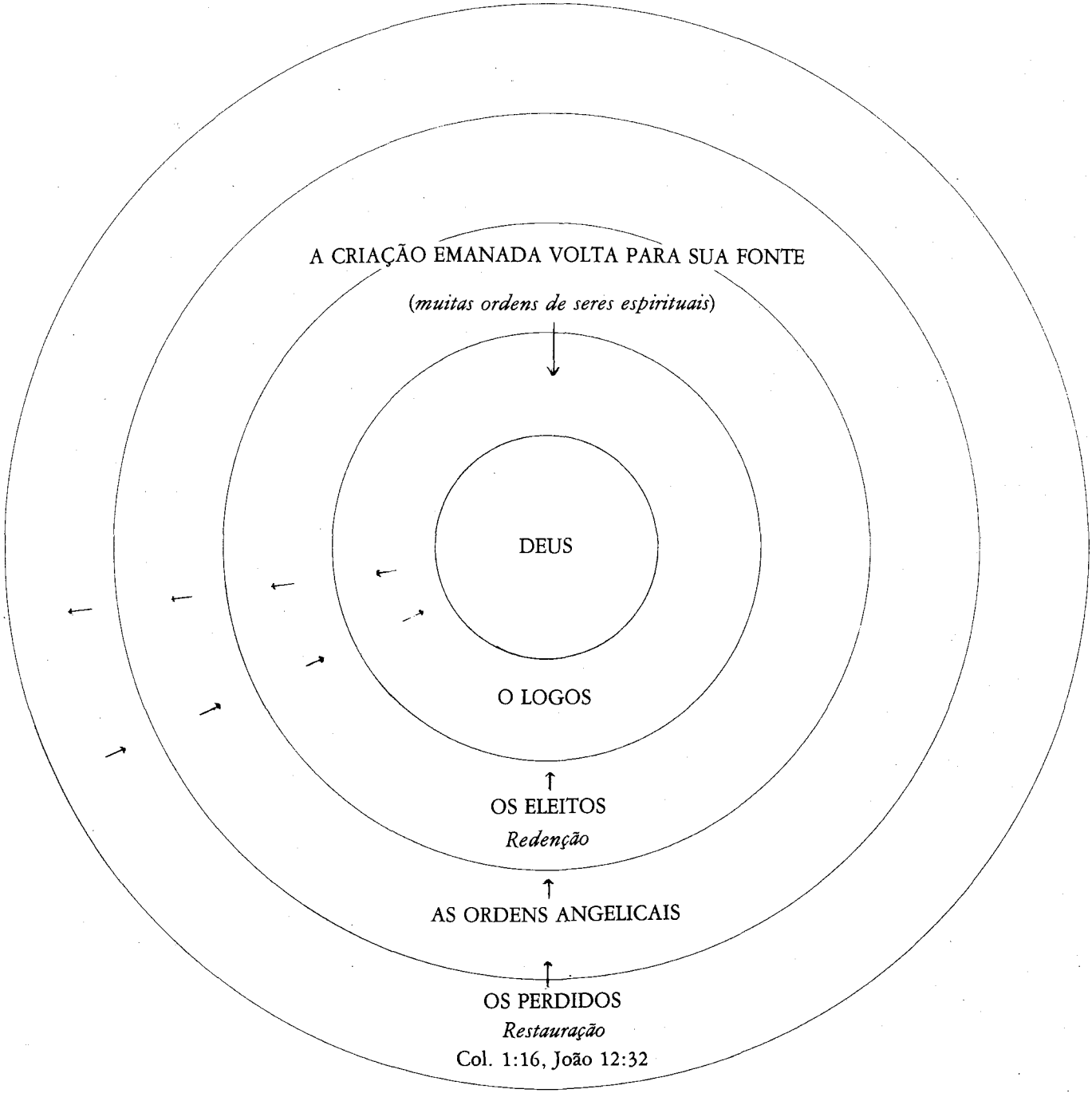
2. Esse mistério também não consiste de iguais privilégios religiosos e espirituais entre judeus e gentios, embora isso não houvesse sido antecipado pelo A.T. e embora isso faça parte integrante do mistério.

3. Por conseguinte, esse mistério não é a «igreja», nem mesmo em seu sentido mais elevado de «Noiva», algo novo na economia divina, em que os seus participantes serão remidos que compartilham da imagem de Cristo. Realmente isso constitui um mistério, a saber, aquele explicado em Efé. 3:3 e *ss*. Mas aquele mistério faz parte do que aqui é abordado e mostra como esse mistério mais extenso se aplica aos remidos.

4. Esse mistério também não é o evangelho, em seus muitíssimos

A RESTAURAÇÃO UNIVERSAL

EFÉSIOS 1:10, 23





Estrada de Mármore, Efeso, Cortesia, Matson Photo Service

aspectos. O evangelho faz parte deste mistério maior, por ser um agente da redenção humana.

5. Pelo contrário, o mistério aqui ventilado é uma espécie de *restauração* universal incluindo a universal unidade em torno de Cristo. Portanto, isso envolve Israel como nação e o cumprimento de todas as promessas; a nova criação, a habitação de todos os seres unificados; todos os seres inteligentes, todos os exércitos celestiais, todas as hostes angelicais; os novos céus, os lugares celestiais como moradas dos seres espirituais; a igreja, que é a comunidade dos espíritos humanos remidos; e, de alguma maneira, como sugerida acima, até mesmo os perdidos.

«*...na dispensação da plenitude dos tempos...*» Não está em vista apenas a dispensação do evangelho, porquanto o que esta passagem diz que se realizará transcente ao que é meramente terreno. Está em foco o «tempo» da concretização ou cumprimento do mistério. «*...tempos...*» é tradução exata, literal. A palavra «...dispensação...», originalmente, significa «família», «gerência», ou «ofício da mordomia». Metaforicamente, mais tarde veio a significar «mordomia». Em um sentido ainda mais geral, veio a indicar a gerência de qualquer exército ou estado, ou seja, um «governo», uma «economia política».

Embora encontremos aqui um elemento de «tempo», a ênfase deste versículo recai sobre a idéia de «governo», sobre «tipo de governo», sobre «ordem social», debaixo da orientação de certa espécie de «economia» ou poder divino. Nisso devemos incluir «aquilo que governa e aquilo que é governado». Haverá uma «ordem social» inteiramente nova, e essa será governada pelo poder de Cristo. Isso é o que significa a «dispensação da plenitude dos tempos», o estado eterno.

Essa dispensação envolverá as seguintes características:

1. A criação física estará centralizada em Cristo—será controlada e governada por ele, através da eleição (1:4) e da *restauração* (1:10).

2. Israel, como nação, tê-lo-á como Salvador e Senhor, Rei.

«...plenitude dos tempos...» Consideremos os pontos seguintes, a respeito disso:

1. Essa expressão não equivale ao que se lê em Gál. 4:4, «...a plenitude do tempo...», pois esta última declaração indica apenas «o tempo certo e apropriado».

2. Antes, trata-se de uma referência a *períodos distintos* durante os quais Deus trata diretamente com os homens e com toda a criação. Mas ainda assim não equivale às «sete dispensações», que são a consciência, o sacrifício, o governo humano, a promessa, a lei, a graça e a eternidade. Antes, devemos compreender aqui períodos de relações entre Deus e a criação, antes mesmo do aparecimento do mundo, no mundo dos espíritos, na eternidade passada. Devemos compreender aqui o começo do cumprimento dos planos de Deus; as relações de Deus com Israel, quando lhe conferiu a legislação mosaica; a vinda primeira de Cristo; a doação do Espírito Santo; o atual período da graça; e até mesmo a *parousia* ou segundo advento de Cristo.

Todos esses *tempos* (ciclos), que incluem, certamente o reino milenar de Jesus Cristo, com suas ênfases particulares, produzirão uma nova dispensação que será o *cumprimento* (fruição) de todos esses períodos, o cumprimento daquilo na direção do que tudo presentemente se movimenta, nas relações específicas de Deus com suas criaturas. Essa dispensação, pois, será a «plenitude», ou seja, o «cumprimento» de todos aqueles «tempos». O resultado será a *nova ordem social* com seu governo centralizado em Jesus Cristo. A «plenitude dos tempos», portanto, será o resultado de todos os «tempos» anteriores, a grande conclusão a que somos levados pela progressão dos tempos. Esses tempos são as «estações determinadas» divinamente, conforme aprendemos em Atos 1:7, o que é um termo similar a este. Quanto à «nova ordem», no que se aplica a diversas coisas, ver os seguintes pontos:

1. No que se aplica aos anjos, ver Heb. 1:6, embora isso seja limitado em seu escopo às funções dos anjos, que serão sempre poderosos instrumentos da glória de Deus. E eles se tornarão instrumentos ainda mais poderosos do que agora, em Cristo Jesus.

2. No que se aplica à nação de Israel, ver Rom. 11:26.

3. No que se aplica às nações da terra, ver Apo. 21:24.

4. No que se aplica à criação física, ver Rom. 8:21.

5. No que se aplica aos perdidos, ver Fil. 2:10,11; I Ped. 3:18-20 e 4:6.

6. No que se aplica à igreja, ver Efé. 1:22,23. Cristo é a vida, é o Senhor, é Messias.

A igreja será a sua plenitude, e a força mais forte e completa de sua expressão.

Todos os seres inteligentes, os exércitos de anjos, serão suas legiões de poder e atividade.

Até mesmo os perdidos encontrarão lugar sob o seu pendão; ——— o Salvador, é o Rei e é o unificador de todos e de tudo—essas são as idéias principais que aqui se destacam. Tudo isso culminará em glória real para Deus. (Ver I Cor. 15:28).

«*...todas as cousas...*» No original grego, «ta panta», isto é, a criação inteira, incluindo *todos* os seres inteligentes. Esse é o *gigantesco* escopo do mistério aqui referido. Devemos observar as palavras «*...nos céus...*», vazadas no plural. Todos os campos da existência espiritual estarão unificados em Cristo Jesus. Ver em Col. 1:16 como a «Ta Panta» foi criada e voltará para Cristo. A expressão todas as coisas «na terra» significa que a missão de Cristo alcançará todos os tipos de homens, judeus, gentios etc. sem distinção.

A unidade em Cristo implica paz, harmonia, bem-estar, propósito, glória, mas em aplicações diferentes nas esferas diversas. É impossível que a missão de Cristo falhe, mas terá êxito em maneiras diferentes.

11^{c} ἐν ᾧ καὶ ἐκληρώθημεν προορισθέντες κατὰ πρόθεσιν τοῦ τὰ πάντα ἐνεργοῦντος κατὰ τὴν βουλὴν τοῦ θελήματος αὐτοῦ, 11 προορισθέντες κατὰ πρόθεσιν Ro 8.28-29 11 εκληρωθημεν] εκληθ- **ADG** | προθεσιν] *add* του Θεου **DG** *104 al* it arm sa

1:11: nele, digo, no qual também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade,

A palavra «*...nele...*», conforme acontece por todo este capítulo, é usada por Paulo para efeito de ênfase. Todos os benefícios, espirituais e materiais, nos chegam por intermédio dele, para sua glória e bem-estar, e isso é transferido para nós, em nossa glorificação juntamente com ele, conforme este capítulo inteiro salienta.

«*...nós...*» (subentendido no verbo «...fomos...»), isto é, todos os «crentes», todos aqueles que estão em Cristo, que aparecerão na primeira fileira, quando de sua grande restauração e unidade de todas as coisas, como elementos principais de sua glória e de seus labores eternos.

«*...herança...*» Quanto a esta palavra, consideremos os dois pontos abaixo discriminados:

1. Os remidos são a herança de Cristo, conforme alguns intérpretes compreendem esta passagem. O verbo está certamente na voz passiva, o que pode dar o sentido de «tomados como herança».

2. Mas essas palavras também podem significar «foram feitos participantes da herança» e é neste outro sentido que a maioria dois intérpretes compreende a frase.

«Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança...» (Deut. 32:9,10). A glorificação envolverá, ao mesmo tempo, o povo de Deus e o próprio Deus, mediante o povo de Deus, conforme aprendemos em II Tes. 1:10,12, que expressa idéia paralela. (Ver o trecho de Rom.8:17, sobre a «herança» que os crentes receberão, onde há notas expositivas completas a respeito). O décimo quarto versículo deste primeiro capítulo da epístola aos Efésios refere-se à mesma verdade. (Comparar com Col. 1:12, que é passagem paralela, onde os santos aparecem como os possuidores da «herança»).

3. Uma terceira idéia é aquela que fala no fato que os eleitos «foram escolhidos por sorte» (o que equivale à «eleição»), conforme diz a tradução da Vulgata latina; mas essa idéia é menos provável do que as duas anteriores.

«*...predestinados...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse assunto, ver os trechos de Rom. 9:15,16 e o quinto versículo deste capítulo). Essa predestinação obtém para nós a herança, declarando-nos que todos os filhos de Deus participarão da mesma. Todo e qualquer mérito humano, pois, fica assim excluído.

«*...segundo o propósito...*» A palavra «*...propósito...*», no original grego, «boule» que significa «conselho», «resolução», «desígnio». Uma vez mais se enfatiza o fato que toda a predestinação e operação divinas se alicerçam sobre a «razão», e não sobre «caprichos» divinos arbitrários. (Comparar isso com o quinto versículo deste capítulo). A predestinação vem através do «favor» da vontade de Deus, mediante o seu «beneplácito», o que implica em um propósito benigno e beneficente, e não em um propósito violento e destruidor.

Uma vez mais é negado o conceito errôneo do *voluntarismo*, noção essa que muitos com freqüência vinculam à doutrina bíblica da «predestinação». (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Rom.9:13). Deus não age caprichosamente. Ver notas sobre este conceito em Rom. 11:32.

Paulo destaca aqui o fato que, tanto no caso de nações como de indivíduos, os conselhos de Deus, a vontade divina, é que determinaram a doação dos dons celestiais e a sua chamada. Isso não foi fixado com base nos méritos humanos. Porém, a história do povo de Israel mostra-nos claramente que os conselhos divinos podem ser rejeitados, repelidos e insultados, de modo a anular ou, pelo menos, adiar o plano divino. Na realidade, esses planos são adiados, mas não neutralizados para sempre. Não obstante, o ato do chamamento dos gentios foi um ato soberano da parte de Deus, fazendo parte de seus conselhos eternos.

«*...da sua vontade...*» A vontade divina é novamente frisada aqui, e neste ponto em conexão com a doação da herança aos remidos. No primeiro versículo deste capítulo a vontade de Deus é associada à chamada de Paulo para o ministério apostólico. A escolha de Deus se alicerça sobre sua vontade. A própria palavra *escolher* subentende o exercício da vontade. (Ver o quarto versículo deste capítulo). A predestinação, pois, é de conformidade com a vontade de Deus, com o seu beneplácito, em consonância com aquilo que lhe é agradável (ver o quinto versículo deste capítulo). Ora, a vontade divina é condicionada pela sabedoria e pela prudência, agindo através dessas qualidades divinas. (Ver o oitavo versículo deste capítulo). O ministério, ou seja, a idéia inteira da restauração universal e da unidade em Cristo, por semelhante modo se fundamenta sobre a vontade de Deus. (Ver o décimo primeiro versículo deste capítulo).

Não somos informados, nas páginas sagradas, como é que a vontade humana reage juntamente com a vontade divina. Mas sabemos que assim acontece, como igualmente sabemos que a vontade de Deus nunca anula ou destrói o livre-arbítrio humano, a despeito de não sabermos explicar como isso pode ser. Deus se utiliza do livre-arbítrio humano, sem anulá-lo. Este versículo não traça distinções sobre as ações divinas, ao tratar o Senhor com nações ou com indivíduos. Antes, dá-nos a impressão que Deus age por igual modo, com um ou com outro. A eleição, pois, é tanto nacional como individual.

12 εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς εἰς ἔπαινον δόξης αὐτοῦ τοὺς προηλπικότας ἐν τῷ Χριστῷ·

1:12: com o fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo;

A palavra «...*nós*...», neste caso, evidentemente se refere aos «cristãos judeus», os quais não tinham vindo a esperar «...*em Cristo*...» apenas recentemente. (Devemos observar que, no original grego, a palavra «Cristo» é precedida pelo artigo definido, isto é, «o Cristo», e isso fala sobre «o Messias»). Os profetas predisseram a vinda do Messias, e a cultura judaica inteira serviu de preparação para o seu advento. Assim sendo, aqueles que «...de antemão...» haviam esperado em Cristo, aguardando o cumprimento da promessa antiga, são agora vistos como indivíduos destinados a redundar em glória especial para o Senhor, porquanto aquela grandiosa promessa agora se cumpria, no caso de descendentes literais de Abraão. Ora, isso importa no cumprimento do pacto abraâmico. (Ver Atos 3:25 e as notas expositivas ali existentes, acerca do «pacto abraâmico»). O apóstolo dos gentios, naturalmente, não queria dizer que os gentios não participam igualmente dessa esperança, mas tão-somente contemplava a promessa em seu aspecto judaico, porquanto os judeus é que de antemão haviam esperado no Messias; e agora, os crentes judeus, desde que Cristo viera ao mundo, o tinham acolhido nos seus corações como realmente deveriam tê-lo feito).

«Devemos pensar aqui em cristãos judeus, e o verbo descreve a esperança messiânica deles 'anterior' ao advento de Cristo». (Vincent, *in loc.*).

Alguns estudiosos pensam que a palavra grega «pro» («antes») se refere a judeus que viviam durante e após o primeiro advento de Cristo, que aguardavam a manifestação do Messias. E isso faria a alusão não envolver todo o povo judaico que viveu antes de Cristo, mas somente aqueles judeus que vieram a conhecer a Jesus Cristo, nos dias de Paulo. O próprio Paulo e os demais apóstolos, que eram todos judeus, foram exemplos disso, juntamente com alguns poucos milhares de outros judeus. Mas há aqueles estudiosos que pensam estar em foco quaisquer crentes, judeus ou gentios, que houve entre os primeiros a se converterem a Cristo, os quais, por isso mesmo, esperavam em Cristo «antes de outros», sobretudo antes dos leitores originais desta epístola. Isso é uma opinião possível, mas não é muito provável.

Não há razão alguma para supormos que a distinção entre judeus e gentios não aparece neste texto senão já no décimo terceiro versículo deste capítulo. Mas evidentemente essa distinção é feita nesse citado versículo. De fato, Efé. 1:12 é posto em contraste com Efé. 1:13. Os judeus confiaram em Cristo antes de todos os outros povos, e isso é historicamente exato. Então é que vieram os gentios a confiar em Cristo (ver o décimo terceiro versículo), em resultado da missão evangelizadora entre os gentios, da qual Paulo foi um dos principais atores.

«...*para louvor da sua glória*...» Comparar essas palavras com o sexto versículo deste capítulo, onde a expressão usada é «para louvor da glória de sua graça». E quanto a isso, consideremos os pontos abaixo:

1. Indica o louvor dado por meio de palavras.

2. Mas está em foco, especialmente, o louvor dado pela vida, pelo próprio ser. Isso é feito a fim de glorificar ao Senhor, sobretudo porque nas almas redimidas se formará a natureza do Filho amado, o qual, acima de todos dá glória a Deus Pai.

3. Isso redundará na glória de Deus, mas também em glória própria, porque a glorificação de Cristo é igualmente a glorificação deles; e o bem-estar dele é também o bem-estar deles.

4. Há também o louvor da magnificência de seu ser em face de suas obras de bondade.

5. Transparece, finalmente, uma clara demonstração de louvor, porquanto todos perceberão os graciosos desígnios da vontade de Deus, e como eles se cumprirão nos homens, como também verão a maneira como esses desígnios foram fomentados em mundos sem fim. Portanto, haverá claro louvor e exibição da bondade de seu ser.

Talvez ao destacar que haverá alguns judeus que redundarão na glória de Deus, Paulo quisesse mostrar que os propósitos divinos, quanto ao povo de Israel, não haviam falhado. E isso ele mostra com amplitude, nos capítulos nono a décimo primeiro da epístola aos Romanos, com muitos detalhes.

«...*sua glória*...» De que maneira?

1. Exaltando a magnificência de sua pessoa;

2. cumprindo seus desígnios e desejos relativos aos homens;

3. completando o plano de redenção traçado em Cristo, que é a porção central do mistério da sua vontade, o que o glorificará e exaltará, devido à sua bondade para com todos os seres;

4. e por servirem eles de meios e instrumentos das obras eternas do Senhor Deus, aquelas que perdurarão por toda a eternidade, os elevadíssimos propósitos que Deus tem para com as coisas, a fim de dar cumprimento ao seu querer, dando um exemplo eterno de sua bondade aos homens.

A glória de Deus consiste do seguinte:

1. Sua bondade para com suas criaturas;

2. sua própria magnificência;

3. a elevadíssima espiritualidade de sua pessoa;

4. sua santidade e seu poder absolutos; e os remidos serão os meios usados para exaltar a Deus, o possuidor dessas qualidades;

5. e sua graça, que torna-o digno dos louvores de todos.

«Nada existe que pertença mais peculiarmente a Deus, ou em que ele mais deseje ser glorificado, do que a sua bondade». (Calvino, *in loc.*).

«Neste ponto, tanto Deus como a sua glória são o objeto do louvor, tal como se vê no décimo quarto versículo deste capítulo». (Braune, *in loc.*).

13 ἐν ᾧ καὶ ὑμεῖς ἀκούσαντες τὸν λόγον τῆς ἀληθείας, τὸ εὐαγγέλιον τῆς σωτηρίας ὑμῶν, ἐν ᾧ καὶ πιστεύσαντες ἐσφραγίσθητε τῷ πνεύματι τῆς ἐπαγγελίας τῷ ἁγίῳ,

13 τὸν λόγον...εὐαγγέλιον Col 1.5 ἐσφραγίσθητε...ἁγίῳ Eph 4.30

13 υμεις] ημ- **AKL** *al et* υμων] ημ- **K** *al*

1:13: no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa,

As palavras «...*também vós*...» significam o seguinte:

1. Aqueles que ouviram o evangelho quando da missão evangelizadora entre os gentios, em contraste com aqueles outros (pertencentes a qualquer raça) que antes disso já haviam aceito a Cristo.

2. Mais provavelmente ainda, estão em foco os gentios que haviam crido em Jesus Cristo, em resultado da missão evangelizadora entre os gentios, em contraste com os judeus (ver o décimo segundo versículo) que tinham ouvido o evangelho antes dessa missão e a aceitaram.

Após a palavra «...*vós*...», alguns estudiosos suprem a palavra «crestes», como se ela tivesse ficado subentendida, pois embora ela não apareça no original grego, é claramente subentendida com base no décimo segundo versículo. Ainda outros eruditos supõem que o verbo subentendido deve ser «estar», o que daria em resultado, «...em quem também vós estais...», como se os mesmos gozassem agora de comunhão mística com Cristo, estando unidos a ele. Finalmente, ainda um terceiro grupo vincula o sujeito com o verbo que aparece mais adiante neste versículo, ou seja, «...fostes selados...» E isso significaria, «...em quem também vós (com um comentário intercalado) fostes selados...» há bons intérpretes que compreendem essa frase como dizemos aqui, nesta terceira possibilidade, e essa é a mais provável das três possibilidades.

«...*palavra da verdade*...» Não está em foco: a. aquilo que vem da verdade; b. nem aquilo que serve de alicerce para a verdade, que seriam verdades parciais; c. e nem a palavra concernente à verdade; mas, mais provavelmente, está aqui em foco uma quarta possibilidade, d. aquilo cujo «conteúdo», é a verdade, o que faria alusão ao evangelho, pois ao evangelho é que essa expressão é posta em aposição. (Comparar com Col. 1:5, onde a expressão ali existente é: «...pela palavra da verdade do evangelho...» Ver também o trecho de João 14:6, quanto à «verdade» que se encontra incorporada na pessoa de Cristo. (Ver as notas expositivas sobre II Tim. 2:5, acerca da «palavra da verdade», que deve ser corretamente manuseada pelos ministros do evangelho, ao ensinarem a outros).

Pelo tempo em que as duas epístolas a Timóteo foram escritas, apesar dessas diversas expressões, citadas no parágrafo acima, provavelmente não se referirem ainda a documentos escritos, é provável que tenham começado a assumir a idéia de um «corpo de verdade», representado na pregação, na tradição oral e em algum documento escrito, incluindo o A.T., por estar perfeitamente incorporado no ensino cristão.

A expressão *a Palavra de Deus* é uma frase que fala sobre a origem dessa palavra, a saber, «o próprio Deus.» (Ver o trecho de Atos 13:46 nessa conexão). Na passagem de I João 1:1 encontramos que essa é a «palavra da vida», por ser esse o seu efeito e resultado. O trecho de Gál. 2:5 fala sobre «a verdade do evangelho», que é uma expressão similar. É possível que Paulo tivesse querido estabelecer o contraste entre essa «verdade» e as «sombras de verdade» do A.T. (conforme Crisóstomo e outros interpretavam), ou entre essa «verdade» e as doutrinas do paganismo. Outros estudiosos pensam perceber igualmente, tal como na epístola aos Colossenses, que temos aqui a «palavra de Deus» em contraste com as idéias «gnósticas», que consistiam da mescla de conceitos judaicos, conceitos das religiões misteriosas dos gregos e conceitos cristãos. O gnosticismo envolvia doutrinas de mediação angelical, que só serviam para degradar o ministério e a posição de Jesus Cristo.

«...*o evangelho da vossa salvação*...» A «palavra da verdade» é um agente salvador. Mas também é as «boas novas», o que fala da redenção do pecado, do livramento da ira de Deus e do juízo, e que nos transforma segundo a própria imagem de Cristo. «...salvação...» é uma palavra muito mais inclusiva do que «perdão de pecados», pensamento esse mencionado e anotado no sétimo versículo deste capítulo. Tem por intuito incluir a totalidade dos propósitos de Deus na redenção humana, em sua santificação, ao ponto dos remidos participarem da própria santidade de Deus Pai, para que não sejam menos santos do que ele, e até mesmo na glorificação deles, para que compartilhem da natureza essencial de Cristo, que é o Cabeça do corpo. (Quanto a notas expositivas completas sobre esse conceito, ver Rom. 8:29. Quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação», ver Heb. 2:3; sobre o «evangelho», ver Rom. 1:16 e Mat. 1:1, onde se discute tanto o sentido como o uso dessa palavra). «Salvação» é termo algumas vezes empregado para aludir à «consumação da obra de Cristo em nós, mediante o arrebatamento de nosso presente estado de fraqueza para aquela gloriosa condição que se assemelha ao seu próprio estado. (Ver Rom. 5:9,10 e Fil. 3:20,21)». (Beare, *in loc.*).

«...*tendo nele também crido*...» Isto é, com a fé salvadora, com a fé evangélica, por obra e influência do Espírito Santo, levando a alma a depender de Jesus Cristo. Do princípio ao fim a «fé» é obra do Espírito de Deus; mas, posto que a sua influência é universal, podendo ser universalmente aplicada, isso garante que todos os homens podem crer.

contanto que assim queiram. E dizemos «contanto que assim queiram» porque a vontade humana pode anular a fé. Toda e qualquer atitude de fé, por conseguinte, deve ser tomada em cooperação do livre-arbítrio humano com a atuação do Espírito de Deus. A fé não consiste de crença intelectual, e nem da «aceitação de algum credo», e nem de crer em determinados fatos acerca da Bíblia e de Cristo. Pelo contrário, é uma confiança que parte da própria alma, em que esta se entrega confiantemente aos braços de Cristo—é uma decisão da alma. (Quanto a notas expositivas completas sobre essa questão, ver Heb. 11:1, onde o tema é sumariado).

«...*fostes selados com o Santo Espírito*...» Várias ações podem ser entendidas por «...*selados*...» Entre os pagãos, os devotos desta ou daquela divindade recebiam uma marca sobre a pele, uma espécie de tatuagem, que assinalava que pertenciam àquela divindade. Era uma espécie de selo. Os judeus consideravam a circuncisão como o selo do pacto abraâmico. Alguns intérpretes consideram o batismo cristão um paralelo neotestamentário da circuncisão, embora o mesmo não deixe no indivíduo qualquer marca física. Essa idéia é confirmada em Col. 2:11,12, embora isso não signifique que o batismo é aqui aludido, mediante a menção do selo. No entanto, alguns acreditam que assim sucede. (Com isso se pode comparar o ato da «selagem dos servos de Deus», em suas testas, no trecho de Apo. 7:3-7, que evidentemente era uma espécie de sinal identificador).

Havia outros selos que incluíam cilindros com formas esculpidas, que eram usados para assinar documentos e inscrições, não muito diferentes dos «carimbos» da atualidade. Além disso, havia os selos de cera e de metal, que eram colocados sobre documentos, a fim de «mantê-los fechados», a fim de que pudessem ser abertos somente por quem de direito. Além disso, os documentos oficiais eram «marcados» com selos de várias espécies, a fim de mostrar a «autoridade» daquele que os selos representavam. No presente versículo, a idéia parece ser a de «fazer uma marca», a fim de identificar a posse. Pertencemos a Cristo; portanto, temos o seu «sinal» de identificação.

Não dispomos de meios para dizer se o «batismo» deve ser considerado ou não como o símbolo «externo» dessa selagem espiritual. Seja como for, o «selo espiritual» é o tema verdadeiro do presente versículo. O Espírito Santo, mediante a sua presença no íntimo e o seu ministério, *identifica* certos indivíduos como pertencentes a Cristo; e ele mesmo é a garantia dessa posse, porquanto a ele pertence a «autoridade» do selo. Em um documento qualquer, o selo emprestava validade às condições do mesmo. Para o crente, pois, o Espírito Santo é quem serve de «garantia», assegurando-nos que as promessas da nova aliança, contidas no evangelho, serão cumpridas. (Quanto a outras notas expositivas sobre a questão do «selo», além daquilo que é dito nas notas expositivas sobre este versículo, ver Rom. 4:11; 15:28 e, especialmente, II Cor. 1:22. Quanto a esta última referência, observar que o Espírito Santo também aparece ali como a «parcela» inicial de tudo quanto é nosso em Cristo Jesus. Ver também Rom. 8:1 quanto a notas expositivas sobre o «Espírito de Deus», onde aparecem os muitos títulos que o N.T. lhe confere. E, finalmente, comparar isso com os «estigmas de Cristo», nas notas expositivas sobre Gál. 6:17).

«...*Santo Espírito da promessa*...» Esse é um dos títulos dados ao Espírito de Deus. (Ver também João 14:17 e as notas expositivas a respeito, em conexão com os seus muitos títulos; ver João 14:17,26 acerca do Espírito Santo como o «mestre da verdade» e como o «Espírito da verdade»). No versículo que ora comentamos, o fato que o Espírito Santo é o «Espírito da promessa», tem os sentidos seguintes:

1. Ele é o Espírito mencionado na promessa feita por Jesus Cristo, o Consolador, conforme se lê em João 14:16, onde o Senhor Jesus nos promete a vinda e a presença do «divino paracleto». Nessa mesma referência aparecem várias declarações de Jesus sobre o «divino paracleto». (Ver Atos 2:16 e ss.; João 2:28; Zac. 12:10; Isa. 32:15; 44:3; João 7:39; Atos 1:4-8 e Gál. 3:14).

2. Ele é o Espírito que «anuncia» todas as promessas que temos em Cristo; e é ele também quem as cumpre, conforme alguns eruditos compreendem esta passagem.

Dessas duas possibilidades, a mais provável é a primeira. Até mesmo o A.T. anunciava a vinda do Espírito Santo. Cristo a confirmou. Então ele se tornou o «alter ego» de Cristo, quando o Senhor Jesus foi assunto aos céus, passando a cumprir a mesma missão que Cristo cumpria e fazendo derivar toda a glória em sua direção. Nesse ofício, o Espírito Santo também dá cumprimento a todas as promessas que nos têm sido feitas em Cristo.

Variante Textual: A palavra «...nós...», ao invés de «vós», conforme lemos neste versículo, aparece nos mss AKL, Aleph(3), e nos mss latinos e,f,g,k,n e o. Porém, «...vós...» é a variante melhor confirmada, pois figura nos mss Aleph, BD e nos mais antigo de todos os manuscritos que dispomos, dos escritos de Paulo, isto é, P(46). As palavras «...vossa salvação...» também são alteradas para «...nossa salvação...», no ms K e em alguns poucos outros. Mas «vós» e «vossa» representam a forma correta, assim estabelecendo o contraste entre os crentes gentios e os crentes judeus, os quais confiaram em Cristo «antes» daqueles outros. (Ver o décimo segundo versículo).

14 ὅς[2] ἐστιν ἀρραβὼν τῆς κληρονομίας ἡμῶν,[a] εἰς ἀπολύτρωσιν τῆς περιποιήσεως, εἰς ἔπαινον τῆς δόξης αὐτοῦ.

[2] **14** {C} ὅς ℵ D[gr] K Ψ 33 88 330 436 451 614 629 630 1241 1984 1985 2127 2492 *Byz Lect* it[ar,c,dem,f,r1,x,z] vg (syr[p,h]) goth Victorinus-Rome Didymus[gr,lat] Chrysostom[comm] Theodoret John-Damascus Photius[acc. to Ps-Oecumenius] Ps-Oecumenius Theophylact // ὅ 𝔓[46] A B G P 81 104 181 326 1739 1877 1881 1962 2495 it[d,e,g] Origen Athanasius[gr,lat] Ephraem Didymus Chrysostom[txt] Cyril

[a] **14** *d* minor: TR WH Nes AV[ed] RV ASV NEB Seg // *d* none: Bov BF[2] AV[ed] RSV (TT) Zür Luth Jer

14 ὅς...κληρονομίας ἡμῶν 2 Cor 1:22; 5.5

É difícil decidir se copistas alteraram ὅς para ὅ a fim de fazê-la concordar com o gênero de πνεῦμα, ou se ὅ tornou-se ὅς —por atração ao gênero do ἀρραβών, que se segue, conforme a expressão idiomática comum. Com base no que foi tido como confirmação externa superior, a maioria da comissão preferiu a forma ὅ.

1:14: o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória.

As palavras «...*o penhor da nossa herança*...» devem ser comparadas com o trecho de II Cor. 1:22, onde o Espírito Santo também é chamado de «penhor». (Notas expositivas completas são dadas ali sobre essa questão. Ver igualmente II Cor. 5:5). O fato que o Espírito do Senhor está conosco, influenciando-nos e habitando em nós, em consonância com a promessa que nos foi feita, de que ele se ocuparia dessa missão, serve de «parcela inicial» de todas as nossas bênçãos futuras, numa espécie de «primeira prestação» ou «garantia» de que o contrato da fé será completamente cumprido, e que todas as suas provisões serão satisfeitas. Dessa maneira, uma «completa salvação» é garantida por aquela «parcela» que já nos foi dada, na pessoa do Espírito Santo.

«Aquilo que o Espírito Santo promete conferir-nos no futuro, na eternidade, é indicado pelo genitivo, '...*da nossa herança*...' Essa herança, que é conseqüência necessária da nossa filiação (ver Rom. 8:17 e Gál. 4:7), é uma herança eterna (ver Gál. 3:18 e Heb. 9:15; comparar com o quinto versículo deste capítulo e com Col. 3:24). Dessa forma, pois, os crentes obtêm a certeza que eles são herdeiros de uma herança celestial e eterna, não mediante a 'realidade presente da possessão', não de uma vez, em sua total extensão, e, sim, mediante um 'penhor'. A palavra '...nossa...' inclui o próprio apóstolo, os seus leitores e o cristianismo inteiro (ver I Cor. 2:12), porque se encontra no fim do parágrafo, e não apenas os judeus e os gentios cristãos». (Braune, *in loc.*).

«...*herança*...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «herança cristã», ver Rom. 8:17). Pode-se observar que muitos temas paulinos que aqui figuram já foram encontrados e comentados em outros escritos paulinos; e assim, nos comentários sobre esta epístola aos Efésios, tão-somente aludimos a essas outras notas expositivas. Para pleno benefício do leitor, porém, essas outras notas expositivas devem ser examinadas, pois, com freqüência, elas são mais completas e de superior qualidade do que as breves exposições que acompanham a sua reiteração neste livro. Os temas, na epístola aos Efésios, que lhe são peculiares e distintivos, são amplamente comentados nestas notas expositivas.

As questões básicas: É verdade que grande parte do cristianismo consiste de «esperança futura»; mas nisso não há mal algum. Todas as reformas e teorias políticas dos homens, que procuram alguma espécie de utopia terrena, deixam sem solução alguns dos problemas mais vexatórios com que se defrontam os homens. Por exemplo, que se pode dizer sobre a «morte física», o mais revoltante, óbvio e sério de todos os problemas humanos? Nenhum sistema político pode fazer qualquer coisa a respeito; e, no entanto, qual outro assunto é mais importante para o homem do que esse? No entanto, a teologia paulina *transcende* a meros problemas terrenos, como o da morte física, e aborda questões sobre o verdadeiro destino humano, o que reduz a morte física a apenas uma transição para uma fase mais feliz e mais elevada da existência.

Os princípios éticos de Paulo, referentes à vida cristã terrena, tendem por *solucionar* a maior parte dos problemas políticos que surgem nesta existência «terrena»; mas, ao mesmo tempo, servem de degraus para o «destino celeste», que transcende ao que é terreno. A ciência política, juntamente com outras ciências, tende por esquecer-se das «verdadeiras dimensões» do ser humano, concentrando-se apenas naquela porção menos importante do homem, a parte física. Em contraste com isso, a doutrina de Paulo é boa tanto para esta vida como para a outra. Posto que o homem especula incuravelmente sobre a «outra fase da existência», a doutrina paulina jamais poderá perder seu poder e interesse.

«...*até ao resgate da sua propriedade*...» Esta questão também ficará melhor compreendida se for desdobrada em alguns pontos, conforme mostramos abaixo:

1. Até ao *resgate* daquilo que agora possuímos, em forma de «parcela» inicial. Ou então, conforme diz a tradução inglesa RSV, aqui vertida para o português, «até adquirirmos a possessão da herança». Enquanto desfrutarmos apenas do «prelúdio» da nossa possessão ou herança, a «parcela» inicial da presença e do testemunho do Espírito Santo, que age a fim de capacitar-nos para entrar nessa possessão, transformando-nos em seres dotados de espiritualidade suficiente, estaremos em atitude de expectação.

2. Ao invés da «obtenção» da possessão, o sentido dessa frase pode ser expresso por «até a redenção que é caracterizada pela herança tiver lugar». Nesse caso, a «redenção» seria exatamente a doutrina neotestamentária que tem esse nome, e que tem tanto um aspecto passado como um aspecto futuro. Fomos «redimidos», mediante o perdão dos pecados, fomos «comprados de volta», fomos «libertados». Esse é o tema do sétimo versículo do presente capítulo. Mas também há um aspecto futuro da redenção, quando nos for dado o «corpo ressurrecto» que será o veículo celestial da alma remida, quando entrarmos na posse total da nossa herança, o que é o

tema de Rom. 8:23.

O genitivo, aqui expresso por «...resgate da sua propriedade...», por conseguinte, parece qualificar aqui a idéia da «redenção». Tratar-se-ia daquela redenção futura, que será caracterizada pelo fato que entraremos na posse completa da nossa herança. Ambos os sentidos, expostos acima, expressam doutrinas neotestamentárias. E a primeira dessas posições é a que provavelmente expressa o que quer dizer o presente texto. (Ver os trechos de Rom. 3:24 e I Cor. 1:30 quanto a notas expositivas mais completas sobre o tema da «redenção»).

Contudo, existem excelentes intérpretes que insistem que a segunda dessas posições é a que está com a razão. Por isso é que comentou Abbott (*in loc.*), a respeito: «A redenção completa nos fará entrar na nossa possessão». No entanto, o sentido dessa declaração parece ser, simplesmente, que a «possessão», por enquanto é conhecida e desfrutada apenas em parte. Mas que no futuro haveremos de entrar na «possessão» completa de nossa herança. Essa «obtenção», pois, é aqui indicada pelo vocábulo *resgate*, ou seja, a nossa possessão, finalmente, nos será inteiramente entregue; e assim os crentes possuirão verdadeiramente a sua possessão. Dessa maneira, a doutrina formal da redenção não é aludida aqui, embora essa expressão mui naturalmente inclua aquilo que está envolvido nessa doutrina da «redenção».

«...*sua propriedade...*» A forma verbal do termo grego empregado aqui, «peripoiein», significa «causar permanecer», «preservar em vida», «salvar». Na voz média ou reflexiva indica «adquirir para si mesmo». (Ver Atos 20:28). Na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada em cerca de 200 A.C.), no livro de II Crônicas, o substantivo «peripoiesis» indica «sobrevivência». Esse vocábulo é usado em Heb. 10:39 para indicar a «salvação» da alma. A idéia de «obter» ou «obtenção» é a que aparece em I Tes. 5:9 e II Tes. 2:14. Daí é que se derivou a noção de «possuir», de «possessão», de «propriedade». A passagem de I Ped. 2:9 inclui essa palavra dentro da frase «...povo de propriedade exclusiva de Deus...» Os intérpretes parecem concordar que a idéia de «possessão» é o sentido que temos aqui. Mas alguns opinam que 1. Está aqui em foco a possessão ou herança de Deus, nos santos; ao passo que outros asseguram que 2. Devemos pensar na herança ou possessão dos próprios santos. Ambas essas posições refletem doutrinas verdadeiras, mas o presente contexto indica que é a herança dos próprios santos que está em foco, ao passo que o trecho de I Ped. 2:9 enfatiza a idéia da possessão de Deus.

Portanto, o ensinamento deste versículo é que o dom do Espírito Santo é a «parcela» inicial da eventual possessão total de nossa herança, quando então seremos co-herdeiros com Cristo, sendo tudo quanto ele é e possuindo tudo quanto ele possui. Ora, essa é uma doutrina realmente profunda, que nos deixa admiradíssimos. O que mais poderia ser prometido aos homens além disso?

«...*em louvor da sua glória...*» (Ver o décimo segundo versículo deste capítulo, onde a mesma idéia é exposta com um fraseado levemente diverso. A glória de Deus significa 1. sua pessoa magnificente e 2. sua bondade, que é tão amplamente ilustrada na redenção e na glorificação humanas.

Assim sendo, haveremos de «louvar» ao nosso Deus e Senhor com «nossas palavras», mas, ao mesmo tempo, com «nossos próprios seres», cuja existência e manifestação engrandecerá a bondade divina, pelos seguintes motivos: a. porque seremos ilustrações vivas do que Deus tem feito em favor do ser humano; e b. porque seremos instrumentos eternos a serviço do bem, sob o controle de Deus, por todas as eras da eternidade. A selagem do Espírito, a possessão final da nossa herança, garantem que esse louvor à glória de Deus se tornará uma realidade. Por isso mesmo é que Vincent (*in loc.*) comenta: «Fomos selados visando o louvor da glória divina; o propósito de Deus diz respeito a ele mesmo».

O «...*louvor...*» envolve a idéia de «tornar conhecido». Nossas palavras de louvor e nossa vida transformada terão essa função.

«...*sua glória...*» Comenta John Gill (*in loc.*), a respeito: «...está em foco a glória de Deus Pai, por quem os santos foram escolhidos e predestinados (ver o sexto versículo), mas também a glória de Deus Filho, por meio de quem os santos foram remidos, e em quem obtêm eles a herança, no qual também confiam (ver o décimo segundo versículo); e, finalmente, a glória de Deus Espírito Santo, por intermédio de quem os santos são selados, servindo ele de penhor do fato que compartilharão da glória, na salvação dos eleitos, tanto do Espírito como das outras duas pessoas (da Trindade), a fim de que os homens engrandeçam ao Senhor Deus dessas maneiras».

I. *Secção Doutrinária: Os Elevados Propósitos de Deus quanto ao Destino Humano* (Efé. 1:1- 3:21).

4. Oração em prol da iluminação dos crentes (1:15-23).

O louvor de Paulo transmuta-se agora em uma oração. Seus pensamentos acerca do elevado destino dos homens, em sua herança celeste, levaram-no a refletir o tempo suficiente para oferecer a belíssima e profunda oração, em favor dos crentes para quem escrevia, que encontramos a partir deste ponto. Esta epístola paulina contém duas dessas orações, a saber, aqui e em Efé. 3:14-21; e em ambas essas passagens encontramos alguns dos pensamentos humanos mais elevados que há sobre as realidades espirituais que já foram postas em forma escrita. Ambas essas passagens referem-se a tema raramente ouvidos em pregações ou ensinos nas igrejas evangélicas, e, mais raramente ainda, experimentados nas vidas dos crentes. O âmago do que deve ser a experiência cristã se encontra nessas duas orações.

Existe aquele andar místico, elevado e santo, no âmbito do Espírito, mediante o que chegamos a conhecer ao Espírito de Deus como amigo e guia, tendo comunhão real com a sua pessoa. Quão acima é isso de meros exercícios religiosos (por melhores e mais úteis que eles sejam). Pois os exercícios do Espírito, se não contarem com a presença do Espírito Santo, passam a ser apenas uma forma de legalismo neotestamentário, em substituição ao legalismo antigo, mas que certamente não é mais eficaz que este. A grande verdade da vida cristã diária é que deve haver relações pessoais e comunhão com Deus, por meio do Espírito Santo. Sem esse aspecto, a fé cristã se transforma em apenas mais uma filosofia intelectual e moral, que dificilmente é superior a outras tantas filosofias.

(Quanto a paralelos deste pensamento, na epístola aos Colossenses, comparar as seguintes passagens: Efé. 1:15-17, com Col. 1:3,4; Efé. 1:18 com Col. 1:27; Efé. 1:21 com Col. 1:16; Efé. 1:22 e ss. com Col. 1:18 e ss.).

Esta segunda divisão principal da epístola aos Efésios, que se estende até ao trecho de Efé. 2:10, apresenta-nos a exposição do pensamento central da epístola, a saber, «a igreja como corpo de Cristo», e que é na igreja que começa a cumprir-se o grandioso propósito da *unidade de todas as coisas em Cristo*, que é «o mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10). No momento, o globo terrestre é o centro dessa atividade tendente à «unidade em Cristo», mas, eventualmente, isso se propagará por toda a criação e a dominará. Os crentes, portanto, deveriam possuir um mais profundo entendimento sobre a vontade e a atividade remidora do Senhor Deus, porquanto os remidos ocupam posição central nesse plano de unidade, já que os filhos de Deus se tornarão os mais elevados dentre todos os seres inteligentes (ver Efé. 1:23), atingindo o próprio nível do Senhor Jesus Cristo. E nada de mais significativo pode ser dito do que isso.

Mas, para que esse plano se concretize em nossa experiência eterna, é necessário que o poder avassalador de Deus intervenha. Deus demonstrou tal poder na experiência de Cristo Jesus, quando este foi ressuscitado dentre os mortos; e o mesmo poder opera em nós, na medida em que o buscarmos e permitirmos que reine em nossas vidas. Portanto, quão grandiosa é a bênção prometida por este texto!

Além disso, há a questão da «iluminação». Não podemos compreender, nem mesmo «intuitivamente», essas tão elevadas doutrinas, a menos que se faça presente a atividade ensinadora do Espírito Santo, que nos mostre a vastidão daquilo que Deus está realizando em nós, mediante Cristo Jesus. A instrução do Espírito é a «iluminação» da alma, o que nos capacita a conhecer e compreender intuitivamente a grandiosidade do nosso destino em Cristo. E é por esse meio que chegamos a compreender a esperança de seu chamamento e as riquezas da glória da herança de Deus nos santos, bem como o poder incomensurável que ele exerce em favor daqueles que crêem. É verdade que esse poder opera lenta e sutilmente; mas está produzindo a mais admirável de todas as realizações divinas, a saber, a duplicação da imagem moral de Cristo em nós, mediante o que chegaremos a ser tudo quanto ele é e a possuir tudo quanto ele possui. Ora, o apóstolo dos gentios orava para que, de alguma maneira, no Espírito Santo, nos tornássemos conscientes dessas coisas, em sua profundidade, altura, largura e imensidade. Essa compreensão iluminada, que nos é espiritualmente conferida, transforma a nossa alma.

«A segunda secção desta epístola é onde o escritor sagrado expressa os seus próprios sentimentos e anelos em relação aos crentes de Éfeso, e onde, ao assim fazê-lo, procura conduzi-los ao mais exaltado conceito, tanto da própria supremacia de Cristo como da grandiosidade daquilo que é a sua igreja, da qual aqueles crentes eram membros. E as maravilhas da graça divina, segundo Paulo lhes disse, deram-lhe motivos para ações de graças insistentes. Porém, essas ações de graça também o impeliram a orar em favor deles. Percebendo o que já haviam obtido na vida cristã, conforme tinham sido conduzidos pela maravilhosa graça divina, especialmente no campo da fé e do amor fraternal, a oração do apóstolo dos gentios foi que pudessem

crescer mais e mais nessas virtudes cristãs, e, especialmente, que lhes fosse proporcionado um mais amplo discernimento quanto à esperança que se origina da chamada cristã, da herança que nos está reservada, do presente poder de Cristo, que serve de garantia por tudo quanto possuímos e aguardamos». (Salmond, *in loc.*).

15 Διὰ τοῦτο κἀγώ, ἀκούσας τὴν καθ' ὑμᾶς πίστιν ἐν τῷ κυρίῳ Ἰησοῦ καὶ τὴν ἀγάπην τὴν εἰς πάντας τοὺς ἁγίους[3],

[3] 15 {B} καὶ τὴν ἀγάπην τὴν εἰς πάντας τοὺς ἁγίους *see* Col 1.4 ℵ[c] D[c] (D* G *omit second* τήν) K Ψ 88 330 451 614 629 630 1241 1877 1962 1984 1985 2492 2495 *Byz Lect* it[ar,c,d,dem,e,f,g,r1,x,z] vg syr[p,h] cop[sa,bo(mss)] goth arm. Ambrosiaster Victorinus-Rome Ephraem Chrysostom Theodore[1st] Augustine Theodoret John-Damascus // καὶ τὴν ἀγάπην τῆς κοινωνίας αὐτοῦ τὴν εἰς πάντας τοὺς ἁγίους 1S1 // καὶ τὴν εἰς πάντας τοὺς ἁγίους ἀγαπην 81 104 326 436 2127 *al* Cyril Euthalius // καὶ τὴν εἰς πάντας τοὺς ἁγίους $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B P 33 1739 1881 cop[bo] Origen Pelagius Jerome Augustine Cyril

15 ἀκούσας...ἁγίους Col 1.4

A forma mais breve καὶ τὴν εἰς πάντας τοὺς ἁγίους ($\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* B P 33 1739 *al*) parece resultar de acidente de cópia, ocasionado por homoeoarcton (τὴν . . . τήν). Se, conforme têm sugerido alguns eruditos, a forma mais breve fosse a original e a adição fosse derivada de Col. 1:4, então as palavras ἣν ἔχετε teriam sido inseridas ao invés do segundo τήν. O rearranjo da seqüência de palavras, para dispensar o segundo τήν (81 104 326 *al*) é claramente uma modificação secundária, como também o é a expansão que há em 181.

1:15: Por isso também eu, tendo ouvido falar da fé que entre vós há no Senhor Jesus e do vosso amor para com todos os santos,

«...*tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor...*» Temos aqui menção acerca da fé evangélica, em Cristo, e não mera crença em qualquer credo doutrinário que porventura sigamos. A fé em Cristo inclui, naturalmente, certas crenças a respeito de sua pessoa; mas a própria fé consiste da entrega da alma às mãos de Cristo Jesus, a confiança que parte da própria alma, o que, na realidade, é o começo da conversão. A conversão se compõe da atitude dupla da fé e do arrependimento, e ambos esses seus aspectos são obra do Espírito Santo. (Ver Gál. 5:22 a respeito da «fé» como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo. Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1. Comparar com o trecho de Gál. 3:26, onde se lê: «...todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus»).

Por mais intensa que seja a *crença* ou profissão verbal e intelectual de qualquer «lista ortodoxa» de doutrinas, isso não pode substituir a fé que se origina na própria alma; pois essas duas coisas não são uma e a mesma coisa. Na fé verdadeira, o indivíduo entrega sua alma eterna a Cristo, a fim de participar do destino prometido aos remidos pelo sangue do Cordeiro. Essa entrega de si mesmo é que recebe o nome de fé, e essa atitude da alma é produzida pelo poder do Espírito Santo.

Nas epístolas aos Gálatas e aos Coríntios, vemos claramente que Paulo tinha como crentes a várias pessoas que se aferravam a doutrinas errôneas, como o «legalismo», aceitando até mesmo a idéia da necessidade da circuncisão para a salvação. Outros crentes exaltavam o tipo filosófico de cristianismo, subestimando o valor da cruz de Cristo. Não obstante, tinham-se convertido, haviam recebido o toque do Espírito Santo, contavam com Cristo como seu Cabeça—tudo em meio à confusão mental sobre determinadas verdades cristãs. Contudo, haviam sido assinalados como pertencentes a Cristo, e, assim sendo, haviam recebido o penhor do Espírito. Nenhuma pessoa ou denominação é o depositário exclusivo da verdade divina; e a lembrança desse fato nos ajudará a não nos entregarmos tão prontamente à crítica contra os nossos semelhantes, por terem opiniões diferentes das nossas. O *grande teste*, entretanto, é: Esta pessoa já recebeu o toque conversor do Espírito Santo? Tem ela a Cristo Jesus como seu *Cabeça*?

«...*tendo ouvido...*» Alguns estudiosos vêem nestas palavras uma declaração indireta de que o autor sagrado não era pessoalmente conhecido por aqueles para quem escrevera esta epístola. De acordo com essa e outras considerações, é impossível que os crentes de «Éfeso» tenham sido os destinatários desta epístola. (Ver a introdução ao comentário sobre esta epístola, sob o título «Para quem foi escrita». Ver também as notas textuais sobre «Éfeso», em Efé. 1:1, palavra essa que não faz parte autêntica desta epístola). Se Paulo houvesse apenas «ouvido» acerca da fé que aqueles tinham em Cristo, dificilmente poderia ele ter passado nada menos de três anos entre eles, antes de haver-lhes escrito esta missiva. Não há qualquer saudação pessoal em toda esta epístola. No entanto, em todas as epístolas de Paulo, quando escrevia para uma comunidade cristã entre a qual já havia ministrado, sempre saudou a muitas pessoas da mesma. Seria possível que o apóstolo dos gentios pudesse ter escrito para uma comunidade com quem estivera por quase três anos, sem agora saudar pessoalmente a qualquer membro dessa comunidade? Acreditar em tal possibilidade é submeter a fé a uma grande prova.

Alguns intérpretes opinam que o «ouvir» aqui mencionado envolvia tão-somente os «acontecimentos mais recentes, ocorridos na comunidade» para a qual Paulo escrevia; mas isso é apenas um subterfúgio para evitar a dificuldade de determinar o «destino» desta epístola, não refletindo um exame honesto do problema. Todavia, ainda que esse verbo quisesse dizer isso, nada seria comprovado contra ou a favor de «Éfeso» como destino desta carta. (Comparar com Col. 1:4, onde é utilizada quase a mesma expressão, acerca de pessoas que Paulo não conhecia de antemão. Entretanto, o trecho de File. 5 encerra expressão similar, ainda que, nesse caso, Filemom tenha sido um dos convertidos sob o ministério de Paulo. Não obstante, há outras indicações que mostram que, nesta epístola, Paulo escrevia para pessoas às quais não conhecia pessoalmente; e essa é a explicação mais provável para o presente versículo).

«...*por isso...*» Ou seja, «por essa causa», isto é, em face do fato dos crentes efésios haverem sido selados pelo Espírito, e devido ao fato de possuírem o tão glorioso destino que Paulo descreve nos versículos treze e catorze deste capítulo. É como se ele houvesse escrito: «Por essa causa, agora oro e imploro que sejais iluminados no tocante à essa herança». Naturalmente, a porção anterior desta epístola está em foco, a saber, os versículos terceiro a décimo quarto deste capítulo.

Variante Textual: As palavras «...*o amor...*» são uma adição de manuscritos posteriores, como Aleph(3), DEFGKL, seguidos pelas traduções AA, AC, ASV, BR, NE, F, M, KJ, RSV, WY. A tradução inglesa RSV tem uma nota de rodapé que diz, «...outros manuscritos antigos omitem as palavras 'e vosso amor'». Por outro lado, essas palavras são omitidas pelos manuscritos mais antigos e dignos de confiança, como P(46), Aleph(1), ABP, 1739 e alguns poucos outros. A idéia do «amor» mui provavelmente foi acrescentada como uma espécie de «harmonia» com a expressão paralela de Col. 1:4. Não há razão alguma pela qual a omissão teria ocorrido, se a palavra «amor» fizesse parte genuína do texto. Porém, sua adição torna o texto mais fluente. Poder-se-ia indagar, por exemplo, o que é a «fé em todos os santos», pois, sem «amor», essa passagem faz a fé dirigir-se tanto para o Senhor Jesus Cristo como para os santos. Naturalmente, nada há de errado na menção da confiança mútua entre os crentes, o que seria a «solidariedade no seio da igreja cristã»; mas isso parece um tanto fora de lugar, paralelamente à fé evangélica em Cristo Jesus. Por causa dessa estranheza, pois, é que escribas adicionaram as palavras «o amor», para que a passagem parecesse mais natural, ao mesmo tempo que entrasse em harmonia com Col. 1:4. Por conseguinte, temos aqui uma modificação do texto mais difícil para o mais fácil (uma ocorrência comum, que produziu muitas variantes no texto sagrado), além de constituir isso uma harmonização (o que também serviu de fonte comum de variantes, sobretudo nos evangelhos e nas epístolas aos Efésios e aos Colossenses, onde tanto material «similar» é apresentado).

A «fé em outros» fala de confiança mútua, de solidariedade na comunidade cristã e da confiança em Cristo. Essa fé flui de Cristo para nossos semelhantes que também pertencem a ele. Mas também pode estar em destaque a «fé» como um agente ativo, que produz fruto na comunidade cristã. (Quanto a notas expositivas sobre o «amor mútuo, no seio da família de Deus», que é um grande tema neotestamentário, ainda que isso não seja mencionado no presente versículo, ver os trechos de João 14:21 e 15:10). O amor é a «força normativa» da família de Deus.

«...*Senhor Jesus...*» (Quanto ao título completo de Cristo, «Senhor Jesus Cristo», e quanto ao «senhorio de Cristo», em notas expositivas, ver Rom. 1:4).

16 οὐ παύομαι εὐχαριστῶν ὑπὲρ ὑμῶν μνείαν ποιούμενος ἐπὶ τῶν προσευχῶν μου,

16 εὐχαριστῶν...μου Col 1.3; 1 Th 1.2

1:16: não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações,

«...*não cesso...*» Percebe-se aqui a importância da oração, no exemplo dado por Paulo. Diz a passagem de Tia. 5:16: «Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo». (Ver o trecho de Efé. 6:18, onde há a nota de sumário acerca da «oração». Ver notas adicionais a respeito em João 14:13. Quanto à questão que não devemos «cessar de orar», ver a expressão «Orai sem cessar», em I Tes. 5:17, e as notas expositivas ali existentes. Quanto à oração constante, vinculada à idéia de uma solicitação contínua, sem descanso, ver também os trechos de Atos 12:5; Rom. 1:9; I Tes. 1:3; 2:13 e II Tim. 1:3). Pode-se ver, pois, que nos escritos de Paulo é comum a idéia da oração incessante. Ora, tal forma de oração tem como base a posição «teísta». O «teísmo» é contrastado como o «deísmo». O primeiro ensina que Deus não somente criou o homem, mas está igualmente interessado nos negócios e no destino dos homens, recompensando e punindo, e também alternando o curso das atividades humanas. Só o deísmo supõe que apesar de ter havido alguma espécie de força divina criadora, essa força se «divorciou» do seu universo, deixando as «leis naturais» em seu lugar. Assim, pois, segundo o deísmo, a divindade não dirigiria pessoalmente e nem alteraria o curso dos negócios humanos, não se interessando por punir ou recompensar aos homens. Mas o apóstolo Paulo exibe aqui uma fé «teísta». (Quanto a notas expositivas completas sobre os vários conceitos referentes «ao ser e às atividades de Deus, no que diz respeito aos homens», ver Atos 17:27. Nesse comentário são apresentados os pontos de vista filosófico e teológico sobre a pessoa de Deus e sua natureza, e, por conseguinte, também sobre sua atitude em geral para com os homens).

«...*dar graças por vós...*» A oração contínua de Paulo se caracterizava pela ação de graças, pois reconhecia a grandiosa obra de redenção que o Espírito Santo operara entre eles. Paulo não tinha «ciúmes ministeriais-profissionais» embora essa operação não tivesse sido feita mediante os seus

próprios labores. Pelo contrário, sentia-se feliz por ver a operação de Deus em qualquer lugar, e através de qualquer instrumento que o Senhor escolhesse.

«...*fazendo menção de vós...*» Temos aqui a mesma expressão encontrada em Rom. 1:9; Fil. 1:4 e File. 4. O termo grego «mneia», significa «lembrança», «memória», «menção». Isso significa que Paulo proferia palavras de oração que continham pedidos específicos por aqueles que eram o alvo de suas orações. Trata-se de uma grande gentileza, mas, ao mesmo tempo, é dever dos crentes orarem uns pelos outros.

Qual o valor de sermos relembrados? Comenta Wedel (*in loc.*): «...o maior corretivo para a oração egoísta é a oração intercessória. Geralmente não nos inclinamos muito pelo bem dos nossos semelhantes, pelo menos quando nos dirigimos a Deus, o que fomenta meramente a nossa própria felicidade isolada. Acima de tudo, isso se verifica sobretudo nas memórias gratas, conforme nosso texto descreve. O N.T. descreve a igreja como uma sociedade unida por meio da oração, em que todos oram por cada qual, e cada qual ora por todos. O que não deve ter significado para tantas pessoas humildes entrarem em uma comunidade onde era diariamente relembrado por um grande grupo de colegas crentes, pelo grande Paulo, que fundara sua congregação, por crentes nas distantes cidades de Roma ou Antioquia! Uma força coletiva, que é incomparável, se deriva das orações intercessórias dos crentes uns pelos outros. Todos nós temos sede de ser lembrados pelos outros, para escaparmos da solidão da sorte humana. Os homens constroem túmulos majestosos e pirâmides gigantescas a fim de serem relembrados após a morte. A igreja cristã é uma comunidade de memória mútua, em que a lembrança pelos outros faz parte da própria vida da igreja. Ora, essa intercessão mútua nada nos custa. Assim lembramo-nos gratuitamente tanto dos crentes mais humildes como dos crentes maiores. Sermos lembrados pelos outros crentes é uma das recompensas do cristianismo».

«Quase todas as epístolas de Paulo são iniciadas por essa união de ação de graças e oração, o que, na realidade, caracteriza a correta harmonia de toda a adoração cristã. (Ver os trechos de Rom. 1:8,9; Fil. 1:3,4; Col. 1:3,4; I Tes. 1:2,3; II Tim. 1:3 e File. 4)... Na epístola paralela aos Colossenses (ver Col. 1:3-13), que não tem prefácio paralelo de ação de graças, ambos os elementos são coordenados, havendo, talvez, leve predominância da ação de graças». (Barry, *in loc.*).

«...*de vós...*» Palavras ligadas a «por vós», que aparecem imediatamente antes. É provável que esteja em foco a ação de graças em geral pelos crentes efésios, como também pedidos gerais em favor deles, e não meramente no que tange à «fé» e ao «amor» deles, conforme pensam alguns intérpretes. No entanto, essas palavras, «...de vós...», são omitidas pelos mss P(46), Aleph, ABD, embora apareçam nos mss D(3)EKLP e na tradição dos manuscritos bizantinos posteriores, em geral. Na realidade, essas palavras devem ser omitidas. Foram acrescentadas para esclarecer o sentido, e serve para essa função. Era «deles» que Paulo se lembrava. No entanto, as palavras anteriores, «por vós», aparecem na maioria dos manuscritos antigos, sendo palavras que fazem parte genuína do texto sagrado. Por conseguinte, Paulo não cessava de dar graças a Deus por eles, relembrando-os (subentendido) em suas orações.

17 ἵνα ὁ θεὸς τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ πατὴρ τῆς δόξης, δώῃ ὑμῖν πνεῦμα σοφίας καὶ ἀποκαλύψεως ἐν ἐπιγνώσει αὐτοῦ,

17 Col 1.9–10 πνεῦμα σοφίας Is 11.2; Wsd 7.7

1:17: para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele;

As palavras «...o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo...» devem ser comparadas com o trecho de Efé. 1:3, que diz: «...o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo...» (Quanto ao título completo, «Deus e Pai», ver as notas expositivas tanto sobre o terceiro versículo deste capítulo como sobre Rom. 15:6). Esse título se reveste de significação especial na presente epístola aos Efésios, embora não se circunscreva à mesma, porquanto aqui, mais do que em qualquer outro livro do N.T., é enfatizada a filiação dos crentes, e isso em associação ao Filho de Deus. Outrossim, as bênçãos divinas procedem de Deus, como Pai; e faz parte dos elevadíssimos propósitos de Deus Pai duplicar a imagem de seu *Filho amado* nos remidos, pois todas as bênçãos celestiais têm algo a ver com isso, visto termos sido aceitos «no Amado» (ver o sexto versículo deste mesmo capítulo).

Neste ponto o título se limita a «Deus de nosso Senhor Jesus Cristo»; porém, logo mais adiante ele menciona o fato que Deus é o «...Pai da glória...» (Ver Rom. 1:4 quanto a notas expositivas sobre o título «Senhor Jesus Cristo», onde o conceito do «senhorio de Cristo», é anotado igualmente).

O Deus de nosso Senhor, Jesus Cristo: O Senhor Jesus chamava o Pai de «...*meu Deus...*» (João 20:17), dirigindo a ele as suas orações pessoais. (Ver Luc. 10:21; Mat. 11:25 e a totalidade do décimo sétimo capítulo do evangelho de João). O Pai era o Deus de Jesus, desde que o Filho tomou sobre si mesmo a forma humana. Na Trindade divina há plena igualdade; mas na missão que Cristo tomou sobre si, embora fosse ele o Deus-homem, tomou uma posição de subordinação. A passagem de Fil. 2:6-8 é perfeitamente clara com relação a isso. Todavia, essa subordinação não está relacionada apenas à sua missão terrena; pois até mesmo em seu estado celeste, em que ele é o Senhor de tudo, está ele em subordinação ao Pai, já que se identificou aos homens remidos como seus irmãos. (O trecho de I Cor. 15:28 deixa tudo isso bem claro, asseverando que quando todas as coisas finalmente estiverem sujeitas a Deus, por intermédio do ministério universal do Filho de Deus, então o próprio Filho se sujeitará «...àquele que todas as cousas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos»).

Mas nada disso interfere na posição do *Filho* como membro da Trindade. (Ver as notas expositivas acerca de I João 5:7).

A idéia que Deus seja «tudo em todos» é tão-somente outra alusão ao «Deus tríuno», e não apenas a Deus Pai em particular (em I Cor 15:28) não é convincente. Seja como for, a sujeição do Filho ao Pai foi *voluntária*, tendo sido efetuada para benefício dos homens; e isso ilustra altamente o seu amor por nós. Um outro pensamento que nos deixa assombrados é que essa sujeição voluntária foi efetuada para toda a eternidade, porquanto Cristo se identificou perenemente conosco.

Portanto, Deus Pai é Deus e Pai do Senhor Jesus. O próprio Senhor Jesus disse: «Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus» (João 20:17). Assim sendo, a perfeição e o laço de nossa relação com Deus estão garantidos, tanto porque Deus é nosso Pai como porque Cristo é nosso Irmão. O que Cristo é, isso seremos; o que ele possui, isso finalmente possuiremos. Pertencemos a uma só e mesma família, dotados todos os seus membros da mesma natureza; e participaremos da mesma herança. O simples título subentende isso, embora, em outras passagens bíblicas isso seja claramente ensinado.

O uso desse título, pelos arianos do passado, em seus argumentos contrários à deidade de Cristo, reflete uma exegese distorcida. Precisamos considerar por qual motivo o Pai é denominado de o Deus de Cristo. É que isso resulta da sua missão e identificação com os homens, e, por sua vez, da identificação dos remidos com ele. Cristo continua divino, embora a sua posição seja a de subordinação a Deus Pai, e isso por decreto divino, por exigência de sua própria missão terrena, na redenção humana. (Ver Heb. 1:3 sobre a divindade de Cristo).

É a *relação familiar*, frisada nesse título, que garante o cumprimento das solicitações que estavam prestes a ser feitas pelo apóstolo. (Ver o paralelo desta passagem em Col. 1:9).

«...*o Pai da glória...*» Essas palavras poderiam significar uma das seguintes coisas: 1. O Pai glorioso, se considerarmos que o genitivo é meramente descritivo. Porém, mais provável que essa, são as posições seguintes: 2. A fonte da glória, por ser Deus quem confere glória. 3. Aquele que é glorioso, ou seja, magnificente, em sua própria pessoa. 4. Aquele que se caracteriza por glória indizível e inabordável (ver I Tim. 6:15). 5. Aquele a quem pertence toda a glória e o poder magnificentes, essa é a possibilidade mais forte.

Paulo se referia particularmente à grandiosa majestade de Deus. No entanto, Deus é o nosso Pai, e a sua majestade nos pertence potencialmente, por sermos seus filhos. (Comparar a expressão «Senhor da glória», em I Cor. 2:8, e a expressão «Deus da glória», em Atos 7:2, com o que lemos aqui. Ver também os trechos de Tia. 2:1 e Heb. 9:5 quanto a expressões similares).

Essa «glória» pode referir-se ao *resplendor divino*, ao «shechinah» dos judeus, isto é, à manifestação resplandecente da presença de Deus, conforme se vê comumente nas páginas do A.T. Porém, não podemos limitar o sentido desse vocábulo a esse extremo, embora isso possa ser uma correta inferência do texto, ou, pelo menos, a idéia ajuda a ilustrar a natureza da glória de Deus, no que diz respeito ao homem. Em conexão com esse sentido, examinar a passagem de João 1:14, a qual diz: «...e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai», porquanto ele se manifestou «cheio de graça e de verdade». Por semelhante modo, em Cristo, através do Espírito Santo, somos transformados segundo a própria imagem e natureza de Cristo, «de glória em glória», no dizer de II Cor. 3:18.

«...*espírito de sabedoria...*» Isso poderia significar «o Espírito de sabedoria», referindo-se ao Espírito Santo. No entanto, no original grego, a palavra «espírito» não é acompanhada pelo artigo definido, o que esperaríamos como provável, se o Espírito de Deus estivesse em foco. Nem sempre essa ausência do artigo, porém, significa algo, pois a sua presença não faz o termo «espírito» significar, necessariamente, no grego, o Espírito divino. No original grego, essa palavra nunca aparece grafada com inicial maiúscula; e assim não temos meios de distinguir se está em foco o Espírito Santo, ou um espírito ou atitude qualquer, segundo se verifica na maioria dos idiomas modernos. Mas, como é óbvio, não há maneira de alguém adquirir a sabedoria divina não sendo através da influência do Espírito de Deus, o que também fica subentendido por toda esta oração que pede que os elevados alvos da vida cristã sejam atingidos por meio dele. Finalmente, se é o espírito humano que está aqui em foco, então é esse alto elemento da personalidade humana que está em vista aqui.

A tradução «...*um espírito de sabedoria...*», conforme dizem alguns, dá a idéia de uma simples «disposição» ou «inclinação» para a sabedoria. Mas isso fica muito aquém do sentido verdadeiro dessas palavras. Outrossim, deve significar mais do que um mero «espírito acolhedor» uma «disposição íntima», o desejo de entrar mais profundamente nos mistérios de Deus, que são a sua «sabedoria». O sentido essencial dessas palavras, pois, deve ser o «espírito humano», a porção espiritual do homem, iluminada pelo Espírito Santo, a fim de poder participar da sabedoria divina, e assim ser capaz de compreender a grandiosidade do chamamento e da esperança que temos em Cristo.

O espírito humano iluminado, pois, será possuidor da sabedoria divina. (Com isso pode-se comparar o oitavo versículo deste capítulo, onde a mesma sabedoria é vista como a base de todo o «mistério» da vontade de Deus, que é a restauração de tudo, a unidade universal em Cristo. Ver as notas expositivas ali existentes sobre o significado da «sabedoria»). Esse entendimento espiritual sobre as questões fundamentais, sobre seus sentidos e subentendidos, bem como sobre os alvos futuros, nos é conferido através do Espírito de Deus, fazendo parte da presença habitadora de Deus entre os homens, porquanto tal sabedoria jamais poderá ser fruto da erudição ou intelectualidade humana. A sabedoria sempre ensina aos homens qual a «exigência divina» sobre a vida, mostrando que ela deve ser,

por fim, totalmente entregue às mãos de Deus, porquanto nenhum outro destino é digno da vida. Assim, pois, a sabedoria humana e mundana, que tende por desperdiçar a vida em algo que é muitíssimo inferior, é repreendida aqui. A sabedoria autêntica ensina-nos que Deus não é apenas a fonte, mas é igualmente o alvo de tudo. O «conhecimento» de Deus é o alvo especial e precípuo dessa sabedoria; mas esse conhecimento diz respeito àquilo que se aplica a nós, àquilo que nos transforma, conforme as exigências impostas sobre as nossas almas.

Para maior aproveitamento, o leitor deve examinar a passagem de I Cor. 12:8 e a introdução àquele capítulo, acerca do *dom da sabedoria*. Aqueles que possuem o dom da sabedoria são aqueles que receberam, acima de outros, a resposta a essa oração de Paulo. Fica entendido que os que têm a sabedoria divina são aqueles que possuem discernimento quanto às doutrinas profundas, que têm intimidade com Deus, que sabem como resolver os problemas alheios—tudo isso está incluso nesse dom. (Ver I Cor. 1:30 acerca de Cristo Jesus como «a sabedoria de Deus»). É em Cristo que estão ocultos todos os tesouros «...da sabedoria e do conhecimento...» (Col. 2:3). Assim sendo, quando o Espírito Santo nos ilumina e nos confere sabedoria, ele lança luz sobre a personalidade de Jesus Cristo, em quem podemos conhecer a Deus. Conhecer a Jesus Cristo é conhecer a Deus, conforme também nos ensina a doutrina neotestamentária do «Verbo». (Ver João 1:1,18).

«...e de revelação...»

1. A revelação deste versículo não é aquela de «escrituras» ou documentos escritos. Se realizar uma «terceira revelação», será, sem dúvida, acompanhada por um movimento principal, histórico e espiritual, como a Segunda Vinda de Cristo. As «novas escrituras» de seitas que ganham, durante algumas gerações, poucos milhões de convertidos, não têm uma autoridade convincente. Qualquer nova revelação ganhará a aceitação da igreja universal, não meramente de um fragmento.

2. A revelação deste versículo é uma iluminação especial de verdades espirituais, através do poder e influência interior do Espírito Santo.

3. Pode incluir a expressão dos dons espirituais, tais como aqueles de sabedoria e conhecimento.

4. Mas deve incluir a iluminação sutil e gradual, em todos os crentes, através do Espírito. Mas a revelação transcenderá isto, sem dúvida.

5. O alvo desta revelação é um conhecimento pleno e profundo da pessoa e obras de Deus. Precisamos de um verdadeiro contato com o Espírito, para obter a iluminação que ele nos oferece.

6. O conhecimento e compreensão de Deus não serão principalmente racionais. Serão elementos intuitivos que transformam a vida. Ver II Ped. 1:4.

7. Esta revelação nos dá conhecimento dos mistérios de Deus. Ver João 16:14,15, II Cor. 3:13-18. Todo o conhecimento tem como alvo formar a imagem de Cristo em nós, como a última referência demonstra.

Como é que chegamos a saber das coisas?

1. Chegamos a conhecer as coisas em primeiro lugar, pelos «cinco sentidos», isto é, mediante os sentidos comuns de percepção. Entretanto, essa forma de obtenção de conhecimentos é imensamente limitada, devido à debilidade dos nossos sentidos (menor que a de quase todos os animais); e com freqüência, por isso mesmo, esses sentidos são enganadores.

2. Também chegamos a conhecer as coisas por meio da «razão», porquanto a mente humana foi criada de tal modo que é capaz de conhecer coisas sem o concurso da percepção dos sentidos, mas antes, mediante a pura reflexão. Os valores morais, por exemplo, só podem ser atingidos dessa maneira.

3. Também chegamos a conhecer por «intuição». No homem existe algo que comunga com o que é universal, e que ultrapassa tanto a percepção dos sentidos como a intuição. Trata-se de um «conhecimento imediato» das coisas. Opera no nível da alma, não estando limitado às experiências passadas pelo corpo. Até mesmo os sonhos podem ser intuitivos.

4. Mas a forma mais elevada de conhecimento, aquela necessária para atingirmos a compreensão sobre as realidades divinas, é a *revelação*. Essa pode ser de caráter «oficial», como através de algum «profeta» enviado por Deus (cujas revelações podem ser, posteriormente, concretizadas em «Escrituras»); mas também estão franqueadas a todos os crentes, contanto que andem em um nível espiritual suficientemente elevado.

«...no pleno conhecimento dele...» A tradução «...pleno conhecimento...» é justificada porque, o original grego, apresenta a forma intensificada, com um prefixo preposicional.

Natureza Desse Conhecimento

1. Esse conhecimento, sempre será mediado por intermédio de Cristo, pois ele é o Logos, a revelação e o revelador de Deus (ver João 1:18; ver também I Cor. 1:30).

2. Trata-se do conhecimento sobre o Pai, e assim inclui aquilo que ele faz por nós, na qualidade de nosso Pai. (Ver acerca de nossa herança na qualidade de filhos, em Rom. 8:17).

3. Na qualidade de filhos que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10), chegaremos a desfrutar de íntima associação com o Pai, por meio do Filho; e, quando sua natureza e glória nos forem infundidas (ver Efé. 3:19), então nós mesmos seremos demonstrações vivas do que Deus é e do que ele faz. Veremos Deus espelhado em nós mesmos. O processo da redenção, dá início a esse tipo de conhecimento desde esta vida terrena, mas aqui temos apenas uma manifestação inferior daquilo que, finalmente, florescerá na glória eterna.

4. Todo desenvolvimento espiritual será aquilatado pela extensão em que chegarmos a conhecer a Deus. Conhecemo-lo eticamente (chegando a compartilhar de sua perfeita natureza moral; ver Mat. 5:48); e conhecemo-lo metafisicamente (sendo transformados segundo a imagem de seu Filho; ver notas completas em Rom. 8:29).

5. Esse conhecimento, nos lugares celestiais, terá sua fruição na forma de visão beatífica, o que consistirá não meramente da contemplação de Deus, mas também, de serem os remidos iluminados a fim de participarem de sua natureza e de seus atributos (ver as notas em Efé. 3:19). Isso será mediado por meio do Filho (ver Col. 2:10).

Trata-se de experiência mística: Quão muito mais profundo vai isso do que a máxima corriqueira que diz «Estuda a tua Bíblia e ora!» Precisamos de contacto *real* com o Espírito divino, e é disso que consiste o misticismo. *Sem* esse contacto, os meios de estudo, a contemplação e a erudição intelectual são pobres e fracos demais para converter e santificar a uma alma.

A nós são multiplicadas *«...graça e paz...»* no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor (II Ped. 1:2).

Se pudesses esvaziar-te todo de ti mesmo,
Como uma concha desabitada,
Então Ele poderia achar-te no leito do oceano
E dizer, 'Este não está morto',
Enchendo-te de Si mesmo, ao invés disso.

Mas, estás tão repleto com o teu próprio 'EU',
E tuas atividades são de tal modo astuciosas
Que, ao vir Ele, diz — 'Este é bastante
Para si mesmo; Melhor é deixá-lo como está;
É tão pequeno e cheio que não há espaço para Mim'.

(T.E. Brown, «Indewelling»).

18 πεφωτισμένους τοὺς ὀφθαλμοὺς τῆς καρδίας [ὑμῶν] εἰς τὸ εἰδέναι ὑμᾶς τίς ἐστιν ἡ ἐλπὶς τῆς κλήσεως αὐτοῦ, τίς ὁ πλοῦτος τῆς δόξης τῆς κληρονομίας αὐτοῦ ἐν τοῖς ἁγίοις,

18 ἡ ἐλπὶς...αὐτοῦ Eph 4.4 τῆς κληρονομίας...ἁγίοις Col 1.12

18 καρδιας] (1 Pet. 1. 13) διανοιας 255 pc ς | υμων] om

$\mathfrak{p}^{46}$B 33 1739 arm Mcion | τις 2°] praem και KLP pl vg^{s}, ^{cl} sy bo Or ς

1:18: sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos,

As palavras iniciais deste versículo, «...iluminados os olhos do vosso coração...», referem-se à iluminação prestada pelo Espírito Santo, no espírito humano. Algum contacto divino, que transcenda sentidos, razão e pesquisas, está aqui em foco. Trata-se de um dom de Deus, o dom da consciência iluminada.

Variante Textual: Ao invés de *«...coração...»* aparece o vocábulo «...entendimento...», no ms 255 e em alguns poucos outros manuscritos posteriores, no que são seguidos pelas traduções AC e KJ. (Ver a identificação das traduções usadas neste comentário para efeito de comparação—catorze ao todo, nove em inglês e cinco em português—, na lista de abreviações existente na introdução ao mesmo). O texto correto, entretanto, encontrado em todos os manuscritos unciais, em P(46) e na maioria das versões, é mesmo «coração». A palavra «entendimento» consiste da interpretação de algum escriba sobre o que significaria «coração»; mas sua interpretação foi inadequada.

«...olhos do vosso coração...» Esta expressão significa espiritualmente «discernimento sobre verdades básicas». Esse uso do termo é muito antigo, não estando confinado aos escritores bíblicos. Aristóteles já falava sobre «os olhos da alma». É interessante que, normalmente, os «olhos» eram vinculados à «alma» (psuche) ou à «mente» (nous), na expressão que aqui temos; mas *coração* fala do íntimo, do homem real, do homem espiritual, da alma ou espírito, e não meramente das disposições íntimas, das emoções. O «coração» pode ser reputado como sede da «vontade» e das «emoções», conforme se verifica na literatura universal e no A.T. (E isso pode ser comparado com o trecho de Sal. 51:10,17, onde os vocábulos «coração» e «espírito» são vinculados em paralelismo poético). Assim também, os «limpos de coração» é que verão a Deus (ver Mat. 5:8); e é com o «coração» que o homem crê para a justiça (ver Rom. 10:10). É evidente, portanto, que *«...a iluminação do coração*, neste caso, não é mera acuidade intelectual, e, sim, a invasão de todo o ser íntimo com a luz da verdade divina; é o dom da visão para os espiritualmente cegos; e resulta na apreensão das realidades da graça divina, aplicando-as a nós mesmos». (Beare, *in loc.*).

Paulo quis dar a entender, pois, que a faculdade espiritual do homem, a alma, pode ter olhos, e que esses olhos podem ser iluminados. Trata-se de uma maneira poética de dizer que o homem pode receber a iluminação divina ao nível da alma, mediante o Espírito Santo.

«Esses olhos do coração precisam ser iluminados? Certamente que nada precisa tão urgentemente da luz. A pedagogia científica pode ser inteiramente aturdida por essa tarefa. Às crianças se pode ensinar quase qualquer coisa, se tempo e paciência prevalecerem. Porém, iluminar uma alma obscurecida pelo ódio ou cegada por desejos impuros, isso requer a pedagogia divina. Somente Deus pode dar a um homem um novo coração. Por isso é que a Bíblia está repleta de palavras como renascimento, arrependimento, salvação e graça». (Wedel, *in loc.*).

O dom em questão é o dom especial do 'conhecimento' ou discernimento, o que explica a figura simbólica de 'olhos'. Esse é conhecimento 'espiritual', o que justifica o uso da expressão 'olhos do coração', visto que 'coração', ou seja, 'kardia', significa o 'homem interior', a sede e o centro da vida mental e espiritual, com alusão especial, ocasionalmente, à faculdade da inteligência. (Ver Mat. 13:15; João 12:40;

Atos 28:27; Rom. 1:21; II Cor. 4:6 e Heb. 4:12).

«...*olhos*...» Esses são a luz do corpo, o instrumento da visão, sem o qual uma pessoa permanece em trevas físicas. É palavra metaforicamente usada no presente texto para falar sobre a capacidade que a alma tem de receber iluminação espiritual. O olho algumas vezes é usado como símbolo da inteligência. (Ver Eze. 1:18). A alma é a inteligência ou sede da inteligência do indivíduo; a alma pode ser iluminada, recebendo conhecimento intuitivo ou de revelação, porquanto caracteriza-se pela capacidade de receber esse dom divino. Paulo orava para que isso ocorresse com os crentes a quem escrevia esta epístola. No dizer de Robertson (in loc.): «Uma bela figura, em que o coração é considerado como dotado de olhos, que se fixam na direção de Cristo».

Com isso se pode comparar a expressão de Platão, «os olhos da alma». (ver Sofista, 254). Olhos do «coração» também aparece nos escritos de Ovídio (ver «Metamorfoses», sv. 62-64). E «olhos do entendimento» aparece nos escritos rabínicos, conforme se vê em Zohar sobre Deuteronômio, fol. 119:3; Jetzirah, pág. 22,78. E também nos escritos do rabino Levi ben Gersom, sobre Gênesis, fol. 14:3. Ver igualmente Filo, *De opificio*, Dei, pág. 15.

«...*saberdes qual é a esperança do seu chamamento*...» Um dos motivos dessa «iluminação» é que venhamos a conhecer, profunda e espiritualmente, e não apenas intelectualmente ou como conceito, qual seja a esperança de nossa vocação. Levemos em conta os pontos seguintes: 1. Aquilo pelo que esperamos; ou então 2. O «princípio» da esperança, que nos faz continuar a salvação completa, por ser a esperança que o próprio Deus inspira. (Quanto a notas expositivas sobre o «chamamento dos crentes», ver Rom. 8:30). Esse chamamento é interno e eficaz, levando nossos olhos a se voltarem para Cristo e para a salvação que há nele. Trata-se de uma operação conquistadora e movimentadora do Espírito Santo nos homens, e que opera de conformidade com o decreto divino da eleição. Ver também o trecho de Rom.11:29: «...porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis».

Nossa Chamada

1. Fomos chamados para sermos eleitos, pelo que nossa chamada é eleição (ver as notas em Efé. 1:4).

2. Nossa esperança segreda-nos para buscar aquilo que está reservado para nós nos céus (ver Col. 1:5), isto é, nossa herança como co-herdeiros com o Filho (ver Rom. 8:17).

3. Essa chamada nos conduz à santidade (ver Rom. 1:7 e as respectivas notas expositivas), e a santidade nos leva a Deus (ver Heb. 12:14).

4. O vocábulo «chamada», subentende o labor ativo do Espírito Santo, o qual nos «chamou para fora» dentre os pagãos, para sermos um povo santo. Essa chamada é intitulada «vocação», em algumas traduções, termo esse que dá a entender certa forma de vida, para a qual fomos chamados. Isso se refere à nossa salvação, no aspecto de suas condições, tanto agora quanto na eternidade futura.

«...*qual a riqueza da glória*...» Os versículos décimo primeiro e décimo quarto deste capítulo já têm falado sobre a «herança», e já tivemos ocasião de aprender que essa herança pode ser «do crente» (conferida por Deus), ou então que pode ser «a herança de Deus nos crentes», ou seja «a possessão divina». No décimo quarto versículo é provável que esteja em foco a «herança dos crentes». Mas, no presente versículo, é a «herança de Deus» que é salientada. (Ver o trecho de Rom.8:17 e as notas expositivas ali existentes sobre a «herança do crente»).

Talvez seja difícil imaginarmos o que Deus ganha através da redenção humana, em tão alto grau que a expressão «riquezas da glória» possa ser vinculada à idéia da herança divina. Porém, uma vez que consideramos que a sua herança consiste dos remidos, os quais são seres humanos transformados segundo a imagem do seu Filho amado, a fim de que compartilhem de tudo quanto ele tem, e a fim de que sejam tudo quanto ele é, então podemos começar a compreender como isso pode ser caracterizado por meio de termos que indicam sua riqueza gloriosa. No dizer de Ellicott (in loc.) «...essa expressão tem a função de demonstrar a herança, conforme o seu lado glorioso, e a glória, conforme o seu lado rico». «A glória é a característica essencial da salvação, e essa glória é ricamente abundante. A herança é 'dele', porque também o dom vem de sua parte». (Vincent, *in loc.*).

«...*riquezas*...» (Comparar essa palavra com o que diz o sétimo versículo deste capítulo, «...riquezas de sua graça...»). Essa palavra é aqui utilizada para efeito de enfatizar: 1. A sua abundância; 2. a sua elevadíssima qualidade; 3. a sua preciosidade; e 4. a sua grandeza, por ter procedido das mãos de Deus. Ora, somente a iluminação outorgada pelo Espírito Santo pode levar qualquer um de nós a compreender a vastidão de sua herança, bem como da nossa herança.

Alguns intérpretes preferem compreender a idéia da «herança dos crentes» como se isso fosse aquilo ao que Deus «nos admite», isto é, como parte dos exércitos celestiais de seres santos e celestes, conforme a menção nos versículos onze e catorze deste capítulo. Isso faria o presente versículo tornar-se paralelo do trecho de Col. 1:12. Ambas essas idéias são verdadeiras, porém, conforme observamos tanto aqui como nos versículos décimo primeiro e décimo quarto deste mesmo capítulo. Seria impossível distinguir qual dessas duas idéias está em foco aqui e ali; e o mais certo é que ambas as idéias estivessem na mente do autor sagrado, visto que são, meramente, dois lados de uma mesma moeda, o lado divino e o lado humano. É o mesmo estado de glorificação exaltada que está em vista, e podemos contemplar o seu valor tanto do ponto de vista do homem como do ponto de vista de Deus. Em ambos os casos, todavia, a herança é igualmente «gloriosa», porquanto: «1. Reflete a glória de Deus; 2. Leva-nos a participar da glória e do bem-estar divinos, por intermédio de Cristo, que é a glória de Deus; 3. É magnificente (o que é uma das qualidades da glória); 4. Está vinculada à idéia de 'riquezas', o que nos permite ter a noção de ‹abundância gloriosa› quanto às bênçãos celestiais». (Adam Clarke, *in loc.*).

«...*nos santos*...» (Ver o trecho de Rom. 1:7 e as notas expositivas a respeito, quanto ao termo «santos», que alude a todos os crentes, e onde seu uso e história são comentados). A «herança de Deus consiste de seus santos» é uma idéia possível. O termo «...santos...», neste caso, poderia ser alusão aos seres angelicais elevados, que há nos lugares celestiais. Nesse caso, a frase teria o sentido de «a herança à qual ele nos admite, entre seres altos e santos, que já habitam nos lugares celestiais»; ou então «a herança que possuímos entre tais seres». Por outro lado, também poderia significar «a herança, segundo ela é exibida entre os santos», ou «a herança, conforme ela é ilustrada nos santos». A maneira de compreendermos essa frase depende do que compreendemos sobre a «herança» aqui focalizada se ela é a herança de Deus ou a dos crentes. Lutero pensava que isso significa a «herança conforme se encontra somente entre os santos», e não fora do grupo deles. Mas essa maneira de pensar é suficientemente ampla para admitir a idéia da herança de Deus ou da herança dos crentes, embora a concretização da mesma, em ambos os casos, se circunscreva à companhia dos santos.

Centro e fusão de todas as distâncias;
Velhice-mãe de todas as infâncias;
E Futuro de quanto há de morrer...
Possa a minha alma ver-te, um só segundo,
Presente e em ti, Pretérito do mundo,
Infinito imortal do verbo Ser!»
(Augusto Gil, Porto, Portugal, 1873- 1929).

19 καὶ τί τὸ ὑπερβάλλον μέγεθος τῆς δυνάμεως αὐτοῦ εἰς ἡμᾶς τοὺς πιστεύοντας κατὰ τὴν ἐνέργειαν τοῦ κράτους τῆς ἰσχύος αὐτοῦ

19-20 τί...νεκρῶν 2 Cor 13.4; Col 2.12 **19** ημας] νμ- **D*GP** *33 al r*

1:19: e qual a suprema grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder,

A palavra «...*suprema*...» é tradução do termo grego «uperballo», que literalmente significa «lançar além», ou seja», «ir além», «ultrapassar»; e, em sua forma adjetivada, significa «extraordinário», algo «fora de medida», ou seja, «incomensurável». A grandeza do poder de Deus, assim sendo, se estende «incomensuravelmente» além da razão e do cálculo humanos. O apóstolo dos gentios se utilizou de palavras, esforçando-se por expressar algo da grandeza que, na realidade, é inerentemente inexaurível. Chamamos Deus de «onipotente».

A apreciação sobre *a esperança de sua vocação* e a extraordinária «glória da herança» (ver o décimo oitavo versículo), levou Paulo a pensar acerca do «poder» de Deus, que é necessário para produzir a concretização desses planos divinos. Transformar um espírito humano segundo a imagem de Cristo, a fim de que venha a compartilhar da divindade (ver II Ped. 1:4 e as notas expositivas ali existentes), é algo que só pode ser feito através do poder divino; isso é o que Paulo reconhece aqui. Por conseguinte, a salvação da alma nos é dada, necessariamente, através da graça de Deus, através da fé, porque somente isso depende inteiramente de Deus, para realização do grandioso desígnio do Senhor.

A cláusula referente ao grandioso poder de Deus tem sido variegadamente ligado, gramaticalmente falando. Alguns estudiosos vinculam-no ao «conhecimento espiritual», mencionado no versículo anterior. É verdade que esse conhecimento deve incluir a administração do poder divino, através do Espírito Santo. Outros eruditos vincula-nos às duas cláusulás do versículo anterior, «esperança de seu chamamento» e «riquezas da glória de sua herança», como também com o «poder» que aparece neste décimo nono versículo. É verdade que o nosso conhecimento e participação em todas essas coisas, ocorrem por força de um ato divino. Contudo, há intérpretes que ligam o grandioso poder de Deus com a questão do «crer», neste versículo, porquanto tal poder é liberado de acordo com a fé dos crentes. Parece correto ver a questão do poder de Deus em associação ao processo inteiro, e com todos os elementos do que Deus faz nos crentes e em favor deles. Por semelhante modo, a idéia desse poder é vinculada a Cristo e a tudo quanto Deus tem feito nele e por intermédio dele (ver os versículos vigésimo a vigésimo terceiro deste capítulo). O mesmo poder que opera em Cristo, opera também em nós, com a finalidade de produzir idêntico resultado e o mesmo destino eterno. Da mesma maneira que o poder de Deus foi o agente da criação original e material, bem como da criação que trouxe à existência seres espirituais, assim também esse poder divino é ncessário para produzir a nova criação, em todos os seus aspectos e estágios. E é isso que este texto nos ensina.

«...*poder*...» No grego é «dunamis», que significa «força», «energia», «habilidade», «poder», mas que ordinariamente se refere a algum agente de poder ou força, capaz de realizar um determinado trabalho. Nosso vocábulo «dinamite» se deriva desse termo grego; e isso ilustra a natureza da palavra. Tal palavra era usada para indicar «milagres» e «maravilhas», isto é, «feitos», que requerem poder extraordinário e sobre-humano. (Ver Mat. 7:22; 11:20,23 e 13:54). Nos trechos de Atos 3:12 e 4:7, essa palavra é empregada para indicar o poder que Pedro usou a fim de curar o aleijado. Em Atos 1:8, o *poder* referido é o do Espírito Santo, que seria dado aos crentes primitivos no dia de Pentecoste.

Dentre todas as formas de poder, o poder de Deus é o pináculo e o sumário; e todo o poder de praticarmos o bem é conferido por Deus. É mister o maior de todos os poderes, para a realização da redenção, da restauração, da transformação, da salvação humanas, bem como para que

se concretize o «mistério da sua vontade» (ver o décimo versículo deste capítulo), quando toda a criação será finalmente unida em Cristo Jesus.

«...*a eficácia da força do seu poder...*» No grego original encontramos uma outra palavra para indicar «poder», isto é, «kratos». (Ver Col. 1:11, onde se lê: «...a força da sua glória...», e onde a palavra «força» é tradução do termo grego «kratos»). A idéia envolvida é a de «força», «intensidade», «regra», «soberania». Há uma certa força que caracteriza o poder divino; e essa palavra é usada para descrevê-lo. Essa palavra também é usada (tal como «dunamis») pessoalmente, para indicar seres elevados e poderosos (pois eles são «poderes»), ou para indicar «feitos poderosos» (conforme se vê em Sal. 118:15, de acordo com a Septuaginta; e em Luc. 1:51). O vocábulo grego «kratos» parece indicar, neste ponto, o «poder ativo» de Deus, o seu *poder de ação*. Alicerça-se sobre a sua «força», a palavra que comentamos em seguida. A palavra aqui utilizada para indicar «poder», pode ser sinônimo da palavra que comentamos em seguida; porém, sua associação com «eficácia» (no grego, «energeia») lhe dá o sentido de «poder ativo» ou de «poder em ação».

«...*força...* (kratos).. do seu poder... (ischus)...» Neste ponto, «...poder...» é tradução de «ischus», que significa «força», «poder», e que pode ser sinônimo de «kratos», mas que, neste caso, mui provavelmente indica «o poder passivo ou inerente de Deus», o seu poder «em potencial», e que se mostra «ativo» no caso do crente, conforme a descrição dos presentes versículos.

Devemos observar os três vocábulos, utilizados aqui pelo apóstolo dos gentios, para dar a idéia de «poder», isto é, «dunamis», «kratos» e «ischus». E o resultado disso é «a grandeza extraordinária de seu 'poder', que é posto em ação em nosso favor, de nós, os que cremos, originado do imenso poder potencial de Deus, e que é demonstrado em seu 'uso ativo' desse poder». Portanto, Paulo procurou expressar a sua idéia mediante o acúmulo de termos que indicam «força», «poder».

«...*eficácia...*» (no grego,«energeia»). Significa «operação», «ação», «manifestação de poder».

A associação de idéias entre esse «poder» de Deus e a sua «eficácia», mostra-nos que não se trata meramente de uma energia em potencial, mas antes, de uma força dirigida na direção aos homens, e que opera no que concerne a eles. (Quanto ao termo «eficácia», ver as notas expositivas sobre Col. 1:29. Quanto a «força» e «poder», ver II Ped. 2:11 e João 1:12). O termo «força» (no grego, «kratos») é usado exclusivamente em relação a Deus, denotando um poder «relativo» e «manifestado». Já o termo «poder» (no grego, «ischus»), indica força em «potencial». E «eficácia» (no grego, «energeia») indica manifestação ativa e eficaz desse poder e força. «Por conseguinte, encontramos aqui o 'poder' potencial de Deus, inerente à natureza divina (força); a qualidade relativa ou «medida» desse poder (poder); e o exercício eficiente dessa qualidade divina (eficácia). Essa frase, '...segundo a eficácia da força do seu poder...', etc., deve ser vinculada à frase '...a suprema grandeza do seu poder...' A magnitude do poder de Deus em relação aos crentes, torna-se conhecida mediante a operação da força de seu poder». (Vincent, *in loc.*).

Cumpre-nos observar que esse poder opera naqueles que crêem. (Ver as notas expositivas a respeito da «fé evangélica», como meio (não a causa, que é a obra expiatória de Cristo) de salvação, no décimo quinto versículo deste capítulo. Ver Heb. 11:1 onde há notas expositivas completas sobre a «fé»). A fé acolhe a operação de Deus, por ser a dependência de alma a Deus (na pessoa de Cristo), para efeito do cumprimento de suas promessas. Essa «dependência de alma» permite Deus executar as suas diversas operações, pelo que também essa atitude de alma é a fonte do poder. Já a autoconfiança busca poder no lugar errado, a saber, no próprio «eu», e não em Deus.

«Homens insensatos imaginam que essa linguagem é absurdamente hiperbólica; mas, pessoas piedosas, atarefadas na luta diária contra a corrupção no íntimo, não têm qualquer dificuldade em perceber que nem uma palavra é aqui usada além daquilo que é perfeitamente justo... Podemos considerar 'força' como a raiz, 'poder' como a árvore, e 'eficácia' como o fruto, ou como o braço divino estendido, que termina em ação». (Calvino, *in loc.*).

«...*segundo...*», no grego original, é «*kata*». No dizer de Salmond (in loc.): «A palavra 'kata' é melhor ser reputada aqui em seu sentido apropriado de 'medida', padrão' ou 'proporção'. O que essa cláusula nos apresenta, portanto, é que a 'medida' do poder extraordinário de Deus, e que é a garantia da nossa esperança, é a operação do exercício do poder que habita em Deus, conforme é visto no caso histórico que aparece na sentença seguinte, a saber, na ressurreição e exaltação de Cristo».

O poder incomensurável de Deus realiza o que deve, dependendo das exigências da obra a ser feita. Tal maré é poderosíssima. Um pequeno barco, à beira da praia, é levantado por ela; mas ninguém pode calcular a imensa força da maré, através desse efeito relativamente diminuto. Mas a maré tem outros efeitos: levanta também os grandes transatlânticos. Porém, até mesmo nesse caso uma pequena fração da maré pode ser percebida. Ora, o poder de Deus é como uma poderosíssima maré. É incomensurável, e pode fazer qualquer coisa. Neste ponto, Paulo refere-se a alguns poucos dos seus efeitos. Ressuscitou e exaltou a Jesus Cristo; produz a restauração e a unidade universais; obtém a redenção humana e a completa salvação dos remidos. Por intermédio desses «efeitos» compreendemos um pouco sobre esse poder. Pelo menos esses efeitos permitem-nos entender que o poder é suficiente para realizar aquilo a que se destina, mostrando-se eficaz em nosso caso.

20 ἣν ἐνήργησεν ἐν τῷ Χριστῷ ἐγείρας αὐτὸν ἐκ νεκρῶν, καὶ καθίσας ἐν δεξιᾷ αὐτοῦ ἐν τοῖς ἐπουρανίοις

20 καθίσας... ἐπουρανίοις Ps 110.1; Mt 22.44; Mk 16.19; Ac 2.34; He 1.3; 8.1; 10.12; 12.2

20 ενηργηκεν **AB** *pc*] -γησεν **ℵDG** *pl* ς; R | καθισας] εκαθισεν **DG** *pm* ς | εν δεξια $\mathfrak{p}^{46vid}$**BDG**^{o} *pm* lat ς; R] *praem* αυτον **ℵA** *al g* sy Or | επουρανιοις] ουρανοις **B** *pc* (sy^{p})

1:20: que operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus,

(Quanto a notas expositivas completas sobre a *ressurreição*, ver Luc. 24:6, onde são expostas as várias teorias sobre a maneira da ressurreição de Cristo. Quanto ao «fato da ressurreição», ver I Cor. 15:20 e as notas expositivas ali existentes. O estudo completo sobre esse tema aparece nessa referência, expondo o pano de fundo do Antigo e do Novo Testamentos, as implicações teológicas concernentes a Cristo, as implicações éticas e a natureza do corpo ressurrecto. E também há notas expositivas em I Cor. 15:35,40. Ver, finalmente, I Cor. 15:17,18, acerca da «ressurreição como algo necessário para a salvação»).

Nas páginas do N.T., a ressurreição com freqüência aparece como ilustração da operação do poder de Deus. E geralmente a ressurreição deixa subentendida a «ascensão» e a «glorificação» de Cristo, mesmo quando nada é diretamente dito acerca dessas questões. (Quanto à «ascensão de Cristo», ver Atos 1:6. Quanto à «ressurreição de Cristo», de acordo com a narrativa do livro de Atos, ver Atos 2:24,27. Quanto à «ressurreição, que deixa implícitas a ascensão e a glorificação de Cristo», ver Atos 2:32,33). Portanto, neste texto, essas questões são utilizadas como ilustrações do poder de Deus. Na verdade, porém, não se trata de meras ilustrações. O texto também mostra-nos o que Deus fez em Cristo e em favor dele, o que, por outro lado, está fazendo em nós e em nosso favor, já que Jesus Cristo é o Cabeça e nós somos o corpo; e corpo e cabeça, necessariamente, possuem o mesmo destino, participando da mesma natureza e do mesmo poder. Assim, pois, se Paulo exibe o que pode fazer o poder de Deus, ao mesmo tempo mostra-nos o que esse poder pode fazer «por nós», visto ter feito e estar fazendo outro tanto em favor de Cristo, com quem estamos total e perenemente identificados.

Em que se manifestou mais claramente o poder de Deus,em Cristo Jesus? Em sua ressurreição, em sua exaltação, e, finalmente, em seu senhorio universal. E é neste último aspecto que todas as coisas encontram centro nele, porquanto em Cristo é que se verificará a grande restauração e unidade do «mistério de Deus». (Ver o décimo primeiro versículo deste capítulo). Esses três estágios da demonstração do poder de Deus, em Cristo Jesus, é que são frisados neste texto. E de todos esses três estágios os crentes participam, porquanto servem eles de passos de poder concretizado neles, tal como foi concretizado em Cristo.

«...*exerceu...*», no original grego, é «energeo», que significa *operar*, «atuar», a forma verbal da palavra usada no versículo anterior, «eficácia», onde ela é comentada.

Variante Textual: A palavra «...*exerceu...*» aparece no tempo perfeito, na tradição textual mais antiga, isto é, nos mss P(46), BA e alguns poucos outros. Mas os mss Aleph, DG e na tradição geral do grego «koiné», encontramos o tempo aoristo. Mui provavelmente, entretanto, essa modificação foi feita por influência ao aorísto que se segue ao particípio, dentro da frase «...ressuscitando-o dentre os mortos...» O tempo perfeito enfatiza o fato que o ato divino se completou e prossegue em seus efeitos. O poder exercido em Cristo não foi uma instância isolada (conforme o aoristo indicaria); mas antes, foi uma exibição universal de poder, que jamais cessa em seus efeitos associados ou subseqüentes. No momento, garante que o poder que Deus tem de doar a vida eterna se mostra eficaz para com os eleitos.

«...*em Cristo...*» Tal como nos versículos décimo e décimo segundo, o artigo definido é usado no original grego, o que daria a tradução «no Cristo», quiçá com a finalidade de salientar o seu ofício messiânico, dando a entender a sua identificação especial com os homens. Pelo menos é frisado «o Cristo» da promessa, o qual é o nosso Senhor. Esse foi o Cristo que é a ilustração e o depositário de todo o poder de Deus. (Com isso se pode comparar a declaração do Senhor Jesus, após a sua ressurreição: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra», em Mat. 28:18).

«Somos atraídos, tal como o são todos os homens, de volta à narrativa imortal de Jesus Cristo à face da terra. De volta a ele nos esforçamos, a fim de evitarmos todos os conflitos e as teias teológicas. De volta a ele nos esforçamos, para que encontremos nele, novamente, a simplicidade elementar de que tanto precisamos a fim de ganharmos, da parte da Vida, aquilo de que tão urgentemente precisamos, a fim de sustentar e guiar nossos espíritos cansados. Sim, tudo isso é correto! Mas a dificuldade consiste no fato de que, a fim de conquistar da parte da Vida aquilo que ela tem para dar-nos, precisamos dar-lhe a interpretação que lhe forneceu sua antiga força vivificadora. Aqueles que a leram e aqueles que a escreveram, confiaram no Cristo vivo, vivo dentre os mortos, antes de escreverem, e antes de lerem. Eles mesmos estavam vivendo na experiência da salvação que ele proporciona...Somente através da experiência real daquilo em que Ele se tornou, mediante a morte, é que o registro daquilo que Ele foi uma vez na terra pode tornar-se uma revelação sobre o que ele é agora nos céus. Os evangelhos foram escritos, não para criar a fé, e, sim, para alimentá-la». (Scott Holland, *The Facts of the Faith*, págs. 292-293).

«...*fazendo-o sentar à sua direita...*» (Está aqui em foco a «ascensão de Cristo», amplamente anotada em Atos 1:6). Esse grau da exaltação do Filho de Deus mostrou o seu completo triunfo sobre o pecado e as forças do mal. (Ver Col. 2:15). E o triunfo dele foi o nosso também. Além do triunfo sobre o mal, significou ainda a participação na vida celestial, conforme a expressão «nos lugares celestiais» o indica. Ora, essa mesma exaltação nos é prometida, conforme vemos claramente no terceiro versículo deste capítulo; e isso ocorrerá «em Cristo». Ver igualmente o trecho de Efé. 2:6: «...e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais,

em Cristo Jesus...» Assim, pois, a ressurreição de Cristo foi igualmente a nossa própria; a sua ascensão também foi a nossa; e a sua glorificação, por semelhante modo. A nossa identificação com o Senhor Jesus é ao mesmo tempo completa e vital. O mesmo poder que tornou tudo isso verdadeiro, na experiência de Cristo, agora opera em nós, e produzirá os mesmos resultados transcendentais. Isso é o que Paulo está dizendo, neste primeiro capítulo da epístola aos Efésios. (Quanto à nossa «identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição», e, por conseguinte, em sua vida ressurrecta e exaltação, ver as notas expositivas sobre Rom. 6:3, sob o título «o batismo espiritual», onde esse conceito é explanado. Ver também os versículos oitavo, décimo e décimo primeiro do presente capítulo, e as notas expositivas ali existentes, acerca de comentários adicionais a respeito do assunto. Quanto à questão que Cristo foi levado a sentar-se «à mão direita de Deus», ver Sal. 110:1, que prediz o fato. No tocante à «mão direita», isso procede da idéia de um rei entronizado à direita de sua divindade tutelar. As noções desse simbolismo são que tal monarca, obteve essa exaltada posição, essa «honra», essa «dignidade», esse *poder delegado*, da parte daquela divindade. O mesmo se dá no caso do simbolismo do estar assentado à mão direita de qualquer poder, segundo se dá no caso de um rei ou de outro elevado oficial. A «mão direita» é o lugar de honra e exaltação, que coloca o indivíduo no exercício de sua função oficial, por delegação. Mat. 28:18 é trecho que envolve a mesma idéia. Ver, finalmente, o trecho de Atos 7:56, onde o Senhor Jesus aparece assentado «à mão direita de Deus»).

Não devemos interpretar literalmente essas palavras, como se Cristo Jesus tivesse de ficar eternamente «assentado», em um trono físico. Mas esse «assentar-se» ilustra o término de uma missão, destacando-se a honra e a dignidade de sua presente posição. A expressão «...assentou-se à direita da Majestade nas alturas...» (Heb. 1:3), expressa mais particularmente a idéia de uma obra «terminada». No presente texto, a mesma idéia pode ser subentendida, embora não seja aqui enfatizada. A presente posição de glória e poder, ocupada pelo Senhor, é o que esta passagem salienta.

«Foram-lhe dadas, como mediador entre Deus e os homens, as mais elevadas honras e dignidades (ver Fil. 2:9), no qual estado de exaltação ele dirige todas as atividades da Igreja e governa o universo. A 'mão direita' é o lugar da amizade, de honra, da confiança e da autoridade». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Não está em pauta qualquer lugar em particular, e, sim, o poder que Deus Pai conferiu a Cristo, a fim de que ele possa administrar, em seu nome, o governo dos céus e da terra». (Calvino, *in loc.*).

As palavras 'à sua mão direita' denotam a participação do domínio, a participação no trono de Deus Pai (ver os trechos de Marc. 16:19; Rom. 8:34; Atos 7:55; Fil. 3:20 e ss.; Mat. 20:21 e Marc. 10:37. Comparar também com I Sam. 10:25; I Reis 2:19, no tocante às relações terrenas, que foram transferidas para Cristo, conforme se vê em Sal. 110:1. (Braune, *in loc.*).

«*...nos lugares celestiais...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa expressão, que ocorre por nada menos de cinco vezes na epístola aos Efésios, e em nenhuma outra parte do N.T., ver o terceiro versículo deste capítulo). Seu governo, sua autoridade, seu poder e sua majestade se encontram naquelas esferas celestiais, onde a unidade espiritual de todas as coisas haverá de concretizar-se, as quais, por semelhante modo, são as mansões futuras e os lugares da exaltação dos crentes, conforme a passagem de Efé. 2:6 nos mostra claramente.

21 ὑπεράνω πάσης ἀρχῆς καὶ ἐξουσίας καὶ δυνάμεως καὶ κυριότητος καὶ παντὸς ὀνόματος ὀνομαζομένου οὐ μόνον ἐν τῷ αἰῶνι τούτῳ ἀλλὰ καὶ ἐν τῷ μέλλοντι· 21 ὑπεράνω... μέλλοντι Col 1.16; 2.10

1:21: muito acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro;

(Comparar essa declaração com os trechos de Rom.8:38 e Col. 1:16, acerca dos vários níveis de poderes angelicais e espirituais). Alguns intérpretes não acreditam que Paulo realmente defendia a doutrina de vários graus de poder angelical, mas que meramente tomou por empréstimo essa expressão de crenças correntes em sua época, sobretudo dos judeus e dos gnósticos, a fim de ilustrar que, sem importar o nome que usemos, sem importar o poder que mencionemos, Cristo está acima de todos. Porém, o uso franco de Paulo desses termos, em diversas de suas epístolas, sem qualquer indicação que ele não aceitava literalmente essa idéia, como representação correta dos poderes celestiais, mostra-nos que ele mesmo aceitava essa doutrina. Outrossim, trata-se de uma doutrina que deveríamos acolher, pois as experiências místicas mostram-nos que existem muitos níveis de seres espirituais, a começar pelos «espíritos elementares», que são dotados de menor poder e inteligência que o homem (o qual é também um ser espiritual, embora, no momento, se encontre na prisão do corpo físico).

As várias expressões aqui utilizadas podem referir-se a poderes bons ou maus. (Quanto aos poderes dotados de natureza santa, ver as notas expositivas sobre Efé. 3:10; Col. 1:16; 2:10. Quanto aos poderes de natureza maligna, ver Efé. 6:12; I Cor. 15:24; Col. 2:15). No trecho de Rom. 8:38 parece que a referência é de natureza geral, incluindo espíritos bons e maus. O presente versículo, mui provavelmente, também é de natureza geral.

Há vários tipos de poderes espirituais:

1. *Principados*, no original grego, *arche*, que significa «autoridade», «governante», palavra usada para indicar poderes humanos e espirituais, mas que aqui designa «poderes angelicais (bons ou maus)». Esse vocábulo também pode significar «domínio» ou «esfera de influência» de vários poderes. Supomos que esse termo fala sobre os poderes espirituais superiores, aqueles que exercem domínio sobre vastas regiões, talvez até mesmo mundos de grande extensão. Mas tudo isso é pouco esclarecido nas Escrituras, ainda que existam indicações que há vastas áreas dos lugares celestiais onde habitam incontáveis seres espirituais, todos os quais fazem parte da criação de Deus. Esses poderes elevados governam por delegação de Deus. Alguns deles se revoltaram, mas receberam permissão de continuar seu governo, até que se inaugure o estado eterno. Não obstante, também será restaurada a unidade em tais regiões, e tudo ficará sob o domínio de Cristo, eventualmente. Essa é a promessa que nos faz o presente capítulo, e, particularmente, este versículo, o que faz parte integrante do «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10), o que envolve coisa nos céus e na terra, tudo unificado no Filho de Deus.

2. *Potestade*. No grego, «eksousia», isto é, «autoridade», dando a entender o poder ou autoridade daquele que exerce uma função. Podemos supor que em vista dessa palavra figurar em segundo lugar na lista, estão indicados poderes um tanto inferiores que os «arche», porém, maiores que aqueles que ainda serão mencionados. Precisamos pensar em níveis de domínio, extensões de domínio. Alguns espíritos foram dotados de maior poder, de maior autoridade, com domínios mais vastos do que outros, tal como sucede nos sistemas de governo que descendem do presidente ou do rei, para os embaixadores, senadores, governadores, deputados, prefeitos, edis, etc.

3. *Poder*. No grego, «*dunamis*», a mesma palavra empregada no décimo nono versículo deste capítulo, aludindo ao poder de Deus, mas que neste caso significa «seres dotados de poder», seres espirituais dotados de grande autoridade. Supomos que esta terceira categoria indica autoridade de menor envergadura que as duas primeiras categorias mencionadas.

4. *Domínio*, no grego é «*kuriotes*», isto é, «senhores», poderes angelicais que possuem domínios. Não há maneira de alistar com certeza tais poderes, em confronto uns com os outros, na forma de gradações; e nem é provável que Paulo estivesse querendo alistar por graus tais poderes, embora seja óbvio que o arranjo de tais nomes sugira tal gradação.

O que Paulo dizia é que sem importar quão elevados sejam os poderes e os seres espirituais, e sem importar o grau de sua inteligência, dignidade, poder e domínio, Cristo está acima de todos eles. E Cristo Jesus não lhes é superior «como membro da Trindade divina» (embora isso também seja verdade), e, sim, como Deus-homem glorificado, autor e pioneiro da nossa salvação. Na qualidade de homem que passou pela morte, mediante a ressurreição, e então foi assunto ao céu e glorificado, na qualidade de «homem divino», Cristo tem essa elevada exaltação acima de todos. (Comparar esse conceito com Fil. 2:9, onde vemos que a exaltação que ele experimentou foi devido ao fato que primeiramente se humilhou, tornando-se sem nenhuma reputação, tomando sobre si mesmo a forma humana, tendo sofrido a morte de cruz).

Foi esse «homem, o Cristo», o *homem divino*, que foi exaltado dessa maneira, porquanto cumpriu sua missão remidora em favor dos homens. E os homens que seguem em suas pisadas, mediante a obediência, é que serão exaltados como ele o foi, e atingirão a mesma glória. Mas tudo isso requer o imenso poder de Deus.

«*...e de todo nome que se possa referir...*» Uma declaração propositadamente vaga e ampla, dando a entender que qualquer nome que representa qualquer forma de poder está sujeito ao nome de Cristo. Paulo ataca aqui as idéias do gnosticismo, porquanto este postulava muitos níveis de poderes angelicais, reduzindo o Senhor Jesus à categoria deles, e não necessariamente ao nível mais elevado. Mas o apóstolo mostrou que isso somente degrada a posição de Cristo. O desejo de Paulo, entretanto, não era meramente o de atacar o gnosticismo (cujas notas expositivas são oferecidas em Col. 2:18), mas, principalmente, a fim de demonstrar a grandeza do poder de Deus, a grandeza dos seus efeitos, em Cristo e em nós.

«*...não só no presente século...*» No original grego, a palavra aqui traduzida por «século», «aion», significa «era», «segmento de tempo», ordinariamente de grande duração. Mas também pode ser entendida como «mundo», se vista de acordo com um conceito espacial; mas aqui transparece claramente o elemento do «tempo». Tal palavra também é utilizada para indicar uma «pessoa», normalmente um ser angelical elevado. Os gnósticos consideravam Cristo um dos «aeons». (Quanto ao termo usado para indicar «presente século», ver as notas expositivas acerca de Gál. 1:4 e I Tim. 6:17; quanto ao «vindouro», ver Efé. 2:7 e Luc. 20:32. Ambas essas idéias aparecem combinadas tanto neste presente versículo como em Marc. 10:30 e Luc. 18:30). Ora, o «século vindouro» ou «era vindoura», pode significar a *era messiânica*, o «período de governo do Messias»; mas, neste ponto, mui provavelmente isso equivale à «eternidade», à chegada do estado eterno. Algumas vezes a palavra «século», usada isoladamente, pode significar isso, segundo se vê em Josefo (*Antiq.* 7356); João 6:51,58; Rom. 1:25 e 9:5. A expressão «séculos dos séculos», no original grego, indica a «eternidade». (Ver Gál. 1:5; Fil. 4:20; I Tim. 1:17 e Heb. 13:21).

«Que seja proferido qualquer nome, sem importar qual, Cristo está acima do mesmo. Ele é mais exaltado do que aquilo que afirma qualquer outro nome». (Meyer, *in loc.*).

«Sabemos que o imperador antecede a todos em importância, embora não possamos enumerar todos os ministros de sua corte; por igual modo, sabemos que Cristo se acha exaltado acima de todos, embora não possamos dar o nome de todos». (Bengel, *in loc.*).

«Esta frase denota tanto a extensão como a eternidade do reino de Cristo; porquanto envolve ambos os mundos, sendo superior esse reino a tudo

quanto há neste mundo e a tudo quanto há no mundo vindouro, porquanto ultrapassará ao tempo final do mundo presente». (John Gill, *in loc.*).

Em tudo isso, fazendo um sumário, Paulo ensinava as seguintes verdades: 1. Não é que Jesus Cristo foi exaltado tão soberanamente por ser membro da Trindade divina; 2. mas, em sua missão encarnada, em sua identificação com os homens, ele obteve e conquistou essa elevadíssima posição; 3. e isso a fim de que os homens compartilhem de seu triunfo completo, com ele; 4. e tudo isso foi e está sendo realizado mediante o poder de Deus, servindo tais feitos de ilustração do imenso e incalculável poder divino. (Comparar o trecho de Col. 1:16 com este versículo, do qual é paralelo).

★★★

22 καὶ πάντα ὑπέταξεν ὑπὸ τοὺς πόδας αὐτοῦ, καὶ αὐτὸν ἔδωκεν κεφαλὴν ὑπὲρ πάντα τῇ ἐκκλησίᾳ,

22 πάντα ὑπέταξεν...αὐτοῦ Ps 8.6 αὐτὸν...ἐκκλησίᾳ Eph 4.15; Col 1.18 22-23 τῇ ἐκκλησίᾳ...αὐτοῦ Ro 12.5; 1 Cor 12.27; Col 1.18

1:22: e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, e para ser cabeça sobre todas as coisas o deu à igreja,

As palavras «...*todas as cousas...*» indicam a *criação inteira*, tanto a dos seres inteligentes como a das coisas materiais e inanimadas. Há total sujeição de tudo a Jesus Cristo, sendo ele o governante de toda a criação, porquanto nele é que haverá a unificação de tudo. Ora, esse é exatamente o «mistério da vontade de Deus», referido no décimo versículo deste capítulo. (Comparar com Rom. 8:18 e *ss.*, onde toda a criação é descrita como algo que aguarda ansiosamente pela plena redenção que há em Cristo, quando os filhos de Deus tornar-se-ão manifestos, compartilhando da imagem do Senhor Jesus. Comparar também com Col. 1:15-18, que é passagem paralela a este versículo. Ver ainda I Cor. 15:27, que igualmente menciona a sujeição de todas as coisas «sob os pés de Cristo». Essa metáfora indica «total sujeição» de algo, que passa a ser pisado sob os pés, servindo de clara indicação do grau completo de sujeição. Finalmente, ver Sal. 8:5-8, que talvez seja a passagem do A.T. que Paulo tinha em mente, por profetizar acerca de Cristo e por expressar idéias similares às que temos aqui).

O pensamento de *sujeitar tudo aos pés* sugere também o conceito de «conquista», de total sucesso nessa conquista. O trecho de Heb. 2:6-8 igualmente cita o Salmo oitavo; e a passagem de I Cor. 15:27 enfatiza o aspecto de conquista e de sujeição final de todas as coisas a Cristo. Deus se utiliza de meios próprios de persuasão; e assim, finalmente, tudo será unido em torno da retidão, de acordo com as condições fixadas por Deus.

O Restante do presente versículo vigésimo segundo tem sido *variegadamente compreendido*, como segue:

1. Cristo foi dado à igreja, para ser Cabeça de tudo quanto pertence a ela.

2. Cristo, que é o Cabeça de tudo, foi dado à igreja.

3. Cristo foi feito Cabeça de todas as coisas, para efeito de benefício da igreja.

Ora, no paralelo desta passagem —Col. 1:18— Cristo é visto como «o Cabeça da igreja»; e isso concorda com a primeira dessas três posições possíveis, embora a ênfase recaia sobre o fato de que ele é o Cabeça da igreja em tudo, a saber, em toda a questão relativa à igreja cristã. Que isso visa o «benefício» da igreja também é verdade, mas isso visa afirmar diretamente que temos aqui uma interpretação sobre o que está geralmente implícito no texto, não sendo uma simples tradução. Porém, mesmo que aceitemos que a segunda e a terceira dessas possibilidades estão corretas, visto que Cristo é o Cabeça de tudo, isso deve incluir igualmente a igreja, porquanto a igreja não pode ser excluída dessa afirmação apostólica, que se reveste de natureza geral. Não obstante, a primeira dessas três posições é a que tem maiores probabilidades de acertar no alvo, sendo ali enfatizado que não existe outra autoridade sobre a igreja além da autoridade de Cristo, tal como um corpo humano é totalmente governado pelo cérebro, pela cabeça.

Ora, tudo isso serve apenas de um outro meio para frisar o *senhorio* de Cristo, o que é comentado no trecho de Rom. 1:4, juntamente com o título completo, «Senhor Jesus Cristo».

«...o *deu...*» A igreja recebe a soberania total de Cristo como presente vindo de Deus Pai, para o benefício dela mesma. Porquanto aquilo que foi dito aqui não declara meramente que a igreja está sujeita à autoridade de Cristo, mas, por semelhante modo, que está em união espiritual vital com ele, derivando dele a sua vida, tal como o corpo está vitalmente unido à cabeça, e tal como, sem a cabeça, o corpo fica sem vida. Ver as notas expositivas mais abaixo, acerca de outros significados desse fato. (Quanto a «Cristo, como cabeça de todo homem», ver as notas expositivas acerca de I Cor. 11:3. Quanto ao mesmo conceito, referido em outras passagens, onde Cristo aparece como «Cabeça da igreja», ver Efé. 4:15; 5:23; Col. 1:18 e 2:19).

A mais fundamental definição do que seja um crente: Crente é aquele que tem ao Senhor Jesus como seu «cabeça», isto é, que não dá prioridade a ninguém acima de Cristo. A questão de «reter a Cristo como cabeça», idéia essa que figura em Col. 2:19, aparece dentro do contexto do combate de Paulo contra as noções falsas do gnosticismo, o qual postulava muitos deuses e muitos senhores, cada qual com sua província de governo; e, para os gnósticos, Cristo seria apenas um desses deuses ou senhores. Ora, esse conceito errôneo reduzia a importância e a grandeza de Cristo, onde o Senhor Jesus não aparecia realmente como Cabeça. Aquele que reputa a Cristo como Cabeça, reconhece sua autoridade absoluta sobre a alma, e assim exerce fé, que consiste da entrega da alma às mãos de Cristo. Ora, se um homem exerce essa fé, tendo a Cristo como Cabeça, como o grande objeto de sua fé, então o Espírito de Deus o converte, e ele entra no primeiro passo da regeneração. Tal homem pertence a Cristo, é um crente.

Por outro lado, pode não ser um crente uma pessoa que proclama em altas vozes a divindade de Cristo, mas a quem não entregou definitivamente a própria alma. E isso nos permite perceber, uma vez mais, que os «credos» não nos salvam. Deve haver real conversão; e existem muitos convertidos autênticos que ainda se encontram em estado de confusão mental acerca de questões doutrinárias.

Vinculação entre a cabeça e o corpo. Schubert (*in loc.*), comenta a esse respeito, como segue: «...temos aqui uma figura simbólica de amor, que desce do alto até nós, conquistando e movimentando o que é corpóreo, levando-o a uma longa elevação, —debaixo para cima, numa obra que transforma constantemente a natureza inferior do objeto, a ponto deste último vir a compartilhar, finalmente, da natureza daquilo que o eleva». Cristo Jesus é, «...ao mesmo tempo, membro e governante do corpo». (Gerlach, in loc.).

Quais são os sentidos dessa metáfora da cabeça e do corpo?

1. Está em foco a união vital entre Cristo e seu corpo místico, a igreja, tal como se dá no caso da cabeça e do corpo de um ser humano. «União mística» é a idéia aqui focalizada. (Ver as notas expositivas a respeito, em I Cor. 1:4).

2. Destaca-se aqui a *autoridade absoluta* de Jesus Cristo, de seu domínio ativo sobre a igreja, como Senhor.

3. São salientadas a nutrição e o poder doador de vida do Cabeça, o que sustenta o corpo.

4. A vida do corpo humano sem a cabeça é impossível.

5. Não nos olvidemos da união entre cabeça e corpo, que importa em amor e harmonia, em que cada qual cuida do outro, porquanto tal cuidado é vital para essa união. Tal união e harmonia prefiguram aquilo que, finalmente, se tornará universal, porquanto todas as coisas ficarão unidas em torno de Cristo. (Ver as notas expositivas sobre o décimo versículo deste capítulo).

6. Cristo pertence a nós, tal como nós mesmos pertencemos a ele; portanto, nossos destinos estão enlaçados para sempre, tal como se dá no caso da cabeça e seu corpo.

7. A *exaltação do corpo* é idéia latente nessa metáfora, porquanto os poderes angelicais exaltados, por mais elevados que sejam, não compõem o corpo de Cristo, o qual é o Cabeça de tudo. O vigésimo terceiro versículo enfatiza esse pensamento, ao chamar a igreja de «sua plenitude», ao passo que o próprio Cristo preenche a todas as coisas.

8. A participação na *mesma natureza* também está envolvida nessa metáfora, porquanto um corpo precisa ser da mesma natureza que sua cabeça. (Ver o vigésimo terceiro versículo deste capítulo, e as notas expositivas ali existentes, acerca dessa verdade). (Quanto a outras passagens bíblicas em que a igreja cristã aparece como o «corpo de Cristo», ver Rom. 12:4 e I Cor. 12:12-27. Mas o presente versículo é a primeira declaração neotestamentária acerca da relação entre a igreja e Cristo, comparada com a similaridade de natureza entre a cabeça e o corpo).

5. *O mais alto propósito de Deus para o homem; a igreja como a plenitude daquele que enche a tudo em todos* (1:23).

23 ἥτις ἐστὶν τὸ σῶμα αὐτοῦ, τὸ πλήρωμα τοῦ τὰ πάντα ἐν πᾶσιν πληρουμένου.

23 τὸ πλήρωμα... πληρουμένου Eph 4.10; Col 1.19

1:23: que é o seu corpo, o complemento daquele que cumpre tudo em todas as coisas.

Este é um dos importantes versículos que dão apoio ao tema perene deste comentário, a saber, que o verdadeiro alvo da salvação humana é a transformação dos remidos segundo a imagem de Cristo, a fim de virem a compartilhar de tudo quanto ele tem, e de serem tudo quanto ele é. (A nota de sumário sobre essa doutrina aparece em Rom. 8:29. Ver II Ped. 1:4 e as notas expositivas ali existentes sobre a «participação na divindade», que está de acordo com o intuito geral desse conceito).

«...*a qual é o seu corpo...*» A igreja é o corpo de Cristo. Ora, isso não é dito nem sequer sobre os mais elevados poderes angelicais, que são mencionados no vigésimo primeiro versículo deste capítulo. Isso indica claramente que os remidos serão elevados muito acima da posição, da natureza e da glória de quaisquer poderes angelicais. Bastaria esse pensamento para mostrar-nos algo da exaltação inexprimível e sem limites das almas humanas redimidas. Outrossim, o corpo tem a «mesma natureza» possuída pelo cabeça. E isso também transparece na metáfora paulina da cabeça e do corpo. Pois um «dedo», embora ocupe posição inferior à da cabeça, participa da mesma natureza que caracteriza a cabeça. Assim, pois, todo o membro do corpo de Cristo está destinado a compartilhar de sua natureza essencial. (Ver II Cor. 3:18 e as notas expositivas a respeito, sobre isso).

João Batista foi o maior dos profetas, mas até mesmo o membro mais pequeno do reino de Deus será maior do que ele; até mesmo um «dedo» do corpo de Cristo será revestido de glória excelente, será maior que o grande profeta João Batista. (Ver Mat. 11:11). Contudo, na glorificação dos crentes, não deveríamos esperar haver grande diferença entre os membros do corpo e o Cabeça, tal como existe entre um dedo e a cabeça de um corpo humano. De fato, essa diferença existirá quando os remidos começarem a viver e a desenvolver-se espiritualmente nos «lugares celestiais»; mas a glorificação dos remidos será gradual, e, de fato, eterna; e isso quer dizer

que, finalmente, chegarão a ser idênticos ao seu Cabeça, porquanto crescerão incessantemente na maturidade espiritual, assumindo as infinitas dimensões de sua pessoa, não havendo limite que possa fazer cessar o seu progresso.

Possuirmos o que Cristo tem e ser o que Cristo é, disso é que consiste o grande alvo da salvação, e temos a promessa de que certamente atingiremos esse alvo, embora o caráter sem igual de Cristo, como Cabeça, permanecerá para sempre; porém, nada de sua herança ou de sua natureza, deixará de ser eventualmente nosso. Isso é o que está envolvido na salvação, o que certamente é um elevadíssimo conceito. Da mesma maneira que Deus é infinito, em sua natureza e em suas perfeições, assim também o progresso na direção de Deus, conforme ele é conhecido na pessoa do Senhor Jesus, é algo infinito.

«*...a plenitude daquele que a tudo enche...*» A palavra «...plenitude...» é tradução do vocábulo grego «*pleroma*», que significa «aquilo que enche», ou «aquilo que torna algo cheio ou completo», ou então, em sentido passivo, «aquilo que é cheio de alguma coisa», «aquilo que é levado à sua plenitude ou término». É possível considerarmos o «receptáculo» que é cheio por algo como: 1. Cristo (cheio pela igreja); ou 2. a igreja (cheia por tudo quanto Cristo é). Ambas as possibilidades mostram idéias verdadeiras. Mas o ponto de vista aqui enfatizado é o primeiro. Já o trecho de Efé. 3:10 enfatiza o segundo. (Ver igualmente Efé. 3:19, passagem essa que mostra que a igreja deverá ficar cheia de «...toda a plenitude de Deus...»).

«*...plenitude...*» i.e. a natureza divina com todos os seus atributos e manifestações.

É em Cristo que habita toda a plenitude de Deus (ver Col. 1:19). Nele é que habita «corporalmente» toda a plenitude da deidade (ver Col. 2:9); e é em Jesus Cristo, isto é, através dele, que somos cheios da divindade (ver Col. 2:10), conforme a tradução inglesa de Williams (aqui vertida para o português), indica nessa citada referência.

O apóstolo dos gentios procurou refutar os erros dos gnósticos, os quais faziam a maioria dos exércitos angelicais participarem da «divindade». Paulo negava isso, entretanto. Somente na pessoa de Jesus Cristo é que habita tal plenitude. No entanto, essa plenitude, que caracteriza seu ser divino, é compartilhada pelo corpo, tal como Cabeça e corpo participam da mesma natureza.

Os gnósticos imaginaram que as muitas ordens de anjos participaram na «plenitude» («pleroma»), cada ser, e cada ordem, possuindo partículas da natureza e atributos divinos. A Cristologia de Col. e Efésios é que Cristo, em um só ser (o significado de «corporalmente») possui a natureza toda, com todos os seus atributos. Em Cristo, os outros filhos, afinal, participarão também na «pleroma», o que vai elevá-lo muito acima da posição de meros anjos. Essa participação será finita, mas sempre, e para sempre, aumentando, porque a glorificação nunca pode ter fim.

Três Grandes Fatos

1. A igreja «completa Cristo», isto é, é a sua plenitude. Ele é a Cabeça, e nós somos o corpo. A cabeça não está completa sem o corpo. Portanto, completamos Cristo em um sentido místico, servindo-lhe de utilidade e glória. A sua glorificação depende da nossa.

2. Assim como o corpo exprime os desejos da cabeça, assim também a igreja, por toda a eternidade, expressará a Cristo para o universo inteiro, como seu principal instrumento. A igreja mostrar-se-á ativa, tornando Cristo tudo para todos, e assim porá em execução o mistério da vontade de Deus (ver Efé. 1:10), que é a unidade de todas as coisas em redor de Cristo. Ora, isso esclarece o que a igreja «fará na eternidade», pelo menos sendo esse um dos aspectos do destino de igreja. Tal como agora expressamos a Cristo, assim também o faremos para todo o sempre, e continuamente em proporções cada vez mais gloriosas.

3. Cristo «preenche tudo», ou seja, torna-se «tudo para todos», conforme dizem alguns intérpretes. Nada pode estar fora do alcance de seu poder; nada pode estar fora do alcance de suas operações; nada pode deixar de redundar em glória para ele; nada estará além da sua bondade.

«O melhor sentido da palavra *plenitude*, neste contexto, portanto, parece ser o de complemento; aquilo que completa algo. Cristo e a igreja, juntamente, formam uma unidade orgânica; o corpo é o complemento da cabeça». (Beare, *in loc.*).

«Uma cabeça, por mais perfeita que seja em si mesma, se estiver sem seus membros, será algo incompleto. Assim também Cristo, que é o Cabeça da igreja, requer a igreja para que seja completo, tal como a igreja, que é o corpo de Cristo, exige a ele, como Cabeça, para tornar-se algo completo e vivo». (Salmond, *in loc.*).

«*...que a tudo enche em todas as cousas...*» Essa frase, tal como a anterior, pode ser compreendida em seu sentido ativo ou em seu sentido passivo. Consideremos os pontos abaixo discriminados:

1. Podemos compreender aqui «aquele que está sendo cheio por todas as coisas», isto é, todas as coisas contribuem para a sua plenitude, para a sua glória, para o seu bem-estar. Essa é a idéia exposta no décimo versículo deste capítulo, expressando uma verdade, naturalmente.

2. Porém, também podemos entender aqui «aquele que preenche todas as coisas com todas as coisas» (em sentido ativo). Este segundo sentido, mui provavelmente, é aquele tencionado. Compreende *pleroumenou* como *voz média* com sentido ativo. (Efé. 4:10 ensina que Cristo desceu e depois subiu, com o propósito de *preencher a tudo*).

Isso, por sua vez, significa o que passaremos a enumerar:

a. Todo o significado da vida e da existência depende de Cristo, sendo conferido por ele. b. O propósito da vida e o seu destino, tudo foi criado por ele e implantado por ele. Cristo preencherá o universo inteiro com o seu próprio ser; e o universo inteiro receberá os propósitos de Cristo, que são determinados por decreto divino. c. Há um bem-estar de ordem eterna, uma operação de Deus por intermédio de Cristo, pois faz parte de sua missão produzir o total bem-estar de todas as coisas. d. Cristo é o criador, o preservador, o restaurador, o governador, o benfeitor de todas as coisas. Tudo quanto o universo tiver de bom será porque Cristo lho deu. Ele «enche o universo com todas as coisas benéficas»; ele é quem dá a todos aquilo de que necessitam, incluindo a posse do bem eterno. Mas isso se verifica sobretudo no caso da igreja, que é a sua própria plenitude. e. Finalmente, Cristo preencherá todas as coisas *por meio da agência da igreja*; e isso é uma suposição necessária, posto que a igreja é a própria plenitude de Cristo.

Através disso verificamos, pois, as grandes realizações que serão feitas por intermédio da igreja, por toda a eternidade. A igreja será usada *como instrumento* para cumprir ou terminar a obra de Cristo, para conferir total e perfeito bem-estar *a todas* as coisas.

«*...todas as cousas...*», no original grego, é «*ta panta*», que literalmente poderia ser traduzido por «o tudo». Está aqui em foco «toda a criação, todos os seres, todas as coisas». E tudo encontra o seu significado na pessoa de Cristo, mediante a sua agência ativa. Ele dá «todas as coisas» que são necessárias para «todos». Não podemos limitar essa expressão «todas as cousas», como se se referisse exclusivamente à igreja. Isso seria contrário ao contexto geral, mormente contra o que diz o décimo versículo deste capítulo.

As palavras «*...em todas as cousas...*» podem ser compreendidas das seguintes formas:

1. *Em tudo* é possível, se aceitarmos que está em foco o caso instrumental, no original grego. Estariam em foco todos os dons, todas as bênçãos eternas, todo o bem-estar. E «tudo», nesse caso, seria o beneficiário da graciosa obra de Deus, através de Cristo.

2. Também pode estar em vista a idéia de «em todas as partes». Assim, pois, não haveria parte da criação que seja desprezada como beneficiária do bem eterno, que vem por meio de Cristo.

3. Ou o uso da expressão pode ser adverbial —Cristo «enche totalmente».

4. Ou ainda, Cristo enche «a todo o tempo, presente e futuro», ou mesmo «enche a todos os lugares», aqui, ali e acolá.

5. Certamente, pode-se entender que Cristo enche «de todos os modos». Mas o primeiro desses sentidos, mais provavelmente, é aquele tencionado pelo apóstolo, embora as outras quatro posições também expressem verdades possíveis.

6. Somente uma pessoa divina pode «encher as coisas». O vers. ensina a divindade de Cristo.

7. O versículo ensina uma grande verdade: «Cristo será tudo para todos», na economia divina final. Isto é uma paráfrase possível das palavras, «tudo enche em todas as coisas.» Todo o propósito, bem-estar e destino, de todos os seres (inclusive os perdidos) serão centralizados em Cristo. O versículo repete aspectos do grande mistério da vontade de Deus. Ver as notas sobre o décimo versículo deste mesmo capítulo.

Capítulo 2

I. *Secção Doutrinária: Os Elevados Propósitos de Deus quanto ao Destino Humano* (Efé. 1:1- 3:21).

6. O propósito de Deus atinente aos gentios (2:1-10).

(Quanto a passagens paralelas de Efé. 2:1,12, ver Col. 1:27. Quanto a uma lista de todos os paralelos entre a epístola aos Efésios e a epístola aos Colossenses, ver a nota de introdução, em Efé. 1:1).

Toda esta secção doutrinária da epístola aos Efésios expõe, de diversas maneiras, o «mistério da vontade de Deus», que figura em Efé. 1:10, e que consiste da unificação e restauração eventual de todas as coisas, em Cristo Jesus. Assim, pois, Cristo é tudo para tudo, *preenchendo a tudo*, conforme aprendemos em Efé. 1:23. Ora, essa grandiosa unidade de tudo, em Cristo, é restauradora, remidora, servindo de cumprimento espiritual dos destinos de todos os seres inteligentes, sem importar se necessitam ou não de redenção, conforme compreendemos ordinariamente esse termo.

O primeiro capítulo desta epístola apresenta breve sumário dessa doutrina, encerrando-se com elevada visão sobre a exaltação de Cristo no universo, sobre como os remidos tornar-se-ão a sua plenitude, o que significa que atingirão a mais alta posição no mistério unificador e restaurador, levando-os a ascenderem acima dos mais exaltados poderes angelicais. No vigésimo primeiro versículo desse primeiro capítulo, obtemos a idéia que alguns desses poderes angelicais são governantes de vastas regiões, exercendo domínio por delegação de Deus, poderes desconhecidos por quaisquer reis ou presidentes à face da terra.

No entanto, é promessa do evangelho que os remidos serão elevados acima desses próprios poderes celestiais, porquanto serão transformados em instrumentos da glória de Deus, na dimensão celestial, revestidos de uma magnificência que por enquanto não podemos imaginar ou descrever. Os remidos, por serem almas eternas, transformadas, assumirão a própria natureza e imagem de Cristo, participando do seu ser essencial e de sua glória (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18); e é nessa direção que o evangelho aponta, ainda que, desafortunadamente para a igreja, até mesmo em sua secção evangélica, esse admirabilíssimo evangelho é reduzido aos meros aspectos do perdão dos pecados e da futura mudança de endereço para os céus. Porém, quando toda essa magnificência tornar-se realidade, a glorificação terá apenas começado, a porta estará apenas entreaberta, e mal a mal teremos entrado na posse da nossa herança.

Os capítulos segundo e terceiro desta epístola dão prosseguimento à descrição sobre esse «grande mistério» de Deus. O presente segundo capítulo mostra-nos como os gentios participam dessa questão, como estão sendo elevados da degradação do paganismo para as alturas excelsas do conhecimento de Cristo. Este segundo capítulo também mostra-nos como os gentios foram elevados «do paganismo para os lugares celestiais», o que serve de ótimo título para um sermão a ser pregado com base neste texto. Este capítulo, por semelhante modo, mostra-nos como os privilégios da nação de Israel agora também fazem parte dos privilégios dos povos gentílicos, ainda que a doutrina dos lugares celestiais (ver o seu sexto versículo) ensine que esse antigo privilégio israelita foi infinitamente expandido, muito além de qualquer noção ensinada pelo A.T. ou pelos conceitos religiosos dos judeus. Já o terceiro capítulo mostra-nos como os gentios, aqueles que estão sendo trazidos para a formação da igreja, atingirão o pleno cumprimento em Cristo, a completa salvação, uma glorificação notável. Portanto, o «mistério» aludido no terceiro capítulo desta epístola é o mistério da «igreja», e que é uma subcategoria do grandioso «mistério da vontade de Deus», que aparece em Efé. 1:10. Todos os demais mistérios divinos fazem parte desse todo inclusivo desígnio de Deus, em Cristo Jesus. (Ver os trechos de Rom. 11:25 e Mat. 13:13, onde apresentamos discussões gerais acerca dos diversos *mistérios* que figuram nas páginas do N.T.).

«Essa exibição do poder de Deus não cessa nem mesmo nesse ponto (no tocante à exaltação de Cristo). Antes, ele nos tornou participantes da ressurreição e da exaltação de Cristo, tendo-nos conferido a vida, quando ainda estávamos mortos por causa dos nossos pecados. Não devido a qualquer mérito nosso, mas devido à sua graça gratuita 'É que isso sucedeu', porquanto isso se deu quando estávamos mortos em nossos pecados. Porém, embora nossa salvação não se tenha verificado em face de quaisquer obras de nossa parte, foi propósito de Deus, em sua nova criação, na nossa própria experiência, que palmilhássemos pela vereda da santidade, que ele mesmo traçou». (Abott, in loc.).

O esboço de Hodge, acerca da presente secção, é como segue: 1. Estado espiritual dos efésios, antes de sua conversão (versículos 1-3). 2. Alteração operada neles por Deus (versículos 4-6). 3. Desígnio pelo qual essa alteração foi efetuada (versículos 7-10).

«O poder de Deus Pai nos está vivificando, tanto a judeus como a gentios, em Cristo e com ele (ver os versículos primeiro a sexto); há o propósito de Deus, de manifestar o seu poder (ver o sétimo versículo); e há algo que se pode inferir no tocante ao método da nossa salvação». (Alford, *in loc.*).

2 *Καὶ ὑμᾶς ὄντας νεκροὺς τοῖς παραπτώμασιν καὶ ταῖς ἁμαρτίαις ὑμῶν,* 2 1 Eph 2.5; Col 2.13

1 αμαρτιαις] επιθυμιαις B

2:1: Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados,

«...*vós*...» refere-se, diretamente, aos crentes gentios que Paulo estava prestes a descrever. No quinto versículo deste capítulo, porém, a segunda pessoa do plural é modificada para a primeira pessoa do plural, *nós*. É que ali Paulo se identifica com eles, talvez incluindo nessa referência a todos os crentes. Todavia, todo este segundo capítulo é particularmente devotado ao que tem sido feito em favor dos gentios.

«...*deu vida*...» Não faz parte do texto, neste ponto, mas é convenientemente refletido do quinto versículo. A palavra «vós» se encontra no acusativo, esperando o verbo que tomaria essa palavra como seu objeto. No entanto, foi deixado um hiato por Paulo, sendo inserido um longo parêntesis cujo propósito foi o de descrever o passado dos gentios, que estavam «mortos em seus delitos». Então, finalmente, já no quinto versículo deste capítulo, aparece o verbo, que fala sobre «a vida espiritual que há na ressurreição de Cristo». Temos ali, pois, um paralelo direto da passagem de Rom. 6:3-6,8,9,11, onde o tema da participação na vida espiritual, mediante a ressurreição de Cristo, é descrito com amplidão. (No terceiro versículo deste capítulo apresentamos a nota expositiva sobre o «batismo espiritual», em que a nossa identificação com Cristo, tanto na morte como na vida, é anotada. Ver igualmente a passagem de Col. 3:1, onde a vida ressurrecta de Cristo é igualmente vista como algo de que os crentes participam. Essa vida ressurrecta subentende ainda a ascensão e a glorificação que se seguiram à ressurreição de Jesus Cristo, conforme o sexto versículo deste capítulo esclarece. Ver também Gál. 5:25).

«...*mortos*...» Uma vez mais precisamos desdobrar a explicação sobre esse conceito, para melhor entendimento nosso:

1. Isso significa que os homens, sem Cristo, estão espiritualmente mortos, agora mesmo, ou seja, não participam da «verdadeira vida», a qual consiste de muito mais do que de existência eterna, e, sim, de «certa modalidade de vida». A verdadeira vida se encontra em Deus, e os homens, eventualmente, participarão dessa vida real de Deus, em termos perfeitamente literais. Isso significa que os remidos possuirão a verdadeira imortalidade, e não uma imortalidade dependente, segundo as almas agora já possuem.

2. Esse termo, aplicado aos incrédulos, também significa «passíveis de morte eterna», que é aquele estado de perdição, na eternidade, dando-nos a entender total fracasso na participação da vida de Cristo, conforme mostramos no primeiro ponto, acima. Não está em foco a cessação da existência. (Ver I Cor. 8:6 acerca do fato que a «verdadeira vida» é uma modalidade de vida, e não mera existência eterna. A sujeição à «morte física» é algo inerente a essa expressão; mas não é esse o sentido aqui salientado).

3. Esse vocábulo não subentende que os homens «não viverão» na eternidade futura, por serem «passíveis de morte», da mesma maneira que estar morto «agora» não significa que os homens não existem. O fato é que os «mortos» em seus delitos existem; mas estão «espiritualmente mortos», segundo a definição neotestamentária. Esses existirão eternamente, mas não estarão *vivos* segundo a definição do N.T. É que não possuem aquela «modalidade de vida» que os qualificaria, segundo os padrões bíblicos, para serem chamados de «vivos».

4. Tais pessoas também se encontram «moralmente» mortas, conforme a interpretação de diversos dos antigos pais da igreja. A essas pessoas faltaria aquela vida moral, aquela santidade necessária para a vida eterna; porquanto, sem a santidade «...*ninguém verá o Senhor*» (Heb. 12:14). A santidade é absolutamente necessária, por conseguinte, para a participação na vida de Deus, sem importar se pensamos neste lado ou no outro da sepultura, em algum estado intermediário ou mesmo na eternidade futura.

5. Notemos, portanto, que a «imortalidade», em seus termos mais simples, isto é, a sobrevivência da alma, em face da morte física, não constitui a «vida eterna», referida no N.T. A vida eterna estará sempre vinculada à ressurreição, pois, no corpo ressurrecto, aos homens é conferida a mesma forma de vida que Cristo Jesus tem, o que um espírito desencorporado não possui. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «imortalidade», ver II Cor. 5:8. Ver ainda o trecho de I Cor. 15:20, quanto à «ressurreição», que esclarece a idéia de imortalidade, segundo a encontramos nas páginas do N.T.). Na «ressurreição», os crentes recebem uma «modalidade de vida», e não apenas existência interminável. A própria palavra «eterna», como conceito teológico e filosófico, indica «tipo» de existência e não apenas vida sem fim. Por essa razão é que o próprio Deus é chamado, no A.T., de «o eterno». Isso significa muito mais do que o fato dele sempre ter existido e de existir ele para todo o sempre. Antes, significa que ele representa a forma mais elevada de vida.

6. Este versículo não descreve diretamente o «problema escatológico» da morte; antes, descreve o princípio geral do «pecado-morte», que torna os homens «mortos» como uma «espécie», e não meramente como alusão ao «quando» estão ou estarão mortos. Por conseguinte, a ressurreição é igualmente uma realidade presente, um «estado de vida», e não meramente um acontecimento em futuro distante. É verdade que a ressurreição será um acontecimento em futuro distante; mas os seus efeitos operam desde bem antes disso, já que as almas dos remidos estão sendo transformadas em tipos de seres que podem habitar com razão em veículos espirituais (apropriados à existência nos lugares celestiais), veículos esses que denominamos de «corpos ressurrectos». Entretanto, o corpo ressurrecto não será corpóreo e nem atômico. Pelo contrário, será uma entidade espiritual altamente exaltada, um veículo apropriado para a vida nas dimensões espirituais.

7. Por conseguinte, a «morte», presente ou futura, consiste daquele estado em que os homens são separados da grande *fonte da verdadeira vida*, fonte essa que é Deus.

8. Alguns intérpretes falam da morte como se fosse «miséria», o que poderia servir de descrição do estado dos pagãos. Mas, apesar do fato que é possível descrever a «miséria em vida» pelo termo «morte», não era isso que Paulo desejava salientar aqui.

9. Um corpo fica morto sem a presença do «espírito». Por semelhante modo, no mundo espiritual, os homens ficam mortos sem o «Espírito», o grande doador da vida, o agente da transformação moral. (Comparar com

Col. 2:13, que também fala sobre o «amortecimento espiritual». «...entretanto, a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta» (I Tim. 5:6, que enfatiza o aspecto «moral» dessa «morte em vida»).

«...*delitos*...» As duas palavras «delitos» e «pecados» são freqüentemente usadas como sinônimos. Porém, visto que são usadas conjuntamente, é provável que seja correto considerarmos que há alguma distinção entre elas, e não que Paulo queria meramente multiplicar termos. O original grego da primeira dessas palavras é «paraptoma», vocábulo esse que comumente significa «transgressão», e que poderia ser traduzido literalmente por «cair ao lado». Deriva-se de «parapipto», «cair ao lado». A idéia de dar um passo em falso, que produz queda, é a idéia inerente a essa palavra. Metaforicamente falando, ela descreve os passos em falso dados no terreno moral, e quase sempre (embora não necessariamente) é empregada para descrever a desobediência a algum mandamento conhecido. Outras idéias podem estar presentes nesse termo grego, tal como «atos específicos» de pecado; porém, não há qualquer diferença, nessas palavras usadas, como se uma desse a entender «atos mentais», e a outra a entender *pecados morais* ou «vícios». Por igual modo, a primeira dessas palavras não se refere aos «judeus» (por terem tido eles uma lei que podiam «transgredir»), ao passo que a outra indicasse os pecados dos «gentios», visto que estes últimos não possuíam lei que pudessem transgredir.

A verdade é que os gentios «transgrediam» contra a luz e a lei que possuíam, escrita em seus corações, conforme a passagem de Rom. 2:14,15 nos explica. Por igual modo, a primeira dessas palavras, «delitos», não significa pecados «deliberados», em contraste com pecados «inconscientes». Por igual modo, não significam elas o «começo» do pecado e o «desenvolvimento» posterior do pecador, respectivamente.

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana:
De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal, que ávida em sua origem dana.
Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos;
Deus, ó Deus... Quando a morte à luz me roube
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.
(Bocage, Setúbal, Portugal, 1768- 1805).

«...*pecados*...» É aqui usada a palavra ordinária para «pecado», isto é, «amartia», um termo bem lato que pode incluir a idéia de «paraptoma». Mas esta última também pode ser usada em sentido mais amplo. O termo grego «amartia» significa «falha» ou «erro», dando a idéia de «errar o alvo». A forma verbal, «amartano», significa «errar», «errar o alvo», «falhar em algo». Tal vocábulo aponta para todos os tipos de pecado, da comissão, de omissão, de ignorância ou de rebelião. Já «paraptoma» indica «transgressões deliberadas». Portanto, ela aponta para atos específicos de desobediência, talvez indicam «contra a consciência e a moralidade verdadeira conhecida», ao passo que *amartia* indica pecados em geral, considerados «abstratamente», sem qualquer definição exata. Se tivermos de estabelecer alguma distinção entre essas duas palavras, algo dessa ordem parece ser a distinção correta. Mas a comparação no uso de ambas essas palavras, nos trechos de Rom. 4:25; 5:20, em contraste com I Cor. 15:3, mostra-nos que elas podem ser simples sinônimos.

Seja como for, está em foco o «pecado», em suas várias manifestações, o qual preserva a condição de «morte». A perfeição moral é necessária para que alguém veja a Deus; e conhecer a Deus significa possuir a vida, ter-se afastado do pecado. Por isso, aquele que ainda não abandonou o pecado, dificilmente estaria «vivo em Cristo».

«Nenhum homem é chamado de homem vivo, senão aquele que está no caminho da verdade, neste mundo. E o ímpio que não caminha pelo caminho da verdade, é chamado de 'homem morto'». (*Zohar* sobre Gênesis, fol. 50:2 e sobre Êxodo, fol. 21:2, que são escritos rabínicos). Portanto, essa terminologia se deriva dos rabinos judeus, conforme se dá em tantas das expressões usadas pelo apóstolo Paulo.

2 ἐν αἷς ποτε περιεπατήσατε κατὰ τὸν αἰῶνα τοῦ κόσμου τούτου, κατὰ τὸν ἄρχοντα τῆς ἐξουσίας τοῦ ἀέρος, τοῦ πνεύματος τοῦ νῦν ἐνεργοῦντος ἐν τοῖς υἱοῖς τῆς ἀπειθείας·

2 ἐν αἷς...τούτου Col 3.7; Tt 3.3 κατὰ...ἀέρος Jn 12.31; Eph 6.12 τοῖς...ἀπειθείας Eph 5.6

2:2: nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos de desobediência,

As palavras «...*nos quais*...» referem-se aos delitos e pecados do versículo anterior, o elemento da morte moral, física, eterna.

«...*andastes*...» A metáfora do ato de «andar» é empregada para indicar o «estilo geral da conduta diária». Trata-se de uma metáfora de uso freqüente. (Ver as notas expositivas a respeito em Gál. 5:16,25. Ver também Rom. 4:12; 6:4; 8:1,4; Gál. 6:16; Efé. 4:1,17; 5:2,8,15; Fil. 3:16-18; Col. 1:10; 2:6; 4:5; I Tes. 2:12; 4:1,12; II Tes. 3:11; II Ped. 2:10; I João 1:6,7; 2:6; II João 3,6; III João 4; Apo. 3:4; 9:20; 16:15; 21:24, quanto a outros usos dessa mesma palavra, em algumas das quais passagens ela aparece em sentido positivo—uma conduta santa—, ao passo que, noutras passagens, ela aparece em sentido negativo—uma conduta profana).

«...*segundo o curso deste mundo*...» A conduta passada deles era exatamente o que se poderia esperar da parte de cidadãos deste mundo, como homens não-regenerados que eram, que seguiam padrões mundanos, carnais, degradados. Eram «mundanos», e não «cidadãos da pátria celeste», e sua vida diária e costumes demonstravam isso claramente. Pervertiam a santidade até mesmo conforme a entendiam mediante a razão e a consciência. (Quanto a um estudo completo acerca da natureza do paganismo, no que concerne aos males morais, ver as notas expositivas sobre o trecho de Rom. 1:21-32).

A palavra «...*curso*...», neste caso, vem do termo grego «*aion*, que aparece em Efé. 1:21, onde também é comentada. Pode indicar «era» ou período específico», como a *era vindoura*, que será a era messiânica, a era eterna. Ou pode indicar «mundo», como idéia espacial. Ou, finalmente, pode dar a idéia temporal de «tempo», com suas diversas características, ou seja, um «curso».

A palavra *era*, unida ao termo «mundo», cria uma combinação difícil, literalmente, «era deste mundo». Mas isso pode significar uma «espécie de ação de vida, que caracteriza certo período de tempo», a saber, a «era presente», o que pode ser expresso pela tradução «curso deste mundo», havendo ênfase, nessa expressão, sobre a idéia de «tipo de vida», aquela maneira de viver que caracteriza a era atual, não estando em foco qualquer idéia de passagem de tempo. No entanto, alguns intérpretes preferem o sentido de «pessoa», para a palavra grega «aeon»; e tal pessoa, como neste caso, seria um poder espiritual maligno. Os gnósticos antigos aludiam à hierarquia de poderes espirituais ou angelicais com o termo «aeons». Se porventura esse é o sentido aqui destacado, então o «aeon deste mundo» serve de paralelo geral da expressão que aparece em seguida, isto é, «...o príncipe da potestade do ar...», o que seria uma alusão a Satanás, o mais poderoso e mais maligno de todos os seres espirituais.

Não sabemos dizer se Paulo utilizou dessa expressão no sentido «gnóstico» ou não; mas uma dessas duas interpretações acima é a correta neste ponto; e ambas expressam verdades bíblicas. Os crentes efésios, em seu passado, andavam de conformidade com o «presente sistema mundano», em contraste com a «era vindoura», porquanto obedeciam a espíritos malignos, que governam o curso deste mundo. (Ver o trecho de João 1:10 e as notas expositivas ali existentes, sobre os vários vocábulos gregos traduzidos por «mundo», nas páginas do N.T.). A passagem de Rom. 12:2, adverte-nos a que não nos amoldemos a este «mundo» (no grego, «aeon», que significa «era»).

«...*segundo o príncipe da potestade do ar*...» Nesta passagem, tal como em Efé. 6:12, vê-se que a atmosfera em redor da terra (e nessa referência citada aprende-se que esse poder se estende até aos níveis mais altos da existência, aos «lugares celestiais») está carregada de seres e poderes malignos. Ora, a nossa luta é contra tais seres, em última análise, e não contra «carne e sangue», porquanto o mal é inspirado neste mundo por Satanás e seus agentes.

Ora, tudo isso nos mostra que Paulo levava muito a sério essa questão de potestades, poderes, domínios, etc., tanto em seu bom como em seu mau sentido. (Ver as notas expositivas a respeito em Efé. 1:21). E àquela tremenda lista de seres espirituais, que exercem autoridade sobre vastos domínios espirituais, agora é adicionado o nome do príncipe de todos eles, Satanás. No trecho de João 12:31, Satanás é também chamado de *príncipe*. Em II Cor. 4:4, ele é apodado de «o deus deste mundo». (Quanto a notas expositivas completas sobre «Satanás», ver Luc. 10:18 e João 8:44. Ver também Mat. 10:25, acerca de seu título «Belzebube»). Satanás tem muitos agentes a seu serviço, conforme esta passagem e Efé. 6:12 o indicam. (No que concerne aos «demônios», ver Marc. 5:2 e as notas expositivas a respeito. Quanto aos «anjos» e aos «espíritos santificados», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10. A leitura dessas várias notas expositivas darão ao leitor uma idéia geral sobre o que o N.T. ensina acerca do «mundo espiritual» e dos «seres espirituais»).

«...*ar*...» Bem provavelmente, essa palavra indica as regiões imediatas, a atmosfera que circunda a terra, enfatizando aqueles poderes espirituais malignos que há em nossa própria atmosfera e nos lugares facilmente acessíveis da terra, os quais têm a capacidade de influenciar os homens.

Satanás é aqui chamado de «...*príncipe da potestade do ar*...» A palavra grega aqui usada é «eksousia», isto é, «*autoridade*», usada para indicar os seres espirituais, em Efé. 1:21. Mas isso poderia significar apenas, impessoalmente, que Satanás exerce toda a autoridade nessa região. Contudo, é melhor pensarmos que há aqui um sentido pessoal. Assim, pois, Satanás exerce autoridade sobre os «poderes» das dimensões espirituais, isto é, sobre os seres espirituais que habitam em tais dimensões; e através desses poderes, assedia essa dimensão terrena. A forma singular que aqui aparece «...*a potestade*...», mui provavelmente indica a forma coletiva para «poderes», devendo nós compreender o plural, tal como em Efé. 1:21.

E são as obras más desses poderes que fazem do «ar» um reino de «trevas», embora essas trevas sejam aqui vistas como algo que circunda a terra, não havendo qualquer alusão ao submundo. De fato, não fora a luz de Cristo, a própria terra seria uma dimensão de trevas espirituais completas, seria um dos infernos. Porém, mesmo dispondo dessa grande luz, com freqüência, e para muitos indivíduos, esta terra não passa de um inferno. O poder de Satanás e a cooperação pecaminosa do homem é que têm produzido essa situação.

De nada nos adianta procurar «modernizar» a linguagem de Paulo, para fazê-la concordar com as crenças do ceticismo nos tempos modernos. Outrossim, os gnósticos bem poderiam estar ao lado da razão, nesse aspecto particular de sua «concepção do mundo». Paulo assim pensava, e vários

estudos no campo da parapsicologia demonstram a realidade e o caráter pessoal e transcendental do mal.

«...*espírito que...atua...*» O mal aparece aqui como um «ser espiritual maligno», por detrás da maldade. E esse ser maligno, por intermédio dos seus agentes, controla os homens. Não admira, pois, que vejamos tantos crimes insensatos, guerras, desumanidades do homem contra o seu semelhante, etc., neste mundo. E se porventura a mão de Deus não coibisse essa maldade no mundo, por intermédio de seu Santo Espírito, este mundo não poderia servir de lugar de habitação do ser humano. Antes, o mundo se transmutaria em verdadeiro inferno louco de violência e perversão. Mas há momentos, sobretudo no caso de certos indivíduos, que se entregam totalmente a essa influência que vem do «ar», o mundo é apenas isso. Então os homens se tornam incapazes de tomar decisões justas; antes, mostram-se malignos e insanos na prática do pecado. Essa é a grande razão pela qual não poderá haver verdadeira paz, particular, pública ou internacional.

«...*filhos da desobediência...*» Temos aqui expressão tipicamente hebraica, que indica «os desobedientes», talvez incluindo a idéia dos «incrédulos». Esses pertenceriam à desobediência, tal como uma criança pertence a seus pais, e o seu caráter foi determinado pelos seus pais. (Comparar com outras expressões similares, como «filho da perdição», em João 17:12, «filhos da desobediência» ou «filhos da maldição», em I Ped. 1:14 e II Ped. 2:14. Ver também Efé. 5:6 quanto a esta mesma expressão, e I Tes. 5:5, quanto a «filhos da luz». O texto de I Ped. 1:14 contém o oposto do que é usado neste versículo, «filhos da obediência». No dizer de Ellicott, essa expressão, conforme é empregada aqui «Assinala a desobediência essencial e inata dos indivíduos citados, uma desobediência à qual pertencem, como uma criança pertence a seus pais».

«A desobediência é a própria natureza e o caráter essencial deles, e eles pertencem inteiramente a ela». (Salmond, *in loc.*). Porém, apesar dessa expressão ser tipicamente hebraica, também se encontra nos escritos de autores gregos, como Platão (Phaedr., pág. 275D), pelo que também não se confinava à cultura judaica. Os ímpios, conforme o Senhor Jesus explicou, são filhos de Satanás (ver João 8:44); por conseguinte, a desobediência é algo natural para eles, porquanto o pai deles é o mais maligno de todos os seres espirituais.

3 ἐν οἷς καὶ ἡμεῖς πάντες ἀνεστράφημέν ποτε ἐν ταῖς ἐπιθυμίαις τῆς σαρκὸς ἡμῶν, ποιοῦντες τὰ θελήματα τῆς σαρκὸς καὶ τῶν διανοιῶν, καὶ ἤμεθα τέκνα φύσει ὀργῆς ὡς καὶ οἱ λοιποί·

3 ἤμεθα...ὀργῆς Col 3.6

2:3: entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.

As palavras «...*entre os quais...*» significam «entre os filhos da desobediência»; e isso não apenas «localmente», como se estivéssemos vivendo em sociedade com eles, mas antes, «éramos enumerados entre eles», como iguais a eles, em suas ações más e em sua maneira de viver na impiedade. Alguns intérpretes, como Jerônimo e Bengel, pensam que essas palavras significam «entre os delitos e pecados» que o apóstolo acabara de descrever; e visto que a palavra em pauta pode ser do gênero neutro, e não do gênero masculino, essa interpretação é possível. A declaração pessoal, «entre quem», ou «entre os quais» (conforme temos nesta tradução portuguesa), porém, é a forma preferida por quase todos os comentadores bíblicos.

«...*nós...*» Mui provavelmente estão aqui em foco os «judeus» e não meramente qualquer crente, judeu ou gentio, que agora estivesse convertido, mas que antes vivesse como os pagãos. Cumpre-nos observar que Paulo não faz aqui qualquer distinção entre o pano de fundo moral e a conduta essencial entre judeus e gentios. Nos capítulos primeiro e segundo de sua epístola aos Romanos, porém, ele reconhece que há certas diferenças, mas a conclusão geral, que há no terceiro capítulo da mesma, confude a todos numa só categoria—pecadores.

Precisamos notar, neste ponto, que Paulo não atribui aos judeus ações impulsionadas por forças espirituais dominadoras, conforme ele diz acerca dos gentios, no segundo versículo; mas, no campo da conduta moral, o apóstolo estabelece igualdade entre uns e outros. É que a «lealdade» dos judeus não era aos espíritos malignos; apesar disso, a religiosidade disso não transformou a alma deles e nem lhes conferiu santidade autêntica. Somente a «justiça de Deus», a santidade verdadeira de Deus, dada aos homens, é que pode prepará-los para a existência nos «lugares celestiais», conforme aprendemos no trecho de Rom. 3:21.

As religiões falsas *não* percebem a força da declaração do primeiro versículo deste capítulo, no sentido que os homens não-convertidos estão «mortos». Talvez tais religiões vejam-nos como «doentes» ou como «moribundos»; mas Paulo assegura que estão «mortos». Por semelhante modo, as religiões falsas não percebem a força das declarações deste versículo: «...também todos nós...», pessoas religiosas, seguidores da lei, fazíamos coisas iguais aos pagãos, éramos também «filhos da ira», merecedores do julgamento de Deus. A religiosidade pode tornar um homem mais comedido em suas ações, mas não pode estacar o princípio do «pecado-morte», e nem pode livrar a quem quer que seja de suas garras.

«...*andamos...*» (Ver as notas expositivas sobre o segundo versículo, onde há alusão a outras referências bíblicas sobre a metáfora do «andar», que ilustra a conduta e o padrão de vida geral dos homens. Normalmente uma palavra diferente é usada da que aparece naquele versículo). Aqui temos o vocábulo grego «anastrepho», que significa «voltar-se para lá e para cá», «ficar perturbado», «viver»; e, metaforicamente, esse vocábulo significa «agir», «conduzir-se», «ter determinado comportamento». Alguns vêem nesta palavra uma conduta um tanto mais «ordeira»; mas não é provável que esse tenha sido o intuito de Paulo, em um contexto que equipara judeus e gentios em sua conduta. Além disso, na própria palavra grega não há elemento algum que sugira tal idéia, em comparação com o vocábulo traduzido por «andar», no versículo anterior.

«...*as inclinações da nossa carne...*», No tocante à palavra «...carne...», devemos considerar aqui três pontos:

1. O princípio carnal poderia estar em foco aqui, em contraste com o princípio espiritual, embora não haja qualquer alusão particular ao corpo físico.

2. Ou então, conforme era usual na linguagem de Paulo, pode estar em foco o corpo físico, dominado e controlado pelo princípio do «pecado-morte».

3. O mais certo, porém, é que estejamos diante da idéia da natureza humana, mortal e decaída. (Ver as notas expositivas sobre Rom. 6:6, a respeito desse tema).

Nas Escrituras, o próprio corpo nunca é visto como maldoso, segundo aparece na doutrina gnóstica. Para os gnósticos, a «matéria» era a própria materialização do princípio do mal, e a destruição da matéria significava o fim daquele citado princípio. Pelo contrário, o corpo material é que se presta facilmente a servir de instrumento para esse princípio. O corpo físico, cativado pelo princípio do «pecado-morte», passa a ser controlado por «inclinações» tendentes para o mal.

A palavra grega aqui traduzida por «...*inclinações...*» é «*epithumia*», a qual indica qualquer desejo, bom ou mau. Neste caso, Paulo quis indicar desejos e paixões malignos, incluindo até os de natureza sexual depravada, que ordinariamente são descritos por meio de tais termos, embora não se limitem a isso.

«Os gentios não tinham o monopólio de tais impulsos pecaminosos». (Robertson, *in loc.*). «O pensamento aqui é que os judeus com facilidade caíam nos vícios morais de seus vizinhos pagãos». (Beare, *in loc.*). Por conseguinte, a «carne» significa aqui, no dizer de Braune (*in loc.*): «...a natureza humana, sujeita ao controle dos maus impulsos, que se afasta de Deus, no supremo interesse próprio, devotado inteiramente à criatura».

«...*fazendo a vontade da carne...*», isto é, obedecendo aos «ditames» da natureza humana caída e corrupta, em contraste com a vontade benfazeja de Deus. Nós «cumpríamos» a vontade da natureza humana decaída, sem redenção, embora que, por muitas vezes, nos acobertássemos por um disfarce externo de religiosidade. Éramos controlados pelo «espírito voluntarioso próprio», e não pela vontade divina; e até mesmo o bem que porventura tínhamos, era falso, porquanto provinha dessa fonte má.

Alguns estudiosos vêem no uso da palavra no plural, «vontades» (no original grego, mas não na nossa tradução em português), como indicação de uma «vontade fixa». Pelo menos esse plural denota uma ação contínua, habitual. Essas coisas eram «cumpridas». O pecado tinha plena fruição em nós, tal como nos pagãos.

«...*e dos pensamentos...*» No grego temos aqui o termo «dianoia», que quer dizer «entendimento», «intelecto», mas que aqui, por estar no plural, significa o resultado do princípio racional, os «pensamentos». Pensávamos na maldade, e a púnhamos em prática. Deus deu mente ao homem, para que o buscasse e conhecesse (ver o primeiro capítulo da epístola aos Romanos), mas o homem perverteu o princípio racional em suas práticas pervertidas. O homem se perverteu tanto em sua maneira de pensar como em suas práticas. Perverteu-se tanto em seus pensamentos como em seus atos, e a sua «religiosidade» não pôde pôr fim a isso.

«...*éramos por natureza...*» É transferida para cá uma idéia judaica, a de «pecadores por natureza». Essa idéia é examinada e ventilada de forma completa no terceiro capítulo da epístola aos Romanos. Nenhum homem, por natureza, busca, compreende e acha a Deus. Dá-se exatamente o contrário, pois o homem se afasta voluntariamente do Senhor, fazendo de si mesmo um «deus», além de adorar uma multidão de objetos por ele mesmo escolhidos, e dos quais eventualmente se escravizam. O termo grego, «phusia» que é aqui traduzido por «natureza», indica aquilo que é algo «por natureza», por «nascimento», inerentemente, em contraste daquilo que é adquirido por força das circunstâncias, do ambiente. O ponto de vista bíblico sobre o homem é que ele é uma criatura *decaída*. O homem chega a este mundo já desse modo.

Os pais alexandrinos da igreja acreditavam que o homem procede das dimensões espirituais, ou seja, preexistente em sua alma, tendo caído juntamente com os anjos, na queda original. Tal corrupção de natureza, naturalmente, permanece apegada à alma, sendo transferida para aquela fase da existência em que a alma se une ao corpo. Sem importar se isso expressa ou não a verdade, o ensinamento bíblico em nada se altera. A alma se corrompe e cai, e o corpo passa a ser um empecilho adicional, porquanto facilmente se deixa arrastar pelas paixões pecaminosas, tornando-se presa fácil das mesmas. E devemos observar que a própria «religiosidade» não é capaz de corrigir essa condição, embora houvesse provocado certas diferenças externas na conduta dos judeus antigos.

«...*filhos da ira...*» (Ver as notas expositivas sobre a expressão «filhos da desobediência», no segundo versículo, que é essencialmente uma expressão hebraica, e que indica a natureza essencial, o padrão de vida). O termo grego «tekna», «filhos», é usado neste versículo, ao passo que «uios» é o termo usado no versículo anterior. É que quase sempre a palavra «tekna» é utilizada para indicar «filhos por natureza», em contraste com «uios», que

indica «filho por adoção». Mas como «uios» também tem um sentido geral, esses dois termos gregos com freqüência são simples sinônimos. E esse é o uso desse vocábulo aqui. (Ver o trecho de Rom. 8:14,17 onde esses dois vocábulos são usados como sinônimos virtuais). A palavra grega «tekna», aqui usada, indica que essa condição procede do berço, pelo que a idéia de «por natureza» já se encontra inerente nessa palavra. Mas somente o autor sagrado poderia dizer-nos se essa opinião é correta ou não.

A expressão «filhos da ira», significa: 1. Aqueles que atualmente vivem debaixo do desfavor divino, os quais estão sujeitos ao desprazer de Deus e ao seu juízo. (Comparar com João 3:18, que diz: «Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado...»). 2. Mas, como é óbvio, por já se encontrarem nessa condição, tais indivíduos estão passíveis de sofrer julgamento eterno. Essas são as pessoas que Deus precisa julgar, para que ele se mostre coerente com as suas próprias leis e exigências.

Temos aqui latente a doutrina do pecado original: O homem vem a este mundo como uma criatura decaída, e não que o meio ambiente o leve a essa condição. Encontra-se o homem em urgente necessidade de redenção, porque agora mesmo está debaixo da «ira de Deus». É «merecedor da ira», sendo o tipo de pessoa que Deus tem de julgar para poder satisfazer à justiça. Outrossim, a lei em nada ajuda tal indivíduo, pois pessoas «religiosas» são descritas aqui pelo apóstolo Paulo. «...mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri» (Rom. 7:9).

Tanto os gentios como os judeus estão igualmente em necessidade de redenção; e o pecado é o ofensor. Consideremos o caso de algumas tribos indígenas do extremo norte do Brasil. Entre elas, matar é sinal de virilidade, e ter compaixão é sinal de fraqueza. Certo missionário relata a história de como um índio arrancou uma criancinha índia, que chorava nos braços de sua mãe, e lhe esmagou a cabecinha de encontro a um poste, matando-a instantaneamente. Isso foi feito meramente porque o índio estava irritado com o choro da criancinha. No Congo, os homens matam outros homens por esporte, como quem está numa caçada a feras. Mas as chamadas nações da civilização moderna encetam guerras mortíferas umas contra as outras, e as ruas são repletas de atos criminosos desavergonhados, que não demonstram qualquer sinal de consciência. Homens mais educados e refinados fazem do 'eu' o seu deus, e até mesmo ações aparentemente *altruístas* podem ter sua motivação no egoísmo, como meio de obter reconhecimento alheio, poder ou estima.

O apóstolo dos gentios reconhecia que apesar da depravação humana assumir muitas formas, todos os homens compartilham dessa depravação; e a religiosidade não tem a capacidade de pôr ponto final nisso. Somente o Espírito de Deus pode fazer cessar essa maré de maldade.

4 ὁ δὲ θεὸς πλούσιος ὢν ἐν ἐλέει, διὰ τὴν πολλὴν ἀγάπην αὐτοῦ ἣν ἠγάπησεν ἡμᾶς,

4 αυτου] *om* $\mathfrak{p}^{46}$D*G *pc* | ημ] *om* $\mathfrak{p}^{46}$ *d* vg(2) Ambst^{pt} Vict | ηγαπησεν] ηλεησεν $\mathfrak{p}^{46}$ *d g* Ambst Vict

2:4: Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou,

As palavras «*...mas Deus...*» mostram o que realmente faz toda a diferença, o que faz estacar o cortejo do pecado e sua conseqüência necessária, o juízo. É ordinário que os comentadores, ao explicarem esta passagem, mencionem todos os pontos negativos, para em seguida contradizerem tudo com as palavras «...mas Deus...» E apesar disso ser tão comum, e a despeito de todo pregador ou mestre já ter provavelmente usado esse texto dessa maneira, a verdade assim expressa é grande, jamais podendo tornar-se lugar comum.

«*...rico em misericórdia...*» No original grego, «...misericórdia...» é «eleos», que significa «compaixão», «dó», «simpatia». (Ver Rom. 11:30-32 quanto a notas expositivas completas sobre a «misericórdia de Deus», mas especialmente o trigésimo segundo versículo. Ver também I Cor. 7:25 e Gál. 6:16 quanto a outras notas expositivas a respeito). Todos os atos de Deus são temperados pela misericórdia, incluindo os seus decretos de julgamento divino, conforme vemos nas notas expositivas acerca de Rom. 11:32. Ninguém é grande por saber apenas como aplicar a justiça, por mais justo que isso seja. Pois a verdadeira grandeza é a da justiça temperada pela misericórdia. Portanto, temos aqui em vista aquela simpatia divina, aquele amor divino que se mostra paciente e que suaviza a punição e alivia a culpa. Na presente epístola, a palavra «rico» com freqüência tem a idéia de «abundância». Por conseguinte, a misericórdia de Deus é *abundante*, provendo o meio para escaparmos da ira justa; e o primeiro capítulo desta epístola mostra-nos quão grande e universal é esse meio de escape.

«...porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor» (Rom. 6:23). Essa é, em sua essência, a mensagem do versículo que ora comentamos, exceto que aqui os motivos por detrás do dom divino são outros, a saber, a misericórdia e o amor; e essa misericórdia e esse amor são derramados sobre nós com grande profusão. No dizer de Rom. 9:23, Deus deu a conhecer «...as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia...» (Quanto à idéia de «riquezas», em conexão com outras qualidades e promessas divinas, ver as notas expositivas sobre Efé. 1:7, as «riquezas da sua graça» e sobre Efé. 1:18, as «riquezas da sua glória»).

«*...por causa do grande amor com que nos amou...*» A misericórdia de Deus repousa em seu amor por todos os homens. Deus nos dá o supremo exemplo de altruísmo, sendo também ele o grande padrão do amor, daquele amor do qual eventualmente compartilharemos, por virtude do fruto do Espírito Santo. (Ver o trecho de Gál. 5:22, quanto ao «amor», onde essa virtude aparece como um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo», que ele opera em nós). Ora, Jesus de Nazaré foi o mais excelso exemplo humano de como devemos exercer esse amor entre os nossos semelhantes, sabendo-se que Deus é a fonte originária de todo amor, sendo ele o seu exemplo supremo. A idéia das palavras de Paulo, neste ponto, é que Deus usa de misericórdia «por causa do seu amor». O amor põe a misericórdia em ação, desviando-nos do julgamento e conferindo-se a vida eterna em Cristo, o que rouba a morte de todo o seu poder.

«A misericórdia retira a miséria; o amor confere a salvação». (Bengel, *in loc.*). Sim, o amor de Deus é exibido na pessoa de Cristo, onde é visto com clareza fulgurante. (Ver Efé. 3:19, onde o amor de Deus é visto como parte da oração de Paulo, que pedia a iluminação do Espírito para que aqueles crentes efésios pudessem compreender algo do amor de Deus, em Cristo Jesus).

«Se a misericórdia é a atitude de Deus para com os pecadores, o amor é o seu motivo, em tudo quanto ele fàz por eles; e assim como a misericórdia de Deus é 'rica', assim o seu amor é 'grande'. Foi com esse grandioso amor que Deus nos amou, quando nos escolheu, e isso fez 'por causa' do seu amor (e não 'através do amor', conforme disse Lutero), agindo em nosso favor como o faz». (Salmond, *in loc.*).

«Uma vez mais, tal como em Efé. 1:4, a ênfase é posta sobre o amor de Deus, antes de tudo o mais como a grande causa motivadora da salvação». (Barry, *in loc.*).

«*...grande...*» é o amor de Deus por causa de sua magnitude, de sua intensidade, do que ele é capaz de fazer, em nossa redenção.

«*...nós...*» Esse pronome oblíquo indica tanto os judeus como os gentios, incluindo todos aqueles que estavam perdidos e depravados, que o apóstolo acabara de descrever, nos versículos segundo e terceiro.

«Nada no mundo vive e prospera senão à sombra do amor. Correi a série orgânica inteira, e encontrá-lo-eis por toda a parte e presidindo aos destinos da vida. Subi às regiões etéreas, onde os astros colossais percorrem, em órbitas infinitas, a rota que a mão do Criador lhes imprimiu; subi nas asas do pensamento, e vereis que os mundos não se precipitam nos abismos incomensuráveis do espaço, produzindo a mais pavorosa das catástrofes, antes, giram harmônicos e submissos à lei suprema da ordem, porque os dirige uma força misteriosa e soberana, a atração universal, outra forma de amor». (Ramiz Galvão, Rio Grande do Sul. 1846-1938).

5 καὶ ὄντας ἡμας νεκροὺς τοῖς παραπτώμασιν συνεζωοποίησεν τῷ Χριστῷ[1] — χάριτί ἐστε σεσωσμένοι —

[1] 5 {C} τῷ Χριστῷ ℵ A^{vid} D G^{gr} K P Ψ 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629^{e} 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{e,d,dem,e,f,rl,w,x,z} vg^{ww} goth Hilary Pelagius Jerome Theodore^{lat} Ps-Jerome Cassiodorus // ἐν τῷ Χριστῷ $\mathfrak{p}^{46}$ B 33 *l*^{599} it^{ar} vg^{cl} cop^{sa,bo} arm? Ambrosiaster Victorinus-Pome Ephraem Ambrose Chrysostom John-Damascus // σὺν τῷ Χριστῷ it^{g} syr$^{p,(h),pal}$ Origen^{lat} Hilary Jerome

5 ὄντας...παραπτώμασιν Eph 2.1; Col 2.13 ὄντας... Χριστῷ Lk 15.24, 32; Ro 6.13 χάριτί ἐστε σεσωσμένοι Ac 15.11; Eph 2.8

5 τοις παραπτωμασιν ℵA *pl* co ς; R] τ. σωμασιν $\mathfrak{p}^{46}$ (*ex παραπτω- ?*): ταις αμαρτιαις D lat: τη αμαρτια G: τοις παραπτ. και ταις αμ. Ψ Or: εν τ. παρ. και ταις επιθυμιαις B | τω] εν τω $\mathfrak{p}^{46}$B *pc* vg$^{s,\ cl}$ arm; R^{m} | χαριτι] *praem* οὗ τη (*om* τη G) D* it vg$^{s,\ cl}$

A forma ἐν τῷ Χριστῷ (*p* (46) B 33 *al*) parece ter surgido ou de ditografia acidental do -εν, prévio, ou da assimilação deliberada a ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ no vs. 6.

2:5: estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos),

(Quanto a notas expositivas completas sobre o fato de termos estado «mortos em delitos e pecados», o que é aqui referido mediante a palavra «delitos», a mesma palavra grega anteriormente empregada, ver Efé. 2:1).

«*...nos deu vida...*» (Quanto à noção da «vida eterna», que é apontada aqui na palavra «vida», ver João 3:15). Essa vida é «presente», ou seja, já nos foi proporcionada, visto que no Espírito, mediante o seu penhor, já começamos a participar da mesma. Mas também tem um aspecto futuro, pois, nos lugares celestiais, ao entrarmos na posse da nossa herança, desfrutaremos de total participação na vida eterna, em tudo quanto ela significa. Essa é a vida do próprio Deus Pai, comunicada por intermédio de Jesus Cristo, por mediação da sua ressurreição. Existem muitas formas diferentes de vida, a começar pelos animais unicelulares e subindo na escala até às estruturas biológicas mais complexas, até chegar ao homem, que é um ser físico-espiritual; daí se passa para as várias ordens de anjos; e, finalmente se chega ao próprio Deus, que é a fonte originária de toda a forma de vida, o pináculo da pirâmide, a forma de vida mais exaltada que há. Ora, essa vida de Deus é exatamente aquela que haveremos de compartilhar na eternidade, tendo sido feitos perfeitos membros da família divina. (Ver as notas expositivas a esse respeito em João 5:25,26 e 6:57). Essas duas passagens citadas também enfatizam o fato que através da ressurreição de Cristo é que essa forma particular de vida nos foi conferida, o que é uma duplicação perfeitamente literal da mesma natureza e da mesma forma de vida que o próprio Senhor Jesus Cristo possui.

«*...juntamente com Cristo...*» são palavras que indicam nossa participação na vida ressurrecta de Cristo, o que implica tanto sua ascensão como sua glorificação, segundo se faz claro no sexto versículo. Trata-se de

um tema comum nos escritos paulinos. (Ver Rom. 6:3 quanto a uma nota expositiva ampla, acerca de como participamos da morte e da vida de Cristo. Ver os trechos de Col. 3:1 e 2:13, que lhe são paralelos. Quanto a uma lista de todos os paralelos entre as epístolas aos Colossenses e aos Efésios, que são muitos, ver as notas de introdução a Efé. 1:1. Quanto a notas expositivas completas sobre a «ressurreição», que serve de medida medianeira da vida de Cristo conferida aos homens, ver I Cor. 15:20.

A ressurreição é algo: 1. moral, pois produz a santificação; 2. começa a produzir, agora mesmo, a transformação metafísica da alma, ou seja, a espiritualização do ser; 3. e o processo agora iniciado terá prosseguimento depois, até que nos seja dada a ressurreição real do corpo, o que será um passo gigantesco no processo de nossa transformação segundo a imagem de Cristo, quando então seremos tudo quanto ele é e possuiremos tudo quanto ele tem. O fato que temos vida se dá, *ipso faeto*, em Cristo. Em outras palavras, «pelo próprio fato» que Cristo tem vida, por haver ressuscitado, os que nele confiam também têm vida. Isso é assim devido à nossa completa e eficaz identificação com ele. Isso assegura a obtenção da vida agora mesmo. Aqueles que têm contacto com os cancerosos dizem que esse tumor maligno produz um forte mau cheiro. Uma missionária-enfermeira disse-me que lhe era muito difícil trabalhar no pavilhão dos cancerosos. Isso serve de ilustração dos seres humanos sem Cristo, os quais estão «mortos» e estão «morrendo» diariamente em seus pecados e transgressões. Cristo cura esse mal moral, que significa a morte para a alma.

O toque divino é necessário: Os homens aplicam suas filosofias, religiões e sistemas; e apesar de que todas essas coisas têm um relativo valor, elas não podem salvar e transformar uma alma. É preciso a graça de Deus para tanto, e a operação graciosa do Espírito. Conta-se a história de uma certa prostituta que de certa feita entrou em uma missão evangélica, localizada em um tabogã. Ela estava «morta», pois aquela que vive em prazeres está morta, apesar de viver (ver I Tim. 5:6). Ali ela se converteu, e a sua transformação moral teve início. Não demorou muito até que ela trouxe cem outras mulheres de sua categoria aos pés de Jesus Cristo. Isso não lhe poderia ter acontecido se porventura ela tivesse feito cursos de psicologia, ainda que tais cursos lhe tivessem sido proveitosos em outros sentidos.

«Um pastor evangélico de uma grande cidade diz-nos que, no decurso de uma visita que fez, em certa tarde, a uma pensão ordinária, encontrou uma enfermeira aposentada. Era pessoa já idosa. Não tinha familiares e nem amigos. Perdera o contacto com sua igreja. O ministro induziu algumas irmãs a fazerem-lhe uma visita, a fim de trazê-la de volta a um grupo caloroso de crentes, de volta à adoração no santuário. A vida retornou àquela alma desviada. Conforme dizia o ministro: 'Foi uma literal ressurreição dentre os mortos'». (Wedel, *in loc.*).

Falando acerca da igreja cristã primitiva, A.E. Taylor assevera: «...antes de tudo foram convencidos que tinham uma experiência real e pessoal com uma nova forma de vida, da qual Deus é o centro, e que essa vida teve início com o 'dom pentecostal do Espírito'. Não inferiram qual a significação transcendental de Cristo com base na crença anterior na perfeição moral do seu caráter. Pode-se duvidar com razão que, nos dias que se seguiram, qualquer indivíduo se tenha verdadeiramente convertido à fé cristã através da simples impressão que sobre ele tenha feito a história da vida de Cristo ou a explicação sobre seus ensinamentos morais». O comentário desse autor, tão cheio de entendimento espiritual, subentende a necessidade absoluta de contacto com o Espírito Santo, para que haja conversão. Esse contacto é apenas outra maneira de falarmos sobre «a vida em Cristo, mediada pela ressurreição».

O milagre da graça divina: A ressurreição implica em grande milagre. Deve haver algo de altamente vital, divino, capaz de converter e transformar uma alma segundo a imagem de Cristo, algo que está muito além de todo esforço humano. Ora, é justamente esse o ponto que as religiões falsas não conseguem perceber. Um poder imenso, o poder divino, é necessário para a salvação dos homens. O milagre da graça é o milagre da ressurreição. Um homem morto por hipótese alguma pode insuflar vida em si mesmo. A restauração da vida, nesse caso, requer nada menos que um milagre. Ora, todos os homens estão espiritualmente «mortos», e assim têm de permanecer, enquanto não houver esse milagre.

«O que Deus operou em Cristo, operou *'ipso facto'* em todos quantos estão unidos a ele». (Ellicott, *in loc.*). (Ver a passagem de I Cor. 1:4 quanto a notas expositivas sobre a nossa «união mística com Cristo»).

Outras Idéias:

1. Alguns pensam que a «vida» aqui mencionada se limita à «parousia» ou Segundo Advento de Cristo, e à ressurreição do dia futuro. Na realidade, porém, dá início, desde agora, à reversão da morte espiritual, reversão essa que consiste da outorga da vida eterna, em suas formas preliminares.

2. Outros pensam que está em pauta apenas a reanimação de judeus e gentios juntamente.

3. Outros opinam que tudo se resume no fato de seguirmos o exemplo de Cristo. Porém, longe disso, essa vida é a participação no seu tipo de vida ressurrecta.

4. Também está envolvido muito mais que o perdão dos pecados e a justificação. Está em foco o começo da total salvação, que nos é dada em Cristo, primeiramente por ocasião da conversão, que agora tem prosseguimento na santificação, e que caminha para o estágio final e completo da glorificação.

«...*pela graça sois salvos...*» Isso expressa uma verdade necessária, já que um homem morto não pode recuperar sua vida perdida através dos seus próprios esforços. A recuperação precisa vir de fora, e precisa ser efetuada por uma poderosíssima força. O poder de ressuscitar um indivíduo espiritualmente morto vem de fora, da parte de Deus, e é uma força poderosíssima.

Devemos observar aqui o particípio perfeito, no grego, que poderia ser traduzido por «pela graça fostes salvos», algo definido e já realizado, em forma de penhor, cujos resultados têm prosseguimento no presente. O tempo passado subentendido foi quando da «conversão», o começo do processo de salvação, que se encaminha para a glorificação nos lugares celestiais. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça» e sobre a «salvação pela graça», ver as notas expositivas sobre o oitavo versículo deste capítulo, a afirmativa neotestamentária clássica acerca dessa particularidade).

6 *καὶ συνήγειρεν καὶ συνεκάθισεν ἐν τοῖς ἐπουρανίοις ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ,*

6 *συνήγειρεν ...ἐν* Χριστῷ Ἰησοῦ Col 2.12

2:6: e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus,

(Quanto a notas expositivas completas sobre os «lugares celestiais», ver Efé. 1:3). O termo «...lugares celestiais...» é usado exclusivamente nesta epístola aos Efésios. Aquilo que é «celestial», em contraste com o que é terreno, está em foco; mas o uso também é «local», falando de muitas esferas da existência celeste; e, para os crentes, isso indica as «mansões», de João 14:2.

«Os lugares celestiais podem ser definidos como a esfera da experiência espiritual dos crentes, identificados com Cristo na natureza (ver II Ped. 1:4); na vida (ver Col. 3:4 e I João 5:12); nas relações (ver João 20:17 e Heb. 2:11); no serviço (ver João 17:18 e Mat. 28:20); no sofrimento (ver Fil. 1:29; 3:10 e Col. 1:24 ; I Ped. 2:9; Apo. 1:6 e 5:10). O crente é um ser celestial, um estrangeiro e peregrino na terra (ver Heb. 3:1 e I Ped. 2:11)». (Scofield, *Reference Bible, sobre Efé. 1:3*).

«...*juntamente com ele...*» Há três expressões, nos versículos quinto e sexto, vinculadas a essas palavras, a saber, «nos deu vida», «nos ressuscitou», e «nos fez assentar». Tudo isso ocorre conosco juntamente *com Cristo*. É que aquilo que Deus fez por Jesus Cristo, também o faz, «ipso facto», por todos os crentes. A identificação de Cristo conosco, em sua natureza humana, foi completa; e completa igualmente será a nossa identificação com ele em sua ressurreição, ascensão e glorificação, o que deve incluir, necessariamente, a participação em sua natureza divina (ver II Ped. 1:4), o que fará de nós membros da família divina, tal como ele se tornou membro humano, ao tomar a nossa natureza. Ora, possuidores de sua natureza, e estando totalmente identificados com ele, também seguiremos cada passo da sua glorificação, e teremos sua herança como co-herdeiros dele (ver Rom. 8:17).

Devemos observar que os verbos usados para a outorga da vida, da ressurreição e para a transposição para os lugares celestiais, juntamente com Cristo, se encontram todos no «aoristo», no original grego, o que fala de uma participação já iniciada, o começo da concretização dessas realidades espirituais em cada crente, o que, de certo modo, refere-se a um ato já terminado da parte de Deus, visto que em Cristo Jesus tudo já teve lugar, a começar pela sua ressurreição literal. Devemos notar que todos os verbos ali usados são compostos com a partícula grega «sun» (em português, «com»), o que nos permite averiguar que todas as bênçãos ali referidas são dadas somente àqueles que *participam*, juntamente com Cristo, daquilo que Deus Pai já fez por ele, daquilo que o Deus Pai lhe está fazendo agora, na glorificação. Os membros do corpo místico de Cristo (a Igreja), devem ter idêntico destino que tem o seu Cabeça. Ora, já temos tido ocasião de aprender esse princípio básico em Efé. 1:19 e ss. Um corpo e sua cabeça estão tão vitalmente ligados que aquilo que acontece a um, deve fatalmente acontecer a outro. E é exatamente isso que faz de nós «...a plenitude daquele que a tudo enche em todas as cousas», conforme temos em Efé. 1:23.

Este versículo pode ser confrontado com Efé. 1:20. O poder de Deus «ressuscitou a Cristo», e então o fez assentar-se à sua direita, nos lugares celestiais. Em seguida aparecem algumas descrições sobre a extensão da glorificação do Senhor Jesus. Seu nome ficou acima de qualquer outro nome que se possa nomear, incluindo os nomes dos poderes angelicais mais exaltados. Por semelhante modo, os crentes em Cristo estão sendo ressuscitados para os níveis mais excelsos da existência, e acima dos mesmos poderes angelicais sobre os quais Cristo é superior. E isso nos ensina algo sobre a extensão e a grandiosidade da nossa glorificação. (Ver o trecho de Rom. 8:30, bem como as notas expositivas ali existentes, sobre o tema da «glorificação»).

«...*nos lugares celestiais...*» Ver 1:3, nota geral sobre os lugares celestiais. Esses lugares são contrastados com o que se lê em Efé. 2:2, a esfera mundana, controlada por poderes espirituais malignos, esfera mundana essa que antes foi seu lugar de existência. Mas agora foram elevados para «acima da terra», para o «ar», onde Satanás manifesta suas atividades e seu poder. Quanto a nós, os remidos, uma vez que sejamos elevados aos «lugares celestiais», nosso progresso no caminho da transformação segundo a imagem de Cristo será rápido, de tal modo que, finalmente, sua imagem perfeita será formada em nós.

«...*nos ressuscitou...*» Está em foco uma ressurreição moral, mas também contínua e futura.

«...*nos fez assentar...*» Participamos da ascensão de Cristo, em virtude da ascensão dele, o que o conduziu aos lugares espirituais. (Ver Atos 1:6 quanto a notas expositivas completas sobre a «ascensão»). A expressão «nos lugares celestiais» fala da glorificação juntamente com Cristo, porquanto é

ali que ele se acha glorificado, conforme nos mostra a passagem de Efé. 1:19-23.

«...*em Cristo*...», isto é, em acordo com Cristo. Mas isso refere-se especificamente sobre o fato que nossa total identificação com ele, mediante a comunhão mística, produz todas aquelas «bênçãos espirituais» referidas em Efé. 1:3. (Ver o trecho de I Cor. 1:4 acerca de notas expositivas onde são descritos os aspectos vários dessa comunhão). A expressão «em Cristo» ocorre por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes nos escritos paulinos, servindo de chave autêntica para a teologia paulina.

«Deus nos vivificou juntamente com Cristo. No fato e no ato único da sua ressurreição, ele ressuscitou igualmente todo o seu povo—para a vida espiritual, e, dessa maneira, para a vitória sobre a morte, tanto sobre a morte espiritual como, evidentemente, sobre a morte física também. Portanto, discutir se essa expressão é passada (espiritual) ou é futura (física), é esquecer-se que o todo inclui as suas partes constituintes. Os três verbos no aoristo são prolépticos no que diz respeito à sua concretização em cada indivíduo; mas também descrevem um ato passado e realizado, da parte de Deus. As disputas que perguntam se essas coisas devem ser consideradas como presentes ou futuras, como reais ou potenciais, como literais ou espirituais, podem ser facilmente eliminadas por aqueles que têm apreendido a verdade da união dos crentes em Cristo e com ele». (Alford, *in loc.*).

7 ἵνα ἐνδείξηται ἐν τοῖς αἰῶσιν τοῖς ἐπερχομένοις τὸ ὑπερβάλλον πλοῦτος τῆς χάριτος αὐτοῦ ἐν χρηστότητι ἐφ' ἡμᾶς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.

7 τὸ ὑπερβάλλον...αὐτοῦ Eph 1.7 — 7 Ἰησου] *om* DG Vict

2:7: para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus.

«...*nos séculos vindouros*...» Este versículo mostra-nos claramente o grande «desdobramento da graça», nos lugares celestiais, nas futuras eras eternas. É um erro pensarmos que nos céus impera a estagnação. O ser divino não pode experimentar estagnação. A graça que opera aqui também operará ali; e por toda a eternidade os remidos continuarão a avançar e a prosperar na santidade de Deus, até que cheguemos a compartilhar da própria santidade de Déus Pai, para não sermos menos santos do que ele (ver Mat. 5:48). Ora, isso significa participarmos da natureza perfeita de Cristo (ver Rom. 8:29); e também significa ser divino como Cristo é divino, em sua glorificação (ver II Ped. 1:4); e, finalmente, significa que seremos instrumentos supremos da glória de Deus, de suas obras eternas, seres capazes de tal utilidade (ver Efé. 1:23). Ora, isso tudo ocorrerá nas «eras que se aproximam», conforme essa expressão poderia ser traduzida, aludindo às eras futuras da eternidade. Consideremos, portanto, *os seguintes pontos*:

1. Isso ocorrerá não agora, mas somente quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Não estão em foco as «eras vindouras da Igreja terrestre».

2. Estão em foco as várias eras sucessivas, que começarão quando da «parousia».

3. Contudo, essas eras são vistas tão próximas de nós que são descritas como algo que «se aproxima».

4. Alguns intérpretes incluem tanto a era até à *parousia* como as eras que virão depois. Mas os cristãos primitivos não antecipavam qualquer grande período de tempo até ao segundo advento de Cristo (ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:17); pelo contrário, esperavam isso para breve, até mesmo para seu próprio período de vida terrena. Por conseguinte, a eternidade podia ser facilmente vista como uma sucessão de eras, e tão próximas que estão «se aproximando» agora mesmo. Nesse caso, a terceira possibilidade é a que expressa a realidade dos fatos, a interpretação correta.

«A eternidade é apresentada em analogia com o modo como o tempo é concebido (ver sobre Efé. 1:10), e não como um infinito não-diferenciado, mas como uma sucessão de eras. A expressão 'para todo o sempre', literalmente traduzida do grego seria 'pelas eras das eras' (ver Fil. 4:20 e freqüentemente) ou 'até todas as eras' (ver Jud. 25). Da mesma maneira que o propósito abençoador de Deus foi formado 'antes da fundação do mundo' (Efé. 1:4), assim também os seus efeitos se manifestarão por toda a eternidade. (Comparar com Sal. 103:17: ‹Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem...›). E é reiterado o fato que até ao fim, tal como no princípio, a longanimidade de Deus para conosco será demonstrada em 'Cristo Jesus'». (Beare, *in loc.*).

«...*a suprema riqueza da sua graça*...» (Comparar com o quarto versículo deste capítulo). A misericórdia divina é apenas «rica», isto é, abundante; o amor divino é apenas «grande». Mas a graça que será dada aos crentes, nas eras eternas, será «superabundante», na forma de «riquezas transbordantes». A palavra «...suprema...», que aqui encontramos, vem do grego «uperballo», que significa «extravasar», fazer-se presente «em excesso», e que é a mesma expressão usada em Efé. 1:19, acerca da «grandeza incomensurável» do poder divino exercido sobre a pessoa de Cristo, o que agora o apóstolo aplica a nós. Portanto, a graça de Deus «é incomensuravelmente» rica ou abundante. Uma vez mais o apóstolo dos gentios acumula palavras, no esforço de descrever algo tão grandioso, o que, na realidade, desafia toda descrição. De fato, ainda não possuímos revelações tão completas que nos permitam ao menos começar a imaginar o que isso significa; e mesmo que nos fosse dada tal revelação, não é provável que a compreendêssemos, em nosso atual estado de desenvolvimento espiritual. Tão-somente sabemos que aquilo que Deus está começando a fazer nos remidos e em favor deles é algo espantoso e assombroso, exigindo que sua graça para conosco extravase em riquezas supremas para conosco.

A acumulação dessas expressões, a fim de descrever a grandiosidade da experiência que nos será dada com o Senhor, pode não significar coisa alguma para nós, a menos que essas realidades espirituais nos sejam impressas por obra e graça do Espírito Santo, em resposta à oração de Paulo, em Efé. 1:16-18, onde ele rogava ao Senhor a nossa «iluminação divina». Contudo, ainda que não possamos descrever intelectualmente a grandeza da nossa salvação, pelo menos podemos sentir-lhe o «impacto».

«A palavra '*riquezas*', acrescentada ao termo 'graça', denota quão valiosa é essa graça, além de salientar sua abundância plena; também fica destacada a liberalidade franca de Deus, que a deu; e, por semelhante modo, fica ressaltada a sua natureza. Essas riquezas são excessivas; excedem às riquezas deste mundo, em sua imensidade, tornando-se insondáveis. E fica compreendido que elas são inexauríveis, pois embora tão imensos tesouros tenham sido investidos sobre tão grande número de pessoas, contudo, há sempre a mesma quantidade. Quanto à duração, elas perduram para sempre; e quanto ao proveito e satisfação que elas nos conferem, as outras riquezas, comparativamente, se extinguem, não sendo proveitosas e nem satisfatórias. De fato, ultrapassam à conceituação, ao conhecimento e à compreensão dos homens». (John Gill, *in loc.*).

«...*em bondade para conosco*...» As ações de Deus, relativamente aos homens, alicerçadas em sua graça, se expressam por meio da bondade, do bem-estar e da beneficência. (Isso pode ser comparado com Rom. 11:32, onde vemos que a mesma coisa se aplica a todos os homens, e não apenas aos crentes; pois até mesmo os decretos divinos de juízo têm essa orientação, sendo disciplinares e restauradores, e não apenas retributivos).

«...*bondade*...», no original grego, é «chrestores», que significa «gentileza», «generosidade», «bondade». A «graça» de Deus, pois, não é algum princípio vago, indefinido, mas antes, é algo que tem suas raízes no amor de Deus, e que se manifesta em «benefícios reais», em «atos de bondade», em «bênçãos celestes» (ver Efé. 1:3). «Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas?» (Rom. 8:32). Nossa herança eterna está aqui em foco, a glorificação final, tudo aquilo que somos e possuímos em Cristo Jesus.

«...*em Cristo Jesus*...» Essa é a expressão freqüentemente repetida, que fala sobre a nossa comunhão mística com o Senhor Jesus. Aparece por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo. É da pessoa de Cristo que se derivam todos os nossos benefícios—essa é a idéia aqui reiterada. (Ver I Cor. 1:4 quanto a notas expositivas a respeito). No dizer de Alford (*in loc.*): «Ele é o grande centro da epístola, em direção do que todos os raios de pensamento convergem, e da parte de quem todas as bênçãos fluem; e isso o apóstolo jamais permitiu que os seus leitores olvidassem».

«Vale a pena darmos atenção, por igual modo, ao fato que o nome de Cristo é repetido; pois nenhuma graça e nenhum amor podemos esperar da parte de Deus, exceto por sua mediação». (Calvino, *in loc.*). (Ver João 14:6 e as notas expositivas ali existentes, sobre esse fato).

8 τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσωσμένοι διὰ πίστεως· καὶ τοῦτο οὐκ ἐξ ὑμῶν, θεοῦ τὸ δῶρον·

8 τῇ...πίστεως Ac 15.11; Ga 2.16; Eph 2.5 — θεοῦ τὸ δῶρον Jn 4.10; He 6.4

2:8: Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus;

GRAÇA

Nota Geral:

I. O vocábulo. No grego, *charis*
II. Palavras que indicam graça.
III. Graça como meio de salvação.
IV. A graça no Antigo Testamento.
V. A graça no Novo Testamento.
VI. Graça como atitude divina para com o homem.
VII. A graça, conforme é vista na igreja.
VIII. Sumário do uso do termo *graça* no Novo Testamento.

I. *O vocábulo*: No grego é *charis*. A palavra traduzida por «graça» envolve muitos sentidos. Significa graciosidade, atrativos (ver Josefo, Antiq. 2,231), favor, cuidados ou ajuda graciosa, boa vontade (ver Atos 11:2; Rom. 3:24 e Gál. 1:15), saudação nas cartas, bênção expressa no fim das mesmas ou o desejo de bem-estar acerca dos leitores dessas cartas. Isso ocorre em todas as epístolas de Paulo, aparecendo ali os significados de aplicação prática da boa vontade, favor, dom gracioso, feito ou bênção graciosa (ver II Cor. 8:4,6 e ss., 19); favor divino e dom gracioso. Deus é o Deus de toda a graça (ver I Ped. 5:10; I Cor. 1:4 e II Cor. 4:15); pelo que esse vocábulo também indica os efeitos produzidos pelo modo gracioso como Deus trata com os homens (ver II Cor. 8:1; Rom. 1:5; 12:3; 15:15; I Cor. 3:10; Gál. 2:9 e Efé. 3:2) e também o sentimento de gratidão (ver Heb. 12:28 e Rom. 7:25).

II. *Palavras que indicam graça*: Além do próprio têrmo grego, «charis», diversas outras palavras são aliadas ao mesmo, quanto ao seu sentido, e, com freqüência, essas palavras são usadas em conexão com as ações graciosas de Deus para com os homens. A graça envolve temas como o «perdão»; a «salvação», em seus aspectos inicial, progressivo e final; a «regeneração»; o «arrependimento»; o «amor», a «longanimidade» e a «misericórdia» de Deus.

III. *A graça como meio de salvação, como um sistema de vida teológico, como sistema da «graça-fé»*:

1. Esse é o conceito teológico da graça, mostrando como o mesmo opera na redenção do homem, usualmente em contraste com o sistema da «lei».

2. Isso incorpora as idéias dos vocábulos alistados nos pontos I e II, acima, a saber, o livre-favor de Deus, os seus «dons» aos homens, a sua bondade incomensurável, etc., e tudo com base no próprio desígnio divino, e não no valor do próprio indivíduo.

3. Esse «livre-favor divino» é recebido (mas nunca merecido) mediante a fé, conforme nos ensina o presente versículo; e essa é a teologia padrão de Paulo.

4. A graça opera por causa do «amor» de Deus e através do mesmo, mas sempre com o tempero de sua «misericórdia». A graça é divina, e não tem sua origem no homem, ainda que a perversidade humana possa rejeitá-la ou anulá-la.

5. A graça é «mediada» pela eleição divina, isto é, o decreto de Deus, embora isso não elimine o livre-arbítrio humano. Porém, de que modo a eleição e o livre-arbítrio podem ser verdadeiros ao mesmo tempo, não sabemos dizê-lo. (Ver Rom. 8:29 e 9:15,16, quanto a uma discussão acerca do problema das relações entre o livre-arbítrio e o determinismo).

6. A graça, embora mediada pela eleição, opera universalmente, visando à salvação de todos os homens (ver Rom. 11:32; I Ped. 3:18-20 e 4:6); e isso também mediante decreto e favor divinos. Também não sabemos como ambas as coisas podem ser uma verdade, mas aceitamos tal fato. Há um certo modo pelo qual Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, ainda que não saibamos explicar como isso sucede. As limitações do conhecimento humano, entretanto, não eliminam o valor da veracidade de certas proposições bíblicas. A fé pode ver e aceitar verdades mais elevadas do que pode fazê-lo a razão.

7. Dentro do sistema da graça-fé, Deus redime o homem de modo totalmente à parte de seus méritos pessoais, e não em cooperação com os mesmos, porquanto a salvação vem exclusivamente pela fé, independentemente de obras. (Ver Rom. 3:24,28 no tocante a notas expositivas completas sobre a «justificação pela fé»).

8. Contudo, segundo certo ângulo, a *graça* e as *obras* são sinônimas. A salvação deve incluir, necessariamente, a «santificação»; e esta última, como é claro, tem de incluir obras santas. Outrossim, os galardões determinam a extensão da glorificação, e os galardões estarão alicerçados sobre as nossas «obras». Mas essas *obras* não são as obras da lei e nem têm qualquer alicerce sobre os méritos humanos. Antes, são aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23), sendo produzidos no homem pelo Espírito, na medida em que este o transforma segundo a imagem de Cristo. Sem isso, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). Todavia, visto que essas «obras» resultam das operações do Espírito, nada tendo a ver com o poder e o mérito humanos, na realidade são exteriorizações da graça divina. Portanto, essas duas realidades espirituais são sinônimas, meras perspectivas diversas pelas quais contemplamos o mesmo processo. A «graça» assinala o fato que o dom da salvação é algo totalmente «divino». As «obras», de acordo com a exposição acima, indicam aquilo que realmente é feito no homem e através do homem, pelo Espírito Santo. Não há qualquer contradição, pois, entre a graça e as obras, se ambas forem entendidas «espiritualmente». Essas «obras» não redundam em mérito humano, não se baseando na obediência à lei, considerada esta como um sistema. Pelo contrário, resultam da lei divina, escrita nas tábuas do coração. Operam segundo a «lei do Espírito», a força santificadora que atua sobre o crente (ver Rom.8:2).

9. Cada passo progressivo da vida cristã se deve à graça. (Ver II Cor. 3:18, acerca do poder transformador do Espírito). A «chamada» vem pela graça (ver Gál. 1:5); o «arrependimento» também se deve à graça (ver II Tim. 3:5); e a própria «fé» tem origem na graça, pois também vem do Espírito (ver Efé. 2:8 e Gál. 5:22).

10. A graça *não elimina* a obediência, mas antes, torna-a imperiosa (ver Rom. 1:5 e 6:17). A graça requer a «santificação», sendo a produtora desta última, porque é mediadora do poder do Espírito Santo, o qual é o agente dessas operações. A obediência e a santidade são meramente termos que apontam para a mesma realidade, a «santificação», mediante o que a imagem de Cristo vai sendo formada em nós. (Ver as notas expositivas sobre a «santificação», em I Tes. 4:3).

11. Portanto, aquilo que realmente torna santos aos homens não é a lei, e, sim, a «graça»; e a santidade de que o homem necessita é a própria santidade divina, a única que Deus pode aceitar nos seus remidos. (Ver Rom. 3:21 acerca da «santidade» ou «justiça» de Deus, dada aos homens dentro do sistema da *graça-fé*).

12. Portanto, ninguém pode começar pela graça, e então passar a seguir a lei, como *guia* da conduta diária. A lei não pode guiar ao crente, da mesma maneira como não poderia tê-lo salvo, a princípio. (Ver as notas expositivas em Gál. 3:3 quanto a essa idéia. Ver Rom. 3:18,20 e Gál. 3:19 acerca da verdadeira função da lei, onde se vê que ela não tem função salvadora, por ser-lhe isso impossível). A graça transcende ao poder da lei, e somente esse poder transcendental pode redimir, realmente, uma alma eterna. Dentro do sistema da graça-fé, o indivíduo se reveste de «Cristo», mediante a comunhão mística; e isso exige a sua santidade, e então a assegura, pois, do contrário, não terá ele sido salvo pela graça, sob hipótese nenhuma (ver Gál. 3:27). Mas o Espírito, que nos apresenta a Deus Pai, e nos torna filhos de Deus, garante a santidade e a salvação plena.

13. A salvação, portanto, é um processo místico, produzido pelo Espírito, que vem habitar nos homens e ter comunhão com eles. Esse é um produto da graça, já que a lei jamais poderia proporcionar tal coisa.

14. *O Espírito Santo* leva os homens a viverem segundo a lei do amor, espiritualizando-os e levando-os a cumprirem a lei inteira (ver Gál. 5:13,14). A fé opera mediante o princípio do amor (ver Gál. 5:6).

15. A graça não elimina a lei da *colheita segundo a semeadura*, porquanto reforça a responsabilidade humana, ao invés de eliminá-la. Na graça o indivíduo pode e deve ser santificado, pois, de outra maneira, nunca poderá ver a Deus (ver Heb. 12:14 e Gál. 6:7,8). A graça torna tudo isso possível, pois serve de mediadora do Espírito divino para com os homens. A lei nunca poderia mediar o contacto místico, porque somente mostrava o pecado, exigindo uma retidão que os homens não podem mesmo produzir.

16. A graça assegura que a salvação será finalmente completada nos remidos, no caso daqueles que tiverem confiado em Cristo, levando-os da conversão à glorificação final (ver Rom. 8:14-39). Se alguém desviar-se (o que as Escrituras ensinam ser possível), será trazido de volta, ou nesta vida física, ou além do sepulcro, em alguma dimensão espiritual, de tal modo que a promessa de Cristo se cumpra, tendo ele garantido que «nenhuma ovelha» se perderá. A graça é aquela medida constante e poderosa que jamais permitirá que se perca aquele que confiou em Cristo. (Quanto a notas expositivas sobre a «possibilidade de queda» e a «segurança eterna», e como poderemos reconciliar esses conceitos entre si, e como a graça garante essa reconciliação, ver Rom. 8:39). A «queda» é algo relativo à vida anterior às fronteiras eternas. Mas a «segurança» deve, finalmente, caracterizar ao crente, porquanto «pertence» ele a Cristo, mesmo que do Senhor se tenha desviado e perdido contacto com o Espírito. Na graça, a «segurança» é absoluta, pois essa é a promessa de Deus. Nada poderá separar-nos, *finalmente*, do amor de Deus, que há em Jesus Cristo, ainda que, temporariamente, nossa própria perversidade possa fazer tal coisa. Deus tem suas maneiras graciosas e convincentes de eliminar, por fim, essa perversidade humana.

17. Apesar de que a graça, naturalmente, como uma proposição teológica, se alinhe juntamente com a predestinação e a eleição, pois nelas todo o crédito da salvação humana é atribuído a Deus, o que a graça também declara, não é ela contraditória ao livre-arbítrio e à responsabilidade humana. Isso é confirmado tanto pela doutrina neotestamentária como pela experiência diária. A própria graça possibilita uma salvação universal (ver Rom. 11:32); e o seu produto, a cruz de Cristo, atrai todos os homens a Cristo (ver João 12:32). Os decretos divinos são estabelecidos na graça; e de alguma maneira eles cooperam com o livre-arbítrio humano e se utilizam deste, sem destruí-lo. Porém, como isso ocorre, não sabemos dizê-lo. Existe uma graça «geral» e também uma graça da «eleição». Mas como reconciliar esses dois aspectos entre si, não sabemos. Sem dúvida serão dois lados de uma verdade maior, que algum dia haveremos de compreender.

IV. *A graça no A.T.:* Paulo dá a entender que o caminho de salvação é o mesmo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Os capítulos quarto e nono a décimo primeiro da epístola aos Romanos, com suas muitas citações do A.T., comprovam o ponto. Os oponentes do apóstolo dos gentios, porém, nunca aceitaram essa tese, porque, na realidade, a idéia mais difundida no A.T. é a da «lei» e da salvação mediante a obediência a essa lei. Nada existe de mais susceptível à prova do que assim é que toda a cultura judaica, antiga e moderna, tem compreendido a questão. A idéia paulina era revolucionária, produto de uma revelação superior, não tendo sido aceita pela maioria dos religiosos antigos, principalmente pela igreja cristã judaica, conforme vemos no décimo quinto capítulo do livro de Atos. (Quanto a notas expositivas sobre a «questão legalista», na igreja primitiva, ver Atos 10:9). No entanto, muitos dos «irmãos legalistas», continuando a confiar na circuncisão e nas obras da lei, eram crentes autênticos, pois haviam recebido o toque o Espírito Santo e se tinham convertido ao Senhor, tendo a Cristo como seu «Cabeça» (ver Col. 2:19). Deus tem tempo para corrigir as nossas «crenças». O essencial não é a fé em algum credo, e, sim, se um homem foi ou não tocado pelo Espírito transformador. E condições idênticas prevalecem na igreja cristã de nossos dias. Muitos crêem que, de algum modo, estão fazendo acréscimos à sua salvação mediante atos de devoção, ritos, sacramentos, etc. Porém, estão equivocados. Todavia, muitos deles aparentemente conhecem experimentalmente a Cristo e o têm como seu Cabeça. E isso faz com que pertençam ao Senhor.

Apesar de que não se pode demonstrar claramente no A.T. o sistema da «graça-fé», em contraste com o sistema da «lei», aqui e acolá aparecem pontos de «discernimento» quanto ao princípio mais elevado da graça, antecipando aos ensinamentos neotestamentários. A ilustração de Paulo acerca de Abraão, no quarto capítulo da epístola aos Romanos, com base na narrativa do A.T., é exemplo disso—Abraão foi justificado pela fé. Com isso, como é claro, os legalistas não concordavam. (Ver Deut. 7:7,8, onde se aprende que a eleição do povo de Israel se baseou exclusivamente sobre a vontade de Deus; e isso antecipa o ensino da «graça», ainda que talvez não declare diretamente tal princípio).

Por igual modo, várias indicações atinentes ao «arrependimento», que reconhecem ser este o recebimento de um novo coração, algo que depende de uma operação no íntimo, e não de mera obediência externa ao princípio legalista, comprovam o que acabamos de declarar. (Ver Joel 2:13; Eze. 18:31). O novo coração é dom da graça divina (ver Jer. 31:31-34); pelo que a graça é antecipada em certos trechos do A.T., quando este fala sobre o arrependimento.

V. *A graça, nos escritos neotestamentários, não-paulinos*: O termo «charis» nunca aparece nos lábios de Jesus, nos evangelhos sinópticos. Porém, diversas das suas parábolas ensinam o «princípio da graça», como um ato divino. (Ver Luc. 14:16-24 e 15:20-24. Ver também Marc. 1:15; 6:12 e Luc. 24:27). O livro de Atos, igualmente escrito por Lucas, indica, com grande freqüência, que a salvação vem pela fé, à parte das obras (ver o décimo quinto capítulo de Atos, na decisão do concílio de Jerusalém, que se manifestou sobre a questão). Por semelhante modo, os capítulos um e dois da primeira epístola de Pedro, e também I Ped. 3:7 e 5:10, aprende-se estar em operação o princípio da graça, com prístina clareza, embora o assunto não seja ali tão bem desenvolvido como nos escritos de Paulo. A epístola aos Hebreus emprega muitas palavras que indicam a «graça». (Ver Heb. 2:9; 12:14,15,28. Ver também acerca da expressão «trono da graça», em Heb. 4:16; e da expressão «Espírito da graça», em Heb. 10:29). O evangelho de João não desenvolve o conceito da graça, mas apenas é salientada a necessidade de «fé» para haver a salvação, o que é um elemento básico do sistema da graça. (Ver João 3:3-5,16). A «graça e a verdade» vieram por meio de Jesus Cristo, em contraste com a «lei», que viera por intermédio de Moisés (ver João 1:17). Dessa forma, apesar de que somente o apóstolo Paulo desenvolve as descrições teológicas do sistema da «graça-fé», o N.T. inteiro é um documento que ilustra essa verdade. Moffatt, por conseguinte, estava com razão, quando escreveu: «A religião do N.T. é a religião da graça; em caso contrário, nada é, nem é graça e nem é evangelho». («Grace in the New Testament», pág. xv):

VI. *A graça como atitude divina para com os homens*: «A essência da doutrina da graça é que Deus é por nós. E, o que é mais, ele é por nós, embora nós mesmos sejamos contra ele. Mais ainda, ele não é por nós meramente como uma atitude geral, mas tem agido eficazmente em nosso favor. A graça é sumariada no nome Jesus Cristo...Jesus Cristo é Deus por nós...tudo isso é verdade porque Cristo veio, morreu, ressuscitou e 'a graça veio por meio de Cristo Jesus' (João 1:17). A encarnação do Filho de Deus, o seu sofrimento obediente, a sua morte como sacrifício e a sua ressurreição triunfal, não nos mostram apenas que Deus é gracioso, mas é o próprio ato gracioso de Deus, porquanto ele se volta para nós e efetua esse relacionamento...outrossim, é da essência da graça que ela é livre...E visto que a graça é a decisão livre de Deus a nosso respeito, em Cristo, que procede de sua graciosidade, segue-se que não temos habilidade de conquistar sua graça ou favor. É por essa razão que a graça se opõe às obras da lei, tacitamente por todo o N.T., e, de modo expresso, em passagens como Rom. 3:19 e ss.; João 1:17; Gál. 2:11-21 e Efé. 2:8». (T.H.L. Parker, pág. 258 do «Baker's Dictionary of Theology»).

VII. *A graça, segundo é vista na igreja cristã*: Era popular, entre os escolásticos (Tomás de Aquino e outros), salientar a idéia da salvação cooperativa, em que o puro favor de Deus cooperaria com as obras humanas,

juntamente com a observância dos ritos e demais provisões da igreja. Já que essas «obras» eram interpretadas de modo «legalista», e não de modo «espiritual», a idéia do «mérito humano», mui necessariamente, participava da soteriologia da cristandade. Isso significava que «a graça de Deus» não poderia mais ser logicamente considerada o único meio de salvação do homem. Sem percebê-lo, a igreja retornara à sinagoga judaica. A contínua e exagerada ênfase sobre os méritos humanos transformou a «graça», virtualmente, em algo que qualquer um poderia escolher ou não, à sua vontade; e mesmo nos casos em que ela fosse plenamente escolhida, não era reputada força suficientemente poderosa para realizar tudo aquilo que é requerido para a salvação. Martinho Lutero pôs em dúvida toda essa maneira de pensar, devolvendo a graça a seu trono teológico. Todavia, alguns elementos protestantes continuaram pensando que os sacramentos são os «meios» de transmissão da graça de Deus, embora interpretassem os mesmos como instrumentos do Espírito de Deus, insistindo que nenhum «mérito humano» está envolvido no seu uso e eficácia. Outrossim, os sacramentos não teriam o mínimo valor a menos que os beneficiários usassem de «fé»; ou então, como alguns supõem até hoje, o *pacto da graça* continua operante até que os beneficiários (como se dá no caso dos infantes batizados) sejam pessoalmente capazes de exercer fé. Outros protestantes, entretanto, vieram a rejeitar os sacramentos como «meios» da graça, aceitando os mesmos como meros símbolos da graça e das provisões de Deus, ao passo que os benefícios derivados da graça operam mediante o contacto «místico» com o Espírito Santo, inteiramente à parte de elementos físicos. Dentro da «graça», até a própria fé do indivíduo é considerada «inspirada» por Deus; contudo, a maior parte dos cristãos crê que a cruz provê uma graça geral, propiciando a todos os homens a possibilidade de exercer fé, se assim quiserem fazê-lo. Outrossim, a perversidade da vontade humana pode resistir à graça divina.

Maravilhosa graça de nosso amoroso Senhor;
Graça que ultrapassa nosso pecado e culpa,
Lá no Calvário monte derramada,
Ali, onde se verteu o sangue do Cordeiro.

(Júlia Johnson)

VIII. *Sumário do uso do vocábulo «graça», nas páginas do N.T:*

1. Em termos gerais, significa *favor, benevolência*, da parte de Deus ou dos homens. (Ver Luc. 1:30, onde Maria recebe o favor divino; Luc. 2:40, onde se lê que Jesus crescia na graça de Deus, sujeito à sua benevolência e favor). Os apóstolos, a princípio, obtiveram o «favor» ou «aprovação» do povo (ver Atos 4:33). 2. É palavra usada para indicar as «bênçãos» dispensadas por Deus, os atos de bondade «beneficente». Jesus era «cheio de graça» e dispensa a mesma (ver João 1:14). Isso porque ele estava «favoravelmente disposto» para com outros; e a graça divina opera por igual modo. (Ver I Cor. 1:4 e II Cor. 9:8, onde se aprende que Deus é favoravelmente disposto para com a igreja, acompanhando tal favor com atos de bondade). 3. O vocábulo também indica a *fé cristã*, em sua inteireza. Nessa categoria, talvez caiba o trecho de João 1:17, que diz que a lei veio por meio de Moisés, mas «graça e verdade» vieram por meio de Jesus Cristo. Nesse sentido, a «graça» é posta em contradistinção à lei; e, de fato, os pontos essenciais da fé religiosa, dentro do sistema da «graça», estão contidos na revelação cristã. Em Atos 13:43, a exortação é que os novos convertidos continuassem na fé cristã. Em Rom. 6:14 é afirmado que não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça. Ver também II Cor. 1:12; Gál. 1:6; Col. 1:6; II Tim. 2:1; Tito 2:11; Heb. 12:15; I Ped. 5:12. Apesar da própria fé cristã nem sempre estar em foco nessas referências, essa fé é que contém e dispensa a graça de Deus, a qual opera mediante a fé e seu sistema religioso. 4. A graça pode indicar as *bênçãos* e os benefícios especificamente adquiridos por Jesus Cristo. O trecho de Rom. 5:15,17 tem a «graça» em oposição à «morte». Ela é a medida que transmite vida, resultado da missão, da expiação e da ressurreição de Cristo. (Ver também as bênçãos das epístolas paulinas em geral. «A graça do Senhor Jesus Cristo seja convosco»). 5. A graça faz parte das saudações e bênçãos, pelo que, na fórmula epistolar, é expressão de «um desejo de bem-estar espiritual», em favor dos leitores. Isso ocorre em todas as epístolas paulinas, no começo e no fim das mesmas. 6. A graça indica também o ofício ou autoridade dos apóstolos (ver Rom. 13:3). 7. Pode significar um «dom», «salário» ou «dinheiro recolhido» para os pobres, ou seja, esmolas (ver Luc. 6:32-34; I Cor. 16:3; II Cor. 13:4; Eclesiástico 17:22). 8. Pode significar «agradecimento» ou «ação de graças» (ver Luc. 17:9; Rom. 6:17; I Cor. 10:30). 9. Pode indicar *galardão* ou «recompensa» (ver Marc. 6:32-34 e Mat. 5:46). Esse é um sentido comum no grego antigo. 10. Indica também o «meio de buscar o favor ou a bondade de outrem» (ver I Ped. 2:19,20). 11. Indica ainda «alegria», «prazer», «gratificação», pois o termo grego «charis» é usado em lugar de «chara», e isso com freqüência, no N.T. (ver File. 7; II Cor. 1:5). 12. Aponta para um ato «agradável» a outrem (ver Atos 24:27). 13. Mostra aquilo que tem o poder de buscar e obter favor, uma conduta gentil (ver Luc. 4:22; Efé. 4:29 e Col. 4:6). Normalmente, o vocabulário «charis» tem a idéia de «bênção» ou «benefício», que promove o bem-estar dos homens; e, em sua definição neotestamentária, no que diz respeito ao sistema da «graça-fé» (em contraste com a lei), isso indica, ordinariamente, que tal benefício espiritual é dado como um dom da parte de Deus, embora não merecido pelos homens. Portanto, o termo grego «chairo», isto é, «regozijo-me», parece ter a mesma raiz; pois, de fato, a «graça», em suas muitas formas de manifestação, é motivo de grande regozijo.

Exposição geral do versículo:

«Porque pela graça sois salvos...» O tempo verbal usualmente empregado por Paulo, ao referir-se à salvação, é o presente, «estais sendo salvos». Assim sendo, Paulo concebia a «salvação progressiva», que tem prosseguimento desde agora e que chega à eternidade, nos lugares celestiais. Mas aqui é usado o «perfeito», «fostes salvos», o que dá a idéia de algo definido e realizado, embora seus resultados continuem no presente, e, naturalmente, se estendam futuro a fora, segundo o contexto define a questão. A salvação também é referida como uma realidade futura, quando está em pauta a «plena glorificação», já nos céus (ver Rom. 5:9). Esse ponto de vista futurista da salvação pode ser visto em I Ped. 1:5, onde a salvação é algo a «ser revelado no último tempo». Por conseguinte, a salvação tem aspectos passado, presente e futuro. O trecho de Efé. 1:18 já demonstrara que o autor sagrado considera todas as bênçãos espirituais como realidades já recebidas. É que temos a «garantia» do Espírito, o qual assegura a posse futura ao conferir-nos uma realidade presente—a de conhecermos a Cristo e de desfrutarmos de comunhão com ele. (Ver I Cor. 1:4. Ver também Efé. 1:14 quanto a notas expositivas sobre a questão do «penhor» ou «garantia», onde aparecem referências a outras passagens que encerram esse ensinamento).

A salvação, em seu sentido mais completo, inclui tudo quanto está envolvido na conversão, *arrependimento e fé*, na santificação, na glorificação e na herança. Em suma, tudo quanto está envolvido na redenção da alma e na sua transformação segundo a imagem de Cristo. Portanto, dependendo do aspecto que estiver sendo salientado, é usado o tempo passado, o presente ou o futuro do verbo escolhido. Se estivermos falando sobre a «conversão», então será usado o tempo passado; se estivermos aludindo à presente transformação da alma, segundo a imagem de Cristo, por operação do Espírito, ou então ao aprazimento presente de bênçãos espirituais, em Cristo, então será empregado um verbo no presente; e se nos referirmos à glorificação futura, começando pela «parousia» (a segunda vinda de Cristo), então será usado um verbo no futuro. A salvação, em seus estágios mais elevados, simplesmente envolve o conceito da alma humana a compartilhar da imagem e da natureza de Cristo, em que ela passa a ser tudo quanto ele é e a possuir tudo quanto ele tem, possuidora da plenitude daquele que enche a tudo em todos (ver Efé. 1:23), tendo sido transformada em sua imagem, de glória em glória (ver II Cor. 3:18), pois chegou a participar da própria divindade (ver II Ped. 1:4), chegou a compartilhar da perfeita santidade de Deus (ver Mat. 5:48), chegou a receber a justiça de Deus (ver Rom. 3:21), atingiu a sua glorificação (ver Rom. 8:30). É assim que uma alma remida chegará a receber a sua herança (ver Rom. 8:17). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação», onde também se apresenta a nota de sumário sobre o tema—similar ao que fazemos neste versículo, acerca da «graça»—ver Heb. 2:3).

«...mediante a fé...» O fato que a graça e a salvação são medidas pela fé é a doutrina paulina comum; e o fato que isso se dá de modo «independente» das obras humanas também é doutrina de Paulo. (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em Rom. 3:22,24; 4:3,5 e 5:1. Quanto à nota de sumário, detalhada, sobre «a natureza e a função da fé», ver Heb. 11:1). Acerca das presentes palavras, devemos considerar os pontos abaixo:

1. A fé não é alguma nova forma de «mérito», em substituição às «obras», como se a fé agradasse a Deus mais do que a obras, sendo aceita em lugar delas. É verdade que o ato de exercer fé, de ter uma alma receptiva para com a verdade espiritual, é algo agradável aos olhos de Deus; mas ninguém «agrada a Deus» de tal modo que só por isso venha a ser aceito no Amado. (Ver Efé. 1:6).

2. O *meio* da salvação não é a fé humana. Esse meio é aquilo que Cristo realizou mediante sua vida, morte e ressurreição. Portanto, a «fé» não é a «causa» da salvação. A graça divina é que é essa causa, aquele fator que confere favor e dons espirituais gratuítos aos homens, conforme nosso próprio versículo deixa claro. (Ver também Efé. 1:7, em suas notas expositivas, quanto ao «meio» da salvação, onde é frisada a «expiação». E Rom. 5:11 conta com a nota de sumário sobre esse tema). A passagem de Rom. 6:3 mostra-nos que a ressurreição de Cristo nos dá vida, e isso por causa de nossa comunhão mística com ele. Tais questões estão envolvidas no «meio» da salvação, em suas «causas».

3. A fé não é a «substância» da nossa salvação, porquanto é a justiça de Deus que provoca a nossa transformação metafísica segundo Cristo (ver Rom. 3:21 e 8:29).

4. A fé serve mais de *instrumento* da salvação; em outras palavras, é aquilo que traz a salvação aos homens, aquilo que faz os homens receberem-na. A fé e o arrependimento são os dois lados da «conversão», o que é amplamente comentado em João 3:3-5. A fé é o reconhecimento, por parte da alma, daquilo que Cristo é, e por causa do que ela entrega aos cuidados dele, os desejos todos e o destino da própria existência. Quando a alma assim se entrega aos cuidados de Cristo, e dá-se o «arrependimento» por causa disso, então o indivíduo se «converteu». Esse é o primeiro passo da salvação, e o seu impulso é a «fé». Portanto, o justo «vive pela fé», e também «de fé em fé» (ver Rom. 1:17), de tal modo que o processo inteiro da salvação, em seus muitos aspectos, da santificação à glorificação, é recebido e concretizado para o indivíduo mediante uma fé sempre crescente. E essa fé, basicamente, indica a outorga ativa da própria alma aos cuidados de Cristo, com base no reconhecimento de sua pessoa e das obrigações que Cristo impõe aos homens.

A mão de um homem é capaz de trabalhar e de realizar muitas coisas. Entretanto, a mão não funcionará a menos que seja impulsionada pelos músculos e pelos nervos. E os músculos e os nervos operam por causa de sinais enviados pelo cérebro. Por igual modo, para que a salvação ocorra, é mister o «impulso» da fé, de sua «instrumentalidade», porque, de outra maneira, nada poderá ser efetuado.

Uma tradução mais exata, diria: *«...mediante a graça...»*, destacando o artigo definido. Pois aqui a graça é definida e limitada, e essa limitação é expressa neste mesmo texto, nos versículos quarto a sexto. Consideremos ainda os pontos seguintes: 1. a misericórdia e o amor de Deus, ambos abundantes, formam, juntamente, a graça divina. 2. A nossa ressurreição em Cristo, ou seja, a nossa comunhão mística com a sua vida, aplica a graça divina às nossas vidas. 3. A nossa glorificação em Cristo haverá de completar a operação da graça. É «essa graça» que envolve os elementos sobre os quais Paulo falava, a grande obra de Cristo, em seus variegados aspectos, feita graciosamente em favor dos homens, com base na misericórdia e no amor de Deus. Essa é «a graça» a respeito da qual Paulo falava.

Graça Considerada Como Oportunidade

1. É verdade que a «oportunidade» de *obter* a salvação, através de meios determinados por Deus (mesmo que incluíssem obras humanas), seria uma forma de graça. Não, não é a graça aludida no presente texto.

2. As próprias obras são predeterminadas por Deus e ordenadas aos homens para as praticarem (conforme nos mostra o décimo versículo). De

certa maneira, pois, as próprias obras são produtos da graça divina. Naturalmente, devemos pensar em obras espirituais, inspiradas pelo Espírito, e não em obras humanas meritórias.

3. Deus nos proporciona a oportunidade de cumprir a sua vontade. Nesse sentido, tal oportunidade é graça.

«*...e isto não vem de vós...*»

Que Significa A Palavra «Isto», Aqui?

a. Alguns (Crisóstomo, Teodoreto, Jerônimo e muitos intérpretes modernos), asseveram que se trata da *própria fé*, mediante a qual os homens crêem para a salvação. Isso é uma verdade, pois todas as virtudes divinas são fruições da atuação do Espírito Santo em nós. (Ver Gál. 5:22 e João 6:29,65). Mas não parece ser essa a referência específica, neste particular.

b. Outros (Calvino, Olshausen, Mayer e muitos outros) afirmam estar em pauta a própria salvação.

c. Provavelmente, entretanto, a referência é bem geral: A idéia inteira de sermos salvos pela graça, mediante a fé, está em mira. Esse «processo inteiro» não vem de nós mesmos. Deus nos dá *isso* como uma dádiva, pois é algo completamente fora de nosso alcance, *querer, fazer, crer* e *obter* a salvação por nossos próprios esforços. (Comparar esse conceito com o trecho de Rom. 9:16).

A fé também é um dom de Deus. Não é contrário ao texto o conceito que a própria «fé» é um dom e uma operação de Deus, porquanto há passagens bíblicas que assim o afirmam. (Ver, por exemplo, João 6:29,65 e II Tim. 2:25). A conversão se compõe do «arrependimento» e da «fé», sendo essa uma operação do Espírito Santo. A fé também figura como um dos aspectos do «fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22). Portanto, a verdadeira fé, aquela que conduz à conversão, à santificação e à glorificação, só pode ser uma operação divina. A passagem de Col. 2:12 parece ensinar-nos que a fé é causada por uma operação de Deus, a menos que aquele versículo queira dizer que é a «fé na operação» divina que nos confere a vida em Cristo. (Ver as notas expositivas a essa respeito, em Col. 2:12). O trecho de II Tes. 2:13 vincula definidamente a santificação com a «fé na verdade», o que conduz o homem à «salvação», à eleição, tornando-a algo transcendental ao que é meramente humano. Conforme se aprende em Fil. 1:29, a nós foi «dado» crer em Cristo.

«*...é dom de Deus...*» A salvação, que vem mediante a graça, por mediação da fé, é dom de Deus, segundo a interpretação acima. Na expressão grega, o vocábulo «Deus» é o primeiro na seqüência de palavras, e isso, provavelmente, para efeito de ênfase: «...de Deus (tudo isso) é um dom». Isso frisa a origem divina da salvação, em contraste com a origem humana da salvação postulada pelo sistema das obras da lei. «Quando, por parte do homem, o ato de receber a salvação consiste somente da fé, todos os outros meios, dos quais os homens estão habituados a depender, são eliminados. A fé, pois, conduz o homem vazio até Deus, a fim de que possa ser cheio das bênçãos de Cristo. E por isso ele adiciona, 'não de vós mesmos' a fim de que, nada reivindicando para si mesmos, reconheçam somente Deus como autor da salvação deles». (Calvino, in loc.).

A expressão «*...isto não vem de vós...*» é posta em contradistinção à expressão «...de Deus...», como as duas origens possíveis e antitéticas da salvação. «A salvação não é uma realização, e, sim, uma 'dádiva', e isso da parte de nenhum outro do que Deus. Essa declaração sobre a natureza livre, desmerecida e outorgada da salvação, é ainda mais reforçada, não somente com o contraste com a expressão '...de vós...' (no grego, *eks humon*), mas também por ser dispensada qualquer partícula de conexão». (Salmond, *in loc.*).

O conceito de dom. Há uma maneira de escape da teia da consciência perturbada, dos esforçados ineficazes, da dependência ao próprio «eu», quando não se pode mais confiar neste último. Esse escape se dá através das «boas novas» do perdão e da transformação segundo a imagem de Cristo. O perdão e a transformação segundo a imagem de Cristo, para que sejamos aquilo que ele é e tenhamos aquilo que ele possui, não são conferidos como uma recompensa lisonjeadora pela nossa boa realização, e, sim, como um

9 οὐκ ἐξ ἔργων, ἵνα μή τις καυχήσηται.

2:9: não vem das obras, para que ninguém se glorie.

Para melhor compreensão, as palavras «*...não de obra...*» precisam ser desdobradas nos seguintes pontos:

1. As *obras da lei* são aqui focalizadas, embora não sejam especificamente mencionadas. Mas se Paulo tivesse escrito para judeus, sem dúvida teria sido específico. Porém, tendo escrito a gentios, falou de obras, de esforços humanos de méritos religiosos, na forma abstrata, dando a entender «qualquer categoria de obras humanas, da 'lei' ou de 'qualquer lei'». (Quanto a versículos paralelos a este, que negam o valor dos esforços humanos para a salvação, ver Rom. 3:19,20). A lei tinha o propósito de cerrar as bocas altivas, e não o propósito de justificar. (Ver o décimo nono versículo. Ver também as notas expositivas sobre Rom. 3:19,20 e Gál. 3:19, quanto às «verdadeiras funções da lei»). Ninguém é «justificado pelos feitos da lei» (ver Rom. 3:20). A retidão de Deus se manifestou «independentemente de lei» (ver Rom. 3:21).

2. O trecho de Rom. 2:14,15 dá a entender que os gentios, embora destituídos de revelações e da lei escrita, não obstante, têm conhecimento da lei, já que a própria lei escrita é apenas reflexo da eterna lei de Deus, através da razão, da intuição e do raciocínio. Porém, até mesmo com esse entendimento, e ainda que se esforcem por observar todas as suas estipulações, conforme as entendem por intuição e por meio da razão, os gentios não podem aproximar-se de Deus através dos seus próprios méritos. (Ver outras passagens bíblicas, de natureza semelhante, tal como o versículo que ora comentamos, além daqueles que já foram mencionados, em Rom. 4:2; 11:6; Gál. 2:16; 3:2; 5:4; Tito 3:5 e II Tim. 1:9).

3. Não estão em foco, nesta declaração que elimina as «obras», aquelas «obras» produzidas pela influência do Espírito Santo, os diversos aspectos do seu *fruto*; influência essa que transforma os crentes segundo a imagem de Cristo, levando-os de volta a Deus, como seres celestiais de elevada estatura. A «obra divina» é a própria substância da salvação, conforme a vemos no décimo versículo deste capítulo; mas isso não se dá no caso das obras humanas, o que faria da salvação um mero produto humano.

4. A «obra divina» tem seu reflexo em obras puramente humanas, até mesmo no caso dos incrédulos; mas esse «reflexo» não é a causa, nem o meio e nem a substância da salvação. A *obra divina* faz de nós «feitura» do Senhor (ver o décimo versículo). Se porventura a salvação viesse por meio das obras humanas, isso faria de nós «nossa própria feitura». Foi contra esse conceito, exatamente, que o apóstolo dos gentios escreveu este texto.

5. A idéia inteira do *dom*, bem como da «graça» que nos confere o dom, conforme se vê neste oitavo versículo, é contrária ao conceito das «obras que visam a salvação». A salvação não parte de nós mesmos, segundo lemos neste versículo, e nem se estriba nos méritos humanos, adquiridos mediante as boas obras. Pelo contrário, deriva-se inteiramente «da parte de Deus», dispensada por intermédio da graça.

6. Obras de natureza cerimonial, sacramental, pessoal, social e ritual, estão aqui em foco.

A graça divina não anula a responsabilidade humana, porquanto todos os presente. Esse presente ou dom é livremente outorgado, a pecados sem valor, ao filho pródigo que nada merece, ao publicano desrespeitado, ao ladrão violento, já na cruz, a ti e a mim. «Maravilhosa, infinita, inigualável graça, livremente outorgado a todos os que crêem». (Júlia H. Johnston).

Mas as boas novas de libertação dependem da realidade da atuação do Espírito Santo, administrada na graça divina, de tal modo que a «realização» se torne real, em que um pecador se torne um santo, o filho pródigo e sem merecimento se torne filho favorecido, o publicano desprezado se torne homem de Deus, o ladrão violento se torne expressão do Príncipe da Paz, e «tu» e «eu» nos tornemos aquilo que não éramos, isto é, santos, dotados e transformados pelo Espírito, a expressão de Cristo à face da terra, porquanto somos Cristo, Cristo em formação, conforme se aprende no trecho de Rom. 8:29.

A Graça É Um Poder Vivo

1. A graça não é um programa divino de doações gratuitas, que nada requeira da parte dos homens. Bem pelo contrário, ela exige tudo do homem: a outorga de sua alma aos cuidados de Cristo, a aceitação da cruz e o prosseguir no caminho cristão. A graça é que possibilita aos homens, porem em prática todas essas coisas; e onde essas coisas não existem, é que a graça divina não está em operação.

2. A graça opera através do poder do Espírito, o qual converte, dá fé, regenera, santifica e glorifica.

3. Portanto, a graça não é contrária às obras, mas antes, é a inspiração mesma delas (ver o décimo versículo), e, em um sentido bem importante, é sinônima das obras, porquanto é ela quem opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade (ver Fil. 2:13; quanto a esse conceito, ver a nota sobre a «graça», ponto III, 8).

4. A graça, por conseguinte, é aliada, e não oponente, da lei da colheita segundo a semeadura (ver as notas a respeito em Gál. 6:7,8).

5. A cruz não pode tornar-se uma desculpa, para não tomarmos a cruz. Se nos assentarmos preguiçosamente, apontando para a cruz e dizendo: «Ela nos levará até o fim», mas não nos levantarmos e começarmos a seguir a Cristo, jamais chegaremos a qualquer lugar, espiritualmente falando.

6. A lei informava-nos sobre o que nos competia fazer, mas ela era apenas letra morta, pelo que não nos dava energias para realizar coisa alguma. A graça, além de dizer-nos: «Aderi a Cristo e tomai sobre vós sua imagem e natureza», também nos capacita a fazê-lo, através do poder do Espírito.

Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e está em ti;
Sentimos que somos algo, e isso também veio de Ti;
Sabemos que nada somos, mas Tu nos ajudarás a ser algo.
Santificado seja o Teu nome, Aleluia!
(Alfred Lord Tennyson, «The Human Cry»).

A vida cristã autêntica, portanto, é algo místico. Só é real quando o Espírito Santo se move em nós e conosco, fazendo-nos ser e fazer, conforme a imagem de Cristo, naquilo que ele era e é, e naquilo que ele fazia e faz.

Oh, à graça, quão grande devedor,
Diariamente, sou constrangido a ser!
Que Tua bondade, qual algema,
Ligue meu coração desviado a Ti.
(Robert Robinson)

Variante Textual: Os mss AD(c)KL e a maioria dos manuscritos cursivos da tradição bizantina dizem «através 'a' fé». Porém, os manuscritos mais antigos e dignos de confiança omitem o artigo. Os manuscritos que assim fazem são P(46), Aleph, BD(1) e alguns poucos outros, o que serve de evidência esmagadora em favor da omissão do artigo. (Ver o artigo de introdução ao comentário, sobre o tema dos manuscritos antigos, onde se incluem os princípios mediante os quais os textos corretos são escolhidos, quando surgem variantes). A forma «a fé» presumivelmente significaria «vossa fé», ou a fé de alguma outra maneira limitada. Mas, «fé», no abstrato, é o que está em pauta aqui, ou seja, o princípio da fé evangélica considerado de modo geral, a outorga da alma a Cristo, como uma grande e geral verdade.

9 *οὐκ ἐξ ἔργων* Ro 3.28; 2 Tm 1.9; Tt 3.5 *μή τις καυχήσηται* 1 Cor 1.29

seres humanos podem confiar no Salvador; pois, do contrário, a ninguém seria ordenado que se arrependesse. No entanto, Deus é quem agora «...notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam» (Atos 17:30). Na cruz do Calvário, o Salvador se deixou crucificar a fim de acolher a todos os homens; e, tendo sido suspenso na cruz, atrai agora a si mesmo a todos. (Ver João 12:32). Por conseguinte, uma «graça geral» é dada na cruz, para a humanidade inteira; e, embora a fé seja dom do Espírito Santo, contudo aos homens é dado potencialmente esse dom gracioso, o qual, a menos que seja neutralizado pela vontade humana pervertida, pode levar todo o ser humano a confiar em Cristo. Todavia, aqueles que cedem e assim confiam no Senhor, naturalmente ficam cheios do dom da graça, e esta se torna a própria força orientadora da vida dos mesmos. (Ver Rom. 1:17). Ao assim dizermos, entretanto, não queremos eliminar o problema da eleição divina, do determinismo, mas tão-somente salientar o lado humano dessas questões. Não sabemos como reconciliar entre si os conceitos do livre-arbítrio humano e do determinismo divino; tão-somente podemos asseverar a veracidade de ambas essas doutrinas. Porém, podemos afirmar com confiança que a graça e a eleição divinas não se interpõem quais obstáculos no caminho da salvação de quem quer que seja. Deus se utiliza do livre-arbítrio humano sem destruí-lo, apesar de não sabermos dizer como isso pode ser.

«*...para que ninguém se glorie...*» No grego, «*ina*», aqui traduzido por «...para quem...», provavelmente tem o seu sentido comum de «a fim de que». A salvação é «à parte das obras», e isso com o propósito específico de eliminar a jactância humana, atitude impossível dentro da economia divina das coisas. Porém, apesar de que o vocábulo grego «ina» é télico, neste caso, naturalmente este versículo não descreve a «única razão» pela qual a salvação procede inteiramente do Senhor, sem qualquer participação humana. «Uma das razões» disso é que o homem não se glorie de si mesmo. Contudo há outras razões, e uma delas é que algo tão grandioso como a salvação, quando compreendido em sua correta luz (a transformação do crente segundo a imagem de Cristo, o que o leva a compartilhar inteiramente de sua natureza e herança), não pode ser mesmo um produto humano; antes, transcende ao que é humano, precisando ser um produto divino. Porém, se a palavra grega «ina» for compreendida como indicação de um simples «resultado», então o fato que o homem não pode gloriar-se é um «resultado inevitável» da salvação, porquanto depende inteiramente da graça de Deus. Porém, o uso «*télico*», isto é, de finalidade, parece ser o que está aqui em foco, ainda que haja usos legítimos da palavra «ina», para indicar simples cláusulas de resultado. Naturalmente que, conforme esclarece Alford (*in loc.*), «...para Deus, todos os resultados são propositais».

Paulo faz soar aqui o grande protesto do A.T. contra a jactância humana na presença de Deus. (Ver Jer. 9:23,24 e Isa. 42:8,14. Quanto a expressões similares, em outras epístolas paulinas, e que condenam a jactância humana, ver os trechos de I Cor. 1:29 e ss.; 4:7; II Cor. 10:17 e ss.; Rom. 3:27; 4:2; Gál. 6:14 e Fil. 3:3. Notas detalhadas a respeito dessa questão aparecem em I Cor. 1:29,31).

10 αὐτοῦ γάρ ἐσμεν ποίημα, κτισθέντες ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ ἐπὶ ἔργοις ἀγαθοῖς οἷς προητοίμασεν ὁ θεὸς ἵνα ἐν αὐτοῖς περιπατήσωμεν.

10 κτισθέντες...ἀγαθοῖς Tt 2.14

2:10: Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas.

Somos Criação Dele

1. Isso, quanto ao aspecto físico (ver Rom. 1:20). Devemos a Deus nossa própria existência. Ele é o Alfa.

2. Porém, também somos sua criação espiritual. Ele é o Ômega. Movemo-nos na direção dele. (Ver I Cor. 8:6 e II Cor. 5:17). Isso é conseguido através de nossa comunhão mística com Cristo (ver as notas a respeito em I Cor. 1:4), pois, «nele», temo-nos tornado novas criaturas.

3. Mui provavelmente, ambas as idéias acima expressas estão em foco aqui, conforme as vemos ligadas entre si em João 1:4. Da «vida» original é que emergiu a «luz», isto é, a «nova vida iluminada». A criação física foi feita a fim de que, dela, pudesse emergir a criação espiritual.

4. Essa declaração é parcialmente polêmica. Visto que somos «criação» dele, dificilmente podemos ser nossos próprios criadores. Isso é óbvio, no que concerne à criação física. Para certas pessoas, entretanto, isso não é tão óbvio no que tange à criação espiritual, porquanto elas se esforçam por refazer-se através das obras, dos sacramentos e das cerimônias religiosas. Na verdade, porém, isso nos vem pela graça divina: Deus nos tornou naquilo que somos; nossos destinos dependem dele. Ele forma em nós a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29). Ele nos proporciona sua própria natureza e seus atributos (ver Efé. 3:19). Toda essa realização, está muito acima das possibilidades humanas. Tudo nos vem pela graça.

«*...dele...*» Esse vocábulo é enfático. Pois a feitura é «dele», isto é, de Deus, e não nossa. Embora tenham sido empregadas palavras gregas diferentes, há uma certa antítese entre «obras» e «feitura». Assim sendo, a salvação não vem de «obras», mas de «feitura». Também não vem de «obra humana», e, sim, de «feitura divina». É muito interessante que o nosso vocábulo português «poema» se deriva do termo grego aqui traduzido por «feitura». Portanto, somos «um poema» ou «uma composição de Deus», porquanto nossa graça e beleza estética pertencem à sua arte, e não ao nosso próprio engenho. Naturalmente que podemos fazer essa aplicação como uma ilustração, pois não há que duvidar que o apóstolo dos gentios não tinha em mente a idéia de «poema», quando escreveu o presente versículo. Não obstante, essa mesma palavra grega significava uma composição poética, tendo sido assim utilizada por diversos autores antigos. A única outra ocasião, em todo o N.T., onde essa palavra é novamente usada, é em Rom. 1:20, e onde a alusão é à criação física.

«*...criados...*» Comenta Vincent (*in loc.*), como segue: «Ver sobre João 1:3. Originalmente esse verbo significava 'tornar habitável', 'popular', e, portanto 'fundar'. Deus é chamado de 'ktistes', 'criador', em I Ped. 4:19, e de 'o ktisas', 'aquele que criou', em Rom. 1:25. (Comparar com Apo. 4:11). '*Ktisis*' é termo usado para indicar a súmula total das coisas criadas, segundo se vê em Marc. 10:6 e Rom. 8:22».

Como Opera Essa Nova Criação

1. Ela nos orienta na direção de um destino planejado por Deus. Ela esboça o curso de nossas vidas, neste mundo e para sempre.

2. Ela torna cada um de nós uma pessoa singular, singular em sua missão (ver as notas sobre isso em Apo. 2:17).

Como As Obras Se Relacionam Para Com A Graça?

1. Resultados inevitáveis.

2. Frutos inerentes do sistema da «graça-fé».

3. Expressões da nova natureza, da nova criação, expressões «necessárias», e não apenas aquilo que se poderia esperar normalmente.

4. *Partes necessárias* do destino dos indivíduos transformados, tal como a missão de Cristo Jesus, nos céus e na terra, exigiu ações de altruísmo de sua parte, pelo que também é dito que fomos «preparados», nesse feito de Deus, a fim de andarmos nas boas obras, já que a metáfora do «andar» fala da expressão coerente e constante da vida, fala de certa «maneira de viver».

5. A criação se verifica «em Cristo Jesus», produzida pela comunhão mística com ele, o que leva os homens a compartilharem de sua natureza e a expressarem a sua bondade. (Ver I Cor. 1:4, acerca do conceito da comunhão mística com o Senhor Jesus, que é tema constantemente enfatizado nos escritos paulinos).

As boas obras se revestem de uma importância suprema: Conforme disse Alford (in loc.): «Tal como uma árvore é criada por causa dos seus frutos», assim também um crente foi transformado em nova criatura para que pudesse expressar-se como tal. Não há como escapar a isso—as boas obras são a expressão do crente. Uma vez mais, entretanto, o texto transcende a meras «obras humanas», a «méritos humanos», ainda que as obras assim realizadas sejam humanas, visto que são feitas por seres humanos. Além disso, cumpre-nos observar que a vontade humana pervertida pode contrabalançar esse tipo de vida, tornando tal pessoa infrutífera.

A Realização Divina É Contínua E Eterna

1. As obras são uma conseqüência da graça divina, mas também são muito mais que isso.

2. São produtos divinos, que compõem nosso caráter e nossa missão especiais, razão pela qual determinam nosso nível de glória, que será declarado quando do tribunal de Cristo (ver as notas a respeito, em II Cor. 5:10).

3. As obras também determinam nossos galardões e nossas coroas (ver as notas sobre isso em II Tim. 4:8), pelo que, igualmente, determinam nosso caráter e poder nos lugares celestiais.

4. Esse processo, entretanto, será eterno, pois Deus continuará perenemente a operar em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. A glorificação, pois, será um processo eterno. (Ver os comentários sobre isso em II Cor. 3:18). Ele tem operado em nós; ele está operando em nós; ele sempre operará em nós. Somos criação sua, e viveremos sempre em contínuo progresso, tal como a criação física também jamais fica estagnada, pois mundos vêm e vão, nascem e perecem. Os céus de Deus jamais poderão conhecer estagnação.

No topo das grandes pirâmides do Egito, uma pessoa pode lançar a vista pela amplidão do deserto que a tudo predomina; mas também verá o rio Nilo, serpeando em seu caminho através do deserto. Às margens do rio ela verá fertilidade e vida. Por semelhante modo, a graça divina é o grande rio da vida, que flui através de um deserto; mas, às suas margens, inevitavelmente surge vida em abundância, porquanto onde se manifesta a graça, se manifesta a vida. Por sua vez, onde há vida no Espírito, há uma nova criação, uma «alma humana transformada», há «Cristo à face da terra», porquanto todo o crente é Cristo em formação; e onde Cristo estiver em formação, aparece vida de Cristo, pois ele «...andou por toda parte, fazendo o bem...» (Atos 10:38).

«*...de antemão preparou...*» No grego temos «*proetoimadzo*», que significa «preparar de antemão», «nomear de antemão». (Ver Rom. 9:23, acerca dos vasos de misericórdia, preparados por Deus como tais, antes de virem à existência terrena; ver Efé. 2:10, acerca das boas obras, que fazem parte inevitável do destino dos remidos, e isso por divina determinação). Visto que as boas obras foram preparadas por Deus, para o destino dos crentes, de «antemão», até mesmo essas boas obras são de Deus, pois seu preparo se deu antes da existência terrena dos crentes, talvez até mesmo antes da existência absoluta deles; pelo que também não podem ser de origem humana, como de origem humana não são as obras espirituais dos crentes. Dentro do tempo, porém, é evidente que a vontade humana precisa cooperar com o plano divino.

As boas obras fazem parte do nosso destino eterno: Elas são expressão da missão do crente. Como foi que Deus preparou essas boas obras, enquanto as próprias almas dos remidos ainda não existiam? Em resposta a isso, consideremos os pontos abaixo discriminados:

1. Deus preparou essas boas obras em seu plano, em seus conselhos eternos.

2. Como parte do destino pessoal de cada crente. Cada crente é um ser sem-par, dotado de uma missão especial. E as boas obras é que emprestam substância a essa missão, sem importar se visamos seu aspecto terreno ou seu aspecto celeste, ou melhor, ambos os aspectos.

3. As boas obras foram adaptadas ao destino dos crentes, porquanto tudo isso faz parte do plano de Deus. (Ver Apo. 2:17, quanto ao fato que cada crente em particular é um ser sem igual). As boas obras, pois, são mais do que os pequenos atos de bondade e gentileza, considerados abstratamente; antes, são a substância da nossa própria missão, aquilo que faz dessa missão o que ela é. E isso ilustra, uma vez mais, a importância suprema das boas obras. Do que consiste a minha missão terrena? Devo curar, devo ensinar, devo consolar, devo ser especialmente dotado de bens materiais e de realidades espirituais para aliviar as necessidades físicas e espirituais dos outros? Qual é o meu «dom» ou os meus «dons» do Espírito? Certo padrão de expressão, no tocante aos meus dons espirituais, foi determinado de antemão por Deus, como campo no qual me convém operar. Esse «padrão de expressão» será a esfera onde cumprirei a minha missão; e isso equivale a dizer que Deus preparou de antemão as boas obras da minha missão.

4. Há algumas símiles homiléticas, quanto a esse particular. Crisóstomo falava da preparação do «caminho» das boas obras. Em seguida um homem caminha por essa estrada. Abbott (*in loc.*). comenta como segue: «Uma símile mais verdadeira seria a de uma vereda que atravesse o mar. Talvez pudéssemos dizer que as palavras 'preparou de antemão' foram escolhidas, não por serem logicamente exatas, mas a fim de expressarem, de maneira mais notável, a verdade que as boas obras não procedem de nós mesmos; antes, como que são recebidas da parte do Criador, como que tiradas de um depósito, o que é assim figuradamente concebido como preparadas de antemão».

Essa expressão não deixa de ter suas dificuldades peculiares, porquanto não há objeto direto ou palavra no acusativo, para o verbo, no original grego, segundo seria de esperar-se, ao mesmo tempo que o suposto objeto direto aparece no dativo. Por isso mesmo é que alguns estudiosos têm sugerido que o sentido desta passagem é: 1. «Para as quais obras Deus fez preparação prévia, em que o verbo é reputado como intransitivo, no dizer de Stier (*in loc.*). 2. Outros eruditos opinam que «emas», ou seja, «nós», deve ser subentendido aqui, como se Paulo tivesse querido dizer «nós, que fomos preparados de antemão»; mas o ponto de vista de que as próprias boas obras é que foram preparadas no pensamento e no conselho divino, é melhor, a despeito das dificuldades gramaticais inerentes à expressão.

«*...para que andássemos nelas...*» A metáfora do ato de *andar* é freqüente tanto na literatura profana como na literatura sagrada, para indicar «maneira de viver», «padrão de vida», «natureza geral». (Quanto a notas expositivas completas a respeito, com alusões a outros trechos onde a idéia também se encontra nas páginas do N.T., ver os trechos de Gál. 5:16,25; Rom. 13:13. Ver também I Cor. 3:3; 7:17; 6:16; Efé. 4:1-17; 5:2,8,15; Col. 1:10- 2:6; 4:5; II Ped. 2:10; I João 1:7; Apo. 3:4; 9:20; 16:15 e 21:24). Esse termo, conforme se pode ver nessas referências, pode assumir um aspecto positivo ou um aspecto negativo, indicando uma boa ou uma má conduta na vida.

«...a preparação de boas obras, a serem realizadas pelos santos, bem como a preparação deles, para realizarem tais coisas, vêm ambas da parte do Senhor». (John Gill, *in loc.*).

Isso elimina a jactância humana nas «boas obras» que fazem, porque as autênticas «boas obras» transcendem ao que é humano, visto serem espirituais. Assim, pois, a totalidade deste décimo versículo é reforço do argumento do nono versículo. No dizer de Salmond (*in loc.*): «...o fato que são originadas em Deus, não sendo mérito ou ação nossos, fica subentendido no fato que nós mesmos tivemos de ser feitos nova criação em Cristo, visando a sua realização».

«Essas boas obras, embora não assegurem a nossa salvação, de acordo com o propósito de Deus, são essencialmente 'vinculadas' a ela, não sendo uma excrescência acidental, unida a ela». (Eadie, *in loc.*).

«...desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade» (Fil. 2:12,13). No tocante a isso, e em conexão com este versículo, comenta Barry (in loc.): «Ambas essas verdades, a preordenação divina e a responsabilidade livre do homem, são aqui enfatizadas. Quanto à reconciliação entre essas duas verdades, precisamos esperar até 'conhecermos como também somos conhecidos'». Por conseguinte, as «boas obras», conforme elas foram preparadas por Deus de antemão, fazem parte do grande plano da graça; mas, em sua concretização, devem ser realizadas pelos homens, através do consentimento da vontade e devido ao correto desenvolvimento da alma.

★★★

I. *Secção Doutrinária: Os Elevados Propósitos de Deus quanto ao Destino Humano* (Efé. 1:1- 3:21).

7. A unidade espiritual de todos os remidos, em Cristo (2:11-22).

Paulo descreve, por toda a secção doutrinária desta epístola (capítulos primeiro a terceiro), algo sobre o grande desígnio do *mistério da vontade de Deus*, que aparece em Efé. 1:10, e que consiste da total unidade e da restauração de tudo, em Cristo Jesus. Já no princípio desta epístola (ver Efé. 1:23), Paulo demonstrara o fato admirável que todos os seres inteligentes e criados são encabeçados pelo homem, que ocupa a posição mais elevada nessa unidade e restauração, como a «plenitude de Cristo, aquele que preenche tudo em todas as coisas», ou seja, que é «tudo para todos». Ora, isso não pode ser dito com respeito aos anjos, e eles jamais são chamados de «filhos» (pelo menos no N.T.). Por conseguinte, os remidos vieram participar da família divina, sendo filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10), a fim de participarem da natureza e da herança do próprio Filho de Deus, o Senhor Jesus.

No segundo capítulo desta epístola, Paulo ainda não chega a discutir com clareza a questão da igreja cristã como uma entidade separada da antiga Israel espiritual; antes, mostra ali haver indiscutível unidade entre judeus e gentios, o que serve de exemplo e ilustração de tudo quanto Deus fará universalmente, afinal, quando o mistério de sua vontade estiver completamente cumprido. Portanto, esta secção de Efé. 2:11-22 salienta a *unidade espiritual da humanidade*, conforme ela se manifesta no seio da igreja. Ao terceiro capítulo desta epístola cabe exibir o «mistério da igreja», onde revelações mais profundas são dadas sobre aquela comunidade espiritual sem-par.

O grande desígnio de Deus, de juntar todo o universo criado em uma unidade total, é prefigurado por aquilo que está acontecendo no seio da igreja; de fato, tal desígnio já teve início nessa comunidade dos remidos. Ora, essa unidade espiritual da igreja é produzida, tal como todos os avanços e bênçãos de natureza espiritual, pela operação do Espírito Santo. No presente capítulo, vemos o Espírito do Senhor como o poder divino que habita em um templo; e esse templo é a congregação viva dos remidos em Cristo. O Espírito Santo, que em nós habita, leva a comunidade espiritual inteira a reconhecer ao Senhor Jesus como seu Cabeça, unindo-se a ele, exatamente aquilo que eventualmente ocorrerá no caso da criação inteira, porquanto todos os seres criados lhe prestarão obediência. (Ver Fil. 2:9-11). Ora, dentro dessa unidade da humanidade já temos começado a perceber que a posição e os privilégios da igreja ultrapassam àquilo que foi conferido à nação de Israel; e essa verdade se torna ainda mais evidente no terceiro capítulo desta epístola, onde o tema da «igreja» é desenvolvido ainda mais.

Não era nenhum mistério o fato que os povos gentílicos também seriam salvos, porquanto isso foi predito desde o A.T. Mas o fato que Deus traria os gentios para o seio de sua igreja, elevando-os à natureza do próprio Filho de Deus, é que era uma doutrina desconhecida nos tempos do A.T., e que nem ao menos podia ser imaginada.

Os versículos décimo primeiro a décimo terceiro deste capítulo dão prosseguimento aos conceitos emitidos nos versículos primeiro a sétimo; contudo, mostram-nos tanto que a alienação chegou ao fim quanto o fato que essa reconciliação produziu uma unidade da comunidade espiritual que transforma em um só os povos gentílicos e os judeus. Devemos observar que Paulo não considera aqui os crentes como situados nos *lugares celestiais*, segundo se vê nos versículos sexto e sétimo deste capítulo; antes, dá a entender que a presente unidade já é uma realidade espiritual.

Uma vez mais o apóstolo Paulo lembra os crentes efésios sobre a posição anterior deles, no paganismo, onde paixões e concupiscências tinham reduzido esta terra a um quadro do inferno. Era conveniente que aqueles crentes não se olvidassem disso, na medida em que ele desdobrasse perante eles as glórias da redenção no sangue de Cristo.

Naquele duro mundo pagão caíram
Desgosto e nojo secreto;
Profundo cansaço e paixão arraigada
Fizeram da vida humana um inferno.
(Matthew Arnold).

Antes de sua conversão, aqueles crentes tinham estado *mortos* (ver Efé. 2:1-5), e aquela morte espiritual em vida significava que estavam «alienados» de Deus (ver Efé. 2:11-13). Ora, a natureza da restauração, que nos tira de tal alienação, é justamente o tema da secção que temos à nossa frente.

Hodge (*in loc.*), oferece-nos a seguinte análise acerca do parágrafo que ora comentamos: «I. As suas relações anteriores: 1. Para com a igreja, como estrangeiros e alienados. 2. Para com Deus como quem estava afastado, sem conhecimento salvador de sua pessoa, sem interesse em suas provisões (versículos onze e doze). II. Meio pelo qual essa alienação de Deus e da Igreja foi eliminada, a saber, o sangue de Cristo: 1. Satisfez às exigências da justiça, garantiu a reconciliação com Deus.2. Aboliu a lei, na forma de instituições mosaicas, tendo removido a parede de separação entre judeus e gentios —ambos os quais são agora unidos, formando um único corpo reconciliado com Deus (versículos treze a dezoito). III. Portanto, os crentes efésios estavam unidos a Deus e ao seu povo: 1. São apresentados como concidadãos dos santos. 2. São considerados membros da família de Deus. 3. São reputados como porções constituintes daquele templo no qual Deus habita em seu Espírito (versículos dezenove a vinte e dois)».

11 *Διὸ μνημονεύετε ὅτι ποτὲ ὑμεῖς τὰ ἔθνη ἐν σαρκί, οἱ λεγόμενοι ἀκροβυστία ὑπὸ τῆς λεγομένης περιτομῆς ἐν σαρκὶ χειροποιήτου,*

11 ποτὲ...σαρκί Eph 5.8

2:11: Portanto, lembrai-vos que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão, feita pela mão dos homens,

«...*lembrai-vos...*» Uma memória *piedosa* é aqui recomendada, e no que se podem destacar os seguintes pontos:

1. Que eles aguçassem seu senso de gratidão;
2. que se fortalecessem em sua fé; e
3. que fizessem claro contraste entre seu passado e sua presente restauração, de que agora desfrutavam. Sim, Paulo fê-los lembrarem-se de sua anterior degradação moral, mas também de sua condição «religiosa» impotente, conforme isso era visto pelos olhos dos judeus, condição essa que é aqui sumariada pela palavra «incircuncisão», que indica aqueles que estavam religiosamente separados dos pactos de Deus, não fazendo parte dos mesmos. (Isso pode ser confrontado com o trecho de Apo. 2:5, sobre a «memória piedosa»).

«...*outrora vós, gentios...*» Essas palavras referem-se: 1. À história passada dos gentios, como uma classe, antes do advento do cristianismo. 2. O passado dos gentios individuais, para quem Paulo escrevia. E isso não ocorrera há muito tempo, no passado daqueles crentes. Até há pouco eles estavam afundados no paganismo. 3. Essa expressão não indica, necessariamente, que os crentes efésios fossem uma «segunda geração» de cristãos, o que tornaria ainda mais remota a sua conexão com o paganismo; pois isso tornaria desnecessária qualquer lembrança. O mais provável é que essas palavras significam que não fazia muito tempo que aqueles crentes efésios haviam sido libertados da degradação que caracterizava aos povos gentílicos em geral.

«...*gentios...*» No original grego, devemos observar que essa palavra é antecedida pelo artigo definido, «os gentios». Paulo se referia aos gentios como uma «classe». Não aludia a qualquer grupo particular dentre eles, como se pudessem ser destacados dentre outros. Ora, visto que agora faz muitos séculos desde que a igreja cristã saiu do paganismo cru, nós temos perdido o grande impacto da «memória» que Paulo recomenda aqui aos crentes efésios. Porém, a grande verdade é que até mesmo no seio da igreja cristã persistem algumas práticas gentílicas milenares, bem como certos conceitos morais típicos dos povos gentílicos; mas a passagem dos séculos, sobre o cristianismo, tem estabelecido imensa diferença nos indivíduos normais dos países chamados «civilizados». E isso significa que a diferença entre «antes» e «depois» da conversão não é tão vívida como se dava no caso daqueles para quem Paulo escreveu esta epístola. Não obstante, tal contraste assim mesmo pode ser percebido em alguns lugares, até o dia de hoje. Nas profundezas das florestas brasileiras do extremo norte, o homicídio ainda é reputado sinal de virilidade, e todos os homens sobreviventes são assassinos. Meu irmão carnal, missionário no Congo há alguns anos, contou-me como ali os homens se caçam e se matam por *puro esporte*, como fariam a qualquer animal selvagem. Os índios de algumas regiões do norte e do centro do Brasil trocam de esposas a cada ano, de tal modo que cada homem começa o ano com uma esposa nova. Essa é a solução deles para o problema do casamento-divórcio. Também somos informados que os indivíduos de algumas tribos indígenas são altamente traiçoeiros, e que as pequenas explosões de ira terminam em homicídio, até mesmo entre pessoas que têm sido amigas durante muito tempo. E entre algumas tribos só são levadas em conta dois pecados: um deles é o maltrato contra a própria mãe, e o outro é o roubo. No entanto, matar não é crime.

«...*na carne...*» Em outras palavras, de conformidade com a natureza humana, à parte de qualquer renovação espiritual, ou «no que tange à natureza humana não-redimida». O termo «carne», neste caso, não alude diretamente à natureza pecaminosa, embora a própria palavra sempre nos leve à lembrança da depravação que caracteriza a natureza humana isoladamente considerada. No entanto, alguns bons intérpretes compreendem que o vocábulo «carne», neste ponto, é uma alusão à condição de «incircuncisão» daqueles crentes efésios. Assim sendo, de conformidade com a sua natureza humana comum, eram eles gentios incircuncisos. Porém, levando em consideração a totalidade do sentido do presente versículo, a palavra «carne» parece ter aqui uma dupla referência—a natureza humana e a natureza não-remida, e essa como não-circuncidade, o que caracterizava aos gentios. Além disso, isso falava sobre a posição «religiosa» deles, do ponto de vista dos judeus. No que concerne à natureza humana deles, eram gentios incircuncisos, destituídos de verdadeiros privilégios religiosos.

«...*chamados incircuncisão...*» (Quanto às diversas formas da «incircuncisão», ver as notas expositivas sobre Atos 7:51). Os gentios eram denominados assim pelos judeus, como demonstração de desprezo. Esse termo, «incircuncisão» era empregado para falar dos gentios como uma classe. Faltava-lhes o «sinal do pacto abraâmico»; e, de fato, isso é o que significava alguém ser um gentio. Os judeus reputavam os gentios como cães, condenados, impuros, incapazes da salvação, inimigos de Deus, depravados; e, de fato, eram isso mesmo. A fim de falarem de toda essa condição indesejável, e que os judeus sentiam ser repelente, os israelitas lançavam mão do termo «os incircuncisos», referindo-se assim aos gentios, como uma classe, aludindo especificamente ao seu estado religioso. (Quanto ao termo «incircuncisão», em alusão aos gentios como classe, em outras passagens do N.T., ver Col. 3:11; Gál. 2:7 e I Cor. 7:19).

«...*por aqueles que se intitulam circuncisos...*» Paulo acrescenta aqui uma ponta de desprezo, de sua própria parte, desconsiderando o valor da mera circuncisão física. Não somente os gentios eram os desprezíveis «incircuncisos», mas os próprios judeus tinham apenas com um sinal físico, feito na carne, chamado «circuncisão», operado por mãos humanas. Mas o apóstolo mostra que isso, na realidade, nada vale, por tratar-se de mero produto humano, e não de uma transformação operada por Deus no coração.

Sim, os judeus «chamavam» os gentios de «incircuncisão», por desprezo. O apóstolo Paulo, entretanto, usa a mesma expressão em relação aos judeus; estes eram «chamados» de circuncisão; mas tudo não passava de nome, de designação, embora nada significasse espiritualmente, na realidade. E a isso o apóstolo acrescenta agora um segundo termo de desprezo, «...por mãos humanas...» Aqueles judeus não haviam experimentado a circuncisão espiritual, a do coração, mas se vangloriavam de mera operação física, na carne. Isso refletia a atitude paulina típica, no tocante à circuncisão. O que ele queria mostrar é que nem esse estado de circuncisão física e nem o estado de incircuncisão, se revestem de qualquer valor real. E isso destaca o fato que a verdadeira circuncisão é a do coração, por ser espiritual, e não apenas física. (Ver Rom. 2:29). «Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão, têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor» (Gál. 5:6).

No dizer de Salmond (*in loc.*), para aqueles judeus a circuncisão era «...mera operação, uma barreira entre judeus e gentios, um jugo imposto pelos primeiros a estes últimos, como se se tratasse de algo essencial à salvação da alma; e, por causa disso, Paulo usou palavras de escárnio e repúdio».

«...*por mãos humanas...*» Essas palavras estabelecem o contraste com: 1. O Espírito de Deus; 2. por ser da carne, mas não do coração; 3. por ser ritualista, mas não espiritual; 4. por fomentar o orgulho humano nas distinções e vantagens externas, embora em nada ajudando à alma imortal; 5. por ser visível, algo a que os homens dão valor, embora disso não possam obter qualquer vantagem própria do mundo espiritual. (Comparar isso com o trecho de Heb. 9:24, onde «feito por mãos», é expressão que se refere a lugares de adoração neste mundo, em contraste com o lugar onde Deus habita e onde ele manifesta a sua presença invisível, e do que os verdadeiros crentes participam, mediante comunhão mística. Ver também as passagens de Heb. 9:11; Marc. 14:58; Atos 7:48 e 17:24, quanto a outros empregos da expressão que indica coisas «não feitas por mãos»).

12 *ὅτι ἦτε τῷ καιρῷ ἐκείνῳ χωρὶς Χριστοῦ, ἀπηλλοτριωμένοι τῆς πολιτείας τοῦ Ἰσραὴλ καὶ ξένοι τῶν διαθηκῶν τῆς ἐπαγγελίας, ἐλπίδα μὴ ἔχοντες καὶ ἄθεοι ἐν τῷ κόσμῳ.*

12 ἀπηλλοτριωμένοι...ἐπαγγελίας Ro 9.4; Col 1.21 ἐλπίδα μὴ ἔχοντες 1 Th 4.13

2:12: estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo.

As palavras «...*naquele tempo...*» referem-se ao «tempo passado» do versículo anterior. (Ver as notas expositivas ali, acerca dos vários significados possíveis).

«...*sem Cristo...*» Neste ponto precisamos desdobrar as considerações, como segue:

1. Os gentios estavam sem a «promessa messiânica», sem as vantagens e o pacto com Israel, o que é mencionado e comentado em Rom. 9:4,5. A maior de todas essas vantagens é o próprio Cristo Jesus, o qual cumpriu as promessas feitas através dos profetas, dadas aos patriarcas israelitas. Como classe, os gentios não tinham tais vantagens.

2. Em sentido geral, os gentios estavam sem a redenção que nos vem por intermédio de Cristo, inteiramente à parte de qualquer idéia de redenção mediada pelas promessas judaicas.

3. Nesta epístola, isso assinala a impossibilidade de receberem os gentios quaisquer bênçãos espirituais, porquanto todas elas são propiciadas em Cristo; e isso não somente no passado, mas também agora e para sempre. (Ver Efé. 1:3-7,10,12,13,17-23, versículos que reiteradamente enfatizam o fato). Essa é a raiz mesma do problema gentílico, que se manifesta de quatro maneiras distintas, a saber: a. Por esse motivo, os gentios não faziam parte da teocracia, sendo esta o depositário das bênçãos de Deus. b. Os gentios eram estranhos às alianças. c. Os gentios não tinham esperança alguma. d. Os gentios estavam sem Deus, pois toda e qualquer religião que

não tem a Cristo como centro é ímpia.

Estar sem Cristo foi a primeira pincelada mais vívida da descrição exposta por Paulo, ao pintar ele a condição dos povos gentílicos, em torno do que todo o quadro da alienação deles de Deus foi esboçado. Isso é vividamente contrastado com a expressão muitas vezes repetida por Paulo, «em Cristo» (usada por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes nos escritos paulinos), situação essa que caracteriza aos crentes.

«Este versículo fornece-nos um quadro negro e terrível da anterior condição dos povos pagãos, entre os quais estavam os efésios, o que é intencionalmente contrastado, em todos os pontos, com a descrição dos privilégios cristãos, nos versículos décimo nono e vigésimo. Essa condição é sumariada em uma única expressão: estavam 'separados de Cristo'». (Barry, *in loc.*).

«*...separados da comunidade de Israel...*» A palavra «...separados...» é tradução do vocábulo grego «apallotrioo», que significa «estranho», «alienado», termo usado para indicar a alienação entre marido e mulher (ver I Clemente 6:3), entre o que é bom e direito e o que é mau e errado (ver I Clemente 14:2), e da vida de Deus (ver Efé. 4:18). Neste ponto, os gentios aparecem alienados da comunidade de Israel. Já no trecho de Col. 1:21, essa «alienação», é atribuída às «obras más», e aqui essa alienação é atribuída ao fato de estarem os gentios pagãos «sem Cristo», o que leva o homem a ter falta de santidade essencial.

«*...comunidade de Israel...*» No grego, «*politeia*», isto é, «cidadania», «comunidade», «estado», mas também «maneira de viver», «conduta». Neste ponto, a idéia em foco é a de «comunidade». Devemos entender que os gentios estavam separados daquela comunidade que era a guardiã das bênçãos divinas, tais como a lei mosaica, as Escrituras do A.T., as alianças e as promessas divinas, tudo o que é alistado e comentado em Rom. 9:4,5. Antes do advento de Cristo, Deus achou por bem limitar suas operações graciosas em favor da nação de Israel. Portanto, estar alguém alienado de Israel era jamais receber as bênçãos recebidas por Israel. O fato que «a salvação vem dos judeus», tendo sua origem histórica naquela nação, é uma doutrina neotestamentária comum. (Comparar isso com João 4:22, que dá a declaração do próprio Senhor Jesus a respeito). Entre os israelitas havia uma primogenitura, uma identificação nacional, uma «cidadania», uma «maneira de vida» resultante. E aos gentios faltava tudo isso.

«*...estranhos às alianças da promessa...*» No original grego, «estranhos» é tradução de «xenos», que significa «estranho», «estrangeiro». Na qualidade de não-judeus, os gentios não compartilhavam dos pactos e das promessas dos judeus, tudo o que, de certa maneira, apontava para o Grande Pacto cujo centro é o Messias ou Cristo prometido.

«*...alianças...*», no plural, é termo que se refere a vários pactos estabelecidos por Deus com os patriarcas israelitas. (Quanto a notas completas sobre os diversos «pactos», ver Rom. 9:4. Quanto ao «pacto abraâmico», especialmente comentado, ver Atos 3:25. Quanto ao «pacto davídico», anotado extensamente, ver Atos 2:30. Quanto a referências no A.T., a esses pactos, ver Gên. 15:8-21; 17:1-21—o pacto abraâmico; Êxo. 24:11, o pacto mosaico; Jer. 31:31-34, o novo pacto; Isa. 55:3; Jer. 32:40 e Eze. 37:26, o pacto eterno). Posto que todos esses pactos foram firmados com a nação de Israel, os gentios, na qualidade de «estranhos» ou «estrangeiros», não tinham parte alguma nos mesmos, não podendo derivar deles qualquer esperança. E isso perdurou até que, em Cristo, vieram a participar deles. É útil observarmos que esses pactos eram «da promessa», porquanto muitas de suas cláusulas se referiam ao que Deus haveria de fazer no futuro, o que significa que teriam de ser recebidos pela fé «nas promessas». Neste caso, entretanto, temos «a promessa», o que bem provavelmente indica a «promessa messiânica», porquanto todas as alianças divinas estavam estribadas nessa grande promessa de Deus. (Ver o trecho de Atos 13:32, que também tem essa significação).

«*...não tendo esperança...*» De que maneira? 1. Não tendo esperança neles mesmos; 2. nem por fazerem parte da espiritualmente bendita comunidade de Israel; 3. nem em suas formas religiosas externas; e 4. nem em Cristo ou em Deus Pai, pois estavam igualmente alienados de ambos. Por conseguinte, os gentios não tinham esperança alguma, nem naquela época e nem para o futuro.

A filosofia pagã, de maneira geral, fazia soar uma nota incerta, embora certamente fossem melhores as suas conclusões que as religiões politeístas ordinárias dos gentios. Hegesias, Epicuro e Protágoras não tinham qualquer esperança de uma vida futura, além-túmulo, e, muito menos, que essa existência futura pudesse ser bem-aventurada. Aristóteles muito hesitava nesse ponto. Já Sócrates esperava fervorosamente por um futuro estado de bem-aventurança, mas admitia, honestamente: «Eu não sei!» Por sua vez, os filósofos estóicos, mesmo quando defendiam a idéia da imortalidade, pensavam que a mesma pudesse ser «temporária», e não verdadeiramente eterna. Platão, nesse particular, foi o *príncipe* de todos os filósofos, tendo antecipado muitas das doutrinas cristãs. Advogava firmemente a imortalidade da alma, tendo-nos deixado alguns dos melhores argumentos «racionalistas» em favor da existência e da sobrevivência da alma em face da morte física, que chegam mesmo a antecipar a moderna teoria da vida, intitulada «teoria dos campos de força». De acordo com essa idéia, a vida, em seus aspectos psíquico (ou espiritual) e material, não passa de certa concentração temporária de energia psíquica. Não obstante, a despeito de todo esse grande discernimento, Platão não possuía as revelações divinas necessárias para esclarecer-nos como a alma pode ser redimida, porquanto também a considerava decaída. Postulava uma ascensão ética e mística das almas, o «drama sagrado das almas», mas faltava Cristo em seu quadro, que é o alvo legítimo dessa ascensão.

Pode-se perceber a profundeza de sentimentos da eloqüente expressão de Sófocles acerca de quão sem esperança é a vida humana, se esta não é iluminada pela luz de Cristo, luz essa que, naturalmente, ele não podia ver: «Pois os longos dias entesouram-nos muitas coisas mais próximas do lamento do que da alegria; no que tange aos seus deleites, porém, não mais são reconhecidos, quando a vida de um homem já ultrapassou ao limite apropriado; e o Libertador vem por fim em socorro de todos, igualmente, quando a condenação do hades repentinamente se revela, sem cântico nupcial, nem lira e nem canção, a própria Morte, por fim».

«Não ter nascido, se considerarmos todas as vantagens, é melhor; mas, ao perceber um homem a luz, o que é muito melhor é que volte para aquele lugar, com toda a urgência, de onde veio». (*Oedipus Coloneus*, II. 1216-1229).

Catulo, o famoso poeta romano, descreveu em belíssimas linhas, o desespero dos povos pagãos, ao dizer:

Lêsbia, vivendo para o amor e o prazer,
Não se importa com o que o sepulcro diga:
Quando cada momento é um tesouro,
Por que os amantes perderiam um dia?
Sóis poentes se elevarão em glória,
Mas, terminada esta pequena vida,
A história toda chega a seu fim —
Dormiremos, e nunca mais despertaremos.

O fato é que Catulo desconhecia a grande verdade que, em Cristo, o Filho de Deus, a própria vida, tal como um sol poente, haverá de surgir novamente com pleno resplendor.

Foi assim também que o imperador romano Marco Aurélio, poeta estóico de grande valor, escreveu: «Medita com freqüência sobre a prontidão com que as coisas que existem, ou mesmo que estão vindo à existência, passam por ti e desaparecem; e que a própria substância delas é apenas o movimento perpétuo da água: que quase nada existe que permaneça, com o abismo sem fundo do tempo, tão perto a seu lado. Insensatez! sentirmo-nos enlevados, ou tristes ou ansiosos por causa de coisas dessa natureza! Medita sobre o tempo infinito, e teu próprio breve momento ali... Considera, uma coisa após outra, como se fossem as inscrições sepulcrais de todos os povos e de todos os tempos, dentro de um só padrão. Quantas multidões restam, após seu esforço tremendo, passado breve tempo? Tudo foi dissolvido novamente no pó». (*Meditações*).

Com tais palavras podemos comparar declarações imortais do apóstolo dos gentios como aquelas de I Tes. 4:13 e ss., onde ele nos exorta a não nos entristecermos por causa daqueles que já faleceram, em face do fato da mortalidade, conforme fazem aqueles que 'não têm esperança'. Pois cremos que o Senhor Jesus os trará de volta, quando vier novamente. Tais falecidos não estão mortos, pois nem mesmo podem morrer. «...e assim estaremos para sempre com o Senhor» (I Tes. 4:17). E o apóstolo ainda acrescenta que nos consolemos uns aos outros com essas palavras, isto é, com tais realidades.

«Os caldeus chamam certo homem de Enor, como se somente ele fosse verdadeiramente um homem que espera coisas boas, sustentando a si mesmo com boas esperanças; e acrescentam, porquanto é evidente que quem não tem esperança não pode ser considerado um homem, mas apenas uma fera em forma humana, que a esperança é uma propriedade da alma humana». (Filo, *De Abrahamo*, págs. 350 e 351).

O ateísmo prático e o ateísmo teórico: «...sem Deus...» Literalmente, «*atheoi*», «ateus», ou seja, «sem Deus». Essa palavra só tem esse sentido, em todo o N.T. Pode significar alguém sem crença na existência de Deus; porém, a idéia neotestamentária está de acordo com os vários usos dessa palavra, noutra literatura, a saber, «alguém que desdenha de Deus e suas leis, ou os nega», que vive como «ateu prático», como se Deus não exercesse domínio sobre a sua vida, e nem tivesse qualquer importância. Teoricamente, entretanto, alguns dos que assim pensam têm uma crença teísta; e esses acreditam na existência de um Deus ou deuses, no sentido de aceitarem mentalmente a proposição que tal poder existe. Todavia, a ênfase deste versículo não é que os pagãos blasfemavam contra Deus, que o desprezavam mediante sua adoração e cerimônias religiosas e suas crenças (embora isso também expresse uma verdade), mas antes, que suas vidas estavam alienadas das bênçãos espirituais que eram dadas da parte de Deus, em Cristo Jesus, à comunidade de Israel, por meio das promessas e pactos judaicos. O contexto geral apóia esse ponto de vista. Segue-se, por conseguinte, como aplicação, que todos os homens, por mais religiosos que sejam, e sem importar quais sejam as suas crenças, se não estiverem participando das bênçãos que há em Cristo Jesus, na realidade são «ateus práticos».

Dizem os insensatos em seu coração: *Não há Deus!*, e, dentro do texto onde se encontram essas palavras, Sal. 14:1, isso equivale ao «ateísmo prático», isto é, à negação da importância de Deus em nossa vida, a recusa de nos submetermos a ele, e não tanto à negação de sua existência.

Naturalmente, o paganismo, com suas idéias pervertidas de divindades, também era culpado de um «ateísmo prático», isto é, não criam no verdadeiro Deus. Pois a adoração a deuses falsos não faz parte da crença ou da prática teísta. (Ver I Cor. 8:4 e as notas expositivas ali existentes, a esse respeito). Não eram deuses, mas «demônios», o que os pagãos adoravam. Por essa mesma razão é que, nos escritos cristãos primitivos, os pagãos eram chamados de «ateus». Por sua vez, os pagãos chamavam os cristãos de «ateus», visto que rejeitavam aos deuses oficiais, que eram considerados protetores do estado. (Ver *Martírio de Policarpo* 3:9, onde se lê que os pagãos clamavam contra os cristãos: «Fora com os ateus?» Mas Policarpo devolveu a ofensa, sacudindo os braços na direção da turba enfurecida, e repetindo aquelas palavras. Pouco depois, era martirizado).

O que Paulo queria dizer com esse termo, no presente versículo, entretanto, não tem qualquer sentido de hostilidade. Antes, temos aqui apenas a declaração que os pagãos, a despeito de suas crenças em muitos deuses, não passavam de ateus, tanto teóricos quanto práticos, porquanto

ainda não haviam sido apresentados ao verdadeiro Deus e a seu Filho, Jesus Cristo, o benfeitor de toda a humanidade. Tal ateísmo, no dizer de Meyer (*in loc.*): «Foi o estágio mais profundo da miséria dos pagãos».

Por conseguinte, o ateísmo consiste de: 1. Não ter confiança alguma no verdadeiro Deus; 2. Do estado de falta de santidade, caracterizado pelo ateísmo prático e iníquo; 3. Estar esquecido por Deus e de não contar com os seus benefícios. Este terceiro sentido é que é frisado neste versículo, embora os dois outros sentidos também digam a verdade, em relação ao estado dos pagãos. E o pior é que esses estados podem caracterizar temporariamente até mesmo aos crentes, os quais, por algum tempo, devido a ações pecaminosas e voluntariamente perversas, negam a seu Pai celestial. Então tais crentes se tornam «ateus práticos».

«...*no mundo*...» Frase que expressa desespero, em contraste com 1. a comunidade de Israel, sobre a qual repousavam as bênçãos divinas, e 2. a expressão «nos lugares celestiais», o destino real das almas redimidas. Isso alude à esfera «sem esperança», «sem Cristo» e «sem Deus» da humanidade, aquela porção da humanidade que não está informada e nem convicta acerca da verdade de Deus. As palavras «no mundo», podem ser melhor vinculadas a toda a descrição anterior, e não com apenas uma ou mais porções da mesma. Os gentios estavam sem Cristo, sem esperança, sem Deus, etc., porque eram cidadãos exclusivos deste mundo físico, tendo-se desviado, por assim dizer, para longe de Deus, tendo sido abandonados por Deus em um país estrangeiro. E o pior é que estavam «alienados» tanto de Deus como de si mesmos, porquanto suas almas estavam decaídas, habitando em um mundo alienado que é quase um inferno.

Os filósofos existencialistas têm podido apreender os sentimentos profundos deste versículo quando falam sobre «o transe humano», de acordo com o que o indivíduo se vê sozinho, em desespero e temor, parecendo-lhe que a vida é uma «piada da natureza», sem qualquer sentido ou propósito reais. No dizer de Abbott (*in loc.*): «No mundo, com todas as suas perturbações, testes e incertezas; no entanto, destituídos da ajuda divina. Geralmente fazendo contraste com a 'comunidade de Israel'».

O morcego e a coruja ali habitam:
A serpente se aninha nas pedras do altar:
Os vasos sagrados se emboloram perto:
A imagem de Deus se foi! (Matthew Arnold)

13 *νυνὶ δὲ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ ὑμεῖς οἵ ποτε ὄντες μακρὰν ἐγενήθητε ἐγγὺς ἐν τῷ αἵματι τοῦ Χριστοῦ.*

13 ὑμεῖς...ἐγγύς Is 57.19 ἐγενήθητε...Χριστοῦ Col 1.20

13 Ιησου] *om* L Mcion Ir Tert Or

2:13: Mas agora, em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.

A palavra «...*agora*...» faz antítese com as palavras «...naquele tempo...», do versículo anterior, e que se referem a «...outrora...», no décimo primeiro versículo. (Ver as notas expositivas ali, onde as explanações são dadas). A palavra «agora», pois, é uma alusão à experiência presente dos gentios. Agora, os que dentre eles eram crentes, estavam «em Cristo», outra alusão paulina à nossa comunhão mística e companheirismo com Cristo (empregada por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes nas suas epístolas, o que é comentado no trecho de I Cor. 1:4 e que domina toda esta secção doutrinária da epístola aos Efésios, constante de seus capítulos primeiro a terceiro). Essa expressão é, verdadeiramente, a «nota chave» da teologia paulina, mostrando que sua fé cristã era mística, requerendo a presença e a atividade do Espírito Santo nas vidas e consciências dos homens. Sem essa qualidade mística, pois, a fé cristã seria tão-somente outra religião que depende de conceitos e argumentos da razão para impressionar as pessoas, e não uma fé viva, que una Deus ao homem.

«...*vós*...», isto é, os gentios, anteriormente sem esperança, sem Cristo, sem Deus, entregues à impiedade. O milagre da graça de Deus pode transformar os casos mais difíceis.

Esta passagem inteira, constante dos versículos décimo terceiro a décimo oitavo, parece servir de explanação cristã sobre o trecho de Isa. 57:18,19, que afirma: «Tenho visto os seus caminhos e o sararei; também o guiarei, e lhe tornarei a dar consolação, a saber, aos que dele choram. Como fruto dos seus lábios criei a paz, paz para os que estão longe e paz para os que estão perto, diz o Senhor...» A palavra *perto*, dentro dessa citação, mui provavelmente se refere aos «judeus», ao passo que aqueles que «estão longe» são os «gentios», de conformidade com o uso costumeiro de Paulo. Essa era uma interpretação perfeitamente comum dessa passagem do A.T., nos dias do apóstolo. Há um comentário sobre a passagem de Ester 3:9, que diz: «Nenhuma nação está perto de Deus, salvo Israel». Por isso, era prática entre os judeus excluir gentios do interior do templo, permitindo-lhes o acesso tão-somente ao chamado «átrio dos gentios». E isso ilustra o quanto estavam os gentios alienados da comunidade de Israel, como algo «oficialmente» aceito.

O plano de Deus, entretanto, era derrubar esse muro (essa condição e essas circunstâncias), que separava judeus e gentios, impedindo estes últimos de se aproximarem do tesouro das bênçãos divinas; e esse é exatamente o tema desenvolvido na passagem que ora comentamos. Assim é que um comentário sobre Núm. 5:6, preparado por escritores judeus, antecipava essa «unidade» entre judeus e gentios, ao declarar: «Para fazer conhecido o fato que Deus atrai a si mesmo aqueles que estão *distanciados*, regozijando-se acerca desses, tal como se regozija por causa daqueles que estão perto». E isso nos permite entender que as palavras «longe» e «perto» se relacionam às relações desfrutadas pelos indivíduos, em relação à «comunidade de Israel», por meio da qual Deus abençoava nos tempos do A.T. Todavia, as bênçãos da igreja cristã, como algo sem-par que ela é, excedem grandemente àquelas antigas bênçãos, o que também é destacado por este terceiro capítulo.

Vemos também, em tudo isso, que a «inclusão» dos povos gentílicos, dentro do sistema divino, foi antecipada pelos antigos judeus, embora estes não pensassem que os gentios ficariam em pé de igualdade com os israelitas. O comentário judaico, acima citado, parece antecipar até mesmo isso, entretanto. Porém, a «igreja», como entidade distinta e muito mais elevada que a comunidade de Israel, não foi antecipada pelos judeus. É interessante que no segundo capítulo desta epístola Paulo mostra claramente a «igualdade» que há entre judeus e gentios; mas, no terceiro capítulo, ele expande o tema para indicar o «caráter sem igual» da igreja, a esfera onde Deus executa seu plano unificador, pelo qual une a humanidade inteira, em torno de Cristo, o que também prefigura a unidade universal de todas as coisas, em Cristo Jesus, e que é a substância do «mistério da vontade de Deus», aludido no trecho de Efé. 1:10.

«...*fostes aproximados*...» Devemos notar que, no original grego, o verbo se acha no aoristo. Isso sugere o ato decisivo de admissão à presença de Deus, o que é realizado na expiação pelo sangue de Cristo. Por isso é que Westcott (*in loc.*) comentou: «A redenção ideal... em favor de todos, realizada mediante a paixão vitoriosa de Cristo».

«...*em Cristo Jesus*...» Cumpre-nos observar a adição da palavra «...Jesus...», nessa expressão, a qual é explicada no primeiro parágrafo das notas expositivas sobre este versículo. Essa expressão nos faz lembrar a missão messiânica do Senhor Jesus, do histórico Jesus de Nazaré, que efetuou a expiação, o qual também, na qualidade de homem, leva todos os homens a Deus. O Cristo é o mesmo Jesus de Nazaré, que se identificou plenamente com os homens. E assim como ele se identificou totalmente conosco, assim também, na glorificação, seremos totalmente identificados com ele, a ponto de compartilharmos de sua própria natureza e herança. Essa é a sublime e grandiosa mensagem do evangelho. (Ver o trecho de Fil. 2:7, acerca da grande importância da «humanidade de Cristo». Ver Rom. 1:4 e as notas expositivas ali existentes sobre o seu título completo, «Senhor Jesus Cristo», bem como sobre o fato de seu «senhorio». «Cristo», ou «Messias», é título que enfatiza, no texto presente, a missão «messiânica» de Jesus, o que se verificou como parte das bênçãos de Deus, conferidas a Israel, a fim de que os gentios fossem «aproximados»).

«...*pelo sangue de Cristo*...» Literalmente traduzida, essas palavras diriam «pelo sangue do Cristo», isto é, «do Messias de Israel», a maior de todas as bênçãos divinas conferidas a Israel, a personalização mesma da «promessa» feita aos patriarcas, em quem também todos os pactos estão enfeixados, de quem dependem todas as promessas. (Ver o décimo segundo versículo deste capítulo, onde essa questão também é salientada). A instrumentalidade dessas bênçãos é a «expiação». Isso confirma a passagem de Efé. 1:7, onde as notas expositivas podem ser consultadas pelo leitor. (Ver também o paralelo, em Col. 1:20, onde o «sangue de Cristo», figura como o instrumento da unidade e da paz, tal como aqui. O trecho de Rom. 5:11 encerra a nota de sumário sobre o tema de «expiação». Ver notas sobre o tema, expiação pelo sangue, Rom. 3:25).

Paulo acrescenta aqui essa idéia da expiação pelo sangue de Cristo, não apenas para mostrar a fonte originária dessa bênção divina, que consiste de unidade e paz, de privilégio estendido aos povos gentílicos, mas igualmente para combater certas doutrinas gnósticas, com o propósito de mostrar que a humanidade de Jesus Cristo é perfeitamente real, que sua «missão humana», na qualidade do Messias, também foi real. E isso porque os gnósticos negavam ambas essas realidades, fazendo de Cristo uma espécie de anjo que tão-somente veio realizar um grande ato, mas não por ser um ser humano, mas somente como um ser angelical, que veio realizar um feito extraterreno. Este versículo, por conseguinte, inclui tanto a idéia do «Messias prometido» como a idéia do «autêntico Salvador», que realizou sua missão como homem, identificando-se plenamente com os homens.

As palavras «...outrora...», «...separados...» e «...sem Cristo...», narram a história dos inconversos. Já as palavras «...agora...», «...aproximados...» e «...em Cristo...», contam a história da redenção.

O fato de estarmos *em Cristo* é que nos leva a participar da nova e melhor comunidade (a igreja cristã), a qual ultrapassa a tudo quanto se conhecia na antiga comunidade de Israel. Essa foi a grande realização do «Cristo prometido» a Israel, o qual veio a este mundo com uma missão universal, e não apenas local, segundo muitos judeus chegaram a pensar erroneamente.

14 *Αὐτὸς γάρ ἐστιν ἡ εἰρήνη ἡμῶν, ὁ ποιήσας τὰ ἀμφότερα ἓν καὶ τὸ μεσότοιχον τοῦ φραγμοῦ λύσας,[a] [b]τὴν ἔχθραν,[a] ἐν τῇ σαρκὶ αὐτοῦ,[a]*

[a a a a] **14-15** *a* minor, *a* minor, *a* minor, *a* none: Bov (NEB) Zür // *a* minor, *a* none, *a* minor, *a* none: TR WH // *a* minor, *a* none, *a* minor, *a* minor: AV RV ASV Jer // *a* minor, *a* minor, *a* none, *a* none: Nes BF² (RSV) TT Luth (Seg)

[b b] **14-15** *b* no number, *b* number 15: TR[ed] WH Bov Nes BF² NEB TT Zür Jer // *b* number 15, *b* no number: TR[ed] AV RV ASV RSV Luth Seg

14 Αὐτὸς...ἡμῶν Is 9.6 ὁ ποιήσας...λύσας 1 Cor 12.13; Ga 3.28 **14-15** τὴν ἔχθραν... καταργήσας Col 2.14

14 (εχθραν, εν ... αυτου] εχθραν εν ... αυτου, ϛ R)

2:14: Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade,

As palavras «*...ele é a nossa paz...*» formam paralelo com o trecho de Col. 1:20. Aprendemos ali que a paz vem através do «sangue da cruz», e que isso se deve ao fato que Cristo reconciliou todas as coisas consigo mesmo, tanto nos céus como sobre a terra. Essa passagem da epístola aos Colossenses, portanto, tem uma aplicação mais ampla, falando da paz e unidade universais também referidas em Efé. 1:10. Mas, neste ponto, Paulo limita a idéia à «paz», no que concerne à igreja cristã, que é a comunidade dos remidos unidos, vindos tanto dentre os judeus como dentre os gentios, os quais não podiam ser unidos, pelo menos religiosa, espiritual e até mesmo politicamente falando, debaixo das condições do antigo pacto.

Cristo é o motivo da nossa «...paz...» pelas seguintes razões:

1. O sentido das palavras que temos aqui é mais que «Cristo é o autor da paz», embora isso também expresse uma verdade. O original grego, literalmente traduzido, diria: «Ele mesmo é nossa paz». Isso quer dizer que a paz conferida é uma «pessoa», e que ela se concretiza «em uma pessoa». Portanto, isso deve incluir o conceito de «comunhão mística» com o Senhor, de tal modo que todos quantos participem dessa comunhão, experimentarão, mui naturalmente, a mesma paz.

2. A paz com Deus é porção necessária de tudo isso, conforme o trecho de Col. 1:20 nos mostra, pois a «inimizade» foi neutralizada por meio da cruz de Cristo. E essa inimizade era entre Deus e o homem, entre homem e homem, e entre cada ser humano e a sua própria alma. Por conseguinte, foi estabelecida uma base geral para a paz, sendo ela de natureza essencialmente espiritual, encontrada através do companheirismo com uma pessoa, o Senhor Jesus. (Ver as notas expositivas acerca do tema da «paz com Deus», em Rom. 5:1).

3. A paz é uma das condições da vida, uma condição espiritual na qual vivemos, dentro de uma era perturbada. Pois, a despeito de tratar-se de uma disposição mental, é igualmente uma qualidade espiritual; na realidade, é um dos aspectos do «fruto» do Espírito Santo. (Ver acerca da *paz*, como uma das facetas do «fruto do Espírito», em Gál. 5:22).

4. A paz é também a confiança no tocante ao futuro, tanto neste mundo material como no mundo da alma. Consiste na confiança da alma, em Cristo Jesus, o que nos conserva vinculados a ele, em atitude de fidelidade para com ele e para com os seus ensinamentos. (Quanto a notas expositivas sobre a «paz», que se segue a esse tema, ver os trechos de João 14:27 e 16:33. Ali se acham as notas de sumário sobre esse assunto, onde há também poemas ilustrativos).

5. A paz que há na alma crente e no seio da igreja serve de prefiguração da paz e da harmonia universais que haverá sob o governo milenar de Cristo, o que é salientado no trecho de Col. 1:20, e onde as «coisas nos céus» são inclusas, e não apenas as *coisas terrenas*. Portanto, a «paz» consiste da harmonia, da boa vontade e do bem-estar resultantes do fato que Cristo terminou a sua missão universal, o que é antecipado no primeiro capítulo desta epístola aos Efésios. Ao instaurar a «paz», entre judeus e gentios, no seio da igreja (entre duas entidades que antes estiveram em grande conflito), mostrou o Senhor Deus que isso se tornará universal, no tempo próprio.

6. Devemos ainda observar que o «vínculo da paz» não consiste de alguma doutrina, da aceitação de algum credo, por qualquer grupo de crentes. Pelo contrário, consiste de uma pessoa, Cristo Jesus, o qual, portanto, transcende a quaisquer crenças particulares. Deus dispõe de tempo suficiente para unificar-nos, em nossas muitas «crenças» divergentes; e isso será efetuado mediante a unidade superior de nossa comunhão mística com Cristo, através do seu Santo Espírito.

7. A paz era um conceito freqüentemente associado à vinda do reino do Messias, de conformidade com o pensamento do A.T. (Ver Isa. 9:5,6; 52:7; 53:5; Miq. 5:5; Heb. 2:9; Zac. 9:10). Esse é um dos aspectos da grande paz universal que Cristo Jesus inaugurará. A ênfase do presente versículo, entretanto, recai sobre a «paz» que reina no seio da igreja, a paz pessoal, de um crente individual com a sua própria alma, com o seu Deus, com os seus semelhantes—a paz entre judeus e gentios. Não obstante, a igreja, em certo sentido, já é o reino de Deus sobre a terra, ainda que o conceito do reino não se circunscreva à igreja, mas antes, envolve muitas outras coisas. (Ver o trecho de Mat. 13:2, quanto a notas expositivas completas sobre esse tema).

Cristo Jesus é a nossa «sabedoria», «retidão», «santificação» e «redenção» (ver I Cor. 1:30). Ainda um dos seus nomes é «a Paz». Cristo é todas essas coisas porque, nele e por ele é que essas coisas se cumprem. Em alusão ao trecho de Isa. 9:6, certo escritor rabino chama o Messias de «a Paz». Ele também é a «oferta pacífica», aquela que reconcilia o homem com seus semelhantes e com Deus.

«...de ambos fez um...» Harmonia e união foram conferidas «a judeus e a gentios», que ficaram assim unidos dentro da comunidade superior da igreja cristã, ficando assim eliminadas as muitas barreiras e preconceitos inerentes ao sistema judaico. E a maneira como Cristo estabeleceu a paz é revelada através de uma série de imagens vívidas, conforme a lista abaixo:

1. Cristo fez de judeus e gentios, uma vez crentes, uma única comunidade religiosa, vivendo em plena harmonia, servindo ao mesmo Senhor—e isso não foi uma realização sem importância.

2. Cristo derrubou o *muro de separação*, os aspectos restritivos da antiga lei mosaica, porquanto eliminou tais preceitos como norma da conduta diária do crente. Esse muro falava sobre o sistema judaico em sua inteireza, o qual, devido à sua própria natureza, excluía aos gentios. (O décimo quinto versículo deste capítulo define o presente versículo, dizendo-nos exatamente o que é indicado pela figura simbólica da lei).

3. Cristo pregou a «paz» (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo).

4. Cristo nos confere o seu Espírito, mediante quem obtemos acesso ao próprio Deus Pai.

5. Cristo nos tornou cidadãos e membros da família de Deus (ver o décimo nono versículo deste capítulo).

6. Cristo, ao unir a todos os homens, edificou um novo templo, um templo de carne humana, para servir de habitação para o próprio Deus, no Espírito do Senhor. (Ver os versículos vigésimo e vigésimo segundo).

Por conseguinte, em Cristo há um só «corpo», há união. Em contraposição a isso, não há judeu ou gentio, escravo ou livre, varão ou varoa, mas todos são um só em Cristo Jesus. (Ver Gál. 3:28 e as notas expositivas ali existentes, que oferecem descrições adicionais sobre o que significa essa unidade.

«Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor» (João 10:16). Os gentios, pois, segundo o dizer do Senhor Jesus, também precisavam ser trazidos para o seu redil, e isso foi levado a efeito em sua missão terrena.

«...derrubando a parede da separação...» O templo físico de Jerusalém, em suas próprias estruturas, servia de demonstração patente do exclusivismo espiritual, de bênçãos superiores e inferiores, de desunião entre judeus e gentios. O templo era circundado em sua inteireza por grande muralha; mas havia um muro mais interior, que separava o átrio dos gentios do recinto mais íntimo ou santuário. Os judeus podiam entrar no santuário, mas não os gentios. Além disso, no recesso mais interior do santuário, ou Santo dos Santos, somente o sumo sacerdote podia penetrar, e isso apenas uma vez por ano. Vê-se, pois, que vários níveis de exclusivismo estavam incorporados dentro da própria estrutura física do templo de Jerusalém. Mas Paulo alude aqui ao muro que separava o *átrio* dos gentios do santuário do templo. Esse muro é referido por Josefo (ver *Antiq.* xv. §5). E, noutra obra de Josefo, «Guerras dos Judeus» (V.5.2), ele nos revela que havia inscrições bilíngües (em grego e latim), colocadas a intervalos regulares, ao longo desse muro, avisando aos gentios que não passassem além desse muro e não entrassem no santuário, ameaçando-os de morte, se tal ordem fosse desobedecida.

Somente duas pedras do templo de Jerusalém, que havia nos dias de Jesus, foram descobertas e identificadas com certeza como tais; e uma delas contém uma inscrição (somente no idioma grego). Essa pedra foi descoberta durante uma escavação feita no ano de 1871, achando-se atualmente em Constantinopla. Essa inscrição diz como segue: «Nenhum homem de outra raça deve avançar para além da separação e do muro que cerca o santuário; e qualquer indivíduo ali dentro apanhado só poderá culpar a si mesmo em face da pena de morte que lhe será imposta como conseqüência». O quão radicais se mostravam os judeus a esse respeito, pode ser demonstrado por meio de mais de um registro histórico sobre pronta execução de ofensores, dentro do próprio recinto do templo. Também se pode observar a grande agitação e debates que foram ocasionados pela suposta ousadia do apóstolo Paulo, que teria feito Trófimo, o efésio, ultrapassar da muralha aludida aqui. (Ver Atos 21:29). Isso quase custou a vida de Trófimo.

A destruição da cidade de Jerusalém (no ano 70 D.C.), também provocou o fim dessa muralha de separação. Por essa razão, alguns intérpretes têm pensado que isso serve de indicação que esta epístola aos Efésios foi escrita depois dessa ocorrência, o que lhe daria uma data bastante posterior. Não é improvável, contudo, que tal referência de Paulo possa ter sido feita bem antes dessa data, porquanto a existência daquela muralha servia de vívido monumento sobre a divisão religiosa e sobre as distinções artificiais entre judeus e gentios.

Cristo Jesus em sua morte na cruz, portanto, derrubou a parede de separação, tornando-se, ele mesmo, o unificador de todos os remidos, judeus ou gentios, tornando-se ele mesmo a regra de justificação e de conduta diária, ficando eliminados, desse modo, os preceitos da lei mosaica, que até então vinham procurando ocupar essa função. No entanto, o Senhor Jesus também rasgou o véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos, no recesso mais interior do santuário, tendo-nos conduzido espiritualmente à própria presença de Deus, embora isso Paulo não destaque aqui mediante o uso de qualquer símbolo, ainda que tenha incluído a idéia que agora temos livre acesso a Deus Pai (ver o décimo oitavo versículo deste capítulo), bem como a idéia que fomos feitos templos vivos de Deus, em substituição ao antigo Santo dos Santos, como lugar de sua moradia à face da terra. (Ver os versículos décimo nono a vigésimo segundo deste capítulo).

O simbolismo da «...parede...» aqui referida: Vejamos:

1. Não está em foco, diretamente, aquilo que separa Deus e o homem.

2. Antes, Paulo fala daquilo que separava judeus dos gentios, e então, aquilo que separava ambos esses grupos de Deus. Pois enquanto permanecesse de pé o templo de Jerusalém, com suas muitas leis, ritos e cerimônias, ninguém podia aproximar-se de Deus, nem mesmo os próprios judeus. Tal aproximação íntima só pode ser feita a partir do momento em que Cristo veio tomar o lugar da lei.

3. Mais especificamente ainda, a «parede» é a *lei mosaica*, conforme o décimo quinto versículo nos esclarece. E a «parede da lei» consiste do sistema mosaico inteiro, incluindo os dez mandamentos, e não meramente as leis que controlavam as questões cerimoniais. Os judeus não faziam distinção entre «leis morais» e «leis cerimoniais», conforme se tornou comum fazer na teologia cristã moderna. Para os judeus, alguns dos requerimentos «cerimoniais» eram exigências «morais» sérias. Mas Cristo é «o fim da lei» (de qualquer categoria), para aqueles que crêem. (Ver o trecho de Rom. 10:4 acerca desse tema).

4. A lei chegou a seu fim como agente *justificador* (conforme nos mostra a passagem de Rom. 3:20). Mas também chegou a seu fim como agente «santificador» (de acordo com o que nos diz Gál. 3:2,3). A lei não é a «norma» da conduta diária para o crente. Antes, existe uma «lei» superior, um «guia mais alto», que é o Espírito Santo e sua lei, escrita em nossos corações, em tábuas de carne, e não de pedra, como se dava no caso da lei

mosaica. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em Rom. 8:2).

Dessa maneira, ou seja, mediante a expiação pelo sangue de Cristo e a operação constante do Espírito Santo em nossas vidas, todas as coisas que tínhamos perdido nos foram devolvidas, a saber: 1. Sem Cristo (versículo doze), em Cristo (versículo treze). 2. Alienados (versículo doze), aproximados (versículo treze). 3. Do lado de fora da parede (versículo catorze), com direito de acesso a Deus Pai, o que significa que podemos ir além do véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos (versículos catorze e dezoito). 4. Estranhos (versículo doze), feitos participantes da nova e superior comunidade (versículos catorze a vinte e dois). 5. Sem esperança, sem Deus e inimigos de Deus (versículo doze), e dotados de paz com Deus, tendo acesso a ele, e feitos sua própria habitação (em substituição ao templo de Jerusalém), mediante o Espírito Santo (versículos catorze a vinte e dois).

«*...a inimizade...*» Nestes versículos, encontramos três alusões à lei, a saber:

1. A parede (no décimo quarto versículo).

2. A inimizade (no décimo quarto versículo), que é uma maneira diferente de aludirmos à lei e às dificuldades por ela causadas.

3. Então, o versículo décimo quinto refere-se diretamente à lei, sem o emprego de qualquer símbolo ou expressão metafórica. Em todos esses três casos, entretanto, a lei está sendo apontada.

Alguns estudiosos pensam que o termo «*...inimizade...*» faz parte do décimo quarto versículo, e não do décimo quinto. Mas isso em nada altera o seu sentido. A lei provocou: 1. Inimizade entre judeus e gentios, porquanto ela os separava, ao invés de uni-los; 2. inimizade entre os homens e Deus, porquanto apontava para a maldade humana, dando-lhe a força, embora não pudesse conquistá-la, tendo-se transformado em instrumento de morte, e não de vida, conforme é amplamente explanado em Rom. 7:8-10 e nas notas expositivas ali existentes.

Deus anulou a *hostilidade* provocada pela lei, a saber, o conflito entre judeus e gentios, e o conflito entre todos os homens e Deus. Isso foi uma parte da «paz» trazida a nós por Cristo. Mas a ênfase do presente versículo recai sobre a «hostilidade entre judeus e gentios», provocada pela lei, o que impedia o estabelecimento da paz, ainda que a outra idéia também seja verdade, e talvez deva até mesmo ser subentendida aqui. (Ver os trechos de Rom. 3:20; 4:15; 5:20 e 7:7-11, bem como as notas expositivas ali existentes, sobre essas idéias. Quanto a ilustrações acerca da «inimizade», ver as notas expositivas sobre «a profundeza do exclusivismo judaico e seu ódio contra os gentios», em Atos 10:28). O orgulho que os judeus tinham na lei servia de base para tal «inimizade»; e enquanto a lei permaneceu de pé, não pôde mesmo haver qualquer unidade entre judeus e gentios. O paralelo que aparece em Col. 1:21, por sua vez, destaca a «inimizade» entre Deus e os homens. Não nos devemos esquecer, finalmente, que a «inimizade» aqui referida faz antítese com a «paz», sem importar se consideramos a harmonia entre judeus e gentios, ou entre Deus e os homens.

«A inimizade foi removida pela 'anulação da lei', que a tinha ocasionado. A doutrina que Cristo anulou a lei é apresentada aqui como algo familiar, que não requer explicações; e isso nos leva a supor que os leitores da epístola tinham algum conhecimento dos argumentos contidos nas epístolas aos Gálatas e aos Romanos». (Beare, *in loc.*).

«Essa inimizade se devia não somente às limitações e antagonismos judaicos, mas também, e conforme o contexto ampliado o mostra, se devia sobretudo à alienação entre Deus, por um lado, e judeus e gentios, por outro lado». (Philip Schaff, *in loc.*, no Comentário de Lange).

15[b] τὸν νόμον τῶν ἐντολῶν ἐν δόγμασιν[a] καταργήσας, ἵνα τοὺς δύο κτίσῃ ἐν αὐτῷ εἰς ἕνα καινὸν ἄνθρωπον ποιῶν εἰρήνην,

15 κτίσῃ...καινὸν ἄνθρωπον 2 Cor 5.17 15 εν δογμ.] *om* $\mathfrak{p}^{46}$ | αυτω $\mathfrak{p}^{46}$ℵABF *al* (αὐ- *?*); R] εαυτω DG *pm* Mcion ς

Apesar do que parece ser um uso helenista (ver o comentário final sobre Fil. 3:21), a minoria da comissão preferiu fortemente o uso da aspiração áspera sobre αὐτῷ.

2:15: isto é, a lei dos mandamentos contidos em ordenanças, para criar, em si mesmo, dos dois um novo homem, assim fazendo a paz,

N.B. A primeira parte deste vs., em algumas traduções, aparece em vs. 14.

O termo «*...aboliu...*» é tradução do verbo grego «katargeo», que significa «tornar ineficaz», «fazer inútil», «exaurir», «despojar», «anular», «abolir», «apagar», «pôr de lado», «dar fim». O objeto direto dessa ação é a «lei». Tal declaração, pois, é similar à de Rom. 10:4, onde Cristo figura como «o fim da lei», para todos quantos crêem. No entanto, o trecho de Rom. 10:4 tem sido sujeitado a interpretações debilitadoras, incluindo aquelas que contradizem totalmente o seu verdadeiro sentido, tal como aquela que diz que Cristo é «o alvo (finalidade) da lei», porquanto a palavra «fim» (no grego, *telos*), pode ter esse significado. Porém, a expressão do presente versículo é ainda mais enfática que a de Rom. 10:4, não dá margem para interpretações assim evasivas. Portanto, assim como Cristo derrubou a parede e pôs fim a ela, assim também pôs fim à lei como agente justificador e santificador, como «regra de conduta» do crente. Resta-lhe a função de mostrar qual a natureza autêntica do pecado, o que exige juízo. Além disso, a lei alia-se ao princípio do «pecado-morte», conferindo-lhe seu poder condenador. As passagens de Rom. 3:19,20 e 7:7-10 deixam claro que a lei retém tais funções. Porém, no que diz respeito a ser a lei uma medida justificadora ou santificadora para o crente, a lei é «inútil», «impotente», «nula», «posta de lado», «levada ao fim». Esse é o claro ensinamento deste versículo. A lei é a «parede» e a «inimizade» referidas no versículo anterior. Ela foi derrubada, eliminada; e, em vista disso, reina a paz e foi restaurada a paz, a harmonia entre judeus e gentios e entre ambos e Deus.

Isso é verdade porque, dentro do sistema da «graça-fé», o Espírito Santo nos é outorgado, e ele implanta em nossos corações a natureza moral de Cristo, ao mesmo tempo que vai transformando nossas naturezas morais segundo a sua imagem. Ora, esse é o grandioso desígnio do evangelho, uma tarefa simplesmente impossível para o princípio legalista, que somente a agência direta de Deus pode realizar, mediante o fato que Deus habita no seu «novo templo», que é a igreja cristã, por intermédio de seu Espírito. Ora, tudo isso ultrapassa em muito qualquer coisa que a lei esperasse fazer, de tal modo que o princípio legal simplesmente não tem mais relação alguma com os crentes e nem mais exerce qualquer efeito sobre eles.

«*...inimizade...*» Algumas traduções fazem essa palavra ser o objeto direto do verbo «aboliu». O mais provável, entretanto, é que deva ser objeto direto de «derrubou», verbo que aparece no versículo anterior. Seja como for, a inimizade criada pela lei, e nela residente, está em foco. (Ver as notas expositivas completas sobre esse termo, no versículo anterior).

«*...na sua carne...*» De que modo? 1. Em sua natureza humana, durante a sua missão humana como o Messias; 2. provavelmente temos aqui uma alusão especial à expiação, tal como em Col. 2:14,15, que é passagem paralela a esta. Foi na cruz que Cristo «...tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz...» Identificado com os homens, e como homem, Cristo cumpriu sua missão em favor dos homens. Isso é, essencialmente, o que significam as palavras «na sua carne».

Contudo, a despeito da referência central envolver aqui a cruz de Cristo, a própria declaração que comentamos não pode ser limitada a isso. (Ver Gál. 4:4, onde se lê: «...nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei...»). Por semelhante modo, o trecho de Heb. 2:15 enfatiza a missão terrena e humana de Cristo, em sua inteireza, sendo ele o Salvador universal. Contudo, o cumprimento dessa missão remidora teve lugar na cruz e na ressurreição, através do que nos vem a vida eterna. Por conseguinte, tendo o Filho de Deus se identificado inteiramente conosco, seremos totalmente identificados com ele, quando da glorificação, recebendo sua natureza e sua herança tão exaltadas. E tudo isso à parte do sistema da lei e a despeito desse sistema, o qual poderia tão-somente condenar-nos,e não salvar-nos.

«*...a lei dos mandamentos na forma de ordenanças...*» Encontramos aqui uma alusão à inteira legislação mosaica, em seus aspectos «moral» e «cerimonial», e não a apenas um ou outro desses dois aspectos, já que os judeus nunca estabeleceram qualquer distinção entre esses aspectos, conforme sucede na moderna teologia. (Ver as notas expositivas sobre isso, no começo dos comentários sobre o versículo anterior). Esse «legalismo moderno», que basicamente não é tão diferente de sua variedade antiga, que tem negado a óbvia declaração desta e de outras passagens, acerca da eliminação absoluta do «princípio legal», tanto como meio de obtenção da vida eterna quanto como meio de santificação.

«*...ordenanças...*» No grego é «dogmas», que poderia ser palavra traduzida por «decretos». Portanto a tradução dessa frase seria «...a lei dos mandamentos, expressa por decretos...» O trecho de Col. 2:14 usa essa mesma palavra. No dizer de Abbott (in *loc.*): «Está em foco a lei mosaica como tal, e não meramente certos de seus aspectos, inteira, ela chegou a seu fim, em Cristo. Ele é o 'fim da lei' (ver Rom. 10:4). Uma vez que veio a fé, não mais estamos debaixo do treinador de crianças (no grego, «upo paidagogon») (ver Gál. 3:25)».

Permanecem de pé as obrigações morais da lei. As obrigações morais, dentro do novo pacto, não somente permanecem, mas se tornaram ainda mais cruciais. E isso porque agora o Espírito Santo está formando a natureza moral do próprio Deus Pai nos crentes, de tal maneira que, eventualmente, haverão de compartilhar das perfeições morais do próprio Pai (ver Mat. 5:48). Entretanto, isso ocorre de forma «mística» e «espiritual», ao nível da alma, e não «legalmente», isto é, mediante a observância de preceitos morais ou cerimoniais.

«*...dos dois criasse em si mesmo novo homem, fazendo a paz...*» A palavra «...dois...», neste caso, indica judeus e gentios, os quais, em Cristo, se tornam um só corpo, uma única comunidade religiosa, a nova comunidade que retém todas as bênçãos da antiga comunidade, e mais ainda, ultrapassando a tudo quanto se conhecia no A.T. Em Cristo, sem importar procedência, raça ou privilégios religiosos anteriores, todos os crentes são um, conforme lemos em Gál. 3:28, onde o conceito de «unidade em Cristo» é comentado. Neste ponto, entretanto, os crentes aparecem como «...novo homem...», e, no décimo sexto versículo, como «...um só corpo...» Tudo isso, entretanto, se verifica «em Cristo», a ênfase constante desta epístola aos Efésios, que fala sobre a nossa comunhão mística com Cristo, possibilitando a unidade e conferindo vida a essa unidade, a saber, a própria vida de Cristo. (Ver I Cor. 1:4, quanto a notas expositivas sobre a expressão «em Cristo»).

«*...novo homem...*» não pode ser nacionalmente identificado com «judeus» ou com «gentios». Na realidade, não indica nem um e nem outro. Bem pelo contrário, o «novo homem» é «cidadão dos céus», apenas um «peregrino» nesta terra. (Ver Fil. 3:20 e as notas expositivas ali existentes sobre a «cidadania celestial». Ver também Heb. 11:13 sobre o fato que somos «estrangeiros e peregrinos» na terra). Ora, um «novo homem» é a «feitura» referida no décimo versículo deste capítulo, e que é denominado de «nova criatura», em II Cor. 5:17 (embora ali esteja em foco o crente individual, ao passo que aqui está em foco a comunidade dos crentes). O

«novo homem» não somente não é judeu e nem gentio; antes, nem ao menos é terreno, posto que pertence ao reino celeste. E isso se aplica tanto ao crente individual como à nova comunidade.

Ora, posto que agora há apenas «um novo homem», não há mais desunião e nem contenda, conforme havia entre o judaísmo e o paganismo; por igual modo, não há mais conflito com Deus, porquanto a «novidade» desse novo homem é plenamente aceitável ao Senhor, tal como o próprio Cristo Jesus é aceitável, visto que o «novo homem» está sendo transformado para compartilhar da própria natureza de Cristo.

Essa «novidade» e essa «unidade», agora concretizadas entre os crentes, é a prefiguração das mesmas qualidades que serão universalmente experimentadas, porquanto tudo será restaurado e unificado em Cristo, em novidade de glória, segundo o trecho de Efé. 1:10 nos mostra. E nisso consiste o grande «mistério da vontade de Deus», um conceito que envolve vastíssima esperança para toda a criação, para todos os seres criados. Nisso é que consiste a misericórdia divina para com «todos», sobre o que lemos no trecho de Rom. 11:32.

Ora, isso envolve mais do que a reconciliação, mais do que a eliminação das divergências. Antes, envolve a total união com Cristo e de uns com os outros, a ponto de compartilharmos da mesma vida, da mesma glória e da mesma herança que ele. O novo homem traz a imagem do «homem celestial», Cristo Jesus», e não mais a imagem do homem terreno, «Adão». O novo homem foi elevado acima de Adão, em cuja natureza imperam a contenda e a divisão. (Ver I Cor. 15:49 e as notas expositivas ali existentes, sobre o fato que traremos a imagem do «homem celestial»).

«*...fazendo a paz...*» (Ver o décimo quarto versículo e suas notas expositivas acerca de como Cristo Jesus é a «nossa paz», o qual, portanto, trouxe a nós uma nova modalidade de paz, de harmonia, de bem-estar espiritual). Esse bem-estar espiritual, essa harmonia, foram conferidos à igreja de Cristo, ao «novo homem». E dessa maneira foram dissolvidas barreiras raciais e culturais, porquanto o que é terreno foi absorvido pelo que é celestial. A muralha de separação foi derrubada, a inimizade foi abolida, a lei foi eliminada—e assim a paz passou a reinar, no seio da igreja cristã.

Devemos notar aqui a presença do particípio presente, no original grego, «...fazendo a paz...» (o que é refletido em nossa versão portuguesa). Está em foco a ministração constante de Cristo, o que nos confere essa paz. Ele é quem resolve os problemas entre as raças, entre as nações, entre as classes, entre os indivíduos. Mas sua atuação transcende a tudo isso, porquanto faz todos os remidos compartilharem de sua própria natureza espiritual; e esse estado de paz os reconcilia até mesmo com Deus.

16 *καὶ ἀποκαταλλάξῃ τοὺς ἀμφοτέρους ἐν ἑνὶ σώματι τῷ θεῷ διὰ τοῦ σταυροῦ, ἀποκτείνας τὴν ἔχθραν ἐν αὐτῷ.*

16 ἀποκαταλλάξῃ... σταυροῦ Col 1.20, 22

16 αυτω] εαυτω G *pc* lat

2:16: e pelo cruz reconciliar ambos com Deus, por intermédio da cruz, tendo por ela matado a inimizade;

★★★

O verbo «*...reconciliasse...*» é tradução do verbo grego «*apokatallasso*», que significa «reconciliar», «pôr em harmonia», «unificar». Esse conceito, dentro das páginas do N.T., naturalmente requer a idéia de perdão de pecados, porquanto o pecado é o grande agente separador; mas deve incluir, igualmente, o conceito de santidade positiva, e não apenas a ausência de pecado. «Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). Ora, a cruz é o agente dessa reconciliação entre grupos hostis, conforme o versículo que ora comentamos o declara. (Ver também os paralelos em Col. 1:20,21 e 2:20).

Cristo estabeleceu a «paz» através do «sangue de sua cruz», tendo reconciliado aqueles que antes eram «alienados e inimigos em suas mentes, por causa de suas obras más». A idéia básica do vocábulo grego aqui traduzido por «reconciliar», é «alterar totalmente de uma coisa para outra», de um estado ou relação para outro estado ou relação. (Ver os trechos de Rom. 5:10; 11:15; I Cor. 7:11; II Cor. 5:18-20, onde essa palavra também é empregada).

«A reconciliação olha para o efeito da morte de Cristo sobre o homem, como uma propiciação (ver Rom. 3:25 e a nota ali existente), em seu aspecto relativo a Deus; e é esse efeito da morte de Cristo, sobre o pecador crente que, mediante o poder divino, opera nele uma 'total modificação', na direção de Deus, tirando-o da atitude de aversão e dando-lhe amor e confiança. Nunca é dito que Deus é reconciliado. Deus é propiciado, mas o pecador é reconciliado com Deus. (Comparar com II Cor. 5:18-21)». (Scofield, na sua *Reference Bible*, sobre Col. 1:21). (Quanto a notas completas sobre a «reconciliação», ver Rom. 5:10. Quanto à «propiciação», ver Rom. 3:25).

«*...em um só corpo...*» Trata-se de uma apta metáfora para indicar «união», «reconciliação» e «harmonia». O corpo, embora composto de muitos membros, é um notável *modelo de cooperação* entre suas partes; e isso acontece porque o corpo, na realidade, é «uma única entidade», ainda que composto de vários membros, uma entidade só pode possuir uma única forma de vida. Todos os seus membros trabalham visando ao bem-estar da entidade inteira, em perfeita harmonia e paz uns com os outros, em uma cooperação que preserva a vida da entidade e o seu bem-estar. É que esses membros têm um alvo comum, um propósito só, a saber, o bem-estar de todos os seus membros, considerados como um todo, como um organismo. (Ver Efé. 1:23, onde é desenvolvida a idéia da igreja cristã como «o corpo de Cristo». Ali aparecem outras referências neotestamentárias onde esse conceito também é expresso). Nessa passagem de Efé. 1:23, Cristo aparece como «o Cabeça» desse corpo; e é ele quem unifica e dá vida ao corpo, porquanto é Senhor de todos. Portanto, Paulo «...empilha metáforas a fim de expressar a sua idéia sobre o reino de Deus, que conta com Cristo como seu rei (a igreja, o corpo, a comunidade de Israel, unidade, um novo homem em Cristo, concidadãos, a família de Deus e o templo de Deus)». (Robertson, in loc.).

«*...com Deus...*» A reconciliação e a paz são estabelecidas «com Deus», como também entre homem e homem. O décimo quinto versículo enfatiza a «paz entre os homens», mas este versículo salienta a paz entre o «novo homem» e Deus, sendo Deus a base de toda a verdadeira harmonia. Pois quando os homens estão verdadeiramente em harmonia com ele, necessariamente estarão em harmonia uns com os outros. A unidade com Deus é efetuada por intermédio de Cristo, e, na realidade, em torno da pessoa de Cristo, conforme se vê em Efé. 1:10. Porque o mistério da vontade de Deus é que a restauração seja em Cristo e feita por ele.

«*...por intermédio da cruz...*» Isso porque ali foi feita a «expiação» pelo pecado, por ser a cruz a base mesma da reconciliação. (Ver Rom. 5:11 e as notas expositivas ali existentes sobre a «expiação». Comparar também com Col. 1:21,22, que é seu paralelo direto, e que expressa um tanto mais exatamente o mesmo princípio reconciliador).

«A convicção sobre a 'realidade' dessa unidade, entre todos quantos confessam a Cristo crucificado, naturalmente não soluciona os complicados problemas de unidade, no nível das instituições eclesiásticas. Tal convicção, entretanto, deveria fazer subir à tona a caridade cristã. Arrependimento e perdão de pecados, uma vez compartilhados, mediante a cruz de Cristo, são dons definitivos de Deus. Outras formas de unidade devem ser reputadas apenas secundárias». (Wedel, *in loc.*).

«*...destruindo por ela a inimizade...*» Essa «...inimizade...» ou «hostilidade», é a mesma mencionada no décimo quarto versículo, onde é amplamente comentada. Ela se verifica entre homens e homens, mas também entre Deus e os homens. No décimo quarto versículo, essa «inimizade» é equiparada à «lei», porquanto tal hostilidade era fomentada e fortalecida pela lei, já que, dando vigor ao pecado, a lei «mata» os homens. (Ver Rom. 7:11). Por semelhante modo, a lei causou a inimizade entre judeus e gentios, sobre bases religiosas, sendo essa a «parede» que os separava. O «escrito de dívida» que nos era contrário, foi removido e encravado na cruz, conforme aprendemos em Col. 2:14. (Comparar também com Gál. 2:19,20, que estipula: «Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...»).

A inimizade que havia, na lei e através da lei, foi abolida; e isso segundo os aspectos que passamos a enumerar: 1. Como uma medida justificadora; 2. como uma medida santificadora (na forma de norma para a conduta diária); 3. como o ministério da morte e da condenação (ver II Cor. 3:7,9). Também é proveitoso notar as várias expressões que denotam a completa remoção da lei, a saber: «...desvanecente...» (II Cor. 3:7,11,14); «...aboliu...» (versículo décimo quinto do presente capítulo). Sim, a letra mata, mas o Espírito dá vida.

Em 1871, os franceses derrotados, pagaram ao recém-formado império da Alemanha, a soma de um bilhão de dólares, a maior indenização que jamais foi paga por uma nação a outra, até aquele tempo, a fim de «adquirir» a sua liberdade, para que nenhum alemão uniformizado viesse a ocupar o solo francês. Quão grande, pois, foi a compra realizada na cruz do Calvário, que nos libertou de todas as nossas hostilidades e nos conferiu a liberdade em Cristo!

17 *καὶ ἐλθὼν* **εὐηγγελίσατο εἰρήνην** *ὑμῖν* **τοῖς μακρὰν καὶ εἰρήνην τοῖς ἐγγύς·**

17 Is 57.19; 52.7; Zch 9.10

O Textus Receptus, seguindo vários testemunhos posteriores (K L muitos minúsculos sir (p,h) *al*), omite a segunda instância de *εἰρήνην*, provavelmente porque parecia redundante e, portanto, supérfluo. Sua presença, porém, não apenas é fortemente apoiada por bons testemunhos (**𝔓**^{46} ℵ A B D F G P it (d,g) vg cop (sa,bo) gót ara etí *al*), mas também adiciona significativamente à força da declaração do escritor sagrado.

2:17: e, vindo, ele evongelizou paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam perto;

O presente versículo é repetição, para efeito de ênfase, de elementos que já temos encontrado neste capítulo, com a adição, neste ponto, da missão evangelizadora de Cristo, a qual é mencionada como agente da paz que Cristo confere aos que estavam longe e aos que estavam perto.

Cordeiro pascal de Deus, por Deus nomeado,
Fizeste expiação completa.
Todo o teu povo é perdoado por meio
Da virtude do teu sangue;
Abertos estão os portões dos céus
Paz é feita entre o homem e Deus.

(Charlotte Elliot)

«...*longe...perto...*» Referência aos «gentios» e aos «judeus», respectivamente, tal como no décimo terceiro versículo deste capítulo, onde a questão é comentada. Devemos observar o acréscimo das palavras «...vós outros...», neste versículo, e que devem ser compreendidas juntamente com as palavras «...que estáveis longe...», e que descrevem aquelas primeiras, porquanto Paulo escrevia a gentios, que tinham estado distanciados da comunidade de Israel, que era então a guardiã das bênçãos divinas. Essas expressões se relacionam à posição ocupada pelos dois grupos distintos, no que concerne às bênçãos dadas à comunidade de Israel.

«...*paz...*» A paz divina é conferida tanto a judeus como a gentios crentes, e essa paz «é Cristo» (conforme o comentário relativo ao décimo quarto versículo deste capítulo). Essa paz é estabelecida entre homem e homem e entre Deus e os homens (o que transparece no décimo quinto versículo). (O conceito da «paz» é comentado nas notas expositivas sobre esses versículos; e outras referências bíblicas também são mencionadas ali).

«...*evangelizou...*» Uma boa tradução dessa frase, seria: «...Ele veio e pregou as boas novas de paz...» As «boas novas» ou evangelho é que trouxeram a paz de que este contexto fala, porquanto a paz é o principal tema, o conteúdo mesmo do evangelho. No dizer de Abbott (in loc.): «Os versículos anteriores mostram como Cristo garantiu-nos a paz; este, mostra-nos como ele a proclamou». Todavia, não é dito aqui, de maneira definida, o «quanto» Cristo assim pregou. E isso tem produzido várias opiniões a respeito, conforme mostramos abaixo:

1. Alguns pensam que está em foco a sua «missão terrena», a sua encarnação, anterior à sua morte na cruz.

2. Outros entendem que isso fala sobre o «ministério pós-ressurreição» de Cristo.

3. Ainda outros pensam em seu ministério «nos apóstolos e através deles», após a sua ascensão aos céus, e isso por intermédio do ministério do Espírito Santo. (Ver João 14:18 e Atos 26:23).

Mas talvez seja melhor compreendermos essa declaração de maneira bem geral, sua prédica da paz, sob todos esses métodos. Isso incluiria até mesmo o tempo presente, em que ele pregaria a paz por intermédio da sua igreja. Ou mesmo através da criação ou de quaisquer outros métodos que ele use para alertar aos homens acerca das questões vitais da existência. O fato que ele pregou o evangelho aos que estavam «longe», talvez concorde com sua pregação por intermédio de outros, porquanto o próprio Senhor Jesus nunca levou a efeito qualquer missão evangelizadora entre os gentios; pelo que parece que aqui temos uma alusão à missão gentílica da igreja cristã. Não obstante, nada há contra o pensamento sobre o seu ministério geral, sem importar os meios através dos quais isso foi efetuado. O que é indiscutível é que a «paz» é conferida aos homens através do evangelho de Cristo, e não por meio de outros instrumentos quaisquer.

O trecho de João 14:18 contém a seguinte promessa: «...voltarei para vós outros». Isso o Senhor Jesus fez por meio da sua ressurreição dentre os mortos; e, em seguida, por meio da vinda do seu «alter ego», o Espírito Santo. E quando ele veio por esse intermédio, veio pregando as boas novas da paz, o que é exatamente o que poderíamos esperar da parte do nosso Salvador, o qual veio para buscar e salvar, e não para destruir. No dizer de Braune (*in loc.*): «O Cristo ressurrecto é, por ele mesmo, o anúncio da vitória e da paz por ele conseguidos; também se fez presente através da vinda do Espírito Santo, e também através dos seus mensageiros, que anunciaram o seu evangelho. Assim também se lê em II Tim. 1:10, onde a 'manifestação' do Cristo ressurrecto e do seu evangelho são referidos».

Variante Textual: A palavra «paz», repetida, isto é, «paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam próximos», é a maneira como este versículo diz nos manuscritos mais antigos e mais dignos de confiança, a saber, os mss P(46), Aleph, ABDGP, na Vulgata latina, e em todas as demais versões, com exceção do siríaco. Aqueles manuscritos que têm apenas a primeira menção da «paz», são os mss KL, a maioria dos manuscritos cursivos, a versão siríaca e os escritos de Márcion e Orígenes, pais da igreja. A dupla menção da «paz» empresta maior força retórica a este versículo; e, devido às evidências objetivas, essa forma deve ser reputada como a forma original.

18 ὅτι δι' αὐτοῦ ἔχομεν τὴν προσαγωγὴν οἱ ἀμφότεροι ἐν ἑνὶ πνεύματι πρὸς τὸν πατέρα.

18 Ro 5.2; Eph 3.12

2:18: porque por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito.

A idéia de acesso às bênçãos espirituais já fora enfatizada na figura simbólica da «parede» que foi derrubada, o que permitiu a entrada dos gentios no santuário espiritual das bênçãos divinas. Neste ponto, Paulo pode ter usado a metáfora do «véu rasgado», ou seja, a da remoção do véu do templo de Jerusalém, o que, espiritualmente considerado, mostra que o crente pode entrar no Santo dos Santos, no próprio lugar onde Deus manifesta a sua presença. (Essa figura simbólica aparece em Heb. 6:19 e 10:20). Porém, apesar de que realmente o apóstolo dos gentios não lança mão desse simbolismo, o sentido da passagem em nada muda. Pois o acesso não visa apenas as bênçãos religiosas, em que os privilégios religiosos são expostos como algo que tem lugar no «santuário», mas visa igualmente o acesso ao próprio Pai. E essa idéia é reforçada mais ainda e melhor frisada nos versículos vigésimo primeiro e vigésimo segundo deste mesmo capítulo, onde o próprio crente é visto como o «novo templo», a nova morada de Deus, em Espírito, onde o Senhor Deus manifesta agora a sua glória.

«...*por ele...*» A ênfase representada pelas palavras «em Cristo», o que domina o teor de toda esta epístola aos Efésios, como também todos os escritos do apóstolo Paulo (ver as notas expositivas a respeito em I Cor. 1:4), tem prosseguimento nesta expressão, embora aqui assuma a forma de «di autou», isto é, «por meio dele». Cristo é o agente, a causa, a fonte originária do acesso a Deus Pai; e esse acesso é mediado pelo Espírito Santo, através de sua presença habitadora. Esse «acesso» tem sido estabelecido como algo inerente à idéia da «paz», o que é salientado nos versículos catorze e quinze deste capítulo.

«...*acesso...*»

Natureza Desse Acesso

a. Esse acesso indica admissão às bênçãos espirituais divinas, por meio de Cristo. É acesso aos tesouros divinos, capacitando-nos a contemplar o rosto do Rei.

b. É o acesso próprio dos filhos. O Pai é quem dispensa as suas bênçãos aos filhos. Isso deixa entendida a idéia de abundância e riquezas (ver Rom. 8:15-17 e João 8:42).

c. É um acesso espiritual, pois o Espírito Santo é quem no-lo concede. Não podemos abrir o portão a esse tesouro mediante nossos próprios esforços, como as obras, os sacramentos e as cerimônias religiosas. Só o Espírito possui a chave.

d. É o reverso das muitas divisões restringidoras do templo de Jerusalém, como o átrio dos gentios, o átrio das mulheres, o santuário e o Santo dos Santos. Entramos no Santo dos Santos; aliás, tornamo-nos tal lugar, pois o Espírito já habita em nós.

Níveis de acesso:

1. A luz da natureza, Rom. cap. 1.
2. A luz da razão, Rom. cap. 1.
3. Revelação através da nação de Israel, Rom. cap. 9.
4. A missão messiânica de Cristo, João 3:16.
5. A influência do Espírito, João 16:8-11.
6. A habitação do Espírito na igreja, tornando-a num templo da presença de Deus, Efé. 2:20.
7. Através da própria natureza do crente quando começa a participar da essência da natureza de Cristo, II Cor. 3:18.

A palavra «acesso» subentende a nossa entrada e participação em todas as «bênçãos espirituais», que nos são propiciadas em Cristo Jesus (ver Efé. 1:3), em que nos tornamos a «plenitude daquele que preenche a tudo em todos» (ver Efé. 1:23). Isso subentende tudo quanto está envolvido na nossa «glorificação», como filhos de Deus, conforme se aprende em Rom. 8:30.

«...*em um Espírito...*» Não está em foco o espírito humano, embora o acesso a Deus se verifique no nível da alma; antes, devemos entender que Paulo aludia ao Espírito Santo. Devemos observar o sabor trinitário deste versículo. Vemos que o acesso é possibilitado pela missão do Filho, que é realizado «no Espírito», isto é, através do seu poder, da sua presença habitadora, de sua obra ministerial, e isso nos conduz ao «Pai». Esta epístola aos Efésios possui várias passagens de tons «trinitários», embora nenhuma doutrina formal da «Trindade» apareça neste livro. (Ver Efé. 1:5,12,13; 2:18-20; 3:14,16,17, 4:4-6). A doutrina da Trindade transparece por toda esta epístola. Os crentes são chamados pelo Pai, são remidos pelo Filho e são incorporados em um só corpo pelo Espírito Santo.

O Espírito Santo confere-nos acesso a Deus Pai mediante o seguinte:

1. Devido ao fato que ele habita nos crentes, o que traz Deus Pai à experiência dos crentes.

2. Devido ao fato que os transforma segundo a imagem de Cristo, o que os torna *aptos* para entrarem na própria presença de Deus. (Ver II Rom. 8:29).

3. Devido ao fato que os torna no próprio templo de Deus, o lugar onde ele manifesta a sua presença e a sua glória (ver os versículos vigésimo primeiro e vigésimo segundo deste capítulo).

4. Devido à sua *intercessão* em favor deles, o que produz neles um efeito espiritual, conferindo-lhes altas vitórias e dons espirituais. (Ver Rom. 8:27).

5. Devido ao fato que ele efetua toda a obra de Cristo nos crentes, já que ele é o *alter ego* de Cristo. Por conseguinte, o Espírito Santo termina a missão de Cristo e completa a redenção humana. O Espírito Santo é o agente da fé, do arrependimento, da conversão; e assim, finalmente, leva os homens à glorificação final, em Cristo. Nessa «glorificação», pois, é que os homens «vêem a Deus», e essa visão beatífica é a visão do «Pai».

«A unidade do corpo místico de Cristo é uma unidade viva, criada e sustentada pelo único Espírito...A unidade da igreja cristã se verifica em duas direções, isto é, horizontal e vertical; a comunhão com o homem envolve e subentende a comunhão com Deus, e ambas essas coisas dependem da nossa participação no dom do Espírito». (Thornton, *Common Life in the Body of Christ*, pág. 94).

«...*um Espírito...*» Só existe um Espírito de Deus, e esse ministra em favor de todos os crentes, sem qualquer distinção, produzindo neles a unidade comum a todos. Se porventura houvesse vários Espíritos de Deus, obras diversas ou divergentes talvez fossem realizadas, em que cada Espírito buscaria um alvo diferente. Mas o «único Espírito» garante que a «obra única» é igual em tudo, produzindo o «mesmo acesso» ao mesmo «Pai» de todos.

«Ora, é Cristo quem abre a porta para nós; sim, porque ele mesmo é a 'porta'. (Ver João 10:9). E posto que se trata de uma porta dupla, escancarada para a admissão tanto dos judeus como dos gentios, somos forçados a tomar o ponto de vista de Deus como quem exibe a ambos esses povos a sua bondade paternal. E o apóstolo ainda acrescenta as palavras 'em um Espírito', o qual nos conduz e nos guia até Cristo, e por meio de quem clamamos, *Aba, Pai*. (Ver Rom. 8:15). E de tal fato é que se deriva nossa ousadia na aproximação. Os judeus contavam com vários meios pelos quais podiam aproximar-se de Deus; mas agora todos os povos possuem um único meio, a saber, o fato de estarem sendo guiados pelo Espírito de Deus». (Calvino, in loc.).

19 ἄρα οὖν οὐκέτι ἐστὲ ξένοι καὶ πάροικοι, ἀλλὰ ἐστὲ συμπολῖται τῶν ἁγίων καὶ οἰκεῖοι τοῦ θεοῦ,

19 Eph 3.6; He 12.22-23

19 *ουν*] *om* $\mathfrak{p}^{46vid}$GΨ *1739* Or

2:19: Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus,

Por toda esta passagem é salientada a idéia que é na nova comunidade espiritual que nos aproximamos do tesouro de Deus. Em relação a isso (o lugar da bênção divina), os gentios estavam «longe», porquanto eram «...*estrangeiros*...», isto é, «desviados», e também eram «...peregrinos...», ou seja, não tinham pátria espiritual fixa. Como que eram pessoas «destituídas de uma pátria espiritual». O apóstolo Paulo, pois, utilizou-se de várias metáforas para enfatizar a unidade e a bênção que nós obtemos em Cristo. Por exemplo, houve a metáfora «fisiológica», do «corpo», em Efé. 1:23 e 2:16. Aqui aparece a metáfora «social», da família. Também temos a metáfora da «habitação santa», ou do «novo templo», onde os crentes, coletivamente falando, são considerados o lugar da habitação de Deus, formando o lugar da moradia divina. Além disso, há a analogia «política». E há também a noção da «comunidade», dotada de seus cidadãos apropriados, os quais são abençoados com toda a sorte de vantagens espirituais. (Ver os versículos décimo segundo e décimo nono deste capítulo).

O presente versículo retorna à ilustração simbólica da «comunidade», e termina com a metáfora social, ou seja, da «família» de Deus. Porém, o grande propósito de todas essas metáforas é o mesmo, enfatizar a unidade dos crentes, salientando sobretudo os privilégios religiosos conferidos àqueles que fazem parte da grande unidade espiritual, que é bênção dada a todos eles.

Os visitantes vindos do estrangeiro não têm direitos de cidadãos. São apenas turistas e espectadores. Quando muito, são «separados» (ver o décimo segundo versículo), podendo esperar privilégios extremamente limitados, que lhes são dados como uma espécie de «sobra». Foi a tal posição que o judaísmo sempre reduziu os gentios, e até mesmo os gentios convertidos ao judaísmo, como era o caso dos prosélitos do judaísmo, eram sempre acolhidos com suspeitas. As notas expositivas sobre o trecho de Atos 10:38 descrevem vividamente a profundeza do exclusivismo judaico e o ódio dos judeus contra os gentios, o que serve para ilustrar o que se diz no presente versículo.

«...*estrangeiros*...» Um termo comum e geral, no original grego, «xenos». (Ver as notas expositivas a respeito no décimo segundo versículo deste capítulo).

«...*peregrinos*...» No grego encontramos o vocábulo «paroikos», que significava um estrangeiro que habitava em um lugar como residente temporário, mas que não tinha os direitos próprios de cidadão. O trecho de I Ped. 2:11 tem a expressão «...peregrinos e forasteiros...», usada para indicar os crentes que estão ainda neste mundo, mas cuja verdadeira pátria é o reino celeste. A primeira dessas duas palavras é aquela empregada no presente versículo. E a palavra «peregrino», em I Ped. 2:11, é tradução do termo grego «paredidemos», isto é, um «exilado», um «viajor», alguém que realmente não pertence a esta esfera terrena, quem aqui não tem residência fixa.

«...*concidadãos*...» No entanto, a situação de serem os crentes peregrinos e estrangeiros neste mundo, sem direitos e privilégios, é revertida em Cristo; pois, nele os gentios são feitos concidadãos, isto é, cidadãos em pé de igualdade com os cidadãos anteriores. Naturalmente, o conceito neste versículo ultrapassa a mera questão da «igualdade» com a antiga nação de Israel, pois, agora, na «nova comunidade», seus participantes são elevados a um grau muito mais alto. Essa nova comunidade é vista agora como uma «família», a saber, a família de Deus, e isso é bem superior a um mero estado, ainda que esse estado seja uma teocracia, conforme se dava no caso da nação israelita, antes de sua apostasia.

«...*santos*...» Provavelmente é palavra aqui usada em sentido geral, para indicar «todo o povo de Deus», tanto do Antigo como do Novo Testamentos. Aqueles que são «santificados», aqueles que têm a responsabilidade moral de buscarem sua transformação segundo a imagem de Cristo e a santidade divina, estão aqui em pauta. (Quanto a notas expositivas completas sobre o termo «santos», e como o mesmo se aplica aos crentes, ver Rom.1:7). Essa família, pois, é «santa». Os «cidadãos» da terra celestial são santificados por intermédio de Cristo. A sua comunidade é uma «comunidade santa».

Não há como separar esse elemento de «santidade» do povo de Deus. É está em foco muito mais que a santidade «forense», isto é, a santidade considerada como tal, dada por decreto divino, embora não possuída na realidade, mas tão-somente «em Cristo». Pelo contrário, devemos pensar aqui em uma santidade real, concreta, conferida às nossas almas pelo Espírito de Deus. Essa é a justiça de Deus (ver Rom. 3:21), a única que pode conduzir um ser humano à presença de Deus. É focalizada aqui a santidade de Deus, realmente compartilhada pelos homens, no sentido mais absoluto e literal (ver Mat.5:48). Sem essa santidade experimental, nenhum homem jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14).

«...*da família de Deus*...» No grego temos «oikeioi», estando em foco os «familiares de Deus». A idéia de «filiação» é apresentada novamente aqui, porque é no seio da família que encontramos a unidade mais íntima, onde também são compartilhados os privilégios mais preciosos. Mas devemos fazer o reparo que apesar da «família» antiga, segundo se compreende por esta palavra, com freqüência incluía até mesmo «escravos», neste caso devemos compreender somente os parentes de sangue, conforme se entende modernamente tal palavra. Estão em foco os membros da família «por laços de sangue», por «natureza», aqueles que participam da *mesma natureza*. Nessa *família* não há escravos. (Ver Rom. 8:14-39 acerca do conceito da «filiação a Deus», onde Jesus Cristo aparece como o Irmão mais velho, e onde também são expostas as bênçãos que tal relacionamento nos traz).

(Ver João 1:12.Ver também Rom. 8:15 acerca do tema da *adoção*, que é uma das maneiras de Deus ilustrar o assunto). A passagem de João 1:12 salienta a idéia de «filhos por nascimento», e não meramente «filhos por adoção», mediante um contrato legal; e a mesma idéia é enfatizada no oitavo capítulo da epístola aos Romanos.

Dentro de uma família, os direitos, os privilégios, os deveres e as bênçãos são compartilhados por todos os seus membros. Ora, dentro da família de Deus, o amor é o princípio normativo, e não a lei. (Quanto a passagens bíblicas que frisam a idéia de «família» inerente à redenção anunciada pelo evangelho, ver Efé. 3:6,14,15; I Tim. 3:15; Heb. 3:2,5,6; 10:21 e I Ped. 4:17). Essa relação «familiar» ou doméstica descreve a «natureza» do acesso mencionado no décimo oitavo versículo deste capítulo, e que antecipa o tema declarando que esse acesso é a «Deus Pai».

«Ao direito de cidadãos é acrescentado aqui o direito da casa, da criança, do herdeiro; não somos meros servos braçais, e, sim, membros da família 'de Deus', seus filhos». (Braune, *in loc.*).

20 ἐποικοδομηθέντες ἐπὶ τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν, ὄντος ἀκρογωνιαίου αὐτοῦ Χριστοῦ Ἰησοῦ,

20 ἐποικοδομηθέντες...ἀποστόλων Re 21.14; Mt 16.18 ὄντος...Ἰησοῦ Is 28.16; 1 Pe 2.6

20 ακρογωνιαιου] *add* λιθου D*G latt Mcion Ir O_{1}^{pt} | Ιησου] *om* ℵ* *69* Mcion

2:20: edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina;

Naturalmente, a idéia da «família de Deus» sugeriu a idéia de uma construção, de uma «casa». Naturalmente que essa casa é um «templo», a saber, o lugar de habitação do Espírito Santo. (Comparar com I Cor. 3:9, onde se lê: «...edifício de Deus sois vós»).

«...*edificados*...» O crente se torna parte de um «organismo vivo», que é um «templo», por semelhante modo, visto ser a «habitação» de Deus no Espírito. E isso pode ser comparado com o que Pedro diz sobre as «pedras vivas», que compõem uma «casa espiritual», a esfera de «sacrifícios espirituais» aceitáveis a Deus. (Ver I Ped. 2:5). Pode-se observar que nessa passagem da primeira epístola de Pedro (versículos quarto e sexto), Cristo Jesus também aparece como a «pedra de esquina», o que torna aquele trecho diretamente paralelo a este.

No original grego, esse verbo, «edificados», está no particípio passivo aoristo, sugerindo aquele ponto, no tempo passado, quando os crentes se converteram e vieram a Cristo; e foi naquele exato momento que começaram a fazer parte do templo santo do Espírito, edificado sobre Cristo, que o tem como Senhor e que nele encontra todo o sentido da vida. Tanto a ereção do templo como o desenvolvimento de cada um de seus elementos componentes, também é algo contínuo, porque nele nada há de estagnado. E todas as graças ou virtudes cristãs melhoram essa estrutura, tanto no que tange à sua natureza coletiva como no que diz respeito às pedras vivas individuais que a compõem. Essa ereção e esse aperfeiçoamento constantes é que fazem dessa estrutura um templo apropriado para ser habitação de Deus no Espírito, o qual sob hipótese alguma habita em casas feitas por mãos humanas. (Ver Atos 7:48). E esse processo de edificação consiste de desenvolvimento espiritual. Ver o trecho de Col. 2:7, que diz: «...nele radicados e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos...».

O trecho de I Cor. 3:11 e ss. contém uma longa metáfora sobre o «fundamento» ou alicerce (que é Cristo) e sobre o edifício que sobre ele vai sendo levantado. Mas ali a vida cristã inteira, com suas muitas experiências, está em foco, talvez havendo alusão particular à vida e ao ministério dos mestres. Naquele trecho bíblico a idéia está diretamente relacionada às «obras dos crentes»; mas aqui o que está em foco é a qualidade dos crentes como pedras vivas, que fazem parte do templo que é habitado pelo Espírito Santo. Portanto, a ênfase dada nessas duas passagens difere uma da outra. Numa delas, a aptidão desse templo espiritual, como habitação do Espírito, é o tema central, mas na outra (terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios) é a qualidade da vida do crente que é salientada, bem como o que sucederá a ele e às suas obras, quando do julgamento. Contudo, no que respeita ao fato do processo da ereção do templo, no que tange a cada crente fazer parte desse templo, o significado é essencialmente o mesmo. A passagem da epístola aos Coríntios inclui a idéia da habitação do Espírito Santo, mas tal idéia não ocupa ali a posição central, conforme sucede na passagem que ora comentamos.

As pedras particulares de um templo eram primeiramente extraídas, depois amoldadas e preparadas; e só então se tornavam parte integrante do templo, juntamente com outras pedras adredemente preparadas. Outro tanto se verifica no terreno espiritual. Cada pedra deve ser preparada em separado, e isso sucede quando da conversão e da santificação. Então, juntas, todas as pedras se tornam lugar apto para a manifestação do Espírito.

A metáfora do progresso espiritual como uma «edificação» é uma metáfora extremamente comum nas Escrituras, empregada aqui e em numerosas outras passagens bíblicas. Essa metáfora é apropriada porque a «edificação» é um processo gradual, que vai sendo aprimorado, até que,

finalmente, produz uma bela obra terminada, ou, pelo menos, esse é o ideal colimado. A vida cristã, por semelhante modo, é um processo de edificação. (Ver as passagens de Rom. 14:19; I Cor. 10:23; I Tes. 5:11; I Cor. 14:5,12,26 e Efé. 4:12,16,29, onde se encontram ordens apostólicas de edificação mútua, onde se ventila a necessidade da igreja ir sendo edificada).

«...*o fundamento dos apóstolos e profetas...*» Esta porção do presente versículo tem ocasionado controvérsias intensas, havendo muitas interpretações a respeito de tais palavras. E tudo tem sido ocasionado pela suposta dificuldade da reconciliação desta passagem com o trecho de I Cor. 3:11. Alguns estudiosos têm pensado que em face de Jesus Cristo ser ali chamado de «único fundamento», ninguém, em qualquer outro sentido, pode ser denominado de «fundamento». Por isso mesmo, muitos estudiosos têm feito esforços vãos para mostrar que Cristo também é o fundamento desta passagem, contradizendo assim o pensamento que os apóstolos e profetas possam ser, em qualquer sentido, fundamento da igreja cristã. No entanto, essa posição extremada contradiz o uso rabínico comum, o qual não hesitava em chamar Abraão ou algum outro patriarca antigo de fundamento da fé e da comunidade judaicas. Abaixo oferecemos as diversas interpretações que têm sido expostas acerca do «fundamento»:

1. Alguns pensam que se trata do fundamento que *foi lançado*, isto é, *Cristo*. Porém, como pode Cristo ser, ao mesmo tempo, o alicerce e a principal pedra de esquina desse alicerce? Isso põe a ridículo a metáfora. Tal coisa simplesmente se desconhece em qualquer edificação.

2. Outros opinam que seria o *evangelho*, cujo tema é Cristo,—esse seria o fundamento. Porém, apesar disso expressar certa verdade, dificilmente poderia tal coisa ser aplicada neste caso. Alguns eruditos assumem o mesmo ponto de vista quanto ao «fundamento» referido em Mat. 16:18; mas essa é outra opinião que labora em erro.

3. Existem eruditos que pensam estar aqui em foco o sentido possessivo, a saber, o alicerce *que pertence* aos apóstolos e profetas, que é *Cristo*. Cristo seria o alicerce tanto deles como nosso também. Naturalmente, isso é uma verdade, mas não é o que se deve destacar aqui, pois, uma vez mais, é impossível que o Senhor Jesus seja, ao mesmo tempo, o alicerce e a pedra de esquina.

4. Alguns acham que o fundamento é *revelação*, o assunto central da qual é Cristo.

5. Na realidade, esse «fundamento» se compõe dos próprios *apóstolos e profetas* (genitivo de aposição). Essa é a única interpretação que realmente faz sentido. O fundamento, neste caso, não pode ser a pessoa de Cristo, por ser ele apresentado como a pedra de esquina. *Nenhuma* pedra de esquina serve *igualmente* de alicerce. Além disso, visto que o templo se compõe de *pedras vivas*, o alicerce do templo dificilmente poderia ser uma «doutrina», o «evangelho» ou alguma «revelação», que não são pessoas, e que, portanto, não fazem parte de um templo vivo. Nenhuma outra interpretação teria sido apresentada não fora a suposta «necessidade dogmática» de fazer esta passagem reconciliar-se com o terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios.

Notemos que Pedro diz a mesma coisa, em I Ped. 2:4-6, onde Cristo é exibido como a principal pedra de esquina, eleita e preciosa. É quase certo, outrossim, que Pedro (em Mat. 16:18) é chamado de fundamento; e assim, o que ali é dito a respeito dele, aqui é dito a respeito de todos os apóstolos e profetas. Nada há de estranho nisso, porquanto a literatura rabínica falava da mesma maneira acerca dos grandes patriarcas judeus. (Ver o trecho de Apo. 21:14, onde os «nomes dos apóstolos» aparecem escritos nos «doze» alicerces à nova Jerusalém, o que certamente indica que eles serão os fundamentos daquela cidade. Ver também as notas expositivas sobre Mat. 16:18, quanto a outras discussões sobre esse problema. Finalmente, comparar esta passagem com II Tim. 2:19, que diz: «Entretanto, o firme fundamento de Deus, permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem», a qual certamente se refere aos «verdadeiros eleitos de Deus», os quais resistem a todas as tentações à infidelidade).

Não obstante, de maneira sem igual, Cristo é o único alicerce. Ele é o único sobre quem uma vida pode ser erigida; e é dessa maneira que a idéia de alicerce é usada no trecho de I Cor. 3:11. No entanto, quando está em foco a idéia de um templo feito de pedras vivas, pode haver «pedras fundamentais» nesse templo, sem que isso interfira na posição sem igual de Jesus Cristo. Outrossim, o fato que ele aparece como a principal pedra de esquina, preserva sua posição sem-par, no templo místico.

«...*ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular...*» A idéia expressa aqui se estriba sobre as profecias messiânicas do A.T.. concernentes a Cristo, que lhe atribuíam essa posição no templo vivo de Deus. (Ver Sal. 118:22 e Isa. 28:16). Além da presente passagem, os trechos de Ped. 2:6 e Atos 4:11, fazem referência a essa profecia. Cristo Jesus é aquela «pedra» que mantém unido o alicerce e que, ao mesmo tempo, sustenta as paredes, unindo-as ao alicerce, porquanto essa era a função da pedra de esquina.

Alguns intérpretes, entretanto, compreendem que o termo grego «akrogoniaios» (*pedra de esquina*) não indica a pedra do alicerce sobre o qual o edifício repousava, mas antes, a pedra colocada no alto do edifício, como sua coroa e sinal de estar completo. Assim é que a obra Testamento de Salomão (22:7) fala sobre a «grande pedra 'utilizando-se do mesmo vocábulo grego que aqui aparece' que deveria ser posta no alto da esquina, para completar o templo de Deus». Se esse simbolismo tiver de ser preferido, então o templo é aqui representado como um produto terminado, do alicerce à pedra final. E, no versículo que se segue, essa figura simbólica seria ainda ampliada, a fim de incluir a idéia de desenvolvimento, onde os crentes individuais se tornam parte do mesmo, desfrutando de progresso contínuo. A maioria dos intérpretes, contudo, prefere a idéia da principal pedra de esquina, posta no alicerce; e isso está mais de acordo com outras passagens bíblicas e com a idéia desta passagem, onde a pedra de esquina é mencionada juntamente com o alicerce, o que indica, segundo parece, sua íntima conexão, na forma de pedras de alicerce que «sustentam» a estrutura inteira. E isso pode ser comparado com Mat. 21:42, onde o Senhor Jesus relembrou aos oficiais religiosos do judaísmo que a pedra que fora rejeitada se tornara a «cabeça da esquina».

«A pedra 'akrogoniaios', neste caso, indica a pedra primária do alicerce, no ângulo da estrutura e mediante a qual o arquiteto fixava o padrão para as paredes principais e para as paredes cruzadas, em todo o edifício». (W. W. Loyd, *in loc.*).

O fato que Cristo é a principal pedra de esquina e que os apóstolos e os profetas perfazem o alicerce, mostra sua importância suprema e indispensável para a igreja, tanto naquilo que eram como naquilo que faziam. Porém, Cristo Jesus é quem dá por empréstimo o seu valor àqueles, o que significa que eram grandes somente por sua causa. Não obstante, os apóstolos e profetas são grandes, tal como todos os homens o são, uma vez que sejam transformados segundo a imagem de Cristo, já que participarão da sua própria natureza.

«...*profetas...*» Também há controvérsias sobre o que esta palavra visa. Seriam 1. os profetas do A.T.? 2. os profetas do N.T.? ou 3. ambos? Bons intérpretes representam esses vários pontos de vista. A primitiva e ordinária interpretação dos pais da igreja é que estão aqui em foco os «profetas do A.T.» Isso está mais de acordo com o contexto geral, posto que a idéia inteira é que os gentios passaram a compartilhar dos privilégios da comunidade de Israel. Porém, a ordem das palavras, onde primeiramente são mencionados os «apóstolos», e depois os «profetas», talvez indique uma «ordem cronológica», o que significa que, nesse caso, os profetas aqui mencionados seriam aqueles do N.T. (Quanto a notas expositivas completas sobre os «profetas do N.T.», ver o trecho de Atos 11:27. Ver também as passagens de Efé. 4:11; I Cor. 14:1-5,24 e ss., quanto a alusões aos «profetas do N.T.»). Na realidade, não dispomos de meios suficientes para dar solução a essa questão; mas, de conformidade com o contexto geral, parece melhor entendermos estarem em foco os profetas do A.T.

21 ἐν ᾧ πᾶσα οἰκοδομὴ[2] συναρμολογουμένη αὔξει εἰς ναὸν ἅγιον ἐν κυρίῳ,

[2] **21** {B} πᾶσα οἰκοδομή ℵ* B D G K Ψ 33 104 181 330 436 451 614 629 630 1739* 1877 1962 2127 2492 2495 *Byz Lect* goth Clement Origen Basil Ps-Justin Chrysostom Theodoret // πᾶσα ἡ οἰκοδομή ℵ[a] A C P 81 88 326 (1241 πᾶσα ἡ κοδομή) 1739[c] 1881 1984 1985 syr[p,h] cop[sa,bo] arm eth Origen (Basil ἡ πᾶσα οἰκοδομή) Chrysostom Euthalius Theophylact

21 Eph 4.15-16; Col 2.19 ναὸν...κυρίῳ 1 Cor 3.16; 2 Cor 6.16

Embora seja possível que, por meio de itacismo, ἡ tenha sido acidentalmente omitida antes de οἰκοδομή, a forma anartra é preferível por causa do peso da evidência externa (ℵ* B D G K Ψ 33 614 1739* *Byz Lect* Clemente *al*), e porque copistas teriam sido tentados a inserir ἡ a fim de aclarar o sentido.

2:21: no qual todo o edifício bem ajustado cresce para templo santo no Senhor,

A palavra «...*Senhor...*», conforme é costumeiro nas páginas do N.T., alude ao Senhor Jesus Cristo. (Ver Rom. 1:4 e as notas expositivas ali existentes, sobre esse uso, onde também aparece o comentário sobre o «senhorio de Cristo»). Devemos observar aqui a progressão de pensamento:

1. Temos «acesso» (ver o décimo oitavo versículo).

2. Esse acesso excede a tudo quanto os judeus conheciam, porquanto cada crente se aproxima de Deus como seu Pai, a fim de herdar e desfrutar das bênçãos de filho, juntamente com o Filho de Deus.

3. Trata-se, pois, de um «perfeito acesso», entrada no Santo dos Santos dos céus, e não meramente em algum santuário terreno.

4. Além disso, aqueles que obtêm tal acesso tornam-se, eles mesmos, um «templo», no qual habita o Espírito de Deus. E uma vez que neles venha habitar o Espírito Santo, passam a ser transformados de acordo com a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18), e passagem «de glória em glória». Isso mostra-nos até que ponto a igreja de Cristo ultrapassa a tudo quanto porventura foi imaginado dentro do sistema religioso judaico.

«...*bem ajustado...*» No original grego é usado o particípio presente, o que indica o progresso e o processo contínuo do desenvolvimento desse templo místico. A ereção completa do edifício depende dessa perfeita harmonia e desse ajustamento de todas as suas porções, uma à outra. (Isso pode ser confrontado com Col. 2:19, onde o mesmo vocábulo grego, *sunarmologoumene* é empregado: «...suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus», embora ali a metáfora usada seja a do «corpo»). Não obstante, sem importar se a ilustração seja a de um edifício ou a de um corpo, o mesmo princípio básico se aplica. As várias partes precisam ser unidas com precisão e harmonia, para haver o bem-estar do todo.

Na figura simbólica que aqui encontramos, o templo místico é exposto como um «organismo vivo», o que indica que nos aproximamos bem da figura simbólica de um corpo humano. Ora, esse «templo vivo» «cresce» a fim de tornar-se um templo santo. Pouco a pouco, membros ou partes são

acrescentados, tudo o que serve para fazer aumentar e completar a estrutura, onde cada pedra, em separado, é cuidadosamente preparada e aperfeiçoada. Mediante esse crescimento para a perfeição, tudo feito com harmonia, o templo vai se tornando uma habitação apropriada para o Espírito Santo; e assim a igreja substitui a qualquer templo terreno, feito por mãos humanas e com material físico, como o lugar onde Deus torna a sua presença conhecida. Essa manifestação da presença divina, na pessoa do Espírito Santo, é o que realmente distingue a igreja, elevando a fé cristã acima de qualquer outra religião.

No seio da igreja é que se cria aquele companheirismo místico com Deus, através dos vários aspectos do «fruto» do Espírito Santo, onde a santificação é produzida nos crentes, como também o é a transformação segundo a imagem moral e metafísica de Cristo. E isso é um «processo místico» porque traz a presença divina aos homens, operando neles e transformando-os. E isso significa que a «fé paulina» transcende ao que é meramente verbal, cerimonial, ritual, o que depende de formas externas e conceitos intelectuais, ao invés da presença do Espírito vivo de Deus, que dá substância e realidade à nossa fé.

«...*todo edifício...*» O original grego (sem o artigo definido), ordinariamente significaria *cada edifício*, o que indicaria cada pedra como um «edifício de Deus», que em seguida é usada para perfazer o grande templo. Mas também poderiam estar em foco as «assembléias locais», todas as quais contribuem para a formação do grande templo místico. (Ver I Cor. 3:16 onde os crentes individuais são declarados «templo de Deus»). O mais provável, entretanto, é que a «estrutura inteira» esteja em foco, apesar da ausência do artigo definido, pois essa é a maneira mais natural de compreender a passagem. É que o grego helenista tinha formas que não podem ser seguidas com exatidão pelos estudiosos do grego clássico, conforme estes poderiam pensar. A outra idéia, entretanto, em que cada pedra isolada é uma «estrutura», também é um conceito verdadeiro, inerente ao próprio texto. É verdade que, em alguns poucos manuscritos, como Aleph(3) ACP, na versões aramaicas e nos escritos de Crisóstomo, o artigo é adicionado; mas isso, sem dúvida, é uma tentativa de melhoria gramatical, que não faz parte do texto original. Naturalmente, se tem de levar em consideração o fato que, algumas vezes, o artigo definido era acidentalmente omitido na transcrição, mas o número de manuscritos que omitem o artigo definido, neste ponto, é grande demais para nos capacitar a supor que foi assim que essa variante ocorreu.

«...*cresce...*» No original grego é usado o tempo presente, tal como nesta versão portuguesa, provavelmente a fim de indicar «crescimento, melhoria e aproximação constantes da perfeição» por que passa esse templo místico, de modo a poder tornar-se uma habitação apropriada para o Espírito de Deus. Não nos devemos olvidar que esse crescimento é na direção da estatura de Cristo, da santidade de Deus, da perfeição. O templo precisa ser *santo*, ou o Espírito Santo não pode habitar ali. Assim sendo, a santidade é uma exigência absoluta, e não algo optativo para o crente. E essa santidade é a própria retidão de Deus, conferida aos crentes tanto na forma de uma «declaração forense» como na «realidade», segundo o trecho de Rom. 3:21 requer de todos quantos foram justificados. (Ver o trecho de Mat. 5:48, onde se vê que dos verdadeiros discípulos se exige que tenham essa natureza).

«...***templo...***» Está aqui em foco o «naon», que ordinariamente se referia ao próprio «santuário interno», e não ao templo inteiro com seu terreno. Esse era o lugar onde, em Jerusalém, o Senhor Deus se manifestava em sua glória. O crente, mediante comunhão mística, torna-se o santuário do Espírito. (Ver as notas expositivas sobre Mat. 4:5, acerca da palavra «naon»).

«...*dedicado ao Senhor...*», isto é, o Senhor Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas, no começo do presente versículo). No dizer de Beare (*in loc.*): «Não apenas a vida e a unidade do trabalho se derivam dele, mas a estrutura completa é igualmente santificada por sua presença toda dominadora».

«Essa frase deve ser unida à palavra 'santo', que caracteriza o caráter sagrado do templo dos crentes, como algo íntimo, vital, procedente do Cristo, realizado e nutrido por ele». (Braune, *in loc.*).

Poderia estar em foco, neste ponto, o caso «instrumental», quando então a idéia seria a de um templo santificado «por meio de Cristo». Porém, «em Cristo» é melhor, dando a idéia de «em comunhão com ele», em «comunhão mística com ele», o que é ênfase constante desta epístola aos Efésios, como frase que ocorre por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo, e cujas notas expositivas se encontram em I Cor. 1:4.

Nossa versão portuguesa, com a tradução «...dedicado ao Senhor...», entretanto, interpreta o texto grego como se as palavras «en kirio» estivessem no dativo, que dá a idéia de relação pessoal. Gramaticalmente é possível, mas o contexto e o uso geral de Paulo favorecem a interpretação oferecida na segunda metade do parágrafo anterior. Com isso concorda Stier (*in loc.*): «...trata-se de um templo santo no Senhor, e somente nele».

«...portanto, todo o seu caráter sagrado, como um templo, se deriva da unidade com Cristo, que a tudo permeia... o contacto com ele faz desse edifício um templo» (Barry, *in loc.*). Tanto as idéias de «desenvolvimento» como de «santidade» deveriam ser vinculadas à frase qualificadora «no Senhor». Cristo é a própria causa do crescimento espiritual dos crentes, porquanto é segundo a imagem dele que crescem; e ele indica a santidade deles, pois é o seu Santo Espírito que os torna santos.

22 ἐν ᾧ καὶ ὑμεῖς συνοικοδομεῖσθε εἰς κατοικητήριον τοῦ θεοῦ ἐν πνεύματι. 22 2 Pe 2.5

22 Θεου] Χριστου **B**

2:22: no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito.

As palavras «...*também vós...*» mostram que aqueles para quem Paulo escreveu também participavam dessa magnificente comunhão com Deus, tendo «acesso» a Deus por meio do Espírito. Paulo não descrevia apenas uma experiência que se dava com judeus convertidos, ou que se dava com outros gentios, mas também aquilo que era experiência dos gentios particulares para quem escrevia. Essa «personalização» do texto também deveria aplicar-se a nós. Nenhum alvo mais elevado do que esse pode ser buscado do que aquele que é referido aqui, conhecer o Senhor e ter experiências com ele. A verdadeira habitação de Deus, no Espírito, não é alguma casa erigida por mãos humanas (ver Atos 7:48), e, sim, a comunidade dos remidos, o que se torna pessoal devido ao fato que ele habita «em ti e em mim».

«Se dermos oportunidade ao Espírito Santo, ele poderá modelar uma habitação de Deus digna de receber o título de templo. Quedamos admirados perante as catedrais da era medieval. Mas nem mesmo a glória da catedral de Chartres pode comparar-se com o resplendor de um grupo de crentes que se unem, em um ato de arrependimento e almas perdoados, em um salão humilde qualquer. Os homens sem salvação podem edificar torres de Babel, pirâmides do Egito, arranha-céus de Nova Iorque e todos os templos feitos por mãos humanas. Mas somente o Espírito Santo pode edificar a igreja cristã. O relacionamento alicerçado sobre o perdão mútuo é algo sobrenatural. É um autêntico milagre. Dois ou três indivíduos, reunidos em nome de Cristo, unidos pelo laço do amor perdoador, perfazem tão grande maravilha 'arquitetural' que até os anjos dos céus a admiram». (Wedel, *in loc.*).

Este versículo enfatiza como a «comunidade» dos remidos é o templo do Espírito Santo. Já a passagem de I Cor. 3:16 e ss. mostra-nos que cada crente individual é um templo assim. Ambas essas idéias expressam a verdade, e o contexto de ambas essas passagens deixa subentendido esses conceitos, ao mesmo tempo que falam, diretamente, sobre uma ou sobre outra dessas coisas.

«...*habitação...*», palavra que corresponde ao «templo» que é a habitação do Senhor. Essa palavra é usada, nas páginas do N.T., somente aqui e em Apo. 18:2. Subentende um lugar «permanente» de residência. E é utilizada aqui para fazer contraste com a idéia dos «...peregrinos...», que aparece no décimo nono versículo deste mesmo capítulo. Assim, pois, os crentes não são mais estrangeiros e nem peregrinos, que habitam em uma terra que não é a sua, onde não gozam dos direitos da cidadania. Antes, eles mesmos se tornam a habitação do Espírito Santo, o lugar de sua manifestação. Também são concidadãos e até mesmo filhos da família divina, segundo a ênfase dada nos versículos dezoito e dezenove deste capítulo.

«...*no Espírito...*» Essas palavras podem indicar: 1. Por meio do Espírito Santo, em que ele age como agente; ou 2. melhor ainda, «no Espírito», ou seja, em comunhão que é conferida pelo fato que em nós habita, em sua esfera, dentro de sua realidade. Nessa «comunhão» é que nos tornamos habitação do próprio Deus. No dizer de Abbott (*in loc.*): «O Espírito não é apenas o meio ou instrumento, mas é igualmente o medianeiro por cuja virtude Deus habita na igreja... Deus, mediante ou em seu Santo Espírito, habita no templo (místico)».

Devemos observar que a habitação é «...de Deus...», porque isso assinala o fato que ele é o grande Senhor dessa casa, que essa casa pertence a ele, e que ele habita nela como possessão sua.

«Assim, pois, temos o verdadeiro templo de Deus Pai, edificado por Deus Filho e habitado por Deus Espírito Santo—os ofícios das três pessoas benditas são distintamente frisadas: Deus Pai, em toda a sua plenitude, habita na igreja e a enche; essa igreja é constituída como templo santo e dedicado a Deus no Filho; e é ocupada pela presença puramente do Espírito Santo». (Alford, *in loc.*).

Por conseguinte, as palavras «no Espírito», significam mais do que «espiritualmente» (embora isso também expresse uma verdade). Pelo contrário, está em pauta a presença real de Deus, por intermédio do seu Santo Espírito, ou seja, torna-se possível e é concretizada uma comunhão mística, através do fato que esse templo é «santificado».

Cabe aqui uma extensa citação extraída de Adam Clarke (*in loc.*), que reputamos excelente e expressiva:

«A igreja de Deus, com toda a razão, é declarada uma obra nobre e maravilhosa, verdadeiramente digna do próprio Deus.

Diz alguém: Nada existe de tão augusto como a igreja, visto que ela é o templo de Deus.

Diz outro: Nada é tão digno de reverência, posto que o próprio Deus nela habita.

Nada é tão antigo, já que os patriarcas e profetas labutaram para edificá-la.

Nada é tão sólido, pois Jesus Cristo é o seu fundamento.

Nada é mais intimamente unido e indivisível, porquanto Cristo é a sua pedra de esquina.

Nada é mais belo ou melhor adornado, com maior variedade, visto que consiste de judeus e gentios de todos os séculos, países, sexo e condições: os maiores potentados, os mais renomados legisladores, os mais profundos filósofos, os mais eminentes eruditos, além daqueles de quem o mundo não era digno, têm feito parte e são parte desse edifício.

Nada é mais espaçoso, porquanto se propaga pela terra inteira, incluindo todos que têm lavado suas vestiduras e as têm embranquecido no sangue do Cordeiro.

Nada é tão inviolável, porquanto foi consagrada a Jeová.

Nada é tão divino, visto que se trata de um edifício vivo, animado e ocupado pelo próprio Espírito Santo.

Nada é tão beneficente, visto que abriga aos pobres, aos miseráveis, aos aflitos de todas as nações, raças e línguas.

Ela é *o lugar* onde *Deus opera* seus feitos admiráveis; o teatro da sua justiça, da sua misericórdia, da sua bondade e da sua veracidade; onde ele é buscado, onde ele pode ser achado, e onde ele pode ser retido, com exclusividade.

Assim como existe um único Deus, bem como um único Salvador e mediador entre Deus e o homem, e assim como há um só Espírito inspirador, assim também só há uma igreja, onde esse inefável Jeová realiza sua obra de salvação. A igreja, a despeito de espalhada e dividida por todo o mundo, é apenas um edifício, alicerçada sobre o Antigo e o Novo Testamentos; dotada de um único sacrifício, o Senhor Jesus, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Dessa gloriosa igreja, cada alma crente é uma *epítome*; pois assim como Deus habita na igreja, de modo geral, assim também habita em cada crente, em particular: cada qual é habitação de Deus por meio do Espírito. Vãs são todas as pretensões das seitas e dos partidos, como se fossem grupos privilegiados da igreja de Cristo, se não possuem a doutrina e a vida de Cristo. Tradições e lendas não são doutrinas apostólicas, e as cerimônias espetaculosas não perfazem a vida de Deus nas almas dos homens.

A religião cristã não precisa dos ornamentos e das pompas humanos; ela rebrilha com a sua própria luz e refulge com a sua própria glória. Mas onde não houver vida e poder, os homens haverão de esforçar-se por produzir uma imagem fictícia, vestida e ornamentada com as suas próprias mãos. Nessa imagem fictícia, entretanto, Deus nunca bafejou; e isso quer dizer que jamais fará qualquer bem aos homens, impressionando os ignorantes e crédulos com uma espetaculosidade vã de pompa e de esplendor sem vida. Esse fantasma, epitetado de 'religião verdadeira' e de 'igreja', pelos seus seguidores, lá nos céus é denominado de 'vã superstição', o símbolo mudo da piedade desaparecida».

Capítulo 3

I. *Secção Doutrinária: Os Elevados Propósitos de Deus quanto ao Destino Humano* (Efé. 1:1- 3:21).

8. A missão do apóstolo Paulo, e como esta se aplica à igreja e aos propósitos divinos: o mistério da igreja (3:1-13).

É evidente que logo no primeiro versículo deste terceiro capítulo tem início a grande oração que encontramos neste livro, a segunda que há no mesmo (ver também Efé. 1:15 e ss., onde aparece a outra oração paulina). Ao introduzir a sua oração, entretanto, subitamente Paulo se lembrou de como fora comissionado por Jesus Cristo, posto que menciona o seu nome e o fato que é prisioneiro do Senhor Jesus, por amor aos gentios. E essas demonstrações de realidade, no que tange à sua presente situação, levaram o apóstolo a lembrar-se de seu ministério apostólico em favor dos povos gentílicos; e isso o levou a interromper a sua oração, abrindo um longo parêntesis (versículos segundo a décimo terceiro deste capítulo).

Esse parêntesis, provocado pelo pensamento do ministério apostólico de Paulo entre os gentios, fez destacar-se a significação cósmica da chamada dos gentios para fazerem parte da igreja. E assim foi apresentado o «ministério da igreja», sendo este o único trecho da Bíblia inteira onde esse tema é exposto como um dos mistérios divinos. Porém, embora esse parêntesis nos seja apresentado em estilo literário, essa secção exibe uma das mais profundas revelações de que dispomos no tocante à chamada, ao propósito e ao destino final da igreja, embora existam várias outras revelações, em outras porções do N.T., que suplementam nossa compreensão acerca do que fica subentendido nesta passagem. Consideremos, pois, os pontos abaixo discriminados:

1. As palavras *por esta causa* se referem à sua discussão anterior, no tocante à grande elevação dos gentios, dentro dos propósitos divinos, em seu «acesso» a Deus Pai, ao seu privilégio de entrarem no santuário, e, em seguida, na própria presença de Deus, no Santo dos Santos, tornando-se eles na própria habitação de Deus, através da presença permanente do Espírito Santo. Assim sendo, «por causa de tão alto privilégio e de tão admirável demonstração da graça divina», Paulo se prostrava perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (ver o décimo quarto versículo deste capítulo), a fim de oferecer esta sua oração, registrada nos versículos dezesseis em diante.

2. O parêntesis que interrompe a grande oração de Paulo se compõe dos elementos seguintes:

a. O primeiro versículo menciona a personagem escolhida para o ofício apostólico para tão elevado ofício, em quem aquele ministério se manifestava e a quem os gentios haviam sido entregues.

b. O segundo versículo define esse ofício apostólico como dom da graça divina, que foi conferido com um propósito específico e benéfico, no tocante aos gentios.

c. O terceiro versículo mostra-nos qual a substância da chamada, o seu desígnio, o ato de sua entrega, tudo o que teve lugar por meio da revelação, ou seja, não da parte de homens. Portanto, neste ponto, Paulo enfatiza a mesma verdade que ocupa o primeiro capítulo da epístola aos Gálatas, em forma muito enfática, o que também é enfatizado no primeiro capítulo das epístolas primeira e segunda aos Coríntios, e, em menor grau, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, embora ali a exposição também seja enfática.

d. O elevado conhecimento que Paulo tinha, e seu ministério eficaz, podia ser compreendido pelos crentes gentios para quem escrevia, quando considerassem como ele havia recebido a sua comissão da parte de Deus, e não da parte de homens, segundo se vê no quarto versículo.

e. No quinto versículo Paulo mostra que a chamada dos gentios para aquele corpo sem igual, chamado igreja, e na qual residem os mais elevados desígnios divinos acerca de seres inteligentes, foi algo desconhecido nas eras anteriores, não tendo sido desvendado nem mesmo pela revelação divina, o que significa que era um «mistério». Esse mistério, no entanto, tornara-se agora um «segredo aberto», porquanto havia sido revelado aos apóstolos e profetas. Esse é o versículo que oferece a definição neotestamentária de «mistério».

f. No sexto versículo aprendemos que o fato que os gentios seriam *co-herdeiros* e pertencentes ao mesmo corpo (participando dos privilégios judaicos) e beneficiários da promessa de Cristo, por meio do evangelho, é a substância geral desse mistério. Mas isso é definido em Efé. 1:23 e no segundo capítulo desta epístola, onde o «acesso» aparece como algo muito superior na igreja cristã do que na comunidade de Israel, posto que a presença habitadora do Espírito faz dos crentes do novo pacto a própria habitação de Deus no Espírito, em substituição ao templo de Jerusalém --e tudo isso demonstra que esse «mistério» ultrapassa grandemente à mera participação dos gentios, juntamente com Israel, formando uma única comunidade religiosa, em que estaria em foco «iguais privilégios» entre gentios e judeus. Pelo contrário, o mistério é a própria «igreja», algo inteiramente novo e sem par, muito mais elevado que qualquer coisa que era conhecida pela nação israelita.

g. No sétimo versículo vemos que o cumprimento desse mistério, à face da terra, tem suas instrumentalidades nos ministros; e que a graça de Deus, ao outorgar a *graça do apostolado*, operou eficazmente em Paulo na concretização desse alvo. E a «missão evangelizadora entre os gentios» foi exatamente o ministério que assim cumpriu tal alvo. Paulo erigiu, quase sozinho, a igreja cristã no mundo gentílico. Somente o Espírito de Deus pode ser creditado por tal feito; mas Paulo foi o instrumento usado pelo poder divino.

h. No oitavo versículo lemos que Paulo, por si mesmo, não merecia o dom ministerial do apostolado, porquanto era o menor de todos os santos, o que talvez sirva de indício acerca de sua vida anterior, acerca de como perseguira a igreja de Deus, o que sempre foi motivo de agudo remorso para Paulo.

i. No nono versículo entramos o resumo do «conteúdo» do mistério, como suplemento daquilo que é dito no sexto versículo, o que já havia sido expresso nos capítulos primeiro e segundo desta epístola. Tal mistério tem certo plano, tendo sido traçado em sabedoria e prudência (Efé. 1:8), e a tarefa de Paulo consistia de levar os homens a entenderem essa revelação.

j. No versículo décimo descobrimos que a igreja se reveste de *significação cósmica*, e não apenas terrena. A igreja é o teatro divino onde Deus exibe sua sabedoria e seus propósitos; e essa exibição tem por intuito servir de espetáculo aos mais elevados poderes espirituais dos lugares celestiais. Isso subentende aquilo que foi dito especificamente de antemão, a saber, a unidade e a

restauração que se verifica no seio da igreja, que opera no nível humano, entre judeus e gentios, fazendo deles um só corpo em Cristo, o que serve de modelo para a total restauração universal que haverá de ocorrer por todo o universo, e quando todas as coisas, finalmente, encontrarão seu centro em Cristo.

l. No versículo décimo primeiro lemos que tudo isso se alicerça sobre o eterno propósito de Deus, centralizado em Cristo Jesus, porquanto tudo veio por meio dele e é para ele. Paulo reitera aqui, de forma bem abreviada, a mensagem essencial do primeiro capítulo desta epístola, a saber, o mistério da vontade divina (ver Efé. 1:10).

m. É na pessoa de Cristo que ousadia e *acesso* (a Deus Pai, tal como no segundo capítulo desta epístola) têm lugar, de mistura com a «confiança», porquanto tudo é mediado pela «fé» (ver o décimo segundo capítulo). Por meio desse acesso, pois, gozamos da consolação divina, da presente certeza que as nossas orações são ouvidas e respondidas, da presente certeza de nosso progresso na vida cristã, como algo real e vital, que se encaminha para a total restauração em Cristo, de quem derivaremos a própria imagem, possuindo a sua própria herança, como co-herdeiros seus.

n. Por causa da grandiosidade do alvo colimado no ministério de Paulo, podemos encher-nos de coragem e ânimo. Paulo não ficou descoroçoado face às suas grandes tribulações, causadas pela dedicação intensa à sua missão, porquanto jamais abandonou ele a confiança na imensidade de Deus. Assim também, desejava Paulo que os crentes tivessem coragem similar (ver o décimo terceiro versículo).

3 *Τούτου χάριν ἐγὼ Παῦλος ὁ δέσμιος τοῦ Χριστοῦ [Ἰησοῦ] ὑπὲρ ὑμῶν τῶν ἐθνῶν —*

3 **1** ὁ δέσμιος...Ἰησοῦ Eph 4.1; Php 1.7, 13; Phm 1, 9 **1** *Ιησ.*] *om* ℵDG *al* sa Vict Ambst | *εθνων*] *add πρεσβευω* **D** *467* Ambst: *add κεκαυχημαι 1912 pc*

3:1: Por esta razão eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus por amor de vós gentios...

As palavras «*...Por esta causa...*» aludem às revelações anteriores, que são referidas no segundo capítulo desta epístola. Quanto a isso, convém que consideremos dois pontos particulares:

1. Alguns estudiosos dizem que estão em foco, especificamente, os versículos dezenove a vinte e dois do capítulo anterior, que falam sobre o elevado privilégio dos crentes gentílicos, não sendo eles mais estrangeiros e peregrinos, e, sim, concidadãos, parte integrante da casa de Deus, de sua família, por se tornarem eles o templo de Deus, sua habitação permanente.

2. Mas outros eruditos pensam que é aqui aludido o versículo vinte e dois do capítulo passado, mas como um sumário e ponto alto da discussão anterior, que mostraria que esse acesso é tão grande que os crentes são «o próprio templo», e não meramente que têm acesso a algum templo, onde possam encontrar a presença do Senhor Deus.

3. Ainda outros pensam que estão em foco os versículos onze a vinte e dois do segundo capítulo.

4. Mas Paulo não se referia a qualquer secção específica e limitada, e, sim, à idéia inteira dos elevadíssimos privilégios dos crentes gentílicos, privilégios esses que podem ser vistos mais intensamente no fato que eles mesmos são templo de Deus. É como se Paulo tivesse escrito: «Por esta causa farei agora minha oração de agradecimento ao Pai, a fim de que compreendais qual é o seu elevado chamamento (ver os versículos décimo sexto em diante).

No dizer de Teodoreto (*in loc.*): «Sabendo bem tanto o que éreis quanto como fostes chamados, e sobre quais condições, é que oro a Deus, pedindo que sejais confirmados na fé». É o décimo quarto versículo deste terceiro capítulo reitera a expressão «...por esta causa...», no ponto onde Paulo reinicia sua oração, após o parêntesis constante dos versículos segundo a décimo terceiro deste capítulo.

«*...eu, Paulo...*» (Ver também essa expressão nos trechos de II Cor. 10:1; Gál. 5:2; Col. 1:23; I Tes. 2:18 e File. 9,19. Quanto a notas expositivas completas acerca do que se sabe sobre Paulo e acerca da descrição de seus ensinamentos, ler o artigo introdutório ao comentário, intitulado *Importância de Paulo*. Quanto a uma lista de todos os «apóstolos», com uma breve descrição acerca de cada um deles, ver as notas expositivas sobre Luc. 6:12. Quanto ao «ofício apostólico», ver Mat. 10:1. Quanto a uma discussão sobre a «autoria desta epístola aos Efésios », ver a primeira secção da introdução a este livro. A forma nominativa, «*...eu, Paulo...*» é deixada em suspenso, sem qualquer verbo, até ao décimo quarto versículo deste capítulo, e onde o verbo «...me ponho de joelhos...» dá continuidade à expressão. É como se Paulo tivesse dito, sem a interrupção do parêntesis formado pelos versículos segundo a décimo terceiro: «Eu Paulo, me ponho de joelhos...»).

«*...prisioneiro de Cristo Jesus...*» Paulo sofreu diversos períodos de aprisionamento. Provavelmente houve mais um período de encarceramento em Éfeso, embora isso não tenha sido registrado no livro de Atos. Também há o registro de aprisionamentos em Cesaréia e em Roma, registrados nos capítulos vigésimo terceiro e vigésimo oitavo do livro de Atos. Vários eruditos atribuem as chamadas «epístolas da prisão» a qualquer desses três lugares, embora alguns pensem que alguma epístola foi escrita em um lugar e outras noutros. Mas a idéia mais tradicional, posto que não muito apoiada pelos eruditos modernos, é a que diz que essas epístolas foram escritas em Roma, em dois períodos distintos de aprisionamento. Na realidade, porém, não há como solucionar o problema. Todas as idéias que têm sido apresentadas se fazem acompanhar por algumas dificuldades.

Os trechos de Efé. 3:1; 4:1 e 6:20 atribuem esta epístola a um período de aprisionamento, como seu lugar de composição; mas não há como saber que lugar foi esse, pois a mesma controvérsia envolve as epístolas aos Colossenses e a Filemom, que são similares à de Efésios, quanto ao seu conteúdo ou quanto às suas circunstâncias históricas, as quais, mui provavelmente, foram escritas mais ou menos na mesma época, e na mesma prisão. (Ver Col. 4:7,8 e File. 23,24). Em todas essas epístolas aparece acompanhado pelos mesmos companheiros. Mas, naturalmente, se esta epístola aos Efésios na realidade não foi de autoria «paulina», mas antes, foi escrita por algum discípulo de Paulo, conforme muitos estudiosos têm sugerido, então todos esses toques pessoais são artificiais, e esta epístola não é uma das «epístolas da prisão», sob hipótese nenhuma, mas tão-somente seguiu o modelo das mesmas, tendo sido agrupada juntamente com duas outras genuínas «epístolas da prisão». A segunda secção da introdução a esta epístola aborda, com grandes detalhes, o problema da «proveniência», tal como a primeira secção trata do problema da «autoria».

«*...o prisioneiro...*» Devemos observar o artigo definido que acompanha o termo «prisioneiro». Havia muitos prisioneiros, até mesmo prisioneiros de Cristo, isto é, encarcerados por sua causa, como condição provocada pelo fato que eram ministros do evangelho; mas Paulo era «o prisioneiro», o prisioneiro «por excelência», conhecido por toda a igreja como tal.

«*...de Cristo Jesus...*» A saber, 1. por «sua causa»; 2. provocado pelo ministério que proclamava o nome de Cristo; 3. por propósito e desígnio de Cristo; e 4. em comunhão com os sofrimentos por amor da redenção humana (ver Col. 1:24; II Cor. 1:5-7; Fil. 3:10 e I Ped. 4:13). Essas são as idéias possíveis acerca dessa expressão. Mas Paulo foi aprisionado «literalmente», por muitas vezes; e embora nem sempre ele estivesse encarcerado, sempre foi «o prisioneiro de Cristo», a saber, alguém sujeito à sua autoridade, tendo sido vítima de intensa perseguição, por amor a Cristo. O trecho de Col. 1:24 é o paralelo direto deste primeiro versículo do terceiro capítulo de Efésios. (Ver também II Tim. 1:8; File. 9 e Efé. 4:1 acerca de outras referências ao fato que Paulo era «prisioneiro do Senhor»).

Paulo mencionou os seus sofrimentos em prol do evangelho a fim de salientar a mensagem que escreve em seguida. Foi em troca de grande sacrifício pessoal que o evangelho foi levado aos gentios, tal como Cristo adquiriu a redenção humana a grande preço. «Paulo não queria que os gentios fossem conduzidos a outro além de Cristo, cujas reivindicações traziam sobre si, e assim dava prova da glória de tal comunhão, exaltada acima do sofrimento e do opróbrio». (Stier, *in loc.*).

«Paulo menciona aqui as suas algemas a fim de tornar, ainda mais proeminente, a glória que acabara de descrever, em contraste com a presente condição da igreja». (Olshausen, *in loc.*).

«'Por causa da esperança de Israel estou preso nestas cadeias'. Portanto, nesta passagem, o apóstolo Paulo parece falar do seu cativeiro como prova especial da realidade de sua missão, bem como da realidade de um novo passo em seu progresso; e, de conformidade com isso, lançou seu apelo, tal como apela na saudação final da sua epístola aos Colossenses: 'Lembrai-vos das minhas prisões'. A idéia inteira é notável exemplo da alquimia espiritual da fé, que transforma todas as coisas em bem—não diferentemente da magnificente passagem (em II Cor. 11:23-30) onde Paulo se 'gloria das suas fraquezas'». (Barry, *in loc.*).

«*...por amor de vós, gentios...*» Uma tradução mais literal diria aqui, «...por amor de vós, os gentios, expressão essa que se encontra novamente em Efé. 2:11. Parece que, da prisão, Paulo saudou a igreja gentílica inteira; e o artigo definido parece fazer com que esta passagem se refira à comunidade inteira dos gentios salvos. Alguns estudiosos, entretanto, acreditam que isso seria uma saudação «artificial», se realmente ele estava escrevendo para algum grupo que conhecia. Pois dizem esses que dificilmente ele se dirigiria a alguma igreja local com as palavras «vós, os gentios». Por essa causa, alguns estudiosos pensam que esta epístola não teve Paulo como autor, mas antes, que tais palavras são mais uma ficção literária, e não uma forma epistolar autêntica. Trata-se de uma pequena questão secundária, entretanto, sobre a qual se baseia a idéia da não-autoria paulina, exagerando, por outro lado, a presença ou ausência do artigo no grego helenista.

Seja como for, o uso dessa frase visou mostrar o quanto o amor divinamente inspirado levara o apóstolo Paulo a servir aos gentios, a despeito do elevado custo que teve de pagar, na forma de sofrimentos. Em II Cor. 5:14 lemos que «...o amor de Cristo nos constrange...» (Ver essa passagem, onde a idéia aqui ventilada é totalmente comentada). «Deus amou ao mundo de tal maneira que deu...» (João 3:16). Quando os seres humanos dão a sua vida, a sua energia, o seu próprio ser, é que o amor é o seu grande motivo; e o amor é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23), o que consiste da implantação do amor divino, o que se torna, por sua vez, real possessão do crente, na medida em que ele passa a possuir a natureza do próprio Cristo Jesus.

É interessante que a palavra «...*amor*...» não figura no original grego, embora seja corretamente suprida na tradução, como uma interpretação dos tradutores. Assim sendo, Paulo busca o «bem-estar» dos gentios por motivo de amor. O amor cristão é que inspirava o serviço prestado por Paulo. Todavia, esse serviço levou-o ao aprisionamento, uma experiência necessária em sua missão entre os gentios. Por conseguinte, foi em «favor» dos gentios que o apóstolo Paulo sofreu tais humilhações; mas o amor impelia-o a sofrer tudo alegremente.

Variante Textual: A fim de corrigir aquilo que lhes parecia um tanto estranho, a saber, o nominativo interrompido, «eu, Paulo» (que não é acompanhado por qualquer verbo), alguns copistas antigos adicionaram as palavras «sou prisioneiro». E algum testemunho textual, como o ms D e os escritos de um monge do século V d.C., Hilário (Ambrosiastro), em 467 d.C., além de um manuscrito posterior que não se reveste de importância especial, acrescentam a palavra grega «presbeuo», que leva o trecho a dizer: «...eu, Paulo, sou prisioneiro e embaixador...» Porém, é evidente que se trata de uma glosa, inserida para resolver o problema do nominativo sem verbo, e que esquece que a frase tem continuação após um longo parêntesis, já no décimo quarto versículo deste capítulo, o que, conforme já mostramos mais acima, dá o seguinte resultado: «...eu, Paulo, me ponho de joelhos...».

2 εἴ γε ἠκούσατε τὴν οἰκονομίαν τῆς χάριτος τοῦ θεοῦ τῆς δοθείσης μοι εἰς ὑμᾶς, 2 *τὴν οἰκονομίαν...ὑμᾶς* Col 1.25

3:2: Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

«...*tendes ouvido*...»

Para Quem Foi Escrita A Presente Epístola?

1. Essa expressão (no grego, literalmente, «o ouvir da fé») subentende que Paulo escreveu para pessoas a quem jamais visitara; e, por essa razão, a epístola não pode ter sido endereçada aos efésios. (Ver as notas sobre isso em Efé. 1:1). As palavras *em Éfeso*, não aparecem nos manuscritos mais antigos.

2. Não há toques pessoais na epístola, nem saudações, etc., que dêem a entender relacionamentos pessoais. (Ver notas completas sobre o destino desta epístola, ou «A quem foi enviada», na introdução ao livro, secção III).

«O que fica implícito é que Paulo se dirigia a leitores que o desconheciam pessoalmente; entretanto, pode-se considerar como certo que aquela gente sabia algo acerca de sua missão evangelizadora entre os gentios. Pois é óbvio que ele jamais poderia ter escrito tais palavras aos crentes de Éfeso». (Beare, *in loc.*).

A fim de escaparem da conclusão implícita que os leitores originais do apóstolo Paulo ainda não o tinham visto ou não o conheciam pessoalmente, vários estudiosos têm sugerido diversas explicações para essa expressão, a saber:

1. Seria fruto da ironia, um instrumento retórico, não devendo ser compreendida como declaração que eles não tinham ainda ouvido a Paulo. Essa interpretação, entretanto, é inteiramente estranha ao contexto, não havendo aqui qualquer ponta de ironia.

2. Alguns intérpretes traduzem a expressão como segue «...*desde que ouvistes*...», embora essa tradução não tenha muita base no original grego.

3. Outros supõem que acerca «das coisas particulares sobre as quais ele agora falava, não tinham eles ainda ouvido nada»; mas essa interpretação é ridícula, porquanto aquilo de que ele falava era o seu «ofício apostólico», e acerca do mesmo e dos seus labores apostólicos aqueles crentes certamente tinham ouvido falar, porquanto não se tratava de questão de determinadas doutrinas, que ele estivesse prestes a apresentar, o que poderia ser uma novidade para eles.

4. Ainda outros pensam que Paulo se referia a terem *ouvido* as porções anteriores desta epístola. Uma vez mais, porém, o que se esperava que tivessem ouvido não era alguma forma de instrução ou alguma doutrina, mas antes, seu ofício e seus labores apostólicos. É verdade que aqueles crentes não eram testemunhas pessoais dessas coisas, mas já tinham «ouvido falar» acerca delas. Essa é a única interpretação que faz sentido, que se coaduna com as exigências do fraseado e do contexto bem claros.

5. Alguns estudiosos pensam que essas palavras servem de «lembrete» polido e indireto do fato que já tinham ouvido falar da autoridade de Paulo, quando ele estivera com eles, e não indicação de que nunca tinham ouvido tais coisas da parte dele, pessoalmente. Uma vez mais, porém, insistimos que Paulo não estava aludindo a qualquer ensinamento, e nem a qualquer assunto que talvez ainda não tivessem «ouvido» da parte dele. Antes, referia-se à sua autoridade apostólica e aos labores daí resultantes. Paulo jamais falaria sobre seus labores como algo que já fora ouvido por seus leitores se, na realidade, eles tudo tivessem «visto».

Nas suas epístolas de I e II aos Coríntios e aos Gálatas, Paulo não hesita em coisa alguma por justificar sua autoridade apostólica e sua missão evangelizadora entre os gentios, através de referências positivas àquilo que fizera entre aqueles seus leitores.

«...*dispensação da graça de Deus*...» (Essa expressão pode ser confrontada com Gál. 2:9, que refere-se ao ofício apostólico de Paulo como uma «graça divina»). A passagem de I Cor. 15:10 vincula a doação da graça de Deus à idéia de seu livre-favor. Neste ponto, a «dispensação» da autoridade apostólica e seu ofício também é encarada como algo que foi dado mediante a «graça». Esse termo tem inúmeros empregos nas páginas do N.T. No trecho de Efé. 2:8, em suas notas expositivas, expomos uma lista desses significados, com suas respectivas referências.

A palavra «...*dispensação*...», no original grego, é «oikonomia», que pode significar «mordomia». Neste contexto, entretanto, seu sentido é o «ofício» de Paulo como apóstolo, que lhe foi dado pelo Senhor. Todavia, essa palavra pode significar «gerência» de qualquer coisa, como de uma propriedade. Também pode aludir ao «gerente» dessa propriedade, quando se encontra na forma de «oikonomos». Por igual modo, pode indicar «arranjo», «plano», alguma forma de «ordem», como uma ordem social qualquer ou uma forma de governo qualquer. Sua forma verbal significa «gerir», «regular», «administrar». (Ver Efé. 1:10 quanto a outras notas expositivas acerca desse vocábulo grego, onde um uso diferente desse vocábulo aparece, e não o que figura aqui. Neste ponto é quase indiscutível que o ofício apostólico de Paulo é que está em foco). Mas também têm sido apresentadas outras interpretações sobre esse termo, «dispensação», como segue:

1. Seria o «arranjo» ou *plano* de Deus no tocante à sua graça, que foi conferido a Paulo para que o proclamasse.

2. Seria a graça que Paulo haveria de dispensar a outros, no decurso do seu ministério apostólico.

3. Seria a «dispensação do evangelho», que teria sido confiada às mãos de Paulo.

4. Outros estudiosos pensam que há aqui uma alusão ao *edifício* referido no segundo versículo deste capítulo. A Paulo teria sido dada a incumbência de estabelecer essa «casa» de Deus.

5. Ainda outros estudiosos pensam que está em pauta a «função apostólica» de Paulo.

6. Também há aqueles que acreditam que está em foco a «comissão» dada a Paulo pelo Senhor.

Todas essas idéias expressam um ou outro aspecto da verdade, mas o próprio «ofício do apostolado» é que está em vista aqui, mui provavelmente. Seria, no dizer de Faucett (*in loc.*): «...o ofício de dispensar, como mordomo, a graça de Deus...» Não obstante, é melhor considerarmos a graça divina como aquele favor divino que entregou o ofício apostólico a Paulo, ao invés de ser aquilo que agora ele começava a distribuir entre outros, embora este outro aspecto também expresse uma verdade. Paulo recebeu a «graça», o que o qualificou para o seu ofício apostólico, e agora dispensava graça divina a terceiros, embora este segundo pensamento não pareça fazer parte da mensagem central deste versículo. Ou então, conforme dizia Ellicott (*in loc.*): «...a graça qualificadora de Deus, para cumprimento do meu apostolado». Neste caso, a «graça» pode servir de sinônimo, para todos os propósitos práticos, do próprio «ofício apostólico». Portanto, estaria em foco aquele ofício cuja existência se dava pela «graça divina». Ou «...a própria graça divina não seria o ofício apostólico, e, sim, o favor que selecionara e qualificara Saulo de Tarso ao ofício apostólico». (Salmond, *in loc.*).

«...*para vós outros*...» O apostolado fora dado a Paulo a fim de que ele viesse a revelar o mistério da vontade de Deus relativa aos gentios, estendendo a eles a graça de Deus, conforme a ênfase do trecho de Gál. 2:7-9. Assim sendo, esse dom não foi conferido a Paulo para seu próprio aprazimento, e, sim, por causa dos gentios e por amor a Cristo, que traria «outras ovelhas» ao seu rebanho, por semelhante modo (ver João 10:16).

3 [ὅτι] κατὰ ἀποκάλυψιν ἐγνωρίσθη μοι τὸ μυστήριον, καθὼς προέγραψα ἐν ὀλίγῳ,

3 Eph 1.9–10; Col 1.26 3 *οτι*] *om* $\mathfrak{p}^{46}$BG *d* Ambst *et* *εγνωρισθη*] *γαρ εγν.* G: *εγνωρισε* KL *al* ς

3:3: como pela revelação me foi manifestado o mistério, conforme acima em poucas palavras vos escrevi,

«...*revelação*...» Paulo enfatizou, em várias passagens, como a sua comissão apostólica, o seu conhecimento e a sua unção, tudo lhe fora conferido através de meios místicos, mediante revelações divinas. (Isso pode ser comparado com Gál. 1:11,12,15,16, onde o tema é amplamente comentado). Tanto o próprio ofício apostólico como a sua mensagem lhe foram dados mediante revelação. Paulo fora divinamente comissionado, e sua mensagem lhe fora divinamente transmitida. Não aprendera sua mensagem através do estudo, nem pelos esforços do raciocínio, e nem por intuição. Tudo lhe fora dado externamente, mediante experiências místicas. Sua própria conversão e comissão, conforme aprendemos no nono capítulo do livro de Atos, foi uma comunicação mística da parte do Senhor. Por semelhante modo, não recebera suas credenciais apostólicas da parte de alguma escola rabínica; e a doutrina que ele anunciava não fora adquirida da parte de livros ou da parte de mestres humanos. Bem pelo contrário, tanto o seu ofício apostólico como a sua doutrina lhe foram dadas por Deus, de maneira revolucionária, segundo o seu método de entrar em contacto com os homens diretamente, por intermédio do Espírito Santo. Por essa razão é que a doutrina de Paulo é tão radicalmente diferente e exaltada, a ponto de ultrapassar a tudo quanto se conhecia no judaísmo.

Como é que chegamos a conhecer as coisas?

1. Através da percepção dos sentidos, mediante a experiência diária, através do coligir de dados, que é o método científico. Paulo não recebeu sua mensagem segundo esse método.

2. Através da razão, sem a ajuda da percepção dos sentidos. A mente humana foi criada de tal maneira que é capaz de «conhecer» algumas coisas, como os princípios éticos, sem qualquer experiência direta, sem provas empíricas.

3. Através da intuição, que consiste do conhecimento direto das coisas, deixando de lado tanto os sentidos como a razão, visto que se trata de um impulso proveniente da própria alma, da mente universal, ou dos impulsos íntimos de Deus.

4. Através da revelação, o que transcende a todas as outras formas pelas quais chegamos a conhecer as coisas, não necessitando nós, nesses casos, da concordância com a percepção dos sentidos ou com os raciocínios da razão.

«...*mistério*...» Há muitos mistérios neotestamentários, e o assunto é anotado em Rom. 11:25, onde é oferecida a lista dos mesmos. Ver também Mat. 13:13. O «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10) é um mistério muito amplo, que inclui, em seu bojo, diversos outros. É a esse mistério que Paulo alude neste ponto, ainda que, no presente capítulo, ele esteja a pique de demonstrar o «mistério da igreja», que é como o grandioso «mistério da vontade de Deus» se aplica à sua igreja. Esse mistério envolve muito mais que a mera «igualdade de privilégios» entre gentios e judeus, ou em participação na comunidade de Israel. É verdade que a igualdade de privilégios faz parte desse mistério; mas, na realidade, a *igreja* é algo inteiramente novo, e os seus privilégios ultrapassam em muitíssimo àqueles de que desfrutava a antiga nação de Israel, o que é um dos principais tópicos desta epístola. Por conseguinte, o «mistério da igreja» é uma subcategoria do «mistério da vontade de Deus». (Ver Efé. 1:10 quanto a explicações gerais sobre esse tema).

O sexto versículo deste terceiro capítulo exibe um dos aspectos do mistério aqui referido. É tema de grande admiração que os gentios cheguem a unir-se em pé de igualdade com os judeus; mas o fato que eles, juntos, formem a «igreja de Cristo», a *noiva do Cordeiro*, ainda é motivo de maior admiração, devendo esse aspecto ser incluso em nosso entendimento sobre o mistério que aqui encontramos, posto que os capítulos primeiro a terceiro desta epístola ensinam-nos quais os elevadíssimos privilégios da igreja, como esses privilégios em muito transcendem àqueles que tinham sido conferidos à nação de Israel. Portanto, sem importar se os versículos que ora comentamos indiquem ou não tudo isso, o fato é que esta epístola, considerada em sua inteireza, o faz; e assim, definir esse «mistério» como algo que envolve menos do que isso, é limitar erroneamente a idéia.

Por conseguinte, C.I. Scofield está com a razão, quando escreve: «Que os gentios haveriam de ser salvos, não constitui nenhum mistério. (Ver Rom. 9:24-33 e 10:19-21). O mistério *oculto em Deus* foi o propósito divino de fazer, de judeus e gentios, algo inteiramente novo, 'a igreja', que é o corpo de Cristo, formada pelo batismo com o Espírito Santo (ver I Cor. 12:12,13), e dentro da qual as distinções terrenas, entre judeus e gentios, desaparecem (ver Efé. 2:14,15 e Col. 3:10,11). A revelação desse mistério, que foi predito mas não explanado por Cristo (ver Mat. 16:18), foi entregue a Paulo. Somente nos escritos deste último é que podemos encontrar a doutrina, a posição, a maneira de andar e o destino da igreja».

Por conseguinte, o «mistério» aqui referido:

1. Não consiste na mera salvação dos povos gentílicos. Pois esse era um tema sobejamente conhecido no A.T.

2. Não consiste no fato de que os gentios fariam parte na comunidade de Israel; pois isso também é ensino do A.T.

3. Não consiste nem mesmo no fato de que os gentios ocupariam posição de igualdade com os israelitas. Isso chegou a ser ensinado por alguns poucos rabinos judeus, embora fosse rejeitada pela interpretação tradicional sobre o A.T.

4. Pelo contrário, esse mistério consiste de algo inteiramente novo, que desdobramos ainda mais:

a. Seria a unidade entre os homens remidos, com total desconsideração de questões raciais e distinções religiosas e espirituais.

b. Essa unidade seria produzida pela redenção humana, atuando como prefiguração da eventual e total unidade de todas as coisas em Cristo (o mistério da sua vontade, ver Efé. 1:10).

c. Cristo ocupa a posição central nessa unidade, e os remidos haverão de participar, eventualmente, de sua perfeita natureza, no sentido mais literal possível (ver Rom. 8:29), bem como haverão de compartilhar da própria santidade de Deus Pai (ver Mat. 5:28 e Rom. 3:21). Essa unidade, portanto, consiste da participação na natureza divina e em suas perfeições, ver Efé. 3:19.

d. Essa nova unidade, que reúne os novos seres remidos e celestiais, é justamente a igreja, a noiva de Cristo, o corpo de Cristo; e esses é que serão os instrumentos mais elevados de todas as obras de Deus, por toda a eternidade, e não meramente neste ponto do tempo a que chamamos de terra e de vida mortal.

e. Tudo isso será concretizado por «essa graça», referida em Efé. 2:8 (ver as notas expositivas a respeito), e que conduz os pagãos aos lugares celestiais, uma vez que se voltem para o Senhor, dando-lhes nascimento nos «lugares celestiais» (notas expositivas em Efé. 1:3).

f. Assim, pois, a igreja se tornou «a plenitude daquele que preenche tudo em todos» (ver Efé. 1:23), participando totalmente de tudo que está envolvido em sua morte, ressurreição, ascensão aos céus e glorificação. Os remidos compartilham de todas essas coisas, em sua totalidade, passando a ser tudo quanto Cristo é e passando a possuir tudo quanto ele possui, em face de sua posição de «co-herdeiros» (ver Rom. 8:17) e de «filhos que estão sendo conduzidos à glória» (ver Heb. 2:10). O caráter sem-par do Filho de Deus é preservado no fato que ele é o Cabeça do corpo, mas a mesma natureza e herança pertencem tanto ao Cabeça como aos membros do corpo.

g. Esse corpo de remidos, unificados em torno de Cristo, torna-se templo de Deus; e assim, por intermédio do Espírito Santo, goza de perfeito acesso a Deus Pai (ver Efé. 2:21,22).

Fica subentendido que em qualquer dos «mistérios», visto que se trata de revelações divinas, e não temas desenvolvidos pelo estudo ou pela sabedoria humana, muitos elementos são dificílimos de entender, embora venham a ser esclarecidos no tempo certo de Deus, quando os homens se tornarem dignos de receber tais esclarecimentos, capazes de absorver verdades espirituais superiores. Porém, aquilo que sabemos em forma de esboço, acerca do mistério da igreja, é algo que nos deixa atônitos, em face de sua profundidade.

«...*conforme escrevi há pouco, resumidamente*...» Os eruditos não podem decidir se a. Paulo se referia a alguma epístola ou epístolas anteriores, com essas palavras, ou b. se ele simplesmente se referia ao primeiro capítulo desta epístola, meramente à mensagem de Efé. 1:10, o que é melhor desenvolvido no segundo capítulo.

Epístolas Perdidas?

1. A tradução, «resumidamente» (Paulo não lhes escrevera uma longa epístola), quase certamente assinala aqui a referência à primeira porção de sua epístola, o mistério descrito no primeiro capítulo.

2. Alguns preferem a tradução «há pouco». Isso poderia apontar para alguma epístola perdida, anterior à atual. Provavelmente houve muitas cartas entre Paulo e aqueles crentes. (Ver I Cor. 5:9 e Col. 4:16 quanto a alusões a epístolas paulinas que não possuímos). A primeira idéia (primeiro ponto), entretanto, é a mais provável.

3. A tradução inglesa NE, diz *breve relato*. Paulo lhes apresentara breve relato sobre aquele mistério. Essa tradução do vocábulo grego «oligo», neste versículo, poderia referir-se aos pontos primeiro ou segundo; mas mesmo assim o primeiro continua preferível.

4 πρὸς ὃ δύνασθε ἀναγινώσκοντες νοῆσαι τὴν σύνεσίν μου ἐν τῷ μυστηρίῳ τοῦ Χριστοῦ,

3:4: pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,

As palavras «...*pelo qual*...» referem-se à explicação prévia e à explicação presente de Paulo, acerca do mistério de que falava. Ao lerem os «efésios» essa explanação, pois, haveriam de entender tanto o conteúdo do mistério como o «discernimento» de Paulo a respeito. E assim perceberiam que, por revelação divina, lhe fora dado tal discernimento; e, sabendo disso, aceitariam as suas proclamações com maior prontidão.

Várias Interpretações

1. Alguns enxergam aqui uma referência aos escritos do A.T., em que as palavras «pelo qual», seriam um sinônimo frouxo para «está escrito». Admitindo-se que a expressão grega, «pros o» é um tanto obscura, mesmo assim não podemos perceber aqui qualquer alusão ao A.T.

2. Bem pelo contrário, o «mistério» é o «segredo de Deus», o qual agora foi «revelado» dentro das revelações paulinas. Portanto, está em vista algo de «novo», algo que ultrapassa o A.T.

3. Parece que Paulo simplesmente convidou seus leitores a «lerem novamente seu breve relato» (a parte anterior da epístola, para adquirirem melhor compreensão sobre seu ensinamento).

«Trata-se de um convite para que lessem e relessem, ponderando sobre a significação do que foi escrito. Além disso, Paulo estava certo que, à medida que lessem, seriam capazes de 'perceber' o discernimento de Paulo no mistério de Cristo, apreciando sua profundidade como expositor da significação última do evangelho, e apreendendo, em medida superior, as suas idéias fundamentais». (Beare, *in loc.*). (Quanto à mesma expressão, usada noutros lugares, comparar com II Cor. 5:10, onde se lê: «...para que cada um receba 'segundo' o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo». Ver também Gál. 2:14 e Luc. 12:27. Tal uso também pode ser encontrado nos escritos clássicos).

«...*quando lerdes*...» O particípio presente, no original grego, usado de forma absoluta, indica leitura, estudo, meditação contínuos, repetidos.

«...*compreender*...» No original grego temos o verbo «*noeo*», que quer dizer «apreender», «compreender», «obter discernimento», sendo palavra usada de muitas maneiras diferentes e em muitos contextos. Paulo queria indicar a «compreensão intelectual», mas também dava a entender certo «discernimento espiritual», conferido pelo Espírito Santo, o que deveria ser experiência autêntica dos crentes «efésios», levando-se em conta a substância das orações de Paulo em favor da iluminação espiritual dos seus leitores, conforme se vê em Efé. 1:15 e 3:16, bem como nos versículos que se seguem a cada uma dessas referências.

«...*discernimento*...» No grego é «*sunesis*», que significa «compreensão», «inteligência», «astúcia», «discernimento», «entendimento». A despeito dessa palavra também poder indicar mero entendimento intelectual, o fato que Paulo obteve tal entendimento por meio de «revelação» (ver o terceiro versículo desse capítulo) mostra-nos que está aqui em foco um «discernimento espiritual», mediado pelo Espírito Santo, através de meios místicos. Ora, era exatamente isso que Paulo queria imprimir sobre os seus leitores. Paulo não obteve esse «discernimento» através do estudo cuidadoso de documentos ou através do raciocínio concentrado. Mas obteve-o mediante a revelação divina, espiritualmente.

«...*o mistério de Cristo*...» Paulo continuava aludindo ao «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10), no que se aplica à igreja (ver Efé. 3:3). Neste ponto esse mistério é intitulado «mistério de Cristo». E isso pelos seguintes motivos:

1. Porque Cristo é o *tema inerente* ao mesmo, visto que tudo tem a sua pessoa como centro, sendo ele o fator que unifica os membros da igreja, bem como todos os seres inteligentes, em uma consideração universal.

2. Porque a glória de Cristo é o «tema» desse mistério.

3. Porque o próprio Cristo, em sua pessoa, é igualmente um «mistério de Deus». (Ver Col. 2:2). Que o próprio Cristo é «o mistério» é o tema de Col. 2:2, o que pode estar aqui em foco, no original grego, através do «genitivo de aposição». Não obstante, não parece ser essa a idéia central do texto presente, ainda que isso expresse uma verdade, fazendo parte necessária da doutrina geral no que diz respeito ao mistério da igreja.

4. Porque Cristo é a causa originadora desse mistério.

5. Porque no trecho de Col. 4:3 a mesma expressão é usada para indicar a verdade que a prédica do evangelho revela os fatos sobre Cristo, na qual exposição ele figura como o Redentor dos homens. Trata-se do aspecto dessa doutrina que «se refere a Cristo». O próprio Cristo, na qualidade de «mistério de Deus» (as verdades compreendidas sobre sua pessoa, como algo inerente àquele título), está qualificado para ser o Redentor dos homens, porquanto ele é, ao mesmo tempo, divino e humano, podendo, dessa maneira, reconciliar o divino e o humano entre si, levando o humano a ser transformado no que é divino.

5 ὃ ἑτέραις γενεαῖς οὐκ ἐγνωρίσθη τοῖς υἱοῖς τῶν ἀνθρώπων ὡς νῦν ἀπεκαλύφθη τοῖς ἁγίοις ἀποστόλοις αὐτοῦ καὶ προφήταις ἐν πνεύματι,

5 αποστολοις] *om* B Ambst

3:5: o qual em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas,

Paulo continua a enfatizar aqui a «novidade» do conteúdo do «mistério». Devemos observar, neste ponto, que não há qualquer indício que os judeus são favorecidos em detrimento dos gentios. E isso é uma verdade em face dos privilégios universais conferidos aos homens todos, sem qualquer distinção, através das operações desse mistério. Em Cristo não há judeu nem gentio, escravo, livre, varão ou varoa (ver Gál. 3:28), mas todos são «um em Cristo». Tal revelação, todavia, não foi conferida à nação de Israel, como antes todas as revelações eram feitas àquela nação, mas antes, aos «filhos dos homens», ou seja, aos homens em geral.

«*...em outras gerações não foi dado a conhecer...*» Esta expressão pode ser confrontada com o trecho de Col. 1:26, onde lemos: «...o mistério que esteve oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos...» Se a presente expressão foi realmente tomada de empréstimo desse trecho da epístola aos Colossenses, então as palavras «séculos» e «gerações» poderiam indicar «anjos» e «homens», pois palavras de uso comum são interpretadas, nesta epístola aos Efésios, de maneira «temporal», isto é, meramente para indicar a seqüência e a passagem de ciclos passados de tempo. Porém, a idéia que esse mistério estivera oculto dos homens e dos anjos, e que agora lhes fora revelado pela igreja, continua sendo a mensagem deste capítulo terceiro. (Ver Efé. 3:8-10). Ambas essas idéias expressam verdades. «Homens e anjos», bem provavelmente, é o que está em foco naquela passagem da epístola aos Colossenses. Todas as eras anteriores, sem importar como queiramos designá-las, incluindo as «eras eternas» antes da existência do homem, como também aquelas eras após a criação, não foram épocas durante as quais Deus tenha feito conhecido o seu plano de total unificação de todas as coisas em torno de Cristo Jesus. Essa revelação foi deixada para depois do primeiro advento de Cristo, para o começo da igreja cristã. Isso é verdade em face das seguintes considerações:

1. Porque Cristo é o grande agente dessa unificação, tendo-lhe sido necessário «encarnar-se», a fim de dar início à mesma.

2. Porque, na «igreja» (que anteriormente não existia) é que têm início os primeiros passos dessa unificação e redenção de todas as coisas.

Assim, pois, a igreja é a *vitrina* de Deus, onde ele exibe os seus propósitos eternos; porquanto aquilo que ele agora «começa» a fazer, no seio da igreja, a saber, a grande unificação, ele finalmente fará universalmente, entre todos os seres, por toda a sua vastíssima criação, segundo nos mostram os versículos oitavo a décimo deste capítulo, o que também já fora enfatizado por todo o primeiro capítulo desta epístola. Assim sendo, a revelação do mistério da vontade de Deus estaria fora de lugar, enquanto Jesus Cristo não se encarnasse, enquanto a igreja cristã não tivesse início. Mas a promessa do Espírito Santo e o cumprimento da mesma, com o seu advento, foi que deu à igreja o agente eficaz dessa revelação; e, através da igreja, esse agente é oferecido ao mundo, tudo visando a grande restauração final.

«*...gerações...*» é palavra que poderia referir-se à sucessão das gerações humanas. Mui provavelmente, entretanto, no original grego encontramos neste ponto o «dativo de tempo», o que indicaria a sucessão dos ciclos de tempo, das eras.

Variante Textual: Alguns manuscritos minúsculos posteriores (e, portanto, o Textus Receptus), juntamente com versões siríacas e cópticas, inserem o termo «en» antes das palavras «outras gerações», o que, normalmente, faria essas palavras indicarem «gerações humanas»; mas o simples dativo, sem a preposição grega «en», mais provavelmente serve de indicação de «tempo». Os mss P(46), Aleph, ABCDFKL e a maioria das versões omitem tal palavra, o que serve de prova esmagadora em prol da omissão.

«*...filhos dos homens...*» expressão freqüentemente usada no A.T., por ser um hebraísmo, que significa apenas «homens». Agora não há qualquer distinção entre judeus e gregos. Em Cristo, os antigos privilégios de tratamento cessaram, pois em Cristo não há preconceitos raciais. A igreja cristã é a união de todos os remidos, em Cristo, sem quaisquer prerrogativas especiais. O único outro local, em todo o N.T., onde essa expressão é usada, é em Marc. 3:28. Os «filhos dos homens» não são os «apóstolos e profetas», como aqueles que receberam o mistério. Não há qualquer intuito delimitado de sentido, nessa expressão. Pois a revelação é dada potencialmente a todos, mediante a igreja; e eventualmente será exposta ante todos os seres humanos, antes ou depois da sepultura. Pois é propósito de Deus que todos os homens venham a saber no que consiste esse grande mistério da restauração de tudo. Assim, nenhuma força física será capaz de refrear essa revelação.

O nono versículo deste capítulo enfatiza de novo a *universalidade* dessa revelação. Tal universalidade não é meramente «potencial», pois eventualmente se tornará bem real. Doutro modo não se poderia cumprir o propósito divino no mistério da restauração universal. Mas o primeiro capítulo desta epístola mostra-nos que esse plano terá cabal cumprimento, mediante o poder que opera em Cristo, em nós, e universalmente (Ver Não é muito provável que Paulo tivesse em mente tudo isso, embora essa seja a verdade salientada no segundo capítulo da epístola aos Colossenses e em I Tim. 3:16, onde é chamado de «mistério» o processo inteiro mediante o qual a piedade é insuflada nos remidos, sob a condição da «encarnação» de Cristo. A idéia central deste texto é aquela doutrina (mistério) relativa a Cristo. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «mistério da igreja», o tema deste contexto, ver Efé. 3:3. Quanto a todos os «mistérios do N.T., bem como aos usos gerais e às definições do vocábulo grego empregado, ver Rom. 11:25 e Mat. 13:13).

1:10). Comparar isso com I Ped. 3:18-20 e 4:6, onde vemos que Jesus Cristo, antes de sua morte, mas antes de sua ressurreição, levou sua mensagem de salvação ao mundo dos espíritos inferiores, aos «espíritos em prisão», e isso encerra uma esperança sublime para todos. Ver também Rom. 11:32, quanto ao fato que os próprios decretos de juízo divinos foram baixados para que ele pudesse usar eventualmente de «misericórdia para com todos». Assim, pois, o próprio juízo I Ped. 4:6 também enfatiza essa grande verdade.

Como Deus porá em execução esse plano grandioso? Isso é assunto de alçada exclusiva do Senhor. Todavia, isso não fará de todos «eleitos», embora estenda a graça de Deus a todos.

«*...foi revelado...*» (Quanto a notas expositivas sobre a «revelação», ver Efé. 1:17). O mistério da vontade de Deus não poderia vir a ser conhecido sem a ajuda da revelação divina, a qual transcende à experiência, à razão e à intuição humanas. Ele é quem dá conhecimento aos homens, como um «dom», conferindo-lhes um conhecimento que não seriam capazes de sondar com seus meios humanos normais.

«*...aos seus santos apóstolos e profetas...*» Aqui estão em foco os apóstolos e profetas do N.T. aqueles especialmente equipados pelo Espírito Santo para ser os mestres da igreja, que ensinam além da capacidade normal de mestres. Um mestre é um tesouro de conhecimentos espirituais, dotado da disposição e da habilidade de transmitir conhecimento. Mas um profeta, apesar de também ser mestre, é mais que um mestre, pois conta com uma unção mística, um discernimento espiritual profundo, recebedor de revelações, de tal modo que sua autoridade é maior que a de um mestre. (Quanto à descrição de todos os «dons do Espírito», ver a introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, onde são eles alistados e ventilados. Quanto a notas expositivas completas sobre os «profetas do N.T.», ver Atos 11:27. Quanto ao tema «profecia na igreja», ver I Cor. 14:26. Quanto aos «profetas como guardiães da igreja», ver I Cor. 14:28. Quanto ao «ensino na igreja», ver I Cor. 14:26). Embora os «profetas», neste caso, não sejam necessariamente aqueles do N.T., a referência em Efé. 2:20 não lhe é necessariamente idêntica, pois ali os profetas do A.T. podem estar em foco).

«*...santos apóstolos...*» Alguns intérpretes pensam ser estranho que Paulo tenha escrito assim acerca dele mesmo e de outros que ocupavam o ofício apostólico. Todavia, Paulo chamava os santos em geral de «agioi», isto é, «aqueles separados para um propósito sagrado, para a santidade» (ver as notas a esse respeito, em Rom. 1:7). Ora, se ele chamava os crentes comuns de *agioi*, não há razão alguma para suspeitarmos que ele tenha empregado o mesmo adjetivo para indicar os apóstolos, aplicando o mesmo a eles, até mesmo em sentido especial. Essa expressão, pois, em nada é contrária à autoria paulina desta epístola aos Efésios. Há problemas reais concernentes a isso, entretanto, mas esses são ventilados na primeira secção da introdução a este livro. É um erro, portanto, colocar-se uma vírgula após a palavra «agioi», como se a frase de Paulo dissesse «...aos seus santos, aos seus apóstolos e aos seus profetas...», embora isso seja possível em face do fato que os manuscritos originais não tinham pontuação. Por esta razão é que algumas vezes surgem interpretações como essa. (Ver as notas expositivas completas acerca do «apostolado», em Mat. 10:1, bem como uma descrição sobre cada apóstolo, em Luc. 6:12).

«*...no Espírito...*» A revelação divina vem (a) mediante a agência do Espírito Santo; (b) através da comunhão mística que isso provoca; e (c) na esfera de sua influência e atividade. A palavra «Espírito» nunca é gravada com letra inicial maiúscula, no original grego, o que significa que pode indicar o «espírito humano»; mas, neste caso, sem dúvida é o Espírito de Deus quem é focalizado, embora quase sempre se compreenda que essa revelação «do Espírito» é conferida ao «espírito humano», isto é, no nível da alma. O homem mantém comunhão com Deus naquela porção mais elevada de sua natureza, o espírito ou alma. É ali que o Espírito Santo ensina aos homens, ainda que algumas vezes essas revelações sejam dadas objetivamente, podendo até mesmo assumir a forma de imagens visuais. Não obstante, o «entendimento», sem importar o «modus operandi» da revelação, sempre se dá no nível da alma, porquanto o espírito humano é o próprio veículo do entendimento espiritual. Gramaticalmente, a expressão «...no Espírito...» ficaria melhor se vinculada ao verbo «revelar», a fim de explicar a modalidade da revelação proporcionada. Trata-se de uma revelação divina, vinda do alto, e não um produto humano; e isso quer dizer que traz à compreensão humana algo que os homens não sabiam anteriormente. Portanto, as palavras «no Espírito» não estão ligadas aos «profetas», como se o seu sentido fosse «profetas no Espírito» ou «profetas inspirados»; e também não estão ligadas aos «santos», o que daria o sentido de «santos no Espírito», a saber, por influência do Espírito de Deus, embora isso também expresse verdades. Por semelhante modo, não devemos vincular essas palavras com o que se segue, o que resultaria em «...no Espírito, os gentios deveriam ser co-herdeiros...».

6 εἶναι τὰ ἔθνη συγκληρονόμα καὶ σύσσωμα καὶ συμμέτοχα τῆς ἐπαγγελίας ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ διὰ τοῦ εὐαγγελίου, 6 Eph 2.13, 18–19 6 επαγγελιας] *add* αυτου **G** *pm* vg$^{s, cl}$ ς | Ιησου] *om* **DGKL** *pm* ς

3:6: a saber, que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho;

Este versículo não deve ser compreendido como se expressasse uma revelação completa sobre o mistério da igreja. A epístola aos Efésios, em sua inteireza, dá aspectos diversos dessa definição. O trecho de Efé. 1:23 é seu ponto máximo.

1. Agora há apenas um corpo, o qual é o corpo místico de Cristo (comparar com o vigésimo terceiro versículo do primeiro capítulo). Não podemos isolar a atual declaração do restante desta epístola, fazendo com que ela signifique menos do que já fora revelado sobre o «mistério da vontade de Deus», de como o «mistério da igreja» faz parte daquele outro mistério (ver Efé. 3:3). O «corpo único» não consiste apenas da união entre judeus e gentios, embora certamente também indique isso. Pelo contrário, trata-se de algo totalmente «novo», o corpo místico da igreja de Cristo, onde a sua própria natureza está sendo duplicada, onde a sua santidade está sendo reproduzida (ver Efé. 3:19; Col. 2:10). (Ver as notas expositivas sobre a «igreja», no décimo versículo deste capítulo, que saliente o «caráter sempar» de tudo isso, o que é amplamente ilustrativo do fato que o mistério transcende a meros «privilégios idênticos» para gentios e judeus, ainda que até mesmo esse aspecto fosse motivo de admiração nos dias de Paulo, sendo essa a razão pela qual ele tanto enfatizou a questão).

2. A igreja se tornou a própria habitação de Deus, no Espírito (tal como sucedera ao templo de Jerusalém), conforme o segundo capítulo desta epístola o demonstra; e esse é um dos aspectos não mencionados aqui, desse mistério.

3. Os crentes são «co-herdeiros», o que, neste passo bíblico, significa «gentios e judeus unidos», compartilhadores ambos das bênçãos prometidas. Contudo, não podemos olvidar que Paulo já havia demonstrado que essa «herança» também é recebida em parceria com Cristo (ver Efé. 1:14), pelo que sermos «co-herdeiros» com outros homens é, por semelhante modo, ser «co-herdeiro» do próprio Cristo, segundo aprendemos em Rom. 8:17. Meros «privilégios idênticos», entre gentios e judeus, dentro da comunidade de Israel, nunca foi ensino que antecipou isso. Isso expressa a distinção da igreja, em contraste com o judaísmo e os seus ensinamentos.

4. O fato de sermos co-participantes da promessa que há em Cristo Jesus, faz parte do mistério revelado na igreja. A «promessa», nesse caso, é a promessa da salvação, da vida eterna, da participação com Cristo em tudo quanto ele é e possui, o que é o próprio âmago da mensagem de Efé. 1:23. «Em Cristo» é a grande frase paulina que indica a comunhão mística com Cristo, o que é comentado em I Cor. 1:4. Essa expressão ocorre por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo, servindo de «nota chave» de seus pontos de vista teológicos, tão repetida ela é nesta epístola e em outros escritos desse apóstolo. Essa promessa vem (a) através de Cristo, como agente, em sua vida, missão e expiação, como sua causa e origem; e (b) mediante a comunhão espiritual com ele, mediante o que nos tornamos aptos para recebê-la, preparados para nos tornarmos seres elevados, transformados de acordo com a sua imagem, a fim de podermos habitar nos lugares celestiais juntamente com ele. Isso inclui a «promessa do Espírito», mas isso não está especificamente em foco aqui.

5. As palavras «*...por meio do evangelho...*» mostram-nos que o evangelho é que é o meio de conduzir-nos a Cristo, a fim de podermos receber as bênçãos aqui descritas. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «evangelho», ver Mat. 1:1 e Rom. 1:16).

«...membros do mesmo corpo...» No grego encontramos o termo «sunsoma», palavra essa encontrada somente aqui, em toda a literatura grega conhecida. Talvez o próprio Paulo tenha cunhado essa palavra, para servir aos seus propósitos. Expressa a íntima união dos membros no corpo, sua unidade, conforme também o faz a própria figura simbólica do corpo.

«*...co-participantes...*» No original grego, essa palavra é relativamente rara, de período posterior, mas não isolada a esta passagem. Ocorre novamente no sétimo versículo deste capítulo. (Ver também Josefo, «Guerras dos Judeus», i.24,6 e Justino, «Apol.» ii.13). Sua forma verbal aparece comumente nos escritos clássicos. (Eurípedes, Supp. 648; Platão, Theaet. 181 c). Indica a «participação mútua» em alguma coisa. A participação, mutuamente concretizada, é «a promessa» da vida nos lugares celestiais, a grande redenção e a restauração referidas no «mistério» que figura em Efé. 1:10.

Essas bênçãos ocorrem quando o «corpo único» reconhece a autoridade do Cabeça, em quem encontra sua força unificadora, compartilhando da sua natureza. Isso obviamente se refere ao período pré-cristão, e não à mera participação dos gentios, juntamente com os judeus, em seus privilégios. Trata-se de algo inteiramente novo, que incorpora as bênçãos do A.T., mas que em muito as excede. Trata-se do «mistério da igreja», brevemente descrita, em alguns dos seus aspectos, o que é amplamente comentado nas notas expositivas do terceiro versículo deste capítulo, o que serve de tema central de toda esta epístola.

«Notemos aqui nos vocábulos gregos uma «paranomásia» (jogo de palavras em face de termos de sons similares), que significam 'co-herdeiros', 'companheiros', 'sócios'». (Moffatt, *in loc.*).

«O alvo do cosmos inteiro será atingido quando o homem atingir o seu elevado destino espiritual». (Beare, *in loc.*).

7 οὗ ἐγενήθην διάκονος κατὰ τὴν δωρεὰν τῆς χάριτος τοῦ θεοῦ τῆς δοθείσης μοι κατὰ τὴν ἐνέργειαν τῆς δυνάμεως αὐτοῦ.[a] [a a] 7–8 *a* major, *a* minor: TR Bov Nes BF^2 AV RV ASV RSV (NEB) TT Zür Luth Jer (Seg) // *a* dash, *a* dash: WH

7 οὗ...δοθείσης μοι Col 1.23, 25

3:7: do qual fui feito ministro, segundo o dom da graça de Deus, que me foi dada conforme a operação do seu poder.

(Quanto a um paralelo deste versículo, ver Col. 1:23,25). O ministério de Paulo no evangelho (o que transparece nas palavras «...do qual...») não se originou em sua própria escolha. Ele não «selecionou a profissão do ministério». Antes, sua chamada e mensagem eram divinas. No segundo versículo deste capítulo ele chama o seu apostolado de uma «graça», e isso é paralelo de outras passagens bíblicas. Neste ponto, Paulo reconhece que ele, como mero homem, e sobretudo em face de haver perseguido à igreja, não podia descobrir qualquer razão, em si mesmo, pelo qual lhe fora dada a elevadíssima responsabilidade da missão de que foi encarregado. Portanto, ele atribuiu tudo à graça de Deus. Outrossim, seus sucessos naquele ministério, as habilidades de que precisava para obter êxito, também lhe foram conferidos pela graça divina. É verdade que Saulo de Tarso tinha muitas aptidões naturais, mas nenhuma delas poderia tê-lo levado a soerguer a igreja de Cristo, no mundo gentílico, quase sozinho. Em outros trechos bíblicos, Paulo reconhece tanto a grandeza de sua tarefa como a enorme dívida que ele tinha para com a graça de Deus, no tocante a seu ministério. (Comparar com I Cor. 15:9,10).

Paulo era o *último dos apóstolos*, não sendo digno de ser chamado tal, porquanto perseguira à igreja. Mas também trabalhara «mais abundantemente que todos eles», quanto mais em relação aos crentes médios de sua época. No entanto, não tinha motivos para jactar-se, pois era o que era pela «graça de Deus», e os seus labores apenas evidenciavam o fato de que a graça de Deus estava com ele. A graça de Deus supre um grande poder, a saber, aquele que operou na ressurreição de Cristo, como também em sua ascensão e glorificação, como igualmente no decurso de toda a sua vida (ver Efé. 1:19 e ss.), poder esse que agora opera também em nosso favor, realizando finalmente todos aqueles resultados. A missão de que cada um de nós foi encarregado, bem como o caráter da mesma, em «boas obras», faz parte do fato que os nossos seres são «feitura» de Deus, segundo lemos em Efé. 2:10. Portanto, a graça divina não somente está por detrás de tudo quanto é feito «em nosso favor», ao conduzir-nos a Cristo; mas também é *a base* de nossas «boas obras», a origem e o impulso para as mesmas, bem como o seu diretor. Cada homem é único dotado de uma missão sem igual (ver Apo. 2:17), e há um plano divino para cada vida. Esse plano leva-nos a receber certa missão ou missões, a fim de podermos vir a realizar aquela porção sem igual que ele está fazendo de nós. A graça divina, pois, está por detrás de tudo isso; não é fabricação ou mérito humano, embora requeira a cooperação humana. É nesse ponto que a natureza divina vem ao encontro da natureza humana, sem anulá-la, mas antes, usando-a sem destruí-la.

«*...o dom da graça...*» No dizer de Vincent (*in loc.*), está aqui em foco «O dom do que consistiu a graça de Deus, o apostolado entre os gentios». Nas palavras «...dom da graça...» encontramos o genitivo de «aposição», mui provavelmente, em que o dom é a própria graça conferida; e, se essa opinião está correta, então temos aqui a mesma idéia que no segundo versículo. Também é um dom que tem sua «origem» na graça, que opera «por meio dela». Mas a outra idéia ocupa a posição central, a despeito do que a própria palavra «graça», em conexão com nossas missões individuais, requer a idéia que a graça é a «fonte» de todos os nossos feitos de boa qualidade.

Notemos o acúmulo de expressões que demonstram o caráter divino da vocação e do ministério de Paulo: «dom», «graça», «dada», «força operante do seu poder». Paulo não reivindica para si mesmo qualquer crédito. Vemos, pois, que a graça divina é responsável pelos instrumentos usados na propagação do evangelho aos homens, bem como pela execução dos labores desses instrumentos e pela revelação do mistério total da vontade de Deus.

«A alteração que houve em Paulo, quando Deus fez dele apóstolo de Cristo entre os gentios, foi tão grande que ele via nisso nada menos que o resultado da onipotência divina». (Salmond, *in loc.*). «Somente a onipotência poderia converter o perseguidor no grande ministro» (Faucett, *in loc.*).

«As palavras 'do seu poder' dão proeminência ao poder de Deus, lançando a pessoa de Paulo em segundo plano; no entanto, relembra o fato, conforme ele mesmo faz, no oitavo versículo, que foi precisamente o perseguidor que se tornara apóstolo, o fariseu orgulhoso e de mente fechada que se transformou no mais expansivo e humilde servo do evangelho entre o gentios». (Stier, *in loc.*).

«Não pergunteis pelo que mereço; pois, no livre-exercício da bondade, o Senhor fez de mim apóstolo dos gentios, não por causa de alguma excelência em mim mesmo, e, sim, por sua própria graça. Não pergunteis o que fui antes; pois é prerrogativa do Senhor exaltar aos humildes (ver Luc. 1:52). A produção de alguma coisa, tirada do nada, mostra a eficácia do seu poder». (Calvino, *in loc.*).

«...não segundo a sua capacidade natural, sua educação liberal ou sua erudição adquirida; mas segundo um dom, um dom ministerial que lhe foi outorgado, para tal serviço». (John Gill, *in loc.*).

E não há ocupação ou emprego que um jovem, seguindo,
não se torne um herói,
E não há objeto tão suave que não se torne o eixo
de todo o universo em redor.
(Walt Whitman).

8 ἐμοὶ τῷ ἐλαχιστοτέρῳ πάντων ἁγίων ἐδόθη ἡ χάρις αὕτη,[a] τοῖς ἔθνεσιν εὐαγγελίσασθαι τὸ ἀνεξιχνίαστον πλοῦτος τοῦ Χριστοῦ,

8 ἐμοὶ... χάρις αὕτη 1 Cor 15.9–10 τοῖς ἔθνεσιν εὐαγγελίσασθαι Ga 1.16 τὸ...Χριστοῦ Eph 1.7

8 αγιων] *om* $\mathfrak{p}^{46}$ | τοις εθν.] *praem* εν **DG** *pl* ς

3:8: A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios as riquezas inescrutáveis de Cristo,

As palavras «...*o menor de todos os santos*...», na opinião de alguns intérpretes, seria uma demonstração por demais severa de autodepreciação para ter sido escrita pelo próprio Paulo; e isso, na opinião de alguns, confirma que Paulo não foi o autor desta epístola. Porém, o argumento é deficiente, pois evidências nesse sentido podem ser vistas noutros trechos. (Comparar com I Cor. 15:9, que diz: «...eu sou o menor dos apóstolos...» e «...não sou digno de ser chamado apóstolo...»). E ao comparar-se com os falsos apóstolos, Paulo asseverou não perder para nenhum deles em grandeza, o que talvez tenha dito por ironia; não obstante, reconheceu que o fato de ser maior que eles, nada era (ver II Cor. 12:11). (Ver todas essas referências acerca de notas expositivas sobre a questão).

Paulo jamais se olvidou de sua carreira anterior, como perseguidor, quando cometeu crimes sérios e brutais contra a igreja de Cristo. Assim sendo, ele só podia atribuir à «graça» divina o fato que passara por grande transformação que fizera dele o apóstolo dos gentios. (Ver o trecho de 1 Tim. 1:12-14, que enfatiza esses temas). A passagem de Col. 1:25-27 é reputada como a base do presente versículo, bem como do que se segue, por ser reafirmação do que é dito ali com maior amplitude.

«...*o menor*...» Uma forma grega estranha foi utilizada aqui, embora já tenham sido encontradas muitas instâncias desse uso. A forma comparativa é formada com base no superlativo, o que poderia ser tentativamente traduzido por «mais mínimo» de todos os santos. Mas o sentido é o simples superlativo, «o menor».

«...*graça*...» Quiçá, tal como nos versículos segundo e sétimo desde capítulo, isso enfoca o «ofício do apostolado», dado mediante a graça divina, doação essa que é chamada pelo termo «graça».

«...*pregar aos gentios*...» O «ofício» de Paulo ditava que ele evangelizasse aos gentios, porquanto foi instrumento especial nas mãos de Deus, para essa finalidade. (Quanto a esse fato, ver Gál. 2:7-9. As notas expositivas ali existentes desenvolvem esse tema. Ver também I Tim. 2:7, que lhe é paralelo. Outros trechos bíblicos que se referem à comissão de Paulo de pregar o evangelho entre os gentios são Gál. 1:6; Atos 9:15; 22:21 e 26:17).

«...*insondáveis*...» Esse termo é usado apenas aqui e em Rom. 11:33 (em forma adjetivada, e onde é amplamente comentada). Não significa «inacessível», e, sim, algo vasto demais para ser descrito ou medido. O próprio termo indica as idéias de «inacompanhável», «inexplorável». Assim, as «riquezas de Cristo» não admitem exploração e descrição definida. Podemos sentir intuitivamente sua vastidão, e podemos tentar descrevê-las. Mas o tema é por demais profundo, que ultrapassa de tal modo a imaginação humana que não admite descrições que possamos considerar completas. E assim as palavras de João 1:16 nos são trazidas à mente: «...todos nós temos recebido da sua plenitude, e graça sobre graça». O termo grego aqui usado é «exichniazo», «acompanhar», formado de «ek», «para fora», e «icnos», «vereda». Na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã), essa palavra aparece em Jó 5:9 e 9:10, de onde talvez tenha tomado por empréstimo a idéia. As obras de Deus, portanto, são «insondáveis» e «maravilhosas». Deus faz grandes coisas, que «não podemos acompanhar».

«...*riquezas de Cristo*...» Estão aqui em foco as «bênçãos celestiais» (ver Efé. 1:3), que são descritas por toda esta epístola: nossa participação na morte, na vida, na ressurreição, na ascensão e na glorificação de Cristo; o fato de sermos a plenitude daquele que preenche a tudo em todos (ver Efé. 1:23); o fato de termos sido ressuscitados juntamente com ele para os lugares celestiais (ver Efé. 2:6); o fato de termos sido postos dentro da grande unidade espiritual que se centraliza em Cristo (ver Efé.1:10 e 3:3); o fato de servirmos de habitação de Deus no Espírito (ver Efé. 2:21,22); o fato de estarmos envolvidos no mistério da igreja (ver Efé. 3:3); o fato que participamos da natureza de Cristo no sentido mais literal possível, bem como em sua herança (ver Efé. 1:23; Rom. 8:29). Esses temas sugerem um tesouro inexaurível de bênçãos espirituais, e tudo contido na pessoa de Jesus Cristo. «Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos. A profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!» (Rom. 11:32,33). Por conseguinte, os caminhos de Deus não podem ser acompanhados por nós, de acordo com o significado do termo grego aqui utilizado.

«Isso nos sugere um grande depósito ou tesouro de graça divina, que ultrapassa a todo esforço da imaginação, de tal modo que por mais que penetremos em seus salões e corredores, que nos fornecem vistas intermináveis, mais ainda resta, além de nossa capacidade de apreensão ou visão. Mas, à medida que essa visão se amplia, os tesouros ilimitados que se desdobram ante nós são sempre as 'riquezas de Cristo'. E o próprio Cristo é o tesouro, pois '...todos nós temos recebido da sua plenitude, e graça sobre graça' (João 1:16)». (Beare, *in loc.*).

«Por qual motivo Paulo e não qualquer dos outros apóstolos, tornou-se o grande apóstolo dos gentios? Seu poder de expor as 'insondáveis riquezas de Cristo', pelo menos em parte, se devia ao fato que sua conversão fora tão dramática. É como se um dos principais perseguidores de evangélicos de nosso século eivado de martírios—um membro da Gestapo de Hitler, por exemplo, houvesse sido transformado no mais agressivo missionário da igreja...Se a experiência de conversão fosse genuína, a jactância própria se faria ausente. De fato, cada crente, lá no íntimo, é um Saulo que foi transformado em um Paulo. Cada verdadeiro ministro do evangelho, leigo ou consagrado, pode confessar: 'Fui feito ministro segundo o dom da graça de Deus, que se me tornou eficaz por meio de seu poder'. Coisa alguma pode substituir o testemunho pessoal sobre a maravilha do evangelho. O evangelismo não consiste do ensino de verdades abstratas, como a matemática. Mas é uma confissão pessoal do que aconteceu a homens e mulheres reais. Até mesmo o testemunho da autobiografia pode ser inteiramente humilde». (Wedel, *in loc.*).

«Não se trata de uma declaração hipócrita. A maioria dos homens está sempre pronta a fazer profissões de fingida humildade, mas suas mentes impam de orgulho, a despeito de usarem de palavras nas quais se reconhecem inferiores a todos, ao mesmo tempo que desejam ser tidos na mais alta estima, julgando-se com o direito a altas honrarias. Mas Paulo foi perfeitamente sincero ao admitir a sua falta de valor; sim, em outras oportunidades ele se refere a si mesmo em linguagem ainda mais degradante. 'Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus' (I Cor. 15:9). 'Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal' (I Tim. 1:15)». (Calvino, *in loc.*).

Agradecemos-te pela vida, aquele dom misterioso,
Quão estranho, quão indefinível, quão doce!
Fomos criados e revivificados por ti,
Repletos de tão maravilhosos poderes.

Agradecemos-te pelo amor, aquele mais admirável dom,
Que nos dá amizades e companhias queridas;
Por todo o aprazimento e prazer que nos outorgam,
Pelo lar com sua alegria e o seu ânimo.

Agradecemos-te por Ele, 'teu dom inefável',
Sem o qual todos os outros são vãos,
Por Jesus, nossa luz, nossa salvação, nosso tudo,
Nossa esperança até que ele venha outra vez,

Quão grande são tua compaixão, bondade e amor
Para conosco, ó nosso Deus e nosso Rei!
De tudo quanto tens feito em prol dos filhos dos homens,
Nossas vozes poderiam para sempre cantar.

(T.O. Chisholm)

«...*santos*...» termo aplicado a todos os crentes. (Ver as notas expositivas a respeito em Rom. 1:7).

9 καὶ φωτίσαι [πάντας][1] τίς ἡ οἰκονομία τοῦ μυστηρίου τοῦ ἀποκεκρυμμένου ἀπὸ τῶν αἰώνων ἐν τῷ θεῷ τῷ τὰ πάντα κτίσαντι,

[1] 9 {D} φωτίσαι πάντας $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ^{c} B C D G K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{ar,c,d,dem,e,f,g,x,z} vg syr^{p,h} cop^{sa,bo} goth arm Marcion Tertullian Adamantius Ambrosiaster$^{1/2}$ Victorinus-Rome Didymus Chrysostom Cyril$^{1/2}$ Euthalius // φωτίσαι ℵ* A 1739 1881 Origen Ambrosiaster$^{1/2}$ Hilary Jerome Augustine Cyril$^{1/2}$

9 τίς...θεῷ Ro 16.25; Col 1.26 | κτισαντι] *add* δια Ιησου Χριστου **KL** *pl* ς

Vários importantes testemunhos dizem apenas φωτίσαι (ℵ* A 424 (c) 1739 1881 Orígenes Ambrosiastro 1/2 Hilário Jerônimo *al*). É difícil decidir se πάντας foi omitida, ou por acidente ou intencionalmente (como algo não congruente com τοῖς ἔθνεσιν, vs. 8), ou se foi inserida porque o verbo φωτίσαι parece requerer um acusativo expresso (o que é usual no resto do N.T.). Porém, já que não há outras variantes (tal como αὐτούς *et sim.*) como seria de esperar, se πάντας não fosse a forma original, a maioria da comissão preferiu reter a palavra, com base na autoridade de $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ^{c} B C D G K P Ψ 33 81 614 *Byz Lect* it vg sir (p,h) cop (sa,bo) gôt ara *al*, mas deixá-la entre colchetes, indicando certa dúvida quanto a seu direito de permanecer no texto.

O Textus Receptus, seguindo meramente 31 (mg) e alguns poucos outros manuscritos minúsculos, substitui οἰκονομία pela glosa interpretativa κοινωνία (daí a palavra "comunhão", na AV). A verdadeira forma é apoiada por *P* (46), por todos os manuscritos unciais conhecidos, por quase todos os minúsculos, por todas as versões conhecidas e pelas citações patrísticas.

O Textus Receptus, seguindo D (c) K L P muitos minúsculos sir (h) com* *al*, adiciona διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ. Já que não há razão por que, se as palavras fossem originais, teriam sido omitidas, a comissão preferiu apenas κτίσαντι, que é decisivamente apoiada por *P* (46) ℵ A B C D* F G P 33 1319 1611 2127 maioria das versões e citações patrísticas antigas.

3:9: e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou,

«...*dispensação do mistério...*» (Quanto à palavra «dispensação», em notas expositivas, ver Efé. 1:10. Ver igualmente Efé. 3:2). No trecho de Efé. 1:10, porém, esse vocábulo tem o significado de «ordem social» ou *governo*, o que caracterizará o estado eterno, quando o Senhor Jesus tornar-se o cabeça de todas as coisas. Já no segundo versículo deste mesmo capítulo, essa palavra assume o sentido de «mordomia», uma alusão direta ao ofício apostólico de Paulo. Neste ponto parece significar o «plano» do mistério, a saber, o caráter que esse mistério tomará, o seu «arranjo» ou «administração», como também as condições que produzirão tal estado de coisas. Tais significações, porém, não diferem grandemente da do trecho de Efé. 1:10, posto que esse «plano» provocará a inauguração da «ordem social da eternidade». (Quanto a notas expositivas gerais sobre a idéia de «mistério», ver os trechos de Rom. 11:25 e Mat. 13:13, onde os vários mistérios neotestamentários são alistados e discutidos. Quanto ao «mistério da vontade de Deus», que é focalizado tanto aqui como em Efé. 1:10, e acerca do «mistério da igreja», que é especialmente focalizado aqui, como aquela porção do mistério geral que se aplica aos remidos, ver Efé. 3:3).

Há um grande «plano» ou *arranjo* que o mistério trará, uma nova «ordem social», uma «ordem e governo divinos», dentro do que todas as coisas serão restauradas, formando uma grande unidade em torno de Cristo, que será o centro e o Cabeça de tudo. Isso era o que o apóstolo Paulo queria mostrar a seus leitores.

«...*manifestar...*», literalmente traduzida, diria «fazer todos verem», ou «iluminar todos os homens». Ora, esse é o alvo supremo do ministério do ensino. É de estranhar que o alvo atribuído por Paulo à igreja, que é o de «demonstrar esse grande mistério», que é o de «iluminar aos homens», a fim de que possam os homens compreender o impacto desse mistério, dentro da existência e dos alvos humanos, se faça tão completamente ausente no seio da igreja moderna, que tem reduzido tão imenso evangelho aos meros aspectos iniciais do perdão dos pecados e da futura mudança de endereço para os céus. Pois há algo maior do que isso, ainda que essas verdades iniciais sejam necessárias, naturalmente. Por exemplo, há aquele magnificente plano de Deus, mediante o qual tudo será restaurado em Cristo, tanto as coisas nos céus como as coisas à face da terra, e como as coisas debaixo da terra, tanto as coisas humanas como as super-humanas, quando então a igreja de Cristo se tornará a sua «plenitude», ao passo que o próprio Cristo será «tudo para todos». (Ver Efé. 1:23).

Variante Textual: Alguns manuscritos dizem «...e manifestar...», sem o objeto, «todos» (os homens). Assim dizem os mss Aleph, A e 1739, além dos escritos de Agostinho. Mas os mss P(46), BCDG, a maioria dos manuscritos latinos posteriores e as versões siríacas, além dos escritos de Márciom, pai da igreja, contém a adição «todos». Isso serve de prova suficiente em favor dessa inclusão, embora usualmente a forma mais abreviada seja a correta. Todavia, «pantas» poderia ser uma glosa explicativa. Seja como for, a iluminação visa os «homens», sendo esse o objetivo do ministério de Paulo, «todos os homens», conforme o vocábulo grego «pantas» bem o indica. Assim, pois, com ou sem a adição dessa palavra, o sentido da frase é o mesmo.

«...*oculto em Deus...*» Paulo repete o fato que o tema desse mistério é algo novo e sem-par, uma revelação superior. (Ver o quinto versículo deste capítulo, onde aparece igual ênfase). O «mistério», portanto, é uma profunda verdade divina, antes «oculta» (conforme é dito aqui), mas agora revelada. Por conseguinte, tornou-se um «segredo aberto».

As palavras «...*em Deus...*» assinalam a «esfera» de sua anterior reclusão. Sempre esteve na mente e no plano divinos, mas só veio a ser conhecido esse mistério através de Jesus Cristo e seu Espírito, ao chegar o tempo certo. (Comparar com Efé. 1:9). Estão em foco os conselhos de Deus, a sabedoria divina, mas que nenhum ser criado conhecia ainda. Até mesmo os seres angelicais super-humanos estão agora aprendendo algo desse plano, observando a igreja, conforme lemos no décimo versículo deste capítulo. Mas o propósito eterno esteve sempre centralizado em Cristo Jesus, nosso Senhor, conforme nos mostra o décimo primeiro versículo.

«A revelação desvenda o propósito de Deus. Uma vez que esse propósito seja visto, a chave do mistério da existência abre a porta. Somente através da revelação é que a história pode encontrar significado. Sem a revelação, a história é deixada ao acaso, ou, quando muito, a uma lei inexorável de causas e efeitos. Assim, a história se transforma no 'karma' hindu, ou na 'reiteração eterna' e sem sentido, postulada pela filosofia grega.

O autor sagrado repetidamente expressa o júbilo dos cristãos primitivos, ao perceberem o majestoso propósito de Deus na história. A revelação do propósito divino deu sentido a tudo. A vida pode ser trágica, mas agora não é mais uma 'condenação duvidosa'...Agora, finalmente, podiam discernir, como que num relâmpago de luz sobrenatural, um padrão nas modificações e mudanças de anos anteriores incompreensíveis...sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Pois aqueles que conheceu de antemão, também predestinou para serem conformados segundo a imagem do seu Filho. (Ver Rom. 8:28,29)». (Wedel, *in loc.*).

Isso reitera a idéia expressa no trecho de Efé. 2:10, onde se lê: «...Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras...» A criação original, que teve tanto um aspecto físico como um aspecto espiritual, teve lugar para que uma criação maior ainda dali emergisse, de natureza espiritual elevada. Portanto, neste ponto Deus é mencionado como o criador, em conexão com a «grande concretização eterna da unidade e da restauração de tudo» (que é o tema do mistério). A criação original, por conseguinte, foi um passo tendente à concretização daquela futura criação superior, que caracterizará a eternidade. (Ver outras notas expositivas acerca desse conceito, em Efé. 2:10). Essa expressão nos fornece o elo de ligação entre a criação e a eventual vida eterna, que é o seu alvo. Devemos observar que a «vida», segundo os termos do N.T., não consiste de mera existência. (Ver as notas expositivas sobre I Cor. 8:6, acerca desse conceito). Antes, a «vida eterna» é uma «modalidade de vida», a saber, a vida de Cristo, que é a vida do próprio Deus Pai, a autêntica imortalidade, conferida aos remidos. Trata-se da vida necessária e independente de Deus, a vida que não pode deixar de existir e que não depende de qualquer outra para sua continuação. (Esse conceito é comentado nos trechos de João 5:25,26 e 6:57).

Variante Textual: As palavras «...*por Jesus Cristo...*», referindo-se à criação divina, são uma adição que aparece nos mss D(3)EKL, sendo seguidas pela tradução inglesa KJ (dentre as catorze traduções, nove em inglês e cinco em português—usadas neste comentário para efeito de comparação. Ver sua lista entre as abreviações gerais, na introdução ao comentário). Todavia, tais palavras são omitidas pelos manuscritos verdadeiramente antigos, como P(46), Aleph, ABCD(1)FGP e pelos escritos de Márciom, pai da igreja. Muitos lugares confirmam que Cristo Jesus é o criador, onde tal declaração é autêntica. Entretanto, a adição dessas palavras, neste ponto, consistem de uma glosa escribal, a fim de acrescentar tal pensamento, ou com base na pura memória ou com base em passagens como Efé. 2:10; João 1:3,10 ou Heb. 1:2

«...*desde os séculos...*» Literalmente, teríamos «desde os aeons», palavra esta última usada em sentido pessoal para indicar os seres angelicais (comparar com I Cor. 2:7,8). Esses «aeons» são os «principados e poderes» do décimo versículo deste capítulo, aqueles poderes que governam nos lugares celestiais (de natureza boa ou má, segundo o contexto). O presente versículo, pois, pode significar que «o mistério de Deus estava oculto deles», e isso (conforme nos mostra o décimo versículo) significa exatamente tal coisa, sem importar se a palavra *aeons* deve ou não ser compreendida em sentido pessoal.

A maioria dos intérpretes, contudo, pensa que esse termo se refere aos vastos ciclos das «eras». Nesse caso, a expressão seria equivalente a «desde a eternidade passada o mistério estava oculto», encerrado na mente de Deus. E é possível que a posição desses intérpretes seja a correta, embora a outra opinião também expresse uma verdade. Tal expressão ocorre somente aqui e em Col. 1:26, mas a forma singular, «ek tou aionos» (desde a era) e «era» se encontram, na primeira forma em Luc. 1:70 e Atos 3:21, e na segunda forma em João 9:31. Ver «antes dos séculos», em II Cor. 2:7. Comparar com «desde a fundação do mundo (ou eras)», em Heb. 4:3 e Apo. 13:8. E comparar com «antes da fundação do mundo» (ou eras), em João 17:24 e I Ped. 1:20, cujo sentido é similar, ainda que não exatamente idêntico. Todas essas expressões apontam para os recessos remotos da eternidade passada.

«...*que criou todas as cousas...*»

1. No sentido físico. Pois ele é o Alfa.

2. No sentido espiritual. Pois ele é o Ômega. (Ver as notas em I Cor. 8:6 quanto a ambos esses conceitos). A criação física foi criada a fim de que, dela, emergisse a criação espiritual. (Ver os comentários sobre isso em João 1:4).

3. A menção à criação divina, neste ponto, dá-nos a entender o seu poder. Por conseguinte, o seu propósito terá de ser cumprido, o seu mistério terá de concretizar-se. Ele tem o poder para pôr isso em execução.

Variante Textual: Ao invés da palavra «...*dispensação...*», alguns manuscritos, como 37(mg) e alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores, dizem «comunhão». A tradução inglesa KJ segue essa variante. Mas a grande massa de manuscritos gregos e de versões diz «dispensação», que é uma variedade de traduções como «plano», «arranjo», «ordem». Provavelmente essa variante surgiu como explicação escribal, sabendo ele que uma «comunhão» determinada está envolvida na concretização do mistério que consiste da unidade de todas as coisas em Cristo.

Abaixo oferecemos o sumário do ministério apostólico entre os povos gentílicos, dividido em cinco pontos:

1. A iluminação dos homens acerca da natureza geral do plano da vontade de Deus, antes oculto em seus conselhos eternos, mas agora revelado por meio do evangelho.

2. Assim os homens podem perceber o elevadíssimo destino das almas humanas redimidas. Isso deveria servir de tremenda influência sobre a vida do crente. Conta-se um fato sobre Brigham Young, o primeiro líder dos mórmons, que ao planejar o estabelecimento de cidades no estado de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte, exigiu ele que seus seguidores se mantivessem em pequenos grupos, nunca se permitindo crescer até grandes proporções. A razão que ele apresentava para isso era a sua convicção que há certo poder da opinião pública, nas cidades pequenas, que controlam a moralidade, o crime e as atitudes para com as relações sociais que não existe nas cidades maiores. E isso é uma verdade, conforme a experiência o demonstra. Muito mais ainda a «influência mútua» deveria ser um fator entre aqueles que compartilham do mesmo destino celestial, os quais compõem a família de Deus! Porém, somente o toque autêntico do Espírito Santo pode fazer disso uma realidade entre nós, porquanto é o Espírito do Senhor que testifica, em nossos corações, que somos filhos do Pai celeste. (Ver Rom. 8:16). «O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus».

3. Assim os homens percebem a majestade de Cristo, o Cabeça da igreja, o qual é o Cabeça de toda a criação. Tudo quanto não tem por centro a pessoa de Cristo é perecível. Sabendo que Cristo é o alvo eventual de todas

as coisas, e que estar centralizado em Cristo significa possuir a vida eterna, com a preservação de todos os valores verdadeiros, agora deveríamos ansiar por ter vidas centralizadas diariamente em Cristo.

4. Assim os homens percebem o interesse de Deus pelo mundo; pois estes versículos, tal como a inteireza do N.T., refutam a idéia do «deísmo», aquela opinião que diz que Deus ou um deus qualquer criou tudo, ou mesmo que forças cósmicas criaram os universos, mas, em seguida, os abandonaram. Dessa maneira Deus fica divorciado de toda a sua criação, não tendo interesse por ela e nem entrando em contacto com a mesma. Por outro lado, tudo seria governado por leis naturais. Porém, em violento contraste com isso, o N.T. ensina-nos o «teísmo», que é a idéia que Deus criou e mantém contacto com a sua criação, recompensando e punindo as suas criaturas morais, controlando tudo e garantindo o bem eventual. O gnosticismo, com sua idéia da existência de muitos poderes intermediários entre Deus e o homem, já que os gnósticos consideravam Deus por demais exaltado para manter qualquer contacto com a matéria crassa, eram defensores do deísmo. Assim o gnosticismo é refutado diretamente nas epístolas aos Colossenses e aos Efésios. (Ver as notas expositivas sobre os «gnósticos», em Col. 2:18. Quanto a uma nota geral sobre as muitas idéias filosóficas e teológicas sobre «a natureza e as manifestações de Deus», ver Atos 17:27).

5. Assim os remidos tomam conhecimento da sua *comunhão* nesse mistério da restauração, quando formarão o «espírito de família», quando houver perene bem-estar, quando se instaurar aquela grandiosa esperança que para nós é futura mas que faz parte inerente desse ensino, a fim de não nos entristecermos como os demais, que não têm esperança. Portanto, cada crente legítimo pode dizer: «Nunca vi a Cristo e nem ouvi a sua voz, mas tenho constante consciência de sua pessoa. Meu último pensamento, à noite, volta-se para ele; meu espírito com freqüência comunga com ele durante o silêncio noturno, e também sinto seu cenho e desaprovação, quando minha alma não se mostra reta. Se alguém queira perguntar como sei que ele vive. Respondo: Ele vive em meu coração». Sim, já uma *comunhão* com Cristo que o ministério apostólico, mas também todo outro ministério conferido por Cristo, o pastoral, o profético e o evangelístico, tem por intuito revelar aos homens. Essa comunhão se vai aprofundando cada vez mais, à medida em que nos vamos aproximando do Senhor, mediante a busca diária, e maior se tornará ainda quando pudermos contemplá-lo face a face.

Tenho visto a glória do sol nascente,
O ocidente carmezim quando o dia se vai,
Em todo o mundo não encontro tanta beleza
Como a do amor no rosto do Salvador.
(A.H. Ackley).

O mais admirável é que essa comunhão se verifica na presente condição dos crentes, produzindo comunhão entre eles; e quanto mais se assemelham eles a Cristo, tanto mais forte será essa comunhão. As divisões e querelas no seio da igreja servem de evidências que ainda pouco conhecemos sobre a verdadeira comunhão com Cristo. Muitos dos que conheciamos neste mundo, foram-se antes de nós e entraram nos lugares celestiais. Sabedores disso, nossas mentes e corações são aproximados do lar celeste, e isso aprofunda nosso senso de comunhão que é algo inerente ao mistério sobre o qual comentamos.

10 *ἵνα γνωρισθῇ νῦν ταῖς ἀρχαῖς καὶ ταῖς ἐξουσίαις ἐν τοῖς ἐπουρανίοις διὰ τῆς ἐκκλησίας ἡ πολυποίκιλος σοφία τοῦ θεοῦ,*

10 γνωρισθῇ...θεοῦ 1 Pe 1.12 ἡ...θεοῦ Ro 11.33

3:10: para que agora a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada, por meio da igreja, aos principados e potestades nas regiões celestes,

Neste ponto apresentamos a nota geral sobre a igreja. Ver as notas expositivas em Efé. 2:22, onde é feito o «elogio à igreja», de autoria de Adam Clarke, em comentário digno de ser lido. Estas notas gerais estão divididas nos pontos seguintes: 1. Sentido e usos da palavra «igreja». 2. Conceitos da «igreja» dentro do cristianismo histórico. 3. A igreja primitiva. 4. A natureza da igreja. 5. O ministério da igreja. 6. O destino da igreja.

1. *Sentido e usos da palavra igreja:*

a. O vocábulo grego «ekklesia» significa, basicamente, «os chamados para fora», dando a entender um grupo distinto, selecionado e tirado para fora de algo. É verdade que essa palavra nem sempre se refere a um grupo religioso, pois no grego clássico era empregada para indicar «assembléia», «reunião convocada pelo arauto», «assembléia legislativa». Em Atenas, essas assembléias governantes eram eleitas pelos seus concidadãos por determinado período de tempo. Portanto, a «assembléia» pode ser legislativa, política, social ou religiosa. (Ver Josefo, Antiq. 12,164; 19;332 e Atos 19:39).

b. Tal palavra pode significar apenas «reunião», «ajuntamento». (Ver I Macabeus 3:13; Atos 19:32,40).

c. Referia-se à congregação judaica, especialmente quando reunida com finalidades religiosas, para observância dos ritos religiosos. (Ver Deut. 31:30; Juí. 20:2; Josefo, *Antiq.* 4.309 e Atos 7:38).

d. É usada para indicar a igreja cristã, um culto cristão, mas nunca o mero edifício das reuniões ou templo. (Ver I Cor. 11:18; 14:4,9,28,35).

e. A «congregação» considerada como a totalidade dos crentes que vivem em um determinado lugar, uma igreja local, que nos primeiros tempos se reunia em moradias comuns. (Ver Mat. 18:17; Atos 5:11; I Cor. 4:17; Rom. 16:5 e I Cor. 16:19).

f. A igreja universal, mística, composta de todos os crentes de todos os tempos e de todos os lugares, os quais aceitam Cristo como cabeça. Essa igreja é considerada como um organismo espiritual que tem Cristo por centro; e a união mística da igreja com Cristo se dá através do seu Espírito, e não devido a alguma organização. Portanto, transcende a denominações evangélicas, que defendem determinadas crenças ou governos eclesiásticos. (Ver Mat. 16:18; Atos 9:31; I Cor. 6:4; Efé. 1:22; 3:10,21; 5:23 e ss.; 5:27,29,32; Col. 1:18,24; Fil. 3:6; I Tim. 5:16). Quando está em foco a «igreja universal», são utilizadas expressões como «a igreja de Deus» ou «a igreja de Cristo». (Ver I Cor. 1:2; 10:32; 11:16,22; 15:9; II Cor. 1:1; Gál. 1:13 quanto à expressão «igreja de Deus»; e Rom. 16:16 e I Tes. 1:1 quanto à expressão «igreja de Cristo». Outros nomes empregados são «igreja dos santos» (ver I Cor. 14:33); «igreja dos primogênitos» (ver Heb. 12:23); e «igreja primeira e espiritual» (ver II Clemente 14:1). O vocábulo grego figura nas páginas do N.T. por cento e quinze vezes.

2. *Conceitos da igreja dentro do cristianismo histórico*: A idéia da igreja, dentro do cristianismo histórico, tem sido modificada por considerações que envolvem essencialmente três fatores: a. A natureza e a função da comunidade religiosa; b. A natureza e a função da igreja como instituição; e c. A relação entre a instituição e a comunidade geral:

a. *A natureza e a função da comunidade religiosa:* Na igreja mais primitiva, após a ressurreição de Jesus Cristo, a igreja era reputada como, antes de tudo, um povo escolhido de Deus, uma entidade que viera substituir a posição da apóstata nação de Israel, que havia rejeitado o Messias. Nos territórios judaicos, entretanto, não havia clara linha de demarcação entre a igreja cristã e a sinagoga judaica; por isso mesmo, os primitivos cristãos continuaram a adorar no templo de Jerusalém e a observar os seus ritos, até à destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C. Foi esse evento que produziu clara separação entre a igreja e a instituição religiosa judaica, naqueles territórios, embora tal distinção desde há algum tempo viesse sendo observada nos territórios por onde se espalhara a missão evangelizadora entre os gentios. (Quanto ao caráter judaico da «igreja primitiva, ver as notas expositivas sobre Atos 2:46 e 3:1). Ninguém se tornava membro da comunidade cristã como algo formal, através da aceitação de um credo ou mediante admissão formal, e, sim, através da livre associação com outros crentes, que também se tinham tornado discípulos de Cristo mediante conversão e profissão cristã. A igreja cristã primitiva gradualmente percebeu sua significação universal e até mesmo cósmica, ultrapassando o provincialismo que caracterizava o judaísmo. O conceito da igreja como entidade formada por um povo universal, vinculado mediante a união mística com Cristo, tornou-se especialmente forte pouco mais adiante, no seio de algumas seitas medievais, em algumas ordens monásticas, bem como no período da reforma protestante, e, mais tarde, entre os anabatistas. Essa foi uma importante ênfase dada pela maioria dos movimentos reformadores, a começar por Wycliff.

b. *A natureza e a função da igreja como instituição.* O reconhecimento da autoridade dos apóstolos e ministros da Palavra, desde o princípio, deu à igreja uma espécie de caráter institucional frouxo. (Ver Mat. 16:18 e ss.). Após a destruição de Jerusalém, a comunidade religiosa cristã procurou substituir a «autoridade» que antes estivera investida no templo e no sumo sacerdote judaicos, além das Escrituras do A.T. Os «apóstolos» gradualmente assumiram essa posição, posto que de maneira mais relaxada; e então se desenvolveu gradualmente o «cânon» do N.T., a seleção de escritos de primitivos cristãos bem conhecidos. Não foi senão já durante a cristianização do império romano, quando do surgimento de um clero formal e oficial, bem como quando do desenvolvimento da importância exagerada conferida a ritos e cerimônias, que a igreja se tornou uma autêntica instituição. Cipriano (258 D.C.) sistematizou esses conceitos e práticas em desenvolvimento. Para ele, a igreja era essencialmente uma instituição salvadora, centralizada em torno da autoridade dos bispos ou pastores, a quem considerava «sucessores» dos apóstolos e «despenseiros de Deus».

Já na igreja Católica Romana da era medieval, a palavra «igreja» passou a significar, essencialmente, a instituição hierárquica que serve de mediadora da graça e das bênçãos divinas, através dos «sacramentos». A grande fortaleza dessa instituição encontrou seu lugar no desenvolvimento do papado. A reforma protestante na realidade não rejeitou esse conceito da igreja, mas meramente desafiou a sua organização sacerdotal, conferindo aos crentes comuns muitas das funções daquela, tendo rejeitado totalmente a autoridade do papa, que os romanistas consideram suprema. A reforma protestante, pois, reenfatizou a função da igreja, que consiste da prédica do evangelho, tendo dado um papel subordinado aos sacramentos, sobretudo no seio das igrejas que ficaram sob a influência de Calvino. Mais tarde, nas áreas protestantes, a igreja passou a ser reputada como «escola para ensinar a correta doutrina», o que obscureceu a missão evangelística, tendo sido a igreja transformada em uma escola. Porém, quando do reavivamento do evangelismo nos séculos XVIII e XIX, o que continuou ainda com maior intensidade no nosso século XX, foi firmemente reestabelecida a igreja como «entidade que prega o evangelho», como uma «comunidade evangelística», e a ênfase original da reforma protestante foi ainda mais fortemente confirmada.

c. *A relação entre a instituição da igreja e a comunidade geral*: A ênfase original nesse sentido, primitivamente, era «No mundo, mas não parte dele». Porém, quando do desenvolvimento eclesiástico da igreja, vários outros pontos de vista foram surgindo. Agostinho subordinava o estado à igreja, fazendo desta mestra do estado, não apenas nas questões religiosas, mas até nas questões políticas. Assim teve início o conflito entre igreja e estado, como uma «doutrina oficial», embora Constantino já tivesse lançado o alicerce para tanto, tornando o cristianismo a religião oficial do império romano.

A reforma protestante a princípio rejeitou a idéia da união entre o estado e a igreja, principalmente como meio de escapar à punição das autoridades civis por motivo de crenças religiosas. Calvino foi exceção a essa regra, pois mantinha ele, na forma mais rígida, a combinação dessas duas instituições. A liberalização moderna da doutrina e da prática moral tem tendido por destruir a natureza distintiva da igreja, negando virtualmente que a igreja seja uma comunidade de indivíduos regenerados, transformando-a em apenas mais um lugar onde os homens vão ouvir dissertações morais ou religiosas, mas que não prega e nem busca a conversão moral e espiritual, com a conseqüente salvação da alma. A ênfase dada a «questões sociais» também tem tendido por destruir o caráter original da igreja, como lugar onde os homens pensam acerca do destino de suas almas eternas. Por outro lado, algumas denominações e igrejas locais não possuem qualquer senso de obrigação social, e, por causa disso, se têm tornado obsoletas em um mundo que muito necessita de boa influência espiritual. Pois se raciocina, e corretamente, que se uma igreja não tem aplicação social, e nem enfrenta grandes questões sociais, difícilmente pode ter qualquer resposta verdadeira para o homem contemporâneo. A igreja precisa encontrar o meio-termo entre o interesse individual e o interesse social. O fato que indivíduos estão sendo conduzidos a Cristo não soluciona todos os problemas sociais; e o N.T. não pretende tanto, embora os remidos sejam pessoas melhor equipadas para encontrar soluções sociais do que aquelas pessoas ainda dominadas por motivações egoístas. Por exemplo, entre

indivíduos verdadeiramente convertidos a Cristo, em qualquer raça, não deveria haver quaisquer problemas de ordem racial, mas, bem pelo contrário, o senso de boa vontade e de profundo interesse pelos outros. Dessa maneira, esse problema social particular, tão agudo em nossa época, poderia encontrar no seio da igreja cristã pelo menos uma «disposição» acertada, com base na qual atitude tais problemas pudessem encontrar solução prática.

3. *A igreja primitiva.*

Em sentido literal, Jesus não foi o fundador da igreja, embora sua doutrina e caráter distintivo tenha produzido tal fundação pelas mãos dos apóstolos. Embora já houvesse certa organização incipiente entre o pequeno grupo de discípulos, a doação do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, marcou o verdadeiro começo da igreja cristã, ainda que, mesmo naquela oportunidade, nenhuma divisão clara tenha havido entre os crentes primitivos e a instituição da sinagoga judaica. A fundação da igreja, e seu desenvolvimento em uma entidade distintiva, foram graduais, não tendo sido assinaladas por qualquer grande acontecimento. Fez parte do processo histórico. Esse processo, todavia, foi quase imediato nos territórios atingidos pela missão evangelizadora entre os gentios, em contraste com o que sucedeu na igreja que ficou em territórios judaicos. E gradualmente foi emergindo o conceito da nova Israel. A igreja primitiva, a despeito de possuir elementos similares àqueles de épocas posteriores, possuía diversas características distintivas, a saber:

a. Sua atitude era de ardor e confiança intensos, e isso inspirado pela «proximidade» da vida terrena de Jesus e sua ressurreição recente. A isso os cristãos primitivos vinculavam a idéia de um retorno imediato de Cristo; alguns crentes associavam a isso idéias celestiais, ao passo que outros pensavam em termos terrenos e políticos. Não obstante, o «reino de Deus» haveria de tornar-se uma realidade para eles, dentro de pouco tempo. (Ver I Cor. 15:51 quanto a essa intensa expectação sobre o segundo advento de Cristo, com suas circunstâncias acompanhantes).

b. Além disso, houve o dom do Espírito Santo. (Ver os comentários a respeito, em Atos 2:4). Que um grande número de crentes primitivos exercia um ou mais dos dons do Espírito fazia aquele corpo tornar-se uma entidade distintiva e poderosa.

c. A igreja cristã primitiva tinha profunda *consciência social*, pelos menos no que diz respeito aos seus próprios membros, que chegava ao ponto de auxílios e esmolas; e essa característica foi tomada de empréstimo da parte dos judeus. Essa atitude intensa levou os crentes à experiência comunitária, segundo se lê em Atos 4:32 e ss., que parece ter fracassado e agravado ainda mais os problemas econômicos. Não obstante, essa atitude usualmente se faz ausente nas versões modernas da igreja. (Ver as notas expositivas em Atos 3:2, acerca da importância das esmolas para o judaísmo e para o cristianismo primitivo).

d. Os padrões de organização «oficial» e de doutrinas «oficiais», não se faziam presentes na igreja primitiva, embora tanto caracterizem a igreja moderna. A primeira epístola aos Coríntios mostra-nos que os crentes muito variavam em suas opiniões doutrinárias, embora nenhuma divisão ou denominação houvesse sido provocada por essa diversidade. Nenhum credo era reputado como pertencente a alguma comunidade cristã, e todos aqueles que consideravam Cristo como cabeça eram recebidos na comunhão. Na igreja de Jerusalém o legalismo se mostrava fortíssimo, e as idéias da salvação pelas obras, como a circuncisão, eram básicas, tendo sido tomadas por empréstimo do judaísmo. (Ver o décimo quinto capítulo do livro de Atos). Os apóstolos tiveram de exercer extrema paciência, com os cristãos primitivos, para que as revelações superiores do N.T. tivessem a chance de lançar raiz. Havia paciência e atenção pelos crentes, o que se faz notavelmente presente na igreja evangélica moderna, que se mostra sempre pronta a dividir-se em torno das questões as mais insignificantes. Modernamente se vê «aqueles que não nos seguem» e imediatamente condenam-nos, o que é atitude positivamente contrária àquela do Senhor Jesus. (Ver Marc. 9:38 e ss.).

e. A igreja primitiva-verdadeira, ainda frouxamente organizada, pode ser considerada como *instituição* que perdurou somente até aos tempos da perseguição movida pelo rei Agripa (em 42 D.C.). Depois que os cristãos foram expulsos de Jerusalém, ao retornarem, formas governamentais mais fortes foram criadas, e Tiago se tornou uma espécie de bispo de Jerusalém. Os séculos que se seguiram serviram somente para sobrecarregar ainda mais a igreja de formas eclesiásticas externas, estranhas à sua natureza original.

4. *A natureza da igreja.* Grande parte da natureza espiritual da igreja pode ser percebida através dos seus *títulos*, a saber:

a. A igreja é uma «assembléia de convocados para fora», uma raça nova e selecionada.

b. Ela é o «novo homem» (ver Efé. 2:15).

c. Ela é o «corpo de Cristo» (ver Efé. 1:22).

d. Ela é o templo do Espírito (ver Efé. 2:21,22).

e. Ela se compõe dos eleitos (ver Efé. 1:4), destinados a receber bênçãos celestiais eternas.

f. Ela é a plenitude de Cristo (ver Efé. 1:23), participante de sua própria natureza (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29), bem como de sua herança e glorificação (ver Rom. 8:17,30).

g. Ela é «de Deus e em Jesus Cristo», o que mostra a íntima relação que a igreja mantém para com ambos, o que significa que ela faz parte da família de Deus (ver I Tes. 2:14 e Efé. 2:19).

h. Ela é, portanto, um feito sobrenatural de Deus, e não apenas uma organização religiosa.

i. Ela é uma noiva celestial que aguarda o noivo celeste (ver Marc. 2:19,20; II Cor. 11:2; Rom. 7:1-6; Efé. 5:26,27 e Apo. 19 - 21).

j. Ela se compõe do conjunto dos remidos que haverão de participar da perfeita santidade de Deus (ver Mat. 5:48), bem como da literal natureza metafísica de Cristo, o Filho de Deus (ver Rom. 8:29), os quais, no momento, estão em processo de transformação com esse propósito (ver II Cor. 3:18).

k. A igreja tem um aspecto local, mas também tem um aspecto universal; pois todos os seres humanos que consideram Cristo como Cabeça, tendo tido um encontro com o Espírito Santo regenerador, são seus membros, sem importar suas associações eclesiásticas e comunitárias. (Ver as notas expositivas sobre os usos da palavra grega «ekklesia», o que mostra que a igreja é tanto um corpo local de crentes como também envolve todos os indivíduos levados à união mística com Cristo, através da atuação do Espírito de Deus, sem importar suas conexões terrenas que porventura tenham. Quanto a outras notas acerca da «natureza da igreja», ver Efé. 3:3, sob o título «o mistério da igreja»).

5. *O ministério da igreja*: Esse ministério é ao mesmo tempo interno e externo, cobrindo os campos da auto-edificação e da evangelização daqueles que ainda não vieram a Cristo. Os dons do Espírito Santo (ver I Cor. 12 - 14) têm por finalidade precípua a edificação da igreja; mas os «evangelistas», dados à igreja como dotes, são especialmente preparados pelo Espírito para aumentar o número dos crentes. (Ver Efé. 4:13 quanto a notas expositivas a esse respeito).

O ministério da igreja é, essencialmente, a continuação do ministério do próprio Cristo Jesus, e isso segundo a inspiração dada por seu alter ego, o Espírito Santo. O Senhor Jesus foi por toda a parte, «fazendo o bem», pois ele sempre se mostrou humanitário, amoroso e gentil. Cristo foi o mestre supremo e o supremo evangelista, como também foi o supremo pastor e o supremo inquiridor pela verdade e por Deus, além de ser o supremo achador de ovelhas perdidas. Cristo nomeou os «subpastores», para que o imitassem. Estes têm o privilégio de fazer suas obras, e maiores ainda, contanto que tenham a fé para tanto (ver João 14:12). Aos subpastores cabe pregar a Cristo como Senhor, e a eles mesmos como servos dos outros, por amor a Cristo (ver II Cor. 4:5). Esse ministério tem um aspecto social e outro individual, tal como se deu no caso do ministério de Cristo; mas a igreja jamais deve olvidar-se da responsabilidade de buscar o eterno bem-estar da alma humana individual. A igreja, em sua unidade composta de judeus e gentios, serve de divina ilustração sobre como Deus haverá de unir finalmente todas as coisas em Jesus Cristo, dentro de uma grandiosa restauração, que é o tema do «mistério da vontade de Deus», tal como se vê em Efé. 1:10. Assim pois, até mesmo antes os mais elevados poderes angelicais, a igreja é o teatro de Deus onde ele demonstra como está operando no cosmos; pelo que, de forma indireta, o ministério da igreja envolve até mesmo os poderes super-humanos. (Ver as notas expositivas sobre Efé. 3:10, quanto a esse particular). Bastaria isso para mostrar-nos a magnitude e a importância do ministério da igreja.

6. *O destino da igreja*: As idéias essenciais sobre o «destino» da igreja, que em muito ultrapassam as questões de ser alguém perdoado de seus pecados e de ser um dia transferido para os «céus» (por maiores que sejam essas realidades), estão contidas nas notas de sumário sobre as questões da «vida eterna» (ver João 3:15), da «participação no tipo da vida de Deus—sua vida necessária e independente» (ver João 5:25,26 e 6:57), da «salvação» (ver Heb. 2:3), da «transformação segundo a imagem de Cristo» (ver Rom. 8:29), da «participação na santidade do próprio Deus Pai» (ver Rom. 3:21 e Mat. 5:48), da «participação na divindade» (ver II Ped. 1:4), de serem os remidos, coletivamente, a «plenitude de Cristo, que é tudo para todos» (ver Efé. 1:23).

A igreja e todos os seus membros, na qualidade dos «eleitos» (ver Efé. 1:4) de Deus, estão destinados a se elevarem muito mais alto que os próprios anjos, a ponto de virem a participar, no sentido mais literal, da própria natureza de Jesus Cristo, de sua elevadíssima natureza metafísica, tornando-se seres idênticos a ele, participantes de sua divindade, que ele possui na posição de Deus-homem. E tais seres participarão das perfeições da natureza de Deus Pai, sendo santos como ele é santo, porquanto receberão as suas perfeições, as suas qualidades morais positivas, por intermédio do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23). Dessa forma, serão os maiores instrumentos nas obras eternas de Deus, em que cada qual desfrutará de um desenvolvimento todo seu, sem igual, passando a ser um instrumento ímpar nas mãos de Deus, sempre funcionando como um membro da família divina. (Ver Apo. 2:17 acerca desse caráter «sem-par» de cada crente. O trecho de Efé. 2:18,19 fala sobre Deus como o Pai deles, e eles como seus filhos. Efé. 2:10 refere-se ao fato de que serão eles instrumentos de ação, agora e para sempre, superiores a qualquer outro ser, por mais exaltado que seja).

Nisso consiste o evangelho paulino, em seus pontos essenciais. Pois os remidos haverão de participar do próprio «tipo de vida» que Deus possui, de sua verdadeira imortalidade, a vida que não pode deixar de existir, a mais elevada forma de vida, a vida necessária e independente. (Ver as notas expositivas sobre João 5:25,26 e 6:57). Há muitas formas de vida, a começar pelos animais unicelulares, e daí se elevando para animais mais complexos até chegar ao homem, que possui vida espiritual; desse ponto, subindo-se na escala, chega-se aos anjos; e então se chega ao pináculo mesmo de toda a existência, o próprio Deus, a fonte originária de toda outra forma de vida. Os trechos citados mostram-nos que os remidos, quando já estiverem com seus corpos ressurrectos, que será seu veículo espiritual vinculado à alma, haverão de compartilhar desse «tipo» de vida, não desfrutando tão-somente de existência sem fim. Pois a verdadeira vida eterna é uma «modalidade» de vida, e não meramente existência interminável.

«*...para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida...*» Esta declaração pode ser confrontada com a do trecho de Efé. 1:8, onde se vê o plano remidor e a dispensação das bênçãos celestiais que chegam até nós através da sabedoria e da prudência de Deus, que ele fez «abundar para conosco».

A palavra «*...multiforme...*» se deriva do termo grego «*polupoikilos*», em forma adjetivada encontrada somente aqui em todo o N.T., cujo significado é «variegado», «multilateral», usado para indicar quadros, flores e vestimentas de várias cores. Na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã), a capa de «muitas cores» presenteada por Jacó a José, é descrita por essa palavra. (Ver Gên. 37:3). Esse vocábulo pinta a sabedoria divina como algo que tem muitíssimas facetas, dotado de enorme variedade, com os mais variados modos de manifestação e expressão, por ser algo que é digno de ser contemplado, devido suas muitas e excelentes variações e realizações.

Gregório de Nissa (ver *Hom.* viii, sobre Cantares de Salomão) nos fornece uma notável interpretação, a que vários expositores aludem. Diz ele: «Antes da encarnação de nosso Salvador, os poderes celestiais conheciam a sabedoria de Deus como algo simples e uniforme, que efetuava maravilhas de modo consoante com a natureza de cada coisa. Nada havia de 'poikilon' (multiforme, multicolorido). Mas agora, por meio da 'oikonomia' (dispensação, plano) que diz respeito à igreja e à raça humana, a sabedoria de Deus não é mais conhecida como algo uniforme, e, sim, como algo '*polupoikilos*' (multiforme, variegado), produzindo contrários por meio de contrários, mediante a morte, a vida, a desonra, a glória, o pecado e a retidão; mediante a maldição e a bênção; mediante a fraqueza e o poder. O invisível se manifestou em carne. Veio para remir cativos, sendo ele mesmo o adquiridor, e sendo ele mesmo o preço».

A Igreja É O Teatro De Deus

1. A vontade de Deus é unir todas as coisas em redor de Cristo, harmoniosamente (ver Efé. 1:10).

2. No seio da igreja, Deus demonstra como isso pode ser feito, pois ele une todos os homens, de todas as religiões e raças.

3. O trecho de Efé. 1:23, ensina-nos que Deus se utilizará da igreja como um de seus principais instrumentos para realizar tal plano.

«*...principados e potestades...*» Estão aqui em foco poderes angelicais superiores, que habitam nas regiões ou esferas celestes. (Ver as notas expositivas sobre esses «seres», bem como os termos usados para descrevê-los, em Efé. 1:21). Os anjos, e não somente os homens (ver o nono versículo deste capítulo) que aprendem sobre a sabedoria de Deus, mediante a observação do que Deus faz em seus feitos. O que Deus tem feito na igreja e em favor dela serve de instrução aos anjos. Dessa maneira, os anjos percebem como certa unidade está sendo instaurada em torno da pessoa de Cristo, e como essa unidade é remidora e restauradora em seu caráter. Também entendem que isso é prefiguração do que Deus fará universalmente, em favor de todos os seres, em favor de toda a vasta criação. Os «...principados...» aqui referidos, sem dúvida alguma são «santos», embora esses mesmos termos, «principados» e «potestades», sejam empregados para indicar poderes espirituais malignos.

«*...nos lugares celestiais...*» Eis uma expressão encontrada exclusivamente nesta epístola aos Efésios. (Essa expressão é plenamente comentada nas notas expositivas sobre Efé. 1:3). Ela indica «esferas de existência espiritual», porquanto se reveste de certo sentido «local». Os judeus determinavam em sete o número das esferas celestiais, das quais a mais elevada seria ocupada por Deus. E o apóstolo Paulo reflete essa crença no décimo segundo capítulo de sua segunda epístola aos Coríntios, onde ele fala sobre o «terceiro céu» (ver II Cor. 12:2). Os gnósticos também pensavam em céus de muitos níveis. Para eles, pois, a salvação seria a passagem por muitos desses reinos, até que se chegasse ao reino máximo, onde Deus se encontra. Outros acrescentavam a idéia de conflito contra os anjos, a fim de aplacá-los ou de ultrapassá-los em astúcia, para que se pudesse atravessar os reinos daqueles «príncipes celestiais», ao passo que outros criam que se poderia passar por tais reinos se se agradasse a tais príncipes.

A *visão celestial* desta epístola, como também de todos os escritos paulinos, não contempla um único lugar chamado «céu», no singular, e, sim, uma vasta expansão de muitas regiões ou esferas celestiais. Isso pode ser comparado à declaração do Senhor Jesus sobre as «muitas moradas» em João 14:2. Ora, meditando-se que os elevados poderes, existentes em todas essas regiões, podem aprender da parte da igreja, vê-se que a igreja é, realmente, uma realidade muito elevada, o que, por sua vez, mostra a grandiosidade daquilo que Deus está operando no seio da igreja, de modo a atrair a cuidadosa atenção desses elevadíssimos poderes.

11 κατὰ πρόθεσιν τῶν αἰώνων ἣν ἐποίησεν ἐν τῷ Χριστῷ Ἰησοῦ τῷ κυρίῳ ἡμῶν,

3:11: segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,

As palavras «*...o eterno propósito...*» poderiam ser literalmente traduzidas por «o propósito das eras», mas a idéia de «eternidade», mui provavelmente é o que está em pauta neste ponto. Esse propósito pertencia às «eras eternas do passado» e estava «oculto» na mente de Deus. (Ver o nono versículo deste capítulo). Alguns compreendem essa expressão mais ou menos nos termos do trecho de Efé. 1:10, a «plenitude dos tempos», isto é cada «era» entrou com a sua contribuição para esse propósito, o que significa que pertence às «eras», sendo executado dentro delas, tal como a «dispensação» ocorre como cumprimento de muitos «tempos» ou eras sucessivas. Isso é uma verdade, ainda que não seja verdade diretamente ensinada neste versículo. Mas alguns estudiosos pensam que o genitivo aqui usado, no original grego, é «possessivo», o que daria o sentido de «o propósito que atravessa as eras»; e isso admitiria, indiretamente, a idéia de cada era ter entrado com a sua contribuição para o cumprimento do plano ou propósito divino. Tennyson referiu-se a essa idéia quando falou em «através dos séculos corre um propósito sempre crescente».

O «*...eterno propósito...*» que encontramos aqui é o mesmo «mistério» de que Paulo falara, juntamente com o que o mesmo tencionava realizar. (Ver notas expositivas completas a respeito do «mistério da vontade de Deus», em Efé. 1:10). O «propósito», pois, não é a «sabedoria» que o apóstolo acabara de mencionar; pois essa sabedoria é o impulso por detrás da realização desse propósito. Mas alguns eruditos pensam que as «eras» aqui aludidas ainda jazem no futuro, e que, portanto, o «propósito» irá esplendendo cada vez mais à medida que nos aproximarmos das eras futuras da eternidade. É fato que essa idéia faz parte inerente do conceito inteiro do «mistério», mas o mais certo é que não faça parte do centro do pensamento deste versículo. Muitos bons expositores preferem aqui a simples tradução «eterno», segundo se vê nesta nossa tradução portuguesa também. Por conseguinte, o propósito de Deus é «eterno», estendendo-se desde toda a eternidade passada a toda a eternidade futura, tendo sido estabelecido em Jesus Cristo, nosso Senhor, como o seu centro. Mui provavelmente esse é o alcance desta declaração paulina.

«*...estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor...*» Os expositores indagam se devemos entender que esse propósito foi «formado» em Cristo (como um propósito) ou se é «executado» nele. Porém, não há necessidade de tal indagação, porque certamente ambas essas idéias estão com a razão. Pois a passagem de Efé. 1:19 e ss. mostra-nos que Deus executou o seu plano em Cristo e por intermédio dele, e, portanto, nos remidos, os quais estão unidos a ele mediante comunhão mística. O trecho de Efé. 1:3 mostra-nos que todas as bênçãos espirituais foram planejadas e agora são propiciadas por intermédio de Cristo e em sua pessoa. A passagem de Efé. 1:7 mostra-nos que Cristo é o agente eficaz na concretização dos propósitos de Deus. Esta epístola aos Efésios, em sua inteireza, ensina-nos que tudo quanto se pode esperar da parte de Deus, nos é dado através do plano divino, determinado na pessoa de Cristo e executado por seu poder. Essa realização teve lugar, em parte, quando da vida terrena e histórica de Jesus, posto que a expiação era algo necessário (ver Efé. 1:7); mas também agora se realiza na missão celestial do Senhor, pois, em sua vida ressurrecta também vivemos, e em sua glorificação também estamos sendo glorificados, conforme aprendemos em Efé. 1:19 e ss.

O «propósito» de Deus é que se efetua em Cristo, e não a «sabedoria» de Deus ou a «igreja», o que é salientado neste versículo, embora as outras idéias também expressem verdades.

«*...em Cristo Jesus, nosso Senhor...*» Devemos observar aqui o título completo de Cristo. Isso é comentado em Rom. 1:4, onde se encontram várias referências bíblicas onde esse título aparece, e onde há notas expositivas gerais sobre o seu significado. (Ver essa mesma referência acerca de comentários sobre o «senhorio» de Cristo). Essa ênfase é especialmente apropriada neste ponto, porquanto o Senhor Jesus é quem se tornará o Cabeça de todos, o Senhor de todos, dentro desse «propósito» de Deus. (Essa declaração pode ser comparada ao trecho de Col. 1:16, onde vemos que a criação foi feita «em» Cristo, «por» Cristo e «para» Cristo).

12 ἐν ᾧ ἔχομεν τὴν παρρησίαν καὶ προσαγωγὴν ἐν πεποιθήσει διὰ τῆς πίστεως αὐτοῦ.

12 ἐν... πεποιθήσει Ro 5.20; He 4.16; 10.19 12 εν πεποιθησει] εν τω ελευθερωθηναι **D*** (*cf.* libertatem *d* Ambst *pro* προσαγ.)

3:12: no qual temos ousadia e acesso em confiança, pela nossa fé nele.

Sim, por meio de Cristo Jesus temos ousadia e acesso, e isso de mistura com confiança, através da fé que temos depositado nele. No dizer de Westcott (*in loc.*): «O mesmo Senhor que é o esteio de nossa fé e de nossa esperança, é igualmente a coroa de todo o desenvolvimento do mundo». «Esse pensamento se reveste da máxima importância para a compreensão do que seja o cristianismo; relembra-nos que a nossa fé não é uma questão individual, e nem um mero adorno da vida, mas está integralmente relacionada ao desígnio do próprio universo». (Beare, *in loc.*).

«*...ousadia...*» Ninguém pode aproximar-se da presença de Deus descuidadamente; e nem nosso retorno à presença do Senhor é algo de somenos. Antes, precisamos de «ousadia» para nos achegarmos a Deus, tanto agora como na glória futura. Ora, tal ousadia jamais poderá ser extraída de nós mesmos. Antes, o caminho até à presença do grande Rei precisa ser adredemente preparado; e aqueles que dele se aproximam também precisam ser preparados para tanto. Ora, Cristo foi quem tornou exeqüível a nossa aproximação ousada de Deus, e isso mediante a graça da redenção. Achegamo-nos equipados com a própria santidade de Deus (ver Mat. 5:48 e Rom. 3:21), pois, sem ela, nenhum homem, e nem qualquer outra criatura, poderia aproximar-se do Senhor. (Ver Heb. 12:14). Além disso, achegamo-nos dotados da própria natureza do «Filho de Deus», na qualidade de «filhos que estão sendo conduzidos à glória»; e assim, nos aproximaremos de Deus sem temor, como filhos. (Ver Efé. 2:18, 19, passagem que enfatiza nossa aproximação a Deus sob essas condições). Por semelhante modo, aproximamo-nos de Deus porque fomos feitos em templo do Espírito Santo, o que significa que temos perfeito acesso ao Senhor. (Ver Efé. 2:21,22, que frisa esse ponto). Em Cristo Jesus é que somos aceitos, pois estamos sendo feitos semelhantes a ele, para que sejamos o que ele é; e, por essa causa, podemos aproximar-nos de Deus com ousadia.

Outrossim, o *amor*, que nos é conferido por Deus através do evangelho e em comunhão com Deus, capacita-nos a ter «ousadia no dia do juízo» (ver I João 4:17). Ora, o amor de Deus mais do que contrabalança o pecado humano, pois não apenas remove o pecado, mas também proporciona ao crente as qualidades morais positivas da natureza divina; e assim, a transformação do crente é tão completa que ele haverá de chegar à presença de Deus, embora sua morte física, por si só, não o equipe para tanto. Pois ninguém jamais chegará diante de Deus se não for perfeito; e a perfeição, no sentido positivo deve ser aqui compreendida, não sendo meramente a condição de estar alguém livre do pecado, porquanto isso também é tarefa para ser efetuada somente na eternidade. Não obstante, em Cristo Jesus, a promessa desse sucesso é certa. E, no caminho até lá, avançaremos com ousadia e confiança.

«*...ousadia...*», no original grego, é «parresia». Essa palavra era freqüentemente vinculada à idéia de «falar», resultando na idéia de «franqueza», de «clareza de linguagem», embora também indique «coragem», «confiança», «destemor». Em comparação com isso, podemos examinar o trecho de Heb. 10:19, onde se lê que temos «ousadia» para entrar no Santo dos Santos, através do sangue de Jesus.

> *Contudo, em teu Filho, divinamente grande,*
> *Reivindicamos os teus cuidados providenciais,*
> *Ousadamente chegamos até ao teu trono;*
> *Nosso Advogado fez-nos chegar até ali!*

«*...acesso...*» (Quanto a essa palavra e sua significação, ver as notas expositivas acerca de Efé. 2:18 e Rom. 5:2). É «pela fé» que temos «acesso» àquela grande graça na qual nos firmamos. E é «pelo Espírito» que temos acesso a Deus Pai. Porém, sendo nós «templo» do próprio Espírito Santo, o nosso acesso é completo, porquanto essa idéia indica comunhão perfeita, que transcende à idéia de sermos simplesmente capazes de nos aproximarmos de Deus, pelo caminho apropriado de acesso.

«*...mediante a fé nele...*» Vemos aqui o conceito paulino freqüentemente

reiterado da «fé evangélica», como meio pelo qual recebemos todas as bênçãos outorgadas em Cristo, visto que a salvação inteira e suas bênçãos são mediadas pela fé, fé essa que consiste da entrega confiante da alma às mãos de Cristo, e não meramente da aceitação de algum credo ou de alguma confissão de fé, ao que, infelizmente, a fé tem sido reduzida na igreja, até mesmo em sua secção evangélica. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», em seu uso neotestamentário, ver Heb. 11:1. Ver Efé. 2:8, quanto a seu uso nesta epístola). Literalmente traduzido, o original grego diz aqui «a fé dele»; mas essa expressão com freqüência significa «fé nele», segundo sem dúvida é o caso neste ponto. Essa fé é de Cristo, é dada por ele, através do seu Espírito Santo, por ser ele a fonte da fé, embora isso não seja o que é enfatizado aqui.

«O genitivo é o do objeto, e a «pistis» é definida pelo seu objeto. Por isso é que temos em Marc. 11:22, 'echete pistin theou' (tende fé em Deus). Ver Rom. 3:22,26 e Tia. 2:1». (Abbott, *in loc.*).

«Aquela fé cujo objeto é Jesus é o meio de todos quantos pertencem a Jesus Cristo, primeiramente, como meio de 'ousadia', pois sua confiança no divino mediador lhes infunde coragem; em segundo lugar, como meio de 'acesso', porquanto o fato que percebem sua humanidade glorificada lhes garante a aproximação ao trono da graça, capacitando-os a tanto; e, em terceiro lugar, essas bênçãos são recebidas 'em confiança', pois sentem que, por causa de Cristo, suas pessoas e seu serviço serão aceitos por Deus Pai». (Eddie, *in loc.*).

«Três estágios: cremos nas promessas de Deus; então é concebida a confiança; e então segue-se a ousadia intrépida, de modo a constantemente nos aproximarmos de Deus». (Faucett, *in loc.*).

13 διὸ αἰτοῦμαι μὴ ἐγκακεῖν ἐν ταῖς θλίψεσίν μου ὑπὲρ ὑμῶν, ἥτις ἐστὶν δόξα ὑμῶν.

13 ταῖς θλίψεσίν μου ὑπὲρ ὑμῶν Col 1.24

3:13: Portanto vos peço que não desfaleçais diante das minhas tribulações por vós, as quais são a vossa glória.

(Quanto ao uso e aos resultados benéficos da tribulação e das perseguições, bem como das aflições em geral, ver as notas expositivas sobre Atos 14:22, onde esse tema é desenvolvido). Este versículo assinala o fim do longo parêntesis constituído pelos versículos segundo a décimo terceiro. Não faz parte formal da oração iniciada no primeiro versículo deste capítulo, e que tem reinício no décimo quarto versículo. Porém, apesar de que não faz parte formal dessa oração, talvez contenha um pedido a Deus, para que os leitores originais de Paulo recebessem a compreensão espiritual, a menos que entendamos que a palavra «...*vos*...» seja o objeto não expresso de «...peço...» Bons intérpretes têm tomado uma ou outra dessas posições.

O fato é que Paulo havia sofrido muitas perseguições e tribulações «em prol dos gentios», e isso para que as glórias descritas nos versículos segundo a décimo segundo deste capítulo tivessem cumprimento neles. Ora, visto que essa tribulação redundava em «grande e eterno peso de glória» em favor deles (ver II Cor. 4:17), não tinham eles necessidade de pensar que o Senhor Deus abandonara a eles ou ao apóstolo Paulo, por estar ele sofrendo tão intensas tribulações em seu ministério em favor deles. É verdade que essa idéia é apresentada aqui um tanto abruptamente; mas o mais certo é que isso veio à mente do apóstolo devido ao pensamento de ser ele um «prisioneiro», por causa de Cristo (ver o primeiro versículo deste capítulo). Munido desse pensamento, pois, Paulo introduziu sua oração; mas então, deixando divagar seus pensamentos, passou a falar sobre o mistério da vontade de Deus, no que tange aos gentios, o que o levou a discutir sobre o mistério da igreja. Mas depois, retornando à sua oração, ele também retornou primeiramente ao tema que aparece no primeiro versículo, seus próprios sofrimentos. (Isso pode ser confrontado com o trecho de Rom. 8:18, onde Paulo calcula que os sofrimentos presentes não são para ser comparados com a «glória» que nos está preparada). Nesta presente passagem, porém, o apóstolo também falou sobre essa «glória»; e essa glória, tal como na sua epístola aos Romanos, é vista como razão para ele encorajar-se ante os difíceis testes que então enfrentava em sua vida.

A vida não é questão de fazermos
Cansativa e ininterrupta subida
Por intermináveis beiras e pontes --
Pois vivemos um dia de cada vez.

Por que esforçar-se por um armazém de coragem,
Como os míseros ajuntam dólares e centavos?
Nosso Pai no-la dará e no-la enviará
Apenas por um dia de cada vez.

Não precisamos de forças agora
para amanhã,
Quanto talvez não estejamos mais
no ápice da vida.
Mesmo que fiquemos fracos, hesitantes,
mesmo que falhemos,
Deus nos dará coragem
um dia de cada vez.
(Helen Cook).

A idéia que temos aqui é que os sofrimentos dos mártires são, na realidade, a «glória» e a «vida» da igreja, um motivo de encorajamento, e não de descoroçoamento, porquanto o Senhor Jesus predisse que tais sofrimentos fazem parte integrante desta vida, mas que a glória celestial se seguirá aos mesmos. (Ver João 15:18 e ss.).

«...*nisso está a vossa glória*...» De que maneira? 1. Agora, porque isso cumpre o propósito de Deus relativo aos gentios, o que está envolvido na dispensação das gloriosas bênçãos espirituais. 2. No futuro, porque a tribulação abre-nos o caminho para a glória futura, quando haverá a reversão dos sofrimentos e receberemos alegria interminável. (Ver Rom. 8:18 e Col. 1:24).

«...*não desfaleçais*...» No grego temos o verbo «egkakeo», que quer dizer «exaurir-se», «cansar-se», «desanimar-se», «desesperar», «recear», como no caso das mulheres, ao aproximar-se o momento do parto. (Ver II Clemente 2:2).

«...*tribulações*...» No grego temos o vocábulo «thlipsis», que indica a idéia de «pressão», pois se deriva do termo «thlibo», «pressionar», «amassar juntamente», «comprimir», «estreitar». A perseguição, pois, é uma «opressão», a qual tanto pode ter um aspecto físico como um aspecto mental. Está em foco a «aflição das pressões».

«...*por vós*...», isto é, «em favor dos gentios», dentro do ministério apostólico de Paulo, na missão gentílica da igreja, a fim de que os gentios viessem a conhecer a Cristo e pudessem receber suas bênçãos celestiais. (Ver Efé. 1:3. E isso pode ser comparado com o que Paulo diz no primeiro versículo deste capítulo: «...eu Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios». Ver também as alusões ao ministério apostólico de Paulo, nos versículos segundo e terceiro deste capítulo, onde também são dadas outras referências bíblicas a esse tema, e onde o mesmo é amplamente ventilado).

Este versículo talvez queria dizer: «Oro a vosso respeito (*'uper umon'*) para que (vós) não desfaleçais», como se isso aludisse à possibilidade de desfalecerem em face de suas próprias tribulações. Porém, o termo grego «mou» («minhas»), vinculado às tribulações aludidas, definidamente faz com que essas tribulações sejam as de Paulo, e não as deles, tornando-se uma palavra supérflua e fora de lugar, se as tribulações de Paulo não estão em foco. Tal idéia também estaria em dissonância com o primeiro versículo deste capítulo, onde a idéia é introduzida. Paulo é que era o prisioneiro, e não eles. Outrossim, conforme o contexto nos mostra, Paulo sofria por causa deles. No entanto, é possível compreendermos este versículo como se dissesse: «Oro para que não me desanime, por causa de meus sofrimentos em vosso favor». Porém, dificilmente isso é o que Paulo queria dizer neste ponto. De acordo com essa última interpretação, o sujeito do verbo, «eu», passa a ser o sujeito do infinito (no grego), «desfalecer». Até mesmo isso é possível, ainda que a maioria dos estudiosos rejeite tal possibilidade como estranha ao pensamento de Paulo. Pois o apóstolo se gloriava nas tribulações, e até sentia prazer nas perseguições que sofria (ver Rom. 5:3; II Cor. 12:10 e Col. 1:24). As razões gramaticais, que dão apoio a um ou outro desses pontos de vista, não são convincentes, mas a atitude geral de Paulo para com as perseguições sofridas parece perfeitamente decisiva.

★ ★ ★

I. *Secção Doutrinária: Os Elevados Propósitos de Deus quanto ao Destino Humano* (Efé. 1:1- 3:21).

9. Segunda oração: para que a igreja viesse a conhecer o amor de Deus e a sua plenitude, que nela habita (3:14-21).

Temos aqui o começo da segunda grande oração desta epístola (ver Efé. 1:15 e ss., quanto à primeira). A idéia do grandioso destino da igreja agora já foi discutida (ver as notas expositivas, em Efé. 3:3, acerca do *mistério da igreja*), e isso impeliu o apóstolo dos gentios a orar em favor daqueles que faziam parte daquele grupo de remidos.

«A oração que ele faz aqui não é menos notável e sem-par, em suas epístolas, do que o ato de louvor do primeiro capítulo desta epístola. Dirigindo-se ela a Deus, como o Pai dos anjos e dos homens, o apóstolo roga que o Senhor dote os leitores de maneira correspondente às 'riquezas da sua glória' –em outras palavras, para que os dons que Deus confere sejam dignos do Pai universal, sejam dignos do caráter augusto em que Deus se revelou agora à humanidade. De conformidade com essa medida, pois, o apóstolo Paulo implora, em primeiro lugar, em favor da igreja, rogando por dois dons, os quais, em última análise, são um só, a saber, 'o poder do Espírito Santo, residente no íntimo' (ver o décimo sexto versículo), e 'a presença permanente de Cristo' (ver o décimo sétimo versículo). Esses foram os dons que Paulo solicitou para os seus leitores, tendo em vista o alvo de virem a obter duas outras bênçãos, que também se resumem numa só, a saber, o poder de compreender o plano divino (ver o décimo oitavo versículo), conforme tal plano vinha sendo exposto nesta epístola, e o poder de conhecer o amor de Cristo (ver o décimo nono versículo). Além disso, mais à distância, distingue-se uma outra finalidade para o homem e para a igreja, isto é, o recebimento 'da inteira plenitude de Deus'. O desejo e o pensamento humanos, dessa maneira, atingem o seu limite: agarram-se ao infinito». (Findlay, *in loc.*).

14 *Τούτου χάριν κάμπτω τὰ γόνατά μου πρὸς τὸν πατέρα*[2],

[2] 14 {B} *πατέρα* $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B C P 33 81 1739 1962 2127 2492 it^{dem} syr^{pal} cop^{sa,bo} eth (Clement) Origen$^{2/3}$ Cyril-Jerusalem Epiphanius Jerome Augustine Cyril Euthalius Vigilius // *πατέρα τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ* (*see* 1:3) ℵ^{c} D G K Ψ 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1881 1984 1985 2495 *Byz Lect* it^{ar,c,d,e,f,g,r1,x,z} vg syr^{p,h} goth arm Origen$^{gr1/3,lat}$ Ambrosiaster Victorinus-Rome Ephraem Basil Ps-Justin Chrysostom Latin mss$^{acc.\ to\ Jerome}$ Theodore Theodoret John-Damascus Photius

Após *πατέρα*, que figura em $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B C P 33 81 1739 sir (pal) cop (sa,bo) etí *al*, certa variedade de testemunhos ocidentais e bizantinos adiciona as palavras *τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ* (ℵ^{c} D G K Ψ 88 614 *Byz Lect* it (d,g,61) vg sir (p,h) gót ara *al*). A glosa foi sugerida por 1:3 e passagens similares.

3:14: Por esta razão dobro os meus joelhos perante o Pai,

«*...me ponho de joelhos...*» No original grego, o nominativo que aparece no primeiro versículo, «...eu Paulo...», somente neste ponto recebe o seu verbo, o que resulta em: «...eu, Paulo, me ponho de joelhos...» E assim tem reinício a oração do apóstolo, mas que ele interrompera bruscamente, a fim de inserir algo acerca da grandiosidade do chamamento da igreja. Tendo demonstrado a grande unidade que Deus está estabelecendo entre os homens, o que os leva a compartilharem das riquezas de Cristo, o que serve de prelibação de uma ação similar, que Deus fará em prol da criação inteira, Paulo se sente impelido a orar em favor dos seus leitores, pedindo do Senhor a iluminação espiritual deles, a fim de que esses fatos se tornassem experiências reais para eles, no nível da alma; pois é na alma que se originam todas as questões da vida, como suas esperanças, seus poderes e suas motivações.

Paulo orou pedindo conhecimento para aqueles crentes; mas não o mero conhecimento intelectual, e, sim, aquele que vem através da iluminação conferida pelo Espírito, vinculado ao «amor», já que «o amor de Deus, em Cristo», é a fonte originária de todas as bênçãos divinas, tal como aprendemos também em outras passagens, como João 3:16 e Rom. 5:8. Ora, uma vez que conheçamos o «amor de Cristo» (ver o décimo nono versículo deste capítulo), seremos constrangidos a nos deixarmos motivar por esse amor (ver II Cor. 5:14). Naturalmente a questão envolve muito mais do que mera motivação, segundo ordinariamente entendemos esse termo, pois, de acordo com o vocabulário paulino, a motivação, na realidade, é dada interna e espiritualmente, pelo Espírito Santo, mediante nossa comunhão mística com o Senhor.

Paulo orou pedindo conhecimento e sabedoria: Os gregos buscavam diligentemente conhecimento e sabedoria, e os gnósticos se julgavam possuidores de sua «sabedoria oculta», que seria apanágio exclusivo dos iniciados. Na realidade, porém, há uma sabedoria divina, profundíssima, a qual Paulo desejava que os crentes conhecessem, e a qual se encontra na pessoa de Jesus Cristo. No entanto, tal sabedoria jamais pode vir separadamente do amor, e de um amor tal que «ultrapassa o entendimento» (ver os versículos décimo sétimo a décimo nono). «O escritor sagrado, dessa maneira, exibiu o claro sistema paulino do amor de Deus, conforme o mesmo se manifestou em Jesus Cristo, como o mistério supremo da mais alta '*gnosis*' (sabedoria)». (Knox, *St. Paul and the Church of the Gentiles*, pág. 193).

«*...me ponho de joelhos...*» Essas palavras não refletem a postura usual dos judeus, ao orarem, pois estes geralmente ficavam de pé. (Ver Marc. 11:25, onde se lê: «...quando estiverdes de pé, orando...» – tradução literal. Ver também Luc. 18:11,13). Pôr-se de joelhos, entretanto, é sinal de profunda humildade, sendo posição correta do crente ao orar—embora isso não exclua e nem diminua todas as demais posturas, pois o que mais importa, como disse alguém, é estar com as almas de joelhos. Essa posição de joelhos também era empregada entre os judeus. No jardim do Getsêmani, o Senhor Jesus não somente se ajoelhou, mas também se prostrou rosto em terra (ver Mat. 26:39). (Quanto a outras referências bíblicas acerca da postura de joelhos, em oração, ver Atos 7:60; 9:40; 20:36; 21:5; Luc. 22:41. No A.T., ver Sal. 95:6; Núm. 25:2; I Reis 8:54; Dan. 6:10). Eusébio menciona a oração feita de joelhos como um costume entre os cristãos. (Ver H.E. v.5). Justino Mártir e Basílio referiram-se à ação de ajoelhar-se como símbolo de nossa queda no pecado e da humilhação que isso provoca. Naturalmente, isso expressa certa verdade, mas o ajoelhar-se também é apropriado como sinal de humildade diante do Senhor Deus.

«*...diante do Pai...*» A idéia de Deus como «Pai» é essencial ao ponto de vista neotestamentário sobre Deus, sendo essa uma ênfase constante desta epístola. (Ver os trechos de Rom. 8:15 e João 8:42, quanto a notas expositivas que desenvolvem o tema da «paternidade de Deus»). No trecho de Efé. 2:18,19, nosso «acesso» a Deus é contemplado como uma forma de acesso em que um filho se achega a seu pai, o que explica a «ousadia» e a «confiança» envolvidas nesse acesso, segundo é expresso em Efé. 3:12. A questão do atendimento divino às nossas orações também se alicerça sobre essa relação entre Deus e nós, como Pai e filhos, tanto no texto que ora comentamos como em Mat. 7:7-11: «...quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?» Deus mostra-se muito mais dadivoso para com seus filhos do que qualquer pai terreno para com os seus filhos, que lhe pedem pão. Qualquer pai terreno «sabe como» dar boas dádivas a seus filhos; e muito mais sabe-o o «Pai celeste». Todas as grandes bênçãos espirituais chegam aos homens da parte do Pai, para os seus filhos (ver Efé. 1:2,3). Por igual modo, recebemos a nossa «herança» porque estamos associados à família divina na qualidade de filhos (ver Efé. 1:11,14). Por isso mesmo é que na primeira grande oração desta epístola, Deus também é apresentado como o Pai, onde é chamado de «Pai da glória» (ver Efé. 1:17). As referências a Deus como «Pai», nesta epístola aos Efésios, são as seguintes: Efé. 1:2,3,17; 2:18; 3:14; 4:6; 5:20,31 e 6:2,23. Essa expressão é utilizada nas páginas do N.T. por cerca de duzentos e cinqüenta vezes perfazendo uma média de quase uma vez por capítulo.

Variante Textual: As palavras «...de nosso Senhor Jesus Cristo...» aparecem depois do termo «Pai», nos mss Aleph(3), *defgkl*, seguidos pelas traduções AC, F e KJ (dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação por este comentário—nove em inglês e cinco em português), as quais são identificadas na lista de abreviações na introdução ao comentário. Todas as demais traduções omitem essas palavras, porém, seguindo a tradição textual muito mais antiga, representada pelos mss P(46), Aleph(1), ABCP. A adição é uma glosa textual, extraída do trecho de Efé. 1:3, onde tais palavras são autênticas, e onde os comentários a respeito aparecem.

15 *ἐξ οὗ πᾶσα πατριὰ ἐν οὐρανοῖς καὶ ἐπὶ γῆς ὀνομάζεται*,

3:15: do qual toda família nos céus e na terra toma o nome,

«*...família...*» Essa palavra é tradução do termo grego «patriá», derivado do vocábulo grego que significa «pai», e que era usado para indicar grupos como um clã, uma tribo, uma família ou mesmo uma nação, contanto que seus habitantes descendam de um progenitor comum. Precisamos dar atenção aqui a uma melhor tradução das palavras «...toda família...», que seria «cada família», o que nos chama a atenção que há certa *pluralidade* de seres, grupos de seres, que derivam a sua existência de Deus. Naturalmente, isso foi efetuado por meio da criação, e não por meio da procriação, conforme o N.T. mostra por toda a parte. Os modernos mórmons pensam que está em foco uma questão de procriação, mas esta é uma noção grega de deidade, e não uma noção hebreu-cristã. Notemos, por igual modo, que há certa diversidade de «famílias», de clãs, nos lugares celestiais; e isso alude aos seres angelicais. Já tivemos oportunidade de observar que existe certa crença em muitos campos de existência espiritual, contida na expressão «lugares celestiais» (ver Efé. 1:3, onde tal idéia é comentada). Existem muitas dimensões da existência, como também muitos agrupamentos de seres celestiais, mas todos eles derivam sua existência de Deus, o qual é o Pai de todos, conservando tal relacionamento no caso de todos eles. Além disso, à face da terra também existem «famílias», com o que, mui provavelmente, se devem entender as várias dezenas de «nações» ou povos. E Deus, em um sentido bem verdadeiro, é igualmente o Pai dessas nações, nunca interrompendo tal relação para com elas.

A palavra «*...Pai...*», neste caso, subentende o seguinte:

1. A existência de uma fonte comum de vida para todos os seres.

2. A comunhão inerente a toda a criação, entre o Criador e as criaturas.

3. A expectação de bênção e bem-estar, proveniente da parte do Pai para todas as famílias, bem como interesse profundo da parte do Pai, em relação a todos.

4. Esse fato da paternidade de Deus é a própria base da distribuição das bênçãos celestes (ver Efé. 1:3), bem como o poder motivador por detrás da concretização do «mistério da vontade de Deus», o que provocará a restauração e a unidade universais de tudo, centralizadas em Cristo Jesus (ver Efé. 1:10), fazendo a igreja transformar-se na plenitude de Cristo, sendo ele aquele que é tudo em todos (ver Efé. 1:23 e 3:3).

5. Deus é tanto o Pai de todos como é o protótipo de toda a paternidade, o padrão do que significa isso, sua medida e seu cumprimento supremo.

6. A relação entre Deus Pai e seus filhos é, por si mesma, uma bênção celestial. «O nome de 'Pai' não se derivou dentre nós, mas chegou até nós vindo do alto; pois é manifesto que Deus é Pai por natureza, e não apenas como um nome» (Severian, ad loc., citado em grego por Robinson, *in loc.*).

7. As idéias de paternidade e de famílias subentendem, conforme deve ser o caso, que a ordem social, o propósito social e a unidade dos seres para propósitos especiais, é algo que caracteriza todas as ordens angelicais, bem como as ordens dos homens... Deus é aquele que proporciona unidade e propósito a todas essas ordens. «Aquele que é o Pai dos homens é, por semelhante modo, a origem da comunhão e da unidade em todas as ordens de seres finitos». (Westcott, *in loc.*).

«*...toda família...*» Conforme já dissemos acima, melhor tradução nesse ponto seria «...cada família...», dando a idéia de pluralidade de grupos, de clãs, de nações, subentendendo «esferas» diversificadas de seres. Essa idéia não pode ser abandonada. O original grego não pode significar aqui e nem deve ser traduzido por «toda família», que dá a idéia de «família inteira», como se estivesse em vista uma única grande família de seres criados, família essa composta de anjos e homens.

«*...toma o nome...*» Consideremos aqui alguns pontos a respeito dessas palavras:

1. Não devemos entender aqui «criada» ou «existe», embora isso também fique subentendido como uma verdade.

2. Antes, todos esses grupos, essas tribos, essas famílias, desfrutam do relacionamento Pai-filhos, razão pela qual são seus filhos e têm seu nome, estando identificados com Deus. Um pai de família tem um nome que é transmitido aos seus filhos e descendentes, o que serve de seu sinal de identificação. A mesma coisa sucede a Deus e à sua criação inteira. Tudo pertence a ele, e ele lhes pertence, na qualidade de Pai. Compõem muitas famílias, mas têm um único Pai, uma única fonte de existência e de bênçãos. Por isso comentou Faucett (*in loc.*): «Eis por que os anjos são nossos 'irmãos' (ver Apo. 10:10), sendo 'filhos de Deus' por criação, tal

como nós o somos por adoção (ver Jó 38:7)». Orígenes e alguns outros dos pais da igreja não criam que a natureza humana, antes da queda, quando ainda estava na forma pura de alma, fosse diferente dos anjos; e isso porque tinha a mesma origem da dos anjos, tendo sido criada ao mesmo tempo que eles. Orígenes, a exemplo dos judeus em geral, acreditava na preexistência da alma. (Quanto a um estudo completo sobre a «alma», onde se inclui pensamentos sobre a sua «origem», ver as notas expositivas sobre II Cor. 5:8).

3. Trazer o nome de Deus significa «pertencer» a Deus, fazer parte do seu povo peculiar, conforme aprendemos em Núm. 6:27; Isa. 47:7; 44:5 e Rom. 9:25, 26.

4. A própria existência de cada ser inteligente serve de testemunho sobre a divina paternidade de Deus, porquanto todos eles trazem seu nome e sua marca identificadora, o que significa que há um laço comum de unidade. Os judeus se jactavam de serem descendentes de Abraão, e desprezavam àqueles que dele não descendiam. Mas o apóstolo dos gentios mostrou haver uma paternidade superior a essa, a qual pertence universalmente a todos os seres inteligentes; e isso está de conformidade com o grande tema da unidade e da restauração de todas as coisas em torno de Cristo, o Filho de Deus, que predomina nesta epístola.

Uma expressão rabínica freqüente é a da «família do alto» e da «família cá de baixo», dando a entender «anjos» e «homens» respectivamente. (Ver os Targuns sobre *Cantares de Salomão* 1:16; Talmude *Babil. Beracot.*, fol. 17:1). É possível que essa expressão judaica tenha sugerido a expressão mais complexa que aparece no presente versículo.

★★★

16 ἵνα δῷ ὑμῖν κατὰ τὸ πλοῦτος τῆς δόξης αὐτοῦ δυνάμει κραταιωθῆναι διὰ τοῦ πνεύματος αὐτοῦ εἰς τὸν ἔσω ἄνθρωπον, 16 δῷ...κραταιωθῆναι Col 1.11

3:16: para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais robustecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior;

«*...segundo a riqueza da sua glória...*» A palavra «riqueza», por toda esta epístola aos Efésios, significa «abundância», *suprimento abundante*, indicando a «suprema qualidade» daquilo que é dado. (Ver Efé. 1:7, «as riquezas de sua graça»; Efé. 1:18, «a riqueza da glória da sua herança nos santos»; Efé. 2:7, «a suprema riqueza da sua graça»; Efé. 3:8, «insondáveis riquezas de Cristo»; e aqui, «a riqueza da sua glória». Essa expressão também é vista em várias conexões similares, nos escritos de Paulo, em Rom. 2:4; 9:23; 11:12; 33; II Cor. 8:2; Fil. 4:19; Col. 1:27; 2:2 e I Tim. 6:17. A passagem de Rom. 9:23 duplica exatamente a expressão que encontramos neste versículo. Já o trecho de Fil. 4:19 diz «sua riqueza em glória», ao passo que Col. 1:27 diz «a riqueza da glória deste ministério». Tal expressão, por conseguinte, é inteiramente paulina. E a idéia dela é que não há limite e nem medida para o suprimento de bênçãos espirituais que Deus pode conferir, isto é, as bênçãos espirituais de poder, de sabedoria, de conhecimento, de amor, de bem-estar de toda sorte, de restauração e de unidade. Deus é pleno de glória, sendo ele o «Pai da glória» (ver Efé. 1:7). Deus é o possuidor e o despenseiro de todas as glórias e benefícios celestiais. Sua glória inclui os seguintes elementos:

1. Suas qualidades exaltadas, na capacidade de ser supremo—as suas perfeições. Essas coisas ele confere abundantemente aos homens, na redenção, de maneira a virem finalmente possuí-las também. (Ver Gál. 5:22,23).

2. Essa glória indica a sua majestade, e esta ele compartilha com os homens glorificados em Cristo, porquanto os remidos tornar-se-ão seres majestáticos, tal como o próprio Cristo é majestático.

3. Deus é glorioso em «poder», e isso ele outorga aos remidos através do Espírito Santo, fazendo-o com abundância, conforme o presente versículo deixa entendido. Este versículo, pois, ensina que não há limite para o poder que Deus pode conferir, porquanto a sua fonte é a riqueza de sua glória.

4. Alguns estudiosos compreendem que o original grego quer dizer aqui «riquezas gloriosas», o que é possível; mas, na realidade, «glória» é realmente o sentido, e isso na forma de possessão e suprimento abundantes.

«*...que sejais fortalecidos com poder...*» (Comparar com Efé. 1:17 e ss.). A «iluminação» conduz ao conhecimento do poder de Deus, e o poder opera em nós, tal como operou em Cristo, tendo-o ressuscitado dentre os mortos, colocando-o à mão direita de Deus e dando-lhe um nome que está acima de todo e qualquer nome, o que fez dele o domínio universal absoluto. Neste ponto aprendemos que é o «poder» que nos conduz à iluminação espiritual. A palavra «poder» é usada em sentido geral. Faz parte do poder de Deus fazer o que ele quiser fazer. Esse poder atua ativamente nos céus e à face da terra, objetivamente na criação, e subjetivamente no homem. É o seu aspecto «subjetivo» que é enfatizado aqui. E esse «poder» consiste da operação do Espírito Santo no íntimo, o que produz todas as coisas pedidas na oração de Paulo, a saber:

1. Antes de tudo, que esse próprio poder fosse sempre a força eficaz no crente, produzindo a vontade de Deus na vida do mesmo. Assim, o poder divino, aplicado pelo Espírito Santo, serve de base para todo o desenvolvimento espiritual.

2. Mediante esse poder, Cristo habitará verdadeiramente no coração crente, transformando os homens segundo a sua própria imagem. (Ver o décimo sétimo versículo).

3. Esse poder produzirá iluminação espiritual concernente ao «amor» de Cristo (ver os versículos dezoito e dezenove), bem como a compreensão necessária sobre a natureza do mistério (ver Efé. 1:10 e 3:3), o que transformará a vida do crente individual.

4. Esse poder trará «toda a plenitude de Deus», colocando o «infinito no que é finito». É por intermédio do poder de Deus que dos crentes se espera que atinjam o infinito. (Ver o décimo nono versículo).

5. Esse é o poder capaz de fazer extraordinariamente muito mais do que tudo aquilo que pedimos ou pensamos (ver o vigésimo versículo).

6. Por conseguinte, a vida cristã inteira, em suas realizações, presentes e futuras, até que finalmente tivermos a própria imagem de Cristo, a sua natureza, as suas perfeições, a sua santidade, tudo se alicerça sobre esse *poder*, que é posto em vigor no homem interior, em prol do que o apóstolo Paulo orava agora.

7. Esse poder «não vem de nós mesmos», mas pertence a Deus, da mesma maneira que a salvação «não vem de nós mesmos», mas antes, é «dom de Deus» (ver Efé. 2:8,9). No entanto, esse é o poder que faz de nós «feitura» dele. (Ver Efé. 2:10). É o poder de Deus que faz de nós o que somos, que nos leva a fazer aquilo que devemos fazer.

«*...mediante o seu Espírito...*» O Espírito de Deus, que faz de um crente templo de Deus (ver Efé. 2:21,22), é a força motivadora de todos os aspectos da vida cristã, do poder de transformação segundo a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18), e é a origem de todas as virtudes positivas e variegados aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23).

«Somente essa fonte de energia espiritual pode suprir-nos a 'força espiritual' necessária para essa operação e para esse conflito espirituais... Possuímos muitos inimigos, astutos e fortes; muitas provações, grandes demais para nossas forças naturais; muitas tentações, que nenhum 'poder humano' é capaz de oferecer resistência com sucesso; muitos deveres a cumprir, que não podem ser realizados no poder do homem. Portanto, precisamos da 'força divina'; precisamos do seu poder; precisamos ser fortalecidos em todos os sentidos, tonificados por esse poder; e assim seremos poderosa e eficazmente fortalecidos». (Adam Clarke, *in loc.*).

«*...no homem interior...*» Convém que desdobremos o comentário em alguns pontos, a saber:

1. Esse fortalecimento espiritual se dá no *intelecto*, mas envolve ainda mais do que isso. No entanto, Deus deveria controlar as nossas mentes e dominar nossos poderes de raciocínio. Uma pessoa comum, mediante grande esforço, pode aprender tanto quanto qualquer gênio. Na mente humana reside extraordinário poder, e a razão humana transcende à capacidade do cérebro, por maior que isso seja. Podemos ser «transformados pelo poder renovador de nossa mente» (ver Rom. 12:2), e isso nos impele a fazer a vontade de Deus, que é boa, aceitável e perfeita.

2. O homem interior também possui a *natureza moral* do homem. Os capítulos quarto a sexto da presente epístola enfatizam a transformação moral do crente de acordo com o ideal cristão. Precisamos do concurso de um grande poder para sermos purificados, para levar-nos a compartilhar da natureza moral de Deus (ver Mat. 5:48) e de suas virtudes morais positivas (ver Gál. 5:22,23).

3. O homem interior é igualmente a *natureza emotiva*. Nossos afetos, nosso amor, nossos desejos todos precisam ser guiados por Deus e na direção dele. (Ver Col. 3:2). O primeiro mandamento ordena-nos «amar a Deus», e o segundo ordena-nos «amar ao próximo». Ora, somente o Espírito Santo, no homem interior, pode produzir tal resultado. Essa habilidade transcende ao que é meramente humano, pelo que também todo o verdadeiro amor que há no mundo é causado pela influência do Espírito de Deus, quer no crente ou no incrédulo. Pois o Espírito de Deus atua no mundo, e não apenas nos crentes.

4. Mas a expressão *homem interior* também indica a *alma*, o próprio «princípio de vida» que há no homem, a «inteligência essencial e o ser do homem», o que também pode ser indicado pelo vocábulo «coração». É no próprio ser do homem que o Espírito Santo opera suas maravilhas, fortalecendo e transformando aos crentes, a fim de assumirem a própria natureza de Cristo. (Comparar com o trecho de II Cor. 4:16, que contrasta o «homem interior» com o «homem exterior». Ver também o trecho de Rom. 7:22, onde se acha idêntica expressão). Tal expressão, portanto, ocorre por três vezes nas páginas do N.T., e por todas às vezes em escritos paulinos. O homem «exterior» é o corpo físico, e o homem «interior» é a alma, o ser essencial. Possuidor da natureza «espiritual», o homem interior é o lugar da habitação e da influência do «Espírito» de Deus. «Os termos «interno» e «externo» denotam os dois lados ou aspectos da natureza humana, a alma e o corpo, o real e o fenomenal, o permanente e o perecível, tal como os termos «velho homem» e «novo homem» denotam sua dupla natureza moral». (Salmond, *in loc.*).

O novo homem (ver Efé. 4:24) é o homem regenerado, modelado conforme a imagem moral e metafísica de Cristo. A igreja, coletivamente, como um corpo, também recebe a denominação de «novo homem», porquanto se compõe de indivíduos que são um «novo homem». (Ver Efé. 2:15). Assim sendo, o «novo homem» é o mesmo «homem interior», visto como alguém regenerado, libertado do pecado debilitante, que está sendo transformado segundo a imagem de Cristo.

Expressões trinitárias: Podemos notar expressões de inclinações trinitárias, neste versículo: Deus Pai fortalece-nos no íntimo, «através do Espírito», e envia Cristo, seu Filho, para habitar em nossos corações. (Ver o décimo sétimo versículo). Nesta epístola aos Efésios não há nenhum esclarecimento formal acerca da doutrina da Trindade, mas os seus elementos básicos são apresentados em forma latente, que formulações posteriores dos teólogos deram corpo. Mas este livro mostra-nos como as três pessoas da deidade participam na execução dos mistérios divinos (ver Efé. 1:10 e 3:3. Ver também Efé. 2:18 e as notas expositivas ali existentes, em seu quarto parágrafo, quanto a outras alusões a expressões trinitárias na presente epístola).

17 κατοικῆσαι τὸν Χριστὸν διὰ τῆς πίστεως ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν,[b] [c]ἐν ἀγάπῃ[b] ἐρριζωμένοι καὶ τεθεμελιωμένοι,

[b b] 17 *b* minor, *b* none: TR Bov Nes BF² (AV) (RV) (ASV) (RSV) (TT) Zür (Luth) (Jer) (Seg) // *b* none, *b* major: WH NEB

[c c] 17-18 *c* no number, *c* number 18: TR[ed] WH Bov Nes BF² AV RV ASV RSV NEB TT Zür Luth Jer Seg // *c* number 18, *c* no number: TR[ed]

17 κατοικῆσαι...ὑμῶν Jn 14.23 ἐρριζωμένοι καὶ τεθεμελιωμένοι Col 1.23; 2.7

3:17: que Cristo habite pela fé nos vossos corações, a fim de que, estando arraigados e fundados em amor,

As palavras «...habite Cristo nos vossos corações...» indicam a permanência habitadora do Espírito de Deus, nos crentes, na qualidade de *alter ego* de Cristo, conforme temos comentado amplamente em Efé. 2:21,22, onde esse pensamento é enfatizado, de tal maneira que o crente torna-se o próprio templo de Deus, o que significa, por sua vez, que goza de perfeito acesso à sua glória e ao seu poder, bem como a todo o bem-estar espiritual. O segundo pedido de Paulo, em oração, é que houvesse essa presença habitadora divina em seus leitores, e isso através do poder de Deus. Consideremos ainda os pontos abaixo discriminados:

1. A trindade divina habita em nós, o que se deduz do trecho de Efé. 2:21,22, em confronto com este versículo. O Espírito Santo é o agente dessa habitação.

2. «Habitar» significa tomar residência permanente, estabelecer moradia.

3. Uma vez que Cristo é a «riqueza da glória do mistério» que em nós habita, tudo isso nos será comunicado por ele.

4. O seu Espírito, em nós residente, nos conduzirá de glória em glória, até participarmos plenamente de sua natureza, de sua santidade e de seus atributos perfeitos. (Ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29). Esse é o grande tema e alvo do evangelho.

5. Cristo veio habitar em nossos corações a fim de sermos o que ele é, e a fim de que todas as graças divinas tenham realização em nós. Em certo sentido, portanto, *somos Cristo*, isto é, estamos sendo feitos naquilo que ele é—somos Cristo «em formação». E assim participamos em tudo quanto ele realizou e experimentou, em sua morte, em sua ressurreição, em sua ascensão e em sua glorificação, conforme o trecho de Efé. 1:19 e ss. nos mostra, e que faz parte de conceitos por muitas vezes reiterados, dentro da teologia paulina. (Ver Rom. 6:3 quanto a notas expositivas a respeito desse tema).

6. Cristo se encontra em nossos corações para que recebamos o que ele possui, a sua herança (ver Rom. 8:17), e para que participemos de sua glorificação (ver Rom. 8:30).

7. A idéia que Cristo habita em nós, além de significar que o seu Santo Espírito habita em nós, expressa também a nossa comunhão mística com ele, porque estamos «em Cristo» em virtude de sua presença habitadora. Portanto, estar «em Cristo» e possuir sua «presença habitadora em nossos corações» são expressões místicas que indicam a comunhão mútua de que desfrutamos no nível da alma. (Quanto a notas expositivas sobre o «misticismo cristão», onde a expressão «em Cristo» é comentada, o que ocorre por cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas de Paulo, ver I Cor. 1:4). Mas, uma vez que essas são expressões místicas e espirituais, não podemos pretender qualquer coisa como compreendê-las plenamente, embora saibamos que indicam o contacto real entre o ser divino e o ser humano. No presente, devido às limitações do nosso conhecimento, isso é sabido mais através da «experiência» do que através da compreensão racional.

8. «Como é que Cristo habita nos corações? Ouçamos a voz do próprio Cristo, que disse: '...meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada'». (Crisóstomo, que aludia ao trecho de João 14:23). (Ver também Col. 1:27, onde se lê: «...*Cristo em vós, a esperança da glória*»).

«...*nos vossos corações*...» Temos aqui um equivalente poético à expressão que figura no versículo anterior, o «homem interior». Envolve algo intelectual e emocional, mas, na realidade, aponta principalmente para o princípio íntimo da vida, para o homem essencial, para a alma ou espírito do homem, onde a habitação de Deus tem lugar, por tornar-se templo do Espírito Santo. É a alma do homem que entra em contacto direto com Deus, e que recebe as suas influências.

«O coração é nosso autopensamento interior e consciente, nossos sentimentos e nossa vontade, em sua unidade pessoal». (Findlay, *in loc.*). Mas, ajuntamos nós, que todas essas qualidades são meramente atributos da alma.

«...*pela fé*...» Está em foco a «fé evangélica», que consiste da «entrega de alma» aos braços de Cristo, e não da mera aceitação de um credo ou de tornar-se alguém membro de uma organização religiosa. (Isso pode ser comparado com o décimo segundo versículo deste mesmo capítulo, que mostra que a «fé» é o instrumento do nosso «acesso» a Deus. Ver também o trecho de Efé. 2:8, onde a «fé» aparece como o meio que nos traz a graça divina e suas bênçãos). No trecho de João 3:16, essa fé aparece como «salvadora». (Notas expositivas completas sobre a «fé», são oferecidas em Heb. 11:1). Também é de fé em fé, de um grau de fé a outro, de um exercício de fé a outro, que o justo vive (ver Rom. 1:17). Outrossim, a fé é «dom» e «fruto» do Espírito Santo (ver Efé. 2:8 e Gál. 5:22). No entanto, a fé foi posta à disposição de todos os homens, mediante a «graça geral» exibida na cruz de Cristo (ver João 12:32 e Rom. 11:32).

Assim sendo, neste ponto, uma maior entrega da alma aos braços de Cristo indica uma mais profunda comunhão mística com ele. A fé é que cria as condições para essa presença habitadora de Cristo nos nossos corações. A fé o apreende, abrindo-lhe as portas do próprio 'eu', entregando-lhe o próprio 'eu' (ver Apo. 3:20). No dizer de Calvino (*in loc.*): «Numa palavra, a fé não é uma visão distante, e, sim, um abraço, caloroso, dado em Cristo, mediante o que ele habita em nós, ao passo que nós mesmos somos cheios do seu divino Espírito».

«...*estando vós arraigados e alicerçados em amor*...» A fé é novamente ligada aqui ao amor, o que é comum nos escritos de Paulo. (Ver I Cor. 13:13—a fé opera pelo amor; Gál. 5:6; a fé e o amor se encontram na mesma pessoa como forças atuantes, I Tes. 1:3; há o «peitoral» composto pela fé e pelo amor, I Tes. 5:8; a fé e o amor se centralizam ambos «em Cristo Jesus», I Tim. 1:14. Sim, tanto a fé quanto o amor são aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23). (Ver igualmente as passagens de File. 5 e I Tes. 6:11, onde essas qualidades aparecem vinculadas juntamente).

«...*arraigados e alicerçados*...» Paulo lança mão, aqui, de duas metáforas—uma delas é da árvore cujas raízes penetram tão profundamente no solo que há suprimento de vida para a árvore inteira; e a outra é a do alicerce de um templo, o que permite que a parte visível do edifício seja construída sobre o mesmo. Ora, o lançamento das raízes e o fundamento firmado vêm através dessa presença habitadora de Cristo. As raízes se aprofundam e o alicerce foi bem colocado, sendo fortalecido mediante a comunhão apropriada com o ser divino. Em face dessa condição, pois, o «amor» passa a ser a influência e a condição que a tudo permeia. O «amor», na realidade, é o caminho mais rápido em nosso retorno a Deus, porquanto traz o divino ao que é humano, pois Deus «é amor» (ver I João 4:8).

Disso é que se origina a *compreensão* concernente ao amor de Cristo e ao «plano» do mistério (ver os versículos dezoito e dezenove deste capítulo), mas igualmente o desenvolvimento geral da vida espiritual, que se estende eternidade afora, naquilo que Deus faz em nós, por nós e conosco, além de qualquer coisa que possamos pedir ou pensar (ver o vigésimo versículo).

A metáfora da *árvore*

1. A «árvore» fala da *vida*. A vida cristã, em sua totalidade e em sua expressão, é aqui indicada.

2. O «solo» é a pessoa de *Cristo*, e o «amor» é a atmosfera circundante e o elemento em Cristo daquele que está arraigado nele.

3. As «raízes» são o *nosso homem interior*, em comunhão com ele.

Antes de podermos «crescer para o alto», antes de nos «desenvolvermos espiritualmente», deve haver o «aprofundamento», o que indica uma comunhão crescente com a pessoa de Cristo. Essa comunhão leva-nos a compartilhar de sua natureza, de suas qualidades morais, de suas perfeições, de sua imagem moral e metafísica, em sua totalidade. É então que passamos a expressar-nos tal como ele se expressava, chegando a experimentar o seu grande amor, desenvolvendo-nos espiritualmente em todos os sentidos. «Crescemos» em Cristo e chegamos à sua «estatura», ou seja, nossos ramos espirituais se espalham, porque temos raízes profundas (mediante a comunhão mística com Cristo, segundo cuja imagem estamos sendo transformados). Isso pode ser confrontado com as palavras de Efé. 4:12-16, onde se aprende que há uma «perfeição» que buscamos. Essa perfeição consiste da edificação do «corpo» de Cristo, aquele organismo espiritual vivo que é a sua plenitude. O alvo que nossas almas remidas devem buscar, portanto, é nos tornarmos «homens perfeitos», dotados da plena medida da «plenitude de Cristo». Desse modo é que crescemos nele, o que significa atingirmos as perfeições que ele tem as quais ele oferece a todos os remidos. Isso ocorre mediante a edificação do *amor*. (Ver Efé. 4:16).

A Metáfora Do Templo

1. O seu alicerce é Cristo e o seu amor.

2. Esse alicerce já foi lançado, isto é, desfrutamos de comunhão com ele. O seu amor nos inspira e transforma.

3. O solo no qual esse alicerce é lançado, é o amor. Aquele que edifica sobre o amor (sendo essa a grande motivação de sua vida), torna-se parte do edifício espiritual e resiste aos ataques.

4. Com um alicerce profundamente cavado, é possível a ereção de um edifício bem alto; neste caso, trata-se de um templo. Isso fala de abundante desenvolvimento espiritual, em comunhão com o Espírito, que em nós habita.

5. O alvo consiste de atingirmos as perfeições de Cristo (ver Efé. 4:16).

6. O amor é a prova mesma da espiritualidade, e por si mesmo é produto da regeneração. (Ver I João 4:7). Portanto, é o alicerce de tudo quanto somos e fazemos. Vivemos altruisticamente, e não dirigidos pelo egoísmo.

7. Estando firmados no amor, isso nos possibilita atingir elevada espiritualidade, tanto no campo do conhecimento como no das obras. A iluminação espiritual revela-nos o amor de Cristo, tornando esse amor real em nossas vidas, conforme se lê nos versículos seguintes.

18 [c] ἵνα ἐξισχύσητε καταλαβέσθαι σὺν πᾶσιν τοῖς ἁγίοις τί τὸ πλάτος καὶ μῆκος καὶ ὕψος καὶ βάθος,

18 Col 2.2

18 *υψ. κ. βαθ.* $\mathfrak{p}^{46}$BDGI *69 al* lat co arm; R] *βαθ. κ. υψ.* ℵA *pm* sy[h] ς

3:18: possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade,

A palavra «...*poderdes*...», no original grego, «*eksischusete*» é forma intensificada por um prefixo preposicional, dando a idéia de «completamen-

te», «eminentemente», o que nos forneceria uma tradução mais correta de «compreender totalmente». A raiz da palavra, neste caso, é «ischus», ou seja, «força incorporada». A «habitação» vem do poder do Cristo em nós residente. Paulo orou, antes de tudo, pedindo «poder» (ver o décimo sexto versículo), que é a base de todos os demais pedidos desta oração. O poder dado pelo Espírito Santo que em nós habita, concede-nos amor, entendimento e um completo desenvolvimento espiritual, por tratar-se do mesmo poder que operava em Cristo Jesus (ver Efé. 1:19 e ss.). .O «poder interno» tem por conseqüência o «entendimento espiritual» de várias modalidades, e, em seguida, resulta na transformação real do crente segundo a imagem de Cristo.

«...*compreender*...» No grego é «*katalambano*», que significa «apreender» «segurar», «ganhar», «atingir», mas que neste contexto tem realmente o sentido de «compreender». O conhecimento colimado não é empírico ou meramente racional. Tal como por todo o contexto, um aspecto místico é salientado. Chegamos a conhecer o plano grandioso de Deus (ver Efé. 1:10 e 3:3) e o amor de Cristo de maneira «espiritual», mediante a «comunicação espiritual» e «experiência». Esse conhecimento, pois, se dá no nível da alma, do «coração» (ver o décimo sétimo versículo), no «homem interior» (ver o décimo sexto versículo), não sendo necessariamente «descritivo», como nas proposições teológicas. Dwight Moody era homem de parcos recursos intelectuais, de pouca educação formal, mas conhecia os mistérios de Deus no «nível da alma». Um crente comum pode tornar-se possuidor de elevado conhecimento sobre as realidades divinas, mediante a experiência de alma, embora não possa formular seu conhecimento através de qualquer teologia sistemática. A ignorância intelectual, entretanto, não serve de ajuda na obtenção de conhecimentos místicos, embora não seja necessariamente um grande empecilho, se é que pode ser tachada como tal. Não obstante, a ignorância espiritual chega a ser entrave, no caso de alguns, pois Deus chega a aguçar o intelecto do indivíduo quando o seu Espírito Santo entra em contacto com ele. Na verdade, porém, a alma pode *conhecer* as coisas intuitivamente, que a mente jamais poderá expressar, visto que nem ao menos são racionalmente compreendidas. Esse «conhecimento íntimo», embora permaneça indizível, sempre será uma influência decisiva sobre a vida do crente, um grande fator de transformação moral e espiritual.

«...*com todos os santos*...» Ficam aqui enfatizados os pontos seguintes:

1. Tal realização espiritual não se trata de um caso isolado, mas antes, é compartilhado por todos os crentes. (Ver Rom. 1:7 acerca de notas expositivas acerca da palavra «santos», como título geral dado a todos os crentes, e onde sua história e uso são comentados).

2. Também fica subentendido que uma compreensão total deverá ser proporcionada à comunidade cristã inteira, e que a compreensão individual de algum modo está vinculada ao crescimento e à realização espiritual do corpo inteiro de Cristo. A igreja, coletivamente considerada, ensina aos seres angelicais (ver o décimo versículo deste capítulo); e assim, a igreja cresce coletivamente em Cristo, o que inclui o entendimento espiritual aqui aludido. Isso enfatiza, portanto a importância primária da «edificação mútua», pois a falta de crescimento no corpo inteiro entrava o avanço de cada um de seus membros.

«...*qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade*...» Neste versículo não aparece o objeto do verbo «compreender». Alguns estudiosos acham que o objeto é suprido no próximo versículo, a saber, «o amor de Cristo»; porém, outros acreditam que o objeto da compreensão espiritual deve ser subentendido com base no contexto geral, talvez até mesmo com base em toda a secção doutrinária da epístola. Por conseguinte, várias interpretações têm surgido, das quais damos algumas posições representativas:

1. Alguns pensam que o objeto do verbo «compreender» é o próprio *Deus*. O trecho de Efé. 1:17 tem Deus por sujeito, e ele faz parte da «primeira oração». Contudo, não parece ser esse o caso, nesta segunda oração.

2. Outros sugerem que o objeto é a *igreja*, ou seja, o «mistério da igreja», seu chamamento, sua natureza, seu destino, conforme é esclarecido em Efé. 3:3. Não há que duvidar que isso faz parte do significado da passagem, pois todas as coisas pelas quais Paulo pediu têm alguma conexão com esse mistério. Mas também não nos parece ser essa a referência direta desta passagem.

3. Leve variante dessa segunda posição é aquela representada pela interpretação de Bengel, na qual a igreja figura como o *templo* (ver Efé. 2:21,22). É essa terceira posição parece bastante plausível, porquanto várias «dimensões» são mencionadas na frase, como se fossem as dimensões de um templo. Não obstante, essas dimensões não falam necessariamente de um edifício.

4. Ainda outros pensam que o objeto é *o amor de Deus*, o qual seria entendido corretamente como amor que se manifesta «em Cristo».

5. Uma boa interpretação é aquela que diz que o objeto é «*o mistério da vontade de Deus*», conforme é explanado pelo apóstolo no trecho de Efé. 1:10; e isso, como é lógico, inclui o mistério da igreja, referido em Efé. 3:3. Nesse caso, o pedido de Paulo seria que os crentes recebessem conhecimento espiritual e místico, o qual fluiria até às suas mentes intelectuais, dando-lhes entendimento sobre o «plano de Deus», acerca das grandes coisas que o Senhor está realizando universalmente, levando todas as coisas à unidade em torno de Cristo, restaurando em torno dele todas as coisas, inclusive a redenção humana, além daquilo que está sendo efetuado em cada crente em particular e na igreja coletivamente. Por conseguinte, talvez esteja em foco o pleno escopo dos propósitos divinos, o esforço divino, na pessoa de Cristo, tendente à redenção, à restauração e à unificação. Essa é a interpretação exposta por excelentes eruditos bíblicos, e não pode ser posta de lado sem mais aquela.

6. Uma subcategoria dessa posição é aquela que pensa que está em pauta a «obra da redenção».

7. Ainda outros eruditos olham para mais adiante, para o décimo nono versículo, pensando que a «plenitude de Deus» é o objeto do verbo «compreender»; mas certamente essa posição labora em erro.

8. A posição mais provável de todas é que o objeto do verbo «compreender» é o *amor de Cristo*, que figura no décimo nono versículo, e que é a maneira mais natural de compreendermos o texto. Naturalmente, no ato de conhecermos esse amor, também chegamos a entender o mistério geral de Deus e da redenção humana, tudo com alicerce no amor de Cristo. E esse amor de Cristo é o seu amor por nós, e não o nosso amor por ele, apesar do fato que seu amor por nós cria em nós o amor por ele, bem como pelos nossos semelhantes, conforme aprendemos no vigésimo quinto capítulo do evangelho de Mateus e em II Cor. 5:14.

Naturalmente, aprender o amor de Cristo também nos leva a aprender sobre o próprio Cristo e sobre o Pai celeste, bem como sobre as realidades celestiais. Um casal devoto um ao outro pelo amor, através de seu período de vida pode vir a conhecer-se um ao outro em um grau como ninguém mais pode conhecer a qualquer daqueles cônjuges.

«...*largura...comprimento...altura...profundidade*...» Essas expressões, que foram deixadas sem explicação definida, têm sido submetidas a muitas interpretações, algumas das quais são altamente fantásticas e imaginosas. Abaixo damos exemplos das mesmas:

1. Alguns estudiosos pensam que essas palavras se referem à cruz. Os braços da cruz falariam do amor de Cristo, que se estenderia até às extremidades da terra. E seu poste perpendicular falaria do amor de Cristo, que subiria aos céus e desceria ao inferno. Assim sendo, não haveria lugar longe demais, alto demais, baixo demais que o amor de Cristo não atinja.

2. Outros eruditos vêem nessas dimensões uma alusão ao templo pagão de Diana dos Efésios, uma das maravilhas do mundo antigo. Esse templo tinha cento e trinta metros de comprimento, sessenta e sete metros de largura, cujo teto era apoiado em cento e vinte e sete colunas, cada qual com mais de dezoito metros de altura, tendo sido necessários duzentos e vinte anos para sua conclusão. As admiráveis dimensões desse templo, na opinião de certos, seria uma ilustração apropriada para expressar as dimensões do amor de Cristo. Porém é altamente improvável que o apóstolo dos gentios tivesse lançado mão de um templo pagão para ilustrar a grande verdade espiritual que descrevia.

3. A alusão a um templo, contudo, poderia ser ao templo de Jerusalém, e, através disso, à igreja cristã como um novo templo, de ordem espiritual.

4. Ainda outros eruditos pensam que temos aqui termos astrológicos, talvez referindo-se a regiões distantes do espaço, a lugares onde os anjos habitam. Nesse caso, embora o próprio apóstolo Paulo não estivesse interessado por questões de astrologia, ele poderia ter-se utilizado de termos astrológicos, conhecidos pela grande maioria dos antigos. E isso ilustraria perante os seus leitores a imensidade do amor de Cristo, que não conhece limites de lugares e esferas, mas antes, estende-se a todos.

5. Outras interpretações ainda são mais fantásticas, como aquela que opina que a «altura» indica a *divindade de Cristo*, que a «profundidade» indica a sua «humanidade», e que a sua «largura» significa a comissão dos apóstolos e seus labores à face da terra.

6. Há aquela interpretação sobre as «dimensões», como se essas fossem as medidas do «templo espiritual», o que corresponderia à «plenitude de Deus» (ver o décimo nono versículo). Nesse caso, a «largura» subentenderia que o amor de Cristo inclui todos os homens, envolvendo judeus e gentios juntamente; a «profundidade» seria o amor profundo de Cristo, que nem o inferno pode abafar; a «altura» seria a elevação celestial desse amor, do qual nenhum homem pode privar-nos, o qual nos conduz perante o próprio trono de Deus.

7. Jerônimo pensava que a «altura» fosse alusão aos anjos bons, que a «profundidade» falasse sobre os anjos maus, que o «comprimento» se referisse aos homens que estão subindo pelo «caminho ascendente», e que a «largura» aludisse aos homens que descem pelo «caminho largo da perdição».

8. Bem ao contrário de tudo isso, essas palavras são apenas maneiras poéticas de conceber a *vastidão* do amor de Cristo, que desconhece medidas. No dizer de Vincent (*in loc.*): «Nenhuma interpretação especial precisa ser dada a essas palavras. A idéia geral de vastidão é expressa nesses termos ordinários de dimensão». Naturalmente, algumas das interpretações enumeradas acima, apesar de fantásticas, servem de boas ilustrações para este texto, falando sobre determinadas verdades de modo indireto, ainda que não sejam diretamente aludidas nesta passagem.

Conclui-se disso tudo que o propósito remidor de Deus é tão grande que se «...estende por todo o mundo das nações, para oriente e para ocidente. Nessa amplidão, alcança todos os séculos, até ao fim das coisas. Quanto à sua profundidade, penetra até à região onde os fiéis dormem na morte. E eleva-se até às alturas do céu, onde Cristo vive». (Hofmann, *in loc.*).

«Amplo como os limites extremos do mundo habitado, longo como os séculos da eternidade, pelos quais o amor de Deus para com seu povo perdurará, profundo como o abismo da miséria e da ruína de onde ele nos ressuscitou, elevado como o trono de Cristo nos céus, onde ele nos colocou». (Bernardine à Piconio).

«Deus é amor; e nesse amor há infinitude de comprimento, de largura, de profundidade e de altura. Ou melhor, todo o comprimento, largura, profundidade e altura, perdem-se nessa imensidade. Envolve tudo quanto está acima, tudo quanto está abaixo, todo o passado e todo o futuro». (Adam Clarke, *in loc.*). (Ver também o trecho de Rom. 8:38,39, quanto a expressões similares, que indicam aquelas coisas que não podem

separar-nos do amor de Cristo).

19 *γνῶναί τε τὴν ὑπερβάλλουσαν τῆς γνώσεως ἀγάπην τοῦ Χριστοῦ, ἵνα πληρωθῆτε εἰς πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ*[3].

[3] **19** {B} πληρωθῆτε εἰς πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ ℵ A C D G K P Ψ (81 πληροφορηθῆτε) 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it$^{ar,e,d,dem,e,f,g,(x),z}$ vg syr^{p,h,pal} cop^{bo} goth // πληρωθῆτε εἰς πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ Χριστοῦ 1881 // πληρωθῇ πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ $\mathfrak{p}^{46}$ B cop^{sa} // πληρωθῇ πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ εἰς ὑμᾶς 33

19 πληρωθῆτε...θεοῦ Col 2.10

Ao invés de πληρωθῆτε εἰς πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ, que é amplamente confirmada por bons representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (ℵ A C D G it vg sir (p,h,pal) cop (bo gót), vários testemunhos (*P* (46) B 462 cop (sa)) omitem -τε εἰς, dizendo πληρωθῇ πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ («(para que) toda a plenitude de Deus seja cheia»). Várias outras formas se acham em manuscritos individuais (81 diz πληροφορηθῆτε, 1881 substituí Χριστοῦ em lugar de θεοῦ, e 33, seguindo B, adiciona εἰς ὑμᾶς).

3:19 e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios até a inteira plenitude de Deus.

«...conhecer o amor de Cristo...» Não temos nessas palavras o nosso amor a Cristo, pois esta oração ultrapassa tal pensamento, já que se centraliza antes no amor de Deus por nós, conferido por intermédio de Cristo—está em foco o amor divino por nós. (Ver João 3:16; II Cor. 5:14; Rom. 5:8; 9:37, 39; Gál. 2:20; Efé. 2:4, 5:2; I João 4:10, 11, 19 e Apo. 1:5, quanto a outras passagens neotestamentárias que enfatizam o «amor de Deus», expresso por meio de Cristo).

«*...conhecer...*» De que maneira? Vejamos os pontos abaixo:

1. Conhecer *intelectualmente*.Mas entram em jogo muito mais que a nossa capacidade intelectual, porquanto o amor de Deus em Cristo excede à razão humana, a meras fórmulas racionais.

2. Conhecer *intuitivamente*, sem quaisquer fórmulas intelectuais.

3. Conhecer *experimentalmente*, na vida diária e no nível consciente.

4. Mais particularmente, está em foco o conhecimento *místico*, como entendimento e expressão da alma, que não necessita de fórmulas verbais e racionais para existir e para impor-se.

5. Eventualmente, tal «conhecimento» do amor de Cristo, tal experiência, tornam-se plenamente concretizado, quando estivermos no estado eterno. (Ver I Cor. 13:12). Por conseguinte, tanto agora como então o amor será sempre o caminho pelo qual podemos conhecer o que era impossível de ser conhecido.

O conhecimento do amor de Cristo constrange-nos a alma a amar aos nossos semelhantes. O vigésimo quinto capítulo do evangelho de Mateus mostra-nos que amar aos homens é, em certo sentido, amar a Cristo. O trecho de II Cor. 5:14 mostra-nos que o amor de Cristo por nós leva-nos a amar aos outros e a buscar o seu bem-estar eterno. A passagem de I João 4:11,12,19,20 ensina-nos que o amor é um princípio normativo da fórmula divina, e que amamos a Deus porque primeiramente ele nos amou; e assim, visto que amamos a Deus, a quem não temos visto, amamos aos irmãos, filhos de Deus, porquanto, ao amarmos a eles, estamos honrando e amando a Deus.

O amor busca o bem-estar, o bem-estar eterno do ente amado: O amor consiste de desejarmos para os outros aquilo que desejamos para nós mesmos; o amor consiste de nos interessarmos pelo próximo, como algo tão natural como quando nos interessamos por nós mesmos, sem motivos egoístas, mas por causa de um puro altruísmo. Deus também buscou o bem-estar eterno do homem, e enviou o seu Filho em sua missão terrena. O Filho de Deus, que ama ao homem com a mesma intensidade de amor que Deus Pai, levou a efeito a sua missão. E os remidos, ao receberem na alma esse amor, transmitem-no a outros homens, sendo esse o impulso inspirador da missão evangelizadora da igreja, mas também de todas as nossas ações individuais uns pelos outros, dentro da comunidade religiosa de que fazemos parte. E assim se expressa o grandioso ciclo do amor.

«Quando esse amor a Cristo enche os nossos corações e penetra até os seus recessos mais profundos, então sentimos forças para lançar fora todos os nossos preconceitos e podemos ultrapassar nossas dificuldades e limitações intelectuais. Então temos a coragem de adotar a regra simples de comunhão estabelecida por Cristo: 'Quem fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe'». (Findlay, *in loc.*).

«*...que excede todo entendimento...*» Essas palavras mostram-nos que o amor de Cristo ultrapassa a capacidade humana de compreendê-lo intelectualmente, não podendo nós defini-lo, descrevê-lo, pô-lo dentro de uma categoria. O termo grego aqui empregado é «uperballo», que quer dizer «ultrapassar», «ir além». A mente humana, até mesmo aquilo que vai além da capacidade cerebral, não é instrumento que possa descrever quão infinito é o amor de Deus, pelo menos no presente estágio de nosso desenvolvimento. Contudo, um homem pode conhecer de maneira intuitiva, experimental e mística, os estágios mais avançados do amor de Cristo, que desafiam toda a capacidade intelectual de compreensão e de descrição. Duas idéias se mostram inerentes nessa expressão, a saber:

1. Esse amor se reveste de natureza tal que vai além de quaisquer atividades ou fórmulas cerebrais, racionais.

2. Mas o amor também ultrapassa o «conhecimento», em sua importância e qualidade.

O amor é de *qualidade superior* ao conhecimento. Os gregos davam importância demasiada ao «conhecimento», conforme o primeiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios nos mostra. Mas o décimo terceiro capítulo dessa mesma epístola é o grande «hino ao amor», onde descobrimos que o amor é muito maior que todo o conhecimento e sabedoria, devendo ser buscado acima de todas as demais virtudes. O amor, pois, é uma espécie de «gnosis divina», preferível à «gnosis» dos gnósticos e da filosofia grega. É bem provável que o presente versículo pelo menos faça alusão a essa verdade, ao exaltar tão soberanamenteo «amor de Cristo». A passagem de I Cor. 8:1-3 se caracteriza pela mesma ênfase. O conhecimento infunde orgulho, mas o amor edifica. E edifica também aos outros, e não somente a nós mesmos. «Mas se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele» (I Cor.8:3). Por conseguinte, o amor é melhor do que o conhecimento, embora os esforços humanos, isolados, não possam chegar até ao verdadeiro amor. Mas, visto que o amor chega até Deus e lhe presta honrarias, o amor é a maneira de conhecermos o que, de outro modo, não podia ser conhecido. O amor é a «sabedoria divina».

«*...sejais tomados de toda a plenitude de Deus...*» As palavras «...de Deus...» podem assumir vários significados, a saber:

1. A plenitude que vem da parte de Deus, em que o Senhor aparece como fonte originária (genitivo de origem, no grego).

2. Mais provavelmente ainda, a plenitude que «pertence» à pessoa de Deus (genitivo de possessão). Esta segunda possibilidade está de acordo com o grande evangelho paulino, embora a outra idéia também expresse uma verdade.

«...plenitude...» Grego, *«pleroma»*, para significar a natureza divina com seus atributos. A filosofia religiosa do tempo de Paulo usou este termo para indicar a totalidade das muitas ordens angélicas, cada uma das quais participando (esta filosofia imaginou) em partículas da natureza divina. Col. 2:9, ousadamente, declara que Cristo tem toda a pleroma. Col. 2:10, ousadamente, declara que os irmãos dele, recebem a mesma. Isto os eleva muito além dos mais altos poderes angélicos em natureza e atributos. A expressão deste versículo tem grande alcance, mostrando-se realmente audaz, enfatizando aquilo que este comentário vem procurando enfatizar do princípio ao fim. Existe um destino tremendamente elevado para a alma humana redimida, a qual será elevada muito acima dos anjos mais exaltados, porquanto receberá a própria plenitude de Cristo. (Ver Efé. 1:23). E isso levará a alma remida a compartilhar perfeitamente da imagem de Cristo (ver Rom.8:29), bem como a própria natureza e as perfeições de Deus Pai (ver II Ped. 1:4), o que nos tornará participantes da própria natureza divina. E essa expressão não deve ser sujeitada a limitações, conforme aquelas que enumeramos abaixo:

1. Alguns pensam que essa plenitude será concedida em consonância com a capacidade daquele que a receber. Admitimos de pronto que, por enquanto, não podemos receber tal plenitude; não obstante, o alvo final é a perfeição absoluta, a participação na própria natureza divina, porquanto a própria eternidade nos servirá de oportunidade para crescermos até atingirmos todas as perfeições de Deus. Isso pode ter começo agora, terá prosseguimento na eternidade—pois Deus é infinito e não tem fim. O alvo do evangelho, portanto, é absolutamente ilimitado.

2. A participação na natureza divina pelos irmãos de Cristo é finita, enquanto a participação do Pai e Filho é infinita. A participação dos irmãos é, portanto, secundária em «extensão», mas não diferente em «tipo». A própria eternidade será envolvida no aumento contínuo da glória dos santos. Sendo que existe uma infinidade com a qual devemos ser enchidos, deve existir também uma infinidade de enchimento.

Por conseguinte, o ensino bíblico que aqui encontramos é que a própria plenitude das perfeições divinas, alicerçadas na natureza divina, será outorgada aos remidos, àqueles que se aproximam de Deus por intermédio de Cristo. A própria vida «independente» e «necessária» de Deus (ver João 5:26,27 e 6:57) lhes será dada, e isso de maneira absoluta. No dizer de Crisóstomo, isso é«A súmula das perfeições divinas».

«*Para sermos cheios, tal como Deus é cheio*». (Alford, Olshausen, Ellicott, Eadie). «A diferença entre Deus e os santos não será a qualidade, e, sim, o grau e a extensão» (Abbott, in loc.). Contudo, o efeito da eternidade será ir diminuindo sempre a «extensão», porquanto, na verdade, os remidos tornar-se-ão participantes da própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4), uma vez que serão transformados, da maneira mais literal possível, na exaltadíssima imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), posto que passarão de um estágio da glória para outro, mediante a operação íntima do Espírito Santo, segundo se lê em II Cor. 3:18.

Portanto, é um erro restringirmos o sentido desta passagem, como se tudo quanto ela quisesse dizer é que recebemos os «dons do Espírito», como se esses fossem instrumentos que nos conferem a plenitude de Deus, de maneira secundária, ou meramente como se estivesse em foco a «presença da graça», como representativa dessa plenitude. Por semelhante modo, esta passagem não pode ser interpretada de maneira «panteísta», porquanto por todas as páginas do N.T., a glória futura também haverá de preservar ao

crente individual, sem jamais absorvê-lo no grande Espírito divino. (Ver as notas expositivas sobre Apo.2:17, acerca do «caráter sem-par de cada crente individual»).

Cristo Jesus possui a *plenitude da deidade*, e compartilha dessa plenitude com os seus remidos, conforme o trecho de Col. 2:9,10 nos mostra. É «nele» que também ficamos cheios (ver o décimo versículo dessa passagem). Isso expressa idéia idêntica da que encontramos em Efé. 1:23, onde se lê que somos a plenitude daquele que preenche a tudo em todos.

Precisamos ouvir muito mais do evangelho positivo de progresso segundo a imagem de Cristo. Não basta a mensagem de perdão dos pecados. É verdade que essa mensagem é necessária, mas isso representa apenas o primeiro degrau. Posso ser livre do pecado, mas isso ainda não significa que eu tenha grande participação nas qualidades morais positivas de Deus, as quais nos são conferidas por meio da atividade do Espírito Santo, nos termos de Gál. 5:22,23.

«Estar cheio de Deus é algo grandioso; estar cheio da 'plenitude' de Deus é algo ainda maior. Estar cheio de 'toda' a plenitude de Deus é algo que nos deixa atônitos os sentidos, confundindo-nos o entendimento». (Adam Clarke, *in loc.*).

Oh! Imensidade a que Chamo de 'eu'
Oh! imensidade a que chamo de 'eu',
Minha alma, engrandecida por Deus és tu.
A pequenez do mundo, a miséria e o pecado
Por longo tempo ocultaram isso de minha visão.
Mas agora vejo, a transformação em sua imagem
É o que a Bíblia indica por novo nascimento.
Essa grande verdade está oculta daqueles que
Aspiram apenas habitar em algum lugar celeste,
Quando o destino da alma é ter essas riquezas,
Ser o que Ele é, pela graça;
Ser o que Ele é, divindade compartilhada,
Verdade dominante, fato admirável,
O caminho por Ele preparado.

(Russell Champlin)

20 Τῷ δὲ δυναμένῳ ὑπὲρ πάντα ποιῆσαι ὑπερεκπερισσοῦ ὧν αἰτούμεθα ἢ νοοῦμεν κατὰ τὴν δύναμιν τὴν ἐνεργουμένην ἐν ἡμῖν,

20 κατὰ τὴν δύναμιν...ἡμῖν Col 1.29 20 υπερ] *om* $\mathfrak{p}^{46}$DG lat

Por causa de sua aparente redundância, vários testemunhos (*P* (46) D E F G it «d,g) vg Ambrosiastro) omitem ὑπέρ.

3:20: Ora, àquele que é poderoso para fazer muitíssimo mais que tudo quanto pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera,

Objetos Do Poder De Deus

1. Paulo irrompe em doxologia por causa da imensidade daquilo que acabara de ser dito. Ele exalta a pessoa de Deus, por meio de Cristo, por causa daquilo que será realizado na igreja.

2. Sua súbita explosão de louvor, mostra-nos a vastidão daquilo que acabara de ser declarado, segundo a própria estimativa de Paulo. Seu evangelho ultrapassa em muito o perdão de pecados, atingindo as esferas mais altas da glória eterna, o que nos deixa a mente totalmente atônita.

3. Pode parecer que Paulo havia ido além do conveniente naquilo que acabara de dizer. Lembremo-nos, porém: trata-se do evangelho de Deus; a obra é de Deus, e não nossa. Por conseguinte, deve ultrapassar nossa mais férvida imaginação. Somos objetos do poder de Deus.

Esses pedidos em oração, conforme Paulo reconheceu, exigem a atuação do próprio poder onipotente de Deus, porquanto tal realização está inteiramente fora do alcance do homem. Eis por que essa «plena salvação» vem pela «graça», ainda que, ao mesmo tempo, requeira a reação favorável da vontade humana. Mas a confiança demonstrada por Paulo mostrou ser realmente grande, e ele pode crer que o poder de Deus é suficiente pra produzir aquilo pelo que ele orava; por isso mesmo, descreveu o poder divino como capaz de cumprir tão grandes coisas que ultrapassem tudo quanto possamos pedir ou imaginar. Esse é o tipo de poder que se faz necessário a fim de que o mistério da vontade de Deus se cumpra, no que concerne à igreja. (Ver o trecho de Efé. 3:3 e as notas expositivas ali existentes sobre esse tema, onde o «mistério da igreja» faz parte do ainda mais amplo «mistério da vontade de Deus»).

«O apóstolo Paulo tinha consciência da extrema ousadia da oração que acabara de proferir. Mas ele protestou que, ao invés de haver ultrapassado os propósitos de Deus, ficava ainda aquém dos mesmos. Essa certeza se levanta, nos versículos vinte e vinte e um em um arrebatamento de louvor. É um grito de exultação, um autêntico cântico de triunfo, que irrompe dos lábios do apóstolo. O louvor eleva-se ainda mais alto que a oração. Quando o apóstolo atingiu, na súplica, o cume de seus desejos, ainda assim viu que a plenitude dos dons de Deus estava ainda distante dele, tal como os céus distam da terra. Mas, foi somente naqueles cumes montanhosos, dificilmente conquistados no exercício da oração, em seu ar e luz tranqüilos, que os terrenos ilimitados da promessa se tornaram visíveis. A dádiva de Deus ultrapassa incomensuravelmente nossos e nossas petições; mas deve haver a solicitação e a meditação, para que sejam ultrapassadas pela dádiva. Ele coloca em nossas mãos mais e melhores coisas do que esperávamos— quando a mão expectante se estende para ele. Os desejos do homem nunca atingirão a abundância de Deus...Por conseguinte, louvemos ao Senhor, o qual 'pode fazer muito mais do que tudo', mais do que o melhor de seus servos tem desejado e se esforçado. Porventura os homens pediram ou pensaram em melhor dom ao mundo do que Jesus Cristo? Os profetas predisseram, porventura ao menos uma décima parte de sua grandeza?». (Findlay, in loc.).

«*...infinitamente...*» No original grego aparece uma rara forma composta, a saber, «huper-ek-perissou» (duas preposições intensificadoras), cujo sentido é «inteiramente fora de medida», «infinitamente mais do que». A forma verbal, não-intensificada, «perisseuo», significa «mais do que suficiente», «em excesso», «em superabundância»; mas com duas preposições intensificadoras a idéia chega ao infinito, como algo impossível de ser aquilatado. Não há como o pensamento e a imaginação do homem, e isso expresso em oração, possam aproximar-se do infinito daquilo que Deus pode fazer por nós e em nós. É mister essa forma de poder para que a «plenitude» de Deus habite em nós; e isso se cumprirá através de métodos inteiramente fora do poder de nossa imaginação e entendimento.

«*...conforme o seu poder...*» Algumas versões dizem aqui «pelo seu poder», mas a tradução que encontramos aqui é a correta. O poder de Deus opera em nosso favor de conformidade com a potência e a aplicação do poder divino onipotente. É por razões como essa que a salvação da alma precisa ser mediante a «graça» divina, e não de nós mesmos (ver Efé. 2:8,9). O poder de Deus opera no «íntimo» do indivíduo, pela agência do Espírito que reside no crente. O Espírito do Senhor é quem transforma a alma, tanto agora, como continuamente, como por toda a eternidade, a fim de produzir toda a plenitude de Deus em nós.

«*...pedimos...pensamos...*» O pensamento tem um alcance mais lato que a oração, e provoca esta última; mas nem a oração e nem o pensamento podem começar a apreender o alcance daquilo que Deus pode e quer fazer. Indiretamente, temos aqui um motivo de encorajamento para esperarmos e pedirmos maior dose daquilo que o poder de nosso Pai pode fazer em nosso favor. «O apóstolo 'Paulo' alude aqui à deficiência de nossa fé, de nossa falta de confiança em Deus que é quase habitual». (William Jenks, in loc.).

«Nem a estreiteza de nossos conhecimentos e nem a debilidade de nossas orações poderão limitar as riquezas dos dons divinos. Certamente, isso é motivo para os louvores que aqui são dados, o que confere um encerramento solene à primeira porção da epístola». (Abbott, *in loc.*).

21 αὐτῷ ἡ δόξα ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ εἰς πάσας τὰς γενεὰς τοῦ αἰῶνος τῶν αἰώνων· ἀμήν.

3:21: a esse seja glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.

«*...a ele...*» Deus Pai é o objeto desta doxologia, porquanto ele é a origem de toda a vida e de todo o bem-estar, tanto agora como na eternidade.

«*...a ele seja a glória...*» No original grego, «glória» é «doksa», que significa «louvor», exaltação por meio de palavras, embora também inclua aquela exaltação de Deus que se deriva da vida dos remidos. Essa concretização do mistério da vontade de Deus faz a igreja ser um «louvor vivo». Deus deseja mais do que meramente os nossos louvores de lábios. Notemos o uso enfático do pronome, «...a ele...». No vigésimo versículo lemos: «...àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos...» Portanto, essas palavras «a ele», foram reiteradas por motivo de ênfase, como se Paulo quisesse dizer: «Menciono outra vez o nome do Pai, que merece todo o louvor».

Também devemos observar o artigo definido na frase «...a glória...», por quanto isso dá a idéia de «a glória suprema». Isso também visa ao benefício de todos aqueles que estão sendo restaurados em Cristo, pois Cristo é o próprio modelo de altruísmo, de amor, de misericórdia e de graça. Portanto, dizermos que tudo visa «a glória de Deus» é a mesma coisa que afirmar que, de alguma maneira, o bem deve ser a finalidade de todo o mal, que nada vive ou morre em vão, e que, finalmente, quando todas as operações de Deus estiverem terminadas, nada será repelido por Deus, como refugo, para dentro do vácuo, porquanto ele está salvando e restaurando, e não destruindo. E nisso Deus é glorificado, pois esse é o seu desejo. Ele encerrou a todos na incredulidade, como que em uma masmorra, a fim de que pudesse usar de misericórdia para com todos. Seus próprios decretos de julgamento não são meramente retributivos, mas também são restauradores. E isso é justamente o que se poderia esperar da parte de Deus, o qual é o próprio padrão e a fonte originária de toda a misericórdia e bondade. (Ver Rom. 11:32, quanto a notas expositivas que desenvolvem esse tema).

«*...na igreja...*» A glória de Deus, tanto agora como por todas as «eras» da eternidade, vem por meio da igreja, a qual é a plenitude de Cristo, o que quer dizer que ela é o mais elevado instrumento das obras eternas de Deus. Sua glória também tem lugar na «esfera da igreja», isto é, «na igreja», porquanto esse é seu teatro, onde o Senhor exibe seu poder e sua graça, e onde ele ensina até mesmo a elevados poderes angelicais alguma coisa de sua vontade e de sua grandeza divina (ver Efé. 3:10). A idéia de «na (esfera da) igreja» é o pensamento dominante neste ponto. Através dos «louvores vivos» da igreja, isto é, quando a igreja age como principal instrumento divino na execução de suas obras eternas, Deus receberá glória eterna.

A igreja de Cristo é o principal instrumento de louvor e de glória nas mãos do Senhor Deus; e isso porque os remidos, de conformidade com a mensagem do «mistério da igreja», compartilham da «plenitude de Deus» (ver o versículo anterior), sendo eles a «plenitude de Cristo» (ver Efé. 1:23). Nenhuma dessas descrições bíblicas pode ser aplicada a outro grupo de

seres. Toda a eternidade consistirá dessa «elevação», porquanto não poderá haver fim ou limite para o progresso dos crentes, dentro da plenitude de Deus que é exposta neste texto. As operações do Senhor Deus em nós são efetuadas de acordo com a medida dessa *infinitude*, uma infinitude que ultrapassa todos os nossos pensamentos e orações.

«...*e em Cristo Jesus*...» Essas palavras representam o texto e a tradução corretos. Não é «por Cristo Jesus», segundo dizem algumas traduções, as quais seguem um texto grego inferior. (Ver as notas textuais abaixo, acerca dessa questão). Naturalmente, tudo também veio «por meio» de Cristo (ver Col. 1:16), e essa é uma doutrina geral neotestamentária. Mas essa não é a ênfase que aparece neste versículo. Antes, assim como o teatro das ações principais de Deus é «a igreja», posto que suas maiores realizações são efetuadas naquela esfera, assim também aqueles que estão «em Cristo Jesus», considerado ele como o «Cabeça do corpo» mantêm com ele a relação de «o Noivo» e «a noiva». Portanto, o que acontece ao corpo, necessariamente acontece ao Cabeça, pois a identificação entre o Cabeça e o corpo é total e absoluta. Essa associação, além disso, é eterna, de tal modo que a glorificação de um é a glorificação de outro. Essa união vital e eterna entre Cristo e seus remidos garante-nos tudo quanto lhe foi garantido.

Essa total identificação entre o Cabeça e o corpo (ver as notas expositivas sobre esse tema em Efé. 1:22,23 e I Cor. 6:15) também significa que a esfera na qual Deus receberá glória, por toda a eternidade, será tanto a igreja como a pessoa do Senhor Jesus, porquanto a identificação deste com aquela é completa e absoluta, e que aquilo que se aplica a um deve aplicar-se necessariamente ao outro. (Pode-se ver a glorificação mútua do Pai no Filho, bem como do Filho no Pai, e também do Filho e do Pai nos remidos, em João 17:1-5,10,21-23).

«A idéia aqui é que o louvor deve ser atribuído a Deus, como também que as suas gloriosas perfeições devem ser exibidas tanto na igreja, que é o corpo, como em Cristo, que é o Cabeça, na igreja, por haver sido escolhida por ele, e em Cristo por haver sido dado, ressuscitado e exaltado por ele». (Salmond, *in loc.*).

«...*por todas as gerações, para todo o sempre. Amém*...» Literalmente traduzida, essa porção diria «...por todas as gerações da era das eras». Neste ponto a eternidade é encarada como um ciclo interminável de eras, e eras compostas de gerações. Os homens pensam em «eras» compostas por anos; e aqui a «eternidade» é concebida como composta por «eras». Na linguagem bíblica comum, a eternidade é expressa pelas palavras «eras das eras». As expressões usadas para indicar a eternidade são simples termos familiares antigos, transferidos em forma acumulativa, para dar a idéia de eternidade, a qual conhecemos mui imperfeitamente. Entretanto, tais expressões podem indicar verazmente a passagem de eras distintas, sem dúvida alguma cada qual com seus propósitos distintos, mas sucedendo-se interminavelmente, e é disso que se compõe a eternidade.

Ora, será através da sucessão interminável das eras que a igreja será o teatro perene (juntamente com seu Cabeça) dos maiores desígnios e realizações de Deus.

É verdade que alguns estudiosos pensam que temos aqui a idéia de «várias gerações» intercaladas até à «parousia» (ou Segundo Advento de Cristo), para então continuarem interminavelmente, pela eternidade futura adentro; mas a expressão não parece incluir a esfera e o tempo terrenos, mas antes, trata-se tão-somente de uma das fórmulas pelas quais a eternidade é expressa na linguagem bíblica. Os cristãos primitivos não antecipavam qualquer grande extensão de tempo até à «parousia» (ver I Cor. 15:51), pelo que é muito difícil que Paulo tivesse querido incluir esse período de tempo, que para ele deveria ser tão breve—dentro de uma expressão de tamanha magnitude.

As fórmulas que expressam a idéia de «eternidade», no N.T.: Quanto a outras expressões usadas para denotar o conceito de «eternidade», ver as seguintes: a. A simples expressão «pelas eras», usualmente traduzida como «para sempre» (Rom. 1:25; 9:5; 11:36; II Cor. 9:9); b. «pelas eras das eras», usualmente traduzida como «para todo o sempre» (Gál. 1:5; Fil. 4:10; I Tim. 1:17; II Tim. 4:18, e, mais freqüentemente, no livro de Apocalipse, em Apo. 1:6; 4:9; 5:13; 7:12; 10:6, etc.). No restante da Bíblia, ou nos livros apócrifos, ocasionalmente essa expressão aparece no singular, «pela era das eras» (ver III Esdras 4:38 e Dan. 7:18, nesta última passagem lemos «até a era das eras»). No trecho de Efé. 3:5, a palavra «gerações» é empregada para expressar a vastidão da passagem do tempo passado. No presente versículo essa mesma palavra é unida ao termo grego «aion» («era»), no plural, a fim de expressar a eternidade futura.

«O evangelho cristão, em contraste com isso (com o progresso científico, que pode conduzir à morte), oferece uma visão de progresso que se estende 'por todas as eras, sem fim'. A esperança cristã da vida com Deus, para depois da nossa existência histórica, com freqüência tem sido negligenciada pela pregação das igrejas evangélicas modernas. Visões sobre novos descobrimentos, no campo da física e da biologia, têm alegrado muito mais aos crentes que as visões antiquadas do céu... (mas) Paulo descrevia aqui uma dimensão da experiência onde o progresso pode ser ilimitado. E essa dimensão não difere daquele mundo de progresso material meramente em termos de extensão de tempo para além da morte. Difere também quanto à sua qualidade. Pode haver limites ao progresso, em uma relação de amor, quando o amor é o amor cristão? Isso é ilimitado quanto ao tempo. Mas também é ilimitado quanto à sua profundidade. Tempo e espaço são irrelevantes».

«A promessa contida nestes versículos deveria fazer vibrar o povo cristão de Deus. Não percebemos ainda nenhuma fração da aventurosa possibilidade da vida em Cristo». (Wedel, *in loc.*).

Variante Textual: As palavras «...*na igreja e em Cristo Jesus*...» é o texto de manuscritos como P(46), Aleph, ABC, além da Vulgata latina em geral e das versões boáricas, como também assim aparecem nas citações feitas por Jerônimo. Mas os mss D(2), KLP, além das versões siríacas, aramaicas, etíopes e góticas (entre outras), como também nas citações dos pais da igreja Crisóstomo, Teodoreto, Teófilo e Ecumênico, omitem a palavra «...e...», fazendo com que a frase diga «na igreja, por Cristo Jesus», onde o segundo termo grego «en», aparece como uso instrumental. O uso de «en» aqui mui provavelmente, tem um sentido local, como o primeiro, ou seja, «em Cristo Jesus». Mas os mss D(1) G transpõem as palavras e dizem «...em Cristo Jesus e na igreja...» O texto correto, sem dúvida alguma, é o dos mss P(46), Aleph, B, etc., e o sentido local é o correto. (Ver as notas anteriores sobre o sentido dessa expressão).

Doxologias: Com freqüência, as secções diversas das epístolas neotestamentárias são iniciadas e encerradas com doxologias, como peça introdutória digna de um documento de cunho espiritual. (Ver Efé. 1:3-14; I Ped. 1:3-5). Ou então no término de um livro, como maneira apropriada de dar ponto final a um documento espiritual (ver Rom. 16:25,26; Fil. 4:20; II Tim. 4:18; I Ped. 5:11; Jud. 26 e Heb. 13:21). Também certas secções onde há ensinos particularmente elevados terminam com uma doxologia (como no presente texto, e também em Rom. 11:33-36; Gál. 1:5 e I Tim. 1:17). Em todos esses casos, o uso de uma doxologia serve para salientar e reforçar a mensagem espiritual já exposta ou prestes a ser exposta, atribuindo a Deus todo o louvor, por ser ele a fonte das bênçãos espirituais descritas ou por descrever.

Capítulo 4

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas das elevadas doutrinas expostas na primeira secção* (*Efé.* 4:1- 6:24).

1. Primeira exortação: Exortação à unidade e a um andar digno, à luz dos elevados propósitos de Deus para com os remidos (4:1-16)

A importância suprema da ética. A divisão que fazemos de qualquer epístola paulina em duas secções, uma doutrinária e outra prática, é um tanto ou quanto artificial. E isso porque as chamadas secções «práticas» também contêm doutrinas importantes, que às vezes figuram de maneira numerosa (conforme se dá no caso da secção dos capítulos quarto a sexto desta epístola, onde aparecem as doutrinas sobre a «unidade», sobre o «alicerce da unidade da igreja», sobre a «descida de Jesus Cristo ao hades», neste quarto capítulo; sobre o «mistério da igreja como noiva de Cristo», no quinto capítulo, sobre os «inimigos angelicais dos crentes, que habitam nos lugares celestiais», no sexto capítulo.

Além disso, o tema inteiro da *ética*, que predomina nesta secção dos capítulos quarto a sexto, forma uma importantíssima doutrina, porquanto isso fala da santificação progressiva, da formação presente da imagem de Cristo nos crentes, que faz parte da salvação completa, pois dessa vida ética origina-se o grau de nossa glorificação em Cristo, determinando assim nossos «galardões». (Ver II Cor. 5:10 a esse respeito). Portanto, na realidade, a «ética» é uma das mais importantes doutrinas que há, contanto que se entenda que a vida ética do crente, na realidade, é um resultado da influência do Espírito Santo sobre as nossas vidas, e não apenas um esforço próprio, desvinculado da influência divina.

É devido à atuação íntima do Espírito Santo que nossas mentes são transformadas de modo a não se conformarem mais com este mundo, mas antes, a se *amoldarem ao Senhor* (ver Rom. 12:1,2). E é assim que vamos «de glória em glória», até compartilharmos, finalmente, de sua imagem perfeita (ver II Cor. 3:18). E isso é assim porque é a transformação ética que provoca a transformação metafísica, dentro da qual participamos da própria essência da natureza de Cristo, no sentido mais literal e absoluto possível (ver Rom. 8:29 e II Ped. 1:4). Com base nessas observações, pode-se perceber facilmente a grande importância da secção que temos à nossa frente, e como ela os expõe uma das mais elevadas doutrinas da fé cristã, não servindo apenas de apêndice, como se tudo quanto Paulo visasse fossem «resultados esperados» da redenção que há em Cristo. De fato, nossa santificação progressiva faz parte da nossa redenção, faz parte integral da nossa salvação.

A igreja evangélica moderna, em sua ênfase sobre a verdade fundamental da «justificação pela fé», com freqüência tem perdido de vista a importância da santificação pelo Espírito na vida do crente, o que é algo imprescindível para a formação da imagem de Cristo em nós, e que é a realização da *plena salvação* em nós. Na verdade, tanto a justificação como a santificação nos são dadas

mediante a graça divina, porquanto elas só são possíveis através do dom do Espírito; todavia, tanto em um como em outro aspecto, faz-se necessária a cooperação do livre-arbítrio humano. E assim, tanto na justificação como na santificação, o divino se encontra com o humano, utilizando-se das qualidades humanas e do ser humano, sem lhe destruir a liberdade.

Posto que a santificação vem através da presença habitadora do Espírito Santo, de acordo com a definição neotestamentária, ela é mais do que humana, visto não estar alicerçada sobre o mérito humano. Tudo se baseia na *graça* divina, por ser algo propiciado ao homem. Porém, tal como o próprio dom da salvação, ou de seu aspecto inicial da justificação, a santificação também se verifica devido à cooperação da vontade humana com a vontade divina. Por isso, a vontade humana pervertida ou pertinaz pode anular ou rejeitar essa operação, mesmo depois dela ter iniciado. Nesse outro sentido, pois, a santificação também é humana, conforme a experiência diária a prova. Alguns bons crentes algumas vezes retornam totalmente a seus antigos caminhos pecaminosos. O trecho de Efé. 4:17-32 contém exortações dirigidas aos crentes para quem Paulo escreveu esta epístola, condenando a prática do retorno ao paganismo. A primeira epístola aos Coríntios demonstra que os remidos podem permanecer em um estágio carnal, infantil, débil, se se recusarem a cooperar com o Espírito Santo em seus esforços santificadores, preferindo ceder aos seus próprios impulsos carnais. Portanto, a responsabilidade do desenvolvimento na santificação reside em nós mesmos, da qual responsabilidade não podemos escapar. Por essa razão é que a santificação é *um processo* que envolve agonia, ocupando tanto tempo, já que Deus não faz ninguém de autômato. Contudo, a queda do homem no pecado foi tão radical que qualquer avanço genuíno e permanente na santidade não pode realizar-se sem «o toque divino», sem a atuação íntima do Espírito Santo. Os «avanços» ilegítimos não tardam a desfazer-se, pois a santificação pode ser imitada pelo homem por algum tempo; mas todas as imitações terminam por fracassar. Contudo, qualquer verdadeira bondade que houver no mundo, no crente ou no incrédulo, tudo vem por parte do Espírito de Deus, porquanto se trata de um ministério universal, que não afeta apenas a igreja.

A secção *hortatória*, isto é, de exortações, é uma aplicação da secção «doutrinária». Os capítulos primeiro a terceiro desta epístola apresentam os conceitos espirituais mais elevados conhecidos do homem, sendo um desdobramento do «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10), do desígnio de Deus mediante o que se efetuará a restauração e a unidade de todas as coisas em torno de Cristo, onde ele aparece como o alvo e o Cabeça. O trecho de Efé. 3:3 fala sobre o «mistério da igreja», que é uma subcategoria do mistério maior da vontade de Deus. E isso, por sua vez, é desdobramento da declaração de Efé. 1:23, que diz que somos «a plenitude de Cristo»; e sua elevada explanação é que compartilharemos de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), o que talvez seja a declaração mais ousada e espantosa de todo o N.T. e de qualquer documento religioso inspirado. Tornar-nos-emos «participantes da natureza divina» (ver II Ped. 1:4) em sentido perfeitamente real, em sentido primário, e não apenas em sentido «secundário». Ora, essas tão elevadas doutrinas têm sua aplicação prática, e os capítulos quarto e sexto desta epístola ilustram essa aplicação, sendo descrições virtuais das muitas possibilidades da concretização da santificação em nossas vidas.

A exortação à unidade. Esta secção de Efé. 4:1-16, que contém a primeira exortação, visa a unidade real e prática no seio da igreja cristã, o que requer a eliminação de todas as tendências para as facções, que são apenas manifestações de egoísmo. O grande desígnio de Deus, residente em «sua vontade» (ver Efé. 1:10), é a restauração e a «unidade» total de todas as coisas em torno de Cristo. Já tivemos oportunidade de observar que esse desígnio opera na igreja cristã terrena; e esta se torna, por conseguinte, a primeira ilustração de como eventualmente o Senhor Deus haverá de reunir todas as coisas em torno de Cristo. Poderíamos mesmo asseverar que a igreja é a «primeira experiência» no campo da unidade, sua primeira ilustração. Os próprios anjos elevados se postam na observação do que Deus está realizando no seio da igreja; e desse modo aprendem o que o Senhor fará em todos os mundos, por toda a parte, eventualmente. Pelo momento, entretanto, ao invés de olhar pelos intermináveis corredores do tempo, Paulo prefere volver os olhos para o grande desígnio da unidade universal, em espetáculo diante do seu olhar, concentrando-se no aspecto «presente e local» desse desígnio, a saber, a *unidade da igreja.*

Há diversidade na unidade. Apesar de haver um único corpo, há muitos membros, e cada qual é dotado de seu próprio dom. Porém, tal como se verifica em um corpo humano, assim também se dá no caso da igreja -todos os seus membros precisam cooperar entre si, para executarem as funções do organismo vivo que é a igreja. Assim é que, dentro dessa unidade, a importância do crente individual jamais é perdida de vista. (Ver Apo. 2:17 quanto ao «caráter sem-par» de cada crente, o que inclui a natureza sem igual de seu ser e de sua missão, na terra ou nos céus, missão essa que expressa o seu ser).

A presente secção pode ser esboçada como segue: 1. Exortação à unidade (versículos primeiro a terceiro); 2. Alicerces da unidade —as sete grandes unidades: um corpo, um Espírito, uma esperança, um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai de todos (versículos quarto a sexto). 3. Método ou meio de obter a unidade na igreja (versículos sétimo a décimo sexto).

«Os versículos primeiro a sexto, embora vazados em forma hortatória, contêm o sumário final da grande doutrina desta epístola, a *UNIDADE DA IGREJA UNIVERSAL*, em palavras ornadas com todo o brilho da liberdade espiritual entusiasta, com toda a precisão exata de um credo. Assim, temos: a. O alicerce dessa unidade é aquela comunhão espiritual de cada alma com o único Espírito, com o único Senhor e com o único Deus e Pai de todos, que subjaz a todas as ordenanças externas, e que nenhum poder humano pode dar ou retirar. b. A maneira de alguém entrar nessa unidade é mediante o único batismo, ordenado pelo próprio Cristo, universal no mundo cristão, capaz de ser administrado (embora às vezes irregularmente) pelas mãos de qualquer crente. c. As graças divinas, que em seu gérmen são condições, mas que em seu pleno desenvolvimento são efeitos de tal unidade, são as seguintes: uma esperança, uma só fé, um laço de paz e um só amor. E estas duas últimas dependem, mais que as outras, da cooperação humana, primeiramente no nível da alma, a recebê-las, mas, em segundo lugar, em todos quantos podem exercer influência para o bem ou para o mal». (Barry, *in loc.*).

Naturalmente, o «batismo» mencionado como *um só* é aquele «batismo espiritual» simbolizado pelo batismo em água. Assim, pois, nenhum batismo em água servirá jamais de portão de entrada para essa unidade. Antes, trata-se de uma operação do Espírito Santo (ver I Cor. 12:13), e não de algum rito ou sacramento. Reduzir esse portão da grandiosa unidade da igreja a um mero sacramento ou ordenança é furtar do Espírito Santo um ofício que cabe exclusivamente a ele, degradando a doutrina cristã que sempre será mística, e nunca de tendências ritualistas ou sacramentais.

«De um ângulo exaltado, como se estivesse assento nos lugares celestiais juntamente com Cristo Jesus, o apóstolo Paulo pesquisou a condição espiritual de seus leitores, passando a falar sobre os deveres e necessidades deles. A sua homília, tal como o seu argumento (nos capítulos primeiro a terceiro), está tecida com o fio dourado da devoção; e o fluxo suave da epístola se interrompe sempre para dar lugar à música da ação de graças». (Findlay, *in loc.*).

4 *Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς ἐγὼ ὁ δέσμιος ἐν κυρίῳ ἀξίως περιπατῆσαι τῆς κλήσεως ἧς ἐκλήθητε,*

1 *ὁ δέσμιος ἐν κυρίῳ* Eph 3.1; Php 1.7, 13; Phm 1, 9 *ἀξίως...ἐκλήθητε* Col 1.10

4:1: Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados,

«*...rogo-vos...*», no original grego, é «parakaleo», que quer dizer «chamar para o lado de alguém», «convidar», embora com freqüência tenha o sentido de «apelar», de «exortar», de «encorajar». (Ver Atos 16:40; II Cor. 10:1; I Tes. 2:12; 5:11; Heb. 3:13; Mat. 8:31; 18:29; Marc. 5:12 e Luc. 7:4). Essa palavra assinala a «intensidade» das exortações de Paulo que se seguem, bem como a importância do teor das mesmas. (Isso pode ser confrontado com Rom. 12:1, onde tal palavra é seguida pela menção às «misericórdias de Deus», como seu fundamento, formando, como aqui também, uma forma muito intensa de apelo). Paulo convocava aqui os crentes para um «dever» sagrado e solene, não querendo tão-somente encorajá-los para que fizessem algo que também podiam deixar de fazer, dependendo da vontade de cada um.

«*...eu, o prisioneiro no Senhor...*» (Comparar com Efé. 3:1, onde ocorre

idêntica expressão, e onde ela é comentada). Devemos observar aqui o «...eu...» enfático, que também aparece em Efé. 3:1. (Por igual modo, ver II Tim. 1:8 e Fil. 1:9, onde também Paulo alude a si mesmo tal como aqui). Sim, Paulo era o «prisioneiro por excelência», aquele que toda a igreja conhecia em face dos seus sofrimentos em prol da causa de Cristo. É como se Paulo tivesse querido lembrar-lhes, com essa expressão: «Tenho me sacrificado muitíssimo por vossa causa. Tenho dedicado a minha vida pela causa de Cristo na igreja, para a concretização dessa grande unidade. O que podeis sacrificar por Cristo? Ele exige a vossa unidade, o vosso espírito de amor, o vosso laço de fraternidade».

«...*no Senhor*...» Essa é a tradução correta do original grego, e não «do Senhor» ou «pelo Senhor», conforme dizem algumas outras traduções (embora isso expresse também alguma verdade). Apesar de que Paulo era um prisioneiro literal ao escrever essas linhas (ver a secção II da introdução a esta epístola) a expressão que encontramos aqui, «no Senhor», faz-nos lembrar primariamente de suas relações com Cristo, e não do fato que ele estava encarcerado. Pois entre Cristo e Paulo havia um «vínculo de comunhão mística» que nenhuma perseguição humana poderia quebrar. Paulo era o «prisioneiro do Senhor», o seu «escravo» (ver Rom. 1:1). E visto que fora assim cativado por Cristo, pertencendo completamente a ele, agora era também prisioneiro em sentido literal, sendo essa uma perseguição que sofria por amor a Cristo. (Comparar isso com I Cor. 1:4, onde há notas expositivas sobre a expressão «em Cristo», um termo místico de comunhão, usado por cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas de Paulo). Essa expressão, aqui usada, tem por fito indicar algo do mesmo sentido, embora também recorde o encarceramento literal do apóstolo dos gentios.

Variante Textual: As palavras «...no Senhor...» aparecem na vasta maioria dos manuscritos, mas o ms Aleph diz «em Cristo». E embora Aleph seja manuscrito de capital importância, visto que está isolado nessa variante, não pode servir de autoridade suficiente para indicar o texto original. As versões etíopes, por igual modo, também dizem «em Cristo»; mas elas são de data muito posterior para terem peso em favor dessa forma.

A maneira digna de andar do crente: «...que andeis de modo digno da vocação...» (Quanto à metáfora do ato de «andar», que fala sobre a vida espiritual em todas as suas atividades, ver Gál. 5:16,25. Ver também Efé. 2:10, onde essa expressão também ocorre, e onde referências a muitos outros lugares de ocorrência no N.T., são dadas. Ver ainda Rom. 4:12; 6:4; 8:1,4; Gál. 6:16. Nesta epístola aos Efésios essa expressão ocorre novamente em Efé. 5:2,8,15. Ver igualmente os trechos de Fil. 3:16-18; Col. 1:10; 2:6 e 4:5). A conduta geral e o progresso na vida espiritual são salientados neste ponto. O andar do crente pode ser mau ou bom, conforme sua orientação totalmente humana ou inspirada pelo Espírito do Senhor. Essa metáfora aparece com freqüência até mesmo na literatura secular. Neste caso Paulo recomenda aos crentes que andem «dignamente», à altura da elevada «chamada» para a salvação que há em Cristo, por motivo de gratidão.

«...*pois*...» Esse pequeno vocábulo liga toda esta secção hortatória à anterior secção doutrinária. É como se Paulo houvesse escrito: «É por causa daqueles extraordinários privilégios que acabo de mostrar que agora vos exorto a andardes 'dignamente', de maneira agradável ao Senhor e útil a seus propósitos espirituais». O trecho de Rom. 12:1 se caracteriza por apelo similar—«por causa das misericórdias de Deus» (isto é, todas aquelas grandes verdades referidas em Rom. 1-11, que expressam as misericórdias divinas).

Paulo exortou aos crentes efésios para que sua conduta diária correspondesse à profissão de fé que faziam, o que os tornaria dignos beneficiários de tão elevadas bênçãos. A vida inteira deveria ser uma constante «ação de graças», no caso dos crentes.

«Eu, como prisioneiro, rogo-vos intensamente não que me envieis auxílio, e nem que useis de vossa influência para obter para mim a liberdade, a primeira coisa que os prisioneiros geralmente solicitam dos seus amigos, e, sim, que vos mostreis bons cristãos, vivendo à altura de vossa profissão de fé e de vosso chamamento. Notai que o fato de sermos chamados cristãos nos força a viver de maneira consoante com esse nome, vivendo de maneira semelhante a Cristo». (Matthew Henry, *in loc.*). (Quanto à idéia de «andarmos dignamente», comparar com a frase, «de modo digno do evangelho», em Fil. 1:27; com «de modo digno de Deus e de vossa chamada», em I Tes. 2:12; e de «modo digno do Senhor», em Col. 1:10. Esta última referência é outra das muitas passagens paralelas entre as epístolas aos Efésios e aos Colossenses. Ver a introdução ao trecho de Efé. 1:1, onde há uma lista desses paralelos).

«...*vocação*...» Essa palavra indica «o estado, o privilégio e o destino cristãos». Significa «ter sido remido por Cristo», com tudo o mais que isso envolve. Quem foi chamado ou vocacionado passou a fazer parte da igreja, e compartilha de seu elevado chamamento. E esse chamamento é para a «plenitude de Cristo» (ver Efé. 1:23), para que a alma crente venha a receber a «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19). Também envolve a participação pessoal em tudo quanto está implícito no «mistério da igreja» (ver Efé. 3:3).

«...*fostes chamados*...» Essas palavras se referem ao «chamado ativo», durante o período de vida do crente, através da pregação do evangelho, que nos convida a ser «discípulos de Cristo». (Ver as notas expositivas sobre essa questão, em Rom. 8:30). Nesta citada passagem, a chamada do crente é pintada como resultante da predestinação. E a «glorificação» que aparece nesse mesmo versículo é o alvo final do chamamento, o ponto culminante da vocação cristã. Ver também Efé. 1:18 acerca da «esperança do nosso chamamento»).

Que sejamos *iluminados*, a ponto de podermos compreender essa «esperança do nosso chamamento», é o tema da primeira oração de Paulo em favor da igreja, nesta epístola. Pois a verdadeira compreensão sobre a nossa chamada, com sua elevadíssima esperança e destino, só pode ser obtida por meios místicos, através da iluminação conferida pelo Espírito de Deus.

A «chamada» implica no convite divino para recebermos a vocação e a vida cristãs. Agora estamos pondo em ação essa vida, mas temos alvos santos e elevados a atingir, que transcendem ao que é terreno. Ele nos chama das trevas para a luz, para o caminho da peregrinação que nos faz subir na direção dos lugares celestiais.

«Entre nós, a 'vocação' de uma pessoa significa seu 'negócio', sua 'ocupação' na vida, aquilo em que ele 'trabalha', com o que obtém o seu pão; e isso é chamado de 'vocação' com base na suposição que Deus, no decurso de sua providência, chama aquela pessoa para ocupar-se daquele mister, para que assim adquira o que lhe é necessário. Ora, assim como uma vocação profissional deficiente não chega para dar o pão a alguém, assim também uma religiosidade deficiente não pode outorgar a uma alma a salvação... A melhor 'profissão', se não for posta em prática, não pode sustentar a um homem; a religião mais pura e santa do Senhor Jesus, se não for aplicada, também não salvará alguma alma. Muitos supõem que em vista de terem uma 'fé sã', tudo vai bem e seguro com eles. Mas um bom mecânico, que tem consciência de que sua profissão é boa, que compreende bem os princípios que norteiam a mecânica, não poderá imaginar que isso é capaz de mantê-lo, se não puser em prática os princípios da mecânica, mediante um labor honesto, assíduo e bem orientado». (Adam Clarke, *in loc.*).

2 μετὰ πάσης ταπεινοφροσύνης καὶ πραΰτητος, μετὰ μακροθυμίας, ἀνεχόμενοι ἀλλήλων ἐν ἀγάπῃ,

2 Col 3.12-13

4:2: com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,

Havia uma criança que saía todos os dias,
E o primeiro objeto para que olhava, tornava-se nesse objeto,
E esse objeto se fazia parte dela, por um dia
ou por certa porção daquele dia
Ou por muitos anos ou ciclos de anos em seguida.
(Walt Whitman, 1819 - 1892).

Sim, um homem, durante o seu período de vida, mediante as suas ações e os seus contactos, vai sendo transformado por eles; e então, por sua vez, devido à sua influência, vai modificando outras pessoas. Assim também no seio da igreja conforme Paulo nos exorta, deve haver humildade, gentileza, longanimidade, a fim de que a unidade e a qualidade apropriadas a uma igreja se instaurem e sejam conservadas. Palavras ásperas trocadas com outros, em que repelimos e somos repelidos, não demoram a quebrar a unidade da igreja local, criando facções dissensões e o espírito de orgulho.

Para que os crentes façam da igreja o modelo da unidade em Cristo, o que virá a ser duplicado no cosmos inteiro, é preciso que se revistam de determinadas qualidades, que passam agora a ser enumeradas:

«...*humildade*...» No grego, «tapeinophrosune», que significa «modéstia», «humildade». A forma verbal significa «dotado de mente humilde», «despretencioso». O adjetivo grego «tapeinos» significa «humilde», «singelo». O restante da palavra deriva-se de «phren», que quer dizer «mente». Portanto, está aqui em foco certa qualidade mental que repudia o orgulho e a atitude voluntariosa, mas antes, que se inclina para a unidade e para a pacificação com todos.

«...*mansidão*...» No grego, «*prautes*», que significa «gentileza», «humildade», «cortesia», «consideração», a saber, aquela qualidade que dá valor aos outros, que nos leva a agir para com eles com consideração, ao mesmo tempo que nos conserva em atitude humilde, para com nossos próprios interesses e desejos, o que é um sentido intimamente aliado ao da palavra anterior. Essa qualidade figura em Gál. 5:22,23 como um dos aspectos do fruto do Espírito, sendo ali anotada com amplitude. Todas as qualidades que aparecem no presente versículo podem ser reputadas como aspectos do fruto do Espírito Santo, porquanto, naquela passagem da epístola aos Gálatas, Paulo não pretendeu oferecer-nos uma lista completa do fruto do Espírito. É interessante que essas virtudes, consideradas coletivamente, apresentam-nos um «retrato moral» do próprio Cristo; por conseguinte, possuí-las é meramente ir recebendo a imagem moral de Cristo através do poder transformador do Espírito Santo, que habita em nosso homem interior. Além disso, sua possessão evidencia desenvolvimento espiritual, maturidade em Cristo; mas onde essas qualidades se fazem ausentes, se evidencia a falta de maturidade em Cristo. Ora, considerando-se as muitíssimas lutas e divisões no seio da igreja cristã, podemos afirmar que a maioria dos crentes é imatura e carnal, o que foi conclusão idêntica àquela de Paulo, no tocante à condição facciosa dos crentes de Corinto. (Ver I Cor. 3:1-3). Ali os *bebês* devem ser identificados como crentes «carnais».

Notemos que com ambas essas qualidades está vinculada a palavra «...toda...» Assim sendo, Paulo deseja que os crentes possuíssem essas virtudes em grau elevado, em sua plenitude, e não de maneira parcial ou como mera imitação. Tais virtudes são contrárias ao orgulho (ver Rom. 12:16) e ao conceito exagerado sobre nós mesmos (ver Gál. 6:3).

«Trata-se de crença em nossa pobreza, em confronto com a fé em Cristo, de modo a entendermos que nada temos, nada sabemos, nada podemos fazer, estando de mãos vazias, ainda que abertas, para recebermos aquilo que o Senhor nos quiser dar». (Braune, *in loc.*). (Ver Mat. 11:29, onde ambos esses vocábulos são usados acerca do Senhor Jesus, ao convidar os homens a aceitarem o seu jugo).

«...*longanimidade*...» No grego é «*makrothumia*», que significa «paciência», «tolerância», «constância». Essa qualidade também é alistada

como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, em Gál. 5:22,23, onde há comentários a respeito. Ela subentende paciência sob o sofrimento, paciência para com nossos semelhantes, constância no desenvolvimento espiritual, fortaleza em face da provocação, gentileza diante do abuso sofrido e a recusa de desistir da esperança de melhoramento, em qualquer situação perturbadora. Portanto, trata-se essencialmente de constância e paciência, quando sofremos abusos, bem como de lentidão para tomar vingança. (Isso pode ser confrontado com os trechos de Rom. 4:3; I Ped. 3:20 e II Ped. 3:9, onde se aprende que o próprio «Senhor» se mostra paciente em face dos abusos de indivíduos incrédulos, porquanto não quer que ninguém pereça. Também pode ser comparado com Col. 3:12, onde essas mesmas três qualidades são mencionadas no começo da lista, formando um grupo, mas com a menção da misericórdia e da longanimidade). É possível que essas três qualidades correspondam à primeira, à terceira e à quinta das bem-aventuranças do Sermão do Monte, a saber: «Bem-aventurados os humildes de espírito... Bem-aventurados os mansos... Bem-aventurados os misericordiosos...» (Mat. 5:3,5,7). (Quanto à «humildade mental», ver também nos escritos de Paulo—mas somente nas chamadas «epístolas da prisão», Fil. 2:3; Col. 2:18,23; 3:12, ou então no discurso de despedida de Paulo aos anciãos da igreja de Éfeso, em Atos 20:19).

«*...suportando-vos uns aos outros em amor...*» O «...amor...» é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, comentado em Gál. 5:22, e mais ainda em João 3:16; Rom. 5:8; João 14:21 e 15:10, onde oferecemos poesias ilustrativas a respeito. Trata-se daquela grande «disposição altruísta» que deseja para os outros aquilo que queremos para nós mesmos. E é uma dádiva divina, pois Deus é amor, ao mesmo tempo que todo o verdadeiro amor, que se manifesta em crentes ou incrédulos, na realidade se deriva da influência do Espírito de Deus, que opera universalmente, num ou noutro grau. A «tolerância mútua», por sua vez, também é produto da presença interior do Espírito Santo, o qual inspira em nós a «longanimidade» e o «amor». Bastariam quase que somente essas duas qualidades para solucionar todas as disputas que há na igreja. Mas a ordem para nos «suportarmos uns aos outros» dá a entender que haverá entre nós «abusos» reais, pelo que também teremos de perdoar ofensas reais e teremos de exercer grande paciência. Portanto, o sofrer os erros cometidos contra nós é algo equiparado com a «paciência», ao mesmo tempo que devemos manter a atitude apropriada de amor por aqueles que provocaram a situação de conflito.

«Isso concorda com o que é ensinado algures, a saber, que o amor '...é paciente, é benigno...' (I Cor. 13:4). Onde o amor se mostra prevalente e forte, haveremos de realizar muitos atos de tolerância mútua». (Calvino, *in loc.*).

«Liga-te ao teu irmão. Aqueles que estão vinculados pelo amor, suportam todas as cargas com facilidade. Liga-te a ele, e que ele se ligue a ti. Ambas as coisas estão ao teu alcance; pois de quem eu quiser, poderei facilmente tornar meu amigo». (Crisóstomo, *in loc.*, que exibiu excelente discernimento sobre as relações mútuas). Sim, «...de quem eu quiser, poderei facilmente tornar meu amigo». Infelizmente, não procuramos com esforço tornar os outros nossos amigos, mormente quando nos sentimos ofendidos por alguma coisa que fizeram.

3 σπουδάζοντες τηρεῖν τὴν ἑνότητα τοῦ πνεύματος ἐν τῷ συνδέσμῳ τῆς εἰρήνης· 3 Col 3.14-15

4:3: procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

As qualidades morais anteriormente mencionadas, a imagem moral de Cristo em nós, são aqueles poderes que haverão de preservar a unidade do Espírito, que deveria ser a atitude dominante no seio da igreja cristã. Naturalmente, há uma real unidade entre todos os crentes, à face inteira da terra, embora estejam eles separados por denominações, credos, organizações e disputas pessoais. Mas nada pode desmanchar aquela unidade maior, porquanto ela se trata de um fato metafísico, espiritual. Nas assembléias locais dos crentes, entretanto, deve haver a aplicação prática dessa unidade. Pois somos um só corpo místico, a despeito das diferenças de lealdade a organizações eclesiásticas terrenas—pois todos temos nascido do mesmo Espírito, estando unidos a Jesus Cristo como membros do seu corpo. (O trecho de I Cor. 12:13 ensina-nos exatamente isso).

No entanto, no âmbito da igreja local, essa unidade pode ser perturbada e destruída por facções em luta, as quais se olvidam da fonte comum de seu bem-estar, pois é por motivo de orgulho pessoal que se guerreiam e ofendem. Por isso é que, neste ponto, Paulo apelou para que essa unidade fosse realmente aplicada e demonstrada entre os crentes efésios. Porque ocasionalmente, no seio das assembléias locais, essa unidade espiritual parece não existir, visto que irmãos se engalfinham com irmãos, embora sejam irmãos em Cristo, embora sua unidade em Cristo ultrapasse em importância a todas as suas divergências pessoais.

«*...esforçando-vos diligentemente...*» Essas duas palavras são tradução de uma única palavra grega, «spudazo», que no original grego está no particípio presente. Esse vocábulo grego significa «apressar-se», «mostrar-se zeloso», «ser intenso». O particípio presente enfatiza a necessidade constante dessa atitude. Seria como se Paulo tivesse dito: «...mostrai-vos sempre prontos...» Essa seria uma boa tradução.

«*...preservar...*» No grego original temos «*tereo*», que significa «guardar», «observar», «preservar». Isso supõe que tal unidade já existe, provavelmente no seio da igreja cristã universal, como também nas comunidades cristãs locais para onde Paulo escreveu, embora pareça ter havido alguma ameaça a essa unidade naquela igreja para a qual Paulo escreveu essas palavras, o que explicaria a presente advertência.

«*...a unidade...*» No grego é «*enotes*», «unidade». Neste caso a unidade é «...do Espírito...» (Ver a «unidade da fé», no décimo terceiro versículo deste capítulo, bem como o «vínculo da perfeição», em Col. 3:14). Aqui temos as seguintes verdades:

1. A unidade de todas as nações em Cristo, por serem todas membros do mesmo corpo.

2. Também está em foco a unidade metafísica de todos quantos pertencem a Cristo. Os crentes são membros do «seu» corpo, dotados da mesma «vida», e se dirigem ao mesmo destino celestial.

3. Essa união e unidade é instaurada pelo Espírito Santo (ver I Cor. 12:13), o qual «batiza» os crentes em um só corpo, transformando-os em um templo mediante a sua presença habitadora, e introduzindo-os à mesma comunhão mística de que todos os crentes desfrutam. (Ver I Cor. 1:4). O Espírito Santo, através de sua residência no crente, é o elemento dessa união, a esfera onde todos os homens se encontram e acham terreno comum, porquanto têm todos o mesmo Senhor como Cabeça (ver Col. 2:19). As diferenças entre os crentes, em face disso, são relativamente superficiais, ou, pelo menos, não podem ser permanentes, e nem podem condenar-lhes a alma.

4. Essa harmonia transcende à mera harmonia doutrinária e de afiliação eclesiástica; pois se isso não fosse uma verdade, virtualmente jamais teria havido qualquer unidade no seio da igreja. E isso significa que nem poderia haver igreja, porque toda a igreja é realmente uma só em Cristo. Afinal de contas, Cristo tem *muitos membros*.

A própria essência da igreja é que ela é uma em Cristo, batizada pelo Espírito Santo para formar um corpo, em comunhão mística. Se a igreja não for uma quanto a essa particularidade, posto que não é uma em aspectos menores, como no que diz respeito à afiliação organizacional e à harmonia doutrinária—então na realidade nem ao menos existe a igreja, porquanto até mesmo as denominações mais bem fechadas e organizadas têm seus conflitos e divisões. Por outro lado, nenhuma denominação evangélica ou grupo de assembléias locais e nem alguma igreja local isolada, pode asseverar ser a igreja universal. Isso seria um orgulho da natureza mais concentrada e estranha que se possa imaginar, que declararia virtualmente que o evangelho tem sido um fracasso colossal. Mas Cristo tem «muitas ovelhas que não são de qualquer rebanho em particular», ou de qualquer grupo de rebanhos. Somente o Espírito de Deus sabe realmente quem pertence e quem não pertence a ele.

«*...no vínculo da paz...*» No trecho de Col. 3:14 o «amor» é que aparece como vínculo, onde é chamado de «vínculo da perfeição». São idéias similares e verdadeiras. (Ver os trechos de Rom. 5:1; João 14:27 e 16:33 quanto a notas expositivas detalhadas sobre a «paz»). A paz é um dos aspectos do fruto do Espírito, conforme aprendemos em Gál. 5:22,23. Assim sendo, trata-se de uma qualidade divina, uma operação do Espírito Santo na alma, capaz de produzir uma atitude pacífica entre Deus e o indivíduo, a reconciliação que resolve todas as diferenças, infundida com o amor e estendida a todos os homens. É essa paz, carregada e cheia de amor, que preserva a unidade em qualquer igreja local; e isso serve de ilustração e demonstração prática da real unidade que existe em Cristo, entre todos os crentes verdadeiros. Um espírito mútuo de paz é que nos liga a todos.

«*...da paz...*» No original grego, encontramos aqui o genitivo de aposição. A paz é o vínculo que preserva a unidade. No dizer de Braune (*in loc.*): «...primeiramente, paz com Deus, e então aquela paz de coração que não se deixa perturbar por assédios, tentações e males deste mundo e da carne, não se deixando perturbar nem mesmo na consciência. Além disso, no que tange ao próximo, é a paz com ele, de mistura com amor ao próximo, devido ao amor ao Senhor da igreja, o Salvador, ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é o nosso Pai, bem como amor aos seus filhos, por intermédio dele».

Embora esta passagem obviamente seja um paralelo da passagem de Col. 3:14, onde o «amor» aparece como o vínculo, não há como forçarmos este versículo para que diga tal coisa. Tanto a paz como o amor são vínculos que nos ajudam a criar e preservar a unidade entre nós, e essas virtudes servem de elementos apropriados para a sua preservação.

«*...vínculo...*» No original grego há idéia de «algema», de «laço», aquilo que une alguma coisa a outra. Figuradamente, está em foco aquela condição ou estado que preserva algo. Neste caso a paz age como vínculo, unindo os corações crentes mediante o amor mútuo, o que é fator decisivo na preservação da unidade. A palavra grega aqui empregada, «sundesmos», também é termo usado para indicar as ligaduras do corpo, que as mantêm como uma unidade, unificando as suas várias partes.

«*...do Espírito...*» Alguns estudiosos pensam que essas palavras se referem ao «espírito humano». O original grego nunca usa inicial maiúscula para grafar os nomes próprios; antes, sempre encontramos a palavra «espírito», pelo que é difícil evitar-se a ambigüidade. Por isso, bons intérpretes opinam que está em foco o espírito humano; mas o artigo «do Espírito», mui provavelmente indica que é o Espírito Santo quem está em foco. Outrossim, a doutrina neotestamentária designa o Espírito do Senhor como o originador e o preservador da unidade no seio da igreja cristã. Isso tem início, antes de tudo, em cada alma individual, embora se trate de uma verdade aqui deixada implícita, mas não diretamente afirmada nessa expressão.

«Em última análise, os dois pensamentos coincidem; pois a unidade que governa o espírito do homem não pode deixar de ser um dom do Espírito de Deus». (Westcott, *in loc.*).

4 ἓν σῶμα καὶ ἓν πνεῦμα, καθὼς καὶ ἐκλήθητε ἐν μιᾷ ἐλπίδι τῆς κλήσεως ὑμῶν·

4 ἓν σῶμα Ro 12.5; Eph 2.16 ἓν πνεῦμα Eph 2.18

4:4: Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;

A unidade tem sete facetas: (Vss. 4-6). Essas facetas é que servem de alicerce para a unidade cristã. A unidade exigida já é um fato inconteste no Espírito Santo, no seio da igreja mística e universal. E o apelo do apóstolo dos gentios, na presente secção, é que essa unidade fosse aplicada a todas as condições no seio da igreja local, a fim de que cada igreja local servisse de modelo e exemplo da unidade mística que prevalece na igreja universal.

A fórmula trinitária ressurge: Precisamos observar que, nestes versículos, a ênfase sobre Deus Pai, sobre Deus Filho e sobre Deus Espírito Santo, se mostra bem clara. E cada uma das três pessoas da trindade tem seu papel a desempenhar no seio da igreja. Essa ênfase trinitária pode ser vista em várias porções da epístola aos Efésios, conforme se vê nas notas expositivas sobre Efé. 2:18. Alguns eruditos acreditam que essa unidade de sete facetas se resume em três aspectos, cada qual centralizado numa das pessoas da trindade. Assim, teríamos: 1. O Espírito Santo estaria ligado ao único corpo e à única esperança de nosso chamamento; 2. O Senhor (o Filho de Deus) apareceria vinculado à única fé e ao único batismo; 3. Deus Pai figuraria isoladamente; mas, sendo ele o Pai, apareceria como o alicerce de todas as unidades, sendo ele mesmo um tríplice poder unificador, a saber: a. devido ao seu poder soberano (ele está 'sobre todos'); b. devido à sua ação permeadora (ele se manifesta 'através de todos'); c. devido à sua presença universal e imanente (ele está 'em todos'). Contudo, essa formulação, apesar de interessante, parece dividir artificialmente as funções dos membros da trindade. Por exemplo, por que a «esperança do nosso chamamento» haveria de ser identificada mais com o Espírito Santo do que com o Filho de Deus? Ou por que o «único corpo» haveria de ser mais particularmente identificado com o Espírito Santo, já que se trata do «corpo de Cristo»? Portanto, parece-nos melhor compreender que essas facetas de unidade são uma categoria à parte, mas todas igualmente alicerçadas no Deus trinitário.

Pano de fundo de todas as formulações de unidade: O judaísmo helenista vinculava, de maneira similar ao que encontramos aqui, pessoas, o templo de Jerusalém e a lei, com a unidade da pessoa de Deus, onde Deus aparecia como «o Grande». A fórmula da Shema (palavra hebraica que significa «Ouve», o lema do monoteísmo judaico, e que deriva seu nome da primeira palavra do trecho de Deut. 6:4, e que diz: «Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor») consistia de três secções, a saber: 1. Deut. 6:4-9; 2. Deut. 11:13-21 e 3. Núm. 15:37-41, cujo uso era precedido e seguido por bênçãos. Essa era uma fórmula que exortava o povo hebreu a unificar-se em torno do único Deus. O trecho de Zac. 14:9 dá a entender que haverá a unidade eventual de toda a fé religiosa, porquanto na realidade só existe um Deus, o verdadeiro objeto de toda a adoração a fé dos homens. Josefo, o grande general e historiador judeu do fim da era apostólica, salientava a fé universal dos judeus, supondo que esta, finalmente, haveria de absorver e unir todas as demais religiões, porquanto, dizia ele, «só existe um templo do Deus único, o qual é sempre caro para todos, comum a todos, assim como Deus é comum a todos». (Ver Josefo, *Contra Ápiom*, II.193, a apologia de Josefo em favor do judaísmo). Por semelhante modo, Filo, um filósofo judeu da mesma época afirmava que «visto que Deus é um só, deveria haver apenas um único templo». (*Sobre Leis Especiais*, I.67). Posteriormente reafirmando as reivindicações judaicas contra a nova religião—o cristianismo—o livro apócrifo Apocalipse de Baruque orgulhosamente assevera: «Todos nós somos um povo famoso, que temos recebido a lei, da parte do Deus único».

A fórmula neotestamentária da unidade: Essa fórmula vai bem além do que se conhece no judaísmo, porquanto acrescenta os pontos distintivos da fé cristã, a saber, que há «um Senhor», distinto de Deus Pai, a saber, Deus Filho. (Ver I Cor. 8:6: «...para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as cousas e por quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas...»). Além disso há o único Espírito, o qual é visto como alguém distinto de Deus Pai e de Deus Filho. É o Espírito Santo quem produz a unidade mística do corpo de Cristo, conforme aprendemos em I Cor. 12:12,13. Por conseguinte, a base da unidade, de conformidade com o N.T., e em contraste com o A.T., é de natureza «trinitária». Já a base da unidade no A.T. é o «monoteísmo» puro. Tendo dito isso, temos declarado a diferença básica entre o Antigo e o Novo Testamentos, bem como entre o judaísmo e o cristianismo. Todas as demais verdades distintivas da fé cristã estão de alguma maneira baseadas sobre a distinção que há entre as três pessoas divinas. Até mesmo aquela maior e mais exaltada de todas as verdades distintivas da fé cristã, a saber, a transformação do crente segundo a imagem de Cristo, a participação do crente na própria divindade, depende da atuação dessas pessoas distintas, onde são destacados os feitos de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. A transformação do crente é «o propósito do *Pai*» «segundo o *Filho*» (ver Rom. 8:29), e isso é uma «operação do *Espírito Santo*» (ver II Cor. 3:18). Tão elevadas revelações, por conseguinte, se originaram de uma mais elevada compreensão acerca do próprio Deus, em sua natureza, em seus desígnios e em sua obra.

«...*um corpo*...» Essas palavras aludem à igreja mística, universal, composta de todos quantos realmente têm depositado a sua confiança em Cristo, entregando-lhe a alma, tendo tido um contacto com o Espírito Santo por meio da conversão, o passo inicial da regeneração. Isso não pode ser limitado a alguma igreja local, a alguma denominação, a algum grupo de igrejas, a algum credo, a alguma organização eclesiástica, a alguma raça humana, a algum país; e nem mesmo pode ser circunscrito a este mundo, porquanto a maior parte da igreja universal já se encontra nos lugares celestiais, sua habitação legítima. Aqueles que têm a Cristo como seu Cabeça (ver Col. 2:19), pertencem à sua igreja.

Idealmente, as igrejas locais não deveriam ter membros senão aqueles que também pertencem à igreja mística; nesse caso, todas as igrejas locais, consideradas em seu conjunto, representariam a igreja universal militante, isto é, à face da terra. Porém, não é assim que as coisas são. Pertencemos a Cristo por meio da fé, o que leva à conversão, e não por estarmos associados a qualquer congregação local. Se assim não fora, a igreja é que seria a salvadora, ao invés do Salvador ser o Senhor Jesus Cristo. Além disso, é impossível alguém pertencer a Cristo e não pertencer ao seu «corpo», pois não pode haver mais do que um corpo de Cristo. Todos os crentes são «membros» desse corpo, tendo a Cristo como o Cabeça, pois do contrário não são crentes de maneira alguma. Ninguém pertence a Cristo se não mantiver união vital com o Cabeça; portanto, é facilmente possível alguém pertencer a uma igreja local qualquer, de qualquer nome ou denominação, e não pertencer a Cristo. No outro extremo, é possível alguém pertencer a Cristo, tendo-o como seu Cabeça, e não pertencer a igreja local nenhuma, ou então pertencer a uma igreja local «errada». Tais condições não são ideais, mas certamente existem.

Somente o Espírito Santo sabe perfeitamente quem são aqueles que realmente pertencem a Cristo, quem são aqueles que têm uma união vital e mística com ele, por meio do Espírito Santo. Assim é que, na parábola do trigo e do joio, somente os poderes angelicais, por ocasião da ceifa, serão capazes de separar o joio do trigo. (Ver Mat. 13:30). Essa tarefa, pois, não pode ser realizada por homem algum, e tal como essa separação precisa ser efetuada no *mundo*, assim também se dá na igreja e nas igrejas. Aqueles que crêem que só existe a igreja local, mas não a igreja universal ou mística, fazem com que a igreja seja a salvadora das almas, pois estas têm de *pertencer à igreja local*, o que equivale a pertencer ao Cabeça, Cristo. Porém, apesar de que seria ideal para todos quantos realmente conhecem a Cristo, pertencerem a uma assembléia local digna do seu nome, infelizmente essa condição não existe. Mas finalmente existirá nos céus, onde prevalecerá uma situação de homogeneidade.

O *corpo místico e universal* está unido a Cristo, e o poder residente do Espírito Santo o faz um corpo uno, conforme lemos em I Cor. 12:13, onde também esse conceito é comentado. Ver o décimo segundo versículo daquele capítulo acerca do ensinamento bíblico sobre o «corpo único». Ver também Efé. 1:23 quanto a outras notas expositivas sobre esse mesmo tema. Ver ainda Rom. 12:4-8 acerca de como o corpo de Cristo, sendo um só, possui muitos membros, cada qual com uma função diferente, mediante os dons do Espírito Santo. O exame dessas notas expositivas confere uma boa idéia sobre o «corpo único de Cristo», com seus vários sentidos possíveis, conforme o ensino neotestamentário).

«O 'corpo' se compõe da comunidade inteira dos crentes, do corpo místico de Cristo. (Comparar com Efé. 2:15; Rom. 12:5; I Cor. 10:17; 12:13 e Col. 1:24)». (Salmond, *in loc.*).

«Um só corpo místico de Cristo, a igreja ou reino espiritual. (Comparar com Efé. 1:23 e 2:16)». (Robertson, *in loc.*).

«'Um corpo' designa a totalidade dos crentes, como um 'corpo místico'; não é a mesma coisa que a igreja quando vista como um fenômeno 'externo', pois o corpo de Cristo está oculto. Mas trata-se de uma realidade, tal como o grupo de nervos é uma realidade oculta, que pode ser acompanhada, tornando-se perceptível. Assim é a igreja invisível, cuja unidade é enfatizada pelo apóstolo, para que se mantenha unida». (Braune, *in loc.*).

«...*um Espírito*...» Alguns pensam que temos aqui a menção ao «espírito humano», ou então uma disposição ou atitude humanas, unidas em seu desígnio e propósito. Mas isso está completamente fora de lugar em relação com o contexto. Mas é o «Espírito Santo» quem está em pauta aqui. Só existe uma pessoa divina, o Espírito Santo, que é a influência unificadora entre todos os homens que têm a Cristo como seu Cabeça, ele nos batiza dentro do «corpo único», segundo aprendemos em I Cor. 12:13. Ele também regenera a todos (ver João 3:3-5) e transforma a todos os remidos segundo a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18). Sim, só há um que faz essas coisas, a pessoa divina do Espírito Santo. A formação do corpo místico e a conversão das almas, para que componham esse corpo, é uma operação que não pode ser realizada por qualquer ser ou organização humanos. Trata-se de uma obra divina (ver Efé. 2:10), motivo por que é pela «graça divina» (ver Efé. 2:8).

A atitude de facção e desunião não se harmoniza com o Espírito Santo, o qual é o grande unificador dos crentes. Que tantas facções existem, entre crentes individuais e denominações inteiras, é algo que mostra até que ponto os homens ignoram a atuação do Espírito de Deus no seio da igreja.

«Como deveríamos temer toda forma de animosidade, se refletíssemos devidamente que tudo quanto nos separa dos irmãos, também nos aliena ao reino de Deus! No entanto, mui estranhamente, ao mesmo tempo que nos esquecemos dos deveres que os irmãos na fé devem uns para com os outros, jactamo-nos de ser filhos de Deus. Aprendamos de Paulo que ninguém está apto para aquela herança se não fizer parte do corpo único e não tiver o único espírito». (Calvino, *in loc.*).

Calvino, pois, considera a presente passagem como trecho que ensina a união vital da igreja, formando «um corpo e um Espírito», ou seja, uma união total, perfeita e completa, tal como a personalidade humana tem um corpo e um espírito unidos entre si. A despeito de que «espírito», na citação de Calvino, significa «o Espírito» (o que Calvino não percebeu), contudo essa idéia e suas observações são valiosas para ilustrar a necessidade da aplicação prática da unidade espiritual que já está formada. Na realidade, a igreja é «um corpo e um espírito», mas esse espírito é o Espírito Santo, e não apenas alguma disposição vital de unidade, existente na igreja, ainda

que esse seja um dos resultados tencionados na unidade que já foi formada. O «homem inteiro» consiste da união entre corpo e alma. E o «homem inteiro», em Cristo, o «homem perfeito», é a união dos crentes na comunhão mística com o Espírito Santo, que é uma entidade viva feita por Deus. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «Espírito Santo», onde se incluem seus muitíssimos títulos, usados para designá-lo, nas páginas do N.T., ver Rom. 8:1.Quanto à «trindade», ver I João 5:7 e as notas expositivas ali existentes).

«...*fostes chamados...*», isto é, para a vocação cristã. (Ver Rom. 8:30 e o primeiro versículo deste capítulo, quanto a notas expositivas a respeito).

«...*numa só esperança da vossa vocação...*» (Quanto à «esperança do nosso chamamento», ver Efé. 1:18, onde são apresentadas notas expositivas completas a respeito. Ver igualmente o primeiro versículo deste capítulo, quanto à *vocação cristã*. Essa vocação indica a inteireza daquilo para que Deus nos chama em Jesus Cristo, a «completa salvação», pela qual atualmente embalamos «esperança», segundo se vê em Rom. 8:24,25).

5 εἷς κύριος, μία πίστις, ἓν βάπτισμα·

4:5: um só Senhor, uma só fé, um só batismo;

«...um só Senhor...» O emprego da palavra *Senhor*, para indicar o Senhor Jesus Cristo, é freqüente nas páginas do N.T. (Isso é comentado em Rom. 1:4, como também o é o «senhorio» de Cristo). Ninguém pode ter mais de um senhor (ver Mat. 6:24), e nem a comunidade de remidos, que é a igreja, pode ter mais de um senhor. É por confiarmos nesse «Senhor» que temos vida, já que ninguém pode ter a vida eterna se não houver entregue a sua alma ao Senhor Jesus, como seu Senhor e Cabeça; e somente Cristo ocupa essa posição. (Ver Rom. 10:13 e Col. 2:19).

Este versículo salienta aquilo que também é frisado no primeiro capítulo do evangelho de João, há somente um criador, um único Deus, e não muitos criadores e muitos universos, e nem muitos deuses que exercem autoridade sobre esses universos. Antes, todas as coisas pertencem ao poder e à autoridade criadora de Jesus Cristo, o Senhor, ele é o Senhor universal.

Talvez o Senhor Jesus delegue atos de criação, pois quiçá os elevados poderes angelicais possuam poderes criativos; e talvez o Senhor delegue governos (e Efé. 1:21 mostra-nos que ele assim faz). Mas todos precisam prestar-lhe contas, sujeitando-se a ele. Portanto, no sentido absoluto, e especialmente no que concerne à igreja, há apenas um Senhor, Jesus Cristo. E o propósito do «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10) consiste de unificarmos todas as coisas, universalmente, em toda a criação, sob o seu poder. E a igreja não forma exceção a isso, mas, bem pelo contrário, é o ponto culminante dessa unidade que honra a Cristo. Pois na igreja está sendo demonstrado como essa honra lhe deve ser atribuída. Possuidores os crentes de um só Senhor, e mostrando-se ele ativo em seu senhorio, é mister que se forme entre eles a unidade prática, no seio da igreja local. Em contraposição a isso, onde houver facções, dissensões e confusões, alguém não estará honrando a Cristo como Senhor e Cabeça, mas antes, estará honrando a si mesmo ou a outros homens, como se fosse o senhor e o cabeça.

Os *ditadores* que surgem nas igrejas evangélicas, aqueles que impõem os caprichos de sua vontade aos outros, os quais usualmente desconsideram aos outros como pessoas sem importância, na realidade fazem oposição ao senhorio de Cristo, pois se arrogam a uma posição de mando sobre os homens como somente Cristo pode ter. As divisões eclesiásticas, que inevitavelmente têm seus *líderes de facções*, servem apenas para negar o senhorio de Cristo. Cristo é real e verdadeiramente o Senhor. Isso é um fato, embora a função de seu senhorio possa ser entravada por atitudes contrárias no seio das igrejas. A igreja de Cristo só pode ter um *Cabeça*. Uma igreja de várias cabeças seria uma monstruosidade, tal como uma criatura de várias cabeças seria uma aberração, sem importar se apenas nos mitos ou nos fenômenos teratológicos. Aqueles que usurpam o senhorio de Cristo fazem a igreja local transformar-se em uma monstruosidade.

A delegação de autoridade, no seio da igreja, não vai de encontro ao senhorio de Cristo. Deve haver autoridade na igreja. Mas essa deve ser aquela delegada por Cristo; portanto, essa autoridade deve ter raízes espirituais, como algo derivado realmente do Senhor. «E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo» (I Cor. 12:5). Por isso mesmo, as diferenças de opinião sobre questões secundárias ou implícitas, em contraste com as questões primárias ou explícitas, sobre as quais temos preceitos neotestamentários ou bíblicos claros, ou as maneiras diferentes de fazer as coisas, não deveriam destruir nossa lealdade ao nosso único Senhor, e nem a unidade da igreja que é própria dessa lealdade. A regra a ser seguida, quanto a essas diferenças, deveria ser: «Quanto aos pontos essenciais, unidade; quanto às questões duvidosas, liberdade; em todas as coisas, amor». (Faucett, *in loc.*). Mas quando um indivíduo qualquer começa a dominar sobre outros, a exagerar em certas idéias ou métodos, que produzem divisões no seio da igreja local, produzindo a desunião, estará apenas abusando de seu poder delegado, servindo de força contrária ao senhorio de Cristo, porquanto não mais estará servindo de construtor, e, sim, de destruidor.

«Da idéia da 'vocação' (ver o quarto versículo), o apóstolo passa, mui naturalmente, para aquele que nos chama, o 'único Senhor', bem como ao seu método de chamar-nos a si, a saber, primeiramente através da 'única fé', e então pelo 'único batismo', quando se faz profissão daquela fé única». (Barry, *in loc.*).

«O Senhor Jesus Cristo, que por direito de criação é Senhor de tudo, e que por direito de redenção e matrimônio é o único Senhor de sua igreja e seu povo...ele é o cabeça do corpo, da igreja, o Rei dos santos, o Pai e Senhor da família que lhe toma o nome; pelo que também, devem os crentes concordar entre si, não sendo eles outros tantos senhores, cada qual querendo exercer domínio sobre os demais». (John Gill, *in loc.*).

Também somos chamados para ser aquilo que Cristo é, e também para compartilhar de tudo quanto ele possui, para que assim venhamos a possuir a «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19). O presente versículo, portanto, enfatiza que há apenas uma esperança vinculada ao corpo único de Cristo, bem como uma só chamada, um único destino. Não existem muitos corpos de Cristo, com muitos e variegados destinos. A única grande esperança é a esperança de todos. Além disso, devemos considerar que a palavra «...esperança...», dentro do contexto cristão, não subentende nenhuma idéia de incerteza, mas tão-somente de expectação por algo que eventualmente possuiremos na realidade.

«...*da vossa vocação...*» Só há uma esperança que «pertence» à nossa chamada (no original grego temos o genitivo de possessão). Esse é o «elemento» dentro do qual estamos unidos em comunhão mútua, e é dessa vocação que se «origina» esse sentimento de esperança; mas a primeira idéia, mui provavelmente, é a que é enfatizada neste ponto.

5 εἷς κύριος Jn 10.16; 1 Cor 8.6

«...*uma só fé...*» Quanto a estas palavras, precisamos considerar os pontos seguintes:

1. Não se trata da «fé» como um corpo de doutrinas, o N.T., o que talvez apenas raramente aparece nas páginas do novo pacto. As epístolas católicas têm alguns exemplos deste uso. Ver notas sobre I Tim.1:2.
2. Também não se trata da igreja cristã unida em um corpo de doutrinas.
3. Não é a força viva da fé cristã atuante no mundo (o que talvez seja o sentido do trecho de Gál. 1:23).
4. Não é também a fé como um «princípio abstrato».
5. Pelo contrário, é a *fé evangélica* que está aqui em foco, a saber, a «entrega de alma», feita pelo crente, às mãos de Cristo. Temos aqui aquela «fé no Senhor Jesus Cristo», pela qual somos salvos. Essa é a fé mediante a qual recebemos a justificação; essa é a entrega «subjetiva» de alma, que cada crente faz a Cristo Jesus. (Quanto a notas expositivas completas sobre essa «fé», ver Heb. 11:1, onde o tema é explorado amplamente).

«*Um único ato de confiança* em Cristo, o mesmo para todos, judeus ou gentios, uma única maneira de salvação». (Robertson, *in loc.*).

Aqueles que realmente têm essa fé, têm em si o vínculo da unidade, posto que confiam no mesmo Senhor, tendo todos entregue suas almas a ele. Os crentes talvez difiram em suas opiniões sobre várias coisas, como também há corpos diferentes de doutrinas, mas os verdadeiros crentes entregaram todos as suas almas, confiantemente, às mãos do mesmo Senhor.

«...*um só batismo...*» Uma vez mais precisamos desdobrar o comentário, em vários pontos:

1. Apesar de haver aqui uma óbvia alusão ao batismo em água, não se trata de uma referência a esse rito, *em si mesmo*, como se tal cerimônia fosse uma das causas básicas de nossa unidade em Cristo. Pois nenhum mero rito pode servir de tal unidade fundamental da igreja cristã, por si mesmo.
2. Também não está em foco o «batismo» do Espírito Santo, nem segundo a descrição de I Cor. 12:13, mediante o que somos unidos formando um só corpo, e nem conforme a descrição de Atos 2:4, mediante o que recebemos poder e unção para o serviço cristão.
3. Antes, está aqui em foco a «realidade espiritual» da qual o batismo em água serve de sinal simbólico. Essa realidade espiritual é a nossa união com Cristo, em sua morte e em sua vida ressurrecta. O «sinal» dessa realidade, pois, é o batismo em água. A «verdade simbolizada» é a nossa identificação mística com Cristo, o nosso batismo espiritual dentro dele, para que desfrutemos de total união com ele. Essa verdade simbolizada é a grande unidade espiritual que, juntamente com os demais seis elementos, formam as sete facetas da unidade fundamental da fé cristã. E o «sinal» dessa verdade espiritual, repetimos, é o batismo em água. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «batismo espiritual», ver Rom. 6:3. O significado inteiro do batismo é incluído nessas citadas notas).

Esse «batismo» que é uma das grandes causas da unidade da igreja, precisa ser interpretado «misticamente», e não sacramentalmente. Desafortunadamente, muitos excelentes intérpretes têm caído no «fosso sacramental». Aqueles que pensam que «um só modo de batizar» é o que está implícito nesse texto, naufragam totalmente em sua interpretação. Também é vão perguntar por que a «eucaristia» ou Ceia do Senhor não é incluída na lista de fatores tendentes à unidade. Pois o próprio batismo, se estivermos falando apenas sobre o «rito» do batismo em água, também não está incluído. Nenhum rito ou sacramento pode ser motivo de uma unidade espiritual e mística, nem pode ser citado paralelamente ao «corpo místico», à «vocação cristã», ao «Espírito Santo», ao «Senhor Jesus», a «Deus Pai» e à «fé», porquanto nenhuma mera cerimônia pode ocupar tão augusta posição.

O *batismo espiritual* (a nossa identificação com Cristo), é que nos outorga uma autêntica unidade mística com ele e de uns com os outros. O batismo em água pode simbolizar isso, como de fato simboliza, mas não é a sua substância. Esse «batismo espiritual» é experiência comum a todos quantos têm entregue as suas almas ao Senhor Jesus, tendo-se convertido a ele; e é uma realidade espiritual, sem importar se se segue ou não o batismo em água, o qual simboliza e declara abertamente ao mundo essa nossa identificação com Cristo. Isso em nada diminui a importância do batismo, mas assim dizemos tão-somente a fim de situar o batismo em água dentro de sua perspectiva apropriada, dentro de seu lugar conveniente. O batismo espiritual consiste da nossa identificação com Cristo, em sua morte e em sua vida ressurrecta, na forma de comunhão e identificação místicas. Esse é o verdadeiro «único batismo», sendo um dos motivos fundamentais da unidade da igreja. O batismo em água é tão-somente o símbolo externo daquele fato místico.

6 εἷς θεὸς καὶ πατὴρ πάντων, ὁ ἐπὶ πάντων καὶ διὰ πάντων καὶ ἐν πᾶσιν. 6 1 Cor 12.6

6 πασιν] *add* ημιν **DG** *pm* lat sy Ir (ς)

O Textus Receptus, seguindo alguns poucos manuscritos minúsculos e o testemunho patrístico (489 Crisóstomo Teodoreto *al*), adiciona ὑμῖν; outros testemunhos (D F G K Ľ Ψ 181 326 917 920 it (d,g) vg sir (p,h) gót ara *al*) adicionam ἡμῖν. Ambas as formas são glosas explicativas, introduzidas a fim de estabelecer uma alusão pessoal de πᾶσιν aos cristãos. A forma adotada como texto é fortemente apoiada por $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ A B C P 082 33 88 104 424 (c) 436 442 460 462 1912* 1944 cop (sa,bo) etí ára *al*.

4:6: um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.

O *Deus único*, que é o «...Pai de todos...», é o alicerce de todas as unidades, por ser também a fonte originária de todos os seus motivos. (Quanto a idéias sobre a «natureza de Deus», ver as notas expositivas sobre Atos 17:27, onde são expostos vários conceitos filosóficos e teológicos). Neste ponto entra o «monoteísmo», tal como nas antigas fórmulas judaicas de unidade (ver as notas expositivas sobre o quarto versículo). O Pai único é a base de toda a unidade Cristã, tal como o «nosso Deus, o Senhor», era considerado o unificador, na fórmula judaica do Shema. Porém, no cristianismo, esse único Deus é apresentado segundo a fórmula trinitária inerente aos versículos quarto a sexto deste capítulo. Nenhuma doutrina formal da trindade divina é exposta nas páginas do N.T., porém, há idéias trinitárias que posteriormente à formação do «cânon» neotestamentário vieram a ser formalizadas nos concílios eclesiásticos, quando a doutrina da trindade, como um dogma, foi formulada.

«...*e Pai*...» Deus como Pai é a força unificadora da igreja, pois somos seus filhos, pertencentes à família divina. Isso tem sido enfatizado por toda esta epístola aos Efésios. (Ver Efé. 1:2,3,5,14,17; 2:18,19 e 3:14. Quanto a notas expositivas sobre a «paternidade de Deus», ver Rom. 8:15 e João 8:42). Há apenas «um Pai» e «uma família», o que explica a unidade mística. O Pai também é Deus, a força divina mais elevada, capaz de produzir a total unidade da igreja em Cristo, bem como a total unidade de todas as coisas, universalmente, em torno do Senhor Jesus. (Ver Efé. 1:10). Foi o poder divino, portanto, que criou essa unidade e que a garante. Mas os filhos do Pai celeste estão na obrigação de preservar a unidade da família divina dentro de suas igrejas locais.

Podemos observar aqui que as idéias se encaminham ao seu clímax: igreja, Cristo, Deus; e então Espírito Santo, Senhor, Pai—em ambos os casos há uma subida para o clímax do poder, que causa a unidade.

«...*todos*...» Essa palavra, por três vezes reiterada no original grego, está nos gêneros masculino e neutro, o que significa que pode estar em foco algo pessoal ou impessoal. Mas o neutro é preferível, pois então estão em foco «todas as coisas», coletivamente consideradas, tanto as pessoais (os seres humanos e todos os seres inteligentes) como as impessoais (todas as coisas, a criação inteira). A paternidade de Deus, segundo já se leu, estende-se a todos os seres, e não apenas aos seres humanos (ver Efé. 3:15), e a sua deidade se estende por toda a criação, tanto a física como a espiritual, tanto a animada como a inanimada.

Variante Textual: As palavras «...*em todos vós*...», ao invés do simples «em todos», aparecem nos mss DFKL, em algumas versões e nos escritos de alguns dos pais da igreja. Porém, em favor do simples «...em todos...», conforme encontramos também nesta versão portuguesa, há os mss P(46), Aleph, ABCP e os escritos de Inácio e Orígenes, pais da igreja, o que forma uma evidência irresistível e quase indisputável em favor da forma mais breve. A adição da palavra «vós» foi uma glosa escribal, que procurou tornar mais pessoal a declaração deste versículo. Entretanto, o neutro «tudo», segundo deveria ser traduzido, já inclui todos os crentes e seres inteligentes.

A maneira pela qual Deus age como força unificadora de tudo, no universo, é enfatizada mediante três grandes aspectos específicos de sua atuação. É verdade que um jogo de proposições era um dos artifícios retóricos favoritos dos tempos do grego helenista, mas essas três expressões, a despeito disso, se revestem de sentidos todos próprios, a saber:

«...*sobre todos*...» Isso fala: 1. da transcendência; e 2. da onipotência de Deus. Ele é o governante soberano de tudo, cujo poder transcende a tudo. Ele é o «Governante, o Guardião e o Guia, que manda em tudo». (Braune, in loc.). Ele é o «Rei dos reis» e o «Senhor dos senhores». Essa supremacia como Deus e Pai é salientada aqui.

«...*age por meio de todos*...» Essas palavras representam uma interpretação de «através de tudo» (com «dia», no original grego). E isso fala do seguinte:

1. Da onipotência dos feitos de Deus em todos os lugares.
2. Mas, segundo outros estudiosos, falaria da «providência de Deus», no caso presente.
3. Ainda outros pensam que isso fala da influência permeadora e da presença universal do seu Santo Espírito.
4. Uma extensão dessa idéia é que isso fala da presença animadora e controladora sobre tudo.
5. Isso fala de seu controle sobre tudo, mediante os muitos instrumentos usados pelo seu poder, como homens, seres angelicais e coisas físicas e inanimadas. Esta quinta posição parece expressar a idéia central, embora não haja acordo geral sobre como a palavra grega *dia* deva ser interpretada aqui. Também poderíamos combinar as idéias da terceira e da quinta posições, dizendo que «Trata-se da presença sustentadora e operante de Deus (Abbott, *in loc.*), que se manifesta através de instrumentos apropriados».

«...*em todos*...» Certamente isso fala da «imanência» de Deus. Ele se faz presente com os homens de Deus de toda a parte, em toda a criação, com todos os seres, mas, sobretudo, na igreja, por intermédio de seu Espírito residente, conforme tem sido salientado em Efé. 2:21,22. O fato que Deus «habita em todos» naturalmente significa que essa é a maneira pela qual Deus aperfeiçoa aos homens, essa é a maneira pela qual ele opera entre eles; e, no caso da igreja, isso significa o modo pelo qual ele mantém comunhão com eles. A energia do Espírito revivifica, ilumina, purifica e transforma aos crentes segundo a imagem de Cristo.

É através desses meios, portanto, a saber, seu poder e governo onipotentes, sua atuação por intermédio de todos, e sua presença com todos, mediante o que ele influencia a todos, é que Deus produz a unidade de todas as coisas, a começar pela igreja, no presente, que serve de modelo pelo qual ele restaurará e unificará o universo inteiro, conforme Efé. 1:10 já nos informou. Essa unidade universal requererá a operação de Deus Pai. Nenhuma força inferior a essa pode realizar tal feito. No que concerne aos homens, portanto, a salvação vem pela graça, mediante a fé, pois nenhum poder humano pode fazer o que aqui nos é exposto, ainda que essa operação requeira a cooperação da vontade humana, sendo exatamente nesse ponto que o divino se encontra com o humano.

Não há qualquer alusão trinitária neste sexto versículo, considerada isoladamente, conforme se vê nos versículos quarto a sexto, considerados conjuntamente. Todas essas três descrições, com as preposições *sobre*, *por meio* e *em*, não se referem respectivamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, conforme alguns intérpretes supõem. Se isso fosse uma verdade, então «sobre» se referiria à total soberania de Deus, «por meio» se referiria ao trabalho do Filho como Cabeça, e «em» se referiria à presença habitadora do Espírito. Porém, isso é um refinamento exagerado deste texto.

Por outro lado, não devemos reduzir a expressão a alguma maneira simples e indefinida de dizer algo como: «É a Deus que devemos tudo». Isso é verdade, porém o apóstolo Paulo parece ter querido designar mais exatamente como e por que devemos todas as coisas e ele.

Centro e fusão de todas as distâncias;
Velhice-mãe de todas as infâncias;
E futuro de quanto há de morrer...
Possa a minha alma ver-te, um só segundo,
Presente e em ti, pretérito do mundo,
Infinito imortal do Verbo Ser!.
(Antônio Correia, Lisboa, Portugal).

7 Ἑνὶ δὲ ἑκάστῳ ἡμῶν ἐδόθη ἡ χάρις κατὰ τὸ μέτρον τῆς δωρεᾶς τοῦ Χριστοῦ. 7 Ro 12.3, 6; 1 Cor 12.11

7 η χαρ. $\mathfrak{p}^{46}$ℵA *pm* ς; R] χαρ. **BD*GL** *1739 al* bo

4:7: Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo.

«...*graça*...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça» divina, incluindo as várias maneiras como esse vocábulo é usado nas páginas do N.T., ver Efé. 2:8). Acerca dessa graça, precisamos considerar os pontos seguintes:

1. Essa «graça» pode ser reputada aqui como a «graça geral» de Deus, a qual favorece cada ser humano e que, em sua execução prática, derrama sobre cada indivíduo um «dom» para ser usado no serviço espiritual. Assim pensam muitos intérpretes.

2. Ou talvez esteja em foco apenas um termo usado como sucede noutras passagens, a saber, o próprio «dom da graça». Assim pensam outros muitos intérpretes.

A diferença entre essas duas interpretações é mínima; mas, seja como for, a idéia dos dons dados mediante a graça divina, para benefício da igreja, é agora posta em primeiro plano. A palavra «graça» é empregada nas páginas do Novo Testamento para significar «dom espiritual». (Ver Gál. 2:9 e Rom. 1:5—referências possíveis). O trecho de Rom. 12:6 dá apoio à idéia da primeira interpretação. Cada crente recebe um dom qualquer «segundo a graça que nos é conferida». A graça divina, portanto, não apenas salva, mas igualmente dá ao homem as habilidades necessárias para o seu uso, no seio da igreja, visando a edificação da mesma, ou então, no mundo, a fim de atrair homens a Cristo, e assim aumentar o número dos membros da igreja.

«...*a cada um*...», isto é, potencialmente, cada crente tem um dom a exercer na igreja; mas esses dons não são possuídos indiscriminadamente por todos os crentes; de fato, a maioria dos crentes da igreja evangélica moderna não possui qualquer manifestação espiritual, segundo a descrição dos dons, conforme os capítulos doze a catorze da primeira epístola aos Coríntios. Nas notas introdutórias ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios são descritos todos os dons espirituais.

Portanto, uma grande lição para ser aprendida neste ponto é que apesar de todos os crentes servirem de morada para o Espírito de Deus (ver Rom. 8:9), pouquíssimos dentre eles possuem os seus «dons». A presente condição da igreja serve de ampla prova sobre isso. Mediante a manifestação autêntica dos dons espirituais, um grande despertamento espiritual poderia ocorrer no seio da igreja cristã.

Crentes espiritualmente dotados são conferidos à igreja como dons divinos. No presente contexto, os «...*dons*...» são «indivíduos espiritualmente dotados», conferidos como presentes à igreja universal, conforme o

décimo primeiro versículo nos mostra. Porém, o sétimo versículo deste capítulo refere-se a dons espirituais dados a indivíduos (sem enumeração), sendo esse igualmente o tema do décimo segundo capítulo da epístola aos Romanos e dos capítulos doze a catorze da primeira epístola aos Coríntios. Ora, o objetivo de todas essas manifestações é o desenvolvimento espiritual, a saber, o próprio «aperfeiçoamento dos santos», a «obra do ministério», a «edificação do corpo de Cristo», até que todos cheguemos à «unidade da fé», quando então compartilharemos de grande conhecimento acerca do Filho de Deus, tornando-nos um «homem perfeito», formados de conformidade com a sua imagem, participantes da «plenitude de Cristo», conforme nos mostram os versículos décimo segundo e décimo terceiro deste capítulo. É suposição razoável, portanto, que um pleno crescimento espiritual não pode ser realizado sem a manifestação dos dons espirituais, através de sua possessão individual e de seu uso coletivo.

Observações sobre o problema dos dons espirituais:

1. Quanto mais observamos o moderno movimento carismático, menos acreditamos que é do Espírito.

2. É possível, portanto, que os processos históricos e espirituais, tenham ultrapassado este modo de expressão espiritual. Desde o princípio, especialmente em relação a línguas e profecias, este modo se tem mostrado fraco e sujeito a muitos abusos. As cartas de Paulo aos Coríntios demonstram isto. O N.T., em algumas maneiras, é um livro de «princípios», não de «finalidades», e é bem possível que o Espírito, para os nossos tempos, tem ordenado meios diferentes de espiritualidade.

3. A igreja hoje, certamente, precisa, como nunca, dos dons espirituais. A força do Espírito operando nesta operação, todavia, não necessariamente, deve duplicar o modo do primeiro século. É possível que aquele modo já foi rejeitado pelo Espírito e deve ser substituído no nosso tempo.

4. A falta dos poderes espirituais tem provocado a necessidade de um ministério profissional, que tem resultado em diversos abusos: a. falta de ensino, inspirado pelo Espírito; b. poderes ditatoriais assumidos por alguns líderes; c. dando a um homem, profissionalmente treinado, o trabalho que diversos, dotados de poderes espirituais, devem fazer.

5. A falta do poder espiritual tem causado outros problemas: A igreja, para substituir o poder do Espírito, tem desenvolvido programas de diversão, música mundana, teatro, etc. Supostamente, tais programas interessam ao povo, especialmente aos jovens, mas o triste resultado é um teatro pobre numa igreja pobre.

6. A falta de poder espiritual tem feito o povo faminto, com o resultado que: a. alguns têm abandonado a igreja, se ajuntando a diversas seitas essencialmente não-cristãs; b. outros, que ficam, com estômagos espirituais doendo, causam disputas e divisões na igreja.

7. Precisamos usar os meios do desenvolvimento espiritual, como o estudo, a oração, a meditação, a prática da lei do amor (boas obras). Além destas coisas, precisamos procurar a iluminação do Espírito e seus dons, segundo o modus operandi da vontade dele. Ver os elementos da oração do Apóstolo pela igreja em Efé. 1:14-21.

A igreja sempre terá necessidade dos dons espirituais. Porém, parece que a tradição profética indica que os dons mais sujeitos a abusos (como as línguas e a profecia), darão lugar a formas mais avançadas de expressão espiritual, razão pela qual, podemos esperar avanço, e não mera restauração.

«...segundo a proporção do dom de Cristo...»

a. Isso subentende que a vontade de Cristo é que determina quais dons são distribuídos, e para quem, e qual a extensão do poder desses dons. Há uma «medida», por ele determinada.

b. O cabeça da casa distribui alimentos, dinheiro e demais provisões aos membros da família, de conformidade com a necessidade de cada um, e como um meio de subsistência e de serviço prestado a toda a família. Essa parece ser a metáfora por detrás dessa declaração.

c. O trecho de Rom. 12:6, encerra algo similar: Temos recebido dons de acordo com a «graça» que nos foi dada. Os dons espirituais procedem da graça divina, e, por si mesmos, são partículas da graça de Deus, para serem usadas visando o benefício de todos. Isso opera de acordo com a qualidade da nossa fé, conforme aquele mesmo versículo diz.

d. O trecho de I Cor. 12:7 informa-nos que os dons espirituais são dispensados em consonância com a manifestação do Espírito. Ele faz como melhor lhe pareça. Isso não elimina a necessidade de «buscarmos» os dons, pois Deus pode fazer o que bem lhe agradar, aumentando nossos poderes espirituais e a nossa utilidade (ver I Cor. 12:31).

e. Nossos dons espirituais e o emprego dos mesmos, outorgam-nos uma posição sem-par como instrumentos nas mãos de Deus (ver Apo. 2:17).

Referindo-se a essa «proporção» do poder espiritual que Cristo Jesus nos dispensa, Salmond (*in loc.*) comenta: «'Essa é uma' declaração sobre a 'lei' da doação da graça. Cada qual recebe a graça que Cristo tem para dar, e cada qual a obtém na proporção em que o Doador tem prazer por dá-la; um a recebe em maior medida, e outro a recebe em menor medida, mas todos recebem-na da mesma mão, e com idêntico propósito». Poderíamos ajuntar que, no estado presente da igreja, a ninguém o Senhor conferiu «tudo». Porém, dentro do nosso desenvolvimento espiritual, já no estado eterno, cada crente entrará na possessão de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), e, tal como o próprio Senhor Jesus, cada qual será possuidor de todo o poder espiritual.

«...foi concedida...» No grego temos «edothe», no aoristo «gnômico», que expressa uma «verdade geral»; contudo, talvez isso também fixe nossa atenção sobre a ocasião específica da doação dos dons, primeiramente através do Espírito de Deus, e então a cada crente, individualmente, não estando em foco tal doação como um processo contínuo, o que teria sido expresso pelo tempo presente, no original grego.

Os versículos sétimo e seguintes, pois, enfatizam a «unidade na diversidade». Cada crente individual é sem igual, mas todos os membros da igreja, coletivamente falando, perfazem a unidade; e essa unidade é o modelo da unidade universal, quando Deus houver de restaurar todas as coisas em Cristo. Mas é importante observarmos, por esta altura, que a individualidade de cada crente jamais é sacrificada. Na eternidade mesma o crente individual será preservado como um ser ímpar, embora esteja unido a todos os demais crentes, para a glória de Cristo; e, por semelhante modo, não haverá absorção pelo Espírito divino, o que significaria a perda da existência pessoal, conforme o panteísmo erroneamente ensina.

8 διὸ λέγει· **Ἀναβὰς εἰς ὕψος ᾐχμαλώτευσεν αἰχμαλωσίαν, ἔδωκεν[1] δόματα τοῖς ἀνθρώποις.**

[1] 8 {C} ἔδωκεν *vscr* Ps 67.19 LXX; $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A C² D* G 33 88 1241 1962 *l*[37] it[ar. ed.dem.e.f.g.mon.t.x.z] vg cop[sa,bo] Marcion Justin Irenaeus[lat] Tertullian Origen[lat] Eusebius Ambrosiaster Hilary Lucifer Jerome // καὶ ἔδωκεν ℵ[c] B C*.³ | D[c] K P Ψ 81 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1739 1877 1881 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* syr[p,h] goth arm eth Origen Victorinus-Rome Chrysostom Augustine Cyril Euthalius Theodoret John-Damascus

8 Ἀναβὰς...ἀνθρώποις Ps 68.18 (Col 2.15)

8 τοις] εν G *pc* Or Eus

No todo, parece que a forma sem καί é preferível, não somente porque é apoiada por testemunhos diversificados como $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A D* G 33 88 it vg cop[sa,bo]) Márcion Justino *al*, mas também porque muitos copistas teriam sido tentados a inserir uma partícula conectiva a fim de aliviar uma construção que não é própria do grego.

4:8: Por isso foi dito:

Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro,
e deu dons aos homens.

Paulo cita aqui o trecho de Sal. 68:18, mas não exatamente conforme o original hebraico que conhecemos hoje em dia, através do chamado texto massorético. (Ver as notas expositivas a respeito, em João 6:23 e Rom. 10:16). Nem essa citação concorda com a versão da Septuaginta (tradução do texto hebraico original para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã). A Septuaginta diz: «Tu subiste ao alto, tu levaste cativo o cativeiro, tu recebeste dons entre os homens». Notemos que há modificação da segunda pessoa (conforme a Septuaginta) para a terceira pessoa, nesta epístola aos Efésios, e que ao invés de «recebeste» lemos «...concedeu...» Ao contrário do que possa parecer, entretanto, Paulo não estava traduzindo descuidadamente, mas apenas seguindo uma interpretação rabínica comum dessa citada passagem. Esse trecho de Salmos era aplicado à pessoa de Moisés, como se fosse uma alusão à sua ascensão no monte Sinai, a fim de receber as tábuas da lei (ver o décimo nono capítulo do livro de Êxodo). Moisés recebeu dons, mas com o exato propósito de «concedê-los aos homens». Em outras palavras, ele recebeu dons «para os homens». Um dos Targuns chega mesmo a utilizar-se da expressão usada neste texto, «deu dons aos homens». (Assim somos informados por Hermann Strack e Paulo Billerbeck, em *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*, III; Die Briefe des Neuen Testaments, Munich, C.H. Beck., 1926, pág. 596). Por conseguinte, o que foi dito sobre Moisés, de acordo com os comentários dos judeus sobre suas próprias Escrituras do A.T., é aqui aplicado pelo apóstolo Paulo a Cristo, e isso é um fenômeno comum no N.T. Tais aplicações a Cristo são freqüentes, quando o A.T. se refere a algum profeta ou outro grande personagem do antigo pacto.

Naturalmente, esse Salmo, na realidade, celebrava a vitória do povo de Deus sobre os seus adversários. O pano de fundo histórico real desse Salmo, bem provavelmente, foi um dos diversos triunfos de Davi sobre seus inimigos, ocasião em que esse grande rei levou cativos amarrados para Jerusalém, havendo igualmente «despojos» do combate que teriam sido *dons* para serem distribuídos como presentes entre o povo. Assim, pois, Davi «ascendeu» a Jerusalém, levando consigo a muitos cativos, tendo podido fazer distribuição de dádivas entre o povo israelita. Esse tanto é claro; mas a aplicação que Paulo aqui faz desse Salmo, em todos os seus detalhes, tem dado motivo a muitas disputas entre os intérpretes. Antes de tudo, é verdade que algumas vezes Paulo aplicou passagens do A.T. de maneira completamente frouxa, sem qualquer exatidão no tocante à representação do sentido original dos Salmos ou de quaisquer outras porções bíblicas por ele citadas. Contudo, isso não nos deveria surpreender, porquanto os antigos comumente manuseavam os textos citados desse modo. (Ver Rom.10:6 e as notas expositivas ali existentes, quanto à maneira de Paulo citar passagens do A.T. Ver também Rom.3:10 e as notas expositivas a respeito sobre a expressão «como está escrito», onde se destacam várias verdades implícitas no tocante à união entre o Antigo e o Novo Testamentos, e onde se mostra que tanto em um como em outro se encontra a mesma mensagem essencial sobre Cristo). Neste ponto, entretanto, não precisamos imaginar que Paulo tenha feito qualquer violência ao espírito do A.T., pois o Salmo por ele citado certamente é messiânico e profético em sua natureza, ainda que mui provavelmente seu conteúdo se tenha baseado em algum feito histórico do rei Davi.

«...*subiu às alturas...*» De que maneira se pode entender essas palavras?

1. Isso só pode indicar a ascensão de Cristo aos lugares celestiais. (Ver Atos 1:6).

2. Espiritualmente interpretada essa declaração, segundo o contexto do A.T., mui provavelmente ela indica a ação de Deus, que se postou no monte Sião, depois que seus inimigos foram derrotados e subjugados por ele. Essa interpretação «espiritual» do A.T., embora não seja de natureza messiânica, é um fato real, não contradizendo a interpretação messiânica, porquanto foi no Messias que Deus exibiu supremamente o seu poder, triunfando sobre os seus inimigos. No contexto do A.T., a devolução da «arca» ao templo de Jerusalém, arca essa que representava a «presença de Deus», depois que Deus deu a Davi descanso e triunfo em suas campanhas militares (ver II Sam. 6:7 e I Crô. 15:25), talvez esteja em foco.

Mas ainda outros eventos históricos específicos têm sido identificados como se tivessem sido aludidos neste passo bíblico, a saber: a. Alguma vitória ou vitórias não historiadas de Davi; b. A colocação da arca no templo, no período de Salomão; c. A vitória de Josafá e Jeorão sobre os moabitas (ver II Reis 3); d. A vitória sobre os assírios, ao templo de Ezequias; e. A consagração do templo da época da *restauração*; f. O retorno do cativeiro; g. Vários acontecimentos posteriores, como as vitórias durante as guerras dos Macabeus. Porém, a idéia de que é aqui celebrada alguma vitória de Davi, é a mais provável.

No que concerne ao problema, muito debatido, se o próprio Salmo 68 deve ser compreendido como uma alusão à ascensão do Messias, deve-se dizer que não havia maneira do próprio autor ou de seus leitores terem pensado em tal tema, porquanto tal coisa estava inteiramente fora de seu campo de experiência e conhecimento. A despeito disso, não há razão alguma para negarmos que esse Salmo seja de natureza messiânica e profética, ou que a ascensão de Cristo seja o seu tema, ao considerarmos o mesmo de acordo com aquele ponto de vista.

«...*levou cativo o cativeiro...*» Posto que não há explicação sobre o que isso poderia significar, várias explicações têm sido oferecidas. Abaixo alistamos as três explanações principais e mais prováveis:

1. A alusão é à derrota dos inimigos de Deus, sobretudo os poderes angelicais malignos. Naturalmente que essa é a maneira mais simples de entendermos essas palavras, segundo seu uso normal. (Ver I Esdras 5:45 e Judite 2:9; ver também Juí. 5:12, onde se lê: «...levanta-se Baruque, e leva presos os que te penduram, tu, filho e Abinoão...», que talvez seja a origem da expressão desse Salmo. O «cativeiro» nesse sentido, não tem a idéia de algo que «cativara» alguma coisa de antemão, e que agora fora por sua vez «cativado». Isso tem sido insuflado no texto, mas o original hebraico meramente alude a cativar algo, que ficou cativo. No que respeita à identificação dos cativos, isso também tem sido disputado. Podemos supor que o pecado, a morte e os poderes malignos de toda a sorte estão em foco, incluindo seres inteligentes. Se essa é a correta interpretação, então este versículo é paralelo ao trecho de Col. 2:15: «...despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz». No dizer de Faucett (in loc.): «No Salmo há alusão aos inimigos cativos de Davi. Como antítipo, os inimigos de Cristo, o Filho de Davi, que são Satanás, a morte, a maldição e o pecado (ver Col. 2:15 e II Ped. 2:4), levados em procissão triunfal para sua condenção final (ver Apo. 10:10,14)». Assim pensa a maioria dos eruditos.

2. Outros supõem que este versículo ensina a remoção *dos santos* que estavam no mundo intermediário (o hades), os quais seriam transportados para os lugares celestiais. Esses cativos, portanto, seriam aqueles que anteriormente tinham estado em *cativeiro*, na porção boa do hades, mas que foram libertados dali quando da ascensão de Cristo aos céus. É verdade que várias das fontes informativas sobre a «descida de Cristo ao hades» mostram-no a levar os remidos (ou todos os homens—tanto os remidos como aqueles que estavam sendo remidos) para fora daquela «prisão» que o hades representava. É possível, por conseguinte, segundo essa tradição, compreender desse modo essas palavras. Esse uso seria contrário ao uso comum que a expressão recebe nas páginas do A.T., mas, no tocante a alguns aspectos, inclina-se para o pensamento cristão, no que diz respeito aos efeitos da ascensão de Cristo aos lugares celestiais.

3. Outros percebem um sabor *Redentor* nessa expressão, pois o «cativeiro» seria remidor e não destruidor. Por isso comentou Braune (*in loc.*): «...os homens...ele recebeu e levou consigo para o mesmo santuário... Pois Deus conquista, vence, leva consigo, toma para si, torna seu mesmo e não deseja reter para si mesmo, mas transforma-o, dota-o e faz dele um presente: seus cativos tornam-se seus servos, os servos de Israel. Ele faz dos inimigos e antagonistas de sua teocracia servos da mesma. Assim também, em um sentido mais elevado, faz Cristo—fez de Saulo, Paulo, do inimigo e destruidor da igreja um apóstolo. O ato de Deus tomar e receber para si aponta para uma doação subseqüente, a doação de Cristo a um recebimento prévio...Pela palavra *homens* devemos compreender principalmente os homens conquistados por ele, seus homens, a quem ele outorgou dons da graça, a fim de que eles mesmos sejam e possam tornar-se dons para os homens, em círculos maiores (ver o décimo primeiro versículo e Atos 2:33)».

4. A restauração geral: A realização de Cristo, em sua descida e ascensão, propiciou a restauração geral de todas as coisas. Esse conceito é amplamente comentado em Efé. 1:10. Ver também os vss. dez e onze deste capítulo, que expandem esse tema.

«...*concedeu dons aos homens...*» Neste ponto vemos que Cristo «dá» dons e no Salmo 68, citado nesta passagem, lemos que Cristo os «recebe». Porém, de conformidade com a interpretação rabínica, isso significa que «ele recebeu a fim de dar». Essa é a interpretação tradicional, seguida neste comentário. (Ver as notas expositivas no começo do versículo, acerca de outras explicações sobre as diferenças entre aquela passagem do A.T., e sua citação, representada nesta epístola aos Efésios). O original sem dúvida alguma se referia a «despojos» de guerra, ou seja, ele «tomou dons (despojos) da parte dos homens». Mas Paulo empresta a isso um alto sentido espiritual. A ascensão de Cristo envolveu a doação de dons, o que equivale às «bençãos espirituais» referidas nesta epístola (ver Efé. 1:3).

Não estão aqui em vista, especificamente, os «dons do Espírito» (ver o décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, o décimo segundo capítulo da epístola aos Romanos, e o décimo primeiro versículo deste capítulo), e nem está em foco o próprio «dom do Espírito»; antes, devemos pensar aqui nos dons maiores da bênção espiritual e da salvação, do que fluem os dons do Espírito Santo, que são usados na igreja.

Cristo é descrito como alguém que triunfa nessa batalha contra o mal; e, uma vez vencedor, torna-se muito enriquecido; e então, uma vez enriquecido, distribui sua riqueza com todos, até mesmo com aqueles que anteriormente eram seus inimigos, aos quais agora tornou seus amigos e irmãos. Trata-se de uma elevadíssima mensagem de esperança, semelhante à aquela de Rom. 11:32. (Ver as notas expositivas nessa referência bíblica, onde idéias similares são desenvolvidas).

[a]**9** τὸ δὲ Ἀνέβη τί ἐστιν εἰ μὴ ὅτι καὶ κατέβη[2] εἰς τὰ κατώτερα [μέρη] τῆς γῆς;

[2] **9** {B} κατέβη $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A C* D G I^{vid} 082 33 81 1241 1739 1881 it^{ar,d,e,g,mon} cop$^{sa(ms),bo}$ eth Theodotus$^{acc.\ to\ Clement}$ Irenaeus^{lat} Clement Tertullian Origen^{gr,lat} Eusebius Victorinus-Rome Hilary Lucifer Ambrose Chrysostom Pelagius Jerome Augustine Cyril Euthalius Theodoret Ps-Jerome Ps-Oecumenius // κατέβη πρῶτον ℵ^{c} B C^{c} K P Ψ 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1877 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{c,dem,f,t,x,z} vg syr^{p,h} cop^{sa} goth arm Eusebius Ambrosiaster Theodoret Cassiodorus John-Damascus

[a a] **9–10** *a* parens, *a* parens: AV RV ASV RSV // *a a* no parens: TR WH Bov Nes BF^{2} NEB TT Zür Luth Jer Seg **9** Jn 3.13

| μέρη] *om* $\mathfrak{p}^{46}$D*G syP sa Cl Or

A adição de πρῶτον após κατέβη (ℵ^{c} B C^{c} K P Ψ 88 614 *Byz Lect al*) parece ser uma expansão natural introduzida por copistas para elucidar o sentido. O texto mais breve é fortemente apoiado por $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A C* D G 1739 *al*.

4:9: Ora, isto — ele subiu — que é, senão que também desceu às partes mais baixas da terra?

«...*subiu... havia descido...*»

Que Significam Essas Palavras?

1. Alguns opinam que a expressão «regiões inferiores da terra», aponta para o «sepulcro» no qual o corpo de Jesus fora posto; portanto, segundo essa interpretação, tudo quanto foi dito aqui, é que Jesus foi sepultado. Essa interpretação é ao mesmo tempo trivial e absurda! Os vss. nono e décimo, falam de uma vasta missão de Cristo em sua «descida» e «subida», e não do mero fato de seu sepultamento. A expressão «regiões inferiores da terra» alude à «descida de Cristo ao hades», que os antigos gregos, romanos e hebreus, pensavam estar literalmente sob a superfície da terra, em alguma vasta caverna no centro do globo terrestre. A maioria dos intérpretes acha que a referência é à descida de Cristo ao hades, embora haja desacordo quanto ao intuito desta descida.

2. Outros pensam que essa «descida» seja alusão à encarnação de Cristo, e não à sua descida ao hades. Porém, a própria terra, dificilmente poderia ser chamada de «regiões inferiores da terra». Paulo se referia a uma localização no «interior» da terra, e não à própria terra como inferior aos céus. Se Paulo tinha em mira apenas a encarnação, teria falado na descida de Cristo «à terra», e não às «regiões inferiores da terra».

3. Pelo contrário, juntamente com a maioria dos intérpretes antigos, bem como a maioria dos modernos (com exceção daqueles que se recusam a ver qualquer bem, na descida de Cristo), a referência é à descida de Cristo ao hades.

A Descida De Cristo. Qual Foi Seu Significado?

a. Temos exposto longa nota sobre esse assunto, com o exame de todas as interpretações, em I Ped. 3:18. Embora as referências neotestamentárias não sejam abundantes, no que tange a esse acontecimento, há muitas alusões a descidas assim, na literatura judaica (acerca de profetas e homens santos), bem como em muito da antiga literatura não-judaica. Além disso, os primeiros escritos cristãos, e não poucos deles, contêm a narrativa da descida de Cristo ao hades. As notas acima referidas, passam em revista todas essas questões.

b. *Seu Significado:*

1. Não que Cristo foi ali a fim de pregar o juízo. Isso é contradito pelo texto presente. Sua descida teve o mesmo propósito que sua subida, isto é, «para que enchesse todas as coisas», ou se tornasse «tudo para todos», a mesma expressão encontrada em Efé. 1:23.

2. A maioria dos pais da igreja viam, nessa descida ao hades, a oferta de plena salvação aos perdidos que ali se encontravam. Noutras palavras, Cristo transformou o hades em um campo missionário. (Ver as notas em I Ped. 4:6).

3. Outros dentre os pais da igreja, pensavam que Cristo *melhorara* o estado dos perdidos, mas sem lhes oferecer a salvação evangélica.

4. Que alguma forma de restauração foi a intenção de Cristo, concorda com a mensagem de Efé. 1:10, a qual requer a formação da unidade de tudo em torno de Cristo, eventualmente. Sua descida ao mundo inferior, garantiu que os lugares de julgamento não escapassem do âmbito de seus propósitos. (Ver João 14:6 sob o título, *A Missão Universal de Cristo*).

5. A remoção dos santos do tempo do V.T. de hades para os céus.

6. Tanto a descida quanto a subida de Cristo tiveram idêntica finalidade (ver o vs. 10), isto é, que Cristo fosse tudo para todos. As notas que figuram em Efé. 1:10 definem para nós como isso pode ser.

7. O que indica a tradição da descida de Cristo ao hades? Indica que, sem importar onde os homens se encontrem, o Cristo pode alcançá-los em sua missão de benevolência.

«Pensemos nas regiões atravessadas pelo Senhor Jesus, o alcance das categorias de seres pelas quais ele passou, ao subir e descer, a fim de que pudesse 'encher todas as coisas'. Céus, terra, hades—e novamente hades, terra e céu, tudo tornou-se dele; não apenas na forma de mero poder soberano, mas também na forma de experiência e de comunhão de vida. Cada coisa Cristo anexou ao seu domínio por motivo de habitação e devido ao direito de um amor autodevotado, quando, de esfera em esfera, ele 'viajou na grandeza do seu poder, poderoso para salvar'. Ele é o Senhor dos anjos; ainda mais, dos homens—Senhor dos vivos e dos mortos. Para aqueles que dormem no pó ele proclamou seu sacrifício realizado e o direito de julgamento universal que lhe foi dado pelo Pai... Estivera ele humilhado? Esteve humilhado no ventre da virgem e na manjedoura, envolvendo sua deidade dentro do arcabouço e do cérebro de uma criancinha; esteve humilhado em sua casa e na bancada do carpinteiro da vila; esteve humilhado devido às contradições dos pecadores com as suas zombarias; esteve humilhado devido à morte na cruz, até ao abismo mais profundo, até àquele submundo populoso e sombrio para o qual olhamos estremecendo à beira da sepultura! E daquele golfo mais inferior ele subiu novamente à terra sólida e à luz do dia, a este mundo de homens que respiram; e daí foi subindo e subindo, através das nuvens rasgadas e das fileiras de anjos em coro, tendo passado sob os umbrais das portas eternas, até que tomou seu assento à mão direita da Majestade, nos céus». (Findlay, *in loc.*).

Variante Textual: As palavras «*...desceu primeiro...*» aparecem nos mss B, Aleph(3), C(3)KLP, nas versões da Vulgata latina, no gótico, no siríaco, no aramaico, e na maioria dos manuscritos posteriores. Mas a palavra «primeiro» é omitida pelos mss P(46), Aleph(1), AC(1)DG, nas versões boárica, saídica e etíope, bem como nos escritos dos pais da igreja Irineu, Orígenes, Crisóstomo, Agostinho e Jerônimo. A palavra «primeiro» surgiu, bem provavelmente, como uma glosa escribal, tendente a levar os leitores a compreenderem claramente a seqüência de eventos; mas o texto mais curto deve ser o preferido. Não há motivo pelo qual a palavra «primeiro» teria sido omitida, se porventura fosse o texto original. O contexto define a seqüência de acontecimentos, sem qualquer palavra especificadora.

A palavra «*...regiões...*», que em nossa versão portuguesa antecede ao vocábulo «...inferiores...», é omitida naquele grupo de manuscritos que usualmente se reputa inferior, a saber, DEFG, bem como as versões latinas *d* e *g*, a versão siríaca e os escritos dos pais da igreja Thdrt. Orig. Irin. Tert. Lúcif. Hilário, Ambr. e Jerôn. Essa omissão, conforme se pode perceber, é própria dos manuscritos chamados «ocidentais». Essas características ocidentais, que geralmente aparecem isoladas ou quase isoladas, raramente são corretas; poderíamos chamar isso de uma «não-interpolação ocidental», isto é, um lugar onde outras tradições de textos ampliaram o texto, mas onde o chamado texto «ocidental» reteve o original, que é a forma mais abreviada. É perfeitamente possível que a palavra «regiões» seja uma glosa escribal, para tornar o texto mais claro, sendo essa a posição defendida neste comentário. Portanto, é provável que tenhamos aqui um daqueles exemplos onde o texto ocidental é correto, com o que muitos escritos de pais da igreja, no ocidental, concordam, conforme se pode averiguar. A idéia de «regiões», em áreas «inferiores», isto é, sob a terra, fica entendida mesmo sem essa adição. (Quanto a informações sobre os manuscritos do N.T., que incluí os princípios mediante os quais devem ser escolhidos os textos corretos, quando surgem variante, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse assunto).

10 ὁ καταβὰς αὐτός ἐστιν καὶ ὁ ἀναβὰς ὑπεράνω πάντων τῶν οὐρανῶν, ἵνα πληρώσῃ τὰ πάντα.)[a]

4:10: Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas.

«*...Aquele... é... o mesmo...*» O mesmo Verbo da eternidade passada é o Senhor Jesus do tempo, sendo ele o Governante Soberano da eternidade. Notemos aqui a identidade de personalidade e de ser. O Verbo eterno é também Jesus, e esses termos indicam apenas maneiras diferentes pelas quais ele se manifestou. Essa é uma doutrina neotestamentária, ainda que, no presente estado em que nos encontramos, possamos apenas declará-la como uma proposição, pois não temos conhecimento suficiente sobre o ser metafísico, a ponto de sermos capazes de descrever como isso pode ser.

Seu amor e conquista mais do que vence;
A todos haverei de proclamar:
Jesus, o Rei, o Conquistador, reina;
Inclinai-vos ante o nome de Jesus!

«Seria inconcebível que o senhorio de Cristo conhecesse 'qualquer' limitação. Se o Filho de Deus pode descer até ao nosso nível, lamentável, manchado pelo pecado, então certamente teria incluído em sua visita aqueles a quem, mais tarde, um dos escritores do N.T. descreveu como 'os espíritos em prisão' (ver I Ped. 3:19). A cláusula do Credo dos Apóstolos, 'desceu ao inferno', descreve um dos aspectos, no drama da descida, que não é claramente retratado nas Escrituras, pelo menos como desejaríamos que fosse. Contudo, não é incoerente com o resto da admirável narrativa. Isso tem trazido consolo a muitas almas cristãs, torturadas por apreensões sobre entes amados que, durante esta vida, não se encontraram no caminho com o Cristo real. O quadro sobre o senhorio de Cristo, na presente epístola, como 'cabeça sobre todas as cousas' (ver Efé. 1:22), é um grande tesouro da fé cristã». (Wedel, *in loc.*).

«*...subiu acima de todos os céus...*» Temos aqui alusão às muitas dimensões de existência celeste, os «lugares celestiais», cujas notas expositivas aparecem em Efé. 1:3. Assim como Cristo é o conquistador, o Salvador e o governante da terra e na terra, do hades e no hades, assim também não há escaninho celestial sobre o qual ele não reine, e onde a sua graça não penetre. Não parece haver aqui qualquer alusão à noção da teologia judaica que falava sobre sete céus, embora se concorde que, por toda esta epístola aos Efésios, se encontram menções a muitos lugares celestiais. Porém, não há dimensão celeste que não esteja sujeita à autoridade de Cristo, e nem há ser que não esteja dentro do alcance de seu poder restaurador. (Comparar com Heb. 4:14 e 7:26, no que se relaciona à sua ascensão. Ali também se aprende que Cristo ascendeu aos «céus», e onde é superior a todos). Jesus se referiu a muitas «mansões» existentes nos céus. (Ver João 14:2. Sobre a *ascensão*, ver as notas em Atos 1:6).

«*...para encher todas as cousas...*» (Comparar com Efé. 1:23, onde idêntica expressão ocorre, embora sob forma um pouco mais elaborada. O gênero neutro, no original grego, refletido aqui por «...todas as cousas...», indica todos os seres, todas as esferas, todos os universos, por ser indefinido e universal em seu escopo.

O universo inteiro está sujeito à sua presença, pois Cristo tem acesso a tudo, apesar de não haver aqui afirmação direta sobre sua onipresença, como Deus, e, menos ainda, à onipresença de seu corpo glorificado, que é idéia postulada por alguns e que é uma doutrina absurda. Porém, apesar do fato que o universo inteiro está sujeito à sua presença, isso também significa seu senhorio, sua atuação através do Espírito Santo, sua posição central na restauração universal, serão os fatos finais e absolutos que caracterizam a existência. Cristo está conduzindo tudo à restauração, à perfeição, à unidade, dispensando universalmente a sua graça, tal como agora o faz na igreja, onde seus dons são dispensados. E isso significa que ele levará todas as coisas à sujeição ao seu poder, embora não nos devamos olvidar que se trata de um poder remidor, beneficente em sua natureza, e não destruidor.

Assim coroa-O a coroa máxima, mais inefável e indizível;
E seu amor enche o infinito, não deixando lugar intocado
E nem pondo onde a criatura possa colocar-se de pé!

Ele Subiu Para Encher Todas As Coisas

1. Ele ampliou seu poder e sua graça até os céus. Nenhum lugar pode estar fora de seu alcance, e nem deixar de ser por ele beneficiado.

2. Ele precisa ser «tudo para todos», conforme algumas traduções dizem, no caso desta expressão. Ele desceu e subiu com esse grande propósito em mente, a fim de produzir tal unidade. Portanto:

a. A descida e a subida são ambas restauradoras em sua natureza, compartilhando ambas do mesmo propósito.

b. Ambas as coisas fazem com que Cristo seja o cabeça de tudo, o centro em redor do qual todas as coisas convergem.

c. Ambas as coisas ensinam que coisa alguma está fora do alcance de seu poder e amor, o que sobe acima das mais elevadas estrelas e desce até o mais profundo inferno.

d. Onde a presença de Cristo se faz sentir, a sua graça se mostra viva. Onde essa graça está viva, todos se beneficiam, ainda que não da mesma maneira para todos, e com a mesma intensidade. (As notas em Efé. 1:10, definem para nós essas questões. Ver também as notas em João 14:6 quanto à «missão universal de Cristo»).

11 καὶ αὐτὸς ἔδωκεν τοὺς μὲν ἀποστόλους, τοὺς δὲ προφήτας, τοὺς δὲ εὐαγγελιστάς, τοὺς δὲ ποιμένας καὶ διδασκάλους, 11 1 Cor 12.28

11 εδωκεν] δεδ- $\mathfrak{p}^{46}$ Clpt

4:11: E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres,

Os Dons Espirituais Cooperam Com O Propósito Universal

1. O propósito de Cristo é restaurar e unir todas as coisas (ver os vss. 9 e 10 deste capítulo).

2. É no seio da igreja, que Cristo exibe pela primeira vez esse ministério, utilizando-se dela como o teatro de demonstração de como seus propósitos eventualmente se cumprirão, aos olhos dos seres celestiais. (Ver Efé. 3:10).

3. A fim de produzir a unidade, a maturidade e a perfeição da igreja, ele confere dons espirituais aos homens, e então presenteia esses homens bem dotados à igreja.

4. O vs. 12 deste capítulo, informa-nos a razão pela qual ele faz isso: a perfeição é o alvo, a participação na natureza e nos atributos de Cristo; e assim a união com ele se consumará. Essa união, por sua vez, se ampliará até abarcar o universo inteiro. Esse é o mistério da vontade de Deus.

«O Senhor, ao conferir homens dotados, determina providencialmente (como se vê, por exemplo, em Atos 11:22-26), ou diretamente através do Espírito Santo (como se vê, por exemplo, em Atos 13:1,2 e 16:6,7), os lugares de seu serviço. 'Alguns' (igrejas ou lugares) precisam de um dom, como, por exemplo, o de evangelista; e *alguns* (igrejas ou lugares) precisam de outro dom, como o de pastor e mestre. Absolutamente nada, dentro do

serviço cristão, é deixado ao critério do julgamento humano. Os próprios apóstolos não tinham a permissão de escolher o seu lugar de serviço (ver Atos 16:7,8)». (C.I. Scofield).

Deus primeiramente deu Cristo à igreja, para ser o seu Cabeça (ver Efé. 1:22,23); em seguida deu o «alter ego» de Cristo, o Espírito Santo, para que residisse na igreja, executando a missão de Cristo na mesma (ver Efé. 2:21,22; II Cor. 3:18 e Atos 2:4). Além disso, por meio do Espírito Santo, ele dá dons aos homens (ver o capítulo doze de Romanos e os capítulos doze a catorze da primeira epístola aos Coríntios); e, finalmente, o Espírito dá homens dotados à igreja. O alvo de tudo é que a igreja possa crescer espiritualmente, a fim de finalmente atingir a plenitude de Cristo (ver Efé. 1:23), a sua completa estatura (ver Efé. 4:12,13) e a plenitude do próprio Deus (ver Efé. 3:19). E assim se pode apreciar a vasta importância dos dons, pois são meios presentes de concretizar esses elevadíssimos propósitos.

Segundo cremos, a lista abaixo apresenta, pelo menos de maneira geral, a estimativa do autor sagrado sobre a importância relativa dos vários ofícios espirituais na igreja:

«...*apóstolos*...» (Quanto a notas expositivas completas sobre o «ofício apostólico», ver Mat. 10:1; quanto a uma lista dos doze apóstolos originais—mas onde também Paulo é incluído—com o que se sabe sobre eles, ver Luc. 6:12. E quanto ao uso mais amplo do termo «apóstolo», título dado a outros além dos «doze», ver Atos 14:4). É quase certo que este trecho, ao usar esse termo, restrinja-o ao ofício dos apóstolos originais. O escritor honrou especialmente os ofícios do apostolado e da profecia, porquanto já havia mostrado que esses ofícios são o «fundamento» da igreja, em Efé. 2:20. Para Paulo, esses dois ofícios se revestiam de significação toda especial. Talvez os «profetas» por Paulo referidos sejam aqueles do A.T., e nesse caso apenas os apóstolos seriam considerados como investidos de um ofício único. Seja como for, a autoridade que antes estivera investida no sinédrio, que entre os judeus da época apostólica inicial era considerado como a autoridade religiosa máxima, entre os cristãos estava investida nos apóstolos e profetas. O evangelho de Mateus, que provavelmente foi escrito após a destruição de Jerusalém (no ano 70 D.C.), ao procurar uma autoridade que suplantasse o poder então desaparecido do sinédrio, encontrou-o em Pedro, como «primus inter-pares» dos apóstolos (ver Mat. 16:18 e ss.). Todavia, o evangelho de João refletiu um ponto de vista mais amplo, investindo todos os apóstolos, e não somente Simão Pedro, dessa autoridade (ver João 20:22,23). E esta epístola aos Efésios amplia ainda mais a visão nesse sentido, incluindo os «apóstolos e profetas» nesse quadro (ver Efé. 2:20). Todavia, referindo-nos somente aos apóstolos, consideremos os pontos seguintes:

1. Os apóstolos são chamados «*fundamento*» da igreja (ver Efé. 2:20).

2. Os apóstolos foram os receptadores originais da revelação cristã distintiva (ver Efé. 3:5).

3. Portanto, devido à sua natureza e caráter sem-par, esse ofício apostólico não pode ser transferido. Portanto, a noção de «sucessão apostólica» é um dogma humano, e não uma doutrina do N.T. Entretanto, em sentido secundário, ainda há apóstolos, homens de elevada autoridade conferida por Deus, os quais têm a cumprir serviços especiais de grande importância na igreja.

Os apóstolos originais, porém, eram: 1. Testemunhas especiais da ressurreição de Cristo. 2. Ministros especiais que agiam como representantes de Cristo, efetuando sua obra. 3. Estavam dotados de poderes especiais, tanto na organização como na edificação da igreja cristã, sendo poderosas figuras evangelizadoras cujo trabalho tendia a multiplicar o número dos participantes da igreja.

«As marcas distintivas de um apóstolo eram: uma comissão direta da parte de Cristo, eram testemunhas da ressurreição; inspiração especial; autoridade suprema; confirmação por milagres; comissão ilimitada para pregar e fundar igrejas». (Vincent, *in loc.*).

«Suas características eram a chamada da parte do próprio Cristo (ver Gál. 1:1); a operação de milagres (ver II Cor. 12:12); a superintendência das igrejas em todas as terras (ver Mat. 28:19 e II Cor. 11:28); e, principalmente, o fato de serem testemunhas oculares da ressurreição de Cristo (ver Atos 1:22 e I Cor. 9:1)». (Faucett, *in loc.*). (Quanto a maiores detalhes sobre o ofício apostólico ver as notas expositivas referidas no começo dos comentários sobre esse ofício).

«...*profetas*...» Ver notas expositivas completas sobre os «profetas do N.T.» em Atos 11:27; quanto ao «dom da profecia», ver a descrição sobre a mesma nas notas introdutórias ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, que alistam e descrevem todos os dons espirituais. Quanto à «profecia no seio da igreja», ver I Cor. 14:26. Quanto aos profetas como «guardiães da igreja», ver I Cor. 14:29; quanto ao «alvo da profecia, a edificação», ver I Cor. 14:14. O exame dessas várias notas expositivas dará boa compreensão sobre o assunto. O trecho de I Cor. 12 - 14 exalta o dom da «profecia» acima de todos os demais dons do Espírito, por tratar-se da maneira suprema de exaltar a Cristo e de edificar a igreja. Naturalmente, os apóstolos possuíam esse dom; mas havia indivíduos especiais que também possuíam esse dom. O trecho de Efé. 2:20, segundo a interpretação de alguns, faz os profetas terem parte no fundamento da igreja, juntamente com os apóstolos.

Os profetas falam por inspiração direta, no uso de seu dom; e assim, além de serem mestres, estavam revestidos de maior autoridade que os mestres ordinários, os quais ordinariamente falavam alicerçados em grande tesouro de conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela inspiração divina, posto que não através de revelação direta. Os profetas predizem o futuro (ver Atos 21:11,12), o que é natural para aqueles dotados de dons psíquicos e espirituais; mas eram dotados do poder especial da prédica, da revelação de verdades profundas. Essa é a sua função precípua.

«...*evangelistas*...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse ofício e função na igreja, ver Atos 21:8). Os evangelistas eram os «missionários», pátrios ou estrangeiros. Algumas traduções, como a de Goodspeed, dizem mesmo «missionários», neste ponto. Os apóstolos eram evangelistas, e muitos profetas também o eram; mas, além desses, havia outros, especialmente talentosos, dotados do dom da fé, da exortação e de outras manifestações espirituais apropriadas para seu ofício, os quais eram presenteados à igreja para multiplicá-la em número. O grupo dos evangelistas era aquele que efetuava a missão evangelizadora da igreja entre os judeus ou os gentios, em posição subordinada aos apóstolos. Geralmente os evangelistas não estavam limitados a qualquer comunidade cristã local, mas foram de lugar em lugar, estabelecendo novas congregações locais, conduzindo os homens à fé e à conversão a Cristo.

Devemos observar que na categoria registrada em I Cor. 12:28, o «terceiro» lugar é conferido aos «mestres». Nesta passagem, entretanto, os «evangelistas» ocupam essa posição. Além disso, a lista da primeira epístola aos Coríntios não menciona especificamente os *evangelistas*, embora diversos dos dons espirituais ali aludidos sejam instrumentos necessários para o evangelismo, o que nos dá a entender que essa função evangelística realmente existia no seio da igreja cristã primitiva. Outrossim, nem na primeira epístola aos Coríntios e nem nesta epístola aos Efésios se vê qualquer tentativa de enumerar todas as gradações do ministério cristão. Por exemplo, nenhum desses livros inclui os «diáconos», o que, naquele tempo, já era um ofício distintivo na igreja, e apenas esta epístola aos Efésios menciona especificamente aos «pastores».

«...*pastores*...» Homens dotados de conhecimento, poderes de consolação, entendidos em governo, simpatia com os problemas dos outros, conhecimento para continuar o trabalho do evangelista.

«...mestres...» (Ver as notas sobre o «dom do conhecimento» na introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, o dom supremo do «mestre». Quanto a comentários sobre «o ensino na igreja», ver I Cor. 14:26. Ver também as notas específicas sobre o «dom do ensino», em I Cor. 12:28). Devemos observar que o ensino, juntamente com o evangelismo, faz parte da original Grande Comissão de Cristo à sua igreja. (Ver Mat. 28:20 quanto à importância do «ministério do ensino»). Tanto os apóstolos como os profetas eram mestres, e nenhum pastor pode ser um verdadeiro pastor se não for apto para ensinar (ver I Tim. 3:2,11). Notemos que não há artigo antes da palavra «...*mestres*...», no original grego, razão pela qual alguns supõem que isso salienta uma única «categoria»—pastores e mestres seriam aspectos de uma mesma função. Mas parece que isso é exagerar a importância da omissão do artigo, no que diz respeito ao grego helenista. Assim sendo, duas classes, e não uma só estariam aqui em foco. Não obstante, é verdade que o pastor também deve ser mestre, pois boa parte de seu trabalho é o ensino. «Nenhum homem é apto para ser pastor se não souber ensinar; e o mestre precisa do conhecimento que a experiência pastoral confere». (Vincent, *in loc.*). Todavia, existe o dom distinto do ensino. Alguns têm maior discernimento quanto aos significados, capacidades intelectuais maiores dadas por Deus. Esses são guardiães do «conhecimento», possuidores de habilidades naturais e concedidas por Deus, para transmitirem conhecimento. Os mestres também têm um entendimento natural e intuitivo da verdade, embora talvez não recebam revelações diretas, como no caso dos profetas. A tarefa dos mestres é a de transmitir conhecimento, inspirar aos crentes com grandes verdades, e assim, através da instrução geral conferida à igreja, contribuir para levar os crentes mais perto do ideal da imagem de Cristo; porque levam os homens a perceber a grandiosidade de Cristo, os seus propósitos no mundo, a responsabilidade do crente individual como membro da comunidade cristã, e a necessidade de santidade e consagração.

Os ofícios ministeriais tiveram um certo desenvolvimento histórico na igreja primitiva: A primeira epístola aos Coríntios, escrita antes da presente epístola, apresenta a maioria dos dons mediados através de «funções», ao passo que pastores e diáconos não são mencionados. Mas esta epístola aos Efésios, que apresenta os dons segundo são expressos em «homens dotados», já investidos de ofícios específicos nas igrejas, mostra certa progressão no desenvolvimento do governo da igreja. Já nas epístolas pastorais encontramos «bispos» ou anciãos e «diáconos», uma nova etapa no desenvolvimento da formalização dos ofícios ministeriais da igreja. Quando da primeira porção do século II D.C., conforme se depreende dos escritos de Clemente de Roma e de Inácio, esse aspecto organizacional da igreja já estava bem desenvolvido. Contudo, ainda não havia a forma moderna de governo virtual de um único homem nas assembléias locais, e muito menos a maquinaria eclesiástica que surgiu pouco mais tarde, que finalmente deu origem a um «clero» ou classe sacerdotal profissional, em distinção do corpo laico da igreja.

12 *πρὸς τὸν καταρτισμὸν τῶν ἁγίων*[b] *εἰς ἔργον διακονίας, εἰς οἰκοδομὴν τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ,*

[b] **12** *b* none: WH Bov Nes BF^2 AV^{ed} NEB TT Zür Luth Jer // *b* minor: TR AV^{ed} RV ASV RSV (Seg)

12 *πρὸς...διακονίας* 2 Tm 3.17 *εἰς...Χριστοῦ* 1 Pe 2.5

4:12: tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;

«...aperfeiçoamento dos santos...» (Quanto ao termo *santos*, que designa todos os crentes, ver as notas expositivas sobre Rom. 1:7). O próprio termo «santos» implica na necessidade de possuírem a santidade, o que, na linguagem neotestamentária, indica a participação na própria santidade de Deus Pai, e isso tanto como uma declaração forense, por decreto divino e por reconhecimento de sua posição espiritual em Cristo, quanto como um fato real; pois, sem essa santidade, ninguém será aceito perante Deus e nem

poderá vê-lo (ver Heb. 12:14).

«...*aperfeiçoamento...*» Uma palavra perfeitamente comum em outros documentos escritos em grego, mas que aparece exclusivamente aqui, em todo o N.T. No original grego encontramos o termo «katartismos», que era usado para indicar a correção de ossos partidos, a restauração de algo ao seu estado primitivo, etc. A raiz dessa palavra é «artios», que significa «completo», «perfeito», «totalmente adaptado». A forma verbal, «katartidzo», significa «restaurar», «ajustar», «pôr em ordem», «reformar». Isso subentende o fato de ficarmos cheios da plenitude de deidade, tal como ela se encontra na pessoa de Cristo, conforme aprendemos em Col. 2:9,10, uma doutrina extraordinariamente elevada. Mas esse é o único caminho para a perfeição, pois esta, segundo a sua própria definição, só pode aplicar-se ao Senhor Deus, pois somente ele é perfeito. É a mensagem profundíssima do evangelho que essa mesma perfeição é dada aos homens, de acordo com sua transformação segundo a imagem de Cristo, o qual, na qualidade de Verbo eterno encarnado, e que se identificou com os homens eternamente, primeiramente a experimentou em si mesmo, na qualidade de Deus-homem.

Vários pontos de vista sobre a natureza exata dessa «perfeição», têm sido expostos, sumariados dentro da seguinte nota de Hodge (*in loc.*): 1. Seria o número terminado dos santos, o 'número completo dos eleitos'. 2. Seria a renovação ou restauração. 3. Seria a redução dos crentes à ordem e à união, formando um único corpo organizado. 4. Seria a preparação dos santos para o serviço (ponto de vista esse compartilhado por vários comentadores bíblicos). 5. Seria o aperfeiçoamento dos santos. Este último sentido é que está em foco aqui, que é comentado no parágrafo anterior.

«...*para o desempenho do seu serviço...*» Os dons ministeriais são dados com a finalidade de aperfeiçoar aos santos (maior definição ainda do que isso significa, aparece no décimo terceiro versículo), possibilitando o funcionamento do ministério na igreja, o que, por si só, já é um meio de aperfeiçoar aos crentes, já que produz aquela unidade acerca do que toda esta secção se refere. Pois os homens, uma vez aperfeiçoados em Cristo, certamente se unirão em torno dele e uns com os outros, na mesma atitude, buscando os mesmos alvos.

«...*serviço...*», no original grego, é «diakonia», que normalmente quer dizer, no N.T., «serviço espiritual», embora algumas vezes seja indicação das ministrações físicas aos enfermos e necessitados. Porém, até mesmo essa ministração física é de ordem espiritual, pois servir a outros dessa maneira, na realidade, é servir a Cristo, conforme encontramos em Mat. 25:35 e ss. (Ver ainda Atos 1:25; 6:4; 20:24; Rom. 11:3; I Tim. 1:12; II Tim. 4:5,11, quanto a outras ocorrências dessa palavra). O «trabalho do ministério» é limitado, neste contexto, àquilo que é realizado em favor da igreja através do exercício dos dons ministeriais, embora a menção dos «evangelistas» mostre que o trabalho entre os não-convertidos também é um aspecto vital para a igreja.

Este versículo não se refere a «ofícios eclesiásticos e suas funções», porquanto nada tão formal está em pauta aqui. Destacam-se aqui meramente os ministérios espirituais na igreja, que visam o benefício mútuo que nos é apresentado como o ideal. São focalizados aqui tanto o ministério público como o particular, no seio da igreja, pois os dons são exercidos com toda a naturalidade. Quem quiser ser grande, que seja o «escravo» de todos, um serviço de instrumento dedicado ao Senhor, conforme o próprio Senhor Jesus indicou em Mat. 20:26. O Senhor Jesus foi o exemplo supremo de como se deve ser um servo (ver Mat. 20:28), porquanto veio para servir e não para ser servido.

«...*para a edificação do corpo de Cristo...*» (Quanto ao conceito da «edificação do corpo de Cristo», em seu soerguimento, fortalecimento e aprimoramento, ver as notas expositivas sobre Efé. 2:20-22). Essa edificação de ordem espiritual faz do corpo místico de Cristo um templo, habitado pelo Espírito de Deus, porque assim se torna lugar apropriado para sua residência. Tal como noutros lugares, encontramos aqui, nessa expressão, a combinação das idéias de edificação de um templo e de desenvolvimento de um organismo vivo, de tal modo que a edificação é, ao mesmo tempo, o crescimento de um organismo vivo. Essa mesma combinação aparece no trecho de Efé. 3:17, no que respeita ao fato da igreja ser ao mesmo tempo «arraigada» (como uma árvore) e «firmada» (como um edifício levantado sobre seus alicerces). A passagem de I Ped. 2:5 refere-se a esse templo espiritual como algo composto de «pedras vivas»; e isso também combina duas metáforas—a do estado de crescimento e de vida de um organismo e a de um edifício em formação. Ora, os dons ministeriais e espirituais têm por fito promover o crescimento, o bem-estar e a edificação, ou seja, o progresso e o desenvolvimento contínuos da igreja. É em tal progresso e desenvolvimento que a «unidade» será obtida. Tal unidade é em torno de Cristo, havendo também harmonia de uns com os outros. O crescimento e a edificação se expressam mediante o «processo de aperfeiçoamento».

A metáfora de uma edificação contínua, que indica o crescimento e o progresso espirituais, é uma metáfora comum no N.T. Por isso, além das passagens já mencionadas, essa idéia pode ser encontrada em Atos 9:31; 20:32; Rom. 14:19; 15:2; I Cor. 8:1; 14:3,4,17; II Cor. 10:8,23; 13:10; Efé. 4:16,29 e I Tim. 1:4.

A relação que há entre as três cláusulas do presente versículo tem sido variegadamente compreendida, o que é sumariado como segue:

1. Alguns estudiosos pensam que todas essas cláusulas são expressões coordenadas ou paralelas, «a fim de preparar seu povo para o trabalho do ministério, isto é, para a edificação». Mas a modificação de preposições, «*pros*», «eis», labora contra essa posição.

2. Outros pensam que a segunda e a terceira cláusulas são paralelas entre si e dependentes da primeira. Ou seja, «Deus aperfeiçoa seus santos através do trabalho de edificação».

3. Ainda outros pensam que a primeira e a segunda cláusula são paralelas, ao passo que a terceira deveria ser vista como a finalidade pela qual os citados dons são conferidos, ou seja, «a fim de preparar o seu povo para o trabalho do ministério, o que resulta na edificação do corpo inteiro». (Assim diz a tradução inglesa de Goodspeed, aqui vertida para o português).

4. Ou, finalmente, a segunda cláusula pode ser vista como dependente da primeira, e a terceira dependente da segunda, dando a entender «para o aperfeiçoamento dos santos, para toda a variedade de serviços, o que é essencial para a edificação do corpo de Cristo». Na realidade, não há meio indiscutível de determinarmos o sentido dessas cláusulas, em sua inter-relação, embora as diferentes preposições pelo menos mostrem-nos que nem todas as três cláusulas são coordenadas e meramente paralelas. Todavia, o sentido essencial do versículo em nada se modifica por aceitarmos esta ou aquela posição.

13 *μέχρι καταντήσωμεν οἱ πάντες εἰς τὴν ἑνότητα τῆς πίστεως καὶ τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ, εἰς ἄνδρα τέλειον, εἰς μέτρον ἡλικίας τοῦ πληρώματος τοῦ Χριστοῦ,* 13 εἰς ἄνδρα τέλειον Col 1.28

13 του Υιου] *om* G Cl Lcf

4:13: até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo;

Essa é uma das grandes declarações do N.T., no que concerne ao alvo vital e ao sentido do evangelho, o que sem dúvida ultrapassa os meros aspectos iniciais do perdão dos pecados e da futura transferência para os céus, ao que o evangelho usualmente vem sendo freqüentemente reduzido. Essa é uma declaração similar a outras fortes afirmativas, a saber:

1. A conformação à imagem de Cristo, mediante o propósito da predestinação (ver Rom. 8:29; nessa referência oferecemos a nota de sumário sobre o conceito da «transformação segundo a imagem de Cristo»).

2. A participação na vida necessária e independente de Deus, ou seja, haveremos de compartilhar do mesmo «tipo» de vida que Deus tem, e do que os anjos não participam, por terem uma vida «dependente». (Ver as notas expositivas a respeito em João 5:25,26 e 6:57).

3. A transformação do crente segundo a imagem de Cristo, de um estágio de glória para outro, através do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18).

4. A condução dos filhos de Deus *à glória*, para que se tornem membros da divina família, para que sejam filhos tal como o Filho é filho, para que compartilhem com ele de sua natureza e herança. (Ver Rom. 8:14-17 e Heb. 2:10).

5. A participação na plenitude da divindade, tal como o próprio Cristo, o Deus-homem, está completo nessa plenitude. (Ver Col. 2:9,10).

6. A participação em «toda a plenitude do próprio Deus Pai». (Ver Efé. 3:19).

7. A participação na natureza divina. (Ver II Ped. 1:4).

A meditação sobre essas referências bíblicas e notas expositivas dará ao leitor uma idéia completa do que o evangelho neotestamentário tem como alvo, conforme se vê nos escritos dos apóstolos. E o versículo que ora comentamos é paralelo a todas as passagens citadas, em seu sentido e intuito básicos, ainda que frisem diferentes detalhes das mesmas verdades:

«...*até...*» Provavelmente essa palavra não foi usada para distinguir a vida presente, na igreja, da vida futura nos lugares celestiais, e, sim, para incluir ambas as idéias. Todos os aspectos da edificação, do processo de aperfeiçoamento, fomentado no presente pela administração dos dons na igreja, visam a unidade final da fé, o pleno conhecimento do Filho de Deus, a ampla participação em tudo quanto ele é e possui, isto é, a sua «plenitude». Esse processo de aperfeiçoamento é aquilo que continuamente nos preenche mais e mais com a plenitude de Deus; mas, posto que Deus é infinito, a eternidade futura inteira se caracterizará por um preenchimento contínuo, pois no céu não há estagnação. A própria vida, em sua essência e caráter, consiste da inquirição eterna para que sejamos cheios de Deus para que tenhamos sua natureza, sua santidade e sua plenitude.

«...*todos...*» Esse termo aponta para os crentes e remidos de todas as eras. No original grego temos a expressão «o todo», o que torna essa expressão coletiva e universal. Não diz «todos nós», e, sim, «o todo». Devemos observar que crentes individuais isolados não poderão obter o elevadíssimo alvo aqui apresentado. A igreja inteira é que atingirá tal alvo. Somente a edificação e o desenvolvimento mútuos nos levarão a esse clímax espiritual. Meu progresso depende do progresso da comunidade cristã inteira; e o progresso da igreja depende de mim, por sua vez. Todos nós perfazemos o «corpo único», o único organismo, e o crescimento se dá por igual. Não poderei atingir a perfeição e a completa glorificação, até que todos os membros do corpo participem disso comigo. E esse é um poderosíssimo argumento em favor da necessidade de edificação mútua.

«...*unidade da fé...*» Que significará essa expressão?

1. Não está em foco «a total harmonia em torno de proposições de fé», o acordo sobre o que deve consistir o «corpo de doutrinas». Deus cuidará das nossas «crenças»; mas não é isso que se destaca aqui, porquanto a palavra «fé» raramente tem a idéia de um conjunto de doutrinas, nas páginas do N.T. Ver I Tim. 1:2, onde encontramos notas sobre este uso.

2. Pelo contrário, conforme é usual nos escritos de Paulo, devemos entender aqui a «fé salvadora». Assim sendo, essa expressão significa «...até que todos nós cheguemos àquela unidade para onde nos conduz a 'entrega de alma' (ou fé) a Cristo».

A fé é o instrumento da salvação; e vivemos de fé em fé. Na fé é que entregamos a alma eternamente às mãos de Cristo, pois a fé é essa entrega. Porém tal entrega se manifesta em diversos graus. Porém, na experiência da igreja cristã, coletivamente, essa entrega será finalmente absoluta, em que todos os remidos se entregarão totalmente e por igual a Cristo, chegando àquela grande unidade que é o objeto de tudo quanto ocorre na igreja. Dentro dessa unidade, pois, os homens chegam à perfeita harmonia com Deus e seu Cristo, ficando removidos então todos os elementos separadores e alienadores, o que significa que uma completa comunhão com o Senhor e com os irmãos será atingida, além de recebermos total benefício espiritual da parte do Senhor. Essa unidade é a finalidade mesma do «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10). Isso se concretizará, primeiramente, no seio da igreja (ver Efé. 3:3), quando então a igreja tornar-se-á o modelo de como Deus haverá de restaurar todas as coisas em Cristo, fazendo tudo entrar em harmonia com ele, por ser ele o cabeça de todos os mundos e de toda a criação.

Já existe no momento uma certa unidade criada pelo Espírito, a qual deve ser preservada por nós e aplicada no âmbito da igreja local (e essa é a mensagem desta secção inteira, a começar pelo primeiro versículo, até ao versículo décimo sétimo). Porém, haverá aquela completa realização da unidade, a total restauração em Cristo, a perfeita harmonia com ele, como se fosse um corpo com sua cabeça; e esse é o aspecto final da unidade (o cumprimento da vontade de Deus), para o que o presente versículo aponta.

«Essa frase com freqüência tem sido mal-entendida na prédica e no ensino cristãos. Muitos são tentados a pensar que está em foco o exclusivismo da ortodoxia, uma unidade de um grupo fracionário de cristãos, que aceitam uma formulação comum de confissão teológica». (Wedel, *in loc.*).

E prossegue o mesmo autor: «Não precisamos subestimar a ortodoxia. Essa palavra significa 'crença correta'. A fé cristã requer a crença correta, bem como formulações intelectuais corretas, e não errôneas, sobre o evangelho. A heresia foi e é, conforme esta epístola (aos Efésios) não tardará a demonstrá-lo (ver o décimo quarto versículo), um perigo constante para a igreja».

A unidade da fé significa claramente aqui, entretanto, aquela unidade exigida 'pela fé' em Cristo.

Nenhum crente individual e nem a igreja, coletivamente, atingiram ainda a unidade que a fé pode produzir, quando então estaremos em total união com tudo quanto Cristo é e tem. Paulo não reivindicava haver atingido a perfeição (ver Fil. 3:12-14). Há *uma só fé* (ver o quinto versículo), sendo essa uma das formas unificadoras fundamentais do sistema cristão. Essa fé salvadora, essa «entrega de alma» a Cristo, finalmente resultará em total entrega a Cristo, por parte de todos os crentes. Disso é que fluirá a plena unidade e tudo quanto está prometido no caminho das bênçãos espirituais e celestes (ver Efé. 1:3). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «fé evangélica», ver Heb. 11:1).

«...*pleno conhecimento do Filho de Deus*...» As palavras «...pleno conhecimento...» traduzem um único vocábulo grego, «epignosis»; mas, visto que essa palavra é uma forma intensificada (com um prefixo preposicional), é tradução correta dizer como temos aqui. Quem recebe tal conhecimento, conhece experimentalmente ao Filho de Deus. Quanto a isso, consideremos os pontos abaixo:

1. Essa palavra indica conhecimento intelectual, mas não somente isso.
2. Também significa o *conhecimento experimental* da alma, mediante a «comunhão» com o Filho de Deus, em sua natureza essencial e em suas manifestações. Paulo via Cristo como uma personalidade transcendental que, em sua grandiosidade, só pode vir a ser conhecido por métodos espirituais. E assim conhecido ele passa a transformar os homens, para que estes assumam sua natureza e suas riquezas. É por isso que Paulo declarou, em Fil. 3:10: «...para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte...»
3. Esse conhecimento, pois, é de natureza «mística», conforme diz a teologia paulina do princípio ao fim. Em outras palavras, tal conhecimento nos chega através da «iluminação e transformação» operadas pelo Espírito Santo. (Comparar isso com Efé. 1:18, onde Paulo ora para que os crentes tenham seus olhos do entendimento «iluminados», a fim de que possam «conhecer» a esperança da nossa vocação, as riquezas da glória de herança nos santos; e assim «conheceremos» seu grande poder, que foi exercido em Cristo, e que será exercido em nós. (Ver Efé. 1:19). Conhecer e experimentar tais coisas, portanto, faz parte do que significa «conhecer» a Cristo.

A revelação, além disso, leva-nos a *conhecer ao próprio Deus*, conforme aprendemos no décimo sétimo versículo deste mesmo capítulo. O tema da segunda oração de Paulo, neste livro, é que possamos «conhecer» o «amor de Cristo», e nesse amor se encerra o «conhecimento de tudo quanto o amor de Cristo está fazendo por nós e em nós». Pois, nas páginas do N.T., conhecer é amar, pois o «conhecimento-amor» é a «gnosis» neotestamentária, em contraste com os conceitos dos gnósticos. Sim, o amor é a real «*gnosis*» cristã, por ser essa a fonte originária de todas as bênçãos espirituais.

«...*do Filho de Deus*...» (Ver as notas expositivas sobre esse título de Cristo, em Marc. 1:1). Essa expressão, dentro desta frase, está ligada tanto à «fé» como ao «conhecimento». Trata-se da «fé em Cristo» e do «conhecimento de Cristo».

«...*à perfeita varonilidade*...» Variações dessa expressão são «homem perfeito», «varonilidade madura». Paulo fala de um corpo humano que cresce desde a infância até atingir a idade adulta, a maturidade. Espiritualmente falando, a «criança», que é a igreja, mediante o «desenvolvimento espiritual», haverá finalmente de tornar-se homem maduro. (Isso pode ser comparado com o «novo homem» de Efé. 2:15). Porém, «plenamente desenvolvido» ou «maduro», neste caso, no presente contexto, deve também significar «perfeito», ou seja, «homem sem qualquer deficiência ou defeito», porquanto nada menos do que isso concorda com o próprio texto, ao mesmo tempo que o vocábulo grego «*teleios*» naturalmente tem esse significado, ainda que não tenha necessariamente tal sentido, podendo indicar apenas «maduro», em contraste com «infantil», quando aplicado a seres humanos.

No versículo seguinte, Paulo menciona os «nepioi» («crianças»), palavra grega essa que com freqüência indica «infantes» bem pequenos, que ainda não sabem falar. Os crentes imaturos são como tais crianças, quanto ao desenvolvimento espiritual. Porém, o propósito dos dons espirituais, na igreja e em seu programa geral de edificação (ver o décimo segundo versículo), é produzir a maturidade e a perfeição no seio da igreja; e nessa unidade perfeita é que se cumpre o mistério da vontade de Deus, no que tange à igreja (ver Efé. 1:10 e 3:3).

A igreja inteira, e não meros crentes individuais, é que está em pauta aqui, embora seja verdade que aquilo que sucede à igreja inteira necessariamente sucede a todos os seus membros. Cada crente será um exemplar do que Cristo é, porquanto somos *Cristo em formação*. O singular usado neste caso, o «homem» que chegou à «perfeita varonilidade», assinala a total unidade que se busca concretizar e que, fatalmente, será atingida. Portanto, toda e qualquer desunião, conforme vemos hoje em dia à face da terra, no seio da própria igreja evangélica, com suas numerosíssimas denominações, onde igrejas locais competem entre si em mau sentido onde crentes se destroçam uns aos outros, tudo isso é uma negação prática da unidade da igreja, sinal de imaturidade espiritual, por que ainda somos infantes, espiritualmente falando.

Para chegarmos à unidade, é inútil continuarmos a reduzir o cristianismo ao seu estado mais ínfimo, com o que todos possam concordar e ficar unidos. Pelo contrário, precisamos, todos nós, crescer em Cristo, atingir a maturidade espiritual. Somente assim seremos unidos em Cristo, alicerçados no «máximo» e não no «mínimo» do cristianismo. O movimento ecumênico da igreja de hoje em dia procura unir os cristãos sobre bases «mínimas»; e por isso fica automaticamente condenado pelo conceito de unidade encontrado nesta passagem.

«...*à medida da estatura da plenitude de Cristo*...» Isso reitera, em outras palavras, o conceito da «perfeição» com que se inicia o presente versículo. A obtenção da «perfeição», na realidade, consiste em assumirmos a total medida da plenitude de Cristo. Essa expressão também define o que deve ser o «homem perfeito» (que Paulo acabara de mencionar). Ninguém poderá ser «perfeito» enquanto não for tudo quanto Cristo é. Trata-se de elevada doutrina, que nos ensina profunda verdade. Essa elevação, entretanto, está oculta da moderna igreja evangélica, que não pode elevar-se acima de pensamentos como ficarmos livres do pecado. Porém, estarmos sem pecado não nos torna perfeitos. Pois os anjos, que não caíram, são impecáveis, mas nem por isso participam da perfeição de Deus Pai e de Deus Filho. O evangelho, porém, expõe ante os homens essas perfeições, que transcendem infinitamente a mera impecabilidade que muitos vêem aqui.

A Natureza Da Perfeição

1. Em sua manifestação terrena, a perfeição aparece como maturidade espiritual, como elevado grau de santidade, de parceria com poder espiritual e utilidade nas mãos de Deus, no que diz respeito tanto a nós, quanto à igreja. Recebemos poder a fim de servirmos e cumprirmos nossas respectivas missões.
2. Porém, nas dimensões celestiais, começaremos dotados da mesma natureza que Cristo (ver I João 3:2), e assim seremos participantes de sua plenitude e atributos (ver Col. 2:10).
3. Por semelhante modo, pertencem-nos a natureza e os atributos do Pai (ver Efé. 3:19).
4. Na qualidade de seres tão exaltados, ainda assim a nossa perfeição será apenas «relativa», pois só Deus é perfeito. Mas iremos passando de um estágio de glória para outro, perenemente aumentando a nossa perfeição, sempre nos aproximando, mas nunca atingindo plenamente, as perfeições divinas. Portanto, a glorificação será um processo interminável. A impecabilidade será apenas seu início. Também iremos avançando no campo das virtudes positivas de Deus, em seus atributos, e na participação de sua forma de vida.

Qual será o tempo da maturidade? Paulo não frisa aqui nenhum ponto no tempo, presente ou futuro, para atingirmos esse alvo da perfeição. Mas a eternidade futura será o terreno da busca contínua e bem-sucedida. De fato, sendo Deus infinito, e visto que estamos crescendo segundo a sua plenitude, passaremos a eternidade nessa inquirição, crescendo sempre na direção da perfeição. Esse é o próprio significado da vida, pois a vida *vem* de Deus, *é* de Deus, está *em* Deus e *volta-se para* Deus.

14 ἵνα μηκέτι ὦμεν νήπιοι, κλυδωνιζόμενοι καὶ περιφερόμενοι παντὶ ἀνέμῳ τῆς διδασκαλίας ἐν τῇ κυβείᾳ τῶν ἀνθρώπων ἐν πανουργίᾳ πρὸς τὴν μεθοδείαν τῆς πλάνης, 14 μηκέτι ὦμεν νήπιοι 1 Cor 14.20

14 (διδασκαλιας] , ς R) | πλανης] *add* του διαβολου A

4:14: para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro;

A palavra «...*meninos*...», neste versículo, é tradução do vocábulo grego «nepioi», que significa «infantes», criancinhas que ainda não falam, pois tal vocábulo vem da raiz que significa «sem fala». Essa palavra é usada em

contraste com a idéia de «homem maduro», que aparece no versículo anterior, o alvo de nossa vida cristã. Paulo não indica aqui a «incapacidade», de receber ensinamentos superiores, como criancinhas que não podem comer carne (tal como o faz em I Cor. 3:1-3 e em Heb. 5:13). Mas estão em foco os crentes espiritualmente imaturos, sem base firme, de temperamento inconstante, sujeitos a alterações criados pelos caprichos da mente, carregados ao redor por várias doutrinas, o que, neste ponto, mui provavelmente há uma alusão às heresias próprias do gnosticismo, que assediavam a igreja cristã primitiva. (Ver as notas expositivas sobre o *gnosticismo*, em Col. 2:18).

«*...agitados... levados...*» Paulo lança mão de uma metáfora baseada nos costumes náuticos. (Ver também Tia. 1:6). Paulo já havia viajado por muitas vezes por mar. Sabia o que significava um navio ser apanhado por ventos fortes, ser açoitado pelas ondas e naufragar. Assim também os homens, quando não são firmes na fé em Cristo, são apanhados na voragem da tempestade de opiniões contrárias, de doutrinas erradas, sendo atirados de uma para outra posição, mudando facilmente de doutrinas e idéias. As doutrinas do gnosticismo eram especialmente perigosas, porquanto degradavam a pessoa do Senhor Jesus, fazendo dele apenas um dos «aeons» de seres angelicais, que teriam sido os criadores e que seriam os governadores de seu próprio pequeno mundo, ao passo que outros de tais seres, talvez um pouco maiores, teriam criado e governariam outros mundos. A doutrina gnóstica nem ao menos postulava que Cristo era necessariamente a maior dessas forças angelicais. Portanto, aqueles que fossem apanhados no temporal de ventos de doutrina tão contrários, estavam se encaminhando celeremente para o naufrágio. Paulo advertiu-os a esse respeito.

Isso pode ser comparado com o que escreveu Platão (ver *Alcibíades* i.135): «Sócrates: Em um navio, se um homem tem o poder de fazer o que quiser, mas não tiver a habilidade da navegação, percebes o que sucederá a ele e aos demais marinheiros? Alcibíades: Sim, percebo que todos perecerão».

«*...vento...*» No dizer de Ellicott (*in loc.*): «(Essa palavra) expressa a atmosfera má onde as várias correntes de doutrina exercem a sua força».

«*...pela artimanha dos homens...*» Com essas palavras, Paulo introduz repentinamente uma outra metáfora. Talvez o apóstolo estivesse pensando em «jogo de dados», querendo chamar a atenção ou para o acaso com que os dados caem ou para as astúcias dos homens que se entregam a esse jogo. O termo grego aqui usado é «kubeia», que vem de «kubos», ou seja, um «cubo» ou «dado». Por conseguinte, os falsos mestres são habilidosos ao convencer os homens de suas doutrinas, enganando e sendo enganados, para detrimento tanto deles mesmos como daqueles que lhe dão ouvidos. Astúcia, artimanha, ilusão, tudo está envolvido nessa metáfora.

«*...pela astúcia com que induzem ao erro...*» A tradução inglesa de Goodspeed diz aqui (vertida para o português), «...engenho na invenção do erro». A palavra «...astúcia...» é tradução do termo grego «*panourgia*», que pode ser usado em bom ou em mau sentido, para indicar «prudência» (ver Pro. 13:1), ou «astúcia» (ver Eclesiástico 21:12 e Jos. 9:4). Nos escritos clássicos, entretanto, quase sempre essa palavra era usada em mau sentido, isto é, «velhacaria», «conduta inescrupulosa». No N.T., esse vocábulo figura por cinco vezes, sempre com mau sentido, em Luc. 20:23; I Cor. 3:19; II Cor. 4:2; 11:3 e aqui. Na passagem de II Cor. 12:16 porém, essa palavra aparece em forma adjetivada, onde indica «astucioso», falando sobre os atos enganadores e velhacos dos homens. Tal engenho, aplicado para o mal, leva o indivíduo à «invenção» do erro, a «astúcias enganadoras». O termo grego «methodia», que quer dizer «invenção», «criação do sistema (a palavra em questão) do erro», subentende alguma forma de «planejamento deliberado», algum «sistema» de erro. A forma verbal desse vocábulo significa «defraudar», «enganar», «perverter». «Estratagemas» malignos estão aqui em foco, e isso resulta no «erro».

«*...erro...*» No grego é «plane», que significa, basicamente, «perambulação», «vagabundagem», ou seja, «ilusão», «engano». As doutrinas falsas concernentes a Cristo levam os homens ao erro que se desvia da vereda que conduz de volta a Deus. Alguns homens fazem outros se desviarem para caminhos escuros, propositadamente, apesar de que outros o façam por ignorância. Por isso Paulo exorta aqui aos seus leitores que estejam de tal maneira arraigados em Cristo, de tal maneira estejam maduros nele, que os ventos de falsa doutrina e os ludíbrios e enganos dos homens não sejam capazes de fazê-los negar a fé, de aceitarem credulamente doutrinas inventadas pelos homens, de imitarem os incrédulos, que não dispõem de princípios firmes para serem guiados na vida diária. Isso só serviria para tornar os crentes desleais a Cristo, que é o Cabeça da igreja. (Ver Col. 2:19).

Não sei. Duvido e espero. Na ansiedade
Vago, entre vagas sombras. Se não rezo,
Sonho; e invejo dos crentes a humildade
E o orgulho dos filósofos desprezo.

Como um Jó miserável da verdade
E de receios farto como um Creso,
Adormeço a tristeza que me invade
E engano o coração cansado e leso...

Talvez haja na morte o eterno olvido,
Talvez seja ilusão na vida tudo...
Ou geme um deus em cada ser ferido...

Não afirmo, não nego. Ē vão o estudo.
Quero clamar de horror, porque duvido;
Mas, porque espero, espero e fico mudo.

(Olavo Bilac, Rio de Janeiro, 1865 - 1918).

15 ἀληθεύοντες δὲ ἐν ἀγάπῃ αὐξήσωμεν εἰς αὐτὸν τὰ πάντα, ὅς ἐστιν ἡ κεφαλή, Χριστός,

15 ὅς...Χριστός Eph 1.22; 5.23; Col 1.18

15 η] *om* D*G *1739* Cl | Χρ.] *praem* ο DG *pl* ς

4:15: antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,

«*...seguindo a verdade...*» Essas palavras representam um único vocábulo no original grego, «aletheuo», que ordinariamente significa «dizer a verdade». Porém, também pode indicar «ser veraz». Além disso, pode ter o sentido de «tratar com veracidade», isto é, ter uma vida que não reflita erros, enganos e iniqüidade. Contudo, alguns estudiosos insistem que essa palavra pode significar apenas «dizer a verdade»; todavia, parece ter um uso mais lato aqui, pois nos escritos clássicos isso é usado para indicar adivinhações que «deram certo», mediante seu cumprimento. Mui provavelmente, o que Paulo queria dizer aqui é «vivendo de acordo com a verdade» ou «sendo leal ou veraz para com Cristo», para com a sua doutrina, tendo aquela conduta que o Senhor exige de seus seguidores. Nesse caso, a tradução que aqui encontramos, «seguindo a verdade», está plenamente certa.

Nossa vida inteira, em nosso ser, em nossas disposições íntimas, em nossas ações externas, tudo tem por desígnio seguir a verdade de Cristo. Naturalmente, aquele que assim faz sempre «dirá a verdade», tanto no que respeita aos ensinamentos sobre verdades religiosas, como no que concerne a qualquer outra razão de conversação.

A «*...verdade...*» especificamente aludida aqui é a verdade do senhorio e da natureza de Cristo como Salvador, o que fica subentendido neste versículo, o que também labora contra as heresias dos ensinamentos criados pelos homens (talvez estejam em foco ensinamentos do tipo gnóstico), conforme a alusão do décimo quarto versículo. Notemos aqui o particípio presente—esse viver de conformidade com a nova e verdadeira fé, no Cristo veraz, é pintado como uma ação contínua, como um hábito do crente. Tal expressão dá a entender veracidade geral, na vida de todos os dias e nas palavras proferidas.

Pascal afirmou: «Se todos os homens soubessem o que cada qual diz dos outros, não haveria nem quatro amigos no mundo». Talvez Pascal tenha exagerado um pouco, mas salientou uma grande verdade ao assim asseverar. Aquilo que fazemos em segredo e aquilo que dizemos dos outros em segredo, dificilmente se coaduna com a impressão que gostaríamos de dar publicamente, ou mesmo com aquilo que gostamos de expressar perante os nossos amigos.

Quero ser veraz, pois há quem confie em mim;
Quero ser puro, pois há quem se importa com isso;
Quero ser forte, pois há muito para sofrer;
Quero ser corajoso, pois há muito a arrostar.

(Howard Arnold Walter).

«*...em amor...*» Essas palavras devem ser vinculadas à idéia de «viver a vida veraz», e não a *crescendo em Cristo*, que é a idéia que se segue, embora exista certa razão gramatical para tanto. Usualmente Paulo não prefixa suas expressões qualificativas, mas antes, faz acréscimos às mesmas. Portanto, a vida inteira, vivida na atmosfera da verdade, seguindo a verdade, deve ser temperada pelo amor, que é a grande motivação de toda e qualquer vida piedosa. Esse conceito foi amplamente anotado neste comentário, com o acompanhamento de poesias ilustrativas. (Ver as seguintes notas expositivas: em João 3:16, sobre «o amor como princípio normativo da família de Deus»; em João 14:21; 15:10; Rom. 5:8 e Gál. 5:22, onde o amor é visto como um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo», ou seja, parte integrante do desenvolvimento espiritual, por ser uma virtude conferida pelo Espírito de Deus, a participação na própria natureza moral de Cristo, à medida em que formos sendo transformados por ele, não estando em foco mera emoção humana. Toda a verdadeira manifestação de amor que há neste mundo, nos crentes ou nos incrédulos, vem da parte do Espírito de Deus, o qual exerce influência universal sobre todos. Este mundo seria uma selva inabitável não fora essa influência do Espírito de Deus, e não poderia servir de habitação para o homem. O amor consiste do princípio altruísta, que deseja para os outros aquilo que desejamos para nós mesmos, que se importa com os outros da mesma maneira que nos importamos conosco mesmos, que se interessa pelo bem-estar alheio, da mesma maneira que nos interessamos pelo nosso próprio bem-estar. Isso, naturalmente, produzirá atos altruístas. O ser divino, entretanto, é quem daria tal disposição em nós, para que possa habitar em nós e fazer parte integrante de nossa própria natureza moral. No dizer de Alford (*in loc.*): «Não partindo o amor fraternal, e, sim, cimentando-o, através do andar na verdade».

«O amor é apresentado aqui totalmente sem definição, pelo que se trata de um amor geral; amor pela verdade, amor pelos irmãos, os quais correm perigo devido aos falsos mestres... amor à igreja como um todo, amor a Deus». (Braune, *in loc.*).

Ora, tudo isso Paulo disse para contrastar a conduta que deveria haver nos crentes, em sua vida diária, com o que estava ocorrendo, conforme se vê no décimo quarto versículo. Existem aqueles que estão sendo arrastados pelo erro e pelo engano. Por isso, o hábito de seguirmos a verdade, no espírito do amor, deveria ser a base e o caráter da nossa vida diária.

«*...cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo...*» Está em vista uma espiritualidade crescente, em que o crente abandona o estado de «infância» e cresce e chega à maturidade, conforme já pudemos observar no décimo terceiro versículo. Neste ponto o crescimento é descrito como algo que torna o corpo digno do Cabeça, Cristo. A ilustração do «Cabeça e do corpo» já fora usada e enfatizada nesta epístola aos Efésios. (Ver Efé. 1:22,23. Ver também Efé. 5:23; Col. 1:18; 2:10,19 e I Cor. 11:3. A nota geral sobre esse conceito aparece em Efé. 1:22). O crescimento é o

desenvolvimento e o progresso espiritual do corpo, o que significa que se vai tornando um corpo apropriado ao cabeça. Metafisicamente falando, isso significa que o corpo assume a mesma natureza do Cabeça. Eticamente falando, significa que o corpo passa a participar da natureza moral perfeita do Cabeça.

O desenvolvimento espiritual, em todas as suas dimensões, tem por fito atingir aqueles dois grandes alvos—o ético e o metafísico. E o caminho da «verdade» e do «amor» é o caminho mediante o qual atingimos esses alvos; e todos os sistemas éticos reconhecem que o «caminho do amor» é a vereda mais curta do retorno a Deus, para o homem decaído no pecado. Conforme comenta Beare (*in loc.*): «O caminho da verdade e do amor, que nos conduz à maturidade espiritual, leva-nos mais longe e mais profundamente na unidade de uma vida comum com Cristo, na medida em que vamos sendo progressivamente assimilados, em todo o nosso ser, na natureza de nosso Senhor».

«*...naquele...*», isto é, 'em Cristo', já que o Cabeça é a «finalidade» ou «objetivo» do desenvolvimento dos membros» (Salmond, *in loc.*). Esse crescimento se verifica «pelo exemplo» de Cristo; mais do que isso, porém, deriva-se dele como «fonte originária». Crescemos segundo a sua «semelhança»; mais do que isso, entretanto, crescemos nele como nosso «objetivo e alvo». Porém, mais do que isso ainda está envolvido. Haveremos de compartilhar de sua própria natureza, moral e metafísica, conforme é totalmente comentado, no décimo terceiro versículo deste capítulo.

16 ἐξ οὗ πᾶν τὸ σῶμα συναρμολογούμενον καὶ συμβιβαζόμενον διὰ πάσης ἁφῆς τῆς ἐπιχορηγίας κατ' ἐνέργειαν ἐν μέτρῳ ἑνὸς ἑκάστου μέρους τὴν αὔξησιν τοῦ σώματος ποιεῖται εἰς οἰκοδομὴν ἑαυτοῦ ἐν ἀγάπῃ. 16 Col 2.19 16 κατ ενεργειαν] και -ειας $\mathfrak{p}^{46}$: *om* G it Ir | μερους] μελους AC *pc* vg sy^{p} bo Chr Hier

4:16: do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor.

«*...de quem...*» Paulo emprega aqui uma metáfora fisiológica, tal como o faz em Col. 2:19. Na epístola aos Colossenses a metáfora por ele empregada salienta o fato que a criação inteira depende de Cristo como cabeça, unificador, restaurador e governador de tudo. Aqui, embora idêntica linguagem seja usada, a porção enfatizada é Cristo, como cabeça da igreja, a qual é o seu corpo. É do Cabeça que o corpo recebe suas energias e poderes vitais, como também a sua coesão. Entretanto, no corpo há também aquela coesão mútua e aquela participação nas energias vitais de uma união perfeita, a despeito do que essa participação vital de energias mútuas depende do Cabeça, já que ele é a origem da mesma e o seu unificador. Por conseguinte, há uma certa «interdependência» no corpo, nenhum membro fica isolado, e nenhum membro possui a vida espiritual vital que se encontra no próprio corpo. E também há uma dependência mútua do corpo inteiro ao Cabeça, para que receba essa mesma energia de vida divina.

«*...bem ajustado e consolidado...*» Um corpo se caracteriza pela maravilhosa cooperação de muitos elementos, que são perfeitamente unidos um ao outro. É a essa admirável unidade de muitas porções que Paulo se refere, fazendo disso uma ilustração de como tal condição deveria prevalecer na igreja. São usados verbos no particípio presente a fim de salientar como essa unidade, tão intricada e perfeita em sua natureza e atuação, deve existir na forma de uma operação contínua. As idéias de «harmonia», de «adaptação», de «solidariedade» e de «unidade na diversidade», são assim expressas. (Comparar com Col. 2:2,19).

Nomes, seitas e partidos caem:
Tu, ó Cristo, és tudo em todos!

Esses dois verbos têm sido variegadamente compreendidos, a saber:

1. Alguns pensam que o primeiro indica «harmonia» e que o segundo indica «solidez».

2. Outros pensam que o primeiro verbo indica «agregação», e que o segundo quer dizer «interadaptação».

3. Mas essas duas expressões não precisam expressar qualquer coisa distintiva, ainda que ambos os verbos, na forma de expressões acumuladas, simplesmente falam da perfeita unidade e da harmonia do corpo, em todas as suas conexões e funções. Se Paulo tivesse realmente querido dar a entender a existência de alguma diferença sutil entre essas duas palavras, como se se estivesse referindo à unidade do corpo, ser-nos-ia impossível descobrir exatamente do que consiste tal diferença. Portanto, parece-nos melhor reputar esses dois verbos como maneiras diferentes de expressar a mesma unidade e de que se compartilha das mesmas energias vitais.

«*...toda junta...*» Quanto a estas palavras também têm havido diferenças de opinião, ou seja:

1. A maioria dos intérpretes e das traduções pensa que o termo grego «aphe» significa «junta». Tal vocábulo era usado para significar «junta», «ligamento», «conexão».

2. Mas alguns intérpretes pensam estar em foco o sentido geral de «conexão», de «contacto»; e isso quer dizer que poderíamos traduzir por «mediante cada contacto do suprimento». E isso sugeriria o modo como as forças vitais se dispersam por todo o corpo, como variedade interminável de «contactos». O «suprimento» se refere à vida que Cristo nos outorga, a nutrição do corpo, a formação da vida divina no homem. (Ver João 5:25,26 e 6:57).

O segundo desses sentidos concorda mais com aquilo que se sabe sobre a função do corpo, porquanto as juntas realmente não suprem e nem propagam a vitalidade do corpo. Mas não sabemos o quanto Paulo sabia acerca da função do corpo humano, e nem como exatamente ele se expressa aqui, mesmo que soubesse muito da fisiologia do corpo humano; portanto, é bem possível que ele tivesse feito alusão às «juntas». Uma vez mais é impossível determinarmos com qualquer exatidão a natureza dessa alusão; mas o sentido geral é perfeitamente claro. Existe uma vida, uma energia vital, que vem primeiramente do Cabeça, e que então se difunde por todo o corpo. Por essa razão, o corpo é vivificado pela vida divina; pois a participação na mesma vida, que vem da mesma fonte originária, é motivo de uma união perfeita. Cada porção, pois, tanto é beneficiada como serve de canal mediante o qual a vida é passada para outras porções.

«*...segundo a justa cooperação de cada parte...*» De acordo com a tradução inglesa RSV (aqui vertida para o português), isso quer dizer «...quando cada porção está operando apropriadamente...» Neste caso, «apropriadamente» é tradução do original grego «en metro», literalmente, «por medida»; e é bem provável que isso aluda às palavras «...segundo a próporção do dom de Cristo...», do sétimo versículo deste capítulo. Por conseguinte, cada «...parte...» (ou membro) tem um dom, ou seja, serve de entidade que dispersa a vida de Cristo no corpo, como agente de desenvolvimento espiritual. Portanto, cada crente, «de acordo com sua medida e capacidade» no corpo, torna-se um «contacto» mediante o que a vitalidade do Espírito de Deus é dispersa por todo o corpo.

«*...edificação de si mesmo em amor...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «edificação», ver Efé. 4:12). Cumpre-nos observar que todo esse processo de crescimento e nutrição, que produz a maturidade espiritual, se alicerça sobre o «amor», pois Paulo reiterava a idéia que mencionara no versículo anterior. (Ver as notas expositivas ali existentes, onde são dadas outras referências acerca da «importância do amor cristão»). Isso concorda com o que se lê em I Cor. 12-14. Os dons espirituais devem ser buscados, pois são necessários; mas só são úteis esses dons quando são administrados em «amor» (ver o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios), pois essa virtude é maior que todos os dons espirituais. Assim é que um dom espiritual administrado na igreja sem o concurso do amor, não será de grande utilidade na igreja. Boas obras, feitas sem o condimento do amor, não valem coisa alguma aos olhos de Deus. O amor é o elemento onde funcionam a unidade verdadeira e o benefício mútuo no corpo de Cristo. Sem amor, essa realização é simplesmente impossível. «...o amor edifica...» (I Cor. 8:1). O amor «...é o vínculo da perfeição...» (Col. 3:14). Isso mostra-nos a suprema importância do amor, porque é mediante o amor que Cristo «habita em nossos corações»; e é nesse amor que chegamos a conhecer a pessoa de Cristo, mediante a iluminação do Espírito Santo. (Ver Efé. 3:17-19). O próprio vocábulo «amor» fala sobre «mutualidade», fala sobre «harmonia», «participação», «cuidado pelo próximo», sendo contrário às idéias do «egoísmo», da «cobiça», da «facção» e do «ódio».

Ao mencionar a harmonia e a participação na vida mútua que o amor cristão propicia, Paulo chega ao final da presente secção, reiterando a idéia de unidade, que inspirou esta passagem, a começar por Efé. 4:1, como é necessário nos suportarmos uns aos outros em amor, tendo em vista a preservação da unidade do Espírito no vínculo da paz. (Ver Efé. 4:3).

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas da elevada doutrina constante na primeira secção* (caps. 1-3)- (Efé. 4:1-6:24).

2. Segunda exortação: Encorajamento para que se descontinuem todas as práticas dos antigos costumes pagãos (4:17-32).

Na secção que temos à frente, Paulo começa a declarar, em termos bem específicos, como a nova vida em Cristo e a identificação com ele como o Cabeça, devem ser um resultado prático e diário na vida. A nova vida em Cristo é totalmente incompatível com os antigos caminhos pagãos, para os quais os leitores de Paulo se sentiriam tentados a retornar. Quão fácil é, depois do fervor inicial da conversão amainar, começarmos a voltar aos nossos antigos caminhos, embora a consciência jamais deixe de acusar-nos! Mas o crente que assim faz, sem o saber, entra em sérias dificuldades, pois começará a duvidar da própria validade e do poder da mensagem de salvação. Dirá para si mesmo: «Professei a Cristo, e supostamente entreguei minha alma a ele (mediante o exercício da fé nele); e ele promete livrar-me do pecado, transmitindo-me a vida divina. No entanto, aqui estou, voltando a meus antigos caminhos, sem que nada se tenha modificado, em última análise». Esse raciocínio pode ser veraz e devastador, pois um homem tem a responsabilidade de dominar o pecado, mediante o desenvolvimento espiritual. Todavia, isso jamais ocorre automaticamente, embora nos seja dada a força para vencer, ao passo que antes da conversão não possuímos tal poder.

Sim, jamais poderemos livrar-nos das tentações, mas poderemos *vencer* se nos firmarmos e combatermos, ao invés de cedermos à tentação e seguirmos a mesma.

Essa é a grande verdade da qual Tiago falou, quando disse: «Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a

provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam» (Tia. 1:12). E novamente: «...resisti ao diabo, e ele fugirá de vós» (Tia 4:7). A grande maioria dos crentes em Cristo subestima a intensidade da batalha contra o pecado, apesar do inestimável auxílio da presença habitadora do Espírito Santo. Nenhuma vitória contra o pecado é automática, fácil e gratuita. Constitui uma agonia para o homem decaído, mesmo quando se converte, para retornar a Deus; e toda a experiência humana serve de demonstração sobre isso.

Minha alma, põe-te em guarda,
Levantam-se dez milhares de inimigos;
As hostes do pecado pressionam muito
Para arrancar-te dos céus.

(George Heath)

Incorremos em grave erro ao separar os princípios «éticos» da doutrina cristã, pois a ética é a grande doutrina da santificação, e esta serve de meio pelo qual passamos a compartilhar da própria santidade de Deus; e isso é uma parte importante da salvação, e não apenas um subproduto da mesma. O sermos perfeitos como nosso pai celeste é perfeito (ver Mat. 5:48) é mister a santificação; e é esse aperfeiçoamento moral, bem como o processo que leva ao mesmo, que provoca a participação na natureza metafísica de Cristo, que é o próprio alvo da salvação. Os princípios éticos, portanto, não são secundários, e, sim, primários em todo o sistema cristão. (Ver as notas expositivas sobre I Tes. 4:3 acerca do tema da «santificação»).

Um esboço da secção que temos à frente nos foi oferecido por Barry (in loc.), como segue:

1. *A nova vida:* primeiramente, ensinados em Cristo e aprendendo de Cristo; em segundo lugar, regenerados nele segundo a imagem de Deus (versículos 17-24).
2. Disso se deriva o poder de dominar o pecado em geral:
   a. A falsidade (versículo 25)
   b. A ira violenta (versículos 26 e 27)
   c. A desonestidade (versículo 28)
   d. As palavras torpes (versículos 29 e 30).
3. E então recebemos poder contra os pecados especiais e arraigados de:
   a. Amargura e malícia, pecado indigno do amor de Cristo (versículos 31 e 32 e Efé. 5:1,37)
   b. Fornicação e concupiscência, pecados indignos da luz de Cristo (Efé. 5:3-14)
   c. Vida negligente e excitação alcoólica (Efé. 5:15-21).

Nosso chamamento em Cristo nos tem tornado um «novo homem», cidadãos de um mundo inteiramente novo. Por isso, continuar a praticar os pecados próprios do paganismo é negar essa cidadania, sua validade e sua realidade. O «homem novo» ideal não consiste do mero «ego», devotado à sua perfeição individual; antes, «faz parte e é parcela da sociedade dos remidos; suas virtudes são aquelas de membro da ordem e da comunidade cristã». (Findlay, *in loc.*).

17 Τοῦτο οὖν λέγω καὶ μαρτύρομαι ἐν κυρίῳ, μηκέτι ὑμᾶς περιπατεῖν καθὼς καὶ τὰ ἔθνη περιπατεῖ ἐν ματαιότητι τοῦ νοὸς αὐτῶν,

17-18 μηκέτι...ὄντες Ro 1.21 17 τα] *add* λοιπα **KLP** *al* sy ς

O Textus Receptus adiciona λοιπά antes de ἔθνη, juntamente com os corretores de dois manuscritos unciais, bem como os unciais posteriores e a maioria dos minúsculos (ℵ^{c} D^{b,c} K L P Ψ ara *al*). A palavra é obviamente uma intrusão interpretativa; o texto mais breve é decisivamente apoiado por $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B D* F G 082 33 88 255 256 263 296 424 (c) 467 1319 it (d,g) vg cop (sa,bo) etí *al*.

4:17: Portanto digo isto, e testifico no Senhor, para que não mais andeis como andam os gentios, na vaidade da sua mente,

«...*portanto...*» Essa palavra vincula a presente secção à idéia anterior de nosso crescimento espiritual em Cristo, de nosso reconhecimento sobre seu senhorio e da necessidade que temos de buscar nele a perfeição. Por isso, prosseguir nos hábitos pagãos é contrário à realidade de nossa experiência.

«...*digo, e no Senhor testifico...*» (Ver as notas expositivas em Rom. 1:4 acerca do termo «Senhor», designação comum do Senhor Jesus Cristo nas páginas do N.T., e onde tanto o título como o senhorio de Cristo são esclarecidos). Nesta altura, Paulo deu solene testemunho sobre as exigências morais da fé e da posição cristãs, que havia descrito de forma tão admirável por toda a porção anterior desta epístola aos Efésios. E essa expressão faz-nos lembrar da autoridade apostólica de Paulo. Ele não oferecia opiniões, mas declarava verdades morais. A fim de fazer isso, mergulhou sua própria pessoa «no Senhor». E isso fez: 1. Através de sua autoridade messiânica; e 2. mais particularmente ainda, como alguém que realmente se encontrava na «esfera da graça», dotado de comunhão mística com ele, de modo a compreender a sua mente sobre as questões que se seguem. (Ver as notas expositivas sobre I Cor. 1:4, acerca do *Cristo-misticismo*, que fica implícito na expressão muito usada, «em Cristo», cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas de Paulo). Paulo agia com base na autoridade de Cristo, em lugar dele; mais particularmente ainda, como alguém que estava em comunhão com ele.

«Paulo não falava da sua própria individualidade; pelo contrário, Cristo era o elemento onde se moviam seus pensamentos e sua vontade». (Meyer, *in loc.*).

«Nas páginas do N.T., essa expressão adquire verdadeiramente um novo significado, baseado na idéia de comunhão e união com Cristo e com Deus. Qualquer coisa que o crente faça, fá-lo com o senso de dependência a ele e em união com ele. Por exemplo, 'falando a verdade' ou 'contraindo matrimônio' (ver I Cor. 7:39)». (Abbott, *in loc.*). (Quanto à palavra «testifico», que é declaração solene de protesto ou injunção, comparar com Atos 20:26; 26:22 e Gál. 5:3).

«...*não mais andeis...*» Uma vez mais encontramos a metáfora do ato de «andar», a fim de expressar uma conduta habitual na vida, sua natureza geral, e que era usada mui comumente pelos escritores sagrados e profanos. (Ver as notas expositivas a respeito, em Efé. 4:1. Ver também Gál. 5:16,25 e Efé. 2:10, onde há outras notas e referências a lugares onde essa expressão se acha no N.T.).

«...*como também andam os gentios...*» O próprio uso do termo «...gentios...» foi suficiente para dar uma impressão negativa aos leitores de Paulo, porque os gentios incrédulos se caracterizavam por pecados grosseiros e vergonhosos, que chocavam aos judeus ou à consciência cristã iluminada.

(Essas palavras de Paulo podem ser comparadas com o trecho de Efé. 2:2, onde a vida anterior dos seus leitores é descrita como um «andar segundo o curso deste mundo». Ver Efé. 2:3, onde a «conversão» deles desfizera o fato geral que eram «filhos da ira». Aquela secção geral é a melhor ilustração e comentário sobre o presente versículo).

Em passagem anterior, Paulo já havia chamado seus leitores originais de «...vós, gentios...» (ver Efé. 3:1 e 2:11), a fim de distingui-los dos judeus. Naqueles casos, porém, tais gentios são reputados sócios da comunidade de Deus, parte integrante do povo de Deus (ver Efé. 1:12,13 e 2:13 e ss.). Mas, neste ponto, a palavra «gentios» significa «pagãos», isto é, gentios não-regenerados.

Variante Textual: «...como também andam os gentios...» é o texto dos mss P(46), Aleph, ABD(1)G e das versões da Vulgata latina e do boárico. Mas outros manuscritos dizem «como também andam outros gentios», isto é, Aleph(4), D(1,2)KL, a versão siríaca e os escritos de Crisóstomo. Mas esta última forma representa uma glosa para distinguir os gentios «convertidos» daqueles que continuavam no paganismo. Porém, tal distinção fica subentendida pelo contexto, sem a necessidade da glosa. Portanto, Paulo apelava para os «gentios convertidos», a fim de abandonarem totalmente os caminhos dos «gentios», ficando entendido que estes últimos continuavam no paganismo, e que tais caminhos eram próprios dos povos gentílicos.

«...*na vaidade dos seus próprios pensamentos...*» A palavra «...vaidade...» significa «falta de propósito», «vazio», «futilidade». Os ídolos eram chamados «mataia» (palavra que se deriva do termo grego aqui usado, «mataiotes»), visto que os ídolos eram coisas «vazias e vãs» como objetos de adoração. Entretanto, a referência que aqui encontramos é mais ampla do que a mera idolatria. Antes, a falsidade e a nulidade dos pensamentos dos gentios, seus processos intelectuais e espirituais, é que são aqui focalizados, o que se manifestava na forma de idolatria e de todas as formas de desregramento. Não possuíam a iluminação mental dada pelo Espírito Santo, mas ficavam reduzidos à mentalidade de homens decaídos, totalmente alienados de Deus.

Podemos notar, em Rom. 8:20, que a criação inteira ficou «sujeita à vaidade». No entanto, tal sujeição foi imposta à criação por Deus «na esperança», ou seja, na esperança de que o homem, percebendo a futilidade de seus caminhos, se volte para o seu criador, para ser libertado dessa nulidade. (Quanto a detalhes sobre esse conceito, ver as notas expositivas

nas referências citadas. A vida humana, à parte da graça de Deus, em Cristo, não tem sentido e nem direção; mas a própria condição de estar a vida sem sentido e direção pode levar a alma a buscá-los em Cristo).

«...vaidade...» No dizer de Alford (*in loc.*), trata-se de «...um desperdício de todas as faculdades racionais em torno de temas indignos».

«A mente ocupa o lugar mais alto na constituição humana, sendo a sede da razão, presidindo sobre a vontade e restringindo os desejos pecaminosos; por isso mesmo os nossos teólogos da Sorbone têm o hábito de chamá-la de 'a rainha'. Mas o apóstolo Paulo faz a mente consistir de pura vaidade; e, como se não houvesse expressado seu pensamento de forma suficientemente forte, não deu melhor título à filha da razão, a 'compreensão' (ver o décimo oitavo versículo). Tal é a minha interpretação sobre a palavra 'dianoia', pois embora ela signifique 'pensamento', contudo, visto que se encontra no singular, refere-se à faculdade do pensamento». (Calvino, *in loc.*).

A palavra aqui traduzida por «...*pensamentos*...», isto é, «noos», pode significar «imaginação», «pensamento», «mente», «disposição». Mas aqui indica a faculdade de pensar, a razão, que é a inteligência da alma.

18 ἐσκοτωμένοι τῇ διανοίᾳ ὄντες, ἀπηλλοτριωμένοι τῆς ζωῆς τοῦ θεοῦ,[c] διὰ τὴν ἄγνοιαν τὴν οὖσαν ἐν αὐτοῖς, διὰ τὴν πώρωσιν τῆς καρδίας αὐτῶν,

[c] 18 *c* minor: TR WH Bov Nes BF² ASV NEB TT Luth? Seg // *c* none: AV RV RSV Zür Jer

18 ἀπηλλοτριωμένοι...θεοῦ Eph 2.12; Col 1.21 διὰ τὴν ἄγνοιαν...αὐτοῖς 1 Pe 1.14

4:18: entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração;

«...obscurecidos de entendimento...» Os gentios estavam em trevas quanto ao entendimento, o que quer dizer:

1. A faculdade da razão, o entendimento normal, doação de Deus a todos os homens, e que lhes poderia conferir alguma luz sobre as realidades espirituais, estava entenebrecido.

2. Mas também faltava aos gentios, de forma total, a «iluminação» conferida pelo Espírito Santo, o que é obra do Espírito de Deus nos crentes, conforme aprendemos em Efé. 1:18.

Há uma compreensão que pode ser comum a todos os homens, através da razão pura; mas também há um entendimento geral que é dado a todos os homens mediante o ministério universal do Espírito Santo, o qual, em algum sentido, ilumina a todos os homens. A idéia inteira de Cristo como a luz, bem como o fato que as trevas deste mundo não podem conter essa luz e nem diminuí-la, concorda com a idéia que encontramos aqui. (Ver João 1:4,5 e 12:32. Ver também João 16:8 e ss., quanto ao tema da «iluminação geral», que é missão do Espírito de Deus no mundo). Porém, acima da razão normal e da iluminação geral, há aquela iluminação especial do Espírito Santo, conferido aos crentes, através da comunhão mística com o Senhor e como resultado da mesma.

Ora, os gentios, depravados como estavam em seus caminhos, tinham rejeitado todas essas três formas de iluminação; e, assim sendo, permaneciam nas trevas. A palavra *trevas*, neste caso, fala sobre a alienação de Deus, no caso dos gentios, pois Deus é *luz*. As trevas aludem à permanência no entenebrecimento, a participação em coisas depravadas, tudo o que é contrário à retidão de Deus. (Comparar com João 3:19,20. Os homens «amam as trevas» e «odeiam a luz», porque seus feitos são maus).

Os gentios andam de tal maneira que obscurecem qualquer luz que lhes venha da parte de Deus, e a qual, de outra maneira, poderiam aproveitar. É que nossa maneira de andar afeta nosso entendimento espiritual. O Espírito do Senhor, que se posta mais perto do que tudo do trono de Deus, não pode entrar em contacto com os homens e iluminar-lhes a vereda, quando andam na desobediência ao Senhor. Ora, o fracasso no andar diário conduz ao naufrágio na fé, porquanto a higidez da conduta diária e da fé são coisas inseparáveis. (Quanto a outros versículos que igualmente encerram a mensagem geral deste versículo, ver Efé. 5:8: «...outrora éreis trevas...»; Atos 26:18, onde se lê que os gentios andam nas trevas e na potestade de Satanás. Os gentios são aqueles que andam «em trevas», que pertencem à «noite espiritual» e às «trevas», conforme se lê em I Tes. 5:4,5).

«...*alheios à vida de Deus*...» Devemos compreender essa frase em seu sentido primário, «a própria vida de Deus», e não em algum sentido secundário, como «a justiça de Deus» ou alguma outra virtude divina. Pois a grande mensagem do evangelho é que a própria vida de Deus Pai é dada a seus filhos, como a autêntica imortalidade, a vida necessária e independente, que é uma *modalidade de vida*, a saber, a própria «vida divina». Naturalmente, isso requer que o ser dos remidos passe a ser dono da própria natureza de Cristo, ou seja, que se tornem seres vivos dotados da vida divina. (Ver os trechos de João 5:25, 26 e 6:57 quanto a notas expositivas sobre essa «modalidade» de vida divina, a vida necessária e independente).

Há muitas *formas* de vida, começando pelos animais unicelulares; e subindo-se na escala se chega aos animais mais complexos, e daí ao homem, que já possui vida espiritual. Mas, acima do homem encontramos a vida angelical. E, finalmente, há a própria vida de Deus, que é a fonte originária e o pináculo de toda outra forma de vida. Ora, esta última é a forma de vida que os crentes haverão de possuir em sua plenitude, e que já possuem agora em seus estágios iniciais, por terem recebido a «vida eterna».

E a palavra *eterna*, dentro da expressão «vida eterna», na linguagem teológica e filosófica, significa mais do que «interminável»; antes, quer dizer uma «espécie de vida». Portanto, muito mais do que uma «vida aprovada por Deus», uma «vida piedosa», está em foco nessa expressão. Também não devemos compreender com ela apenas «curso da vida». Antes, trata-se daquela «vida que procede de Deus», e que é a própria vida divina. Ora, essa vida nos é dada por intermédio de Deus Filho, o Senhor Jesus (ver João 1:3), mediante a nossa identificação com ele (ver Rom. 8:29). É chamada de «vida eterna» (comentários a respeito em João 3:15) e de «completa salvação» (comentários em Heb. 2:3). Consiste da participação na «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:10) e na «plenitude de Cristo», o qual é «tudo para todos» (ver Efé. 1:23).

Lê-se em Atos 17:28: «...nele vivemos, e nos movemos, e existimos...», porquanto a vida, em qualquer sentido, vem «de Deus». Mas, neste ponto há alusão à própria vida de Deus, transmitida aos homens e infundida neles. Ora, é da vida, compreendida nesse sentido, que os gentios, por estarem obscurecidos de entendimento e por praticarem direito de acesso a essa forma de vida, mas antes, são como que estrangeiros para com o reino celeste e seu tipo de vida.

«...*por causa da ignorância em que vivem*...» Os gentios andam na vaidade mental; não possuem qualquer iluminação espiritual (ver o versículo anterior); seu entendimento está entenebrecido; não recebem qualquer luz da parte do reino celeste, e tudo isso impõe sobre eles uma profunda «...*ignorância*...» No original grego é usada a palavra «agonia», que significa o «estado de não-conhecimento», aqui usada para referir-se à «ignorância espiritual». Normalmente, essa palavra é usada para indicar a ignorância devida a circunstâncias que podem ser negligenciadas (ver Atos 17:30), em contraste com a «ignorância voluntária» (no grego, «agnosia»), que também quer dizer «ignorância culpável». Contudo, no texto presente, não se observa essa distinção entre os dois vocábulos, porquanto as palavras seguintes demonstram que havia neles uma ignorância voluntária, mediante a dureza dos seus corações, o que sempre ocorre devido à desobediência voluntária.

«A ignorância não é a mãe da devoção, mas da atitude profana. Se os homens conhecessem a Deus, certamente o amariam e serviriam. O apóstolo Paulo concorda com Sócrates e com Platão ao afirmar que virtude é *conhecimento*. O aviltamento do mundo pagão, segundo ele declara reiteradamente, se devia ao fato que 'não conheceram a Deus'. A igreja de Corinto havia corrompido seus costumes e a vida cristã era ameaçada pela presença que ali havia de alguns que 'não tinham conhecimento de Deus' (I Cor. 15:33,34)». (Findlay, *in loc.*, em bom comentário, contanto que nos lembremos que o «conhecimento de Deus» não é apenas intelectual, e, sim, o conhecimento «experimental», o conhecimento da alma, mediante a comunhão estabelecida com o Senhor, através do Espírito Santo).

«...*pela dureza dos seus corações*...» A palavra «...dureza...» é tradução do vocábulo grego «porosis», que significa «endurecimento», «embotamento», «calejamento». Sua forma verbal quer dizer «endurecer», «petrificar»; e, quando se refere ao sentido da visão, «cegar». Porém, a forma substantivada aqui usada indica a dureza de coração, o «coração petrificado», totalmente destituído de consciência, alienado de Deus. Assim, pois, o «homem interior» de tais indivíduos se tornou petrificado, incapaz de qualquer reação favorável para com Deus.

A palavra «...*corações*...» indica aqui homem interior, a alma, o indivíduo essencial, e não apenas a emotividade do ser humano. Portanto, a alma daqueles homens, no que diz respeito a Deus, estava petrificada, incapaz de reações favoráveis, exceto pela graça de Deus em Cristo, que pode penetrar até mesmo em corações de pedra; transformando-os em corações de carne. (Ver Ezé. 11:19). Mas, no caso dos endurecidos, sua consciência não oferece qualquer resistência ao pecado; antes, cede ao pecado alegre e voluntariamente, com avidez. O coração endurecido é um quadro da degeneração gentílica, sem restrições, violenta, dada a excessos. Os gentios incrédulos, pois, estavam embotados por seus próprios pecados. (Leiam-se as notas expositivas, em Efé. 2:11, sobre a «memória piedosa», quanto a uma ilustração acerca da grande modificação operada pelo evangelho, em pessoas assim, porquanto tais comentários ilustram o texto presente).

Várias são as maneiras de entender a relação entre as cláusulas deste versículo, a saber:

1. A cláusula final (sobre a dureza dos corações) pode ser vista como a «causa» da «ignorância» mencionada.

2. Ou a ignorância pode ser vista como a causa da «cegueira» espiritual.

3. Ou essas duas cláusulas podem ser reputadas como «coordenadas», e não como uma dependente da outra, descrevendo ambas por que aqueles gentios estavam «alienados» a Deus, ficando assim demonstradas as razões de tal alienação. O mais provável é que essas cláusulas sejam «coordenadas». Porém, sem importar como as consideremos, a mensagem essencial permanece a mesma.

19 οἵτινες ἀπηλγηκότες ἑαυτοὺς παρέδωκαν τῇ ἀσελγείᾳ εἰς ἐργασίαν ἀκαθαρσίας πάσης ἐν πλεονεξίᾳ.

19 Col 3.5 19 *απηλγηκοτες*] *απηλπικοτες* **D(G)** *257* lat syᵖ Irˡᵃᵗ | *εν πλεονεξια*] *και* -*ιας* **DG** (*326*) it Cl

4:19: os quais, tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à lascívia para cometerem com avidez toda sorte de impureza.

«...*insensíveis*...» Este termo assinala o final do longo processo de «endurecimento», deixando o coração calejado e petrificado, deixando a consciência cauterizada. Certas operações no cérebro têm provocado o mau efeito de eliminar a consciência, deixando as suas vítimas totalmente depravadas e desavergonhadas, piores do que animais irracionais. Mas um

indivíduo pode fazer isso contra si mesmo, sem a intervenção do bisturi do cirurgião, para isso bastando que ele aceite continuamente a sua maneira de viver em certos pecados, sem qualquer tentativa de dominá-los. A acusação feita aqui por Paulo é que os gentios, como uma grande classe da humanidade, haviam feito exatamente isso; e no primeiro capítulo da epístola aos Romanos encontramos outra acusação paralela às nações pagãs.

Explicando-se esse processo de um ponto de vista puramente «cerebral», pode-se frisar que o cérebro estabelece determinados «padrões» de pensamento. Quando o pensamento «segue» um dos padrões costumeiros, experimenta-se certo bem-estar. Porém, se o indivíduo faz algo que não deixa os pensamentos seguirem o padrão costumeiro, sentirá inquietação; e a isso é que se denomina de «consciência». No entanto, se alguém continuar a agir dessa maneira, se estabelecerá um novo padrão cerebral, desaparecendo a «pontada» da consciência. O indivíduo poderá até mesmo ter um senso de «bem-estar» por causa da maldade que pratica, sentindo-se «inquieto» somente quando não pode repetir sua ação maléfica.

As práticas sexuais ilícitas servem de bom exemplo sobre isso. Os primeiros atos causarão «dor» na consciência; mas, quando a prática já foi estabelecida, desaparece essa dor da consciência, e o indivíduo pode passar até mesmo a «gloriar-se de sua vergonha», no dizer de Paulo, acerca dos homens que se aviltaram profundamente no pecado (ver Fil. 3:19: «...a glória deles está na sua infâmia...»). Mas, quando um indivíduo já estabeleceu de tal modo as suas ondas cerebrais, ao ponto de aceitar muitos e variegados pecados, não lhe resta mais qualquer sinal de consciência, ficando ele «endurecido» e «insensível» para qualquer correção espiritual.

A palavra aqui traduzida por «*...insensíveis...*», cuja raiz grega é «apalgeo», é usada exclusivamente aqui em todo o N.T., e tem o sentido de «cessar o senso da dor», «ficar calejado». Trata-se de uma espécie de «apatia» no tocante à maldade. Os ímpios, já destituídos de qualquer sentimento, tornam-se assim «insensatos», pois a razão já não produz qualquer efeito sobre eles. (Ver II Tes. 3:2).

«*...se entregaram...*» Esse verbo, no grego, é «paradidomi», e foi empregado para indicar a ação de Jesus Cristo, que se deu a si mesmo pelo mundo (ver Rom. 4:25; Gál. 2:20 e Efé. 5:5,25). Também é usado esse verbo para indicar o ato de Deus ao entregar os homens às suas «vis afeições» (ver Rom. 1:26), por causa do estado de depravação a que se tinham deixado arrastar propositadamente. Portanto, essa palavra expressa a idéia de «total rendição» a alguém ou alguma coisa.

«Quando os homens se entregam persistentemente ao mal, Deus os entrega ao poder do mal». (Vincent, *in loc.*). (Pode-se também comparar isso com Rom.1:24).

Essa entrega é, ao mesmo tempo, «...escolha culposa dos homens e ato judicial de Deus». (Salmond, *in loc.*). «A auto-reprovação se consuma por tornar-se apática». (Braune, *in loc.*). Por conseguinte, existe uma concupiscência corruptora que finalmente provoca a perda da sensibilidade.

«*...à dissolução...*» No grego temos «aselgeia», que significa «licenciosidade», «deboche», «sensualidade». Esse termo grego normalmente se referia a excessos sexuais, embora não somente a tais pecados. Porém, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, são enfatizados os pecados sexuais, onde se tem a impressão que isso serve de «sinal» de que Deus deixou de lutar com tais indivíduos, procurando conduzi-los no caminho do bem. Em outras palavras, a idéia não é tanto que os pecados sexuais são piores que outras formas de pecado, e, sim, que quando um indivíduo perdeu totalmente a consciência, e Deus o «entregou» judicialmente às suas depravações, ele começa a participar de excessos sexuais, como «sinal» de que foi judicialmente abandonado por Deus. É evidente que a graça de Deus, em Cristo, pode reverter até mesmo esse estado; mas um dos sinais de que os incrédulos foram abandonados ao pecado, de que perderam completamente a consciência, é sua total falta de controle quanto aos pecados da carne. Assim, pois, toda modalidade de «auto-indulgência» está em foco aqui, embora a ênfase recaia sobre os pecados de natureza sexual. (Ver o trecho de Rom. 1:24,26,27, que é paralelo a este versículo).

«*...cometerem toda sorte de impureza...*» «*...impureza...*», neste caso, é tradução do vocábulo grego «akatharsia», palavra de sentido geral que significa «imundícia» e «impureza» de toda sorte, embora geralmente fosse usada para indicar a «imoralidade» sexual em todas as suas manifestações, como a fornicação, o adultério e a homossexualidade, além de outras formas de perversão sexual, inconvenientes e desnaturais; mas a «impureza moral», em sentido mais lato, provavelmente é idéia que também deve ser incluída aqui.

«*...com avidez...*» Os gentios incrédulos e endurecidos seguem suas depravações com um zelo descontrolado. O deboche, de mistura com a «cobiça», na realidade importa em adoração a si mesmo, em «auto-idolatria», em «autodeificação», com o intuito de satisfazer de forma excessiva os desejos pervertidos.

«Tal indivíduo mergulha na indulgência sexual, ou se apega cobiçosamente às riquezas ou à sua posição; e assim assedia a pureza ou pisa sobre os direitos alheios; rouba aos fracos, corrompe aos inocentes, engana aos simples e escarnece deles, a fim de alimentar o ídolo glutão do 'próprio eu', que se assenta dentro dele como se fosse um deus. O herói militar que sobe ao trono em meio a um mar de sangue; o político que obtém poder e ofício mediante as astúcias de uma língua ferina; o negociante que suplanta todo e qualquer competidor por meio de suas previsões astuciosas e por uma audácia inescrupulosa, e que absorve o fruto dos labores de milhares de seus semelhantes; o indivíduo sensual que inventa sempre algum novo e mais voluptuoso refinamento de seu vício, todos esses são miseráveis escravos de sua própria concupiscência, impelidos pelo desejo insaciável do deus falso que trazem dentro do peito». (Findlay, *in loc.*).

«O sexo se tornou, para alguns de seus devotos—pensemos em escritores como D.H. Laurence ou Marcel Proust, quase uma religião por direitos próprios». (Wedel, *in loc.*).

«...com cobiça, com deleite sôfrego em face da imundícia, e por causa dela mesma. A união dessa brutalidade de pecado sexual com a acuidade intelectual e a cultura estética, era a mais horrível característica da corrupta civilização grega, maculada pelas grosserias orientais, sobre o que ele escrevia especialmente». (Barry, *in loc.*).

Conforme lemos abaixo é que Ovídio descreveu o bêbado e pervertido Sileno, cujos desejos de satisfação desde há muito eram superiores à sua capacidade física de atender aos mesmos:

A ti também, ó Sileno, homem de concupiscência inextinguível elas inflamam;
Es idoso em tudo, exceto nos desejos depravados.
(Fast., lib. i.v.413).

Este versículo pode ser confrontado com seu paralelo, Col. 3:1,5. (Ver a lista de vícios constante em Gál. 5:19-21, onde figuram as obras da carne, próprias do indivíduo não-redimido).

20 ὑμεῖς δὲ οὐχ οὕτως ἐμάθετε τὸν Χριστόν,

4:20: Mas vós não aprendestes assim a Cristo,

O exemplo de pureza, sinceridade e santidade, dado pelo Senhor Jesus, fora exibido perante os leitores de Paulo, pelos pregadores cristãos, o que fazia violento contraste com seus antigos «caminhos gentílicos».

Ninguém terá sido salvo *do pecado* (isto é, de seus efeitos e da condenação que ele exige), se não houver triunfado sobre o mesmo. A conversão significa total modificação na natureza e na expressão da alma. O arrependimento indica a mudança de direção da alma; a regeneração fala sobre a feitura de um novo homem; a santificação quer dizer vitória sobre o pecado e o crescimento gradual na própria retidão divina (ver Rom. 3:21). Ora, tudo isso está envolvido no conhecimento de Deus, quando somos ensinados em sua doutrina e a acolhemos na alma. É que a mensagem de Cristo exige a mudança de caráter, não havendo real salvação enquanto isso não ocorrer. A «crença fácil» que se tornou praga nas próprias igrejas evangélicas, tem obscurecido a necessidade absoluta da santidade, pois a salvação consiste da participação na própria santidade de Deus, conforme ela é vista em Cristo, o que, por sua vez, provoca a transformação da alma crente segundo a essência da natureza metafísica de Cristo.

«*...Cristo...*» Título majestático do Senhor Jesus, cujo intuito é fazer-nos lembrar de seu poder e autoridade, nos céus e na terra. Ele é o Senhor Jesus Cristo (ver as notas expositivas a respeito em Rom.1:4). E é mister que seja também o Senhor de toda a vida, de todos os seres vivos. Nenhum indivíduo tem a Jesus como seu Salvador se também não o tiver aceito como seu Senhor. É para fatos assim que Paulo agora chama a atenção de seus leitores.

«'Aprender a Cristo' equivale a viver na comunhão com Cristo, a ter renascido para um novo mundo, a ter-se despido das vestes antigas e ter-se vestido das novas, a ter passado por uma literal revolução no estado humano. Não basta a familiaridade com os evangelhos, como se fossem estes memórias biográficas, não basta a 'imitação de Cristo', limitada à reduplicação ética de sua estatura humana transcendental, pois nada disso pode servir de substituto para aquilo que o N.T. realmente apresenta como a nova vida em Cristo, conforme ela é exposta 'no' evangelho». (Wedel, in *loc.*).

Conhecer a Cristo e aprender a Cristo são realidades místicas, mediante as quais o Espírito Santo transforma a natureza humana em natureza divina, o que é finito no que é infinito (ver Gál. 5:22,23), mediante os vários aspectos do «fruto do Espírito», que o Senhor Jesus possui supremamente, e os quais são infundidos nos remidos mediante o poder místico, através do contacto real com Deus pela agência do Espírito Santo. Cristo Jesus, pois, é o retrato moral supremo daquilo que Deus requer. Os homens precisam compartilhar de sua imagem. Disso é que consiste o «aprender a Cristo».

Aprender a Cristo é apropriar-se de tudo quanto Jesus é, para que assim se torne o ser do crente. Trata-se de um aprendizado experimental, que transcende ao que é meramente intelectual. Nesse processo, os homens não aprendem meramente «de Cristo», mas aprendem a Cristo. Apropriam-se assim do que ele é. Cristo foi

Na beleza dos feitos perfeitos,
Mais forte que todo pensamento poético.

Devemos notar aqui o verbo no aoristo, segundo o original grego, «*...aprendestes...*», o que aponta para uma experiência definida, um encontro com Cristo, uma experiência transformadora. Além disso, a expressão «aprender a Cristo»:

1. Não significa aprender a sua «doutrina»; isso seria um sentido débil por demais, embora haja nisso certa verdade.

2. Também não significa meramente aprender o que ele requer, expresso em sua mensagem ética, ainda que esse aspecto também esteja incluído na expressão.

3. Mas significa uma experiência pessoal com Cristo, a infusão da sua natureza, a influência sofrida através do seu «alter ego», o Espírito Santo. Passagens como Gál. 1:16; 2:20 e Fil. 3:10 definem o sentido dessa expressão: o «Filho é revelado em nós». Cristo é o tema de toda a prédica cristã, mas também deve ser ele um poder transformador no íntimo, pois, do contrário, todo o aprendizado será totalmente inútil. O presente

contexto exige essa significação.

21 εἴ γε αὐτὸν ἠκούσατε καὶ ἐν αὐτῷ ἐδιδάχθητε, καθώς ἐστιν ἀλήθεια[d] ἐν τῷ Ἰησοῦ,

[d] 21 *d* none: TR WH Bov Nes BF² AV RV ASV RSV NEB TT Zür Luth Jer Seg // *d* minor: WH^{mg} 21 (εδιδαχθητε] , R) | (καθώς εστιν] καθὼς ἔστιν) | (ἀλήθεια] ἀληθείᾳ)

4:21: se é que o ouvistes, e nele fostes instruídos, conforme é a verdade em Jesus,

«...se é que de fato o tendes ouvido...» Essas palavras subentendem que os leitores de Paulo tinham ouvido sobre Cristo, tendo sido instruídos a respeito, e não que Paulo inquiria se assim tinha sucedido. Entretanto, a indagação implícita é se tinham ou não «aprendido a Cristo», no caminho certo e suficiente, para que obtivessem a vitória sobre o pecado, por estarem em Cristo. Observemos que o fato de alguém não ter obtido essa vitória, põe em dúvida a validade mesma de sua experiência cristã, porquanto sempre fica subentendido que a real conversão a Cristo confere vitória sobre o pecado. E assim é porque deve haver a experiência do arrependimento e da fé, já que a conversão consiste do duplo aspecto do arrependimento e da fé. (Comparar com Efé. 3:2).

«...*instruídos*...» Essa palavra dá a entender haver entre os leitores originais de Paulo uma situação eclesiástica, com ministros e mestres cristãos em funcionamento. Não tinham sido deixados como novos convertidos sem ajuda. A existência de uma igreja local supõe a existência dos dons ministeriais; e o funcionamento dos dons ministeriais dá a entender que aqueles crentes vinham sendo aperfeiçoados segundo a imagem de Cristo. Portanto, como é possível que pelo menos alguns deles estivessem retornando aos caminhos do paganismo? Uma dentre duas respostas é possível, a saber:

1. Na realidade nunca se tinham convertido e nem haviam sido instruídos em Cristo.

2. Teriam abandonado a sua *conversão*, o que é possível, conforme passagens neotestamentárias como I Cor.9:27 e o sexto capítulo do livro aos Hebreus, se entendermos essas passagens segundo seu sentido óbvio. (Quanto a notas expositivas sobre como o «desvio» e a «segurança eterna» do crente podem ser ambos verdades, ver Rom.8:39).

3. Há uma terceira possibilidade, aquela na qual, às vezes, se pensa no seio de muitas igrejas evangélicas, embora não haja aqui qualquer indício a respeito da mesma, a saber, a suposição que aqueles que se converteram e foram instruídos em Cristo, mesmo assim podem reverter às suas práticas da época da incredulidade e reter sua posição como «salvos». Porém, apesar dessa possibilidade ser aceita em certas igrejas, sob o termo de *desvio*, essa não é a explicação dada pelo N.T. para a reversão para o pecado. A conversão exige a santidade; de outro modo, fica negada.

«...*segundo é a verdade em Jesus*...» Essa pequena frase tem sido variegadamente interpretada, conforme se vê na lista abaixo:

1. Comumente ela é citada segundo a lemos aqui, mas, em seguida, lhe dão o sentido de alguma verdade expressa em forma de credo, de algum sistema doutrinário. Mas essa interpretação certamente é incorreta.

2. Também não podemos dar-lhe o sentido de «como Cristo é a verdade em Jesus», como se houvesse alusão específica ao ofício messiânico, que operou na vida histórica do Senhor Jesus.

3. Qualquer interpretação deve levar em conta o fato que o termo «Jesus» aparece aqui inteiramente isolado, o que é incomum nos escritos de Paulo. Quase sempre Paulo escreveu «Senhor Jesus», «Cristo Jesus», «Jesus Cristo», «Senhor Jesus Cristo», ou algum outro título acumulado. (Ver os trechos de Rom. 3:26; 4:24; II Cor. 4:10,14; Fil.2:10; I Tes. 1:10 e 4:14, que parecem ser as únicas outras exceções em Paulo, mas que parecem também ter alguma ênfase especial, como sobre a humildade de Cristo, etc. Neste ponto, o termo simples parece indicar uma polêmica indireta contra alguma doutrina gnóstica, que negava a autêntica natureza humana de Cristo, visto que o reputavam apenas algum «aeon celestial», que fez um desempenho estudado nesta vida terrena, mas sem jamais ter sido verdadeiro ser humano).

4. É possível que o sentido dessa frase seja «o verdadeiro ensino em Jesus, a saber, que vos dispais do velho homem, etc.» Essa seria uma maneira extremamente simples de se entender essa palavra, e quiçá nada mais do que isso tenha sido realmente tencionado. A verdade, nesse caso, seria as «instruções éticas» que seriam dadas aos seguidores de Jesus pelos ministros cristãos.

5. Mas a palavra «...verdade...» pode indicar aqui a verdade evangélica em geral, o evangelho com tudo quanto nele está implícito, no que tange à missão do Cristo Jesus histórico (o que salienta a terceira das posições, acima). Essa verdade geral do evangelho requer a «santidade». O ouvir e o acolher o evangelho, bem como o ser instruído nele, exige uma vida santa, tal como se via na vida do Senhor Jesus, o qual não somente foi o caminho, mas igualmente o «pioneiro» do caminho, por ter-nos mostrado o tipo de vida que devemos viver. O Senhor Jesus será sempre o «padrão» da verdadeira santidade, e isso estará sempre incluído na verdade do seu evangelho.

Schaff (*in loc.*), comenta sobre isso, como segue: «Se é que fostes ensinados de tal modo que o recebestes como a verdade incorporada no Salvador pessoal». Parece que isso expressa a idéia tencionada por Paulo, o que permite que o vocábulo «verdade» seja entendido em um sentido amplo, referindo-se ao evangelho e suas verdades implícitas, conforme usualmente se emprega essa palavra no N.T.

22 ἀποθέσθαι ὑμᾶς κατὰ τὴν προτέραν ἀναστροφὴν τὸν παλαιὸν ἄνθρωπον τὸν φθειρόμενον κατὰ τὰς ἐπιθυμίας τῆς ἀπάτης, 22 ἀποθέσθαι...ἄνθρωπον Col 3.9 τὸν παλαιὸν...ἀπάτης Ga 6.8

4:22: a despojar-vos, quanto ao procedimento anterior, do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano;

Todas as instruções que encontramos, deste ponto em diante, no que tange a princípios éticos, servem de explicações e de expansões de aspectos dessa «verdade» que exige a santidade. Assim, pois, essa «verdade» é explanada quanto ao seu aspecto moral, isto é, aquilo que o evangelho requer de um homem, moralmente falando.

Uma série de verbos no infinito (no original grego, mas não na tradução em português) introduz os vários ensinamentos, a saber, «despojar» (versículo vigésimo segundo), «revestir-se» (versículo vigésimo quarto), «renovar-se» (versículo vigésimo terceiro). Mas todos esses verbos são usados com força do imperativo. Os dois primeiros verbos estão no aoristo. E isso nos dá o seguinte sentido: «Despojai-vos do velho homem e revesti-vos do novo homem, como um ato definido, efetuado de uma vez para sempre». Porém a «renovação» é um ato contínuo, motivo porque o verbo «...*renovai-vos*...» (ver o vigésimo terceiro versículo) está no infinito presente, segundo o original grego.

Braune (*in loc.*), comenta a respeito como segue: «Despojai-vos de vossa velha natureza (do homem): A metáfora aludida é à mudança de roupas, metáfora freqüentemente usada pelos escritores gregos, sagrados e profanos, para dar a entender a mudança de caráter. Sua freqüência não nos permite pensar que Paulo se referia a despir-se de roupas velhas e vestir roupas novas quando do rito batismal; pois, além disso, esse costume de mudar de roupas, por ocasião do batismo em água, pertence a um período posterior da história eclesiástica. A expressão «...velho homem...», nos escritos de Paulo, se refere à natureza humana não-regenerada, anterior à conversão, ou seja, aquilo que um homem é enquanto Cristo não o transforma. A natureza humana não-regenerada, que sempre é vista como sobrecarregada de pecado e corrupção, é focalizada aqui. (Ver o trecho de Rom.6:6, quanto a notas expositivas mais detalhadas sobre essa expressão. A passagem de Col. 3:9 é um paralelo direto, que se utiliza da mesma figura simbólica do despojamento de roupas antigas. E Col. 3:10 também usa a expressão «revestir-se», indicando o novo homem, tal como se vê no versículo seguinte a este que ora comentamos).

Esse verbo inclui o sentido de um despojamento decidido, e não meramente um gentil despojamento, porquanto isso é requerido dos seguidores de Jesus, entre os quais a preservação do homem velho e da maneira pagã de andar seriam coisas intoleráveis».

«...*quanto ao trato passado*...», ou seja, «no que concerne à vossa conduta anterior», quando franca e habitualmente manifestáveis à natureza do velho homem, praticando perversões com pouca ou nenhuma consciência. Isso é mencionado a fim de mostrar como o velho deve ser despido. Deve ser despido de modo a eliminar totalmente a antiga expressão de vida, de uma vez por todas, revertendo completamente o passado e criando um presente inteiramente novo e diferente.

«...*que se corrompe segundo as concupiscências do engano*...» Essas palavras foram acrescentadas para descrever mais ainda a natureza do velho homem, oferecendo um maior motivo para nos despojarmos decididamente dele. O velho homem não é coisa bela e útil—mas é totalmente corrupto, feio e prejudicial. Não deveríamos relutar por nos livrarmos dele. Suas concupiscências guerreiam contra a alma, como que querendo derrubar-nos dos lugares celestiais.

«...*se corrompe*...» é tradução que atende à índole do idioma português. No original grego não há idéia de reflexivo, pois temos o particípio presente passivo, o que daria a tradução melhorada de «...que está sendo corrompido...», mais ou menos como um cadáver pútrido, que passa de um estado de corrupção para outro, continuamente. Essa corrupção é progressiva e vai piorando sempre. Além disso, verifica-se de acordo com «...as concupiscências do engano:.» O engano é aqui personificado. O engano se caracteriza por muitas concupiscências, que traem as pessoas, que as iludem para que pensem que estão recebendo algo de valor na vida de pecado. Porém, como diz certo ditado, «Todas as maçãs do diabo têm vermes». E assim, a desvantagem moral e espiritual é o resultado final dessas concupiscências, o que provoca o julgamento. Paulo aponta aqui para a operação enganadora do pecado. O pecado parece oferecer os prazeres mais deleitosos, mas esses prazeres, em última análise, mostram ser destrutivos. As concupiscências corruptoras produzem uma ceifa amarga. (Ver Gál. 6:8 a esse respeito). Quem semeia para a carne colhe a corrupção!

«...*concupiscências*...» No original grego é «epithumia», que quer dizer «desejos», «anelos», uma palavra que podia ser usada em bom ou mau sentido, de acordo com o contexto. No presente contexto, estão em foco todos os desejos «ilegítimos», «exagerados», «pecaminosos», «pervertidos»—os desejos que agradam à natureza carnal. Desejos sexuais ilegítimos não são especificamente salientados nessa palavra, conforme a tradução poderia sugerir, embora tais desejos sem dúvida alguma estejam incluídos, o que se torna evidente no décimo nono versículo deste capítulo, onde tais perversões sexuais são enfatizadas.

★★★

23 ἀνανεοῦσθαι δὲ τῷ πνεύματι τοῦ νοὸς ὑμῶν,

23 Ro 12.2 23 ανανεουσθαι] -σθε $\mathfrak{p}^{46}$ 33 69 *al* lat sy bo Cl^{pt}

4:23: a vos renovar no espírito da vossa mente;

A transformação moral e espiritual ocorre mediante a «renovação da mente», conforme se aprende em Rom.12:2. Tanto no presente versículo como na passagem citada a transformação mencionada é de natureza essencialmente moral, o que significa que essas passagens são paralelas.

«...*renoveis*...» No original grego o verbo está no infinito presente, porém com força do imperativo, como se Paulo tivesse escrito: «...continuai a ser renovados...», através da rejeição às corrupções do «velho homem», sempre assumindo a natureza do «novo homem», em graus paulatinamente progressivos. O vocábulo grego aqui usado para indicar a renovação, «anaveco», significa «renovar», «restaurar a vida», «tornar-se jovem novamente». No presente contexto, entretanto, de conformidade com a doutrina neotestamentária, o «velho» não é «refeito» ou «renovado», mas antes, o «novo» é continuamente restaurado, dia a dia, em sua plena vitalidade. A nova vida é levada a manifestar-se a cada dia, tendo o seu vigor perenemente renovado. No dizer de Faucett (in loc.), trata-se da renovação contínua «da juventude do novo homem». Não há qualquer idéia aqui de «restauração de algum estado anterior desejável», mas antes, o aprimoramento contínuo e a renovação de uma «nova condição».

«...*no espírito do vosso entendimento*...» A palavra «...espírito...», no presente versículo, pode ser compreendido de várias maneiras, a saber:

1. Poderia ser o Espírito Santo, presumivelmente residente no crente, a fim de controlar toda a sua faculdade racional. Naturalmente, isso expressa uma verdade, mas não é aquilo que é especificamente apontado aqui. No entanto, é doutrina neotestamentária que toda renovação e transformação são obra do Espírito de Deus.

2. A tradução ou interpretação que diz que aqui está em foco uma «disposição» humana também é fraca por demais. Por conseguinte, não há aqui alusão à «disposição íntima», ainda que seja verdade que a renovação certamente afeta essa disposição. A renovação, entretanto, é mais profunda e vital do que isso.

3. Assim sendo, o «espírito» ou «alma» do homem é que está em pauta aqui. O espírito humano é exposto aqui como a sede da mente, que a dirige e que se manifesta por seu intermédio. A mente é o «princípe» do ser; mas a mente é meramente o poder intelectual e racional da alma. Assim sendo, a renovação deve descer até ao nível da alma, onde a faculdade racional inteira é afetada e transformada, à medida em que a própria alma vai sendo transformada. (Ver II Cor. 3:18). E essa transformação é operação do Espírito de Deus.

«Essa frase indica que o 'espírito' humano, a faculdade pela qual o homem mantém comunhão com Deus, é concebido como intimamente relacionado às suas faculdades do pensamento e da razão, sendo, em algum sentido, uma função da mente. Portanto, a religião cristã ensina o mais elevado exercício da inteligência, e não sua abnegação». (Beare, *in loc.*).

Fica entendido que o Espírito Santo se une ao espírito humano, sendo aquele o poder real por detrás da renovação do crente (ver Efé. 2:21,22), pois um homem não tem a capacidade de produzir isso por si mesmo. Mas Paulo frisava aqui a própria «esfera» onde se manifesta essa atividade, a própria alma, que se expressa através da mente, da faculdade racional. Estabelece-se aqui certa distinção entre a alma e a mente. Ambas são porções imateriais do ser humano. A alma é o ser real e essencial; e a mente é a sua faculdade racional.

24 καὶ ἐνδύσασθαι τὸν καινὸν ἄνθρωπον^{e} τὸν κατὰ θεὸν^{e} κτισθέντα ἐν δικαιοσύνῃ καὶ ὁσιότητι τῆς ἀληθείας.

$^{e\,e}$ 24 *e* none, *e* none: TR WH Bov Nes BF^{2} NEB // *e* minor, *e* none: AV RV ASV RSV TT Zür Luth Jer Seg // *e* none, *e* minor: RV^{mg} ASV^{mg}

24 ἐνδύσασθαι...ἄνθρωπον Col 3.10 ἄνθρωπον...κτισθέντα Gn 1.26 24 ενδυσασθαι] -σθε $\mathfrak{p}^{46}$ℵB*K 69 *al* lat sy bo Cl^{pt} | της αληθειας]

και -είᾳ D*G it Lcf Ambr

4:24: e a vos revestir do novo homem, que segundo Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade.

A palavra «...*revistais*...» renova a metáfora da «mudança de roupas». (Ver as notas sobre o versículo vinte e dois, quanto a explicações sobre essa metáfora). Neste ponto é usado o verbo no aoristo, tal como no caso do verbo «despojar», o que, segundo o original grego indica uma ação deliberada, feita de uma vez por todas. Através de uma ação deliberada, o velho homem é «despido»; através de uma ação igualmente deliberada, «de uma vez por todas», sem nenhuma reversão posterior, o novo homem é «vestido».

Devemos observar que, em Efé. 2:15, o *novo homem* não é o crente individual, e, sim, a comunidade dos crentes, a igreja, considerada como o corpo de Cristo. (Ver ainda os trechos de Efé. 1:22,23; I Cor. 12:12,13 e Col.3:10,11). Neste versículo, entretanto, tal expressão se aplica ao crente individual, referindo-se à «natureza regenerada», ao «homem remido», ao «homem convertido», ao «homem regenerado», «à nova natureza». (Comparar com II Cor. 5:17, onde se lê que aqueles que estão «em Cristo» são uma «nova criação», porquanto as coisas antigas passaram ao ouvido, e tudo se tornou «novo».

«O novo homem é o homem regenerado, em distinção ao velho homem. (Ver as notas sobre Rom.6:6). E se trata de um novo homem por ter-se tornado participante da vida e da natureza divinas (ver II Ped. 1:4 e Col. 3:3,4) e de forma alguma se trata do velho homem agora renovado ou melhorado (ver II Cor. 5:17; Gál. 6:15; Efé. 2:10; Col. 3:10). O novo homem é Cristo 'formado' no crente (ver Gál. 2:20; 4:19; Col. 1:27 e I João 4:12)». (Scofield, *in loc.*).

«...*criado*...» O «novo homem» não é reforma do velho homem, e, sim, algo inteiramente novo, por ser uma «regeneração» ou «novo nascimento», uma «nova criação» (ver João 3:3 e II Cor. 5:17). O trecho de Col. 3:10 vemos que a renovação, representada pelo «novo homem», é de acordo com a «imagem» do Criador; e isso também transparece neste ponto. (Comparar essa idéia com o fato de termos sido criados como algo inteiramente novo, em Efé. 2:10, onde se lê: «...somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras...». Portanto, o «novo homem» é «vestido», mas não por sobre o «velho hómem», pois este é «despido». E é então que aparece uma criação inteiramente nova, um homem convertido, que dá os primeiros passos no processo da santificação, que é nascido no reino celeste, a fim de compartilhar da imagem e da natureza de Cristo, para que seja uma nova espécie de ser, uma nova criação.

«...*Deus*...» Um termo simples, embora potencialmente complexo, razão pela qual tem sido interpretado de diferentes maneiras, a saber:

1. Alguns pensam que isso significa «de maneira piedosa» (ver II Cor. 7:9-11), isto é, «divinamente», «de conformidade com a vontade de Deus». Porém, apesar disso expressar certa verdade, é conceito fraco demais para explicar este texto, não representando totalmente a verdade cristã aqui em foco.

2. Antes, devemos pensar na idéia «conforme a imagem de Deus», o que nos é sugerido por Gên. 1:27 (na criação original) e por Col. 3:10, que é passagem paralela ao que se lê neste versículo, com referência à nova criação em Cristo.

3. Participaremos na sua natureza e atributos divinos, isto é, na sua *plenitude*. Ver Efé. 3:19 sobre este conceito. Nisto consiste a salvação. Ver a nota de sumário sobre a *salvação* em Heb. 2:3.

«...*em justiça e retidão*...» Isso é mencionado a fim de definir determinados aspectos da nova criação; e, de acordo com o contexto desta passagem, são salientados certos aspectos morais da natureza divina, de que os remidos compartilharão integralmente. Ora, isso é posto em contraste com a «antiga maneira de viver» do paganismo, que era manifestação da natureza humana corrompida pelo pecado (ver Efé. 4:17-19,22). Assim sendo, todos os aspectos morais da nova natureza dos remidos procedem do Espírito de Deus, conforme se aprende em Gál. 5:22,23. Essas qualidades transcendem ao que é meramente humano, sendo produzidas mediante a comunhão mística com Deus, pela agência do Espírito Santo, que nos confere a natureza moral de Cristo, já que o Senhor Jesus é o supremo exemplo do que é referido aqui.

A palavra «...*justiça*...», neste versículo, alude à retidão essencial de Deus, e que ele transmite aos homens. A passagem de Rom. 3:21 mostra-nos que somente essa «justiça» é aceitável aos olhos de Deus. Ela precisa ser possessão do crente, primeiramente de maneira «forense», isto é, mediante o reconhecimento divino sobre a nossa posição em Cristo; e, em segundo lugar, como uma realidade, através do processo da santificação.

A «...*retidão*...» é a «santidade» sem a qual ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). O ensino do N.T. é que os remidos haverão de participar da plena e perfeita santidade de Deus, e não como algo secundário. Isso faz parte de nossa possessão da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19). Sermos «santos como o Pai celestial é santo» é uma ousada declaração; mas isso é exatamente o que o novo pacto exige de nós, terminado o processo de aperfeiçoamento dos crentes. E isso é obra e graça do Espírito Santo. Isso serve, incidentalmente, para mostrar que a salvação tem de ser necessariamente recebida pela «graça divina», porquanto nenhum homem pode levar a si mesmo a esse exaltadíssimo estado, ainda que tal processo exija a cooperação da vontade humana— sendo nesse ponto que se encontram a vontade divina e a vontade humana.

«...*justiça e retidão procedentes da verdade*...»

Como Deveríamos Entender Essas Palavras?

1. A tradução IB diz: «verdadeira santidade e retidão» (*tes aletheias* como adjetival).

2. A tradução AA diz: «procedentes da verdade», ou seja, a verdade como fonte da retidão e da justiça. Cristo, a verdade personificada, é essa fonte. O seu evangelho nos infunde a santidade (ver Rom. 3:21).

3. Ou pode-se também entender, «na esfera» da verdade. Na verdade de Cristo, recebemos justiça e retidão. Seja como for, a retidão de Deus, em nós imputada e implantada, está aqui em mira.

Assim sendo, o presente texto recomenda-nos o total despojamento do velho homem, bem como a *radical* transformação de uma criação *inteiramente nova*, segundo o poema abaixo transcrito ilustra:

Ela velou suas águas, quebrou sua espada
E depôs o seu cetro;
Sua púrpura imponente abominou,
E sua coroa imperial, também.
Quebrou suas flautas, cessou seus esportes,
Seus artistas não podiam agradar;
Rasgou seus livros, fechou seus átrios,
Fugiu dos seus palácios;
O desejo dos olhos e o orgulho da vida,
Deixou ela para trás.
E correu, despedaçada de conflitos íntimos,
Para encontrar o deserto.
(Matthew Arnold).

★★★

25 Διὸ ἀποθέμενοι τὸ ψεῦδος λαλεῖτε ἀλήθειαν ἕκαστος μετὰ τοῦ πλησίον αὐτοῦ, ὅτι ἐσμὲν ἀλλήλων μέλη.

25 λαλεῖτε...αὐτοῦ Zch 8.16; Col 3.8–9

25 Διο] *om* $\mathfrak{p}^{46}$ Lcf

4:25: Pelo que deixai o mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo, pois somos membros uns dos outros.

«...deixando a mentira...». No original grego, temos aqui o mesmo verbo grego usado no versículo vinte e dois, traduzido por «despojar». O espírito de desonestidade, que se expressava por mentiras, caracteriza de tal modo aos incrédulos que é como uma roupa que vestem. E isso não só antigamente, pois muitas sociedades modernas de modo algum são melhores que nos tempos apostólicos, pois é tão fácil moços e velhos dizerem uma mentira como dizerem uma verdade. Essa é uma das manifestações próprias da carne, ilustrando a queda do homem no pecado, com sua conseqüente perversão. Devemos observar aqui o uso do aoristo, no original grego. Tal como o velho homem deve ser despido, de uma vez por todas, no ato da conversão, assim também o hábito pecaminoso da mentira, uma de suas características, deve ser descontinuada com determinação, sabendo-se que a atitude e a natureza mentirosas são indignas do Senhor, que é «a verdade».

«*...mentira...*» No grego é «*pseudos*», qualquer tipo de «falsidade», proferida ou vivida. O anticristo é retratado no N.T. como quem realizará «prodígios da mentira», isto é, supostos milagres que iludem, como também meras palavras podem ser usadas para enganar. (Ver II Tes. 2:9). A mentira é uma das características do diabo, por ser ele o «pai da mentira» (ver João 8:44). E pode-se mentir tanto com as palavras como com a conduta diária. Porém, neste contexto as «mentiras proferidas com a boca» predominam, visto que a expressão seguinte recomenda-nos «falar a verdade».

«*...fale cada um a verdade com seu próximo...*» Trata-se de uma citação extraída de Zac. 8:16. O motivo ali exposto para que se use da veracidade é que o Senhor abomina o mal, e a mentira é um dos males abominados. E neste ponto se destaca o pensamento que somos «um só corpo», que cada um de nós é responsável pelo bem-estar dos demais, razão pela qual não devemos ser falsos para com os outros, já que isso produz um efeito debilitador no corpo de Cristo, que se funda sobre a verdade.

Crisóstomo (*in loc.*), tomando partido da metáfora do corpo, observou como os membros do corpo cooperam para seu benefício mútuo. Assim, pois, os «olhos», ao perceberem a serpente, não enganariam os pés sobre o perigo, pois se a serpente chegasse a picar um dos pés, o corpo inteiro sofreria, incluindo os olhos. Assim também a língua, ao provar qualquer coisa de mau gosto e injurioso ao estômago, rejeita o bocado, não permitindo à boca engoli-lo. Mas, quanto à injunção que devemos falar a verdade com o próximo, alguns estudiosos opinam que isso subentende a necessidade de «fazermos negócios honestos com os outros», e não apenas a questão de falarmos sempre a verdade. Por isso é que Calvino comentou (*in loc.*): «Ele (o apóstolo Paulo) exige que cada forma de comunicação ou contacto entre os crentes seja sincera».

«A união dos crentes em torno de Cristo, que é a Verdade e a Vida, instintivamente leva os crentes a usarem da verdade uns com os outros. Nenhum membro pode prejudicar a outro sem prejudicar a si mesmo, visto que todos possuem uma vida e um interesse espiritual em comum». (Faucett, *in loc.*).

Os antigos não davam o devido valor à verdade, o que transparece nas citações transcritas abaixo:

«Uma mentira é melhor que uma verdade prejudicial». (*Menandro*).

«O bem é melhor que a verdade». (*Proclo*).

«Se alguma mentira for proveitosa, que seja dita». (Dario, em *Heródoto*, livro iii., pág. 191).

«Nada há de decoroso na verdade senão quando ela for vantajosa; sim, algumas vezes a verdade é prejudicial, ao passo que a mentira é vantajosa para os homens». (*Máximo Tírio, Diss.* 3, pág. 29).

Naturalmente, não nos devemos olvidar que toda a «verdade dita» deve ser temperada com a graça, com o bom gosto, não servindo jamais de instrumento para prejudicar ou ferir a outros. Muitas vezes é melhor nos calarmos do que dizer a verdade, como quando ouvimos alguma maledicência, ainda que esta tenha alguns aspectos de verdade. Também não devemos ofender nossos semelhantes com palavras ferinas, ainda que elas digam a verdade.

Não é bastante que teu conselho seja veraz;
Verdades ferinas fazem mais mal que a falsidade.
(Alexander Pope, *Essay on Criticism*).

O que este versículo condena, entretanto, não é o uso de «ficção», como um gênero literário, como as fábulas, as parábolas, as figuras simbólicas, as hipérboles, onde a intenção não é enganar, e, sim, transmitir a verdade de maneira figurada.

«A verdade é a primeira condição para o estabelecimento da confiança mútua, que é a base de toda a unidade. Portanto, esse é o primeiro dever dos membros da igreja cristã, de uns para com os outros, como resultado do fato de sermos 'um só corpo em Cristo' (ver Rom. 12:5 e I Cor. 12:27). Não há que duvidar que esse é igualmente o primeiro dever para com a nossa própria humanidade, bem como para com Deus, o que 'abomina a mentira'. Mas essas questões, embora verazes em si mesmas, não são relevantes para o grande tema aqui exposto pelo apóstolo Paulo». (Barry, *in loc.*).

26 ὀργίζεσθε καὶ μὴ ἁμαρτάνετε· ὁ ἥλιος μὴ ἐπιδυέτω ἐπὶ [τῷ] παροργισμῷ ὑμῶν,

26 ὀργίζεσθε...ἁμαρτάνετε Ps 4.4; Jas 1.19–20

4:26: Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira;

(Quanto a paralelos desta passagem em geral, isto é, Efé. 4:25 e ss., ver confiai no Senhor». Mas a versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã) diz conforme encontramos no presente texto. Os Targuns interpretam essa declaração como segue: «Treme (diante de Deus), e não cairás no pecado». Nos Salmos, a palavra usada é um tanto ambígua, podendo significar «tremer» ou «irar-se». Mas, em Pro. 29:9 e Isa. 28:21, o sentido de «ira» é exigido. Paulo adota a idéia de ira para expressar o que queria; e vários escritores rabínicos também interpretaram assim o quarto Salmo, onde essa expressão ocorre.

Apesar de que tenhamos de admitir que algumas vezes a ira justa, a indignação, possam ser úteis, visto que impedem algum abuso ou ameaça contra o próprio indivíduo que se ira ou contra outrem, ao que se dá o nome de «justa indignação»—a qual pode ser da parte de Deus ou dos homens—o presente texto não deve servir de licença para qualquer outra forma de ira. O que Paulo quis dizer, mui provavelmente, é: «Quando fordes assaltados pela ira, que ela seja de pouca duração, para que não prejudique a vós mesmos e a outros». Portanto, o apóstolo não estava justificando o espírito iracundo, e muito menos ainda aprovando-o, conforme este texto com freqüência tem sido distorcidamente aplicado. Portanto, a interpretação de Vincent (*in loc.*), erra totalmente o alvo: «A ira justa é ordenada, e não somente permitida». A força de «mandamento» de que se reveste este versículo, deve ter surgido simplesmente porque Paulo tirou tais palavras daquele salmo, e as colocou aqui sem qualquer adaptação. Mas devemos subentender alguma forma de ajustamento, porquanto Paulo desencorajava o espírito rancoroso, ao invés de encorajá-lo. O imperativo também não é «permissivo», o verdadeiro «imperativo» é contrário à ira.

«*...não se ponha o sol sobre a vossa ira...*» Trata-se de uma afirmativa de Pitágoras, que mui provavelmente era conhecida pelo mundo antigo, tendo sido utilizada pelo apóstolo como própria para a ética cristã. (Ver Plut., De Am. Frat., 488b). O alcance das palavras de Paulo é que a ira, quando ela surgir, sem importar se é justa ou não, deve ser abafada ato contínuo, não se permitindo que perdure, por ser prejudicial tanto para aquele que se ira como para outros contra quem ela se volta. Eadie tem uma observação bastante esquisita sobre essa particularidade (*in loc.*): «Acolhamos o sentido tencionado pelo apóstolo, e não as suas palavras—com toda a prontidão possível deponhamos nossa indignação, não compreendendo Paulo tão literalmente que só abafemos nossa ira ao pôr-do-sol; pois então a nossa ira pode demorar-se por muitos dias, e os homens da Groenlândia, onde os dias se prolongam por mais de um quarto de ano».

Foi nesses termos que Paulo interpretou a injunção enigmática de Sal. 4:4,5, que diz: «Irai-vos, e não pequeis; consultai no travesseiro o vosso coração, e sossegai. Oferecei sacrifícios de justiça, e tempo para tirarem vingança».

Paulo também não quis dizer que se nos irarmos de modo algum cometeremos pecado, contanto que abafemos nossa ira antes do cair da noite. No dizer de Jona, no Talmude: «Não permitas que a noite e a ira durmam contigo, mas te concilia com o outro lado, ainda que ele é quem tenha cometido a ofensa». Também lemos que quando os discípulos de Pitágoras tinham alguma disputa entre si, antes do pôr-do-sol se abraçavam em reconciliação. Esse é o «espírito» de mútua consideração que Paulo nos impõe com as palavras encontradas aqui, as quais não devem ser compreendidas em sentido literal e absoluto.

Fiquei irado com um meu amigo:
Falei de minha ira, e ela terminou.
Fiquei irado com um inimigo:
Não falei dela, minha ira aumentou.
(William Blake).

«A ira começa com a insensatez e termina com o arrependimento». (Henry George Bohn).

«Moderar verdadeiramente a mente e as palavras; quando estamos irados, ou de outra maneira qualquer manter a paz, reflete uma natureza incomum». (Cícero, *Epistolae Quintum Fratrem*).

«A ira e a insensatez andam de mãos dadas; o arrependimento leva ambas a se porem de joelhos». (Benjamim Franklin).

«Que as chamas de ira se acendam lentamente». (George Herbert).

«Quando estou irado então posso escrever, orar e pregar bem, pois então todo o meu temperamento é despertado, meu entendimento é aguçado e todas as preocupações e tentações mundanas desaparecem». (Martinho Lutero, em «Conversa à Mesa». Certamente Lutero era diferente nesse ponto, e o seu exemplo acerca da questão não pode ser recomendado).

«A melhor resposta para a ira é o silêncio». (Provérbio alemão).

«A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira». (Pro. 15:1).

«Há três falhas mediante as quais ofendemos a Deus quando nos deixamos arrastar pela ira. A primeira é quando a nossa ira se origina em causas pequenas, ou mesmo em causa nenhuma, ou, pelo menos, devido a injúrias e ofensas particulares. A segunda é quando saímos dos limites apropriados, deixando-nos arrastar a excessos da intemperança. E a terceira é quando nossa ira, que deveria ser dirigida contra nós mesmos e contra o pecado, se volta contra os nossos irmãos». (Calvino, *in loc.*).

27 μηδὲ δίδοτε τόπον τῷ διαβόλῳ.

4:27: nem deis lugar ao Diabo.

Mui provavelmente essas palavras devem ser vinculadas à questão do espírito iracundo. Se alguém der lugar à ira contínua, na realidade estará dando *oportunidade ao diabo*, para que o nosso adversário semeie a discórdia entre nós, assim destruindo a unidade do corpo, que é algo tão importante, conforme tem sido constantemente frisado neste quarto capítulo. E pode haver ainda outras «vantagens» que estaremos dando a Satanás, pela ira fora de medida. Pecados grosseiros, como o homicídio e outras formas de violência, se derivam daí. Um homem enfurecido, por alguns momentos perde essencialmente o uso da razão, ou, pelo menos, esta fica abafada, e então fará e dirá muitas coisas que nunca faria sob circunstâncias normais. É nesses instantes que um homem se torna instrumento maleável nas mãos de Satanás, para execução de muitas obras da carne. Atos maliciosos e toda a forma de falta de amor são levados a efeito por aqueles que não controlam a sua ira. Consideremos, por exemplo, as perturbações e a miséria que ocorrem em um lar cristão, quando o pai da família usualmente não é capaz de controlar seu temperamento. Outrossim, a ira arrasta após si muitos venenos, especialmente o do ódio e o do ressentimento.

«Conservar a ira através da noite escura é dar lugar ao príncipe das trevas. (Ver Efé. 6:11,12)». (Faucett, *in loc.*).

«...*diabo*...» Um dos títulos de Satanás, que significa «caluniador», talvez de conformidade com a idéia que a ira facilmente nos leva a imitar a Satanás nesse particular. (Quanto a notas expositivas sobre «Satanás», que o N.T. inteiro considera como um ser vivo e de malignidade consumada, ver Luc. 10:18 e João 8:44). Não há qualquer alusão aqui a seres humanos, que poderiam ser «diabos», ou seja, aqueles que «caluniam» os outros, ou se mostram «blasfemos», conforme alguns estudiosos têm interpretado.

Naturalmente, o darmos oportunidade ao diabo pode ser feito de muitas maneiras, e não só através do espírito iracundo; e embora essas outras possibilidades não sejam aludidas aqui, não nos devemos esquecer desse fato. Tal idéia (se for considerada de maneira geral, é similar àquela expressa no trecho de Rom. 13:14: «...e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências».

28 ὁ κλέπτων μηκέτι κλεπτέτω, μᾶλλον δὲ κοπιάτω ἐργαζόμενος ταῖς [ἰδίαις] χερσὶν τὸ ἀγαθόν,[3] ἵνα ἔχῃ μεταδιδόναι τῷ χρείαν ἔχοντι.

[3] 28 {D ταῖς ἰδίαις χερσὶν τὸ ἀγαθόν, ℵ* A D G 81 104 330 451 1241 2127 2492 it$^{c,d,f,(g),mon,t}$ vg^{cl} syr^{p} goth arm eth Ambrosiaster Victorinus-Rome Basil Jerome Augustine Euthalius Antiochus John-Damascus // τὸ ἀγαθὸν ταῖς ἰδίαις χερσίν, K 436 1877 1962 2495 syr^{h} Theodoret // τὸ ἀγαθὸν ταῖς χερσίν, Ψ 88 326 614 630 1984 1985 *Byz Lect* Chrysostom John-Damascus Ps-Oecumenius Theophylact // ταῖς χερσὶν τὸ ἀγαθόν, p^{46,49vid} ℵ^{c} B it^{ar,e,x,z*} vg^{ww} cop$^{sa^{ms},bo}$ Ambrosiaster // ἐν ταῖς χερσὶν αὐτοῦ τὸ ἀγαθόν, (181 τὸ ἀγαθὸν ταῖς χερσὶν αὐτοῦ,) 629 // τὸ ἀγαθόν, P 33 1739 1881 it^{m} Clement Origen // ταῖς χερσὶν ἰδίαις, cop$^{sa^{ms}}$ // ταῖς χερσίν, cop^{sa} Tertullian

28 ἐργαζόμενος...ἀγαθόν 1 Th 4.11

As diferenças na forma são numerosas nesta breve cláusula. No tocante à seqüência de palavras, copistas mais provavelmente teriam mudado τὸ ἀγαθόν para depois do particípio, ao invés de separá-los; outrossim, a evidência externa mais forte também apóia tal seqüência (p^{46,49vid} ℵ B D G 81 330 451 it vg sir (p) cop (sa ms,bo) gót ara etí). É mais difícil decidir se ἰδίαις é uma interpolação com base em I Cor. 4:12, ou se foi apagada como supérflua, ou se foi acidentalmente omitida na cópia (ΤΑΙCΙΔΙΑΙCΧΕΡCΙΝ). Com base principalmente na evidência externa (ℵ* A D G 81 104 it (d, (g), (86) sir (p) gót ara etí), a comissão preferiu a forma ταῖς ἰδίαις χερσίν, pois o uso não-clássico de ἰδίαις era comum no grego coloquial da época. Ao mesmo tempo, porém, em face da ausência de ἰδίαις de testemunhos antigos e notáveis como *P* (46,49,vid) B, ficou decidido deixar a palavra entre colchetes. A omissão ou de τὸ ἀγαθόν (cop (sa) Tertuliano) ou de ταῖς (ἰδίαις) χερσίν (P 33 1739 1881 Clemente Orígenes Espéculo) pode ter surgido da presumível incompatibilidade de τὸ ἀγαθόν com o trabalho *manual*.

4:28: Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tem necessidade.

Cada crente individual tem suas próprias fraquezas, que se expressam através de um ou mais pecados ou vícios. Paulo escreve aqui contra pecados comuns, que caracterizam os gentios incrédulos, pecados esses que não devem ter lugar na igreja de Cristo. O mais provável é que a igreja estivesse recebendo como membros pessoas que tinham vindo de classes criminosas, como ex-assaltantes, que roubavam como um meio da vida. Tais atividades, pois, deveriam ser agora substituídas por um labor honesto, e de natureza tal que sobrasse algo para ser distribuído para benefício de outros. Portanto, aquele que antes agia como parasita na sociedade, agora deveria dedicar-se a um trabalho honesto, para que pudesse ser benfeitor da sociedade, especialmente aos membros da igreja. Na verdade, a igreja cristã jamais foi uma espécie de clube exclusivo para os elementos respeitáveis da sociedade; antes, sempre foi um lugar onde indivíduos anteriormente corruptos tiveram um encontro com o Salvador, que os redimiu e restaurou.

Naturalmente, o «furto» não se limita ao ato de tomarmos ousadamente os bens alheios. Pode ser disfarçado com certa respeitabilidade. Por exemplo, aqueles que se recusam a contribuir para o trabalho de Deus, na realidade são ladrões. Aqueles que se mostram mesquinhos, jamais aliviando as necessidades alheias, furtam de homens menos afortunados aquilo que Deus gostaria que recebessem, naturalmente não como um «direito», e, sim, como atos de misericórdia e amor, os quais deveriam governar todas as nossas ações. Devemos observar, entretanto, que Paulo não recomenda aqui a preguiça, como se os crentes devessem propositadamente deixar de trabalhar, a fim de receberem presentes e doações dos outros. Pelo contrário, o apóstolo recomenda aqui, para os ex-ladrões e para todos os parasitas da sociedade, que *trabalhem*, porquanto isso é benéfico para a comunidade da igreja. Paulo não temia o trabalho manual, porque ele mesmo disse: «...nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos...» (I Cor. 4:12). E o trabalho também é honroso para todos os ministros da Palavra, não devendo eles hesitar em trabalhar ativamente, se as circunstâncias o requererem. (Ver Atos 18:3 e as notas expositivas ali existentes, acerca dessa questão).

O princípio do amor (comentado nos trechos de João 14:21 e 15:10), leva-nos além da simples questão de não tomar de um homem aquilo que lhe pertence legitimamente. Mas também requer que tenhamos o cuidado de considerar as suas necessidades, conferindo-lhe o que é necessário, mediante um esforço honesto. O judaísmo e o cristianismo primitivo davam forte ênfase ao dever de dar *esmolas*, o que sempre foi considerado um ato piedoso, necessariamente efetuado por um homem sério e religioso. (Quanto a notas expositivas sobre essa particularidade, ver Atos 3:2).

«...*o que é bom*...» Isso faz contraste com o «mal» do furto, indicando um «labor proveitoso», tanto para o que trabalha como para os outros. Longe de haver desonestidade, entre os crentes deveria haver «restituição»; e mais do que isso ainda, a saber, doações a outros, em necessidade, mesmo quando não haja qualquer dívida a ser paga. Paulo não menciona diretamente a questão da «restituição», mas isso fica subentendido pelo espírito deste versículo.

A preguiça e o ócio são terrenos férteis para o furto. O trabalho (ordenado no presente versículo) elimina isso. Não é bastante «não praticar o mal», porque também é mister «fazer o bem positivo», o que faz parte da ética comum cristã, porquanto saber fazer o bem e não fazê-lo, é pecar, no dizer de Tia. 4:17. Naturalmente este versículo reflete um dos dez mandamentos da lei mosaica. (Ver Êxo. 20:15).

Variante Textual: A despeito da simplicidade dessa declaração, ela tem sofrido várias modificações, como segue: 1. Os mss Aleph(1) ADG, a versão da Vulgata latina, o gótico e o aramaico dizem, antes das palavras «o que é bom», «...com as suas próprias mãos...» 2. O ms K e vários outros manuscritos de época relativamente tardia, e sem qualquer autoridade particular, dizem «...fazendo o bem com as suas próprias mãos...» 3. O ms L e a maioria dos manuscritos posteriores, incluindo os manuscritos minúsculos, como também as citações de Crisóstomo, Teófilo e Ocum, dizem «...fazendo o bem com as mãos...» 4. «...fazendo com as mãos o bem...» é a forma que aparece nos mss P(46), P(49) (vid), Aleph(4)B e os escritos dos pais da igreja Amiat e Ambros. Mui provavelmente essa é a forma correta, pois conta com o apoio da maioria das autoridades textuais antigas. Cumpre notar que as palavras «...suas próprias...» foram acrescentadas para efeito de ênfase, embora a maneira mais simples de dizer já diga isso. Se porventura a palavra «próprias» fizesse parte genuína do texto, não saberíamos explicar por que ela teria sido omitida, mas a sua adição, como leve glosa escribal, é perfeitamente compreensível. O trecho de I Cor. 4:12 diz «...trabalhando com as nossas próprias mãos...», e é possível que alguns escribas, lembrando-se do fraseado nesse trecho, tenham acrescentado a glosa que se acha na presente secção.

29 πᾶς λόγος σαπρὸς ἐκ τοῦ στόματος ὑμῶν μὴ ἐκπορευέσθω, ἀλλὰ εἴ τις ἀγαθὸς πρὸς οἰκοδομὴν τῆς χρείας, ἵνα δῷ χάριν τοῖς ἀκούουσιν.

29 πᾶς...ἐκπορευέσθω Eph 5.4; Col 3.8 δῷ... ἀκούουσιν Col 4.6

29 χρειας] πιστεως D*G *181* m vg$^{s,\ cl}$

4:29: Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que ministre graça aos que a ouvem.

«...*palavra torpe*...» é tradução do termo grego «sapros», que significa «podre», «decadente», usada para indicar peixe, carne ou vida vegetal estragados, ou seja, figuradamente, «mau», «corrupto», «imoral», dando a idéia de «torpeza».

«Costuma-se dizer que se pode conversar 'fiado'. Mas, será mesmo? Homero fala sobre 'palavras aladas'. Sim, as palavras voam como dardos. Podem ferir. O próprio Senhor Jesus disse: 'Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo' (Mat. 12:36)... A conversação cristã pode diferir profundamente daquilo que

ainda não foi tocado pela graça anunciada pelo evangelho. Não que os cristãos precisem falar sempre piamente, ou com demonstrações patentes de devoção. Alguém já disse que um dos sinais de um verdadeiro crente é que ele sabe ouvir. O crente sabe dar ouvidos a Deus, tal como os ímpios temem fazê-lo. Mas o crente também escuta ao seu irmão na fé. A verdadeira atenção implica em ausência de egoísmo. O 'tu' se torna importante, tanto quanto o perenemente presente 'eu'. Observemos as conversas numa roda de mundanos. Com freqüência isso não se reduz a um caos de monólogos voluntariosos? A sociedade ímpia é simbolizada pela dispersão das línguas, na torre de Babel. Trata-se de uma 'comunicação corrupta'».

«Cada encontro de um homem com seu próximo lhe apresenta uma ocasião de transmitir 'graça para aqueles que ouvem'. Isso pode exibir o amor cristão, um amor que se mostra paciente e gentil', que não insiste sobre seus próprios caminhos, que não se irrita e nem se ressente (ver I Cor. 13:4,5), mas que é bom para edificação, conforme se apresente a ocasião». (Wedel, *in loc.*).

«*...para edificação...*» (Quanto a notas expositivas sobre a «edificação cristã», ver Efé. 4:12). A vida inteira de um crente, incluindo suas ações e suas palavras, deveria visar a edificação e o benefício alheios. Literalmente traduzido, o original grego diria aqui «...para a edificação da necessidade...», o que significa «edificando conforme o exigido em cada caso necessário». Sim, em nossos contactos com outros homens, teremos oportunidade de observar muitos problemas, muitas situações onde os homens se vêem a braços com necessidades as mais diversas. Ora, nossas palavras com os homens devem ter o fito de ajudá-los, e não de desanimá-los ou de corrompê-los com conversas pervertidas.

«Literalmente, 'para edificação com respeito à necessidade', segundo a ocasião de necessidade dos que ouvem se apresentar, agora a censura e, noutra ocasião o consolo. Até mesmo as palavras que são boas em si mesmas devem ser ditas no tempo conveniente, a fim de que não venham a ser prejudiciais, ao invés de úteis (conforme Trench afirma). Não estão em foco generalidades vagas, que seriam apropriadas para um milheiro de outros casos, igualmente bons ou maus: nossas palavras deveriam ser quais pregos fincados em lugar seguro, palavras que se adaptam ao tempo presente da pessoa com quem falamos no presente...» (Faucett, *in loc.*).

«*...assim transmita graça...*» O vocábulo «*...graça...*» pode ter diversos significados nas páginas do N.T. (Uma lista desses significados é dada nas notas expositivas sobre Efé. 2:8). Quanto ao uso da palavra neste versículo, vários sentidos lhe têm sido conferidos pelos estudiosos, a saber:

1. Crisóstomo pensava que tal palavra indica que o ouvinte das palavras edificadoras se tornaria *grato*; porém, apesar de que isso realmente pode acontecer, essas palavras não têm tal significação neste ponto.

2. Outros pensam que está em foco aquilo que é *aceitável*; mas os discursos edificadores nem sempre são necessariamente aceitos pelos seus ouvintes.

3. Lutero preferia pensar no *discurso gracioso,* enfatizando a qualidade estética das boas conversas. É possível que isso faz parte do sentido geral, mas não é o pensamento central dessa frase.

4. Outros preferem pensar que há aqui um sentido *teológico,* tendente à administração da «graça», da salvação pela graça. Porém, esse uso é comum, e não apenas teológico.

5. O mais provável é que a conversa cristã correta confira uma *benção,* um «favor», algum «bem espiritual». Toda comunicação falada entre crentes deveria transmitir alguma forma de «benefício»; e tal benefício idealmente deveria satisfazer as necessidades do indivíduo, conforme a situação do momento. Assim sendo, poderia ser algum consolo, ou aviso, ou reprimenda, ou encorajamento ou correção—qualquer dentre os muitos benefícios possíveis, que tenha o efeito de «edificar» ao nosso interlocutor.

30 *καὶ μὴ λυπεῖτε τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον τοῦ θεοῦ, ἐν ᾧ ἐσφραγίσθητε εἰς ἡμέραν ἀπολυτρώσεως.*

30 *μὴ...θεοῦ* Is 63.10; 1 Th 5.19 *ἐν...ἀπολυτρώσεως* Eph 1.13–14 30 *μη λυπειτε*] *λυπειτε* (*indicat.*) $\mathfrak{p}^{46}$

4:30: E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.

«*...entristeçais...*» No original grego é «lupeo», que significa «doer-se», «lamentar-se», «afligir-se», «entristecer-se». O desprazer sentido pelo Espírito de Deus ante as ações humanas erradas é representado pela tristeza aflitiva que os seres humanos experimentam. Isso não quer dizer que Deus tem as mesmas formas de emoções que essas palavras expressam, mas sabemos que o Senhor se entristece ante nossas más ações, e usamos esses vocábulos para indicar esse fato. O Espírito que em nós habita e que está conosco (ver Efé. 2:21,22), portanto, é atingido por tristeza por causa de nossas más ações. A idéia aqui focalizada não é que o «espírito» de outra pessoa fica entristecido. Pois nossas muitíssimas más ações, prejudiciais para nós mesmos e para nossos semelhantes, são crimes contra nossa própria espiritualidade e contra o Espírito de Deus, que nos tornou seres espirituais. Os pecados contra a comunidade dos crentes, o corpo de Cristo, em última análise, são pecados contra o Espírito Santo, que habita nesse corpo e o sela. As emoções do tipo humano são aqui aplicadas ao Espírito de Deus—no dizer de Faucett (*in loc.*), «...uma tocante condescendência aos conceitos humanos...», o que subentende a sua «personalidade», o fato que ele é nosso amigo e nosso guia pessoal.

Ainda há outros termos que são empregados nas Escrituras para expressar como podemos ofender o Espírito de Deus. No trecho de I Tes. 5:19 é usado o termo «apagar». No original grego essa palavra é «sbennumi», que quer dizer «extinguir», «enrijecer», «apagar». Já no trecho de Atos 7:51 é usado o verbo «resistir» ao Espírito. Porém, o vocábulo usado no versículo que ora comentamos é o mais pessoal e apropriado, porquanto fala de nossas ações contrárias ao «Espírito em nós residente», a expressão do amor de Cristo em nós. O Espírito Santo está formando a imagem de Cristo em nós, incluindo a sua perfeita natureza moral. Maculamos essa imagem pelos nossos pecados contra o próximo, até mesmo com os pecados enumerados neste contexto, a saber, a ira, o furto, as palavras torpes, a amargura, o espírito sem amor, o ódio.

«*...o Espírito de Deus...*» Os revisores de nossa Bíblia em português (tradução AA) cometeram um equívoco aqui, talvez por descuido, porquanto todos os manuscritos dizem neste ponto «...o Santo Espírito de Deus...», em seu título completo, com a finalidade de «impressionar», porquanto é o próprio Deus, através de seu Santo Espírito, quem habita em nós e quem exige nossa transformação moral. Também é ele quem se sente ofendido e entristecido pelas nossas infrações. (Ver notas expositivas completas sobre o «Espírito Santo», onde se inclui uma lista de seus muitíssimos títulos, em Rom. 8:1).

«*...no qual fostes selados para o dia da redenção...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre a questão da «selagem», ver Efé. 1:13. Ver também os trechos de Rom. 4:11; II Tim. 2:19; II Cor. 1:22. Quanto aos vários tipos de «selos» antigos e seus respectivos usos, ver as notas expositivas em I Cor. 9:2).

«O próprio Espírito Santo é o selo. Dentro do simbolismo das Escrituras, um selo significa: 1. Uma transação terminada (ver Jer. 32:9,10; João 17:4 e 19:30). 2. Possessão (ver Jer. 32:11,12 e II Tim. 2:19). 3. Segurança (ver Est. 8:8; Dan. 6:17 e Efé. 4:30)». (Scofield, *in loc.*, em comentário sobre Efé. 1:13).

Além do que diz Scofield acima, cumpre-nos observar ainda os pontos seguintes, atinentes à questão em foco:

1. No texto presente, em acordo com o contexto geral, também é indicada a questão da nossa unidade uns com os outros. Quando ofendemos aos irmãos, ofendemos igualmente ao Espírito Santo, que nos selou formando um único corpo, conferindo-nos vitalidade e união com Cristo.

2. Outrossim, essas palavras fazem-nos lembrar do glorioso e elevadíssimo destino para o qual fomos selados; e isso, por sua vez, recorda-nos a nossa «obrigação» de viver santamente. Não há aqui qualquer ameaça de julgamento, e nem a tentativa de levar-nos a temer o «dia do juízo», porquanto isso não estaria em consonância com a confiança que o autor sagrado demonstra na restauração final de tudo em Cristo (ver Efé. 1:10), de conformidade com a vontade de Deus. Pelo contrário, compete que temamos ofender a Deus, o qual nos confere bênçãos espirituais indizivelmente gloriosas, bem como um destino de natureza incalculável. Aquelas interpretações que temem sobre a «possibilidade de queda» e sobre a «segurança eterna do crente», no concernente a este versículo, não são totalmente pertinentes, ainda que a «segurança eterna do crente» certamente esteja aqui em foco. Este versículo dá a entender, pelo menos, a permanência do «selo», até ao dia da redenção.

«*...o dia da redenção...*» O autor sagrado lança a vista para os mundos celestiais, onde a redenção presente será levada à plena fruição, quando então nos tornaremos a «plenitude de Cristo» (ver Efé. 1:23), quando receberemos também a «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), que é a própria substância e âmago da nossa redenção. O «...dia...» aqui referido, por conseguinte, é o dia eterno, porquanto não parece haver qualquer referência específica à «parousia» ou segundo advento de Cristo, que dará início àquele dia eterno. O trecho de Efé. 1:14 expressa o mesmo sentido, em termos gerais semelhantes ao do texto presente, onde as notas expositivas podem ser consultadas pelo leitor.

Está em foco a redenção em seu aspecto «completo e final», ainda que nenhuma obra de Deus venha jamais a estagnar-se, visto que a eternidade inteira será esfera onde receberemos contínua e crescentemente a plenitude de Deus, em proporção perenemente expansiva. Por conseguinte, a redenção ou salvação, em certo sentido, jamais chega ao fim, pois Deus é infinito e o recebimento de sua natureza e de seu bem-estar espiritual é um processo infinito. Porém, nisso é que consiste a verdadeira vida, pois toda e qualquer vida vem de Deus, move-se através de Deus e visa a pessoa de Deus, agora e para sempre. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «redenção», ver Rom. 3:24 e I Cor. 1:30 que abordam esse tema mais amplamente do que as notas abreviadas oferecidas aqui).

31 *πᾶσα πικρία καὶ θυμὸς καὶ ὀργὴ καὶ κραυγὴ καὶ βλασφημία ἀρθήτω ἀφ' ὑμῶν σὺν πάσῃ κακίᾳ.*

31 Col 3.8

4:31: Toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmia sejam tiradas dentre vós, bem como toda a malícia.

«*...longe de vós...*» No original grego encontramos «artheto», verbo no aoristo imperativo passivo, de «airo», que significa «tirar», «retirar», «renunciar», «levar». O aoristo dá idéia de uma ação feita de uma vez por todas. É como se Paulo houvesse escrito em português: «Que todas as manifestações pecaminosas abaixo sejam retiradas dentre vós de uma vez por todas...», para que nenhuma de tais transgressões caracterize a vida do crente. Pelo contrário, longe de promovermos a fuga do Espírito mediante nossos atos pecaminosos, devemos promover a fuga dos atos pecaminosos através do Espírito Santo.

«*...amargura...*» Essa palavra, que traduz o termo grego «pikria», aparece por três vezes nas páginas do N.T., a saber, aqui, em Atos 8:23 e

Rom. 3:14. Significa uma disposição dura, maliciosa, inclinada às contendas. Que todas essas disposições, que todas as manifestações dessa ordem, sejam retiradas dos crentes! Tal palavra, na linguagem diária, era empregada para indicar o «gosto amargo» que certas coisas têm ao nosso paladar. Muitas pessoas ficam «amarguradas» devido às experiências da vida, pela derrota, pelo ludibrio, pelo desapontamento, e vivem a manifestar formas de amargor e ressentimento, como uma espécie de autodefesa; mas não demora que tal atitude se torne parte permanente de seu caráter.

Aristóteles definia como *amargos* (utilizando-se do mesmo vocábulo grego que aqui aparece) aqueles que precisam de ser reconciliados. Existem pessoas que não acham meio de vencer, nas duras experiências da vida, e assim retêm sentimentos amargos de ressentimento, a ponto delas mesmas virem a ser descritas como «amargas». Tais pessoas apelam para a censura contra os outros, raramente dizendo uma palavra gentil acerca de quem quer que seja, por se terem tornado incapazes de reconhecer qualquer bem em outros. Toda a sua visão da vida foi distorcida e amargurada. Algumas dessas pessoas, especialmente aquelas de inclinações religiosas, fazem de seu espírito «censurador» uma virtude, pensando que fazem bem ao mundo por atacarem outras pessoas, supostamente em defesa de «causas justas». Tal atitude, entretanto, é apenas uma manifestação do amargor e do ódio que há em seus corações. Esse caráter jamais poderá reconciliar-se com o espírito de amor que é requerido de todos os crentes. De fato, tal caráter manifesta ódio, contradizendo tudo quanto é mencionado no versículo seguinte.

«*...cólera...*» é termo usado de maneira intercambiável com a palavra seguinte, «ira». Porém, visto que ela aqui é alistada separadamente daquela, provavelmente devemos entender aqui excitações temporárias de furor, «explosões» de ira, em contraste com a própria «ira», mais constante e permanente. A cólera é uma das manifestações do egoísmo, mediante o que o indivíduo iracundo «ataca» a seus semelhantes, quando não consegue as coisas a seu jeito, em qualquer situação. Tanto a cólera como a ira podem resultar do «espírito amargurado», mencionado previamente.

«*...ira...*» No grego é «orge», similar ao vocábulo usado no vigésimo sexto versículo deste capítulo, e também traduzido nesta versão portuguesa por «ira», e onde notas expositivas mais completas são oferecidas acerca dos males de uma disposição iracunda e suas manifestações, juntamente com várias citações de vultos iminentes, sobre a questão. Temos aqui um «ódio» profundamente arraigado, que resulta em explosões periódicas de «cólera». Pois é evidente que a cólera é uma forma de ódio, produzindo os mesmos resultados prejudiciais tanto para o indivíduo iracundo como para o objeto desse ódio. Devemos pensar aqui em um «ressentimento duradouro», em que um indivíduo não perdoa a outrem, tomando uma atitude diametralmente oposta da longanimidade e da bondade.

«*...gritaria...*» No grego é «*krauge*», que significa, literalmente, «clamor», «grito», mas que figuradamente era termo usado para indicar os acontecimentos e as condições lamentáveis, como, por exemplo, a «morte de Jesus» (ver I Efésios, Inácio, 19:1), a aflição da mulher no parto, etc. Mas, neste ponto, indica as «explosões de cólera», que geralmente se manifestam em gritos clamorosos. (Tal palavra é usada exclusivamente aqui, em todo o N.T., com esse sentido). Vê-se aqui o espírito iracundo dando vazão ao seu ódio e amargor. Pode-se imaginar a voz estrangulada e rançosa que difama e ataca a outros. Essa é uma das manifestações da carnalidade egoísta, que de forma alguma fica bem em um crente, que reivindica ser habitação do próprio Espírito de Deus.

«*...blasfêmias...*» Neste ponto não devemos pensar em «pregações» ou «declarações» heréticas, e sim, em termos gerais, «palavras injuriosas». Tal vocábulo é aqui usado para indicar as injúrias proferidas pelos homens contra Deus ou contra seus semelhantes, mas este último aspecto humano é especialmente frisado. Tais ataques podem ser francos e ousados, mas também podem ser feitos às escondidas, como no caso da maledicência. Estão indicadas todas aquelas coisas maldosas que alguns dizem contra outros, e que produzem resultados injuriosos, porquanto o seu intuito era maldoso, a fim de ferir a outrem. No dizer de Alford (*in loc.*), trata-se do «...solapamento insidioso da calúnia e da suspeita maligna». Não está em pauta a explosão apaixonada que caracteriza o pecado anterior, mas antes, um pecado contínuo, que talvez seja efetuado em calma aparente.

«*...malícia...*» No grego se encontra o vocábulo «*kakia*», que significa «maldade», «depravação», «iniqüidade», «vício», mas que tem aqui, particularmente, o sentido de «má vontade», «malignidade», «malícia». (Ver os trechos de Rom. 1:29 e Col. 3:8, onde listas similares de males são oferecidos pelo apóstolo; e também Tito 3:3; Tia. 1:21 e II Ped. 2:1). Um «espírito maligno» parece ser o significado deste versículo; e tal atitude tem muitas e variegadas manifestações, conforme se vê na lista que aqui termina. Talvez esse pecado deva ser considerado «raiz de todos os demais» (da lista anterior), conforme diz Vincent (*in loc.*). Isso expressa a própria essência do que é a natureza degenerada do «velho homem».

As Escrituras do N.T. apresentam diversas listas de vícios, o que também fazia parte comum e importante dos antigos ensinamentos éticos. (Ver outras listas de «vícios», no N.T., nos trechos de Rom. 1:29-31, os vícios dos pagãos; e Gál. 5:19-21. Quanto ao uso de listas de vícios no ensinamento moral, ver as notas expositivas sobre I Cor. 5:10,11; Gál. 5:19 e ss., que apresentam as «obras da carne», o oposto exato dos vários aspectos do «fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22,23).

32 γίνεσθε [δὲ] εἰς ἀλλήλους χρηστοί, εὔσπλαγχνοι, χαριζόμενοι ἑαυτοῖς καθὼς καὶ ὁ θεὸς ἐν Χριστῷ ἐχαρίσατο ὑμῖν[4].

[4] **32** [B] ὑμῖν $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ A G P 81 326 330 614 629 2127 2492 it^{ar,c,d,dem,e,f,g,ryon,t,x} vg^{cl} cop^{sa,bo} goth eth Clement Tertullian Origen^{lat} Ambrosiaster Victorinus-Rome Chrysostom$^{2/3}$ Pelagius Jerome Euthalius John-Damascus // ὑμῶν 451 // ἡμῖν $\mathfrak{p}^{49vid}$ B D^{gr} K Ψ 33 88 104 181 436 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2495 *Byz Lect* it^{z} vg^{ww} syr^{p,h} cop$^{bo^{mss}}$ arm Origen Chrysostom$^{1/}$ Augustine Theodoret Ps-Jerome Cassiodorus John-Damascus Theophylact // ἡμᾶς 1311

32 Col3.12-13 χαριζόμενοι...ὑμῖν Mt 6.14; 18.22-35 **32** δε ℵA *pm* lat ς; R] *ουν* **D*G**: *om* $\mathfrak{p}^{46,49}$**B** *1739 al* Cl |

À luz da primeira porção da sentença, a forma ὑμῖν, que é adequadamente apoiada por $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ A G P 81 614 maioria do Latim Antigo cop (sa,bo) gót etí *al*, parece ser exigida pelo sentido. A origem da forma ἡμῖν ($\mathfrak{p}^{49vid}$ B D^{gr} K Ψ 33 1739 sir (p,h) ara *al*) pode ter sido um acidente, através da confusão que surgiu da pronúncia similar de υ e η no grego posterior. Ver também os comentários sobre as duas séries seguintes de variantes.

4:32: Antes sede bondosos uns para com os outros, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.

A palavra «*...benignos...*» é tradução do vocábulo grego «chrestos», que significa «gentil», «bondoso», «útil», «amoroso», «benévolo», e que em sua forma substantivada significa «gentileza». Tal vocábulo é usado para indicar uma das qualidades de Deus, em Luc. 6:35, o qual é «bondoso», para com os ingratos e maus, para não mencionarmos as suas atitudes e ações para com os homens bons. A bondade (forma substantivada da palavra deste texto), é um dos aspectos do fruto do Espírito, conforme a lista de Gál. 5:22,23, onde essa palavra é comentada mais amplamente.

«*...compassivos...*» No original grego temos a palavra «eusplagchnos», que significa «de coração terno», palavra usada para referir-se às «entranhas», às «vísceras intestinais», mas também ao coração, aos pulmões e outros órgãos vitais, e que era usada como figura simbólica de nossa «natureza íntima e emocional», o que talvez se tenha originado da observação de como as nossas emoções afetam os intestinos e outros órgãos internos. Esses órgãos internos eram considerados pelos povos antigos como a «sede das emoções». Essa palavra era usada por muitas vezes mais ou menos como empregamos o termo «coração». A adição do termo «eu», no início dessa palavra grega (e que significa «bom» ou «bem»), faz com que ela indique as boas condições físicas em que se encontra alguém. Hipócrates utilizou-se desse vocábulo para indicar alguém dotado de «intestinos saudáveis», ou, figuradamente, para indicar «firmeza de coração», «coragem», ou «bondade de coração», além de «compaixão», que mui provavelmente é o sentido aqui tencionado. (Comparar com Col. 3:2, onde se encontra no grego a idéia de «vísceras de misericórdia», ou «coração misericordioso», conforme aquele versículo pode ser traduzido. Comparar também com a idéia de «bondade» ou «gentileza», como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, em Gál. 5:22,23, que lhe é passagem paralela).

«*...perdoando-vos uns aos outros...*» Neste ponto encontramos a grande exigência cristã da fraternidade, do espírito perdoador entre os crentes. Isso dá a entender que entre os crentes se cometerão ofensas reais uns contra os outros, e que muito terão eles de suportar uns dos outros. Não devemos pensar que tais falhas são imaginárias. (Com isso se pode comparar o trecho de Efé. 4:2, onde se lê: «...suportando vós uns aos outros em amor»). Essa é a atitude que Paulo recomenda também no presente versículo.

«O homem de *alma grande*, no conceito de Aristóteles, seria aquele capaz de suportar insultos sem revidar. A grandeza de caráter pode significar precisamente essa atitude de ignorar a pequenez da malícia. Júlio César, um gigante entre pigmeus, produziu espanto entre seus contemporâneos, em mais de uma cena em que 'perdoou' os seus inimigos. Contudo, não o motivava um verdadeiro perdão. A virtude daquele pagão se derivava de um motivo totalmente diferente daquele que é produzido pelo amor cristão. Derivava-se do motivo de orgulho. De fato, o orgulho pode rivalizar-se, em seus efeitos externos, a muitos sinais do caráter cristão». (Wedel, *in loc.*).

Esta passagem, que nos recomenda perdoarmo-nos uns aos outros, pode ser confrontada com a atitude do Senhor Jesus, historiada em Mat. 6:12-15. Ali o Senhor ensina-nos que o perdão mútuo é condição do perdão divino para nossas ofensas. E isso expressa uma verdade, porque ninguém pode realmente estar convertido, e, portanto, haver sido perdoado por Deus, se se nega a perdoar aos outros. Tal indivíduo permaneceria antes em seu estado inconverso, pois o amor de Deus não terá deixado qualquer efeito duradouro sobre ele. (Ver os trechos de II Cor. 2:7,10 e 12:13, quanto a outras ordens paulinas que nos recomendam o perdão ao próximo).

«*...como também Deus, em Cristo, vos perdoou...*» (Quanto à doutrina neotestamentária do «perdão de pecados», ver Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:7, bem como as notas expositivas ali existentes). Esse perdão nos foi outorgado «...em Cristo...», ou seja, em virtude de nossa identificação e comunhão mística com ele, mediante a «expiação» em seu sangue (ver notas expositivas em Rom. 5:11). Por essa razão é que somos «aceitos no Amado» (ver Efé. 1:6); e é através dele que fluem até nós todas as bênçãos espirituais que recebemos (ver Efé. 1:7 e as notas expositivas a respeito, quanto ao «perdão dos pecados», devido às riquezas da graça de Deus, em Cristo).

O exemplo supremo de amor nos foi dado por Cristo Jesus; e o perdão que recebemos da parte de Deus, por intermédio de Cristo, é destacado como o padrão que nos compete seguir em nossas relações com o próximo. Não nos devemos esquecer que muito nos foi perdoado, e que, por isso mesmo, muito devemos perdoar. Ninguém jamais pecou contra nós de forma comparável com a maneira como temos pecado contra Deus e seu Ungido. Portanto, Paulo argumenta aqui da razão maior para a menor. A razão maior é Deus, quando ele nos perdoa; a razão menor somos nós, quando perdoamos a outros. (Comparar isso com o que diz o trecho de II Cor. 5:19: «...Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação»). A passagem de Col. 3:13 é um paralelo direto deste versículo da epístola aos Efésios, porquanto também baseia nosso dever de perdoarmos aos outros sobre o perdão com que Cristo nos agraciou, idêntico ao perdão conferido por Deus Pai. O perdão que Deus outorga aos homens não serve apenas de «exemplo», mas igualmente de «razão necessária» pela qual nos convém perdoar aos nossos ofensores.

Deus nos «...*perdoou*...», e nesse verbo, segundo o original grego, devemos notar o aoristo, dando a entender um ato definido, que foi efetuado na pessoa de Cristo, mediante o qual Deus nos outorgou um perdão válido e perfeito. Por conseguinte, devemos «perdoar e esquecer», sem guardar qualquer ressentimento e sem qualquer tentativa de vingança contra os nossos ofensores.

«Os injustos e maldosos sempre serão dignos de comiseração, afinal de contas; e podemo-nos dar ao luxo de perdoar e de sentir compaixão por aquele que pode ser curado, refreando a nossa própria indignação, não nos deixando arrastar pela paixão como se fôssemos mulheres, e nem nutrindo maus sentimentos. Porém, sobre aqueles que são incapazes de reformar-se, pois são inteiramente maus, as taças de nossa ira deveriam ser derramadas. Por isso é que digo que homens bons devem, de conformidade com as exigências da ocasião, ser gentis ou apaixonados». (Platão, *Leis*, V, 731).

Capítulo 5

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas da elevada doutrina constante na primeira secção* (cap. 1-3)- (Efé. 4:1- 6:24)

3. Terceira exortação: ao amor e à pureza, como filhos da luz que somos, louvando ao Senhor e sendo úteis ao reino celestial (5:1-20).

«'Temos aqui' um parágrafo governado pela idéia geral da imitação de Deus, mediante o amor perdoador, mencionado por Paulo no versículo anterior. À luz daquele exemplo divino, o apóstolo recomenda a seus leitores que sigam a pureza, ao altruísmo, a sobriedade e outras virtudes, evitando todos os vícios e indulgências do paganismo, contrários a essas virtudes». (Salmond *in loc.*).

Este quinto capítulo dá prosseguimento, expande e reforça o último versículo do quarto capítulo. Naquele último versículo vemos o perdão pleno e livre que Deus nos conferiu em Cristo Jesus. Aqui temos a descrição do amor universal de Deus, que é o Pai, expresso pelo amor de Cristo, o qual se deu a si mesmo por nós, e mediante o que nos foi dado o perdão das ofensas. Portanto, o amor de Cristo é um amor que vai ao sacrifício, à redenção. Ora, essa é a modalidade de amor que nos convém imitar. Tal amor se expressará em nossas relações para com Deus Pai, de tal modo que procuraremos compartilhar de seu amor e de sua natureza santa. E então, na qualidade de membros da família divina, sentir-nos-emos ansiosos por deixar de lado todos os remanescentes da vida antiga, que nos identificava com os pagãos ou incrédulos.

«Desta exortação emergem quatro princípios distintos, que estão à base dos conceitos do apóstolo Paulo sobre nossa vida e conduta: 1. Em primeiro lugar, há a verdade fundamental da 'paternidade de Deus'. Escreve ele: 'Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados...' E em Efé. 4:24 diz ele: '...vos revistais do novo homem, criado segundo Deus...' 2. Também há a solidariedade da humanidade, em Cristo, o que fornece ao apóstolo uma poderosa alavanca para elevar os padrões éticos de seus leitores. O pensamento de que somos membros uns dos outros proíbe-nos o ludíbrio (ver o segundo vers.). 3. Outras das idéias dominantes do apóstolo Paulo, e que jaz na base dos princípios éticos do cristianismo, é o seu conceito do destino futuro do homem. O apóstolo adverte aos seus leitores que não entristeçam ao Espírito Santo, por terem sido por ele selados para o dia da redenção! E declara que os impuros e cobiçosos não terão herança no reino de Cristo e de Deus (ver Efé. 4:30 e 5:5). 4. Finalmente, a expiação feita na cruz estampa o seu próprio caráter e espírito sobre a ética cristã inteira...O fato que Cristo se deu a si mesmo, como 'oferta e sacrifício a Deus' —ou, conforme é dito noutro lugar, deu-se a si mesmo 'por nossos pecados', lança tremenda luz sobre a natureza da transgressão humana (ver o segundo versículo e Gál. 1:4)». (Findlay, *in loc.*).

5 γίνεσθε οὖν μιμηταὶ τοῦ θεοῦ, ὡς τέκνα ἀγαπητά, 1 Mt 5.48

5:1: Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados;

(Quanto a uma nota expositiva detalhada sobre «a força do exemplo», ver I Cor. 11:1. Naquele versículo somos exortados a seguir o exemplo de Cristo, conforme era visto na vida de Paulo, um de seus mais íntimos seguidores). A forma verbal, «mimeomai» (derivada de «mimetes», que significa «seguidor» ou «imitador»), significa «emular», «seguir», «copiar». (Quanto a outros versículos que destacam a necessidade de seguirmos a Cristo, imitando Paulo e a outros, seus seguidores mais íntimos, ver os trechos de I Cor. 4:16; Fil. 3:17; I Tes. 1:16; Heb. 6:12 e I Ped. 3:13).

Como Se Pode Imitar A Deus?

1. Somente aqui é usada essa expressão, embora a idéia de imitarmos Cristo seja comum. Paulo também convidou a outros para que o imitassem, porquanto era representante de Jesus Cristo (ver I Cor. 4:16; 11:1; Fil. 3:17; Heb. 6:12 e 12:2).

2. A idéia de imitarmos a Deus contém os seguintes elementos:

a. Imitemos o seu exemplo moral, cumprindo suas exigências quanto à santidade (ver Mat. 5:48). Quanto mais buscarmos a santidade, tanto mais imitaremos a Deus em sua natureza moral.

b. Busquemos também suas virtudes espirituais positivas, através do Espírito (ver Gál. 5:22,23). Assim avançaremos espiritualmente.

c. Procuremos viver a lei do amor, pois Deus é, supremamente, amor. O amor é a prova da espiritualidade, e o amor é implantado em nós quando do novo nascimento (ver I João 4:7). Deus amou de tal maneira, que deu o melhor que tinha (ver João 3:16). Se amarmos ao próximo, dando o melhor do que possuímos, então estaremos sendo imitadores de Deus.

d. Imitemos a Deus mediante a afinidade com sua própria natureza. Conforme vamos sendo transformados segundo a imagem do Filho, vamo-nos tornando filhos a ele semelhantes. Compartilhando em algo de sua natureza e de seus atributos, naturalmente o imitaremos (ver Efé. 3:19).

e. É o Espírito quem nos capacita a imitarmos o Pai. Permitamo-lo em suas operações em nós. Vivamos de acordo com a lei do Espírito (ver Rom. 8:2), e permitamos que ele nos transforme (ver II Cor. 3:18).

f. O Filho de Deus é nosso supremo exemplo. Se imitarmos o Filho, automaticamente imitaremos o Pai. (Ver Heb. 12:2 e I Cor. 11:1).

«...*filhos*...» No original grego temos a palavra «tekna». Esse termo ordinariamente significa filhos por «geração», em contraste com os filhos por «adoção». Portanto, estão em foco filhos da mesma natureza de seu progenitor. Não obstante, no grego «koiné» em que foi escrito o N.T., nem sempre se observa rigidamente a distinção entre os termos gregos «unios» e «teknon». (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Rom. 8:14). O trecho de João 1:12 (qui vide) também emprega o vocábulo grego «teknon», onde se lê que recebemos o poder de nos tornarmos «filhos», participantes da natureza do Pai, e isso mediante a fé em Cristo, a saber, nossa «entrega de alma» aos seus braços.

«...*amados*...» (Essa palavra pode ser confrontada com Efé. 1:4, onde se aprende que fomos predestinados a receber as bênçãos celestes «em amor». Por igual modo, fomos aceitos «no Amado», que é Cristo, a fim de sermos amados como ele é amado, o que é igualmente afirmado em João 17:23. Ora, isso concorda com a motivação inteira do evangelho, que diz «...Deus amou o mundo de tal maneira...» (João 3:16), e que «...Deus recomenda o seu amor para conosco...», pelo fato que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (ver Rom. 5:8). (Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor», ver João 3:16; 14:21; 15:10; Gál. 5:22, onde também são oferecidos poemas ilustrativos).

«Imitadores de Deus! A idéia é grandiosa e enobrecedora; e o próprio Senhor Jesus nos apresenta essa idéia, e sob idêntico aspecto, quando diz: 'Portanto, sede vós perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste'. E isso porque «...ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos». (Mat. 5:45,48). Por essa razão também é que devemos amar aos nossos inimigos».(Abbott, in loc.), o qual, dessa maneira, ligou a idéia de «imitação» à idéia de «perdão», esta última necessidade exigida em Mat. 4:32. Contudo, embora exista realmente tal conexão de idéias, não podemos limitar essa conexão somente a esse aspecto da necessidade de perdoarmos aos outros.

«A filiação infere a necessidade de 'imitação' (pois o amor nos impulsiona instintivamente a isso), sendo inútil alguém assumir o título de 'filho', se não se assemelha ao Pai». (Faucett, *in loc.*).

«É natural que os filhos imitem aos seus pais; o alvo constante deles é aprender de seus progenitores, copiando-os em todas as coisas...Portanto, se somos filhos de Deus, demonstremos esse amor a nosso Pai celeste, e imitemos todas as suas perfeições morais, adquirindo a atitude mental que havia em Jesus». (Adam Clarke, *in loc.*).

«...em atos de retidão e santidade, e, particularmente, em atos de misericórdia, bondade e beneficência, como quando perdoamos injúrias e ofensas...» (John Gill, *in loc.*).

«Isso reveste de grande honra a religiosidade prática, ou seja, a imitação de Deus. Os crentes deveriam assemelhar-se a ele sobretudo em seu amor e

em sua bondade perdoadora». (Matthew Henry, *in loc.*).

Há três coisas que um pai deve a seus filhos: exemplo...exemplo...exemplo...

2 *καὶ περιπατεῖτε ἐν ἀγάπῃ, καθὼς καὶ ὁ Χριστὸς ἠγάπησεν ἡμᾶς*[1] *καὶ παρέδωκεν ἑαυτὸν ὑπὲρ ἡμῶν προσφορὰν*[2] *καὶ θυσίαν τῷ θεῷ εἰς ὀσμὴν εὐωδίας.*

[1] **2** {C} *ἡμᾶς* $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ^{c} D G K Ψ 33 88 104 181 330 436 451 614 629 630 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{a,d,dem,e,g,t,x,z} vg syr^{p,h} goth arm Clement$^{1/2}$ Aphraates Ambrosiaster Basil Chrysostom Jerome Theodoret Ps-Jerome John-Damascus // *ὑμᾶς* ℵ* A B P 0159 81 326 1241 *l*^{597} it^{ar,f,m,mon} cop^{sa,bo} eth Clement$^{1/2}$ Victorinus-Rome Pelagius Augustine Euthalius Cassiodorus John-Damascus Theophylact

[2] **2** {B} *ὑπὲρ ἡμῶν προσφορὰν* $\mathfrak{p}^{46,49}$ (ℵ *transposes*: *ὑπὲρ ἡμῶν θυσίαν καὶ προσφορὰν*) A (D 1984 1985 *transpose*: *προσφορὰν ὑπὲρ ἡμῶν*) G K P Ψ 0159 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1739 1877 1881 1962 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{ar,e,d,dem,e,f,g,t,x,z} vg syr^{p,h} goth arm Clement Origen Aphraates Ambrosiaster Basil Chrysostom Jerome Theodoret John-Damascus // *ὑπὲρ ὑμῶν προσφορὰν* B it^{m,mon} cop^{sa,bo} eth Origen Ambrosiaster Victorinus-Rome Augustine John-Damascus // *ὑπὲρ ἡμῶν ἐν φθορᾷ* 1241

2 *περιπατεῖτε ἐν ἀγάπῃ* Ro 14.15 *ὁ Χριστὸς...ἡμῶν* Ga 2.20 *προσφορὰν ...θεῷ* Ps 40.6; He 10.10 *εἰς ὀσμὴν εὐωδίας* Ex 29.18; Eze 20.41

5. 2 *υμας* ℵAB *al f m*; R] *ημ-* $\mathfrak{p}^{46}$DG *pm* lat sy Cl^{pt} ς |

[1] A evidência externa em apoio às duas formas é bem equilibrada (*ἡμᾶς* $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ^{c} D G K Ψ 33 614 1739 614 1739 it (pt) vg sir (p,h) gót ara; *ὑμᾶς* ℵ* A B P 81 it (pt) cop (sa,bo) etí *al*), com leve preponderância de peso favorecendo *ἡμᾶς*. Já que a série seguinte de variantes parece exigir a adoção da forma *ἡμῶν*, a maioria da comissão sentiu que a uniformidade do pronome pessoal, em duas cláusulas sucessivas, unidas por *καί* é indispensável, pelo que preferiu *ἡμᾶς*. Ver também os comentários sobre 4:32.

[2] Em comparação com a evidência externa em apoio a *ὑμῶν* (B 31 69 442 462 547 it (86) cop (sa,bo) etí Espéculo *al*), a forma *ἡμῶν* é muito mais fortemente apoiada ($\mathfrak{p}^{46,49}$ ℵ A D F G K L P Ψ 33 81 614 1739 it (d,g,61) vg sir «p,h) gót ara *al*). A forma *ὑπὲρ ἡμῶν ἐν φθορᾷ* (1241) resulta de curioso erro de transcrição. Ver também os comentários sobre as duas séries anteriores de variantes.

5:2: e andai em amar, como Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.

«...*andai*...» Uma vez mais é usada a metáfora do ato de «andar», o que indica a conduta geral na vida, as ações habituais, o avanço espiritual. Trata-se de uma expressão simbólica geral, de uso freqüente na literatura sagrada e profana. Nesta epístola essa expressão se encontra nos seguintes lugares: Efé. 2:10; 4:1,17; 5:2,8,15. (Nessas referências são apresentadas outras notas expositivas, bem como alusões a outros trechos do N.T. onde a metáfora também é empregada. Quanto a essa questão, ver igualmente o trecho de Gál. 5:16,25).

«...*como também Cristo vos amou*...» Sim, Deus amou ao mundo de tal maneira que «deu» o seu próprio Filho; e Jesus Cristo nos amou de tal modo que se deu a si mesmo—e esses são os dois exemplos máximos, as ilustrações mais profundas do amor. (Ver Gál. 1:4, onde se aprende que Cristo se deu a si mesmo «pelos nossos pecados», o que indica que a expiação está em foco—com notas expositivas em Rom. 5:11). Na passagem de Rom. 5:8 o «amor de Deus» é caracterizado como aquele que deu a Cristo, para morrer pelos nossos pecados. As palavras «oferta e sacrifício» aludem à expiação na cruz. (Quanto a notas expositivas completas acerca do que «a cruz» significa para toda a criação, onde muitas particularidades são alistadas, ver Gál. 3:13. Quanto à «cruz como um exemplo», ver Gál. 5:11).

«Nenhum homem pode seguir ao exemplo de Cristo exceto aquele que, pela fé, se encontrou com Cristo como seu Mediador e Remidor, e que, por sua graça salvadora, fica armado de poder para dar início à peregrinação que segue o seu exemplo». (H. Martensen, *Christian Ethics*, págs. 293-294).

«A ética do amor cristão, conforme o N.T. a entende, resulta de uma história de amor. O principal ator dessa história foi Deus, e não o homem...O amante procura conquistar sua amada, e em retorno é amado por ela. Tal reação é espontânea. E essa reação é uma analogia da reação do crente ante o dom do amor de Jesus Cristo, o qual nos amou e se deu a si mesmo por nós. Dessa maneira, foi iniciada uma ética nova, não mais alicerçada sobre a lei, mas sobre a graça. Referindo-se ao versículo anterior, isso se dá em 'imitação' à ética de Deus. 'Nisto consiste o amor', repete João o pensamento do nosso próprio texto, em seu sumário clássico acerca do evangelho neotestamentário, 'não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu filho como propiciação pelos nossos pecados' (I João 4:10), como também enviou 'o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele' (I João 4:9)». (Wedel, *in loc.*).

«O pensamento da imitação de Deus é introduzido aqui em relação ao apelo em prol de um espírito perdoador. Compete-nos perdoar como Deus nos perdoou em Cristo. Mas o escritor sagrado reconheceu que o perdão é tão-somente um dos aspectos da manifestação ao amor; e agora amplia sua exortação, recomendando-nos 'andar em amor', para que façamos do amor o princípio orientador de toda a nossa vida. O escopo e a qualidade do amor, portanto, são ilustrados pelo exemplo de Cristo, o qual nos amou e se deu a si mesmo por nós». (Beare, *in loc.*).

«...*se entregou*...» Essa declaração se alicerça na figura de um conflito, onde os inimigos se acumulam sobre um herói caído, cheio de coragem nobre e de amor, que contende para proteger...E essa referência também se encontra na definição mais íntima que se segue, 'oferta e sacrifício'». (Braune, *in loc.*).

«...*e se entregou a si mesmo*...» Essas palavras subentendem a morte por crucificação, que é muito comum nos escritos de Paulo. (Ver Rom. 4:25; 8:32; Gál. 2:20 e Efé. 5:25).

«...*por nós*...», isto é, «por nossa causa» ou «em nosso benefício». Na verdade, o termo grego «uper», aqui usado e traduzido pela palavra «por», pode ter a idéia de «anti», que indica substituição. Não obstante, tal conceito não parece estar em foco aqui, ainda que tal idéia seja inerente em II Cor. 5:21, onde se lê: «...ele o fez pecado por nós...» (As notas expositivas sobre Rom. 5:11 explicam as várias teorias que têm surgido sobre a «expiação»).

«...*oferta e sacrifício*...» «...oferta...» (no original grego, «prosphora»), talvez se refira aos sacrifícios «incruentos» do A.T., como a oferta de produtos da colheita, etc. E a palavra «...sacrifício...» (no original grego, «thusia»), talvez se refira aos sacrifícios «cruentos», isto é, onde há derramamento de sangue, embora nem sempre tal distinção seja observada, como se vê em Heb. 10:10,14, em comparação com Heb. 10:12,26. Quando o Senhor Jesus ofereceu-se a si mesmo, cumpriu tudo quanto o sistema de sacrifícios legítimos simbolizava. Ele se deu a si mesmo como oferta, e a sua morte se tornou um sacrifício. Dessa maneira se cumpriu a «propiciação». (Quanto a notas expositivas sobre a «propiciação», ver Rom. 3:25).

«...*em aroma suave*...» Expressão tirada por empréstimo da terminologia do A.T., no tocante às ofertas, mormente as ofertas queimadas (ver Lev. 1:9,13,17; 2:12 e 3:15, em confronto com Gên. 8:21 e Fil. 4:18). E isso fala sobre o caráter «aceitável» da oferta de Cristo, o que trouxe resultados agradáveis tanto para os homens como para Deus. As ofertas de aroma suave, no A.T., tipificavam o Filho de Deus encarnado, em suas perfeições, em sua devoção a Deus Pai e aos homens, bem como na aceitabilidade de seu sacrifício. Essa frase é usada para indicar as ofertas expiatórias, em Lev. 4:31. No presente texto, no dizer de Beare (*in loc.*), essa expressão é usada para «...expressar a beleza de um sacrifício que nada nega, mas dá tudo, até a própria vida, a Deus, como tributo de devoção absoluta. (Comparar com Rom. 12:1)».

Por tua graça, Deus, acolhes,
Almas tementes e aflitas.
A escalada tu não tolhes,
E chegaremos perto de ti.
Pois é descendo que se sobe
E foi morrendo que eu vivi.
(Hino de João M. Bentes, Amazonas, 1932 -).

O uso original dessa expressão, *aroma suave*, refletia o conceito pagão que o aroma das ofertas queimadas literalmente ascendia até à habitação dos deuses, os quais se sentiam agradados, e assim participavam, com os adoradores, dos festivais sagrados. (Ver Homero, *Ilíada* xxiv. 69,70). No presente texto, Cristo Jesus, em seu amor expiatório, aparece como quem foi aceito por Deus Pai, tendo-o agradado com o cumprimento supremo de sua missão remidora. Nada é dito, no texto à nossa frente, acerca do sentido exato da «expiação», mas tão-somente que a mesma foi efetuada em amor, tendo sido aceita por Deus, em nosso benefício. (Comparar com Fil. 4:18, onde o apóstolo dos gentios se refere à oferta em dinheiro enviada a ele pelos crentes filipenses, como algo que era um «...aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus»). Essa é a idéia expressa neste versículo, no que diz respeito à oferta do corpo de Cristo.

3 *πορνεία δὲ καὶ ἀκαθαρσία πᾶσα ἢ πλεονεξία μηδὲ ὀνομαζέσθω ἐν ὑμῖν, καθὼς πρέπει ἁγίοις,* **3** Col 3.5

5:3: Mas a prostituição, e toda sorte de impureza ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém a santos,

Paulo continua a enfatizar aqui a grande diferença que deve haver entre a moralidade cristã e a moralidade pagã, sobretudo à luz do fato que os crentes pertencem à família divina, sendo representante da *luz*, e não das *trevas* (ver o oitavo versículo). E é perfeitamente possível, observando-se a severidade daquelas asseverações, que alguns daqueles para quem Paulo

escrevia não apenas toleravam os tipos de pecados mencionados aqui, especialmente várias formas de imoralidade sexual, mas até mesmo os defendiam, alicerçados sobre o princípio gnóstico que o pecado é próprio do corpo, por não poder este último ser redimido, ainda que o espírito não se macule com os pecados do corpo, ficando livre dos mesmos somente por ocasião da morte física. Assim diziam os gnósticos. E entre eles havia aqueles que afirmavam que o que sucede ao corpo é matéria indiferente, posto que o corpo é a sede do princípio do pecado, conforme ele se manifeste neste mundo, fazendo parte da matéria crassa, que não pode ser salva. Esse foi um dualismo doentio que afetou a muitos cristãos primitivos. Na verdade, o N.T. nunca chama o corpo de pecaminoso por si mesmo, nem o reputa sede do princípio do pecado, embora saliente o quão facilmente o corpo pode ser usado pelo princípio do pecado. Assim é que o sexto capítulo da epístola aos Romanos e o trecho de Rom. 12:1 mostram-nos que o próprio «corpo», embora também se preste para ser instrumento do pecado, deve ser totalmente entregue em submissão completa e em sacrifício a Cristo, a fim de que seja purificado, para que se torne instrumento santo nas mãos de Deus, ao invés de ficar poluído como vítima do princípio do «pecado-morte». Foram perversões tão profundas como aquelas que havia entre os pagãos e entre muitos gnósticos que se faziam cristãos que levou Paulo a usar de termos tão fortes, conforme se vê no texto presente. (Quanto a notas expositivas sobre o «gnosticismo», ver o trecho de Col. 2:18).

«...*impudicícia*...» No grego é «porneia», palavra derivada de «porne», que significa «prostituta». Portanto, aqui temos um termo que indica a conduta característica das prostitutas. Do ponto de vista etimológico, a palavra «fornicação» é mais parecida com o termo grego aqui usado do que o é a palavra usada em nossa versão portuguesa. Contudo, na linguagem moderna, «fornicação» usualmente se limita a pecados sexuais de pessoas não-casadas. No grego, todavia, o termo é usado em sentido bem lato, indicando «imoralidade» de qualquer espécie, incluindo paixões desnaturais e ações sexuais ilícitas, como o adultério. Nos trechos de Mat. 5:32 e 19:9, essa palavra é usada para indicar a infidelidade conjugal de mulheres. Figuradamente, tal vocábulo é usado para indicar a «idolatria», que envolve infidelidade religiosa a Deus, cometida por pessoas reputadas como ligadas a ele pelos laços matrimoniais. (Ver Osé. 6:10 e Jer. 3:2,9).

Os pecados sexuais antes do casamento eram considerados de pouca ou nenhuma conseqüência nas sociedades pagãs, tal como sucede hoje em dia na maioria dos países, ao passo que o adultério (relações sexuais ilícitas de pessoas casadas) era usualmente condenado, embora mesmo assim fosse largamente praticado. As religiões pagãs incorporavam a prostituição religiosa. Em Corinto havia mais de mil prostitutas religiosas profissionais, que serviam aos turistas, e o dinheiro por elas recebido era usado para a expansão do culto religioso pagão. O termo grego «porneia» é usado por vinte e seis vezes nas páginas do N.T., onze vezes das quais nos escritos de Paulo. (Ver I Cor. 5:1 quanto a outras explicações sobre essa palavra; ver também I Cor. 6:13,18 e 7:2). Esse termo é usado em Col. 3:5, a passagem paralela deste texto. (Quanto a todos os paralelos entre as epístolas aos Efésios e aos Colossenses, ver as notas expositivas sobre Efé. 1:1).

«...*toda sorte de impurezas*...» O termo grego aqui traduzido é «akatharsia», que já figurou em Efé. 4:19, onde foi comentado. Tal palavra é empregada por dez vezes nas páginas do N.T., nos escritos paulinos, a saber, em Rom. 1:24; 6:19; II Cor. 12:21; Gál. 5:19; Col. 3:5; I Tes. 2:3 e 4:7. A despeito de não estar necessariamente limitado aos pecados sexuais, visto que indicava até mesmo a impureza religiosa cerimonial, provocada por infrações contra a lei mosaica, como o ato de tocar em um cadáver, etc., é bem provável que tal vocábulo indique diversas perversões de natureza sexual, dentro do contexto das epístolas aos Efésios e aos Colossenses, onde tal vício é alistado juntamente com outras palavras que têm essa mesma significação geral. Estão aqui focalizados os desejos desnaturais, a homossexualidade e qualquer coisa de natureza sexual que possa contaminar o crente. Por esse motivo é que Paulo se referiu aqui a «...toda sorte de impurezas...».

«...*ou cobiça*...» (Comparar com Efé. 4:19, onde esse pecado também antecede a palavra «impureza», embora em nossa versão portuguesa, ao invés de «cobiça» tenhamos «avidez». Tal palavra é comentada naquela referência). Alguns eruditos acreditam que, neste contexto, tal palavra realmente significa «adultério», que é uma «cobiça que conduz a pecados de natureza moral». (Comparar com I Tes. 4:6, onde temos o verbo «defraudar», referindo-se a uma «indulgência sensual», com que certos indivíduos se agradam a si mesmos, sem se importarem com o que isso custe para outros. Mas a «avareza», de maneira geral, também pode ter sido salientada aqui pelos apóstolos dos gentios, embora com uma aplicação especial aos pecados de cunho sexual, ilegítimos, caracterizados por paixão doentia—mui provavelmente esse é o significado da palavra que temos aqui.

«...*nem sequer se nomeie entre vós*...» Longe de serem «praticados» tais pecados entre os crentes, devem tais perversões ser tão raras no seio da igreja que nem se ouça falar sobre as mesmas. E note-se como Paulo nem mesmo abre espaço para que esses pecados sejam discutidos entre os crentes. Dentro da «nova moralidade» de nossos dias, porém, tais assuntos são livremente debatidos nas igrejas locais e muitos ministros aceitam certas formas de imoralidade, sobretudo, as experiências sexuais anteriores ao matrimônio, para pessoas solteiras, especialmente no caso de pessoas que não foram capazes de se casarem por qualquer motivo (como aquelas que simplesmente não foram jamais pedidas em casamento), como se isso fosse algo perfeitamente legítimo e sem prejuízo moral. A única regra que essa «nova moralidade» procura aplicar é a que não se deve «prejudicar» a outrem. Em outras palavras, se for exercida grande discrição e outras pessoas não se sentirem ofendidas ao ouvir falar de tais relações ilícitas, não haveria nada de errado com elas. Bem contrariamente a isso, porém, podemos observar que Paulo fala impulsionado com um sentimento de horror de toda forma de imoralidade. Existem pecados cuja menção já é uma vergonha (ver o décimo segundo versículo deste capítulo); no entanto, indivíduos carnais fazem com que essa *vergonha* seja o motivo mesmo de suas jactâncias (ver Fil. 3:19).

«...*como convém a santos*...» Esse adjetivo, «...santos...», deve significar algo de especial. O discipulado cristão também deve significar algo; a conversão, por semelhante modo; e o arrependimento também deve ser genuíno. Em suma, há certas coisas que não se coadunam com o fato de alguém ser um crente; há certas coisas que negam peremptoriamente a validade da conversão e da fé; e os pecados morais são essas coisas, são essas ofensas, não tenhamos disso qualquer dúvida. O Senhor Jesus salva-nos «do pecado», e não para continuarmos no pecado. Ele tira os homens do «reino das trevas» e os transfere para o «reino da luz» (ver Col. 1:13).

«A posição da santidade ou separação para Deus, onde o evangelho coloca todos os crentes, está tão distante da licença própria deste mundo que é incongruente até mesmo falar dos pecados inveterados de um paganismo corrupto». (Salmond, *in loc.*).

«...*convém*...» No original grego temos o termo «prepo», que significa «adaptar-se», «ser decoroso», «ser reto», «ser apropriado». Sim, esses pecados sensuais não são «corretos», nem «apropriados», nem «decorosos» para os crentes; pelo contrário, são apropriados para o paganismo ímpio, para estes reinos terrenos corruptos.

«...*santos*...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse vocábulo, que é aplicado a todos os crentes, ver Rom. 1:7). O crente deve ser um «santo», uma pessoa que está sendo consagrada tanto forensicamente (por decreto divino, em face de sua posição espiritual alcançada em Cristo) como também na realidade, através do processo santificador. Nenhuma pessoa é «justificada» se igualmente não estiver sendo «santificada», se não for santa. (Ver II Tes. 2:13). A santificação, pois, é parte necessária e integral da salvação. A palavra «santo» indica exatamente isso, por ser esse o próprio termo pelo qual um «crente» é identificado.

O clamor no deserto: Paulo levantou o clamor moral no deserto do paganismo. A igreja organizada, na Idade Média, se deixou arrastar pela depravação pagã. Mas alguns indivíduos lançaram o clamor no deserto, como Bernardo, Francisco de Assis, Lutero, etc. Na moderna igreja evangélica a depravação também se tem instalado, sob a forma de permissão. E é o novo pacto que levanta o clamor nesse moderno deserto.

4 καὶ αἰσχρότης καὶ μωρολογία ἢ εὐτραπελία, ἃ οὐκ ἀνῆκεν, ἀλλὰ μᾶλλον εὐχαριστία.

4 αἰσχρότης... ἀνῆκεν Eph 4.29; Col 3.8

5:4: nem baixeza, nem conversa tola, nem gracejos indecentes, coisas essas que não convêm; mas antes ações de graças.

«...*conversação torpe*...» (Ver o caráter e o emprego das «listas de vícios», no ensinamento moral da antigüidade, nas notas expositivas sobre I Cor. 5:13. Ver Efé. 4:29, onde a conversação torpe já fora condenada, mediante o uso de outras palavras gregas). O vocábulo grego «aischrotes», aqui empregado, significa «feiúra», «iniqüidade», e não somente aquilo que envolve meras palavras. Por essa razão é que algumas traduções preferem dizer aqui «imundícia», ou então «conduta vergonhosa». Palavras lúbricas e ações lascivas estão aqui em foco, razão pela qual vários comentadores opinam que Paulo prossegue aqui os seus ataques contra os pecados sexuais. Se assim realmente é, então agora ele fala sobre a conduta desavergonhada e imoral, de maneira geral.

«Existe uma noção generalizada que pensa que, para os crentes, 'o pecado é o sexo', e nada mais. Essa noção precisa ser corrigida. Certamente há seis outros pecados mortais, além da concupiscência...Não obstante, a igreja da era apostólica, como também de períodos posteriores de alguma higidez espiritual, tinha razão ao estabelecer limites estritos quanto a questões do sexo. Existem vícios sexuais que não somente são não-cristãos, mas que ficam abaixo do nível do que é humano. São pecados simplesmente bestiais. A repulsa moral é a única atitude possível para o crente». (Wedel, *in loc.*).

«...*nem palavras vãs*...» No grego temos «morologia», cuja tradução literal é «imbecilidade», sendo palavra usada exclusivamente aqui, em todo o N.T. Esse termo, por si mesmo, não denota coisa alguma pecaminosa; mas é aqui empregado no sentido de «dissipação», «libertinagem». Conversas vãs, sem finalidade, não parecem estar inclusas nessa palavra, embora o Senhor Jesus também tenha falado contra tal costume, em Mat. 12:36. Esse vocábulo certamente inclui as «piadas indecentes», nas quais a imoralidade se torna uma espécie de humor negro. Alguns intérpretes compreendem que essa palavra se refere à espécie de erro que o Senhor Jesus condenou, a saber, conversas sem nenhum propósito e uso, ainda que não se trate de algo particularmente maldoso.

«...*chocarrices*...» No original grego é «eutrapelia», que pode significar «leviandade», «galhofa», o que faz esse vocábulo ser sinônimo virtual da palavra que o antecede, exceto que, na opinião de alguns estudiosos, esta última indica a tentativa de dizer alguma coisa humorística com palavras jocosas. Uma vez mais, vários intérpretes lhe dão o sentido de linguagem licenciosa. Mas outros acreditam que galhofas impulsivas e excessivas estão em foco, mediante o que as pessoas procuram dar um sentido humorístico a tudo. A raiz dessa palavra grega são os vocábulo «eu» e «*trepo*», que têm o sentido de «sagacidade» no uso das palavras, ou seja, «espirituosidade». Mas é bem possível que Paulo tenha querido dar a entender uma «espirituosidade» que tende para o obsceno. No entanto, a jocosidade excessiva, na tentativa de ser sempre engraçado e divertido, com que muitas pessoas torcem as palavras alheias, para fabricar piadas, é um excesso que

não fica bem no crente, sendo um mau hábito condenado pelo Senhor Jesus, em Mat. 12:36, se não aqui também.

«Algumas vezes essa atitude transparece em perguntas maliciosas, em uma resposta mais astuta, em um raciocínio rebuscado, em um subentendido astuto, quando se torce ou se responde a uma objeção. Algumas vezes isso vem engastado em — uma resposta ferina, em uma ironia amarga, em uma hipérbole sensual, em uma metáfora exagerada, em uma reconciliação plausível de contradições, ou em um agudo dito imbecil...Algumas vezes em uma simpatia afetada, e de outras vezes em uma presunção embotada...Seus métodos são incontáveis e inexplicáveis, devido às circunvoluções e meandros da linguagem, que são inúmeros». (Barrow, *sermão* XIV, *Contra as Torpezas e Galhofas*).

«...*coisas inconvenientes*...» No grego é «*aneko*», que significa, primariamente, «referir», «relacionar-se», «pertencer», mas que, na forma impessoal, como aqui, quer dizer «ser apropriado», «ser conveniente». Não, essa forma de conversa não cabe aos crentes, não é algo digno daquele que confia em Cristo, pois todo o crente deve fazer um uso muito melhor do poder da linguagem e da comunicação verbal, que lhe foi dado.

«...*pelo contrário, ações de graça*...» «Bendizer»·e «louvar» a Deus, visar o proveito real em nossas conversas com o próximo, beneficiar aos nossos semelhantes com palavras dignas e edificadoras, é o uso que realmente o crente deve fazer de sua capacidade de falar. É visando ao benefício mútuo entre os crentes que hinos são entoados, que cânticos espirituais são apresentados, que damos graças a Deus, que é o nosso Pai; e isso em nome do Senhor Jesus Cristo, isto é, com base em sua autoridade, de conformidade com a nossa intimidade com ele. «Linguagem graciosa» está em foco, embora isso ainda não seja a idéia central. Devemos pensar aqui em «louvores» que bendizem, que agradecem pelos benefícios recebidos da parte do Senhor. Mas o objeto desses louvores e ações de graça, no presente versículo, é a pessoa de Deus. A linguagem envolve usos benéficos de muitas espécies, mas as ações de graças a Deus, em face de suas bênçãos espirituais, a nós outorgadas (ver Efé. 1:3), é a idéia central aqui.«Louvor na oração», conferido a Deus, é o conceito especificamente salientado. (Comparar com Efé. 4:29). Toda a linguagem e conversàção do crente deve visar a «edificação» uns dos outros.

★★★

5 τοῦτο γὰρ ἴστε γινώσκοντες ὅτι πᾶς πόρνος ἢ ἀκάθαρτος ἢ πλεονέκτης, ὅ ἐστιν εἰδωλολάτρης, οὐκ ἔχει κληρονομίαν ἐν τῇ βασιλείᾳ τοῦ Χριστοῦ καὶ θεοῦ. 5 πᾶς...θεοῦ 1 Cor 6.9–10; Col 3.5

5 του Χρ. και Θεου] τ. Θ. κ. Χρ. G Ambst: τ. Θεου $\mathfrak{p}^{46}$ (Tert): Χρ. του Θεου 1739*: τ. Υιου τ. Θ. 1836

Ao invés da fórmula convencional, ὅ ἐστιν («que equivale a»), que o grego «koiné» pode empregar «sem referência ao gênero da palavra explicada, ou ao gênero da palavra que explica» (Blass-Debrunner-Funk, § 132 (2)), a alteração de ὅ para ὅς (A D K L P maioria dos minúsculos, seguidos pelo Textus Receptus), parece ser uma correção introduzida por escribas por demais minuciosos. A forma ὅ é fortemente apoiada por $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ B F G Ψ 33 81 256 424 (c) 915 1175 1319 1739 2005 2127 it vg gót *al*.

Curiosa variedade de formas surgiu na transmissão dessas palavras. A forma θεοῦ (*P* (46) 1245 2147) originou-se ou através de descuido escribal (ΤΟΥ$\overline{\text{ΧΥ}}$ΚΑΙ$\overline{\text{ΘΥ}}$) ou através da influência da expressão estereotipada (βασιλεία τοῦ θεοῦ) nos evangelhos. Provavelmente esta última influência também pode ser vista na seqüência da forma ocidental θεοῦ καὶ Χριστοῦ (F (gr) G it (g) Ambrosiastro *al*). Outras formas singulares ou subsingulares são Χριστοῦ τοῦ θεοῦ (1739* etî Teodoreto), Χριστοῦ (38* 90) e υἱοῦ τοῦ θεοῦ (1836).

5:5: Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus.

Essa é a conclusão aberta e franca da lista de vícios que aparece na presente secção. Aqueles que são «viciados» dessa maneira não podem realmente pertencer a Cristo, e nem podem entrar em seu reino celestial. A própria essência da conversação é a transformação vital, e essa transformação vital significa a «vitória» sobre todo e qualquer pecado, embora isso não queira dizer necessariamente que jamais se possa cometer uma infração. Não obstante, o indivíduo convertido está sendo santificado, não podendo permanecer prisioneiro de qualquer vício, nem praticante de qualquer forma de iniqüidade. Todo aquele que nasce de Deus «vence» ao mundo (ver I João 5:5). «Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos...» (I João 1:6). E isso embora ninguém possa afirmar que não tem nenhum pecado. (Ver I João 1:8). Porque tal afirmação seria uma inverdade. Não obstante, «Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado...não pode viver pecando...»(I João 3:9). Além disso, é o Espírito Santo, que habita em nosso ser interior, quem forma todos os aspectos de seu «fruto»; e é dessa maneira que a vida humana é santificada e elevada ao nível divino (ver Mat. 5:48 e Gál. 5:22,23).

Ditas essas coisas *sabemos*, conforme diz aqui Paulo, «...Sabei, pois, isto...» Literalmente traduzido, esse verbo diria: «Sabei, sabendo...»; ou então: «Sabei com segurança...», «Sabei por experiência contínua...» Essa é a idéia envolvida nesse vocábulo.

Variante Textual: Algumas traduções dizem «Estais Cônscios», refletindo a palavra grega «este» (segunda pessoa do plural, do presente do indicativo de «eimi»). Assim dizem os mss D(3)KL e os escritos de Teodoreto e Teofilacto. Mas a forma correta aqui é «iste» (segunda pessoa do plural do presente do indicativo de «oida», «saber»). A expressão grega aparentemente é desajeitada -- «...sabei, sabendo...», o que talvez explique a modificação para «este», a forma mais fácil. Os manuscritos que dizem «iste» são P(46), Aleph, ABD(1)GP, a vulgata latina, a maioria das versões latinas, as versões saídica, gótica, boárica e aramaica, e as citações de Crisóstomo. A combinação dos dois verbos poderia talvez ser uma imitação grega do costume hebraico de combinar um verbo finito com um infinito absoluto. Xenofonte, em Cyr. iv. 1.4, diz «oron kai akouon oida», que é frase similar à que se encontra aqui, mas onde os particípios definem o verbo central, «saber», o que não se dá realmente no caso deste versículo. Portanto, apesar do uso assemelhar-se, não se trata da mesma coisa. Além disso, a combinação do verbo com o particípio, no original grego, sempre se verifica dentro da mesma raiz; o que significa que provavelmente não temos aqui instância desse caso, embora os dois verbos signifiquem ambos a mesma coisa, quanto ao seu uso básico.

O sentido que aqui temos, no dizer de Abbott (*in loc.*), é: «Sabeis perfeitamente bem, por vosso próprio conhecimento». Mas há intérpretes que rejeitam a idéia da imitação de uma expressão do hebraico, solucionando o problema através da pontuação: «Sabeis, estando cônscios de que...», o que também é solução possível.

«...*nenhum incontinente*...» No grego encontramos o termo «pornos», que quer dizer «indivíduo imoral», «quem pratica imoralidades sexuais», ainda que não fique especificado o tipo exato de vício. Trata-se do indivíduo incapaz de sofrear sua natureza sexual, que geralmente se manifesta em atividades extramatrimoniais. Tal indivíduo sob hipótese alguma entrará no reino de Deus, ainda que de cada vez que comete tal pecado peça perdão a Deus. O evangelho exige conversão, arrependimento, e não a solicitação habitual de perdão. Nenhum pecado pode dominar ao crente, pois, do contrário, não pertencerá de forma alguma a Cristo.

«...*impuro*...» No grego é «akathartos», forma adjetivada, usada como um substantivo, do vocábulo «impureza», que aparece no terceiro versículo, tal como o termo anterior, «pornos», é a forma masculina e substantivada de «imoralidade» (no grego, «porneia»), que também aparece no terceiro versículo. Aquele que é praticante de «vícios sexuais impuros» (conforme a definição constante no versículo terceiro) também não pode jamais esperar entrada no reino celeste, enquanto não for salvo por Cristo, enquanto não estiver no processo de santificação, que tem a Cristo como modelo.

«...*avarento*...» Trata-se da forma pessoal e substantivada de «cobiça», que aparece no terceiro versículo. Aqueles que se entregam à «avidez» de pecados sexuais estão em foco (ver o sentido de tal palavra, nas mesmas notas expositivas).

«...*que é idolatria*...» A equiparação de outros pecados, sobretudo de apostasia e de adultério, com a «idolatria», retrocede ao conceito do A.T. acerca dos mesmos, o que se reflete em trechos como Osé. 2:5 e Eze. 23:37. Naqueles dias havia alusão direta à adoração idólatra. Quando, no judaísmo posterior, cessou a idolatria aberta, os rabinos passaram a interpretar esse conceito de forma mais ampla, fazendo-o referir-se a pecados arraigados, sobretudo a cobiça. E tal interpretação é própria, visto que tais pecados, mormente o da cobiça, se entronizam no coração como se fossem ídolos, sempre indicando alguma modalidade de «egoísmo», de tal modo que o próprio «eu» é o deus adorado. É possível alguém entronizar no seu interior o próprio «eu», e isso através de muitas agências. (Ver Col. 3:5, onde figura idêntica expressão. Ver as notas expositivas em I Cor. 5:10, a respeito da «idolatria». Ver também Atos 7:41 e 17:16, sobre esse tema).

Variante Textual: As palavras «...*que é um idólatra*...» aparecem nos mss ADKLP, nas versões Si(harc), boárico e aramaico, bem como nos escritos de Crisóstomo. O chamado Textus Receptus segue essa forma, e, portanto, as traduções que se seguiram ao mesmo. Mas a forma que aparece nesta versão portuguesa, «...que é idolatria...» também não é a forma original, aparecendo no ms G, na maioria das versões latinas, no gótico, no siríaco peshitta, sendo de origem igualmente posterior. A forma autêntica diz «...o qual é um idólatra...», conforme dizem os mss P(46), Aleph, B, 67(2) e os escritos de Jerônimo. A modificação foi do neutro (forma mais difícil) para o masculino pessoal (forma mais fácil). O simples «o», no grego, foi considerado inapropriado para «idólatra»; mas o neutro algumas vezes era usado onde poderíamos esperar o gênero masculino, de acordo com os idiomas modernos. É possível, entretanto, que o termo grego «o» tivesse o intuito de servir de «artigo definido», e não de «pronome», o que significa que seria masculino e pessoal. Isso é o que também ocorre no trecho de Mat. 6:9, onde se lê: «Pai nosso, 'que' estás nos céus...» O artigo definido é usado no original grego, onde igualmente poderíamos esperar um pronome pessoal, a saber, «os». Nos manuscritos gregos originais não havia sinais de acentuação, pelo que o artigo definido pode estar em pauta aqui. Tais questões, em algumas oportunidades, tornam-se passíveis de interpretação, pelo que também não fazem parte original do N.T. No grego helenista, entretanto, a expressão «o estin» que significa «o qual é», era usado como fórmula para indicar «a saber»; e o pronome permanece no neutro singular, a despeito das conexões gramaticais dentro da sentença. Se esse é o uso que se encontra aqui, então a tradução dessa sentença deveria ser «...nem um cobiçoso, a saber, um idólatra...».

«...*nenhum...tem herança no reino de Cristo e de Deus*...» Ordinaria-

mente encontramos a expressão «reino dos céus» (expressão encontrada no evangelho de Mateus), ou «reino de Deus» (expressão encontradiça por todo o resto do N.T.). Mas em Col. 1:13 lemos: «...o reino do Filho do seu amor...» Em todas essas expressões, o reino é o mesmo, embora intitulado de diferentes maneiras, e ainda que encarado de ângulos diversos. E é somente aqui que encontramos a expressão «...reino de Cristo e de Deus...»

O conceito do «reino» é extremamente complexo, razão pela qual significa diferentes coisas para diferentes autores. Pode significar o «reino terrestre», a exaltação de Israel sobre as demais nações, ou então o «reino messiânico», político e literal em sua natureza , ou mesmo o «reino interior», como operação de Deus na alma humana, ou também o «reino celestial», que é praticamente equivalente à «vida eterna» (conforme quase sempre se vê no evangelho de João), o que equivale à expressão «pregação do evangelho», no livro de Atos, ou mesmo à «igreja». (Quanto a notas expositivas completas sobre o termo, com alusões às coisas variadas que o mesmo significa, ver Mat. 3:2). Usualmente transparece o sentido joanino nos escritos de Paulo, ou então se trata de uma referência à habitação celestial, os «lugares celestiais», conforme esse conceito aparece nesta epístola (ver Efé. 1:3 e as notas expositivas ali existentes). Trata-se do «outro mundo», do «céu» ou «céus». Esse sentido se tornou dominante quando as idéias da exaltação de Israel, dentro do reino messiânico, desapareceram ante a destruição de Jerusalém, embora já viesse perdendo a forma antes mesmo do aparecimento do cristianismo.

A menção de «...*Cristo*...», juntamente com o «Pai», enfatiza que é em Jesus Cristo que obtemos aquele reino; e isso nos traz à mente o seu ofício messiânico. Cristo, em seu ofício messiânico, portanto, é que nos conduz a esse reino, o qual pertence tanto a ele como a Deus Pai. Não há aqui qualquer pensamento acerca do *reino messiânico*, conforme se vê em I Cor. 15:24, que terá um ponto final quanto às suas manifestações, visto que será finalmente entregue a Deus Pai. A igreja tem retido a idéia do reino messiânico como parte da doutrina messiânica; o texto presente, entretanto, transcende a isso, referindo-se ao estado eterno com o título de «reino». Assim sendo, o reino não é aqui «dispensacional», e «temporal», conforme se vê no décimo quinto capítulo da primeira epístola aos Coríntios. (Quanto à «herança cristã», ver o trecho de Rom. 8:17 e as notas expositivas ali existentes).

«...*de Cristo e de Deus*...» No original grego, há apenas um artigo definido que governa ambos esses nomes próprios; e é por essa razão que alguns estudiosos têm pensado haver aqui a identificação entre «Cristo» e «Deus», ou seja, o reino daquele que é ao mesmo tempo o Cristo e Deus. Mas isso é dar excessiva importância à ausência do artigo definido no grego «koiné». Além disso, os nomes divinos com freqüência aparecem desacompanhados do artigo definido, pelo que nada se pode provar com base em sua ausência ou presença, neste caso. Não há aqui qualquer identificação entre Cristo e Deus, mas tão-somente devemos entender aqui que o reino em foco pertence a ambos igualmente. A verdade é que o versículo presente não ensina diretamente a verdade bíblica da «divindade de Cristo»; porém, a equiparação do nome de Deus Pai, em relação ao reino, coloca-o em tão elevada posição que é como se a sua divindade fosse aqui ensinada. No trecho de Col. 2:9 o apóstolo Paulo assevera a divindade de Cristo. (Ver Heb. 1:3 e as notas expositivas ali existentes, quanto a comentários minuciosos sobre esse tema. Quanto ao nome de «Deus», desacompanhado do artigo definido, no original grego, ver as notas expositivas sobre «o reino de Deus», em I Cor. 6:9,10; 15:20 e Gál. 5:21).

Variante Textual: As palavras «...do Cristo e Deus...» se encontram nos mss P(49), Aleph, ABDI, e mui provavelmente isso representa o original. Mas o ms P(46) e os escritos de Tertuliano dizem simplesmente «...de Deus...», sem qualquer menção da pessoa de Cristo. As palavras «...do Deus e Cristo...» é o que se lê no ms G e nos escritos de Ambrosiastro. Já as palavras «...do Filho de Deus...» aparecem no ms 1836, ao passo que «...de Cristo e do Deus...» aparecem no ms 1739. Todas essas variantes mui provavelmente surgiram por causa da expressão sem-par «...do Cristo e Deus...», que é a forma apoiada com as provas textuais mais convincentes.

6 *Μηδεὶς ὑμᾶς ἀπατάτω κενοῖς λόγοις, διὰ ταῦτα γὰρ ἔρχεται ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ ἐπὶ τοὺς υἱοὺς τῆς ἀπειθείας.* 6 Μηδεὶς...λόγοις Col 2.4, 8 ἔρχεται...ἀπειθείας Ro 1.18; Col 3.6

5:6: Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.

(Com estas palavras podem ser confrontadas as palavras de Gál. 6:7: «Não vos enganeis; de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará»).A declaração feita pelo apóstolo Paulo, que faz da verdadeira conversão e da santificação aspectos absolutamente necessários para a possessão do reino (salvação nos «lugares celestiais»), talvez pareça dura demais, sendo posta em dúvida e enfraquecida por alguma forma de conceito de «exceções» e de vida «relativamente» boa, na forma de vitória «parcial» sobre os vícios, etc. Para evitar qualquer modificação dessa ordem, Paulo advertiu seus leitores a se acautelarem contra a ilusão própria, ou contra o engodo vindo de outros, que usariam palavras «vazias», «inúteis» e «sem significação».

«...*palavras vãs*...», no original grego, é «kenos», «vão», «vazio», termo usado figuradamente para significar «sem a verdade», «sem conteúdo», «sem poder». No dizer de Vincent (in loc.): «São palavras plausíveis, mas destituídas da verdade, empregadas para servir de paliativos dos vícios pagãos». Os gregos sabiam empregar «argumentos sofistas», fazendo o caso pior parecer melhorado. Os judeus haveriam de argumentar que todos os judeus são salvos dentro do pacto abraâmico. Porém o apóstolo dos gentios retruca com um «Não!» categórico—na salvação se exige retidão verdadeira; não pode haver transformação metafísica e glorificação, se não houver a transformação ética. Os gnósticos, que faziam o corpo ser a sede do princípio do pecado, e que ensinavam que os pecados praticados com o corpo não podem prejudicar a alma, mas que a morte física é que livra a alma de todo o mal, são também atingidos aqui, visto que aqueles hereges não exigiam qualquer santificação terrena, no que diz respeito aos excessos do corpo. Naturalmente que alguns dos gnósticos eram ascetas (ver Col. 2:21), mas estes formavam um ramo diferente; a maioria deles se compunha de libertinos.

«...*vos engane*...» No grego é «apatao», «enganar», «iludir». Pode haver casos de auto-ilusão, ou então através de argumentos capciosos de outros.

7 *μὴ οὖν γίνεσθε συμμέτοχοι αὐτῶν·*

5:7: Portanto não sejais participantes com eles;

Se alguém acompanha aos pagãos incrédulos, em sua depravação, torna-se companheiro deles no juízo condenatório de Deus. Não pode mesmo haver outro resultado; e é o ludibrio que afeta as mentes dos homens, e não alguma sã doutrina, que os faz pensarem diferentemente. As palavras «...com eles...» têm sido interpretadas como «nos pecados» ou como «com as pessoas», havendo bons intérpretes de ambos os lados. O mais provável é que os «pecados» estejam em foco; mas isso, naturalmente, requer companheirismo com indivíduos depravados. A questão de ser alguém «participante» diz respeito aos pecados; mas isso também subentende, como resultado necessário, a participação na ira divina que será descarregada contra os pecadores, pois o vocábulo «...Portanto...» refere-se de volta à questão da ira de Deus contra os «filhos da desobediência», que aparece no versículo anterior.

«Literalmente, *não vos torneis*. Trata-se de um aviso contra o 'retorno' aos vícios antigos». (Vincent, *in loc.*). O décimo primeiro versículo deste capítulo é paralelo a esta passagem, pois ali qualquer comunhão com as obras da iniqüidade é condenada. Os crentes precisam ter cuidado com quem se associam. É verdade que eles não podem «sair do mundo», pelo que não podem evitar todos os contactos com homens viciados (conforme Ambas essas possibilidades são unidas aqui, embora o segundo desses aspectos seja aqui enfatizado.

«...*porque por estas cousas vem a ira*...» (Ver acerca da expressão «filhos da ira», em Efé. 2:3). A «...*ira*...» aqui referida tem tanto um aspecto presente como um provável aspecto futuro; neste último caso há alusão ao juízo divino. (Ver as notas expositivas em Apo. 14:11; I Ped. 3:18 e 4:6 acerca dessa questão). No original grego o verbo está no tempo presente, com o sentido «está vindo». Portanto, está em foco a ira, o desprazer atual de Deus, que se manifestará no juízo final. Os homens são condenados desde agora, ficando a esperar tão-somente pela condenação futura. (Ver João 3:18,19). E isso nos permite perceber a importância da ética. Pois é por causa de pecados como aqueles mencionados na lista dos vícios (ver Efé. 4:22-30 e 5:3-5) que a ira divina já é uma realidade presente; e quando Deus estiver julgando aos homens será igualmente uma ira presente. O primeiro capítulo desta epístola, bem como a ênfase inteira da mesma, sobre a restauração universal em Cristo, de alguma maneira toma em consideração essa «ira» de Deus.

Porém, como Deus restaurará todas as coisas em Cristo (ver Efé. 1:10), e no entanto exercerá sua «ira», não podemos dizer abertamente. Mas as passagens de I Ped. 3:18-20 e 4:6, bem como seu paralelo, Efé. 4:8-10, nos fornecem as mesmas idéias.

«...*filhos da desobediência*...» Em outras palavras, aqueles cuja natureza os tornam desobedientes, tornando-os «produtos característicos de sua geração», quais personificações da desobediência. Trata-se de uma expressão tipicamente hebraica, posto que não esteja limitada àquela cultura. Tudo quanto possui certa «natureza básica» é declarado como *filho* dessa natureza. Idêntica expressão é utilizada no trecho de Efé. 2:2, onde ela é mais amplamente esclarecida. Já no trecho de Efé. 2:3 encontramos a expressão «filhos da ira». A «...desobediência...» indica, neste caso, a impiedade geral, embora também indique a desobediência ao evangelho purificador e santificador que Paulo pregava. (Ver Rom. 11:30-32 e 15:31. Quanto a um paralelo deste versículo, ver a passagem de Col. 3:6, que lhe é quase exatamente idêntico).

aprendemos em I Cor. 5:10), mas devem buscar a moderação em todas essas associações, evitando situações comprometedoras, que os expõem às tentações. Porquanto aqueles que têm vivido nos vícios, o retorno aos mesmos é extremamente fácil. Essa era a preocupação de Paulo, por detrás da advertência que temos aqui.

Os escritos de Ataneu (*Lib.* xiii., cap. 25, 31 e 32) falam-nos da profundidade e da extensão dos vícios do paganismo, sobretudo seus excessos sexuais. Uma certa mulher, de nome Aspásia, trouxe propositadamente à Grécia grande número de belas mulheres, com o propósito específico de transformá-las em prostitutas. Na cidade de Éfeso, os templos dedicados a Vênus eram centros de prostituição. No capítulo trinta e dois desse citado livro, Demóstenes aparece dizendo: «Possuímos prostitutas para nosso prazer, meretrizes para o uso diário, e esposas para a procriação de filhos legítimos e para a preservação de nossas propriedades». E tais excessos eram aprovados pela maioria dos homens, pois apenas mui ocasionalmente algum filósofo ou moralista levantava sua voz em protesto.

«'Participamos' dos pecados de outros homens não somente quando vivemos da mesma maneira pecaminosa que eles, ou quando cedemos ante suas tentações e solicitações para pecarmos, mas igualmente quando os encorajamos em seus pecados, não procurando impedí-los, tanto quanto está em nosso alcance». (Matthew Henry, *in loc.*). (Comparar essa

declaração com Rom. 1:32: «...não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem»).

8 ἦτε γάρ ποτε σκότος, νῦν δὲ φῶς ἐν κυρίῳ· ὡς τέκνα φωτὸς περιπατεῖτε

8 ἦτε...κυρίῳ Eph 2.11, 13; Col 1.13; 1 Pe 2.9 τέκνα φωτός Lk 16.8; Jn 12.36

5:8: pois outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz

O comentário de Findlay (*in loc.*), a respeito destas palavras de Paulo, é o seguinte: «Mostrai-vos dignos de vossa chamada. Andai como filhos da luz, e possuireis o reino eterno. Cada indivíduo levará consigo, para o próximo estágio da existência, as conseqüências necessárias de sua vida passada. Essa herança depende da escolha de cada um; contudo, não por causa de sua vontade individual, nele operante, mas por causa da graça e da vontade de Deus, que nele operam, conforme essa graça for aceita ou rejeitada. Quem tiver luz, deve andar nela; e assim atingirá o reino da luz».

«...*outrora éreis...porém agora...*» (Essas palavras podem ser comparadas com Efé. 2:11,13, onde transparece o mesmo tipo de contraste entre a vida antiga e a vida nova). Nessa referida passagem, o «passado» e o «presente» dizem respeito ao passado no paganismo e ao presente na redenção, no que concerne ao Senhor Deus e à comunidade do povo de Deus. Mas no versículo que ora comentamos, esse contraste é posto em termos de comunhão e influência sociais, no tocante ao meio ambiente paganizado. Sim, antes de sua conversão, aqueles crentes eram «trevas», pertenciam ao «reino das trevas», eram pagãos puros; mas agora são cidadãos do reino da luz, ou seja, são «luz» em si mesmos, participantes da imagem moral de Cristo. E deles se espera que permitam que essa luz rebrilhe na negra sociedade pagã.

As metáforas da luz e das trevas são utilizadas em outros trechos do N.T. Ver João 1:4-9. O nono versículo contém as notas expositivas sobre Cristo como «a luz do mundo». Em João 3:19-21, a luz e as trevas indicam, respectivamente, santidade e pecaminosidade. Em João 8:12 e 9:5, Cristo é a «luz do mundo». Em João 12:35,36, os crentes são «filhos da luz» porque participam da luz de Cristo. Em Mat. 5:14, os crentes são «a luz do mundo». Em Mat. 6:22,23, a participação no bem ou no mal é exposta sob o simbolismo da luz e das trevas. Em I Tim. 6:16, Deus figura como aquele que habita em luz de tão grande intensidade que ninguém pode aproximar-se dele.

A METÁFORA DA LUZ

1. A bondade, a pureza, a retidão são *luz*, porquanto refletem o caráter moral de Deus.

2. A «presença» de Deus é luz: isso pode significar, literalmente, que o seu grandioso ser irradia luz; mas também há um sentido metafórico, no qual o Senhor Deus é a essência mesma da bondade, da pureza, da santidade, etc., pelo que também a sua presença é conhecida como lugar onde tais virtudes habitam supremamente, sem mescla com qualquer forma de maldade.

3. Além disso, o próprio Deus é luz, ou seja, é o padrão perfeito de toda a santidade e retidão. «...Deus é luz, e não há nele treva nenhuma» (I João 1:5). Não pode haver qualquer tendência para o mal, na pessoa de Deus, já que ele é luz pura.

4. O que é dito com relação a Deus Pai, também é dito acerca de Cristo, pois, em sua divindade, Cristo também é luz, tal como o Pai (ver João 1:9; 8:12 e 9:5).

5. Os crentes em Cristo também são luz, e isso não apenas como um reflexo (ainda que tal aspecto também diga uma verdade), pois também está inclusa a idéia de nossa participação na natureza de Cristo, ou seja, em sua santidade (ou luz). (Ver o trecho de João 12:35,36). Os crentes são «filhos da luz», isto é, a sua natureza básica os força a serem isso, tal como sucede a Cristo, devido à sua natureza básica.

6. A maneira de andar ou conduta geral dos crentes, portanto, deve ser de conformidade com essa verdade. Precisam mostrar a santidade de Cristo naquilo que fazem, pois eles «são Cristo» no mundo, são «Cristo em formação». (Ver Efé. 5:8 e I João 1:7). Precisamos «andar na luz», e o passo bíblico de I João 1:8,9 mostra-nos algo sobre como isso deve ser feito.

7. Por essas razões é que os reinos opostos da verdade e da mentira são chamados «de «luz» e de «trevas», respectivamente, pois neles habita supremamente uma ou outra dessas qualidades. Nesses reinos habitam seres cujas naturezas manifestam uma ou outra dessas tendências. (Ver Apo. 16:10; Col. 1:12,13; Jud. 6,13 e II Ped. 2:17).

★★★

A METÁFORA DAS TREVAS

1. «Trevas» significa pecado, depravação, aquela atitude que caracteriza os poderes espirituais malignos e os seres humanos por eles capturados. (Ver João 3:19,20).

2. A atmosfera, a presença geral dos mundos celestes malignos, é «trevas», porquanto ali domina a maldade, criando o próprio ambiente da morada de seres malignos. (Ver Efé. 6:12; Mat. 8:12; II Ped. 2:17; Jud. 6 e Apo. 16:10).

3. Os seres malignos são, por si mesmos, trevas. (Ver Efé. 6:12 e Col. 1:13).

4. Os homens que vivem no pecado, habitam na atmosfera das trevas. Este mundo, em seu estado presente, se caracteriza por trevas, por ser habitação de homens não-remidos. (Ver Luc. 1:79; Mat. 4:16 e Rom. 2:19).

5. Indivíduos isolados, dominados pelo pecado, tornam-se habitação das trevas (ver Mat. 6:23); e isso tão completamente que eles mesmos, tal como os seres angelicais maldosos, são chamados trevas (ver Efé. 5:8).

6. O estado eterno dos seres angelicais malignos também é chamado de «trevas» (ver Jud. 6,13).

7. O reino do *anticristo*, grandíssima manifestação do mal, nos últimos dias, também é apodado de «trevas». (Ver Apo. 16:10).

Por conseguinte, trevas e luz envolvem associações diferentes, habitações diversas, condutas opostas, naturezas básicas distintas, tudo o que conduz a destinos diferentes.

«...*sois luz no Senhor...*» A palavra «...Senhor...», como é usual no N.T., refere-se ao Senhor Jesus Cristo. (Ver o trecho de Rom. 1:4, onde esse título é explanado e ilustrado, sob o título de «senhorio de Cristo»). Ao reconhecerem a Cristo como seu Senhor, os homens recebem luz; e, nessa luz, tornando-se iluminados, eles mesmos se tornam luz, já que participam da natureza do Senhor. Assim, pois, os crentes não são meros refletores da luz, mas tornam-se a própria essência da luz, em Cristo Jesus. Também são transformados pela luz, para que tenham a natureza básica de Cristo, isto é, caracterizada pela santidade, pela bondade, pela retidão, pela pureza (pela luz, enfim). Desse modo é que os crentes se tornam cidadãos aptos para o reino da luz. Os homens recebem luz (ver o décimo terceiro versículo deste capítulo), e isso da parte de Cristo; mas os crentes também se tornam luz, e isso em Cristo Jesus. As palavras «...no Senhor...» são uma expressão mística que indica intimidade e identificação espiritual. (Ver I Cor. 1:4 e as notas expositivas ali existentes).

«...*andai...*» A metáfora do ato de «andar», para expressar alguma ação habitual, um padrão de vida ou o caráter de uma pessoa, é comum tanto na literatura sagrada como na literatura profana. (Ver o segundo versículo deste capítulo, bem como as várias referências bíblicas ali oferecidas, e onde aparecem as notas expositivas concernentes à questão).

«...*andai como filhos da luz...*» (Ver o sexto versículo deste capítulo, em suas notas expositivas, sobre a expressão «filhos de...», que era empregada para indicar a natureza básica de alguém). Naquela referência aparecem as localizações das notas expositivas que explicam mais amplamente esse uso. Mas neste ponto a «natureza básica» do crente é declarada como «luz», acerca do que desdobramos os pontos seguintes: 1. Isso significa que a conduta geral do crente reflete retidão. 2. Que o crente compartilha da natureza de Cristo. 3. Que o crente é digno e apto cidadão do reino da luz. 4. Que o crente participa da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), o que, como um de seus aspectos, consiste em virmos a participar da própria natureza moral de Deus. (Ver Mat. 5:48 e Rom. 3:21).

«...*filhos...*» No original grego é «tekna», que ordinariamente significa «filhos por natureza», em contraste com filhos por adoção. Já o termo grego «uios» indica «filho» em geral, ou adotado ou naturalmente nascido. (Ver as notas expositivas em Rom. 8:14, acerca de ambas essas palavras. Com freqüência são empregadas como simples sinônimos). (Quanto a outras referências à expressão «filhos da luz», ver João 12:36 e comparar com I Tes. 5:5, passagem esta que acrescenta as palavras «e do dia» e não «da noite, nem das trevas». Deus Pai é chamado de «Pai das luzes», em Tia. 1:17. Quanto a um famoso poema que ilustra a maldade e as trevas dos homens não-redimidos, ver Atos 17:31).

9 — ὁ γὰρ καρπὸς τοῦ φωτὸς[3] ἐν πάσῃ ἀγαθωσύνῃ καὶ δικαιοσύνῃ καὶ ἀληθείᾳ —

[3] **9** {B} *φωτός* $\mathfrak{p}^{49}$ ℵ A B D* G P 33 81 330 629 1739* 1881 1962 2127 2492 *Lect* it^{ar,c,d,dem,e,f,g,mon,x,z} vg syr^{p,pal} cop^{sa,bo} goth arm eth Origen Gregory-Thaumaturgus Ambrosiaster Victorinus-Rome Lucifer Jerome Augustine Euthalius // *πνεύματος* (*see* Ga 5.22) $\mathfrak{p}^{46}$ D^{c} K Ψ 88 104 181 326 436 451 614 630 1241 1739^{mg} 1877 1984 1985 2495 *Byz* l^{809} syr^{h} Chrysostom Theodore$^{1/2}$ Theodoret John-Damascus

Ao invés de *φωτός* o Textus Receptus diz *πνεύματος*, juntamente com *P* (46) D (c) K Ψ 88 104 614 1739 (mg) *al.* Embora se possa argumentar que *φωτός* proveio da influência da mesma palavra na linha anterior, é muito mais provável que a memória sobre a referência paulina, em Gál. 5:22, a ὁ δὲ καρπὸς τοῦ πνεύματος levou à introdução da palavra neste ponto. A forma *φωτός* é fortemente apoiada por antigos e diversificados testemunhos, representando os tipos de texto alexandrino, ocidental e palestino ($\mathfrak{p}^{49}$ ℵ A B D* G P 33 81 1739* it vg sir (p,pal) cop (sa,bo) gót ara etá Orígenes).

5:9: (pois o fruto da luz está em toda a bondade, e justiça e verdade),

Variante Textual: Ao invés de «fruto da luz», algumas traduções dizem «fruto do Espírito», a saber, AC e KJ, dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação por este comentário—nove em inglês e cinco em português; e quanto à identificação das mesmas, ver a lista geral de abreviações na introdução ao comentário. Os manuscritos que dizem «Espírito» são P(46), D(3)E(2)KL. E os que dizem «luz» são P(49), Aleph, ABD(1)E(1)HP, o que serve de evidência irresistível em favor da genuinidade da palavra «luz» nesta passagem, tendo quase tanta autoridade quanto César tinha em Roma. Mui provavelmente, a modificação de «luz» para «Espírito» é reflexo derivado de Gál. 5:22,23, onde o «fruto do Espírito» é o tema. Naturalmente, o fruto da «luz» é, ao mesmo tempo, o fruto do «Espírito», por ser o Espírito de Deus a força que infunde todas as qualidades morais e espirituais nos crentes, conforme nos mostram os trechos de Gál. 5:22,23 e II Cor. 3:18.

A palavra «luz», conforme temos visto, envolve muitos simbolismos, entre

os quais os da bondade em geral, da justiça e da santidade. Assim, pois, Paulo ilustra aqui o que ele indica com o termo. Falava o apóstolo sobre «qualidades morais», que devem dominar os crentes. O controle exercido por essas qualidades morais transforma o crente, a ponto dele vir a obter a própria natureza da luz, segundo tem sido enfatizado no oitavo versículo, e será novamente frisado no décimo terceiro versículo deste capítulo. Neste ponto, três qualidades morais são especificadas:

«...agathosune», que quer dizer «bondade», «retidão», «generosidade». Trata-se de um dos aspectos do «fruto do Espírito», o que é amplamente comentado em Gál. 5:22. E isso indica a correção moral, que se expressa por meio de atos de bondade e generosidade, insuflados no homem pelo Espírito Santo, o que dá àquele algo da própria natureza bondosa de Deus Pai, e do que Jesus Cristo foi o exemplo supremo.

«...*fruto*...» é o produto das energias vitais de uma planta ou árvore. O fruto participa da natureza da árvore que o produz, contendo a semente que reproduz a espécie produtora. Em Gál. 5:22 o «fruto do Espírito» é posto em contraste com as «obras da carne». (Quanto a um estudo completo sobre o uso da palavra «fruto», no que tange às qualidades morais, ver aquela referência).

«...*justiça*...» Essa é a segunda das qualidades especificadas neste versículo. No original grego temos «*dikaiosune*», que quer dizer «retidão», «eqüidade», «justiça». Tal vocábulo fala da perfeição do ser de Deus, em sua retidão e justiça, sem qualquer defeito, sem qualquer mácula pecaminosa, perfeição essa que eventualmente será outorgada aos crentes. Está em foco a perfeição santa de Deus, sem a qual ninguém jamais verá a Deus.

10 δοκιμάζοντες τί ἐστιν εὐάρεστον τῷ κυρίῳ·

5:10: provando o que é agradável ao Senhor;

Essa expressão forma um paralelo exato, quanto aos termos gregos usados, do trecho de Rom. 12:2, exceto que ali a expressão é um tanto mais complexa: «...para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus».

«...*provando*...» No grego temos o particípio presente do verbo «dokimadzo», que significa «submeter a teste», *examinar*, «provar por teste», como quando se aquilata a pureza dos metais. (Ver Isocr. Panathen. 14,39; Dit. Syll. 334,45; Pro. 8:10; Sir. 2:5 e Sabedoria 3:6). Mediante a experiência na vida cristã diária, mediante testes, aprendemos qual é a conduta agradável a Deus e a seu Ungido, o «Senhor». Como é costumeiro, o Senhor Jesus Cristo é a pessoa aludida pelo termo «...Senhor...», que aqui aparece. (Ver Rom. 1:4 e as notas expositivas a respeito quanto a esse título de Cristo e seu «senhorio»). Somente quando temos a Cristo, verdadeiramente, como nosso Senhor, e cumprimos a sua vontade, é que somos aprovados por ele, fazendo o que é agradável aos seus olhos. Não existe tal coisa como um remido que não reconhece em Jesus o seu Senhor, porquanto isso faz parte integral da salvação. A fé consiste na «entrega da alma» aos braços de Cristo; e faz parte inerente dessa idéia o reconhecimento da realidade do senhorio de Cristo sobre as nossas vidas. A palavra grega aqui traduzida por «provar» também pode significar «aprovar», embora não seja essa a idéia desta passagem. Antes, a nós compete examinar honestamente a nossa própria conduta, escolhendo aquilo que é agradável ao Senhor, para então persistir nesse caminho, negando e repelindo os vícios do paganismo, como algo incompatível com a profissão de fé cristã.

Notemos o particípio presente que aqui aparece. Isso expressa uma ação continuada. A vida inteira deve ser sujeitada a esse teste, para que aprendamos sempre melhor a andar santamente. Isso é que deve caracterizar o nosso «andar», segundo se lê no oitavo versículo deste capítulo. Nossa vida cristã deve ser exercida e levada a efeito com essa atitude e esforço. Exames espirituais cuidadosos e diligentes nos são recomendados aqui. O «andar» do crente não pode ser descuidado, mas antes, intenso. Não existem crentes exageradamente intensos nesse particular.

«...*agradável*...» No grego é «euarestos», que significa «aceitável», «agradável», algo que dá «satisfação» a outrem e merece a sua «aprovação». Ora, é ao próprio Senhor que devemos agradar, e é por ele que a nossa conduta deve ser «aprovada». Mas isso é simplesmente impossível se não «andarmos no Espírito». (Ver o trecho de Gál. 5:16,25 acerca desse assunto). Agradar verdadeiramente ao Senhor é um empreendimento espiritual elevado, só se tornando possível com a ajuda divina, com a manifestação do Espírito Santo em nosso íntimo, por ser ele quem produz em nós o seu «fruto» (ver Gál. 5:22). Por conseguinte, a «conduta moral» é algo que ultrapassa às forças humanas comuns, visto que só pode tornar-se uma realidade através da comunhão mística e da influência divina (ver Efé. 2:21,22). Não obstante, isso exige a «porta aberta da vontade». Compete-nos «permitir» que o Espírito Santo opere em nós; e cumpre-nos «resistir» ao mal. Devemos «buscar» ativamente ao Espírito Santo, à sua influência, submetendo-lhe a nossa vontade. Porque esse é o «lado humano» desse conflito moral em busca da perfeição; mas a própria perfeição e o progresso em sua direção, são algo divino, em que a natureza divina vai sendo implantada na natureza humana, à medida em que vamos sendo transformados segundo a imagem moral de Cristo.

11 καὶ μὴ συγκοινωνεῖτε τοῖς ἔργοις τοῖς ἀκάρποις τοῦ σκότους, μᾶλλον δὲ καὶ ἐλέγχετε,

11 μὴ...σκότους Ro 16.17; 2 Th 3.6; 2 Jn 10–11

5:11: e não vos associeis às obras infrutuosas das trevas, antes, porém, condenai-as;

Não basta ao crente evitar o pecado; é mister que ele mantenha uma atitude intolerante para com o pecado, lutando contra o mesmo, não o aprovando nem em sua própria vida e nem na vida de outros sobre os quais exerça alguma influência.

«...*não sejais cúmplices*...» Esta última palavra é tradução do vocábulo grego «sugknoneuo», que significa «participar de», «estar ligado a», «ter comunhão com». Isso reitera a idéia do sétimo versículo. Mas más associações devem ser evitadas; as más companhias devem ser repelidas, para que não formem parte de nosso padrão de vida. As más ações devem ser evitadas. Tudo isso embora algumas associações, em certos níveis de vida, não possam ser evitadas. (Ver I Cor. 5:10). Se os crentes professos se tornarem culpados de certos pecados, sobretudo os de natureza sexual, ficamos proibidos até mesmo de lhes fazer companhia, a fim de que venham a reconhecer seus erros, pedindo readmissão à comunhão, através do arrependimento. (Ver I Cor. 5:11). A «comunhão» com os pecadores e com o pecado é equivalente à aprovação a eles. Longe de aprovarmos os mesmos, devemos «reprová-los», submetendo-os à luz, mediante a denúncia, ainda que jamais impelidos por espírito de hipocrisia, mas antes, com atitudes corretas, temperadas com a graça e a misericórdia.

«...*obras infrutíferas*...» No grego é «akarpos», isto é, «infrutífero», palavra que tem o sentido figurado de «estéril», «improdutivo», «inútil» para qualquer propósito e utilidade reais. O «trabalho» tem por intuito «produzir»; mas as «más obras» são contraprodutivas. A obra de Deus consiste em fazer de nós «feitura» sua, criados para as «boas obras» (ver Efé. 2:10). E isso visando levar-nos a participar amplamente da vida eterna (ver as notas expositivas sobre João 3:15). O pecado por hipótese nenhuma poderá conduzir-nos ao tipo de produção certa, porquanto é *inútil* no que tange a essa questão. Outrossim, o pecado destrói a obra de Deus, apesar desse fato não ser diretamente referido aqui. O apóstolo Pedro, todavia, diz-nos que nos devemos abster «...das paixões carnais que fazem guerra contra a alma» (I Ped. 2:11), servindo de obstáculo à alma na obtenção da glória celeste, além de provocar a ira de Deus (ver Efé. 5:6). As «...obras infrutíferas...» sobre as quais lemos aqui devem ser comparadas com as «obras malignas», aludidas em Col. 1:21, e com as «obras mortas», de Heb. 6:1). Quando alguém vive pecaminosamente, isso resulta em «perda» para a alma, não obtendo ela qualquer satisfação real e duradoura. É verdade que o pecado tem certo «prazer», o que ninguém pretende negar; mas o seu fim é a esterilidade. Em contraste com isso, há o «fruto do Espírito», que é vivo e produtivo, e que nos leva ao desfrutamento da vida eterna, a saber, da própria vida de Deus, um «tipo de vida», e não meramente existência interminável, ainda que isso também seja verdade.

O fruto autêntico do pecado é a «morte», conforme se aprende em Rom. 6:21,23 e Gál. 6:8, porquanto aquele que «semeia» para a carne, «colherá» a corrupção da morte. Não recolhíamos qualquer «fruto» daquelas coisas de que agora nos envergonhamos.

«...*das trevas*...» Estão aqui em foco as obras da carne (ver Gál. 5:19-21), as quais caracterizam aqueles que são governados pelo reino das trevas, sendo eles mesmos «trevas», tão completamente estão imersos em sua iniqüidade. (Ver o oitavo versículo deste capítulo. Ver as notas expositivas completas ali sobre o tema das «trevas» e da «luz», como metáforas que expressam várias idéias concernentes ao mal e ao bem, respectivamente. Existem certos atos, praticados por homens mortais, que caracterizam o reino tenebroso, e que certamente são inspirados por seres impuros, de natureza espiritual, que pertencem àquele reino. Na verdade, entretanto, o homem, na qualidade de espírito decaído, é um membro legítimo daquele reino escuro, pelo que também seus atos são simplesmente próprios de um cidadão daquele reino depravado. O «príncipe das trevas» é o governante daquele reino. (Ver Efé. 6:12).

Os filhos da luz, que habitam em meio a uma geração retorcida e perversa, de modo algum podem renunciar ou abandonar o seu direito de

Devemos entender aqui a «retidão evangélica», exigida quando da justificação. A passagem de Rom. 3:21 contém essa palavra nesse sentido.

«...*verdade*...» No grego é «aletheia», que significa «veracidade», «verdade», «caráter de algo de que se pode depender». Essa é a terceira qualidade moral especificada neste versículo. Tal vocábulo é muito amplo, podendo indicar muitas coisas. Mui provavelmente está aqui em foco a «verdade moral», a saber, a sinceridade e a integridade em oposição à falsidade, à hipocrisia, à mentira. (Ver Efé. 5:6 e 4:25). Também há paralelos joaninos dessas idéias, em João 3:19-21; I João 1:5-7 e 2:8-11. Naturalmente que por detrás dessa «verdade», deve-se compreender a harmonia entre a natureza humana e a natureza divina, pois Deus é a Verdade suprema, já que nele não há engano de falsidade e nem hipocrisia. Deus é a «verdade» da natureza humana, a saber, aquilo que é «real» e «genuíno» na inquirição do crente, visto que é destino dos remidos compartilharem da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19). É na direção dessa «verdade» que se move a humanidade inteira, visto que isso é a própria essência e o significado da vida. (Ver I Cor. 8:6 e as notas expositivas ali existentes, quanto a esse conceito: todas as coisas subsistem «nele» e «por ele». E a palavra «nele» expressa o conceito que é na esfera do seu ser que jaz o sentido e o destino de toda a existência humana).

«...*fruto da luz*...» A verdade é que o crescimento de qualquer espécie, incluindo a produção das árvores frutíferas, requer abundância de luz. Essa é uma verdade física. E uma verdade espiritual correlata é que todo o «fruto» espiritual, como a bondade, a justiça e a verdade, requerem a Luz de Deus em atuação.

10 Ro 12.2 **10** *Κυριω*] *Θεω* **D*G** *pc* lat

primogenitura, reunindo-se ao antigo reino das trevas (ver Fil. 2:15), porquanto rebrilhamos como «luzes» entre eles.

«...*antes...reprovai-as...*» Este último termo é tradução do verbo grego «elegcho», que significa «trazer à luz», «reprovar», «censurar», «expor», «convencer», «corrigir». Algumas vezes tal vocábulo pode significar «punir», «disciplinar», mas não é esse o seu sentido no texto presente. Essa «censura» visa os pontos seguintes:

1. Tal censura se verifica quando brilhamos com a luz da bondade e da verdade, a fim de demonstrar o que são as obras infrutíferas das trevas, através do contraste assim formado. A vida e as palavras do crente deveriam caracterizar-se por essa natureza de «exposição».

2. Essa censura também se dá mediante a denúncia, em forma de palavras, pública e particularmente, conforme fez o Senhor Jesus (ver os capítulos dezesseis e vinte e três do evangelho de Mateus), embora de mistura com o tempero da misericórdia e da graça (ver as notas expositivas sobre João 8:4 e ss.), e nunca em atitude de justiça própria, mas sempre considerando nossas próprias debilidades e tendências para o pecado (ver Gál. 6:1). O trecho de João 3:20 mostra-nos que a «luz de Deus» é o grande agente a reprovação do mal. (Ver Rom. 1:18-32 quanto a um exemplo da reprimenda paulina contra o mal. Ver também Gál. 5:19-21). As diversas «listas de vícios», do N.T. (comentadas em I Cor. 5:13), também servem de tais reprovações.

«Portanto, a idéia é que aqueles crentes não tinham o direito de tratar superficialmente com tais pecados, tornando-se coniventes dos mesmos, fazendo silêncio a respeito, mas antes, cumpria-lhes falar contra tais abusos, repreendendo-os, com o propósito de fazer seus semelhantes pagãos apreenderem sua torpeza, a fim de abandoná-las». (Salmond, *in loc.*).

O que se subentende deste versículo é que quando um crente não reprova tais atos, tacitamente os aprova; e isso, de certo modo, é comunhão com o mal, já que não se opõe ao mal. Com isso se pode confrontar o trecho de II Tim. 4:2, que diz: «...prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina».

12 τὰ γὰρ κρυφῇ γινόμενα ὑπ' αὐτῶν αἰσχρόν ἐστιν καὶ λέγειν·

5:12: porque as coisas feitas por eles em oculto, até o dizê-las é vergonhoso.

Essas palavras não podem significar que não devemos falar contra essas ações malignas e vergonhosas, porquanto isso seria uma contradição com o versículo anterior; e o próprio N.T. contém muitas listas de vícios, que são condenações a essas práticas pecaminosas (ver o primeiro capítulo de Romanos, o quinto capítulo da primeira epístola aos Coríntios, o quinto capítulo de Gálatas, e os capítulos quatro e cinco da presente epístola). Todavia, há uma maneira de falar desses pecados, com pormenores diminutos, em que se pode desfrutar dos mesmos em segunda mão, o que é uma atitude proibida. Mui provavelmente, Paulo teria proibido discussões particulares sobre vícios vergonhosos, porquanto isso tende a degenerar para a maledicência, embora ele jamais proibisse a pregação pública que denuncia tais atos.

«...*fazem em oculto...*» Mui provavelmente há aqui alusão aos vários vícios sexuais dos pagãos, os quais são particularmente denunciados pelo apóstolo dos gentios, segundo se vê em Rom. 1:24-28 e Efé. 5:3-5, embora sua denúncia não se limite aos mesmos. Alguns intérpretes, todavia, pensam que estão em foco ritos religiosos secretos, que ultrapassavam a mera idolatria, porquanto se caracterizavam por excessos sexuais, conforme se via em diversas religiões gregas misteriosas. O cristianismo, em tudo quanto faz, deve ser contrastante com tais práticas: nada de ritos secretos corrompidos por feitos animalescos. O credo pagão, tal como o de muitos indivíduos mundanos hoje em dia, equivale ao que diz Wedel (in loc.): «Acredito nas paixões da carne e na solidão da alma».

Vários intérpretes, comentando esta passagem, condenam corretamente as chamadas «confissões» ou «sátiras» cristãs, e outros escritos do mesmo jaez, que ultrapassam os limites do bom gosto e se apresentam aos olhos de todos como descrições dos aspectos mais vis da personalidade humana. Tais retratos são desnecessários, embora todos os males devam ser reprovados de modo coerente com o bom gosto e com a decência.

Outros intérpretes não percebem aqui qualquer ordem para repreendermos o pecado, mas preferem interpretar estas palavras como: «De todos os modos reprovai as obras más, pois seus pecados são tão vergonhosos que até mesmo o mencioná-los é algo coberto de vergonha; portanto, reprovai-os incansavelmente». Nesse caso, a menção da vergonha, até mesmo no relato de tais pecados, não é considerada como um aviso contra tal condenação, e, sim, como um meio de enfatizar o opróbrio envolvido em tais atos, pois até mesmo em palavras, quanto mais em ações, são vergonhosos. Porém, apesar dessa interpretação envolver certa verdade, não é a maneira natural de se compreender este texto. Por igual modo, não parece ser boa a interpretação que diz que devemos «repreender tais pecados abertamente, pois falar deles, em quaisquer outros termos que não o de reprimenda, é algo vergonhoso», como se qualquer menção a tais vícios seja correta, contanto que seu propósito seja repreendê-los. Pelo contrário, o que esta passagem nos ordena é a moderação, a discrição no trato verbal de tais assuntos. É fato bem conhecido que até bons crentes gostam de um bom escândalo, porquanto lhes dá oportunidade de usarem de maledicência, além de derivarem de tais conversas uma espécie de aprazimento. Mas o apóstolo Paulo condena isso como um sinal de paganismo, que de forma alguma é digno dos filhos da luz.

Os ritos secretos dos cultos misteriosos elêusios e bacanais eram tão impuros e abomináveis que o senado romano, finalmente, decretou-os ilegais tanto na capital romana como em toda a Itália. (Ver Lívio, *História* lib. xxxix, caps. 8-19, onde tais ritos são descritos, o que serve para reforçar a idéia do presente versículo, onde se entende que é melhor não mencionar tais coisas, exceto como reprimenda geral, mas sem detalhes vívidos e pormenorizados.

13 τὰ δὲ πάντα ἐλεγχόμενα ὑπὸ τοῦ φωτὸς φανεροῦται,

[a a] **13-14** *a* number 14, *a* no number: WH? Nes BF² NEB? TT Jer // *a* no number, *a* number 14: TR WH? Bov AV RV ASV RSV NEB? Zür Luth Seg

13 τὰ...φανεροῦται Jn 3.20-21

5:13: Mas todas estas coisas, sendo condenadas, se manifestam pela luz, pois tudo o que se manifesta é luz.

Este versículo é um tanto obscuro, razão pela qual pode ser compreendido essencialmente de três maneiras diferentes, a saber:

1. Alguns pensam que estariam em foco o «poder desvendador da luz», porquanto aquilo que realiza o trabalho de exposição é a luz. Assim sendo, Deus, Jesus Cristo, as reprimendas ditas, e também os crentes que reprovam o mal, seriam outras tantas «luzes».

2. Isso é verdade, mas este versículo também parece conter a idéia que aquilo que é devidamente desvendado pode tornar-se luz, pois, uma vez iluminado, o indivíduo se torna luz, contanto que não resista à iluminação. Por essa razão é que se pode traduzir este versículo por «Tudo quanto é exposto é manifestado pela luz, pois tudo aquilo que se torna manifesto é luz». (Essa é a interpretação de Beare, in loc., ao que ele acrescenta: «O pensamento subjacente, ao que parece, é que as trevas não podem sobreviver na presença da luz; portanto, quando a luz é focalizada sobre os males daqueles ritos (das religiões pagãs misteriosas), não apenas são os mesmos revelados em sua autêntica natureza, mas igualmente são destruídos—não se podem manter, uma vez que o véu do segredo é rasgado. Assim sendo, o poder da luz não somente revela, mas também penetra e transforma em sua semelhança tudo quanto ilumina»). Esse comentário de Beare concorda com a mensagem geral do trecho de João 1:4-12. Aqueles que são *iluminados* adquirem a natureza de Jesus Cristo, que é a Luz, e desse modo tornam-se aptos para habitar no reino da luz, quais cidadãos legítimos da família celestial.

A dificuldade real do trecho, entretanto, reside no particípio «phaneroumenon», no grego. Quanto à forma, esse verbo pode estar na voz média ou na passiva. Se for a voz média, poderíamos traduzir a frase como «tudo quanto se manifesta é luz»; e isso concordaria com a primeira interpretação geral, exposta acima. Porém, se compreendermos o verbo como na voz «passiva», então teríamos de traduzir a frase por «tudo quanto se torna manifesto é luz», o que nos levaria a entender que aquilo que é iluminado torna-se luz, por sua vez, por haver adquirido a natureza da luz, que foi instrumento da iluminação. E isso concorda com a segunda interpretação, proposta acima.

3. Outros estudiosos, mesmo aceitando o verbo «phaneroumenon» na voz passiva, lhe dão o sentido de «feito plenamente visível», no sentido que a sua verdadeira natureza se torna óbvia, mas não que necessariamente deixe de ser algo mau, para fazer-se bom. Sabemos que todas as imagens visuais que um pode ver são, na realidade, reflexos de luz. Contudo, não sabemos se Paulo conhecia ou não esse fato. Em um sentido geral, entretanto, é possível que ele tenha dito algo parecido com isso, embora não tivesse talvez tal conhecimento das ciências físicas. Por isso é que alguns bons intérpretes se aferram a essa interpretação.

Alford (*in loc.*), concordando com a segunda dessas interpretações, escreveu: «A palavra 'phaneroumenon' é passiva, e não média, no qual sentido jamais é empregada no N.T.; tudo quanto se torna manifesto não é mais trevas, e, sim, luz; e assim, longe de comprometer-se com essas obras das trevas, o crente assalta o território das trevas com as 'armas da luz'».

Salmond (*in loc.*), concordando com a terceira dessas interpretações, observa: «...os praticantes dessas obras são levados a ver quão odiosa é a natureza real de tais coisas; porquanto tudo quanto é desvendado, em suas cores autênticas, deixa de ser secreto e passa a pertencer à natureza da luz».

Naturalmente, a luz nem sempre exerce esse poder transformador, devido à resistência dos homens à mesma. Contudo, essa será sempre a natureza da luz—iluminar. Parece que esse é realmente o intuito dessa expressão, pelo que também disse Crisóstomo: «A luz de tua vida cristã, que será a tua reprimenda derramada sobre esses feitos das trevas, haverá de levá-los à categoria da luz, tirando-os das trevas». Sim, aqueles para quem o apóstolo Paulo escreveu antes eram «trevas», no dizer do oitavo versículo deste capítulo; mas a luz divina transformou-os em «luz». Paulo os encorajou a repreender o mal, a tirarem-lhe a cobertura mediante a luz, a fim de que o mesmo milagre de transformação ocorresse com os seus vizinhos pagãos.

14[a] πᾶν γὰρ τὸ φανερούμενον φῶς ἐστιν. [a]διὸ λέγει, Ἔγειρε, ὁ καθεύδων, καὶ ἀνάστα ἐκ τῶν νεκρῶν, καὶ ἐπιφαύσει σοι ὁ Χριστός.

14 Ἔγειρε, ὁ καθεύδων Is 26.19; 51.17; 52.1; 60.1; Ro 13.11 ἀνάστα...νεκρῶν Is 26.19 ἐπιφαύσει... Χριστός Is 60.1

14 ἐπιφαυσει σοι ὁ Χρ.] ἐπιφαυσεις του Χριστου D* *e* Or[lat] Ambst, nonnulli *apud* Chr

5:14: Pelo que diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará.

«...*pelo que diz...*» Essa expressão é usada algures como introdução a alguma citação bíblica. (Ver Efé. 4:8, que talvez tenha tal intuito. Comparar

com a expressão «está escrito», a fórmula mais comum para indicar citações extraídas do A.T. Quanto a notas expositivas sobre isso, em seus vários sentidos inerentes, ver Rom. 3:10). A dificuldade que aqui se apresenta é que enquanto essa fórmula ordinariamente fosse usada para introduzir alguma citação tirada das Escrituras canônicas do A.T., as palavras aqui escritas nunca aparecem no A.T., ainda que algumas passagens bíblicas talvez tenham exatamente essa *intenção*, como Isa. 60:1 e 9:2.

Fontes Da Citação

1. Algumas vezes, Paulo citava mui livremente o A.T., nem sempre observando o seu sentido original. (Ver Rom. 10:6 quanto a isso). Portanto, neste ponto poderíamos ter um daqueles «usos livres».

2. Alguns pais da igreja, como Jerônimo, supunham que Paulo citara alguma obra apócrifa do A.T., como a Profecia de Elias ou o Livro de Jeremias. O códex G diz «O Livro de Enoque», como a fonte originária. Mas isso é apenas especulação, porquanto em nenhuma outra parte, Paulo se utiliza de tais livros.

3. Talvez Paulo estivesse citando alguma declaração extracanônica do próprio Jesus. Mui raramente ele cita o Senhor Jesus, mas temos aqui uma possibilidade. (Ver Atos 20:35 acerca de uma das citações que Paulo faz de Jesus. Quanto às «declarações extracanônicas de Jesus», das quais há um bom número, ver o artigo sobre «Jesus», na introdução ao comentário, sob o título «Ensinamentos»).

4. A maioria dos intérpretes acredita que Paulo estivesse citando algum antigo hino cristão. (Ver as notas sobre esses «hinos», em Col. 3:16).

O sono e a morte são equiparados entre si; e ambas essas coisas servem de figuras simbólicas da alma que, devido à morte espiritual e às trevas, ficam separadas da fonte de luz e de vida, que é Cristo Jesus. O sono e a morte, como símbolos espirituais, pertencem ambos à região da morte. Paulo já havia denominado aqueles que estão perdidos no pecado de «mortos» (ver Efé. 2:1,5) e de «trevas» (ver Efé. 5:8). Mas a luz de Deus, que é Cristo, e que transporta o pecador penitente à terra da luz, é quem torna tais almas vivas, conferindo-lhes a própria vida de Deus Pai (ver João 5:25,26 e 6:57), fazendo com que elas mesmas se *tornem luz* (ver Efé. 5:13).

A linguagem figurada, aqui empregada, embora provavelmente faça parte de um primitivo hino cristão, emprega simbolismos comuns à literatura judaica. Maimonides (Hilchot Heshuba, cap. 3, secção 4) diz: «...o toque da trombeta, no começo do ano, tinha certo significado que era como se dissesse: 'Despertai, vós que dormis', e vós, que dormitais, levantai-vos de vossa madorna e pesquisai as vossas ações, retornando ao arrependimento e relembrando-vos de vosso Criador'».

A despeito do fato que as palavras deste texto referem-se particularmente a pessoas não-regeneradas, que vivem em trevas, no sono e na morte espiritual, contudo, Paulo aplica-as aqui aos crentes, que correm o perigo de retornarem àquela condição espiritual, necessitando do conhecimento que Cristo é quem pode salvaguardá-los de tal desvio. Não seriam outra coisa senão homens espiritualmente mortos, se porventura retornassem ao seu meio pagão de vida, que tão recentemente tinham abandonado. Teria sido fácimo para aqueles crentes retornarem a seus antigos caminhos, passo a passo, desfazendo-se assim o bem que lhes fora feito, mediante a mensagem cristã, conforme o poema abaixo citado bem o ilustra:

É a pequena rachadura dentro da flauta
Que não demora a emudecer a música,
É que lenta mas crescentemente silencia a tudo;
Ou é o pequeno ponto no fruto cultivado
Que lentamente o apodrece e estraga todo.

A vereda descendente pode começar com o que se pensa ser algo de somenos. As ninharias se multiplicam na vida do indivíduo, e não demora que ele comece a tolerar os pecados antigos, sendo destruído por eles, perdendo a luz de Cristo em sua vida.

Este versículo mostra-nos que aquele que foi feito «luz» (ver o décimo terceiro versículo), deve ter o cuidado para não perder seu brilho, além de confirmar a necessidade de «repreensão» (ver o décimo primeiro versículo). A luz sempre terá uma influência saudável, uma função conferidora de vida. Os crentes devem encontrar-se no centro da luz, a saber, na comunhão verdadeira com o próprio Cristo, a Luz do mundo.

Variante Textual: Ao invés das palavras «...e Cristo te iluminará...», o ms D(1), as versões latinas *d* e *e*, os escritos de Ambrosiastro e alguns manuscritos conhecidos por Crisóstomo, dizem «e Cristo te tocará», ou palavras similares. Isso se refere a uma antiga lenda que supunha que o sepulcro de Adão se encontra no monte Calvário, e que devido ao toque do corpo e do sangue de Cristo, Adão foi o primeiro ser humano a ressuscitar. Jerônimo relata que ouviu alguém disputando na igreja, o qual, a fim de agradar a outros com algo novo, fez com que o presente texto significasse «Levanta-te, Adão, que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo te tocará, etc.» De tal lenda é que se desenvolveu esta variante textual, principalmente nas igrejas ocidentais.

15 *Βλέπετε οὖν ἀκριβῶς πῶς*[4] *περιπατεῖτε, μὴ ὡς ἄσοφοι ἀλλ' ὡς σοφοί,*

[4] **15** {B} *οὖν ἀκριβῶς πῶς* $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* B 33 81 104 436 1241 1739 1962 cop^{sa} Origen Chrysostom John-Damascus // *οὖν πῶς ἀκριβῶς* D^{gr} G K P Ψ 88 181 326 330 451 614 630 1877 1881 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{f,g,mon} syr^{p,h,pal} arm Ambrosiaster Victorinus-Rome Lucifer (Chrysostom) Jerome Theodoret John-Damascus // *οὖν ἀδελφοὶ πῶς ἀκριβῶς* ℵ^{c} A 629 it^{ar,c,dem,x,z} vg cop$^{bo^{mss}}$ Pelagius // *οὖν ἀκριβῶς ἀδελφοὶ πῶς* cop^{bo} // *οὖν πῶς* it^{d,e} eth

A comissão preferiu a seqüência *ἀκριβῶς πῶς* com base na força da evidência externa ($\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* B 33 81 1739 cop (sa) Orígenes *al*) e com base nas probabilidades de transcrição (*πῶς* pode ter sido acidentalmente omitida após *-βῶς*, e subseqüentemente foi inserida no lugar errado). A presença de *ἀδελφοί* em vários testemunhos (ℵ^{c} A 629 it (61) vg cop (bo) Pelágio) é obviamente secundária, não havendo qualquer boa razão para explicar sua excisão se a palavra estivesse originalmente presente.

5:15: Portanto, vede diligentemente como andais, não como néscios, mas como sábios,

As palavras «*...vede prudentemente...*» refletem os termos gregos. «blepete...abribos», cuja tradução mais literal seria «vede acuradamente», e cujo sentido é «dai grande atenção a». O cuidado, em nosso andar cristão, nos é aqui recomendado, a fim de que estejamos alertas, em estado de preparação espiritual, através da intimidade com Cristo e da instrução em Cristo. Não se trata de um resultado automático, porquanto subentende um desenvolvimento cuidadoso em Cristo, mediante o emprego de todos os meios espirituais postos à nossa disposição.

«*...como andais...*» (Quanto ao «andar» como uma metáfora sobre a conduta geral na vida, em seus padrões e hábitos, ver as notas expositivas sobre os versículos segundo e oitavo deste capítulo, onde são dadas outras referências onde essa idéia é ainda mais desenvolvida. Tal expressão metafórica é freqüente, segundo nos mostram as notas expositivas aludidas).

«*...não como néscios...*» Esta última palavra, no original grego é «asophos», a negativa simples do termo que significa «sábios»; pelo que seu significado é «embotado», «insensato», ainda que no texto à nossa frente isso se refira à condição espiritual de ignorância, que caracteriza aqueles que se acham em trevas, aos quais, portanto, falta a «iluminação» espiritual. É como se Paulo houvesse afirmado: «Não sejais semelhantes aos vossos vizinhos, que não possuem a luz de Jesus Cristo, continuando nos antigos caminhos vergonhosos, pois andam sob a influência do príncipe das trevas, nos desejos mórbidos de sua carne, cumprindo os seus desejos e os desejos da mente entenebrecida, por serem filhos da desobediência, das trevas e da ira». (Ver Efé. 2:2,3).

«*...e, sim, como sábios...*» Neste ponto é empregada a palavra que usualmente significava «sábio», isto é, «sophos», ainda que em sentido espiritual. Essa palavra indica aqueles que foram espiritualmente iluminados, para que se tornem sábios, dotados de discernimento. Os atos de Deus são todos efetuados com base na sabedoria, conforme o trecho de Efé. 1:8, onde também tal termo é comentado. Notemos que viver no pecado é demonstração de loucura; e que viver na retidão é prova de sabedoria. A totalidade do N.T. é demonstração das razões pelas quais as coisas são assim. O texto presente vincula as «trevas» e a «morte» com a «insensatez do pecado», ao mesmo tempo que a «vida» e a «luz» são ligadas à «sabedoria da santidade». E nossa consciência também faz essa equiparação. E aquele que no homem interior testifica sobre essa verdade é o Espírito Santo. Cumpre-nos observar que este versículo é paralelo de Col. 4:5. (Quanto a todos os paralelos existentes entre esta epístola e a epístola aos Colossenses, ver a introdução ao trecho de Efé. 1:1, onde uma lista de tais paralelos é oferecida).

Variante Textual: O termo «prudentemente» acompanha o verbo «ver», de acordo com os mss P(46), Aleph, B, 17 e os escritos de Orígenes e Crisóstomo. Isso resulta em tradução similar à que encontramos na nossa versão portuguesa. Porém, esse termo aparece ligado com «andar», dando em resultado «Vede que andeis prudentemente», nos mss Aleph(5), ADGKLP e a maioria dos manuscritos posteriores, incluindo a grande massa de manuscritos cursivos. A diferença consiste da ordem de palavras: o primeiro caso diz «akribos pos», e o segundo caso diz «pos akribos». Todavia, isso não modifica o sentido da ordem em geral, sem importar como aceitemos o texto, embora a primeira forma conte com melhor apoio textual.

O uso apropriado da «luz» permite que o olho veja com mais exatidão; de fato, não havendo luz, a visão é inoperante. Portanto, uma vez que a luz de Cristo esteja conosco, podemos ver claramente o que nos compete fazer. A iluminação que nos vem da parte de Deus deveria eliminar toda a possibilidade de voltarmos à nossa antiga conduta.

«Tropeçar ao meio-dia é prova de insensatez ou cegueira. Por igual modo, o abuso da luz que possuímos, não demorará a fazer-nos perdê-la, o que nos forçará a voltar às veredas das trevas». (Findlay, *in loc.*). Isso é exatamente o contrário do tipo de vida inerente nas palavras que dizem,

...em nossos dias
de pressa, de trabalho mau feito e de desordem.

Destaca-se aqui a sabedoria cristã. Os gregos apreciavam muitíssimo a sabedoria (ver I Cor. 1:22); mas Jesus Cristo, sendo a luz, é também a sabedoria de Deus (ver I Cor. 1:24,30). E essa sabedoria, a despeito de pertencer ao outro mundo, muito tem a ver com a vida presente, porquanto não apenas sugere, mas exige a vida de santidade, de abandono dos antigos caminhos pagãos. A sabedoria vale mais que o ouro (ver Pro. 16:16); e a loucura de Deus é mais sábia que os homens (ver I Cor. 1:25). A sabedoria cristã não pode ser separada da santidade, tal como ninguém pode separar a santidade do estarmos na presença de Deus (ver Heb. 12:14), já que sem a santidade ninguém jamais verá a Deus. A santidade fala da transformação moral segundo a imagem de Cristo; e isso, por sua vez, provoca a transformação metafísica, mediante o que chegaremos a participar de tudo quanto Cristo é e possui. Portanto, é através da sabedoria de Cristo que chegamos a ter a visão beatífica. Certamente que isso ultrapassa a toda a

sabedoria humana, a qual despreza a gravidade do pecado, levando os homens a descerem pelo caminho descendente do orgulho e da ignorância insensatos.

16 ἐξαγοραζόμενοι τὸν καιρόν, ὅτι αἱ ἡμέραι πονηραί εἰσιν. 16 ἐξαγοραζόμενοι τὸν καιρόν Col 4.5 ὅτι...πονηραί εἰσιν Am 5.13

5:16: usando bem cada oportunidade, porquanto os dias são maus.

No dizer de Beare (*in loc.*): «Em outras palavras, aproveitando-nos das ocasiões fugidias que nos são dadas (ver sobre Col. 4:5). Em ambas essas passagens encontramos que a sabedoria é interpretada em termos de conduta, dependendo do uso proveitoso das oportunidades. Neste ponto a injunção bíblica toca de modo geral sobre a vida moral inteira. Na epístola aos Colossenses, porém, isso é especificamente aplicado às relações entre crentes e incrédulos ('...para com os que são de fora...'). As palavras '...porque os dias são maus...' indicam condições desfavoráveis para o testemunho cristão. O aviltamento da sociedade contemporânea não serve de desculpa para relaxamento de nossa parte, ou para aquiescermos em rebaixar nossos padrões morais; antes, é motivo para uma maior *intensidade na manutenção* imaculada do ideal cristão».

Nos tempos apostólicos, o conceito de *remir o tempo*, ou, como já dissemos, de «aproveitar as oportunidades», era ainda mais importante, porque se pensava então que a «parousia» ou segundo advento de Cristo poderia ocorrer a qualquer momento, já que não havia qualquer conceito de uma prolongada dispensação da graça, que ocupasse muitos séculos antes do retorno de Cristo. (Ver o trecho de I Cor. 15:51 a esse respeito). Pensavam aqueles crentes primitivos que o tempo era exíguo, e que muito tinha a ser feito no caminho da preparação e do desenvolvimento espirituais para aquele magno acontecimento, e para que se chegasse aos perdidos com a boa-mensagem de Cristo. Por conseguinte, cada momento lhes era precioso, precisando ser apropriadamente empregado. Na realidade, essa é a atitude correta para todos os crentes, de qualquer época, sem importar se esperam ou não o retorno de Cristo para breve. (Quanto ao tema do «arrebatamento da igreja», onde toda essa matéria é examinada, ver as notas expositivas sobre o trecho de I Tes. 4:15).

«A oportunidade presente deveria ser utilizada de tal modo que empreguemos nosso tempo em prol da piedade». (*Catena*).

A metáfora aqui em foco não deve ser espremida de tal modo que venha a significar «livrar do poder do diabo», «livrar do poder de homens malignos» ou «livrar do poder do mundo», porquanto nenhum refinamento dessa ordem está em foco aqui. Antes, no dizer de Abbott (*in loc.*) o preço a ser pago são «as dores e os esforços requeridos», para que se viva piedosamente na presente geração maligna.

«...*porque os dias são maus...*» Todos os momentos são preciosos, porque o ambiente em que vivemos neste mundo destrói o «solo acolhedor», dificultando extraordinariamente o sucesso espiritual. Outrossim, o «solo acolhedor» das nossas próprias almas pode ser estragado pelo mal que nos circunda. Essa é uma das razões que exigem de nós um intenso cuidado, para que aproveitemos ao máximo cada momento e cada oportunidade para o bem.

«O termo 'remir' significa 'pechinchar', como os compradores que esperam tempo favorável no mercado; e isso subentende quão preciosa é a ocasião oportuna: jóia que deve ser adquirida a qualquer preço...Os dias desta vida (são maus) (ver Gál. 1:4), eivados de males; portanto, deveríamos aproveitar ao máximo nossas oportunidades para o bem, enquanto essas oportunidades perduram (ver Efé. 6:13; Gên. 47:9; Sal. 49:5; Ecl. 11:2; 12;1 e João 12:35). O tempo geralmente serve ao mal; mas deve ser aproveitado para o bem». (Faucett, *in loc*).

«A oportunidade favorável torna-se nossa, sob o preço do dever (através desse preço)». (Vincent, in loc., comentando sobre Col. 4:5).

«Aproveitando aqueles momentos que outros parecem desperdiçar; melhorando constantemente cada momento presente, a fim de 'recuperarmos', de alguma maneira, o tempo 'perdido'. Que o 'tempo' seja nossa principal mercadoria; negociemos exclusivamente com ela; compremo-la toda, e usemos cada porção da mesma. O 'tempo' é aquilo de que depende a 'eternidade'; dentro do 'tempo' é que nos convém obter preparação para o reino de Deus. Se não obtivermos tal preparação em tempo, a nossa ruína será inevitável; portanto, aproveitemos o tempo». (Adam Clarke, *in loc.*).

«...isso nos mostra que o tempo é valioso e precioso, que não podemos desperdiçá-lo como algo sem valor, para que se perca, por assim dizer...antes, consideremos o tempo oportunidade de fazer o bem para nós mesmos e para outros; e isso significa que nenhuma oportunidade de nos desincumbirmos de nossos deveres, para com Deus e para com os homens...deveria ser desperdiçada». (John Gill, *in loc.*).

«Que não deixemos o tempo passar-se, *mas que sejamos como os* comerciantes que buscam vantagens cuidadosamente, tornando o tempo nosso próprio». (Alford, *in loc.*).

«Sejamos diligentes no uso do tempo, porque os dias são poucos». (Braune, *in loc.*).

«Um ano depois que esta epístola foi escrita, a cidade de Roma foi incendiada, e o crime, por capricho de Nero, foi lavado com o sangue dos cristãos. Dentro de mais quatro anos, tanto Paulo como Pedro haviam sido martirizados em Roma; e Nero rolara às mãos de assassinos. Imediatamente o império romano se viu convulsionado pela guerra civil...em meio às ameaças de ruína do estado romano, foi levada a efeito a guerra dos judeus contra os romanos, o que determinou a captura de Jerusalém e a destruição do templo e da nacionalidade judaicos no ano 70 d.C...O arcabouço inteiro da vida foi abalado...» (Findlay, *in loc.*). Portanto, vemos que não sabemos o que o tempo nos trará de bom ou de mal, se bonança, ou então crise e morte. Assim, pois, devemos usar sabiamente as oportunidades presentes.

17 διὰ τοῦτο μὴ γίνεσθε ἄφρονες, ἀλλὰ συνίετε τί τὸ θέλημα τοῦ κυρίου. 17 συνίετε...κυρίου Ro 12.2; Col 1.9

17 συνιετε] συνιεντες (-ιον- **D***G)**KL** *pl* lat sy^{h} ς | θελημα] φρονημα ℵ* | Κυριου] Θεου **A** *al c d* vg$^{s, cl}$ Ephr: Χριστου $\mathfrak{p}^{46}$

5:17: Por isso, não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor.

As palavras «...*por isso...*» mui provavelmente devem ser entendidas como a necessidade que temos de «remir» ou aproveitar o tempo; e talvez, secundariamente, possam ser entendidas como «porque os dias são maus», porquanto esse é o principal pensamento do versículo anterior. Vários intérpretes têm pensado em uma ou outra dessas razões. Alguns preferem vincular tal pensamento ao verbo «andar», do décimo quinto versículo, ou então aos versículos quinze e dezesseis, conjuntamente. Talvez Paulo não tivesse querido limitar a «razão» a qualquer declaração isolada, e, sim, a todos os conselhos que ele acabara de dar com relação à nossa maneira de andar, à necessidade de aproveitarmos bem o tempo e ao fato que os tempos são curtos e entravadores. Todas essas são razões válidas para não sermos «insensatos» em nossa conduta cristã.

«...*não vos torneis insensatos...*» Neste ponto não é usado o vocábulo «asophos», e, sim, «aphron». Mas tais termos gregos podiam ser sinônimos, sendo perfeitamente possível que Paulo não tivesse querido estabelecer qualquer diferença. Abbott (in loc.), pensa que essa palavra aponta especificamente para «a imprudência ou a loucura 'em ação'». É possível que essa seja a verdade, no tocante à sua aplicação aqui, embora nada exista, no próprio vocábulo que exija tal significação. Literalmente, essa palavra significa «sem mente», «destituído de capacidade mental», com sentidos secundários como «tolo», «imbecilizado», «desequilibrado». Isso poderia ser dito acerca dos crentes que, tendo escapado do caminho errado da corrupção, voltam aos seus antigos caminhos corruptos. A tais crentes falta a «inteligência moral», que tem conseqüências sérias.

Adam Clarke (*in loc.*) vê nessa declaração paulina uma alusão aos «ritos loucos» do paganismo, como se via nas religões misteriosas. Diz ele: «Temos aqui uma alusão evidentíssima às orgias de Baco, quando seus devotos agiam como loucos; corriam, balançavam a cabeça de ombro a ombro, e em tudo com a atitude mais frenética». Na realidade, porém, qualquer pecado do paganismo, se for praticado por um crente, transforma-se em loucura, ainda que não venha acompanhado dessas ações teatrais.

«...*procurai compreender qual a vontade do Senhor...*» Em contraste com a atitude da insensatez, o crente deve caracterizar-se por um pleno conhecimento espiritual, por entendimento e sabedoria, de modo a saber qual é a vontade de Deus. Devemos notar aqui as palavras «...do Senhor...», isto é, do Senhor Jesus Cristo, visto que o termo «Senhor» é usualmente usado nas páginas do N.T. com esse significado, conforme se aprende nas notas expositivas de Rom. 1:4. Isso ilustra a elevada cristologia do autor sagrado, que identifica a vontade de Deus com a vontade de Cristo, como uma e a mesma coisa. (Essa passagem pode ser confrontada com o trecho de Rom. 12:1,2). Sim, a consagração inteira do crente, bem como a sua transformação moral, tem por fito provar, por experiência própria, qual é a «boa, agradável e perfeita vontade de Deus». E essa compreensão da vontade de Deus, de conformidade com essa passagem da epístola aos Romanos, vem através da «renovação da mente». (Isso pode ser comparado com Efé. 4:23, que reza: «...e vos renoveis no espírito do vosso entendimento»). As notas expositivas sobre esta última passagem esclarecem-nos o que as Escrituras entendem por «mente»).

A vontade de Deus é um princípio que a tudo inclui. Aplica-se a todos os aspectos da vida e à vida inteira. Consiste simplesmente em vivermos de conformidade com o plano de Deus para nossas vidas, para que finalmente compartilhemos da imagem de Cristo, de sua plenitude (ver Efé. 1:23) e da própria plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Tudo quanto fazemos, se está de conformidade com a vontade de Deus, faz parte integrante da «vontade» dele. Portanto, não podemos dividir a nossa vida diária em categorias como «religioso» e «secular». Pelo contrário, para o crente tudo é «espiritual», já que o homem é um ser espiritual, a despeito de estar temporariamente aprisionado em um corpo físico; e tudo quanto ele faz deve visar o avanço de seu próprio ser, e isso de acordo com o Espírito mais elevado de todos, a saber, o próprio Deus. «O temor do Senhor é o princípio da sabedoria...» (Pro. 9:10). O homem orienta a sua vida corretamente se o faz de conformidade com a Palavra de Deus. (Ver Sal. 119:9). Essa Palavra, entretanto, precisa ser-nos ensinada no íntimo, pela agência do Espírito Santo. E é então que a Palavra de Deus se torna a lei escrita em tábuas de carne, no coração, para que a vontade de Deus seja conhecida e o homem receba poder para segui-la.

«...*a graça de Deus se manifestou...* educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século sensata, justa e piedosamente» (Tito 2:11,12). Medita estas cousas, e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto». (I Tim. 4:15).

18 καὶ μὴ μεθύσκεσθε οἴνῳ, ἐν ᾧ ἐστιν ἀσωτία, ἀλλὰ πληροῦσθε ἐν πνεύματι, 18 μὴ μεθύσκεσθε οἴνῳ Pr 23.31 LXX

5:18: E não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito,

Temos aqui a citação do trecho de Pro. 23:31, de acordo com a versão da Septuaginta ou LXX (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã). Devemos considerar que este versículo consiste de uma ordem contra os excessos na bebida, em qualquer situação. O mais provável, entretanto, é que foi vazado com base no pano de fundo do culto de Dionísio, no qual esse deus pagão era propositadamente adorado em meio à ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, a fim de provocar ao máximo o frenesi dos participantes. Em contraste com isso, a adoração e a vida geral dos crentes requer em uma inteligência e uma sabedoria sóbrias, a percepção clara da realidade, e não êxtases frenéticos e artificiais, causados pelo excesso de álcool.

O Uso De Bebidas Alcoólicas

1. O N.T. adverte-nos contra o uso excessivo das bebidas alcoólicas (ver Lucas 1:15; 21:34; I Tes. 5:6-8; II Tim. 4:5; I Ped. 1:13; 4:7 e 5:8). Mas permite um uso moderado, segundo se depreende de várias dessas referências.

2. Luz derivada da ciência moderna: As pesquisas têm demonstrado, que até mesmo pequenas quantidades de álcool, na corrente sangüínea, matam as células cerebrais. Com base no trecho de I Cor. 3:16,17, só se pode supor que, se Paulo tivesse tido conhecimento do fato, teria proibido o uso de qualquer bebida alcoólica, a menos, talvez, que se possa demonstrar haver nela algum uso medicinal. Nesse caso, o sacrifício de algumas poucas células do cérebro, pode valer a pena, para que se adquira melhor saúde em outros pontos do organismo. Entretanto, é improvável que o álcool tenha qualquer valor como medicamento.

O vício do alcoolismo raramente resulta do desejo que os alcoólatras têm por sentir o *gosto*, o paladar da bebida. Os alcoólatras andam atrás de muito mais do que isso. Busca «livramento de suas perturbações». Talvez queira «ocultar-se de si mesmo» ou «evitar suas responsabilidades». Procura modificar o mundo a fim de que o mesmo se lhe torne tolerável. Também pode estar tentando «escapar da melancolia». Portanto, usualmente o problema do alcoolismo é de fundo «psicológico» ou «espiritual», e o vício é apenas uma maneira de evitar a solução real, que pode parecer dolorosa, indesejável ou impossível, para aquele que bebe em excesso. Assim, pois, um homem necessita de alguma solução real para o seu profundo problema, que remova a necessidade de um substituto insuficiente. E Cristo é essa resposta, contanto que o indivíduo queira aprender dele, tornando-o o centro de sua vida. A instituição denominada «Alcoólatras Anônimos» tem obtido regular sucesso na cura do alcoolismo. Ao invés da garrafa, apresentam a fé em Deus e o encorajamento mútuo nessa fé, mediante resoluções saudáveis. Mas essa fé, mais perfeitamente definida ainda, é a fé em Jesus Cristo, conforme os termos do evangelho cristão.

«*...no qual há dissolução...*» No grego é «asotia», que significa «deboche», «dissipação», «devassidão». Estão em foco os atos dissolutos de toda a forma, mormente os excessos sexuais, o que se verifica sem importar se o alcoolismo está associado ou não a uma adoração pagã antiga. As bebidas alcoólicas retiram do indivíduo toda a inibição, de tal modo que apesar da pessoa saber o que está fazendo (embora talvez não mais se lembre do fato posteriormente), não sente qualquer inibição contra os seus atos. Por essa razão é que alguns homens dissolutos e inescrupulosos encorajam mulheres a ingerir bebidas alcoólicas, pois sabem que não é difícil seduzir uma mulher virtuosa, contanto que ela tenha ficado estonteada ao menos pelo vinho.

«*...mas enchei-vos do Espírito...*» O arrebatamento de [illegible] provocado pelas bebidas alcoólicas—ao que poderíamos ajuntar [illegible] tóxicos desenvolvidos recentemente, como o LSD, as [illegible], a maconha, etc.—é um êxtase falso. Mas há à espera do ser [illegible] alegria autêntica, a plena realização do ser, que se encontra na [illegible] do Espírito Santo. Pode-se comparar o entusiasmo demonstrado pelos [illegible] primitivos, no dia de Pentecoste (ver Atos 2:13), quando os [illegible] julgaram que estivessem «...embriagados!» Mas aquele entusiasmo [illegible] foi misticamente inspirado, conferido pelo Santo Espírito de Deus, o que provoca alteração e elevação do espírito humano, conferindo-lhe profunda alegria e satisfação. Isso é que resolve o problema do alcoolismo, e da maneira mais saudável e razoável que há.

«*...enchei-vos...*» No original grego temos o tempo presente desse verbo, provavelmente em sentido progressivo, como se Paulo tivesse escrito «...ide-vos enchendo...», em um processo contínuo e crescente de enchimento. Esse é o ideal. Um indivíduo pode dar preferência ou ao vinho ou ao Espírito Santo, pois uma antítese está em foco aqui. O vinho degenera; o Espírito Santo eleva. O vinho conduz ao deboche; o Espírito Santo enobrece. O vinho nos torna bestiais; o Espírito Santo nos torna celestiais. (Ver II Cor. 3:18).

As palavras «*...do Espírito...*» mostram-nos qual é o «instrumento» desse pleno enchimento, mas, de acordo com as exigências do contexto, também mostram-nos qual é o elemento que nos enche. O dativo, no original grego, não indica o Espírito Santo como o elemento pelo qual somos enchidos, mas o verbo exige a idéia de sermos cheios pelo Espírito, o que se verificará em maior ou menor grau, dependendo muito daquele que o recebe.

Naturalmente, este versículo ensina-nos que a grande medida que resguarda o homem do alcoolismo é a experiência espiritual autêntica, em que o Espírito do Senhor vem para dominar-nos e enobrecer-nos a vida. Portanto, uma segunda antítese é aqui apresentada: a intoxicação alcoólica em seus efeitos degradantes, em confronto com a realização progressiva da vida espiritual, que resulta naturalmente no bem para a alma. Os pagãos, em seus ritos idólatras, pretendiam estar tomados pela influência do deus a que adoravam; mas tudo não passava de um ludíbrio, pois geralmente suas cerimônias tinham de contar com a ajuda definitiva das bebidas alcoólicas, o que os deixava frenéticos, como se isso fosse o êxtase de que necessitavam. Por outro lado, há um enchimento autêntico do crente com o Espírito de Deus, o que produz sua correspondente elevação do espírito, em verdadeiro êxtase espiritual. O homem anela pela excitação, ou, pelo menos, por algo que ultrapasse suas experiências diárias amorfas. Por isso é que os seres humanos se voltam para muitas coisas artificiais e prejudiciais, em busca patética pela satisfação. Mas a realização espiritual autêntica, em suas variegadas formas, é que realmente satisfaz ao homem. O Espírito de Deus é quem nos outorga essa realização. (Ver os trechos de Gál. 5:22,23 e II Cor. 3:18). Há uma alegria santa, reservada para aqueles que querem servir a Jesus. A fé cristã é eminentemente mística.

«Existe uma aliança mística, que se alinha entre os fatos mais significativos da nossa constituição, entre a emoção e a arte. As naturezas mais rudes, tocadas por sentimentos elevados, amoldam-se a alguma forma de beleza, em expressão de graça e de refinamento. Cada renovação do pulso da vida comum do homem tem sido assinalada pelo renascimento da poesia e da arte». (Findlay, *in loc.*).

19 λαλοῦντες ἑαυτοῖς [ἐν] ψαλμοῖς καὶ ὕμνοις καὶ ᾠδαῖς πνευματικαῖς[5], ᾄδοντες καὶ ψάλλοντες τῇ καρδίᾳ ὑμῶν τῷ κυρίῳ,

[5] **19** {C} ᾠδαῖς πνευματικαῖς ℵ D[gr] G K P Ψ 048? 33 81 88 104 (181 πνευματικούς) 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it[ar,c,dem,f,g,mon,x,z] vg syr[p,h,pal] cop[sa,bo] goth arm // ᾠδαῖς πνευματικαῖς ἐν χάριτι A // ᾠδαῖς $\mathfrak{p}^{46}$ B it[d,e] Ambrosiaster // *omit* Augustine

19 Col 3.16 ᾄδοντες...κυρίῳ Ps 33.2, 3 | τη καρδια $\mathfrak{p}^{46}$ℵ*B *1739*; R] εν τ. κ. KL *pm* ς: εν ταις -ιαις **ADGP** *al* latt syᵖ

Na opinião da maioria da comissão, é mais provável que πνευματικαῖς foi acidentalmente omitida de vários testemunhos (*P* (46) B it (d) Ambrosiastro), por causa de homoeoteleuton, do que teria sido adicionada em quase todos os testemunhos, por assimilação a Col. 3:16, onde o texto é firme. A adição de ἐν χάριτι em A se deve claramente à assimilação a Col. 3:16.

5:19: falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração,

O extraordinário poder da música: A realização e a plenitude espirituais se expressam sob formas artísticas; e, neste caso, através da música, que é recomendada para os cultos dos discípulos do Senhor. Todos têm consciência do poder que a música tem para amoldar nossos pensamentos e emoções. A música é, ordinariamente, a expressão do «pulso» ou do «pulsar do coração» das pessoas. A música pode inspirar pensamentos e ações elevados e nobres, como também pensamentos e ações de baixo nível. Há música espiritual, como também há música intelectual e sensual. Alguém já declarou: «Permiti-me compor o hino de vossa nação, e não me importarei com quem baixará as leis». Não podemos fechar os olhos para o exemplo dos países comunistas, que usam as artes como meios de propaganda, reconhecendo o poder da música.

«Estes versículos dão grande importância ao ministério da música na vida cristã. Contêm eles um profundo discernimento. A música, segundo disse Aristóteles, é a mais 'moral' de todas as artes. Sim, ela afeta mais diretamente ao caráter do que qualquer outra arte. Um tom marcial pode ser produzido pela marcha; uma atitude de profundo respeito por um nobre coral; e certo relaxamento pagão pode ser produzido por um saxofone bem modulado. Toda a igreja local vigilante cuidará criteriosamente da música que usa». (Wedel, *in loc.*).

Prossegue o mesmo autor: «A música de conjunto se assemelha ao álcool, quanto ao 'espírito' que propicia. Cria entusiasmo. Quando o cântico comunitário começa a ser negligenciado, isso sempre serve de sinal de uma vida comunitária decadente. Isso já se tem verificado em muitos aspectos de nossa moderna cena social. Muitas 'religiões' seculares têm podido conquistar os corações dos homens nas asas do canto. Podemo-nos lembrar da 'Marseillaise', da Revolução Francesa, da 'Internacional', do comunismo, do 'Horst Wessel', da Alemanha hitlerista, ou do 'Hino de Batalha da República', da Guerra Civil Norte-Americana».

Um homem com um sonho, com prazer,
Sairá e conquistará uma coroa;
E três, com a nova medida de uma canção,
Podem pisar aos pés um império.
(Arthur William Edgar O'Shaughnessy).

A Música Imoral E Destrutiva Na Igreja

É triste cena ver como, na moderna igreja, a música, que tem sido desenvolvida como uma expressão de impulsos animais, incluindo o impulso sexual, e que, desde o princípio, tem sido a companheira de entorpecentes e de várias formas de deboche, tem chegado a ser largamente usada, tanto no chamado evangelismo, como até mesmo nos cultos de adoração. Essa modalidade de música é uma desgraça para o nome de Cristo. O ritmo e as trovas de jaz e do rock, visam excitar as paixões animais, e jamais servirão de veículo apropriado para os cânticos espirituais. Na verdade, esse fenômeno (o uso dessa espécie de música na igreja), é um dos aspectos da apostasia da moderna igreja evangélica.

«...*salmos...*» (Comparar com I Cor. 14:15). O vocábulo grego «psalmos» é correlato de «psallein», que significa «tocar», referindo-se ao uso da harpa ou outro instrumento de cordas qualquer, visto que aquelas composições poéticas usualmente eram acompanhadas por esses instrumentos. Não há que duvidar que a alusão que aqui se faz é ao livro de Salmos, do A.T., adaptados os seus salmos à música, e que desde os tempos do antigo pacto eram usados para propósitos musicais, o que se estendeu às sinagogas judaicas e, finalmente, à primitiva igreja cristã. As antigas «Constituições Apostólicas» mencionam o uso dos salmos como a música das igrejas locais cristãs. (Ver II. 57.5, que se refere especificamente aos «Salmos de Davi»). O «hino» que foi entoado pelo Senhor Jesus e seus discípulos, após a última Ceia (ver Mat. 26:30), mui provavelmente foi um dos salmos de Davi.

«...hinos...» Esse termo, no original grego, a princípio se referia aos cânticos de louvor, entoados em honra a algum deus ou herói. Mas no seio da igreja cristã foram desenvolvidos «hinos», compostos por seus membros, normalmente hinos de louvor a Cristo e a Deus Pai. A forma verbal dessa palavra, no grego, significa «cantar», «louvar», «repetir por muitas e muitas vezes».

Há traços de possíveis hinos cristãos, que transparecem nos escritos do N.T., a saber: O prefácio do evangelho de João (João 1:1-5) é considerado um desses fragmentos. (Ver as notas expositivas in loc., sobre isso). O décimo quarto versículo do primeiro capítulo desse mesmo evangelho evidentemente contém um fragmento de um «cântico espiritual»). Outras passagens talvez sejam I Tim. 3:16; II Tim. 2:11-13; o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios e o trecho de Tia. 1:17.

«...*cânticos espirituais...*» No grego temos a palavra «ode», que era o termo genérico para «cântico». Originalmente indicava os cânticos em honra aos deuses ou aos heróis; mais tarde, porém, tal palavra recebeu mais ampla aplicação. Neste caso esses cânticos são adjetivados como «...espirituais...» Pelo menos a maioria dos manuscritos assim diz neste ponto. Entretanto, os mss P(46) e B, assim como os manuscritos latinos d e e, omitem esse adjetivo. Todavia, não parece haver razão pela qual tal adjetivo foi omitido, exceto por acidente, se porventura faz parte genuína do texto sagrado. Bem provavelmente se trata de uma antiqüíssima glosa escribal, para certificar aos leitores que quaisquer «cânticos» levados a efeito na igreja teriam de ser de natureza «espiritual». Contudo, em Col. 3:16, essa palavra é genuína. E talvez aqui tenha havido uma tentativa de harmonização com essa passagem.

Não se dispõe de um bom meio para distinguir entre «hinos» e «cânticos». Na realidade, ambos esses termos indicam composições musicais cristãs, em forma de cântico, em contraste com os salmos formais do A.T. Alguns estudiosos têm pensado que o «cântico» era algum «poema» sagrado, adaptado à música; porém, no presente, não há como investigar tal possibilidade. Tal palavra pode significar qualquer forma de cântico, acompanhado ou não de instrumentos musicais. O trecho de I Cor. 14:14 mostra-nos que alguns «cânticos» eram entoados em línguas, por inspiração. E é possível que alguns desses cânticos, após serem interpretados, tenham sido preservados.

Plínio, relatando os resultados de suas investigações sobre os costumes dos cristãos primitivos (ano 112 d.C.), diz-nos que eles estavam «acostumados a se reunirem em um dia fixo da semana, antes do irromper do dia, entoando uma antifonia, isto é, entoando um hino a Cristo como se fosse um deus». (Epístolas X.96).

«...*de coração ao Senhor...*» Essas palavras revelam-nos que esses cânticos espirituais são uma forma de «adoração» ao Senhor. E note-se que tal adoração é prestada a Cristo Jesus, pois o termo «...Senhor...», nas páginas do N.T., usualmente se referem a Cristo. (Ver as notas expositivas sobre Rom. 1:4, acerca desse título de Jesus, onde também apresentamos os comentários sobre o tema de seu «senhorio». A palavra «...coração...», neste caso, é uma alusão ao «homem interior», à «alma», aquela porção do ser humano que é capaz de entrar em contacto com a divindade, a saber, o «homem espiritual» por excelência. São aqui focalizados o «intelecto» e as «emoções» do ser humano; mas também muito mais do que isso. É o «espírito» humano que expressa louvor e ações de graças ao Salvador de todos os homens.

20 *εὐχαριστοῦντες πάντοτε ὑπὲρ πάντων ἐν ὀνόματι τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῷ θεῷ καὶ πατρί*[6,b]

[6] **20** {C} *θεῷ καὶ πατρί* ℵ A B D[b] I K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* | it[c,dem,f,(x*),z] vg syr[p,h] cop[sa,bo] // *πατρὶ καὶ θεῷ* p[46] D*,c G it[ar,d,e,g,mon] syr[pal] goth arm Victorinus-Rome Vigilius // *omit* Pelagius

[b] **20** *b* minor: TR WH Bov Nes BF[2] AV RV ASV Luth // *b* major: RSV NEB TT Jer Seg // *b* ex- clamation: Zür **20** Col 3.17

A maioria da comissão preferiu a seqüência mais usual, *θεῷ καὶ πατρί*, que é largamente apoiada (ℵ A B D (b) I K P Ψ 33 81 614 1739 vg sir (p,h) cop (sa,bo) *al*), à seqüência menos usual, *πατρὶ καὶ θεῷ*, que aparece como antiga variante ocidental (*P*[46] D (*, *c*) G it (d,g,61,86) sir (pal) gót ara *al*).

5:20: sempre dando graças por tudo a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo,

Esse deve ser o «tema» dos cânticos espirituais, sem importar o seu gênero. E essas «...graças...» devem ser tanto públicas como particulares, acompanhadas ou não por instrumentos musicais. O N.T. não faz qualquer declaração acerca da questão do acompanhamento por meio de instrumentos musicais, e essa questão realmente não se reveste de qualquer importância, exceto que um piano ou um órgão bem tocado pode melhorar a qualidade da música no seio da igreja local, o que é desejável. (Essa questão é abordada com abundância de detalhes nas notas expositivas sobre I Cor. 14:15. Ver igualmente os comentários sobre «a música na igreja», em I Cor. 14:26).

Visto que a música, nas igrejas locais, é uma expressão espiritual, não deveria ser ela da variedade mundana, de ritmos «iê-iê-iê» ou jazzísticos, porque tais ritmos não se prestam para criação de uma atitude espiritual, mas antes, excitam a natureza inferior e as emoções carnais.

«...*dando sempre graças por tudo...*» Mui provavelmente, essas palavras precisam ser compreendidas com muito maior amplitude do que as ações de graças expressas por meio da «música». Antes, está em pauta a natureza inteira da vida. Na adversidade, na bonança, no bem, no mal, no sucesso, no fracasso, em tudo, enfim o crente genuíno encontrará motivos para agradecer a seu Deus, até mesmo «...*por tudo...*», e não apenas «em tudo». Mas isso requer uma elevada consciência do que nos ensina a passagem de Rom.8:28, a saber, que «todas as coisas», de acordo com o desígnio divino, visam «cooperar juntamente» para nosso bem-estar espiritual. Algumas vezes a fé transcende à razão, para que se possa confiar nessa declaração bíblica, sobretudo quando a tragédia nos atinge, na forma de «tragédia sem sentido», que parece evidenciar um estado de caos no mundo. Mas, de alguma maneira, confiamos que até o caos e a futilidade aparentes em todas as coisas têm seu devido emprego, dentro do plano de Deus, jamais constituindo surpresas para nosso Senhor. (Ver as notas expositivas sobre Rom.8:20, quanto ao fato que até mesmo a futilidade algumas vezes é utilizada por Deus visando o bem. Comparar isso com Col. 3:17 e I Tes. 5:18. Esta última passagem recomenda-nos: «Em tudo dai graças...»). E essa é a «vontade de Deus», no que tange àqueles que estão «em Cristo».

«...*por tudo...*» Essas palavras devem ser entendidas em sentido lato, e não limitado a «tudo quanto ocorre nos cultos de adoração», ou «na vida inteira considerada como uma adoração a Deus». Isso também expressa certa verdade, mas a expressão que ora comentamos inclui, necessariamente, todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3), como igualmente inclui as adversidades; pois até as tribulações têm efeitos benéficos para os remidos. (Quanto a notas expositivas sobre «os benefícios decorrentes da tribulação», ver Atos 14:22, que salientam várias vantagens possíveis para aquele que experimenta tribulação ou perseguição).

«...*nosso Deus e Pai...*» A presente epístola afirma constantemente a verdade que Deus é o nosso Pai, de quem fluem até nós todas as verdadeiras bênçãos espirituais. (Ver Efé. 1:2,3,14,17; 2:18,19; 3:14,15; 4:6 e 5:1). (Quanto a outras notas expositivas sobre o tema da «paternidade de Deus», ver João 8:42 e Rom. 8:15,16). A mensagem inteira das bênçãos espirituais referidas nesta epístola aos Efésios se baseia no pensamento que o Pai celeste nos cumula de bênçãos espirituais através de seu Filho, e que tais bênçãos nos são proporcionadas em face do fato que somos «filhos de Deus». Possuímos a mesma herança que o Filho de Deus (ver Rom. 8:17), a mesma glória que ele (ver Heb. 2:10 e Rom.8:30); e isso, se for espiritualmente compreendido, fará com que toda a nossa vida, em suas palavras e em suas ações, sirva de louvor vivo e proferido a Deus, e por causa de seus benefícios.

Louvai a Deus, de quem todas as bênçãos fluem;
Louvai-o, todas as criaturas cá debaixo;
Louvai-o acima, vós, hostes celestiais;
Louvai ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.
(Thomas Ken).

«...*em nome...*» Pela autoridade de Cristo, devido à nossa conexão com ele, em comunhão espiritual com ele, devido à nossa identificação com a sua pessoa. (Ver João 16:24 quanto ao pedirmos coisas em oração «no nome de Cristo»). O trecho de João 14:26 diz que o Espírito Santo, o divino «paracleto», seria enviado «em nome de Cristo». De acordo com os idiomas originais da Bíblia, o «nome» representava o indivíduo nomeado. Portanto, devemos entender aqui aquilo que possuímos, pedimos ou fazemos, através da pessoa de Cristo, porquanto o Pai reconhece que fomos «aceitos» no Amado (segundo se aprende em Efé. 1:6), estando enriquecidos mediante a comunhão mística com ele (ver I Cor. 1:4).

«A expressão 'em nome de' tem diferentes tonalidades de significado, como 'autoridade', 'poder', 'honra', 'dependência', etc., em diferentes conexões. Aqui, mui provavelmente expressa a idéia de fazer algo 'em dependência' a Cristo, considerando aquilo que Cristo é». (Salmond, *in loc.*).

«Em outras palavras, como discípulos de Cristo, que vivem debaixo de sua autoridade, devendo a eles o nosso acesso a Deus, através de sua mediação». (Beare, *in loc.*).

«Por meio de quem todas as coisas, até mesmo as aflições, se tornam possessões nossas. (Ver Rom.8:35-37 e I Cor. 3:20-23)». (Faucett, *in loc.*).

«...*nosso Senhor Jesus Cristo...*» (Quanto a notas expositivas completas acerca desse título de Jesus, ver Rom. 1:4). É em Cristo, devido às suas excelências, conforme fica assinalada nesse seu título completo, que temos confiança, tanto no decorrer da vida cristã como em nossas orações. Nossa conexão e intimidade com tão augusta pessoa é suficiente para tudo na nossa vida, agora e para sempre.

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas das elevadas doutrinas expostas na primeira secção* (4:1-6:24).

4. Quarta exortação: Observância da subordinação mútua de todos, na família cristã (5:21- 6:9).

a. Esposos e esposas: O matrimônio é símbolo da relação entre Cristo e a sua igreja (5:21-33).

Alguns estudiosos opinam que o vigésimo primeiro versículo deste quinto capítulo da epístola aos Efésios encerra a conclusão do parágrafo anterior, ao invés de introduzir um novo parágrafo. Por exemplo, Westcott diz (*in loc.*): «Na sujeição mútua, todos desfrutam da alegria do companheirismo. Essa harmoniosa sujeição de uns para com os outros serve de expressão social de nosso sentimento pessoal de gratidão». Esse comentário vê o particípio, no original grego, como algo que qualifica a vida de ação de graças, que acabara de ser mencionada. Findlay, por sua vez, crê que a *sujeição* é mencionada para possibilitar a realização da inspiração conferida pelo Espírito, pois é o Espírito Santo quem nos inspira em nossa adoração, dando-nos livre expressão em cânticos. Naturalmente, isso mostra certa verdade, podendo ser ilustrada pela necessidade dos *profetas* estarem em sujeição uns aos outros, a fim de não serem criadas a confusão e a discórdia no seio da congregação local, segundo se lê em I Cor. 14:32. Porém, parece melhor entendermos essas palavras como introdução de um novo pensamento, isto é, o da observação mútua da subordinação. (Ver Rom. 12:16, que ordena isso aos crentes). A passagem de Col. 3:18 e ss. é passagem paralela a esta, ainda que não seja introduzida mediante alguma declaração geral concernente à subordinação mútua, como ocorre aqui, na epístola aos Efésios.

21 *ὑποτασσόμενοι ἀλλήλοις ἐν φόβῳ Χριστοῦ.*

21 1 Pe 5.5 — 21 *Χριστου*] *Θεου 76 pl* Cl ς: *Κυριου* K

5:21: sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.

«*...sujeitando-vos...*», no original grego, é «upotasso», que na voz ativa significa «sujeitar», «subordinar», e que na voz passiva quer dizer «ser sujeito», «ficar subordinado», «ser submetido». Isso é dito dentro do contexto cristão da submissão mútua e voluntária, de uns para com os outros, quanto aos desejos, aos pensamentos, aos planos, às ações, tudo motivado pelo amor cristão. (Ver I Cor. 16:16 e I Ped. 5:5). Isso não vai contra a idéia democrática, mas antes, está perfeitamente em acordo com ela, pois uma democracia se baseia no respeito mútuo, em que o direito de cada um é reconhecido, e onde nenhuma pessoa ou grupo tem permissão de dominar aos outros. O governo da igreja cristã primitiva era essencialmente democrático. (Ver Atos 6:2,5 e as notas expositivas a respeito).

À base dessa submissão mútua encontra-se o «amor», porquanto é o egoísmo que se recusa a considerar as necessidades e desejos dos outros, e que sempre impõe a sua própria vontade. Mas o amor leva o erente a ser cheio de consideração pelos outros. (Ver João 14:21 e 15:10 quanto ao amor como «princípio normativo da família de Deus»). A consideração ao próximo inspira o indivíduo a ceder a outros, pelo menos enquanto o mal não tentar impor-se).

A submissão de uns para com os outros, tal como todas as graças cristãs, consiste tão-somente em seguirmos o exemplo de Cristo, o qual, no dizer de Fil. 2:6,7: «...pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens...» (Comparar com Mat. 20:25-28). Essa submissão, todavia, não deve destruir o senso de autoridade; e este texto mesmo enfatiza que o homem é o cabeça de sua família, bem como que o escravo precisa obedecer ao seu senhor.

«Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo» (Fil. 2:3). Essa é uma claríssima afirmativa do mesmo princípio que orna o texto presente. (Ver o trecho de Rom. 13:1, bem como as notas expositivas a respeito, sobre a submissão do crente «às leis humanas», o que também nos é ensinado em I Ped. 2:13, embora esta última passagem tenha sido traçada em tempos de perseguição). No entanto, tal submissão tem seus limites, porque «Antes importa obedecer a Deus do que aos homens» (Atos 5:29). É verdade que a submissão pode levar-nos ao martírio; e Jesus Cristo nos deixou esse exemplo. (Ver I Ped. 2:21). Contudo, o texto presente fala especificamente sobre a atitude que deve dominar a tudo, dentro da igreja cristã, não se referindo essencialmente às relações entre os crentes e a sociedade em geral, apesar do N.T., não fazer total silêncio sobre esse aspecto da questão, conforme as referências mais abaixo o indicam.

«*...no temor de Cristo...*» Algumas versões dizem neste ponto «por reverência a Cristo», o que não indica que devamos temê-lo como «Juiz», mas antes, em atitude de profundo respeito, reconhecendo sua elevadíssima posição em todo o universo, como Cabeça de tudo. (Ver Efé. 1:23). E nossa submissão uns aos outros se alicerça sobre nossa reverência a Cristo; e há outros trechos bíblicos onde «nosso dever para com Cristo» é salientado, com base em nossos atos de submissão. (Ver I Ped. 2:13 e Col. 3:18).

«A forte ênfase que o N.T. dá à sujeição, quer aos poderes civis, como em Rom. 13:1-7 e I Ped. 2:13-17; quer à autoridade doméstica, como aqui e em Col. 3:18- 4:1 e I Ped. 2:18- 3:17; quer à autoridade eclesiástica, como em I Tes. 5:12,13 e II Tes. 3:6,14,15, provavelmente indica alguma tendência, na exuberância inicial da liberdade e do entusiasmo cristãos por desconsiderar essa restrição saudável, como leis e convenções da vida externa. Isso explica a cautela geral do apóstolo Paulo aqui, que serve de prefácio para o ensino mais pormenorizado sobre a sujeição, que se segue». (Barry, *in loc.*).

Variante Textual: As palavras «*...temor de Cristo...*» aparecem nos mss P(46), Aleph, ABLP, na Vulgata latina e nas versões siriaca e boárica. Não há que duvidar que isso reflete o texto original, conforme fica demonstrado pela evidência textual irresistível. Foi modificada em alguns manuscritos porque a expressão comum é «temor de Deus», pelo que a modificação foi do não-familiar para o familiar, o que é bastante comum. As palavras «temor de Deus», aparecem na maioria dos manuscritos minúsculos, bem como nos escritos dos pais da igreja Clemente, Eutico, Teodoreto e Damasceno. Já o ms D diz «temor de Cristo Jesus»; e o ms G diz «temor de Jesus Cristo». É interessante que a expressão «temor de Cristo» figura exclusivamente aqui, em todo o N.T., e alguns escribas não permitiram que essa extrema raridade passasse sem revisão.

22 *Αἱ γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὡς*[7] *τῷ κυρίῳ,*

[7] 22 {C} *γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὡς* $\mathfrak{p}^{46}$ B Clement$^{1/2}$ Origen Greek mss$^{acc.\ to\ Jerome}$ Jerome Theodore // *γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὑποτάσσεσθε ὡς* K 181 326 614 629 630 1984 *Byz Lect* syr^{p,h} Chrysostom // *γυναῖκες ὑποτάσσεσθε τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὡς* D G 1985 l^{55} it$^{d,e,(g^2)}$ // *γυναῖκες ὑποτασσέσθωσαν τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὡς* Ψ cop^{sa,bo} // *γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὑποτασσέσθωσαν ὡς* ℵ A I P 33 81 88 104 330 436 451 1241 1739 1877 1881 1962 2127 2492 2495 it$^{ar,e,dem,f,(g^2),mon,x,z}$ vg syr^{pal} goth arm eth Clement$^{1/2}$ Origen Ambrosiaster Victorinus-Rome Basil Jerome Euthalius Theodoret John-Damascus

22 Gn 3.16; Col 3.18; 1 Pe 3.1 — 22 *ανδρασιν* $\mathfrak{p}^{46}$B Clᵖᵗ Or; R] *add υποτασσεσθωσαν* ℵAIP *33 al* lat co Clᵖᵗ: *add -σθε* (*trsp* DG) KL *pm* sy ς

Por um lado, vários testemunhos antigos (P^{46} B Clemente 1/2 Orígenes manuscritos gregos, (seg Jerônimo) Jerônimo Teodoro) começam a nova sentença sem um verbo principal, assim exigindo que a força do *ὑποτασσόμενοι* anterior prossiga. Por outro lado, os demais testemunhos dizem ou *ὑποτάσσεσθε* ou *ὑποτασσέσθωσαν* —depois de *γυναῖκες* ou de *ἀνδράσιν*. A maioria da comissão preferiu a forma mais breve, que concorda com o estilo sucinto das admoestações do autor, e explicou as demais formas como expansões introduzidas por amor à clareza, pois o verbo principal era especialmente exigido quando as palavras *Αἱ γυναῖκες* apareciam no começo de uma lição bíblica.

5:22: Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor;

As idéias exageradas de subordinação feminina, levaram os judeus a não permitir que suas mulheres participassem de formas religiosas de sua fé. Um menino ou mesmo um escravo podia ler as Escrituras na sinagoga, mas isso não era permitido às mulheres. Muitos judeus chegavam mesmo a decretar: «Melhor é queimar os livros da lei do que permitir que uma mulher aprenda a lei». Esse ponto de vista extremado, uma desgraça para a humanidade, influenciou o apóstolo Paulo em suas regulamentações acerca da adoração cristã, já que às mulheres crentes foi ordenado estarem em total subordinação, sem *falarem* na igreja. (Ver I Cor. 14:34,35). Se porventura Paulo tivesse vivido em nossa época, provavelmente teria modificado sua posição; e, de fato, a igreja cristã a tem modificado por ele, pois muitas mulheres recebem ativo ministério de ensino, o que teria sido reputado um opróbrio ante a mentalidade judaica.

A declaração pura da verdade, o princípio *ético correto*, que em muito ultrapassa a qualquer coisa que exista no judaísmo, no tocante às mulheres, é o que se lê em Gál. 3:28, isto é, que em Cristo o sexo é questão indiferente, tal como o são questões de raça e de posição social. Se esse princípio tivesse sido corretamente aplicado, o tratamento inteiro conferido às mulheres, na igreja do N.T., teria sido superior ao que foi. O admirável é que o cristianismo tenha feito progresso nessa questão, considerando-se o fato que ela se desenvolveu de bases essencialmente judaicas, tendo estado sob sua poderosa influência formativa. (Ver I Cor. 14:34,35 quanto a uma discussão contra e a favor das mulheres falarem e ensinarem no seio das igrejas locais).

Para sermos exatos, pode haver abusos de ambos os lados. Existem mulheres dominadoras, completamente deslocadas em seu próprio lar; e também existem homens submissos, o que é uma cena deplorável. Mas, na sua grande maioria, os lares não se alicerçam sobre o amor; e isso serve de alicerce para todos os males domésticos.

O mal medra na família infeliz que conta
Com um galo silente e uma galinha que canta:
Não sei qual vive de maneira mais desnatural,
Maridos obedientes ou esposas dominadoras.
(Francis Quarles).

O escritor do poema aqui reflete uma antiga superstição de que uma «galinha que canta» é mau agouro em uma família. Mas as galinhas realmente cantam como galo?

É verdade que os antigos criam na superioridade intelectual essencial dos homens sobre as mulheres (o que se tem provado ser um mito), e que os companheiros constantes das mulheres, nas sociedades antigas, eram os escravos e as crianças. Além disso, muitas culturas antigas tinham a mulher em pouca conta, sobretudo na cultura judaica. (Ver João 4:27,29, onde são apresentadas notas expositivas que ilustram bem a idéia da degradação da mulher na sociedade judaica). Alguns rabinos chegavam mesmo a duvidar que as mulheres tivessem alma. Não era bom costume social um homem conversar em público com uma mulher, a fim de não cair sob a suspeita de intenções adúlteras. Por isso, alguns judeus negavam-se a falar em público com suas próprias esposas, para que outras pessoas, que não sabiam ser aquela a sua esposa, não viessem a suspeitar dele. Na sociedade judaica uma mulher não podia pedir divórcio de seu marido, embora isso não ocorresse na sociedade romana, onde a mulher dispunha de muito maior liberdade. Na Macedônia as mulheres desfrutravam ainda de maior liberdade que em Roma, visto que algumas mulheres chegaram a tornar-se figuras políticas. (Ver as notas expositivas sobre Atos 17:4, a respeito dessa questão). É interessante que Jesus não aderiu à severidade judaica com referência à subordinação das mulheres. Seus discípulos ficaram surpresos de que ele «*...estivesse falando com uma mulher...*» (João 4:27), o que nos revela que eles compartilhavam do ponto de vista judaico generalizado. Jesus, porém, não seguia tal regra.

O N.T. enfatiza a importância e o valor das mulheres crentes na igreja, segundo se depreende das várias referências paulinas favoráveis a elas, como se vê em Rom. 16:1-4,6, além de sua declaração direta que, em Cristo, não existe homem ou mulher, mas antes, todos são um em Cristo. (Ver Gál. 3:28). Portanto, não se pode ocultar o fato que o cristianismo elevou a posição da mulher.

«*...mulheres sejam submissas...*» Isso reflete a idéia básica de I Cor. 11:3, bem como no vigésimo terceiro versículo deste capítulo. Jesus Cristo é o cabeça do homem; e o homem é o cabeça da mulher. Portanto, mostrar-se uma mulher submissa a seu marido, seu cabeça, é um ato que exibe submissão à sua Cabeça, o Senhor. Isso pode ser confrontado com o trecho de Col. 3:18, onde a expressão é «...como convém no Senhor», ou seja, aquilo que segue a ordem correta, por ter sido o próprio Senhor quem baixou essa determinação regulamentadora da vida doméstica. Todavia, não há aqui idéia de obediência *incondicional* da mulher a seu marido, conforme alguns pensam. Nenhum marido é impecável e infalível como Cristo é. O homem deve submeter-se incondicionalmente a Cristo, por causa daquilo que Cristo é, em sua natureza; mas uma esposa não pode submeter-se incondicionalmente a seu esposo, porquanto este não possui a natureza sem mácula de Cristo.

Por conseguinte, Paulo baixa aqui uma regra geral, e não uma regra sem qualquer exceção. Uma mulher crente, para honrar a Cristo, ocasionalmente terá de não mostrar-se submissa a seu marido. Por exemplo, entre os romanos não era incomum que os homens fizessem suas esposas e mesmo suas filhas agirem como prostitutas, a fim de obterem algum lucro financeiro. Naturalmente, se um marido romano quisesse dispor assim de sua mulher crente, a igreja cristã jamais a aconselharia a submeter-se à vontade de seu marido. Ainda existem coisas menos graves do que isso, mas em que uma mulher crente se vê forçada a obedecer antes a Deus que a seu marido. No entanto, esse fato não deveria obscurecer a regra lançada aqui, já que tem aplicação geral, ainda que não perfeita.

Devemos observar, além disso, que fica subentendido aqui que tanto o marido como a mulher são crentes. Nesse caso, a regra geral quase sempre funciona. No trecho de I Ped. 3:1,2, entretanto, fica subentendido que essa regra deve ter aplicação mesmo quando o marido não é crente; e, nesse caso, a submissão da esposa deve ser um fator que contribui para conquistá-lo para Cristo, quando ele perceber que ela lhe obedece por causa de Cristo, e que, de maneira geral, a conduta dela é digna de louvor, em face de sua lealdade ao Senhor.

A questão da *submissão* da mulher ao marido deve incluir a disposição de acompanhá-lo na escolha de profissão que ele fizer, embora isso não a force a ignorar suas próprias possibilidades pessoais de desenvolvimento. Cada cônjuge deve submeter-se ao outro, nesse particular, a fim de que ambos se sintam bem realizados. Qualquer homem terá uma esposa melhor, mais interessante e mais valorosa, se permitir a ela e se encorajá-la a desenvolver-se. E esse desenvolvimento requer que ele lhe dê liberdade, não a obrigando a fazer somente coisas tradicionais, como a criação dos filhos e o cuidado caseiro. Não obstante, a obrigação da dona de casa para com os filhos, não deve ser abafada e nem diminuída. Porém, é uma tristeza muito grande quando muitas mulheres inteligentes ficam intelectualmente estagnadas, enquanto seus maridos se distanciam delas, crescendo e se desenvolvendo. Isso sempre produz dificuldades no lar, por muitas vezes resultando em divórcio, pois não demora que o homem encontre uma mulher que lhe seja mais igual, que se desenvolveu como ele, ao passo que sua esposa legítima fica em casa, estagnada.

Devemos notar que, no vigésimo quinto versículo deste capítulo, aos maridos é ordenado que *amem* às suas mulheres. Se realmente todo esposo fizesse isso, dificilmente surgiriam problemas no lar. Exigir submissão, mas não amar, não honra a Cristo, não sendo condição sob a qual um lar cristão possa ser apropriadamente mantido. Raramente aparece uma mulher que é amada e que não corresponde a esse amor. Tal amor se manifestará na disposição dela, de submeter-se voluntariamente a seu esposo.

Além disso, o versículo anterior a este requer a «submissão mútua» em todas as relações cristãs. E assim, em amor, um homem também se submeterá à sua esposa, concordando com as demandas legítimas dela, para que ela possa desenvolver-se em um ambiente de respeito. Esse é o caminho cristão, como simples desdobramento da lei do amor, que se espere que predomine em toda a família de Deus. Estavam equivocados os homens judeus, portanto, quando agradeciam a Deus por não terem nascido do sexo feminino; e alguma razão distorcida tinham eles, considerando-se a atitude em que eram tidas as mulheres judias. Mas isso jamais deve ocorrer no seio do cristianismo.

«*...seus próprios maridos...*» Expressão que serve para intensificar a dependência sem-par que as mulheres têm para com seus maridos, como responsáveis que são a eles. Cada mulher deve lealdade a seu próprio marido. Naturalmente que isso significa que ela não tem tal responsabilidade para com qualquer outro, embora esse pensamento talvez não tenha sido diretamente tencionado. A mesma expressão, encontrada em Col. 3:18, não é genuína, mas foi acrescentada para efeito de harmonização com o presente versículo.

23 ὅτι ἀνήρ ἐστιν κεφαλὴ τῆς γυναικὸς ὡς καὶ ὁ Χριστὸς κεφαλὴ τῆς ἐκκλησίας, αὐτὸς σωτὴρ τοῦ σώματος.

23 ἀνήρ...γυναικός 1 Cor 11.3

23 αυτος] και α. εστιν **KLP** *pl* sy ς

5:23: porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo.

(Ver o trecho de I Cor. 11:3, acerca de idêntica declaração). Existe uma ordem natural e divina de autoridade. Deus Pai é o cabeça de Cristo; Cristo é o cabeça do homem; e o homem é o cabeça da mulher. Portanto, Paulo apelou para a ordem natural e divina das coisas, a fim de enfatizar a necessidade da submissão da mulher ao seu marido. (Ver as notas expositivas quanto à referência mencionada). Isso reforça o argumento paulino sobre a submissão da mulher a seu marido, que é submissão idêntica àquela que a igreja deve a Cristo, conforme fica declarado no versículo anterior. (Quanto a Jesus Cristo como «cabeça da igreja», ver Efé. 1:22).

O fato que um homem deve tomar a mesma posição para com sua esposa, que Cristo toma para com sua igreja, dá a entender um amor profundo do homem por sua mulher, na forma de proteção e de cuidados por ela. Se um homem conseguir manter, pelo menos parcialmente, uma relação com sua esposa, como Cristo mantém com a sua igreja, estará se desembaraçando de muitos problemas domésticos, até onde depender dos laços entre marido e mulher. Mas, é claro que a metáfora da «cabeça» dá a entender que deve haver autoridade e controle no lar, por parte do marido. Todavia, isso alude a um organismo vivo, que deve incluir mutualidade de vida e de comunhão. Nenhuma cabeça pode viver sem o seu respectivo corpo, e nenhum corpo pode viver sem sua cabeça. São mutuamente dependentes, devendo haver entre eles submissão mútua, porquanto essa atitude é necessária para a manutenção da própria vida, o que significa que é conveniente para um e para outro, o que está de acordo com a declaração geral do vigésimo primeiro versículo.

«*...marido...*» No grego temos «homem», sem o artigo definido, o que resulta em «um homem», em sentido geral, ou seja, «qualquer homem» que tenha esposa conserva tal relação para com ela.

«*...sendo este mesmo salvador corpo...*» Cristo Jesus é aludido aqui, como Salvador. Não é que o homem seja salvador de sua esposa. Cristo, o cabeça, é o Salvador do «corpo místico», que é a igreja. Nisso Paulo mostra que de certo modo, Cristo, na qualidade de cabeça, não pode ser equiparado a nenhum homem, embora seja este o cabeça da mulher. A analogia não é perfeita, embora seja instrutiva.

O título «*...salvador...*» é bastante freqüente no N.T. Contudo, nos evangelhos, encontra-se apenas em Luc. 2:11 e João 4:42. E nos escritos paulinos apenas aqui, em Fil. 3:20 e por dez vezes nas chamadas «epístolas pastorais» —Ie II Timóteo e Tito. Na segunda epístola de Pedro se acha essa expressão por nada menos de cinco vezes, a saber, em II Ped. 1:1,11; 2:20; 3:2,18. Também figura em I João 4:14 e Jud. 25. Essa palavra reputa Cristo como aquele que nos liberta dos nossos pecados e de suas conseqüências eternas, concedendo-nos libertação e elevando-nos ao estado espiritual da salvação da alma. (Ver Heb. 2:3 quanto a notas expositivas sobre a «salvação»). A idéia de que Cristo é o Salvador é extremamente freqüente em forma verbal, em passagens onde ele é visto como aquele que «salva», ainda que ali não seja diretamente chamado de Salvador; mas o significado é o mesmo. (Ver o trecho de Mat. 1:21, onde se vê que o próprio nome «Jesus» se reveste dessa significação).

«No caso de Cristo, seu caráter de cabeça está unido a ele; sim, foi adquirido por ele por ter salvado ao corpo, no processo da redenção; portanto, não estou alegando que o caráter de Cristo como cabeça é algo inteiramente idêntico àquele outro caráter, pois ele mesmo tem direito a esse ofício, como algo peculiar à sua pessoa». (Alford, *in loc.*).

Apesar disso expressar uma verdade, Paulo queria mostrar algo sem-par na posição de Cristo como cabeça, em comparação com a posição do homem, pois a própria menção do grande sacrifício de Cristo em favor de sua «noiva» serve de poderoso lembrete do fato que o homem deve cuidar do bem-estar de sua esposa, chegando até ao sacrifício, em amor, o que é diretamente frisado no vigésimo quinto versículo deste capítulo.

Variante Textual: Os mss P(46), Aleph(1), *abd*(1)G, e a Vulgata latina dizem «...ele mesmo...» (no grego, «autos»). Mas os mss Aleph(3)D(2),(3)KLP e a maioria dos manuscritos posteriores, principalmente os cursivos, trazem uma forma ornamentada, «...e ele mesmo é...» Mas esta última forma não é a original, mas antes, representa uma expansão escribal posterior, talvez para efeito de obter maior clareza. Seja como for, a expressão é enfática. Somente Cristo é o Salvador do corpo.

24 ἀλλὰ ὡς ἡ ἐκκλησία ὑποτάσσεται τῷ Χριστῷ, οὕτως καὶ αἱ γυναῖκες τοῖς ἀνδράσιν ἐν παντί.

24 αἱ γυναῖκες τοῖς ἀνδράσιν Col 3.19; 1 Pe 3.7

5:24: Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos.

É *apropriado* que a igreja se sujeite a Cristo. Ninguém haverá de negar que isso é próprio. Essa propriedade se alicerça sobre a ordem divina das coisas. (Ver o versículo anterior). Mediante a mesma determinação divina, também é «apropriado» que as mulheres se submetam a seus maridos.

«...*como, porém...*» Esta última palavra, «...porém...» refere-se ao fato que nos devemos limitar à analogia que Paulo acabara de usar. Assim, pois, embora o marido não seja «salvador» de sua mulher, como Cristo é o salvador da igreja, a analogia ainda assim permanece de pé, por ser suficientemente válida para salientar o ponto principal, a saber, a submissão da mulher ao homem. Outros subentendidos da palavra «porém» podem estar em foco, como algo que «recomeça», mas não há qualquer interrupção da expressão do apóstolo. A verdade é que alguns estudiosos pensam que essa palavra seja de introdução a um novo pensamento, isto é, a prova alicerçada no que ele diz previamente, como se se tratasse do uso do termo grego «de»; mas essa função jamais foi ocupada pelo termo grego «alla», que é usado aqui. A explicação, conforme mostramos acima, parece ser que é como se Paulo houvesse escrito: «Embora a minha analogia seja imperfeita, pois nenhum homem é salvador de sua esposa, como Cristo o é da igreja, 'não obstante', ainda assim se aplica à questão principal, isto é, a submissão das mulheres para com seus respectivos maridos».

«...*em tudo...*» A mensagem do vigésimo segundo versículo é aqui reiterada, exceto que agora tal mensagem é reforçada. Cristo é o Cabeça da igreja «em tudo», e outro tanto se dá no matrimônio, no caso da [illegible] do marido. Está em foco «tudo quanto pertence à relação [illegible]

«Isso ensina a extensão da autoridade do marido, e não o [illegible] Envolve todos os seus departamentos, mas é limitado em [illegible] primeiramente, pela natureza da relação matrimonial; e, em segundo lugar, pela autoridade maior de Deus». (Hodge, *in loc.*). «...isso é coerente com os deveres para com Deus». (Matthew Henry, *in loc.*).

«O perigo do egoísmo atinge o lado masculino. A natureza do homem é mais perfeccionista; e o afeto solícito da mulher, que se esquece de si mesma, pode cegá-lo para a sua própria falta de amor verdadeiro. Cheio de atividades e com uma centena de cuidados e atrações, do lado de fora do círculo doméstico, o homem rapidamente se deixa arrastar por hábitos de auto-absorção, fazendo de sua esposa e seu lar apenas uma questão de conveniência, de onde recebe, como se fossem direitos automáticos, o conforto que lhe dão, ao mesmo tempo que ele lhes confere pouca devoção e confiança. Essa falta de amor nega os direitos superiores do matrimônio; e faz da submissão da esposa uma obrigação destituída de alegria...Com grande freqüência, é assim que os maridos se tornam, insensivelmente, tiranos da família, esquecendo-se dos dias da juventude e de gentileza para com suas esposas». (Findlay, *in loc.*).

«Existem muitos homens que, fora de casa, mostram-se civis e gentis para com todos; mas, quando chegam no lar, em relação à esposa e aos filhos, a quem não precisam temer, praticam abertamente uma amargura secreta». (Bengel, *in loc.*).

25 Οἱ ἄνδρες, ἀγαπᾶτε τὰς γυναῖκας, καθὼς καὶ ὁ Χριστὸς ἠγάπησεν τὴν ἐκκλησίαν καὶ ἑαυτὸν παρέδωκεν ὑπὲρ αὐτῆς,

25 ὁ Χριστὸς...ἐκκλησίαν Eph 1.22; Col 1.18 — 25-26 ἑαυτὸν...ἁγιάσῃ He 10.10, 14; 13.12

5:25: Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela,

Esse é o dever supremo dos maridos crentes, como de resto, é o dever supremo de todos os crentes, em todas as situações. O amor é um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23), a implantação de uma qualidade divina na natureza humana, ou seja, um produto do desenvolvimento espiritual.

«Gostarias que tua esposa te obedeça, como a igreja obedecesse a Cristo? Então age para com ela como Cristo age para com a igreja, ainda que tenhas de dar a tua vida por ela; não te negues, mesmo que tenhas de sofrer até mesmo isso. E ainda assim não te terás equiparado com tudo aquilo que Cristo fez. Pois estarás agindo assim depois de havê-la conquistado, mas Cristo se sacrificou pela igreja quando esta lhe fugia e o odiava; e quando ela se dispôs, ele a trouxe a seus pés, não mediante ameaças ou insultos, ou devido ao terror de qualquer coisa, e, sim, mediante sua grande solicitude por ela. Assim também te conduz para com a tua esposa...Aquela que é a tua sócia na vida, que é a mãe de teus filhos, que é a fonte de toda a tua satisfação, não deves amarrar pelo terror ou pelas ameaças, e, sim, pelo amor e pela gentileza...» (Crisóstomo, em *In Eph. Hom.* xx. 144BE, um dos mais nobres discursos que já foram escritos sobre o ideal cristão do matrimônio).

«...*como também Cristo amou a igreja...*» (Quanto ao fato que Cristo se deu a si mesmo pela igreja, ou foi dado pelo Pai, ver Gál. 2:20; 4:25 e Rom. 8:32. E ver especialmente o segundo versículo deste quinto capítulo de Efésios). A «entrega» de Cristo o levou à morte na cruz, na qual podemos compreender a agonia e a grandeza de sua doação, bem como a troco de quais dores ele nos conferiu as bênçãos celestiais, tudo o que serve para demonstrar a vastidão de seu amor.

Dos céus ele veio e a buscou,
Para que fosse sua noiva santa;
Com seu próprio sangue a comprou,
E pela vida dela ele morreu.
(Samuel J. Stone)

«O matrimônio, considerado como símbolo das relações entre Deus e seu povo, atravessa a Bíblia inteira. A analogia nupcial quase desde o princípio fica subentendida na própria idéia de uma aliança; pois a palavra 'aliança', por si mesma, sumaria o grandioso tema da Bíblia. O movimento profético do século VIII a.C., começou parcialmente com o inigualável quadro de Oséias, em que Deus figura como o marido e Israel como a esposa desleal. A ousadia de Oséias até hoje admira aos historiadores. Não estava ele empregando como símbolo a vida sexual do homem, que em suas degradações dão a entender o paganismo, contra o que a religião bíblica declarava batalha incessante? Mas Oséias empregou esse símbolo—e assim fizeram os seus sucessores. Os discursos de Jesus estão repletos de analogias nupciais. Esse simbolismo reaparece, realista e ousadamente, nas epístolas de Paulo, e, no último capítulo do N.T., a igreja figura novamente como uma 'noiva'». (Wedel, *in loc.*).

«É impossível alguém conceber um ideal mais elevado e bem regulamentado da vida matrimonial, mas que flui imediatamente das profundidades vivas da consciência cristã, o que a torna capaz, portanto, de receber as aplicações práticas a todas as relações concretas». (Meyer, *in loc.*).

«Assim como o cuidado pelos membros da família recaem sobre os ombros da esposa, e assim como os filhos devem receber a direção principal da mãe, em sua formação mental e de seus hábitos, por igual modo ela necessita de toda a assistência e apoio que seu marido lhe possa dar; e se ela desincumbe-se bem de seus deveres, então merece o máximo de amor e de afeto da parte dele». (Adam Clarke, (*in loc.*).

«...*amai vossas mulheres*...Esse amor consiste em um amor forte e cordial por elas; em real deleite e prazer nelas; em demonstração de respeito e honra; em buscar o consentimento delas, bem como a sua satisfação e prazer; em uma vida comum, tranqüila, constante e confortável com elas; em prover tudo quanto lhes é necessário; em protegê-las dos abusos e injúrias; em ocultar as faltas delas, bem como as suas fraquezas; em manter a melhor opinião sobre suas pessoas e ações; e em esforçar-se por promover o bem-estar e o bem espiritual delas. Esse amor deve ser sincero, de todo o coração, e não fingido e egoísta. Deve ser exibido tanto em público como em particular. Também deve ser casto e singelo, constante e perpétuo; deve exceder àquilo que é conferido aos vizinhos, ou mesmo aos pais, e deve equivaler àquilo que um homem suportar em si mesmo. Mas isso não às expensas do amor que se deve a Deus e seu Cristo. Sim, muitas são as razões pelas quais os maridos devem amar suas mulheres; elas lhes foram dadas como auxiliadoras; elas lhes servem de companheiras; elas são esposas da aliança; elas são suas mulheres, seus próprios corpos, sua própria carne, sim, como eles mesmos. Elas são a imagem e a glória de seus maridos. E o exemplo de Cristo, que ama sua igreja e seu povo, deve ser especialmente aplicado ao amor de um homem por sua esposa». (John Gill, *in loc.*).

O amor, em uma de suas definições práticas, é «cuidar dos outros como cuidamos de nós mesmos». Ninguém merece mais esse cuidado do que a esposa de um homem, que é a mãe de seus filhos.

Crê-me, se todos esses caros encantos jovens,
Que contemplo tão apaixonadamente hoje,
Tivessem de modificar-se amanhã, e fugir em meus braços,
Como presentes fantásticos que se dissipam,
Ainda assim serias adorada, como tu és neste instante,
Por mais que tua beleza viesse a desaparecer,
E em torno da cara ruína cada desejo de meu coração
Ainda se mantivesse verdejante. (Thomas Moore).

26 ἵνα αὐτὴν ἁγιάσῃ καθαρίσας τῷ λουτρῷ τοῦ ὕδατος ἐν ῥήματι,

26 καθαρίσας τῷ λουτρῷ Tt 3.5

5:26: a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra,

Paulo afasta-as das analogias que havia apresentado, a fim de expor um novo simbolismo, que diz respeito à pureza de uma noiva, o que dá a entender que a igreja deve ser noiva apropriada para seu Noivo celeste. A figura simbólica da santificação da igreja é sugerida pelo banho que as noivas tomavam, antes do matrimônio, quando então se adornavam em suas vestes nupciais, imaculadas e brancas. Quantos milhões de vezes isso têm ocorrido no mundo, através dos séculos!

«...*para que a santificasse, tendo-a purificado*...» Eis uma tradução correta. A santificação vem mediante a purificação. Trata-se de uma santificação «por meio de purificação». Deve-se observar o aoristo, no original grego, refletido na tradução «...*tendo-a purificado*...» Isso se refere ao ato batismal passado, embora esse ato sirva tão-somente de símbolo da santificação inicial (um fato realizado), quando ocorre o perdão dos pecados, tudo o que é retratado como a purificação que nos livra da corrupção. Não se pode pôr em dúvida que aqui é aludido o batismo em água. Todavia, a doutrina neotestamentária não é sacramental, e nem atribui ao batismo em água qualquer poder de purificação da alma, posto que serve de símbolo da purificação realizada pelo Espírito de Deus. Incorre em grave erro todo aquele que encara «sacramentalmente» essas doutrinas, pois o N.T. apresenta tais idéias sob termos «místicos». Em outras palavras, é a ação do Espírito Santo que realiza aquilo que as cerimônias simbolizam. O batismo real consiste em nossa identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição; e esse é o «batismo espiritual», a «realidade» por detrás do sinal do batismo em água. O batismo em água é o tipo simbólico; e o batismo espiritual (nossa identificação com Cristo, mediante comunhão

mística com ele) é a verdade simbolizada, o antítipo. Por conseguinte, o batismo em água também «simboliza» certa purificação; mas a realidade espiritual por detrás disso é a purificação operada pelo poder da santificação do Espírito, sendo essa a realidade simbolizada. (Quanto a notas expositivas sobre a «santificação», ver I Tes. 4:3).

A forma substantivada, no original grego, «*agiasmos*», significa «santidade», «consagração», «santificação», «devotamento». No presente texto é salientada a virtude da pureza, que é um dos aspectos da santidade. E a santidade consiste da total dedicação a Deus, da separação para ele, em que o crente se resguarda das contaminações próprias do mundo. A raiz dessa palavra, no grego, é «agos», que indica questão que envolve «respeito» religioso, como o temor ante qualquer divindade. Daí, esse vocábulo veio a significar (negativamente), uma «maldição» ou um «sacrifício expiatório», dedicado aos deuses. Portanto, dentro da linguagem do N.T., aquilo que é «santo» foi dedicado a Deus e separado para ele. Gradualmente, porém, as idéias de «pureza» e de «impecabilidade» vieram a ser indicadas por essa palavra, sem qualquer conexão com o seu sentido original. No vocabulário neotestamentário, aquilo que é santo foi separado do mundo e para Deus, foi dedicado ao Senhor, sendo puro por sua própria natureza.

«*...lavagem de água...*» A palavra grega traduzida desse modo, desde os tempos mais remotos significa «lugar de banho», e não o próprio banho ou lavagem. A maioria dos dicionaristas e intérpretes supõe que essa palavra também quer dizer «lavagem», o próprio banho, embora pouca evidência clara exista em favor dessa opinião. Contudo, referências como Sóf. *El.* 84-434; Eurípedes, *Phoen.*, 1667, parecem ter o sentido de «libação» em favor dos mortos, o que dá a esse termo um significado mais amplo. Em Herod. vi. 52; *Xen. Cyr.*, vii. 5,20, tal palavra tem o sentido de «banho», o que é equivalente próximo da palavra «...lavagem...», usada no presente texto. Seja como for, a referência é ao ato do batismo; mas não como se esse rito, por si mesmo, tivesse algum poder purificador místico, porque isso é contrário à teologia paulina. Antes, está em foco o «poder purificador místico do Espírito de Deus», que é a realidade simbolizada. (Ver as notas expositivas precedentes). O batismo, pois, é alusão ao banho nupcial da noiva.

Esta passagem pode ser confrontada com o trecho de Tito 3:5, onde a palavra em questão também é usada. Sim, somos salvos, não pelas nossas próprias obras, e, sim, «...mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo». E isso alude claramente a realidades místicas, pois a salvação e a santificação vêm da parte do Espírito de Deus. Essa é a única outra ocorrência da palavra «loutron», nas páginas do N.T., a saber, neste versículo e em Tito 3:5.

«*...pela palavra...*» Posto que não há qualquer explanação definida acerca do que esses termos significam, várias idéias têm sido propostas, a saber:

1. Os pais gregos da igreja, entendiam que está aqui em foco a «fórmula batismal», a saber, «Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo» (Mat. 28:19).

2. Outros estudiosos pensam que se trata da *confissão* feita pelo batizando.

3. Também poderíamos encarar a «Palavra de Deus» como um documento escrito. Mas certamente isso labora em erro, embora seja uma idéia aceita popularmente, em alguns círculos, posto que nunca aceita pelos eruditos.

4. Outros entendem que se trata da «palavra de Deus», isto é, a sua mensagem. Isso concorda com a verdade, contanto que entendamos que se trata da «palavra de Cristo», a mensagem divina ao homem, a saber, o evangelho. (Ver o trecho de João 15:3, que diz: «Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado»). A mensagem de Cristo, quando aceita pelo indivíduo ao nível da alma, é uma potência purificadora, porquanto nos traz a ajuda do Espírito Santo, o qual purifica a alma que se entrega aos cuidados de Cristo.

5. Provavelmente, devemos combinar a primeira ou a segunda posição com a quarta posição. Assim, pois, é a «palavra de Cristo», a saber, o *evangelho*, que purifica o homem. E isso transparece no vívido simbolismo da fórmula ou da confissão batismal. (Ver a alusão ao «evangelho» na expressão «palavra da fé» e na expressão «palavra de Cristo», em Rom. 10:8,9,17). A confissão, feita quando do ato batismal, reconhece que Cristo é o Salvador e Senhor apresentado pelo evangelho. Por isso indagou Agostinho: «Tire-se fora a Palavra, e que será água senão água?!».

6. Ainda há outras interpretações, que precisam ser rejeitadas, como aquela que afiança que a «palavra» significa a «ordem» divina referente ao batismo. Outros dão ao batismo um efeito virtualmente mágico, supondo que a pessoa que batiza a outrem, simplesmente por proferir essa palavra de bênção, faz a água adquirir propriedades mágicas. Por semelhante modo, tal expressão não indica «de conformidade com a promessa de Deus», como se assim é que a santificação tivesse lugar. (Ver as expressões «palavra de Deus», em Efé. 6:17, e «palavra de Cristo», em Rom. 10:17). Esta última referência bíblica contém notas expositivas que esclarecem o significado essencial da expressão aqui empregada.

«A palavra, pregada e recebida, é o elemento condicional da purificação, a água real do batismo». (Alford, *in loc.*).

27 ἵνα παραστήσῃ αὐτὸς ἑαυτῷ ἔνδοξον τὴν ἐκκλησίαν, μὴ ἔχουσαν σπίλον ἢ ῥυτίδα ἤ τι τῶν τοιούτων, ἀλλ' ἵνα ᾖ ἁγία καὶ ἄμωμος.

27 2 Cor 11.2; Col 1.22

5:27: para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.

«*...igreja gloriosa...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «igreja», em sua natureza e destino, ver Efé. 3:10). Cristo Jesus é retratado, ao mesmo tempo, como o Noivo que recebe a sua noiva, e como aquele que a prepara para tal recepção, a fim de que ela se torne digna de sua acolhida. A igreja aparece apresentada a Cristo em esplendor, em beleza magnificente, sem qualquer mácula. Ela é «revestida de glória», por estar resplandecente. Dentro do simbolismo neotestamentário, isso indica que a glória de Cristo lhe será conferida, a fim de que ela, eventualmente, possa participar da glória dele. Sim, a igreja compartilhará da glorificação do próprio Cristo (ver as notas expositivas a respeito, em Rom. 8:30). E isso fala da elevada posição, da magnificência e da transformação por que passará a igreja, do que é humano para o que é divino (ver II Ped. 1:4). Pois a igreja participará da plenitude de Cristo (ver Efé. 1:23), bem como da plenitude de Deus Pai (ver Efé. 3:19). O vocábulo «glorioso», no original grego, também é empregado para indicar *vestes* esplêndidas, em Luc. 7:25; e mui provavelmente é aludido aqui o resplendor das vestes nupciais de uma noiva. E a fim de que a igreja pudesse entrar na «glória» de Deus, e que ela perdera através do pecado (ver Rom. 3:23), é que Cristo se «entregou a si mesmo» (ver Efé. 5:2,25).

Variante Textual: Os mss D(3) K e a maioria dos cursivos, a versão siríaca peshitta e os escritos de Crisóstomo dizem «...para apresentá-la a si mesmo...» Porém, os manuscritos mais antigos dizem «...para ele mesmo apresentá-la a si mesmo...», fazendo mais enfática a idéia que Cristo é quem prepara a sua noiva. Assim rezam os mss P(46), Aleph, ABD(1)GL, a versão da Vulgata latina, o siríaco-harcleano—o que serve de evidência esmagadora em favor dessa forma.

«*...sem mácula...*», isto é, sem qualquer «contaminação». O verbo correlato significa «contaminar», conforme se vê em Tia. 3:6 e Jud. 23. Esse vocábulo («spilos», no grego), significa «mancha», «mácula», sendo usado também para indicar alguma mancha no corpo (ver Disc. 1,39; Artm. 5,67). Também indicava qualquer nódoa em um vestido. A noiva de Cristo, portanto, não terá nem manchas em sua pele e nem nódoas em sua veste nupcial. Isso tipifica espiritualmente e pureza absoluta, como também perfeição na santidade. Trata-se de algo a ser aplicado desde agora, pois desde o presente estamos sendo santificados, sendo aceitos em Cristo como totalmente puros. Porém, também tem um aspecto escatológico, que só se cumprirá na eternidade, quando isso será uma realidade por nós experimentada, não apenas «judicialmente» (por decreto divino, em Cristo, como declaração forense), mas também realmente, através de uma perfeita santificação.

«*...nem ruga...*» No grego temos o vocábulo «rutis», que significa exatamente isso, «ruga» (sendo palavra usada somente aqui, em todo o N.T.). No grego, a palavra deriva-se de «ruo», que significa «contrair». Portanto, está em foco qualquer espécie de vinco, na pele ou nas vestes. Sim, a noiva de Cristo não tem qualquer defeito dessa ordem, pessoalmente ou em seu vestuário. Diz um provérbio popular antigo que «Todas as noivas são belas». Mas essa será o padrão mesmo da perfeição e da beleza. E fica subentendido assim que Deus lhe terá proporcionado a espiritualidade de sua própria perfeita natureza moral (ver Mat. 5:28 e Rom. 3:21), que é a única qualidade de santidade que se equipara aos padrões divinos e que pode ser aprovada pelo Senhor. (As notas expositivas sobre Rom. 3:21 explicam isso em linguagem teológica, e não poética, como se vê no presente texto).

«*...nem cousa semelhante...*» «Nada dessa classe», isto é, qualquer defeito ou mancha de qualquer sorte. Temos aqui uma expressão indefinida, que inclui qualquer conceito de imperfeição. Portanto, a igreja será uma noiva de total perfeição, de beleza inigualável.

«*...porém santa e sem defeito...*» Essa é a própria explicação espiritual de Paulo sobre a noiva de Cristo. (Quanto à palavra «...santa...», ver as notas expositivas sobre o versículo anterior). A santificação de Cristo (é usada aqui a forma verbal) consiste em levar-nos ao estado de «santidade». Essa noiva é totalmente separada do mundo e das contaminações morais, por haver sido dedicada ao Senhor Deus, por haver sido oferecida a Cristo. Ela é pura, dotada de perfeição moral, por ser participante da santidade do próprio Deus.

Uma Coisa Bela

Uma coisa bela é motivo de alegria para sempre:
Sua beleza vai aumentando, e nunca
Se reduz ao nada.
.....
Uma fonte infinda de bebida imortal,
Que se derrama sobre nós da beira do céu.
.....

Glórias infinitas

Caçam-nos até se tornarem luz radiosa
Para nossas almas, e se ligam a nós tão de pronto
Que, se houver brilho ou melancolia sobre nós,
Estarão sempre conosco, ou morreremos.
(John Keats, 1795 - 1821).

«*...sem defeito...*» No grego é «amomos», que quer dizer «sem defeito», e que era termo usado para indicar a ausência de qualquer defeito nos animais a serem oferecidos em sacrifício (ver Núm. 6:14; 19; Phil. Sacr. Abel. 61; Somn. 1,62). Quando essa palavra é usada para indicar a natureza moral, significa «sem culpa». Pois a palavra «momos» significa «culpa», «censura», «desgraça», e que chegou a ser personificada para indicar «deus da culpa». Esse vocábulo também era utilizado para indicar defeitos físicos (ver Lev. 21:17,21). Espiritualmente falando, isso significa que a noiva de Cristo, a igreja, não tem qualquer defeito, ficando especificamente salientado aqui a ausência de «defeitos morais». Sabemos entretanto, que a perfeição da natureza moral provoca a transformação dos crentes na imagem metafísica de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18).

28 οὕτως ὀφείλουσιν [καὶ] οἱ ἄνδρες ἀγαπᾶν τὰς ἑαυτῶν γυναῖκας ὡς τὰ ἑαυτῶν σώματα. ὁ ἀγαπῶν τὴν ἑαυτοῦ γυναῖκα ἑαυτὸν ἀγαπᾷ,

5:28: Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.

Após a digressão, na qual o alvo divino da perfeição moral é colimado, no caso da igreja (ver os versículos vinte e seis e vinte e sete), Paulo retorna ao tema de como o marido deve amar sua mulher. E agora elabora esse tema, mostrando que o amor apropriado do marido por sua mulher deve equiparar-se ao amor que ele tem por si mesmo. Além disso, Paulo mostra que esse amor é uma forma de amor-próprio, pois apesar dos cônjuges serem dois, na realidade são um só. Já fora demonstrado que o padrão do amor de um homem por sua esposa é o amor de Cristo pela igreja (ver o vigésimo quinto versículo). Esse princípio talvez seja por demais elevado e abstrato para muitos. Por isso é que, neste ponto, a questão é nivelada a um ponto onde todos os homens possam compreendê-la. Todos os homens amam a si mesmos, a menos que tenham algum problema patológico. Sabem perfeitamente bem o quanto amam a si próprios, pois percebem o quão intensamente buscam aquilo que lhes agrada, e quão preocupados são por seu próprio bem-estar. Este texto, pois, exorta aos varões crentes que transfiram para suas esposas o mesmo tipo de cuidado e preocupação pelo seu bem-estar. Se um homem fizer isso, estará cumprindo o seu dever; e essa qualidade de amor contribuirá para o estabelecimento da harmonia no lar. Outrossim, esse método divino garante que a mulher se sentirá inclinada à obediência, retribuindo ao amor que lhe é demonstrado. Sendo assim as coisas, pode-se ver claramente que quando um homem ama à sua esposa, estará beneficiando a si mesmo, porque isso leva sua esposa a ter cuidado dele, a amá-lo, além do que ela fará aquilo que o agrada e que aumenta a sua felicidade.

«*...amar as suas mulheres como a seus próprios corpos...*» Neste ponto se destaca a comunhão mística entre esposo e esposa. A tradução que temos aqui é gramaticalmente possível, embora outros intérpretes prefiram a tradução mais enfática que diz «...como sendo seus próprios corpos...», de acordo com a qual a esposa é diretamente chamada de corpo do homem, de conformidade com a analogia que domina toda esta passagem, a saber, a de Cristo como Cabeça e a da igreja como corpo. Portanto, o homem aparece como o cabeça e a mulher aparece como o corpo. Nesse caso, a palavra grega «outros» se refere gramaticalmente ao que «antecede», a saber, à analogia entre Cabeça e corpo (Cristo e sua igreja), ao passo que o termo grego «os» tem certa força «qualitativa». Porém, quer entendamos essas palavras como diz esta nossa versão portuguesa ou como «como sendo seus próprios corpos», o sentido final é o mesmo, pois ambas as expressões são enfáticas, devido ao fato que «seus próprios corpos» são aludidos, e não apenas «seus corpos». A palavra «próprios», dentro dessa expressão, personaliza a questão.

Além da alusão à analogia de Cristo e da igreja como Cabeça e corpo, mui provavelmente também é destacado aqui o conceito de Gên. 2:24, que diz que o homem e sua mulher são *uma só carne*. Isso pode ser comparado ao pensamento paulino, em I Cor. 6:16, que considera que um homem e uma prostituta, quando se unem sexualmente, são «um só corpo». Parece salientar-se aqui a idéia que existe certa comunhão mística no sexo, que une os indivíduos envolvidos em suas energias vitais. E certamente que isso ainda é mais verdadeiro no caso de esposo e esposa. Assim, pois, temos aqui a idéia de alguma forma de unidade mística entre o homem e a sua mulher, alguma forma de comunhão ao nível das energias vitais, da alma, tal como com freqüência se lê que há tal intimidade entre Cristo e a igreja. (Ver as notas expositivas em I Cor. 1:4). Paulo emprega a expressão *em Cristo* por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes, sendo essa uma nota chave de sua teologia, o que por alguns eruditos tem sido denominado de «misticismo cristão». Portanto, no matrimônio há uma espécie de «misticismo homem-mulher», que envolve certa comunhão de alma. Tal comunhão é expressa como se a mulher fosse o próprio corpo de seu marido. Sendo essa a situação, entre o homem e sua esposa, não deveria ele encontrar dificuldade em amá-la; e esse amor deveria aumentar até que ele cuide dela como cuida de si mesmo. Marido e mulher, pois, são encarados aqui como partes complementares de um único ser.

Há uma antiga e bela ilustração sobre o matrimônio ideal, que aparece dentro de um comentário de Adam Clarke (*in loc.*): «A mais bela representação alegórica sobre a união matrimonial que já encontrei é aquela antiga gema que narra o casamento de Cupido e Psique, existente na coleção do duque de Malborough. E também pode ser encontrada entre as obras do barão Stoch, havendo cópias dessa narrativa em várias outras coleções.

1. Ambos são apresentados como criaturas aladas, para mostrar a alacridade com que marido e mulher deveriam ajudar, consolar e apoiar um ao outro; e como deveriam impedir, tanto quanto possível, a expressão de um desejo, por parte de um ou de outro, cumprindo-o antes que possa ser dito.

2. Ambos aparecem velados, para mostrar que a modéstia é uma companhia inseparável das ligações matrimoniais puras.

3. Hímem ou Matrimônio vai adiante deles, com uma tocha luminosa, guiando-os por meio de uma corrente, e na qual ambos seguram, para mostrar que estão unidos e ligados um ao outro, e que nisso são guiados pela flama pura do amor, a qual tanto os ilumina como os aquece.

4. Essa corrente não é de ferro e nem de bronze (o que daria a entender que o matrimônio é um estado de escravidão ou servidão); mas é uma corrente de *pérolas*, para mostrar que a união matrimonial é preciosa, bela e deleitável.

5. Trazem eles uma pomba, emblema da fidelidade conjugal, à qual abraçam afetuosamente, para mostrar que são fiéis um ao outro, não meramente por senso de dever, mas por afeição autêntica, porquanto essa fidelidade contribui para a felicidade de suas vidas.

6. Um Cupido de asas, ou Amor, é apresentado como quem vai à frente deles, preparando a festa nupcial; e isso para dar a entender que afetos ativos, como também um amor caloroso e cordial devem servir de fonte contínua de consolo e aprazimento, e que esse é o entretenimento que deverão encontrar a cada passo de suas vidas marcadas pelo afeto.

7. Um outro gênio Cupido vem atrás deles, colocando sobre suas cabeças um cesto de frutos maduros, o que dá a entender que uma união matrimonial de tal qualidade geralmente é abençoada pelo aparecimento de filhos, que serão tão agradáveis a todos os seus sentidos como o são frutos maduros e deliciosos para o paladar e para o olfato.

8. O gênio do amor, que os segue, traz as asas aparadas, ou as penas dobradas, tornando-lhe impossível o vôo; e isso para dar a entender que o amor deve permanecer entre eles, para que nunca haja qualquer diminuição do afeto, mas antes, que continuem se amando um ao outro com corações fervorosos. Assim o amor dá início e termina essa união sagrada. E quanto ao fim, não pode haver tal, pois Deus foi quem os ligou um ao outro.

Penso que emblemas mais excelentes e expressivos nunca foram produzidos, nem mesmo pelo engenho refinado de nossa época. Esse grupo de figuras emblemáticas foi gravado em uma pedra de ônix, por Trífon, um antigo artista grego. Um belíssimo desenho com base nessa gravação foi feito por Cipriani, que serviu de base das gravações de Bartolozzi e de Sherwin».

Calvino (*in loc.*) comenta a respeito, como segue: «Um argumento é agora fundamento na própria natureza, para provar que os homens devem amar às suas próprias esposas. Cada homem, por sua própria natureza, ama a si mesmo. Mas nenhum homem casado pode amar a si mesmo se também não ama à sua esposa. Portanto, o homem que não ama à sua mulher, é um monstro. A proposição menor é comprovada dessa maneira. O matrimônio foi determinado por Deus sob a condição que os dois sejam 'uma só carne'. E que essa unidade é a mais sagrada possível, fica novamente salientado pelo fato que nossa atenção é chamada para o caso de Cristo e sua igreja. Esse é o alcance do argumento paulino, que até certo ponto se aplica universalmente, à sociedade humana inteira. A fim de mostrar o que o homem deve ao homem, Isaías diz: «...e não te escondas do teu semelhante?» (Isa. 58:7). Porém, isso alude à nossa natureza comum. Pois entre um homem e sua esposa há uma relação ainda muito mais íntima; porquanto eles estão unidos não apenas através de certa semelhança de natureza, mas também pelo laço matrimonial, para que se tornem uma só pessoa. Todo aquele que leva a sério o desígnio do matrimônio não pode deixar de amar sua esposa».

O argumento da monogamia: O Senhor Jesus sabia sobre o que falava quando salientou a idéia de «um homem e uma mulher» (ver Mat. 19:4 e ss.). Nenhum homem pode manter esse tipo de relação matrimonial se tiver mais de uma esposa. Somente uma única mulher pode ser a outra metade do ser do marido. Um homem só pode ter um corpo, e não diversos. A narrativa do livro de Gênesis, que pinta a mulher como ser extraído do corpo do homem, ilustra, alegórica e misticamente, a união íntima entre um homem e sua mulher.

«*O matrimônio monógamo*, de fato, é uma determinação tão clara da criação que tanto as sociedades pagãs como a sociedade cristã forçosamente precisam preservá-lo, a despeito das muitas interrupções havidas. Não existe graça, da natureza ou da cultura, que seja suficiente para dar continuação ao padrão, quando o próprio crente aceita isso como sua norma de vida. Por isso mesmo, o testemunho cristão talvez não possa tornar-se mais visível, em uma era pagã, do que através de um símbolo que situa em ousado relevo a alegria e a glória do matrimônio cristão. Esse é um dos galardões dos crentes. Pode levar outros homens a inquirirem pela graça que torna possível o cristianismo. 'Ah! todos vós os que tendes sede, vinde às águas; e vós os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço...» (Isa. 55:1). (Wedel, *in loc.*, comentando sobre o vigésimo segundo versículo deste capítulo).

29 οὐδεὶς γάρ ποτε τὴν ἑαυτοῦ σάρκα ἐμίσησεν, ἀλλὰ ἐκτρέφει καὶ θάλπει αὐτήν, καθὼς καὶ ὁ Χριστὸς τὴν ἐκκλησίαν,

5:29: Pois nunca ninguém aborreceu a sua própria carne, antes a nutre e preza, como também Cristo à igreja;

No dizer de Beare (*in loc.*): «Aquele que aprendeu a pensar sobre sua esposa como se fosse a sua própria carne (como é seu dever), haverá de nutri-la e apreciá-la, como Cristo faz com sua igreja».

«*...carne...*» A mudança de «corpo» para «carne» foi feita em antecipação ao trigésimo primeiro versículo, onde é citado o livro de Gênesis, que contém essa expressão. Está em foco o corpo, como algo físico. Um homem tem grande cuidado pelo seu corpo, porque para ele representa o seu próprio ser, ainda que creia que é apenas uma tenda, ao passo que a alma que ali habita é que é a pessoa verdadeira. Mas qualquer indivíduo considera uma ameaça ao seu corpo como uma ameaça ao seu próprio ser, e até onde diz respeito à sua existência nesta esfera terrestre, tal ameaça é

exatamente isso. Portanto, o corpo se torna uma possessão muito preciosa, que deve ser preservada a todo o custo. De fato, o que não daria um homem ou o que não faria ele para preservar sua saúde, seu conforto, seu bem-estar e a própria vida de seu corpo? Virtualmente cada coisa que um homem faz, cada quantia em dinheiro que ele gasta, de alguma maneira está ligada à preservação da saúde, do bem-estar ou do conforto de seu corpo. Pois é através do corpo que se vive e se desfruta a vida terrena. Desde bem cedo na vida a criança vem a reconhecer quão importante é cuidar de seu próprio corpo. Enquanto um homem não refina os seus pensamentos, através da filosofia ou da religião, identifica-se totalmente com o seu próprio corpo. Indivíduos carnais, descuidados e ímpios jamais cessam de fazer tal identificação; e para eles a importância desta vida terrena vem a ser exagerada. Na realidade, porém, a maioria dos homens cai nesse exagero. Essas verdades são evidentes para todos nós; e Paulo as usa para ilustrar seu argumento. Sabemos o que essas coisas significam, pelo que também temos aqui uma clara ilustração sobre como devemos amar às nossas esposas, porquanto, em certo sentido místico, que é mais importante que a verdade física do corpo, elas são nossos próprios corpos.

«...*jamais odiou...*» O único homem que odeia a si mesmo, ao seu corpo, é alguém psicologicamente enfermo, ou alguém que fracassou de tal maneira nesta vida, ou cometeu pecados e crimes tão hediondos, que veio a odiar a sua própria pessoa, mediante o desgosto que sente consigo mesmo. Nenhum homem, porém, na experiência humana comum, odeia a si próprio. Bem pelo contrário, ele é o primeiro objeto do seu próprio amor; e todas as suas ações comprovam isso abundantemente. Assim sendo, o marido deveria considerar sua mulher como a si mesmo; pois nenhum homem pode odiar sua esposa, se não estiver odiando a si mesmo; e nenhum homem pode realmente amar-se a si mesmo se também não ama sua esposa, que compartilha da vida física e da vida mística com ele, pois nesta figura simbólica ela é referida como o próprio corpo dele.

«...*alimenta...*» No original grego temos o verbo «ektrepho», que significa «nutrir», «criar», sendo palavra usada para indicar a «criação de filhos», levando-os à maturidade. Mas tal palavra também era empregada com o sentido de «apreciar». O texto presente não parece falar sobre aquele cuidado contínuo que leva uma criança à idade adulta, apesar do que tal cuidado serve de boa ilustração acerca da força desse vocábulo grego. Assim sendo, um homem deve cuidar de sua esposa tal como cuida de si mesmo, ou como cuida de uma criança sua, que nutre até chegar à maturidade. Os pais facilmente podem sentir a força dessa comparação.

«...*cuida...*» No grego é «*thalpo*», que originalmente significa «aquecer», «manter aquecido», e que figuradamente veio a significar «apreciar», «consolar». É palavra utilizada no trecho de I Tes. 2:7, para indicar os cuidados que as mães têm por seus filhinhos. Uma vez mais os pais podem sentir o impacto dessa expressão. Tal como um homem se condói e cuida de seus filhinhos, com amor caloroso e protetor, assim também um marido deve fazer para com sua mulher. Na maioria dos casos de divórcio, o homem, embora ansioso por livrar-se de sua mulher, ainda assim busca conservar consigo os seus filhos. Mas, contrariamente à atitude daquele que se divorcia de sua esposa, os maridos deveriam ter, para com suas mulheres, sentimentos iguais àqueles que mantêm para com seus próprios filhos. Ambas essas expressões prestam-se para indicar o «amor maternal». Todos nós temos consciência da profundidade desse tipo de amor. Sim, um homem deve ter esse tipo de amor por sua esposa.

«...*como também Cristo o faz com a igreja...*» Cristo nutre e cuida da igreja, sempre suprindo todas as suas necessidades, sempre dando-se a ela como o Pão da Vida. (Quanto a notas expositivas completas sobre esse conceito, ver João 6:48). A totalidade desta epístola aos Efésios, ao falar das bênçãos celestiais que são dadas aos homens em Cristo Jesus (ver Efé. 1:3), como a herança que possuímos nele (ver Efé. 1:14), a sua plenitude (ver Efé. 1:23) e a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19), ilustra como Cristo cuida de sua igreja e a nutre, conduzindo-a do estado infantil à idade adulta, para que venha a participar amplamente da família divina. (Ver os versículos segundo e vigésimo quinto deste capítulo, acerca de como Cristo «se deu a si mesmo» pela igreja).

Há intérpretes que vêem uma alusão à Ceia do Senhor no presente versículo, tal como o vigésimo sexto versículo alude ao batismo. Tal conceito, na opinião deles, refere-se até mesmo ao «banquete nupcial, e a Ceia do Senhor é vista por eles como se fosse esse banquete. Mui provavelmente, porém, esses são refinamentos exagerados do presente texto, a despeito do fato que são úteis como ilustrações do que Paulo queria dizer.

Variante Textual: A palavra «*Cristo*» aparece nos mss P(46), Aleph, B, Delta, nas versões latinas *f* e *g* e na Vulgata latina. Mas «Senhor» é o texto dos mss KL e da maioria dos manuscritos minúsculos. «Cristo», portanto, é a forma mais bem atestada, não havendo dúvidas que representa o texto original. Nos manuscritos antigos havia dessas substituições de nomes divinos por outros, sem razões aparentes; e a variante que aqui encontramos mui provavelmente resulta desse hábito.

30 ὅτι μέλη ἐσμὲν τοῦ σώματος αὐτοῦ[8].

[8] **30** {B} αὐτοῦ $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B 048 33 81 1739* 1881 cop^{sa,bo} eth Origen^{lat} Methodius Euthalius Ps-Jerome // αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ὀστέων αὐτοῦ (*see* Gn 2.23) 1985 // αὐτοῦ ἐκ τῆς σαρκὸς αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ὀστέων αὐτοῦ (*see* Gn 2.23) ℵ^{c} D G P Ψ 88 104 181 326 330 436 451 614 (629^{vid} *omit* τῶν) 630 1241 1739^{mg} 1877 1962 1984 2127 2492 2495 *Byz Lect* it^{ar,c,d,dem,e,f,g,mon,x,z} vg syr^{p,h} arm Irenaeus^{gr,lat} Ambrosiaster Victorinus-Rome Chrysostom Jerome Theodore Theodoret John-Damascus // αὐτοῦ ἐκ τῆς σαρκὸς αὐτοῦ καὶ τῶν στόματος αὐτοῦ (*see* Gn 2.23) K

30 Ro 12.5; 1 Cor 6.15; 12.27; Eph 1.22–23; Col 1.18

Embora seja possível que o texto mais breve, que é apoiado por antigos e bons testemunhos (incluindo $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B 33 81 1739* cop (sa,bo)) tenha surgido por omissão acidental ocasionada por homoeoteleuton (αὐτοῦ . . . αὐτοῦ), é mais provável que as formas mais longas reflitam várias expansões escribais derivadas de Gên. 2:23 (onde a seqüência, porém, é «osso... carne»), antecipando a citação de Gên. 2:24 no vs. 31.

5:30: porque somos membros do seu corpo.

Temos aqui a reiteração do princípio que caracteriza esta secção inteira; e isso para efeito de ênfase, ilustrando ainda mais a responsabilidade que um homem tem para com sua esposa, como seu próprio corpo. Tudo o mais deve ser sacrificado por causa desse relacionamento legítimo (conforme o versículo seguinte nos mostra). O presente versículo, pois, apresenta o conceito posterior, apresentado no versículo seguinte. Há certa união mística entre Cristo e sua igreja, o que também se verifica no caso de um homem e sua esposa. São estes «uma só carne», um único ser vivo, por assim dizer, tão íntima e vital é a sua união. E acrescente-se a isso que essa união vital é um «grande mistério», quando nos referimos ao Cabeça e seu corpo místico, isto é, a Cristo e sua igreja. Mas não lhe faltam elementos misteriosos, mesmo quando está em foco apenas o matrimônio entre homem e mulher, pois a comunhão mística e a união de espíritos, dentro dos laços do casamento, são questões ainda parcialmente compreendidas, sendo imperfeitamente descritas nestas palavras de Paulo.

O termo «...*porque...*» vincula as palavras deste versículo com o que é dito anteriormente, acerca de como Cristo nutre sua igreja e dela cuida. Cristo assim faz «porque» a igreja é seu corpo místico, porque ela mantém a mais íntima conexão espiritual com ele. Mas essas palavras também servem para introduzir os conceitos que aparecem em seguida. (Quanto a notas expositivas completas sobre a igreja, na qualidade de «corpo de Cristo», e sobre Cristo Jesus, na qualidade de «Cabeça da igreja», ver Efé. 1:23, onde são levadas em consideração ainda outras passagens bíblicas que refletem essa idéia).

«Não somos algo apartado de Cristo, e nem ocupamos uma relação apenas acidental para com ele. Antes, somos porções verdadeiras daquele corpo do qual ele é o Cabeça; e essa é a razão pela qual ele nutre e cuida da igreja: e isso pode ser comparado com a descrição detalhada em I Cor. 12:12-17». (Salmond, *in loc.*).

Variante Textual: As palavras «...*de sua carne e de seus ossos...*» figuram nos mss Aleph(3), DEFGLP, sendo seguidos pelas traduções F e KJ (dentre as catorze traduções usadas para efeito de comparação por este comentário—nove em inglês e cinco em português). (Quanto à identificação dessas traduções, ver a lista de abreviações na introdução geral ao comentário). Todas as demais traduções omitem essas palavras, seguindo os manuscritos muito mais antigos, como P(46), Aleph(1), AB. As versões boárica e etíope, como também os escritos de Metódio, Eutálio, Ambrosiastro e, aparentemente, de Orígenes, também omitem tais palavras. No entanto, as versões latinas em geral, bem como as versões siríaca e aramaica, como também os escritos dos pais da igreja Irineu, Jerônimo e outros, incluem tais palavras. A evidência textual favorece o texto «mais curto», não havendo qualquer mistério sobre como tais palavras foram acrescidas ao texto. Alguns escribas posteriores, observando que o trigésimo primeiro versículo encerra uma citação do trecho de Gên. 2:24, simplesmente adicionaram a este versículo uma parte da passagem de Gên. 2:23, que alude à narrativa de como a mulher foi criada da costela que fora extraída do homem, tornando-a, literalmente, «carne de sua carne e osso de seus ossos».

É possível, por semelhante modo, que tal acréscimo tenha entrado no texto, inicialmente como uma anotação posta à margem, com base na narrativa do livro de Gênesis; mas finalmente essa nota à margem foi subseqüentemente inclusa no próprio texto, por parte de escribas que não estavam satisfeitos em deixá-la à margem apenas. Não há qualquer razão pela qual tais palavras poderiam ter sido omitidas por copistas, se porventura eram genuínas; e atribuir tal omissão ao fenômeno de cópia chamado *homoeoteleuton* poderia dar-nos uma razão pela qual tais palavras são omitidas em tão poucos manuscritos, embora não nos explique porque tão grande tradição, que inclui manuscritos gregos, versões e escritos de diversos pais da igreja, todos omitem tais palavras. Alguns estudiosos têm pensado que a omissão se deveu ao conceito material aparente aqui apresentado; pois a analogia inteira do Cabeça e do corpo é exposta em termos materiais, embora seja claro que se trata de uma metáfora, que retrata uma realidade eminentemente espiritual. Para que essas palavras tivessem sido omitidas em tantos manuscritos, versões e escritos, seria mister que houvesse algum preconceito contra elas, e isso é altamente improvável.

Quanto à interpretação dessas palavras, como curiosidades, apresentamos as seguintes idéias:

1. Crisóstomo opinava que essa declaração se refere à «encarnação» de Cristo, quando ele tomou sobre si mesmo, literalmente, a natureza carnal; e isso indicaria que está em foco, neste ponto, a natureza humana.

2. A maioria dos intérpretes vê aqui a idéia que assim como a mulher deve a sua criação ao homem (nos termos da narrativa do Gênesis sobre a «costela» retirada de Adão), em sentido físico, assim também, em sentido espiritual, o homem deve a sua criação a Cristo, nosso Cabeça e nosso manancial de vida. O sermos «seus ossos», pois, seria uma expressão metafórica que ilustraria essa verdade espiritual. Porém, isso seria extremamente desajeitado como uma metáfora, e essa razão, por si mesma, aponta para o fato que Paulo não foi o seu inventor, mas antes, algum

copista de manuscritos foi o seu criador.

3. Outros estudiosos pensam que isso se refere ao nosso recebimento futuro do «corpo ressurrecto», da parte de Cristo, quando então haveremos de participar de sua natureza celestial.

4. Alguns eruditos chegam mesmo a supor que o próprio Paulo não tinha idéia definida sobre o que queria dizer, o que os leva a resistir à tentação de vincularem a essa expressão qualquer interpretação definida, segundo seu ponto de vista. Porém, qualquer tentativa de interpretação, neste ponto, tanto é insensata como é desnecessária, pois quem pode dizer o que o escriba posterior tinha em mente, ao adicionar as palavras constantes desta variante textual, ou que diferença tinha ele em mente?

★★★

31 ἀντὶ τούτου καταλείψει ἄνθρωπος [τὸν] πατέρα καὶ [τὴν] μητέρα καὶ προσκολληθήσεται πρὸς τὴν γυναῖκα αὐτοῦ, καὶ ἔσονται οἱ δύο εἰς σάρκα μίαν.

31 Gn 2.24 (Mt 19.5)

31 *και προσκολλ. προς τ. γυν. αυτου* B *pm* ς; R]

κ. πρ. τη γυναικι αυτου (*om αυτ.* ℵ*) $\mathfrak{p}^{46}$ℵADG *pc*: *om* Tert Or

5:31: Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher, e serão os dois uma só carne.

Essa citação foi extraída do trecho de Gên. 2:24, de acordo com a versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã).

«...*por que...*», ou seja, «por essa causa», porquanto é referida aqui a idéia geral da íntima relação entre um homem e sua esposa. Tal relação é tão íntima que ninguém pode impedi-la. Por isso é que um homem deixará seu lar, seu pai e sua mãe, todo o seu antigo relacionamento de familiares e de amigos, a fim de que os vínculos com sua esposa se revistam do caráter sem-par que tenham. Nossos laços de família, com os próprios pais, são muito fórtes, laços de «carne e sangue»; mas isso não nos torna «uma só carne» com eles. Somente no matrimônio é que há uma união espiritual, tanto de corpo como de espírito, o que não se verifica nos laços com nossos progenitores.

Os vínculos matrimoniais, naturalmente, não eliminam nossos deveres para com os nossos pais ou quaisquer outros relacionamentos importantes, mas ultrapassam a todos eles, no sentido de sua importância e intimidade. O matrimônio é o mais sagrado de todos os vínculos, exigindo uma espécie peculiar de dedicação e atenção. Aqueles que se recusam a permitir que o matrimônio transcenda a outros laços não demoram a aprender que isso convida perturbação; e os pais que tentam dominar seus filhos mesmo após se casarem, são impulsionados por um amor egoísta que mais se assemelha ao ódio, pelo menos quanto aos seus resultados. É cena entristecedora ver mãe e noras a competir pelo amor e atenção de um homem. Isso é contrário à ordem natural das coisas, e nunca deixará de ser acompanhado por lamentações e lágrimas.

«...*se unirá à sua mulher...*» Esse verbo vem do termo grego «proskollao», que quer dizer «aderir intimamente a», e cujo sentido literal é «grudar». Tal palavra fala da união íntima e enlaçante que deve haver no matrimônio. Adam Clarke (in loc.) desenvolve a idéia dessa palavra com uma metáfora, ao dizer: «Ele será 'grudado' ou 'cimentado' a ela; e assim como uma tábua bem 'colada' se partirá antes por inteiro do que na junta colada, assim também somente a morte pode separar marido e mulher». Sim, e algumas pessoas acreditam que nem mesmo a morte física tem esse poder, porquanto o amor dos casais transcende à sepultura. A doutrina das «almas gêmeas», ou das «almas cônjuges» não permite qualquer separação, como se esposo e esposa fossem gêmeos em suas almas.

«...*se tornarão os dois uma só carne...*» A metáfora da «costela» é aqui aludida, na qual o marido e sua mulher são encarados como se, de alguma maneira literal, compartilhassem da mesma substância carnal. Porém, o sentido aqui é o mesmo que aparece no vigésimo oitavo versículo, onde a esposa figura como corpo do esposo. Essas são expressões que indicam a íntima comunhão entre eles, que chega a ter um caráter místico, pois entre eles há uma união das energias vitais. A passagem do livro de Gênesis, entendida alegoricamente, expressa uma grande verdade. A mulher, por haver sido criada da costela do homem, simboliza a relação íntima entre eles, tanto em sua natureza como em suas energias vitais, mormente no que tange às relações matrimoniais. Essa é outra maneira de chamar a mulher de corpo do homem (o que foi dito no vigésimo oitavo versículo), embora sob um simbolismo diverso. Também é outra maneira de dizer que a esposa faz parte do seu esposo, o que também é dito no mesmo versículo, e em cujas notas expositivas essas idéias são mais expandidas.

A *união vital* entre marido e mulher, que atinge até mesmo suas energias vitais, simboliza aquela unidade espiritual ainda mais vasta de Cristo e sua igreja, e na qual há a participação da mesma natureza essencial, posto que os crentes serão inteiramente transformados segundo a imagem de Cristo, por atuação do Espírito Santo. (Ver II Cor. 3:18 e as notas expositivas ali existentes).

«No matrimônio natural, marido e mulher se combinam para formar um ser humano perfeito, um é o complemento do outro. Assim também Cristo, na posição de Deus-homem, teve por seu prazer fazer da igreja, o corpo, um adjunto necessário de si mesmo, que é o Cabeça. Ele é o arquétipo da igreja, à imagem de quem, qual modelo, ela é formada. Ele é seu Cabeça, assim como o marido é o cabeça de sua mulher (ver Rom. 6:5; I Cor. 11:3 e 15:45). Cristo jamais permitirá que qualquer poder estabeleça separação entre ele mesmo e sua noiva. (Ver Mat. 19:6; João 10:28,29 e 13:1)». (Faucett, *in loc.*).

Há certa interpretação alegórica deste versículo. Muitos elementos antigos e alguns modernos interpretam este versículo como uma alegoria sobre as relações entre Cristo e sua igreja. O versículo seguinte mostra-nos que pelo menos algum sentido simbólico deve ser incluído, porquanto aquilo que Paulo deixou escrito tem um duplo significado, tal como sucede por toda esta passagem: há certa aplicação aos laços matrimoniais literais, entre homem e mulher; e há outra aplicação ao vínculo entre Cristo e sua igreja, os quais são expostos como o noivo e sua noiva. Mas, visto que nenhuma definição exata foi registrada pelo próprio autor sagrado, muitas variedades de interpretação sobre os elementos dessa «alegoria» têm sido expostas, do que damos os seguintes exemplos:

1. O «esposo» seria Cristo, e a «esposa» seria a igreja. E nos verbos usados no tempo futuro, que há neste versículo, alguns estudiosos vêem a «parousia» ou segunda vinda de Cristo. Todavia Alford (in loc.), vê «elementos passados, presentes e futuros», como parte do intuito da passagem. Portanto, conforme diz ele ainda, «Cristo deixou o seio do Pai, no passado; está preparando gradualmente a união com a igreja, no presente; e haverá de consumá-la plenamente, o que é futuro».

2. Outros estudiosos ampliam e exageram essa alegoria, pensando que a «mãe» hipotética que Cristo deixou seria a *Jerusalém celestial* (os lugares celestiais), ou então o Espírito Santo. Jeremy Taylor opinou: «Cristo desceu do seio do Pai e ligou sua divindade com carne e sangue, tendo-se casado com a nossa natureza; e assim nos tornamos a igreja».

3. Outros incluem a cerimônia da Ceia do Senhor na idéia da coabitação conjugal.

4. Há intérpretes que rejeitam inteiramente a interpretação alegórica, pois esta, naturalmente, tem sofrido algumas distorções estranhas e abusivas. Mas o trigésimo segundo versículo deste capítulo exige, pelo menos, uma aplicação secundária das declarações deste versículo. A aplicação primária é que as relações matrimoniais transcendem todos os demais laços terrenos. Em certo sentido espiritual, nossas relações com Cristo transcendem quaisquer vínculos de qualquer categoria. É mister abandonar tudo para que se possa seguí-lo, conforme o evangelho mesmo nos ensina, em Mat. 16:24-27.

32 τὸ μυστήριον τοῦτο μέγα ἐστίν, ἐγὼ δὲ λέγω εἰς Χριστὸν καὶ εἰς τὴν ἐκκλησίαν.

32 Re 19.7

32 *εις* 2°] *om* BK *al* Mcion Ir

5:32: Grande é este mistério, mas eu falo em referência a Cristo e à igreja.

(Quanto a notas expositivas sobre a palavra «mistério», onde aparecem os diversos «mistérios» referidos nas páginas do N.T., ver Rom. 11:25 e Mat. 13:13). Na presente epístola há três desses «mistérios», a saber:

1. O mistério da vontade de Deus, que consiste da restauração e da união de todas as coisas em Cristo, tanto as terrestres como as celestiais e infernais. Esse é o grande «mistério da vontade de Deus», comentado no trecho de Efé. 1:10.

2. Também há o «mistério da igreja», que é uma subcategoria do mistério da vontade de Deus, a saber, aquilo que Deus tenciona fazer com os remidos, o que envolve o chamamento e o elevadíssimo destino da igreja, o corpo de Cristo. (As notas expositivas sobre isso aparecem em Efé. 3:3. E as notas expositivas gerais sobre a «igreja» figuram em Efé. 3:10).

3. O mistério da igreja como «noiva de Cristo» é uma subcategoria do mistério geral da igreja. E é nesta secção que esse mistério é apresentado.

Nas Escrituras, um «mistério» não tem qualquer conotação de algo misterioso, indecifrável, conforme eram os mistérios gnósticos ou as doutrinas esotéricas, que só eram revelados aos iniciados. Antes, nas páginas do N.T., um «mistério» não é um «enigma», e, sim, uma «revelação», um «segredo aberto», algum elevado conceito, antes oculto, mas que agora foi revelado. (Ver as notas expositivas sobre Efé. 3:5, onde se mostra qual a essência de um mistério bíblico). Posto que estamos manuseando com elevadíssimas verdades, naturalmente que existem elementos indefinidos e não-explorados nesses mistérios. Não obstante, revelações genuínas acerca de grandiosas verdades são feitas nos mesmos.

O mistério apresentado nesta secção, que é o do *matrimônio sagrado*, envolve um aspecto terrestre e outro celestial, conforme se vê nos dois pontos abaixo discriminados:

1. Não há que duvidar que, em sentido secundário, a relação matrimonial terrena, em sua comunhão mística e vital entre marido e mulher, é chamada de um «mistério». Há uma grande maravilha em torno disso, sobre a qual pouco sabemos. As notas expositivas sobre o vigésimo oitavo versículo tentam dar-nos alguma idéia sobre o que tudo isso quer dizer. Há certa forma de união de energias vitais, certa comunhão ao nível da alma, e não somente ao nível físico, que é inerente às relações matrimoniais. Alguns supõem que isso transcende ao que é terreno, abordando as esferas celestiais, e que, em suas perfeições mais altas fazem parte da redenção do homem por Deus, por tratar-se de uma espécie de redenção do próprio «eu» que precede e acompanha a redenção maior dada por Deus. Muitas especulações giram em torno dos aspectos superiores dessa questão, sobre a qual temos tão pouco conhecimento. Pelo menos pode-se dizer que há uma espécie de união e comunhão vitais entre o homem e sua mulher, que transcende ao que é físico, por ser ao mesmo tempo espiritual e místico, como se fosse uma miniatura daquela maior união e comunhão entre Cristo e o crente. Devemos observar, além disso, que a fonte de poder, nessa união e comunhão matrimonial, é a graça cristã cardeal, o amor. Aprendemos a amar a Deus amando supremamente a outro ser humano, esse é um pensamento que fica *subentendido* em toda essa questão.

2. Também há o mistério da igreja como *a noiva de Cristo*. Uma forma

especial de amor, de comunhão e de união vital, entre os remidos e o Senhor Jesus, é o âmago mesmo desse mistério. A figura simbólica das relações matrimoniais é empregada para dar a entender essa verdade. O «matrimônio sagrado», naturalmente, não é idéia limitada às páginas do N.T., embora este o defina como não o faz o A.T. Por isso podemos dizer que a idéia neotestamentária, pelo menos em parte, é uma expansão e refinamento do que diz o A.T., onde Israel aparece como a esposa de Yahweh, conforme se vê em trechos como Isa.54:5; Osé. 2:16 e Jer. 3:14,20. Paulo antecipa esse mistério em II Cor. 11:2, onde diz: «...vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo». Por semelhante modo, nos evangelhos, Cristo é chamado de *noivo*. (Ver Mat. 9:15 e Marc. 2:19,20). Apesar dos mais antigos judeus não interpretarem a passagem de Gên. 2:23,24 como uma alegoria, como se isso indicasse o «matrimônio sagrado», os intérpretes judeus da era helenística consideravam os matrimônios dos patriarcas como alegorias sobre o «matrimônio místico» de Deus com as virtudes, ou de Deus com a Sabedoria, em que o Logos seria o «filho» produzido dessa união. Por igual modo, os filósofos estóicos alegorizavam os casamentos entre os deuses. Portanto, a idéia neotestamentária não expressa nenhuma novidade, embora assuma sentidos novos e inesperados.

O A.T., como no livro de Oséias, encara as relações sexuais entre esse profeta e sua esposa, como parte importante do simbolismo. Nisso há para nós uma lição assaz interessante. As relações sexuais, quando são ilegítimas e pervertidas, talvez sejam a força isolada mais destruidora da terra. Por semelhante modo, a infidelidade a Deus, mediante uma vida pecaminosa e rebelde, que faz do próprio «eu» o centro de tudo, perturba a comunhão com Cristo, podendo vir eventualmente a destroçá-la por inteiro. Por outro lado, dentro das relações matrimoniais, as relações sexuais legítimas se revestem de elevado valor, como parte vital da união e da comunhão próprias do matrimônio. Assim também, no terreno espiritual, existe certa comunhão de amor que é altamente benéfica para a alma que inquire pelo Senhor, pela verdade e pela santidade, todas as quais coisas são encontradas em nossa união com Cristo. Primeiramente Cristo se uniu à nossa humanidade; e agora estamos sendo unidos à sua divindade. E essa espantosa união espiritual é o coração mesmo do mistério aqui aludido.

É na direção desses conceitos que Paulo nos dirige, embora não tenha entrado em especificações. Não é doutrina bem desenvolvida no A.T., o fato que o homem pode ter comunhão com o próprio Deus; e que o homem pode vir a participar da própria natureza divina, conforme ela é vista em Cristo, mediante a comunhão com o Espírito Santo (ver Efé. 2:21,22; 3:19 e 1:23), é algo inteiramente desconhecido nas páginas do antigo pacto. Mas essas são as verdades espirituais que esse mistério nos revela. O mistério é «...grande...», tão grande que nos deixa atônita a imaginação, ultrapassando o alcance da razão humana. E por essa mesma razão tinha de ser algo «revelado», não podendo ser descoberto pelo engenho do homem.

O matrimônio é visto como um sacramento: Por essa razão é que o vocábulo «mistério» é traduzido por *sacramentum*, o que evidentemente foi o começo da idéia que o matrimônio é um sacramento. Mas não se trata de uma tradução correta, e os intérpretes católicos mais importantes têm rejeitado tal idéia, como Erasmo, o cardeal Caetano e Estio. Todavia, a palavra «sacramento», se for considerada em seu sentido primário, isto é, «algo sagrado», pode aplicar-se ao matrimônio. Contudo, dentro da teologia da cristandade de séculos posteriores, os «sacramentos» vieram a tornar-se sinais visíveis de graças invisíveis, como se a graça divina só pudesse ser transmitida aos homens através de meios ritualistas. Ora, o matrimônio não é esse tipo de «sacramento». E é contra isso que os protestantes que não se inclinam para o ritualismo «protestam», sem importar se está em foco o batismo, a missa, o matrimônio, a confirmação, a penitência, ou a extrema-unção.

«O grande mistério que Cristo sopra sobre a igreja, é a sua própria vida e o seu próprio poder». (Calvino, *in loc.*).

«Se esse mistério pode ser plenamente explicado ou não, o inegável é que uma família humana pode servir de parábola acerca do reino de Deus. Alguém já intitulou a família cristã de 'pequena igreja'. Uma família cristã pode representar a grande aliança entre Cristo e a sua igreja, em miniatura». (Wedel, *in loc.*).

33 πλὴν καὶ ὑμεῖς οἱ καθ' ἕνα ἕκαστος τὴν ἑαυτοῦ γυναῖκα οὕτως ἀγαπάτω ὡς ἑαυτόν, ἡ δὲ γυνὴ ἵνα φοβῆται τὸν ἄνδρα.

5:33: Todavia também vós, cada um de per si, assim ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie a seu marido.

As palavras «...não obstante...» têm a força de «...para não continuarmos nessas especulações ainda mais». (Beare, *in loc.*). É como se Paulo tivesse escrito: «Tudo quanto possamos dizer sobre esse mistério, por mais que subamos em nossos raciocínios sobre esse elevadíssimo tema, o que não quero que vos olvideis é aquilo que venho enfatizando desde o começo: um homem deve amar à sua esposa; e a esposa deve respeitar ao seu esposo».

A palavra «...*vós*...» é enfática neste caso, dando a entender «...vós, para quem venho escrevendo, siga o exemplo deixado por Cristo (ver os versículos dois e vinte e cinco deste capítulo), amando cada qual a sua própria esposa, assim como Cristo ama à sua igreja.

«...*cada um*...» Cada qual deve agir assim. Essas palavras o apóstolo usou a fim de tornar a expressão bem individual, pessoal. Não se trata de uma ordem dirigida à igreja cristã em geral, mas a cada marido cristão em particular. Cada um deles tem a obrigação de imitar a Cristo nesse sentido, para que seja modelo de amor no tocante à sua esposa.

«...*ame...como a si mesmo*...», reiteração sobre a «qualidade» e a «extensão» do amor do marido à sua mulher, o que já foi declarado e comentado nos versículos vigésimo oitavo e vigésimo nono.

«...*e a esposa respeite*...» O grego aqui é «phobeo», que significa «temer», embora também fosse palavra empregada no sentido de «reverenciar», «respeitar». Nenhuma mulher deve temer a seu marido como se este fosse um tirano, embora essa situação também exista. Mas tal condição é errônea e desnatural. O homem deve viver de tal modo e de tal modo deve amar à sua esposa, que mereça dela o respeito, até mesmo uma tão grande admiração que possa ser chamada de «reverência».

As observações de Crisóstomo (*in loc.*), dirigindo-se ao marido, são instrutivas neste ponto: «Quando ouvires falar em temor, exige aquele temor que convém a uma mulher livre, e não como se estivesses cobrando tal temor de um escravo. E a que natureza pertence esse 'temor'? É que ela não te venha a desdizer, ou se faça tua adversária, ou ame a preeminência. Se o temor dominar até esse ponto, é bastante. Porém, se amas a ela, conforme és mandado, obterás ainda mais que isso, pois de fato obterás isso não mais através do temor, mas o próprio amor produzirá seus efeitos». (In Eph. *Hom.* xx 150 C).

«Onde não se faz presente a reverência, não haverá também sujeição espontânea». (Calvino, *in loc.*).

«A mulher ama com uma simpatia profunda e imorredoura; mas, a fim de ensinar-lhe como esse encanto deve conhecer e ocupar sua esfera apropriada, a ela é ordenado que obedeça e honre. O homem, por outro lado, sente que a sua posição é a de governar; porém, para que lhe seja demonstrada qual a essência e qual o meio apropriado para esse governo, a ele é ordenado que ame». (Eadie, in loc.). Sim, esse é um aspecto da questão que tem sido negligenciado pela maioria dos comentadores, embora se torne de um aspecto pertinente. Aquilo que é «instintivo» no homem e na mulher não tem sido salientado. Instintivamente, o homem quer dirigir; a mulher, instintivamente, ama. Paulo regula e dirige ambos esses instintos com ordens específicas.

Capítulo 6

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas das elevadas doutrinas expostas na primeira secção* (Efé. 4:1- 6:24).

4. Quarta exortação: Observância da subordinação mútua de todos, na família cristã (5:21- 6:9).

b. Relações entre pais e filhos (6:1-4).

(Quanto à passagem paralela na epístola aos Colossenses, ver Col. 3:20). As relações entre os filhos e seus pais fazem parte da exortação geral concernente à família cristã, em suas relações mútuas, dando continuação à idéia da necessidade de subordinação e respeito pelos direitos uns dos outros. Assim como a esposa deve sujeitar-se a seu esposo, embora isso se alicerce sobre o amor e o respeito mútuos, e não sobre qualquer princípio de tirania, assim também os filhos devem sujeitar-se a ambos os progenitores, sob as mesmas condições. Todavia, essa obediência dos filhos a seus pais não deixa de ter suas condições, porquanto é de supor-se que tal obediência é prestada a pais que procuram agradar ao Senhor, que não provocam seus filhos à ira e ao descontentamento, de modo que tal autoridade seja exercida sobre os filhos no sentido de fomentar-lhes o desenvolvimento espiritual. O trecho de Col. 3:20 encerra a idéia que essa obediência dos filhos a seus pais deve ser «em tudo»; porém, tal como no caso da esposa que deve uma ainda maior obrigação a Deus do que a seu esposo, assim também a obediência dos filhos a seus pais está condicionada pela vontade de Deus.

Não nos devemos esquecer que Paulo escrevia para pais e cônjuges crentes. Eles mesmos deveriam ser os primeiros a reconhecer essa limitação na obediência dos filhos. O N.T. jamais sanciona o pensamento da obediência a um pai que exige de seus filhos atos ilegais e vergonhosos; e é fato bem conhecido que alguns pais não somente permitem que seus filhos participem de atos maldosos, mas também os encorajam, usualmente para efeito de alguma vantagem financeira, como se dá no caso daqueles filhos cujos pais os ensinam a furtar.

Não obstante, o problema maior não consiste tanto que a obediência requerida por certos pais não é justa, mas que seus filhos têm a permissão de guiarem suas próprias vidas a seu bel-prazer. E assim, estando despreparados para combater o mal, desde tenra idade se tornam vítimas de vários vícios. Por isso é que se faz mister grande disciplina no lar, pois somente isso cria nos filhos o respeito pela autoridade. Alguém já disse, sobre a juventude desta segunda metade do século XX, que *Eles não têm objetos sagrados*. É verdade que é hábito das gerações mais velhas pensar que as gerações mais novas são piores do que elas;

mas, mesmo admitindo-se essa verdade, é óbvio que as normas sociais têm sido modificadas hoje em dia a tal ponto que os jovens se vêem a braços com muito piores tentações, mormente no que diz respeito ao sexo e às drogas, o que os tem levado a pecados mais graves. A falta de respeito pela autoridade dos pais torna-se uma atitude que envolve até mesmo outras autoridades, como as da escola, as da comunidade e as da nação.

A breve secção paulina que temos agora à nossa frente, não aborda problemas tão complexos, mas centraliza-se no lar cristão. Não obstante, o princípio do respeito pela autoridade é o mesmo, em qualquer contexto onde o encontremos. Todavia, a autoridade é algo que precisa ser conquistado, e toda a criança não demora a descobrir a hipocrisia dos pais e dos mais velhos. Por isso mesmo, não se pode duvidar que o aparecimento da imoralidade e do crime, entre a juventude moderna, resulta diretamente da falta de orientação espiritual, que deve começar desde o lar. Sempre será verdade, pois, que colhemos aquilo que semeamos; e em nossos filhos vemos o reflexo da ausência de um andar mais íntimo com Jesus Cristo, que é nossa própria falta. Acima de todos, nossos filhos deveriam ver Cristo em nós, que somos pais crentes. E isso deveria ter sobre eles uma influência tão poderosa que as atrações do mundo percam muito de seu vigor.

Sim, os pais têm uma responsabilidade imensa —aquilo que afeta o desenvolvimento e a preparação das almas eternas de seus filhos. Tal responsabilidade exige punição ou galardão, de acordo como os pais se desincumbem da mesma. Alguém já expressou a severíssima idéia que, na literatura, por exemplo, o escritor é responsável pela influência que exerce sobre aqueles que lêem os seus livros; e que se ele vier a servir de obstáculo para o progresso espiritual de alguém, mediante aquilo que escreveu, ele mesmo estará impedindo seu progresso, até que aqueles que ele tiver influenciado adversamente consigam desfazer-se da má influência dos seus escritos. Isso, apesar de parecer tão severo, na realidade é razoável. E outro tanto certamente deve ser dito no tocante à educação dos filhos no lar. Se nossa tarefa for malfeita, e nossos filhos forem espiritualmente prejudicados por nós, o nosso próprio progresso espiritual será entravado; e em algum ponto, nesta cena terrestre ou na eternidade futura, teremos de contrabalançar essa falha, através da influência que exercemos sobre aqueles que forem entregues aos nossos cuidados.

Além disso, cumpre-nos pensar em uma criança como uma *alma eterna,* e não apenas como um fenômeno deste mundo físico. Não é coisa de somenos, pois, que uma alma, nos seja entregue para a instruirmos durante seus primeiros quase vinte anos de— existência. Assim sendo, sem importar o ponto de vista metafísico que aceitemos acerca da alma, é elevadíssima responsabili— dade termos de cuidar das almas de nossos filhos.

O texto que temos à nossa frente, naturalmente, não aborda todas as implicações do caso, mas antes, lança alguns princípios fundamentais acerca do inter-relacionamento entre os pais e seus filhos. O resto do que pode ser dito a esse respeito pode ser compreendido com base na mensagem geral do N.T., que é o maior compêndio do mundo sobre a viagem da alma em seu retorno a Deus.

A psicologia moderna, apesar de ser uma ciência jovem e inexata ainda, tem feito progressos na compreensão sobre a vida mental e emocional da criança; e os pais crentes fazem um favor, a si mesmos e aos seus filhos, quando se familiarizam com esse material, se quiserem resguardar-se de idéias falsas e errôneas, misturadas com idéias corretas. Aquele que estiver treinado nas Escrituras se encontra em posição de aceitar ou rejeitar apropriadamente certas idéias. Mas não devemos ser tão embotados a ponto de rejeitar certos discernimentos na natureza humana que a ciência nos provê. Muita coisa se sabe agora sobre o processo do aprendizado, e sobre como a consciência, contida em impulsos cerebrais, é formada. Sabendo-se que a repetição de certos atos e instruções forma no cérebro uma cadeia de reações, e que as idéias ou atos que contradizem essa cadeia levam a pessoa a sentir uma *reação negativa,* ou até mesmo «repulsa» (que são apenas outros nomes dados à «consciência»), isso nos mostra a necessidade de cuidar para que os corretos padrões cerebrais sejam formados, que armam a criança de uma consciência ativa. Não obstante, a alma transcende a tudo isso, sendo capaz de influências diretas da parte do Espírito de Deus. Por isso, o treinamento da criança, em um lar cristão, deve condicionar-lhe a alma para que se mostre sensível ao Espírito Santo. Há tanto a consciência espiritual como a consciência cerebral. E ambas estão sujeitas a treinamento.

«A família cristã é o berço e a fortaleza da fé cristã. Ali é que as suas virtudes brilham mais intensamente; e através desse canal a sua influência se propaga pela sociedade no decurso das gerações. O matrimônio está posto sob a vigilância divina; ele se torna uma instituição única, casta e duradoura, de conformidade com a lei da criação e com o padrão da união entre Cristo e sua igreja. Se houver pais assim unidos, a honra da família estará assegurada; e isso lança as bases para a reverência e a disciplina no lar». (Findlay, *in loc.*).

«Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele». (Pro. 22:6). Essa continuará sendo a maior admoestação isolada que existe sobre a questão abordada de modo breve por este texto bíblico.

6 *Τὰ τέκνα, ὑπακούετε τοῖς γονεῦσιν ὑμῶν [ἐν κυρίῳ][1],[a] τοῦτο γάρ ἐστιν δίκαιον.[a]*

[1] **1** {C} *ἐν κυρίῳ* $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ A D^c K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* $it^{ar,c,dem,mon,x,z}$ vg $syr^{p,h}$ $cop^{sa,bo}$ arm eth Origen Ambrosiaster Basil Chrysostom Jerome Euthalius Theodoret John-Damascus // *omit* B D^* G $it^{d,e,f,g}$ Marcion Clement Tertullian Cyprian Ambrosiaster (Pelagius)

[a a] **1** *a* minor, *a* major: WH Bov Nes BF^2 AV RV ASV RSV NEB TT Zür Luth Jer Seg // *a* major, *a* minor // *a* minor, *a* minor: TR **6** **1** Col 3.20

As palavras *ἐν κυρίῳ* estão ausentes de vários manuscritos e citações patrísticas antigos (B D^* G it (d,g) Márciom Clemente Tertuliano Cipriano Ambrosiastro). É difícil decidir se foram adicionadas por copistas que lembravam 5:22 e/ou Col. 3:20 ($\mathfrak{p}^{46}$ ℵ A D^c K P Ψ, aparentemente todos os manuscritos minúsculos e os outros testemunhos das versões), ou se foram apagadas de vários manuscritos a fim de impedir o leitor de supor que o escritor tencionava limitar ou qualificar o dever de obediência (ao invés de meramente caracterizar o espírito em que a obediência deve ser prestada). O texto mais longo foi preferido com base em: (a) preponderância da evidência externa; e (b) possibilidade que se a frase foi inserida com base em 5:22, teria tomado a forma *ὡς τῷ κυρίῳ,* ou se foi inserida com base em Col. 3:20, teria aparecido após *δίκαιον.* Porém, a fim de refletir o peso dos testemunhos aos quais faltam as palavras *ἐν κυρίῳ,* a maioria da comissão votou deixar as palavras entre colchetes.

6:1: Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo.

A palavra «...obedecei...», no original grego, é «upakouo», que quer dizer «obedecer», «seguir», «estar sujeito a». Fica subentendido que aquilo que aos filhos é ordenado, seja justo, moral, correto, visando o desenvolvimento espiritual da criança, ou simplesmente apropriado para a vida e a conduta diárias. Seu trecho paralelo, de Col. 3:20, acrescenta «em tudo». Mas tudo deve estar sujeito à mesma condição de justiça, incluindo até mesmo questões indiferentes, atinentes à vida diária, que não têm conteúdo «certo» ou «errado». O pai da família deve assumir a «direção» do lar, tanto nas coisas importantes como nas incidentais. Mas, ao assim fazer, o pai deve manter uma atitude razoável, a fim de não alienar de si os seus filhos, satisfazendo os desejos razoáveis dos filhos o tanto que lhe for possível, para que seja reputado como gentil e cheio de consideração por eles, que dessa maneira o amarão e respeitarão, sujeitando-se naturalmente à sua autoridade, não querendo subjugá-los pelo temor ou pelo mero senso de obrigação.

Devemos notar que, em Rom. 1:30, a *desobediência aos pais* é nomeada entre os pecados sérios dos povos pagãos, que são reprovados por Deus. E a própria natureza nos ensina a conveniência dos mais jovens e menos experientes se sujeitarem aos mais velhos, que já têm bastante experiência de vida, em suas exigências e inúmeras situações. Outrossim, dos pais crentes se espera que entendam as implicações espirituais da necessidade de obediência, para que assim exerçam a devida autoridade sobre seus filhos.

«...*no Senhor...*» *Variante Textual*: Essa expressão é omitida pelos mss BD(1)G e pela tradição latina em geral, ao mesmo tempo que os escritos de Márciom e Clemente de Roma não a incluem. Todavia, tal expressão se acha nos mss P(46), Aleph, AD(2),(3)KLP, na Vulgata latina, na tradição siríaca e na maioria dos manuscritos gregos posteriores. Embora a evidência textual esteja dividida bem pelo meio, é quase certo que essas palavras não são

genuínas, pois realmente não há como explicar sua omissão, se elas são genuínas. Tais palavras são encontradas no trecho de Col. 3:20, embora com conexão levemente diversa, a saber, como parte da expressão «...pois fazê-lo é grato diante do Senhor». É bem provável que tais palavras, nesta epístola aos Efésios, tenham sido adicionadas por motivo de harmonia com a epístola aos Colossenses, ainda que os escribas que as acrescentaram colocaram-nas em lugar diferente, levando-as a condicionarem a obediência, ao invés da idéia de como isso é agradável a Cristo ou à nossa união com o Senhor. Poder-se-ia ainda argumentar que essas palavras foram eliminadas do texto sagrado para que a ordem que manda que os filhos obedeçam não conheça nenhuma limitação, e para que isso concorde com o severíssimo ensino do A.T., acerca da questão. Mas tal argumento não é convincente.

Não obstante, sem importar se essas palavras, *no Senhor*, são genuínas ou não, a verdade que elas expressam é genuína. Essas palavras têm o sentido que desdobramos nos pontos abaixo:

1. Não dizem respeito aos *pais crentes*, isto é, «pais no Senhor», pais que têm comunhão com ele, como crentes que são, embora isso também diga certa verdade.

2. A expressão «em Cristo», como também as suas correlatas, como a que se encontra aqui, sempre expressa a nossa comunhão mística com ele (ver I Cor. 1:4, onde a questão é comentada); e é bem provável que aqui isso seja pelo menos tencionado. É essa comunhão mística comum com Cristo, isto é, compartilhada por pais e filhos, que serve de base para a obediência dos filhos a seus pais, bem como para a bondade e a consideração que os pais demonstram para com seus filhos. E alguns estudiosos vêem nisso a principal interpretação, se não mesmo a única.

3. Alguns interpretam essas palavras como se elas significassem «tanto quanto é exigido por Cristo», o que dá a idéia que nenhuma obediência dos filhos a seus pais pode ser contrária à vontade de Deus. Certamente que isso expressa uma verdade, provavelmente sendo um sentido secundário implícito nessas palavras. Portanto, a expressão «no Senhor» define tanto a qualidade como a esfera da obediência—a «esfera» conforme é indicado na segunda dessas posições, e a «qualidade» conforme é indicado nesta terceira posição. Tal obediência seria aquela prestada pelos filhos que vivem em um lar cristão, de acordo com a vontade de Deus. Seja como for, são indicadas certas «limitações» a essa obediência, tal como em Atos 5:29. Os abusos contra essa idéia não eliminam a necessidade do conceito.

4. Outros intérpretes pensam que essas palavras significam *por causa da ordem do Senhor*, como aquela exarada nos mandamentos da lei, mencionada no versículo seguinte; mas essa opinião, a despeito de expressar certa verdade, mui provavelmente não diz o que se tenciona dizer aqui.

5. Ainda outros estudiosos pensam que as palavras «no Senhor» significam «em consonância com os mandamentos de Deus», com a «vontade de Deus», sendo essa apenas outra maneira de expressar a terceira dessas interpretações.

6. Finalmente outros pensam que essas palavras significam «conforme é agradável ao Senhor». Isso também diz certa verdade, mas não aquela que é especificamente salientada aqui.

«*...pois isto é justo...*» Essas palavras também precisam ser desdobradas, para que as entendamos melhor. Assim sendo:

1. A obediência dos filhos a seus pais é algo *moralmente justo*, porque segue a ordenança divina.

2. Tal obediência também é *socialmente* correta, por refletir um arranjo conveniente e correto na sociedade humana.

3. Também é *beneficentemente* correta, devido aos seus bons resultados.

4. Também é *biblicamente* correta, pois concorda tanto com o Antigo como com o Novo Testamentos, em suas respectivas revelações.

5. Também é *legalmente* correta, pois foi ordenada nas Escrituras Sagradas, escritas por inspiração divina.

6. Também é *naturalmente* correta, pois segue as leis naturais.

7. Essa obediência dos filhos a seus pais é justa de acordo com os ditames do bom senso, porquanto é óbvio que uma pessoa mais velha, de forma geral, sabe o que deve ser feito nesta ou naquela oportunidade, do que os jovens inexperientes.

8. Portanto, tal obediência também é *racionalmente* correta, isto é, apropriada para as relações entre pais e filhos, pois seria uma monstruosidade se os filhos ditassem as ordens e seus pais as obedecessem.

9. Finalmente, a obediência dos filhos a seus pais é *humanamente* correta, pois todas as culturas humanas reconhecem quão prudente é que assim seja.

É interessante que vários intérpretes argumentam, com base neste versículo, em favor do «batismo infantil» ou do «batismo de crianças», supondo que a obediência exigida deve ser efetuada dentro das relações cristãs, e pensando que somente o batismo em água pode levar a criança a tal relação. Mas isso reflete uma maneira absurda de caçar textos do N.T. em favor de alguma prática, boa ou má, mas que não conta com qualquer apoio dogmático da parte do novo pacto.

2 τίμα τὸν πατέρα σου καὶ τὴν μητέρα,[b] ἥτις ἐστὶν ἐντολὴ πρώτη[b] ἐν ἐπαγγελίᾳ,[b]

[b b b] 2 *b* minor, *b* none, *b* minor: TR WH Bov Nes BF[2] AV[ed] (NEB) TT Luth Jer // *b* parens, *b* none *b* parens: AV[rd] RV ASV RSV // *b* dash, *b* none, *b* dash: Seg // *b* dash, *b* none, *b* major: Zür // *b* minor *b* minor, *b* none: WH[mg]

2-3 *τίμα...μητέρα and ἵνα...γῆς* Ex 20.12; Dt 15.16 (Mt 15.4)

6:2: Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa),

A palavra «*...honra...*», é tradução do termo grego «timao», que quer dizer «dar um preço a», «valorizar», «estimar», ou seja, honrar, através do respeito apropriado. Inclui também a idéia de «reverência». No fundo de tudo rebrilha o «amor cristão», que se expressa mediante palavras e ações. Assim, pois, a criança que ama a seus pais mui naturalmente «honrará» ou «estimará» os mesmos, procurando fazer aquilo que lhes agrada. Esse amor e essa honra são o alicerce mesmo da obediência verdadeira, tornando-a uma atitude voluntária e livre, e não como se fora uma imposição, que a criança só atende aos muxoxos.

O mandamento aqui aludido é aquele que figura nos trechos de Êxo. 20:12 e Deut. 5:16, conforme o mesmo aparece na Septuaginta (versão grega do A.T., completada cerca de duzentos anos antes da era cristã). (Ver igualmente Mat. 15:4). À criança compete servir, amar e estimar seus pais, estando sujeita às suas ordens. Uma criança nada deveria fazer que desonre o nome de seus pais, mas tão-somente aquilo de que seus pais se possam sentir orgulhosos, e através do que o nome deles é exaltado perante outros, e ao seus próprios olhos.

«*...o primeiro mandamento com promessa...*» Essa declaração de Paulo tem provocado dificuldades entre os intérpretes. Alguns pensam que os dez mandamentos da legislação mosaica estão em foco. Nesse caso, esse é o único mandamento com promessa, e não apenas o «...primeiro...», embora também seja exatamente isso. O mandamento em pauta é o quinto do decálogo. Também existem intérpretes que consideram que o mandamento relativo ao sábado envolve uma espécie de «promessa geral», a saber, que Deus abençoou esse dia e o santificou, ficando subentendida alguma forma de promessa de bênção àqueles que o guardarem. Nesse caso, então o «segundo» mandamento, e não o «quinto» é que tem a promessa aqui anexa. Ainda outros intérpretes argumentam que o *quinto* mandamento do decálogo ainda assim foi o primeiro mandamento divino a ser instituído, pois tal obediência foi determinada muito antes do sábado haver sido instituído como mandamento, como também a todos os demais mandamentos da legislação mosaica.

Tudo isso, entretanto, parece ser mero jogo de palavras, criado pelos intérpretes, na tentativa de oferecer explicações razoáveis sobre o que o autor sagrado queria dizer. E a tudo isso acrescente-se ainda o fato que alguns estudiosos pensam que a palavra «primeiro» deve ser traduzida aqui como «principal». Na opinião deles, esse seria o mandamento «mais importante», pois há uma promessa vinculada ao mesmo. Também há aqueles que pensam que esse teria sido o «primeiro» mandamento da segunda tábua, ao passo que há quem pense que se trata do primeiro mandamento quanto ao «tempo», e que o decálogo nem está em vista aqui, especificamente. Orígenes costumava explicar que todos os dez mandamentos eram «primeiros», isto é, em relação à legislação mosaica inteira; mas tal explicação não tem aplicação aqui.

Talvez a melhor explicação seja simplesmente aquela que diz que esse mandamento é o «primeiro e único com uma promessa a ele vinculada». Ou então, o que quer que Paulo tivesse em mente, ao assim dizer, isso se perdeu para nós, pois quiçá somente seus leitores judeus pudessem entendê-lo, embora nós mesmos não possamos alcançar seu raciocínio, motivo pelo qual sua idéia caiu para nós em obscuridade. Seja como for, não há nada de vital nessa questão. O que importa é que tal mandamento era tão importante, dentro da legislação do A.T., que mereceu o adorno de uma promessa a ele ligada, para encorajar a sua observância.

3 ἵνα εὖ σοι γένηται καὶ ἔσῃ μακροχρόνιος ἐπὶ τῆς γῆς.

6:3: para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra.

A passagem de Êxo. 12:20 é citada aqui. Tratava-se de promessa de bem-estar e de vida macróbia na terra de Canaã. Não se deve pensar aqui em vida eterna ou em vida espiritual, embora isso também esteja implícito. De fato, a observância de todos os mandamentos mosaicos estava vinculada à «vida», talvez tanto em seu aspecto físico como em seu aspecto espiritual. (Ver os trechos de Lev. 18:5 e Rom. 10:5, onde a «vida» é vinculada à observância dos mandamentos de Deus).

É interessante observarmos que uma *longa vida* física foi prometida àquele que se mostrasse tão terno com as aves que não matasse a mãe dos filhotes, que porventura encontrasse em um ninho, embora pudesse retirar dali os filhotes ou os ovos ainda em processo de incubação (ver Deut. 22:6,7).

«*...sobre a terra...*» No grego e no hebraico há palavras diferentes para indicar o globo terrestre e uma região qualquer, embora em português ambas as idéias possam ser expressas pela palavra «...terra...» Portanto, em português não se nota a modificação havida na citação. A passagem de Êxodo falava na região de Canaã, mas Paulo usou em grego a palavra que significa o «globo terrestre», a fim de dar-lhe um sentido geral, não limitado à nação de Israel e à Terra Prometida.

Tal promessa de longa vida, naturalmente, não se revestiria de interesse particular para os cristãos primitivos, quando perseguições e martírios se multiplicavam. Além disso, a «adversidade» em geral caracteriza o homem abençoado, de conformidade com o N.T., ao passo que o A.T. ligava a «prosperidade material» com as bênçãos divinas. Outrossim, tal motivação não parece da mais elevada ordem para os crentes do N.T., como deveria sê-lo para os judeus, que enfatizavam tão-somente a vida terrena e seus benefícios. O cristianismo se prende muito mais ao «outro mundo» do que o judaísmo. De fato, Crisóstomo sugeriu uma motivação superior a essa para os crentes, em relação a seus filhos: «Buscai não uma longa vida terrena para as crianças, mas que elas tenham vida sem limites e interminável no além». (*Eph. Hom.* xxi, 161A). Isso está mais de conformidade com o ponto de vista do cristianismo, que antecipa as felicidades celestes mais do que fixa os olhos na prosperidade atual. Não obstante, nada há de errado com

uma vida longa à face deste planeta, contanto que essa vida seja usada para cumprir missões dignas, em prol da causa de Cristo, bem como para benefício da humanidade em geral. Outrossim, os crentes, como toda e qualquer outra pessoa, fazem tudo quanto lhes é possível para terem vida longa, com a ajuda da medicina, de condições de vida melhoradas, etc. Nada há de errado com essa promessa. Ela é desejável, ainda que não seja a bênção mais elevada que um crente possa buscar.

Não há neste texto qualquer indício de *espiritualização* de uma promessa do A.T., como se a «vida eterna» estivesse inclusa na mesma, mesmo que a lei mosaica não incorporasse o pensamento de outra vida que não a física, conforme já pudemos salientar nas notas sobre este versículo. Nenhuma «Canaã celestial» é prometida aqui.Tal promessa deve ser aceita literalmente, em seu contexto terrestre. E devemos notar que, além de vida física prolongada, é prometido «bem-estar». O que aqui é prometido é uma vida longa, próspera e feliz, o que dá a este mandamento e sua promessa um ponto de vista tipicamente judaico. No dizer de Barry (in loc.): «Essa promessa não é tão importante para nós como o era para os antigos; mas mesmo assim continua entre nós».

Devemos acrescentar, ainda, que neste texto não há qualquer idéia que a antiga lei mosaica continua em vigor para os crentes do N.T., e que somente os «acidentes» da lei mosaica, isto é, como ela era particularmente aplicada a Israel, em seu arcabouço cerimonial, foram eliminados. É uma estupidez um intérprete cristão tirar tal conclusão, porquanto é algo totalmente contrário ao que reza os trechos de Rom. 10:4 e Gál. 3:23-25, bem como contrário à teologia paulina e neotestamentária em geral. No entanto, não há nenhum erro ou dano para aquele que pensa que a ação moral correta, de conformidade com as recomendações da lei, não trazem as mesmas bênçãos que a ação moral correta o faz em qualquer época. A justificação não está em foco aqui. Mas a moralidade, em qualquer período da história, será acompanhada pelas bênçãos divinas, da maneira como ele resolver abençoá-la. Deus pode conferir vida longa na terra aos obedientes; e o presente texto promete exatamente isso aos filhos que obedecerem e honrarem a seus pais, de acordo com a vontade de Deus, em cada caso, não deixando de haver exceções—quando os pais exigirem de seus filhos coisas errôneas, ou quando o próprio Deus quiser que alguém tenha vida curta à face da terra. Para isso, só Deus sabe as razões. O que é dito aqui, pois, é dito em sentido geral, não visando necessariamente cada criança em particular.

4 *Καὶ οἱ πατέρες, μὴ παροργίζετε τὰ τέκνα ὑμῶν, ἀλλὰ ἐκτρέφετε αὐτὰ ἐν παιδείᾳ καὶ νουθεσίᾳ κυρίου.*

4 οἱ πατέρες...ὑμῶν Col 3.21 ἐκτρέφετε...κυρίου Dt 6.7, 20–25; Ps 78.4; Pr 19.18; 22.6

6:4: E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e admoestação do Senhor.

A relação cristã ideal, entre pais e filhos, pode ser facilmente destruída tanto pela desobediência por parte dos filhos como pela severidade excessiva dos pais. Deve-se notar aqui a palavra «pateres», que significa «pais» (do sexo masculino), ao passo que antes foi usada uma palavra que poderia ser traduzida por «progenitores» (isto é, pais do sexo masculino e feminino). Normalmente, é o pai que se mostra severo demais com os filhos, e não a mãe.

«...*provoqueis...à ira...*» Uma só é a palavra grega assim traduzida, a saber, «parorgidzo», que significa exatamente isso, «provocar à ira». A palavra raiz, «orge», significa «sentimento», «temperamento», «impulso», geralmente do tipo violento, próprio das emoções iracundas. As crianças também são pessoas dotadas de sentimentos humanos. Por essa razão podemos levá-las a se irarem, e até mesmo a ficarem amarguradas. Quando isso ocorre, tem lugar a alienação no lar, o amor bate asas, como também o respeito dos filhos pelos pais, exceto aquele baseado no temor, usualmente ao pai. O paralelo desta passagem é Col. 3:21, onde provocar à ira é ação condenada, para que os filhos não fiquem *desencorajados*, tornando-se descoroçoados ou amargurados, obedecendo somente por razão do medo.

Muitíssimas crianças têm sido sujeitadas por um tratamento abusivo por parte dos adultos, e com demasiada freqüência até mesmo por seus pais. Alguns progenitores usam seus filhos para vantagem própria, de ordem financeira ou outra, não respeitando a individualidade dos mesmos. A história está repleta de exemplos de maus-tratos conferidos às crianças. Nas primeiras décadas da era industrial, em muitas nações, as crianças foram reduzidas a pouco mais do que escravos. Nos tempos modernos tem sido mister legislar sobre o trabalho de menores de idade, a fim de que não sejam explorados. Mas, apesar dos crentes ficarem talvez horrorizados com o que sucede às crianças em famílias não-crentes, ou na sociedade ímpia em geral, contudo, muitas mães, devido a um espírito excessivamente possessivo, ao que elas chamam erradamente de «amor», abafam a vida da criança e as tornam servil, psicologicamente, mesmo quando não fisicamente. Mas essa forma falsa de amor na realidade é um egoísmo disfarçado, e em seus resultados é uma manifestação de ódio. Porém, quando o amor realmente regula as ações dos pais, entre outras coisas não provocarão seus filhos à ira, mediante ações tolas e egoístas, ou negando às crianças seus desejos justos, dentro daquilo que é permitido pela situação financeira ou de outras circunstâncias da família.

Em contraposição a isso, há aqueles progenitores que se mostram excessivamente permissivos com seus filhos, dando-lhes tudo quanto querem, permitindo que as crianças se transformem em pequenos tiranos. Isso também exibe ausência de amor autêntico, pois o amor exige disciplina.

«...*criai-nos na disciplina e na admoestação do Senhor...*» No grego, o verbo «criar...» é «ektrepho», que significa «criar», «nutrir», «cuidar». Já vimos a ocorrência dessa palavra em Efé. 5:29, com o sentido de «cuidar», pois ali se fala da atitude de um homem para com seus filhos. Mas aqui está em foco a «criação de filhos», a responsabilidade que têm os pais de criar seus filhos dentro do caminho cristão, desde a infância até à maturidade. E as palavras seguintes definem a natureza dessa criação dos filhos.

«...*disciplina...*» É tradução do termo grego «paidaia», que pode ter vários significados, a saber:

1. Na Septuaginta (versão grega do A.T.), seu sentido é «disciplina», e geralmente com o sentido de *punição*. (Essa palavra também figura em Heb. 12:11). A forma verbal, «paideuo», por igual modo, pode significar «castigar» (ver I Cor. 11:32 e II Cor. 6:9). Era direito dos pais, nas culturas antigas, aplicar punições severas a seus filhos. Dentro das leis romanas («patria potestas»), ao pai eram dados direitos que hoje em dia seriam considerados desumanos, pois podia um pai romano «expor» seus filhinhos infantes aos elementos, para que viessem a morrer, se este resolvesse que não desejava criá-los. Podiam os romanos até mesmo vender seus filhos como escravos, ou deserdá-los, ou açoitá-los, ou lançá-los na prisão, ou matá-los, até mesmo quando já estivessem crescidos. Também é bem conhecido o fato que a legislação do A.T. exigia a morte para os filhos desobedientes; e assim a cultura judaica também não estava inteiramente livre de uma autoridade exagerada por parte dos pais. E no ano de 7 D.C., vemos que o imperador Augusto baniu sua filha adúltera, Júlia, para uma ilha do Adriático, tendo morto o bebê nascido da união adulterina. (Quanto à palavra «paidaia», com o sentido de «punição», no A.T., ver as notas expositivas sobre Heb. 12:5-8, como também os trechos de Lev. 26:18; Sal. 6:1 e Isa. 53:5).

2. Porém, também há um sentido mais amplo de «disciplina», para a palavra grega «*paidaia*». Então estariam em foco todas as formas de *treinamento* infantil e dos jovens, incluindo a punição física, quando isso se tornar necessário.

3. Em sentido ainda mais amplo, essa palavra tem sido usada para significar «educação», isto é, tudo quanto concorre para o desenvolvimento mental, moral e do caráter da criança. Assim dizia Platão: «A educação (paidaia) consiste na orientação constrangedora da juventude na direção daquela justa razão que a lei afirma, e que a experiência de nossos melhores anciãos tem concordado ser realmente correta». (*Leis*, 659).

Mui provavelmente, é neste último e mais amplo sentido que devemos compreender a palavra aqui usada, embora isso, naturalmente, inclua também os sentidos mais estreitos. Por isso é que Goodspeed, em seu livro *Meaning of Ephesians* (págs. 64,65), declara que «...neste versículo tão familiar de Efésios encontramos o primeiro sinal da educação cristã no lar». Mas essa «educação» é do «Senhor», ou seja, tem natureza espiritual, pois sua finalidade é beneficiar uma alma eterna. Este texto ultrapassa em muito às ações severíssimas de certos pais para com os seus filhos! Ira e restrição, como também ameaças e castigos corporais por motivos banais, não são ações apropriadas dos progenitores. Pois há um elevadíssimo alvo que precisa ser obtido através de meios espirituais.

«...*admoestação...*» No grego original é «nouthesia», que quer dizer «instrução», «advertência», «admoestação». Uma vez mais essa palavra pode significar «avisos», «censuras», etc., mas, mui provavelmente devemos entendê-la no seu sentido geral de «instrução», o que inclui, necessariamente, tanto um aspecto negativo como positivo. Devemos compreender aqui palavras aconselhadas que visam «correção», mas também ensino e treinamento positivos. Portanto, encontramos neste versículo treinamento e disciplina em forma de «ação» («paidaia») e em forma de «palavras» («*nouthesia*»). Mas este termo indica tanto encorajamentos como repreensões em forma de palavras. O comentário de Adam Clarke (*in loc.*), a respeito dessa palavra, é: «*Nouthesia*: 'instrução'. Pode subentender tudo quanto é necessário para a formação da mente; ensinar, regulamentar e purificar as paixões; e, necessariamente inclui toda a formação religiosa».

«Ser alguém nutrido 'na disciplina e admoestação' do Senhor, tal como em toda a educação escolar, na infância e na juventude, talvez produza atitudes de rebeldia ou de desejo de escapar.Mas tais atitudes são superficiais. Pois a criança espera a maturidade. Um jovem é um adulto amador. Ser alguém enganado na instrução—com toda a disciplina e até mesmo punição necessariamente envolvidas, pode produzir a 'ira' que perdura pelo resto da vida». (Wedel, *in loc.*).

«Não é totalmente absurdo enviar os filhos para aprenderem algum ofício ou para a escola, e tudo fazer visando isso, mas não criá-los dentro da disciplina e da instrução do Senhor?...Devemos dar aos filhos um modelo, fazendo-os se devotarem, desde os primeiros anos, à leitura das Escrituras...Se teus filhos aprenderem a ser amante da sabedoria, desde o começo de sua vida, terá adquirido uma riqueza maior do que todas as riquezas, e uma grande glória...Dá-lhe as coisas maiores, e não as pequeninas coisas». (*Eph. Hom.* xxi. 160A, B, 161A, Crisóstomo).

«...*do Senhor...*» O Senhor Jesus Cristo é aludido aqui, conforme é usual nas páginas do N.T., quando é usado o título «...Senhor...» (Quanto a notas expositivas sobre esse título, bem como sobre o «senhorio de Cristo», ver Rom.1:4). O genitivo, no original grego, como sucede comumente, pode envolver vários significados, a saber: 1. Pode ser o «genitivo objetivo», que resulta na tradução «acerca de Cristo», conforme pensavam muitos antigos intérpretes do original grego. 2. Pode ser «segundo a doutrina de Cristo», segundo pensam outros estudiosos. 3. Pode ser «como é digno do Senhor». 4. Pode estar em foco o «genitivo de origem», o que indica o treinamento e a instrução que «vem da parte do Senhor», como sua origem. 5. Mas a melhor maneira de entender o versículo, neste ponto, é pensar no «genitivo possessivo», que nos faz entender que o treinamento pertence a Cristo, tendo sido prescrito por ele, sendo administrado em seu nome, sob a sua autoridade.

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas das elevadas doutrinas expostas na primeira secção* (Efé. 4:1- 6:24).

4. Quarta exortação: Observância da subordinação mútua de todos, na família cristã (5:1- 6:9)

c. Relações entre senhores e servos (6:5-9).

A escravatura é mencionada nas páginas do N.T. Esta secção fala sobre o relacionamento entre *senhores e servos*. Talvez desejaríamos que o N.T. fosse muito mais explícito ao abordar essa questão, condenando peremptoriamente a escravatura. Sabemos por bom senso, como o ABC da moralidade, que é errado um homem escravizar a outrem, destruindo sua individualidade, mesmo que não o maltrate fisicamente. Mas ficamos um tanto desolados ao descobrir que em parte alguma do N.T. (com a possível exceção de I Tim. 1:10, mas cujo significado é disputado pelos estudiosos) é condenada a prática da escravização do próximo. Não poderíamos mesmo esperar que o cristianismo tentasse impor uma revolução social e política, pois mui provavelmente esse pensamento nem entrou na mente dos apóstolos; todavia, apesar disso, talvez tivesse sido possível fazer uma denúncia positiva contra a escravatura, nas páginas do N.T., por ser esse um mal tão grande. Naturalmente, tal prática era universal e antiqüíssima; pois o próprio A.T. não a condena, mas antes, procura regulamentá-la para torná-la mais humana. E as poucas passagens neotestamentárias que abordam o problema também buscam esse alvo (ver os paralelos de Col. 3:22- 4:1 e I Pedro 2:18-25).

No que tange à escravidão, naturalmente é verdade que o cristianismo aplicou a essa situação o amor cristão; e foi isso, finalmente, que destruiu essa má instituição, apesar de terem sido necessários séculos para tanto. E isso, incidentalmente, mostra-nos quão lento se mostra o homem na modificação de sua natureza moral básica, a despeito de tudo quanto ele assevera em contrário.

E o cristianismo também tem outros efeitos. A escravatura, que consiste essencialmente na negação da personalidade e da vontade própria do indivíduo, não fez nunca parte da própria igreja, como uma organização. Pois em Cristo não há livre ou escravo, homem ou mulher, como também não há distinção de raças, pois todos os remidos são «um» em Cristo. (Ver Gál. 3:28). Portanto, no seio da igreja cristã, um escravo crente se encontrava em pé de igualdade com seu senhor, pelo menos de acordo com a doutrina dos apóstolos e sua atitude a respeito, em todas as situações locais. E esse princípio, por sua vez, desvenda um mal próprio da escravatura —pois em Cristo cada indivíduo é visto como alguém sem igual, dotado de uma missão ímpar. (Ver o trecho de Apo. 2:17, quanto a notas expositivas acerca desse conceito). Portanto, no seio da igreja cristã se encontra um padrão para o mundo inteiro. De fato, foram homens religiosos e cristãos que sempre foram os líderes dos movimentos de emancipação dos escravos.

Certamente era uma *cena estranha* e incomum ver senhores e escravos perfeitamente igualados nos cultos da igreja cristã primitiva. E isso serve de pequeno quadro acerca da união de todos os homens, sem importar sua procedência ou classe social, quando esses homens são trazidos para o corpo de Cristo, mediante a operação e a vontade de Deus. (Ver Efé. 1:10).

No entanto, a despeito dos grandes males da escravatura, várias famílias cristãs primitivas contavam com escravos como seus membros, tal como sucedia a quaisquer outras famílias da época. O evangelho não destruiu isso de um golpe só, embora tivesse o poder para tanto, como eventualmente o fez. Por causa dessa situação, pois, foi necessário que os apóstolos definissem as relações entre os senhores crentes e seus escravos crentes; e o presente texto, bem como suas passagens paralelas, nos dão essas instruções.

Há aplicações modernas dos textos bíblicos que abordam a questão da escravatura. Posto que as famílias cristãs não possuem mais escravos, o texto que ora comentamos tem sido usualmente aplicado à posição dos empregados, em relação a seus patrões ou empregadores. Essa é uma aplicação legítima, embora não seja sua interpretação primária. A aplicação maior, entretanto, diz respeito ao nosso serviço cristão, perante o próprio Senhor Jesus, por ser ele o nosso Senhor, conforme o nono versículo subentende.

5 Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου ἐν ἁπλότητι τῆς καρδίας ὑμῶν
ὡς τῷ Χριστῷ, 5-7 Col 3.22-23; Tt 2.9-10

6:5: Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo,

As palavras: «*quanto a vós outros*» (AA), representam uma adaptação de tradução com base no parágrafo anterior, que aborda a questão da subordinação mútua que deve haver na família cristã, um tema iniciado em Efé. 5:21. O texto grego diz simplesmente: «Escravos, sede obedientes àqueles que são vossos senhores terrenos...».

«...*servos*...» Isso é uma suavização do termo «doulos», de acordo com várias traduções, embora sem nenhum fundamento no original grego. Literalmente deveria ser «escravos». As famílias cristãs possuíam escravos, os quais não eram assalariados, e, sim, tão escravos como os de famílias pagãs. No dizer de A.H.J. Greenidge, *Roman Public Life*, pág. 24 : «Pode-se definir a servidão, em todos os períodos da história de Roma, como uma ausência de personalidade. O escravo era uma coisa (res), e pertenciam àquela classe mais valiosa de bens móveis que os romanos intitulavam 'res municipi', que incluía terrenos e bestas de carga».

Naturalmente, há evidências históricas que os cristãos primitivos tratavam os seus escravos, mesmo quando ainda não emancipados, como pessoas, e quando eram cristãos, como seus iguais. Contudo, entre os cristãos primitivos, não houve movimentos de emancipação em massa de seus escravos, o que teria estado de acordo com a moralidade cristã básica, bem como com a força orientadora do amor, recomendado a todos os crentes como base de toda a vida e ação (ver João 14:21; 15:10 e Gál. 5:22). Portanto, no trabalho de casa, um escravo continuava sendo um escravo; e foram passagens como esta que foram escritas para regulamentar tais relações, o que subentende perfeitamente bem que havia intensa fricção entre senhores e escravos crentes. Ora, onde há tal fricção há ódio, o contrário do que é requerido dos crentes.

«...*senhores segundo a carne*...» Estão em foco apenas os senhores de escravos, dando a entender aqueles que exercem autoridade sobre pessoas físicas, a fim de mostrar que há um «senhor celestial» muito superior, a quem todos os seres humanos estão sujeitos como escravos. (Ver as notas expositivas sobre o nono versículo deste capítulo, acerca disso). Ser alguém um «senhor terreno» não lhe conferia qualquer bênção espiritual, embora fosse uma vantagem terrena e totalmente superficial. Não obstante, Paulo queria que os escravos crentes reconhecessem a realidade dessa vantagem e se adaptassem dentro de seu «legítimo» lugar dentro da sociedade, sem queixumes, sem fugirem ao dever e sem ódio no coração.

O trecho de Col. 3:22 qualifica a obediência requerida dos escravos mediante a expressão «em tudo», o que também é dito acerca da obediência dos filhos a seus pais (ver Col. 3:20), e que esta epístola aos Efésios igualmente omite.

«...*com temor e tremor*...» Essas palavras se encontram em trechos bíblicos que não se aplicam à escravatura, e, sim, às relações entre os crentes, e em relação ao desenvolvimento da nossa salvação (ver Fil. 2:12; ver também I Cor. 2:3 e II Cor. 7:15). Conforme diz Abbott (in loc.), talvez isso indica uma «ansiosa solicitude», não sugerindo qualquer temor real, tão intenso que faça o indivíduo tremer. Certamente não há aqui qualquer alusão às severidades do serviço prestado pelos escravos, ou à severidade dos senhores de escravos, como se tal severidade já fosse de esperar e pudesse ser aprovada. Mas os escravos deviam um alto respeito a seus senhores, e até mesmo «reverência», conforme este texto subentende, mais ou menos como um filho veria seu pai severo.

Essa expressão não se encontra no trecho de Col. 3:22, que é paralelo a este. Mas a passagem de I Ped. 2:18-20 contém a expressão «Servos, sede submissos, com todo o temor a vossos senhores...» E essa mesma passagem admoesta aos escravos que sofram os erros com paciência. Talvez nisso seja recomendado muito mais que a solicitude, mas antes, algum sentimento real de temor. Isso estaria de acordo com a época, ainda que não com a mensagem geral do N.T. Os senhores de escravos tinham total autoridade sobre os mesmos, podendo abusar deles e até mesmo assassiná-los, sem que qualquer lei os protegesse. Por isso, todo escravo tinha muito a temer. E este texto lembra-os desse fato, mesmo que um escravo crente pudesse esperar melhor tratamento da parte de seu senhor crente.

«...*na sinceridade do vosso coração*...» Temos aqui a recomendação de «honestidade», de «singeleza de coração». O vocábulo grego aqui traduzido por «..sinceridade...» é «aplotes», que quer dizer «simplicidade», «franqueza», «sinceridade». Seu sentido básico é algo «singelo», «simples», «sem complexidades», ou, literalmente, «uno», fazendo contraste com «diploos», que significa «duplo». Em sentido figurado, conforme aparece aqui, indica «singeleza de propósito», «honestidade», ausência de duplicidade, dando a entender um escravo dotado de boa vontade e lealdade genuínas para com seu senhor. E as palavras «...do vosso coração...» indicam que os escravos deveriam prestar um serviço não baseado na imposição da autoridade do senhor, e, sim, um serviço que parte desde o homem interior, do intuito de um ser real. Em suma, um serviço prestado com alma.

«...*como a Cristo*...», porque o Senhor Jesus é o verdadeiro senhor de

todos homens, sem importar se estes são senhores ou escravos; e ele requer trabalho honesto e sincero. (Ver as notas expositivas sobre Rom. 16:6). Os escravos crentes deveriam reputar o trabalho que prestavam a seus senhores como trabalho prestado ao próprio Cristo. Esse ensinamento se alicerça sobre o ensinamento neotestamentário que diz que cada ser humano tem uma missão precípua, tanto para o benefício do homem como para a glória de Deus. Portanto, de conformidade com o N.T., o fato que alguém era um escravo poderia ser considerado como o «destino determinado» para esse alguém; e Cristo é o Senhor que determina nosso destino. Portanto, quando alguém trabalha em alguma profissão, ofício ou comércio de qualquer espécie, está servindo a Cristo, contanto que isso seja feito de coração, sinceramente, com alma singela. (Ver as notas expositivas sobre os «vasos escolhidos», em Atos 9:15. Quanto a «missões secundárias, mas igualmente importantes», ver Atos 9:19. Quanto à «alegria no serviço a Jesus», ver Atos 16:23).

«Quando nos desincumbimos de nossos deveres diários, em qualquer capacidade, ou sob qualquer autoridade, estamos servindo a Cristo e seguindo a sua vontade em nossas vidas. Esse pensamento é mais amplificado nos versículos seis e sete». (Beare, *in loc.*).

As aplicações espirituais desse princípio são óbvias. O crente que trabalha para outrem deve mostrar-se honesto, sincero e diligente, sabendo que Deus é quem o colocou onde ele se encontra, e não o homem meramente. E isso é tanto mais verdadeiro em tudo quanto fazemos por Cristo, quer em nossa vida diária, quer em nosso serviço religioso, quer no ministério da palavra ou no ministério de ensino cristão. Todo e qualquer trabalho, quando está sendo feito com honestidade, nos é dado fazer por delegação do grande Senhor; e é a ele que devemos agradar e servir.

6 μὴ κατ' ὀφθαλμοδουλίαν ὡς ἀνθρωπάρεσκοι ἀλλ' ὡς δοῦλοι Χριστοῦ ποιοῦντες τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ[c] ἐκ ψυχῆς,[c]

[cc] 6 *c* none, *c* minor: TR Bov Nes BF² AV RV ASV RSV (NEB) TT Zür (Luth) (Jer) (Seg) // *c* minor, *c* none: WH 6 (εκ ψυχης,], εκ ψυχης)

6:6: não servindo somente à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus,

(Quanto a notas expositivas sobre a idéia de «servirmos a Deus», ver Atos 20:19. Os versículos seis e sete deste capítulo aplicam «espiritualmente» as regras baixadas no versículo cinco). Todo e qualquer trabalho, em qualquer nível da vida, se for honestamente feito, é realizado «para Deus», porquanto ele é quem nos aponta as nossas diversas tarefas.

«*...servindo à vista...*» No original grego, a expressão diz aqui, literalmente traduzida «serviço ao olho», e se acha somente aqui e no paralelo de Col. 3:22. É possível que o próprio apóstolo dos gentios tenha cunhado tal palavra, porque em toda a literatura antiga não se encontra um só exemplo da mesma. Todavia, podemos vê-la nas *Constituições Apostólicas* (iv.12), embora quase sem dúvida os seus autores estivessem copiando a expressão paulina. Tal expressão significa fazer algo somente com a finalidade de agradar ao homem, não em sinceridade, mas somente enquanto se está sendo observado. Trata-se do serviço realizado com o propósito de atrair a atenção, e não porque o indivíduo é sincero. É um serviço «enganoso», realizado na «duplicidade», o que nos é proibido através da palavra traduzida como «sinceridade», no quinto versículo. Um homem age dessa maneira errônea quando faz algo para obter algum favor, e não quando quer agradar a Deus ou satisfazer sua consciência. Usualmente, as pessoas que trabalham com essa atitude não se mostram tão energéticas como quando estão sendo observadas, ou quando não se sabe o que elas fizeram.

«Buscam agradar aos senhores somente enquanto há olhos que os observam: conforme Geazi se mostrava tão diferente, na presença de seu senhor, do que quando estava longe dele. (Ver II Crô. 5)». (Faucett, *in loc.*).

Pelo contrário, o crente deveria trabalhar

«*...como se sempre estivesse sob o olhar do grande Capataz*».

«*...para agradar a homens...*» Uma única palavra grega é assim traduzida, posto que sua tradução mais literal seria «agradadores de homens». Estão em foco aqueles que servem para caírem nas boas graças dos homens, e não ao próprio trabalho, para efeito de auto-realização, e muito menos para agradar a Deus, conforme nos é ordenado. Essa inclinação para agradar aos homens, na realidade, é uma forma de egoísmo, porquanto seu alvo é receber algum benefício próprio, através do favor de outros, com base em um suposto trabalho bem-feito. A dificuldade que envolve essa maneira de trabalhar é que aquele que assim faz visa sua própria pessoa, esquecendo-se totalmente de Deus, como objeto de toda a existência; e embora pareça tomar em consideração outros homens, na realidade procura tirar vantagem da boa vontade dos outros, não havendo qualquer tentativa séria de ser realmente útil e benéfico.

Platão também reconheceu sabiamente esse feito, em sua máxima: «E essa arte ele não alcançará sem grandes tribulações, pelas quais um homem bom precisa passar, não com a finalidade de falar ou agir na presença dos homens, mas a fim de ser capaz de dizer o que é aceitável a Deus, agindo sempre de forma aceitável por ele, tanto quanto estiver ao seu alcance. Pois há uma afirmativa, feita por homens mais sábios que nós, que diz que um homem dotado de bom senso não deve procurar agradar aos seus conservos (pelo menos não deve ser esse o seu objetivo primário), mas seus senhores bons e nobres». (*Fédon*, 273).

Este preceito geral pode ser confrontado com outras determinações semelhantes, existentes nos escritos de Paulo, como: «...a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado...» (Col. 1:10). Sim, Paulo servia no evangelho «...não para que agrademos a homens, e, sim, a Deus, que prova os nossos corações..» (I Tes. 2:4). Sim, Paulo não servia a fim de agradar aos homens. (Ver Gál. 1:10).

«*...mas como servos de Cristo...*» Porque o Senhor Jesus é o verdadeiro Senhor, aquele que realmente é servido por nós, quando nos desincumbimos fielmente do nosso trabalho, conforme se vê no fim do quinto versículo deste capítulo (cujas notas o leitor pode examinar). Cristo é o Senhor, até mesmo dos senhores de escravos, os quais devem a ele a mesma lealdade e serviço que lhe devem os escravos. (Ver o nono versículo deste capítulo). A humanidade inteira está debaixo dos olhos do grande Senhor e deve dar contas a ele (ver II Cor. 5:10, acerca do «tribunal de Cristo»).

«*...fazendo de coração a vontade de Deus...*» A palavra aqui traduzida como «...coração...» não é a mesma que geralmente tem esse sentido, e que é usada no versículo anterior, onde se comenta a expressão «fazer algo de coração». Antes, a palavra assim traduzida aqui é «psyche», a «alma», o «homem interior». Esses dois vocábulos gregos, entretanto, expressam essencialmente a mesma coisa, pois em ambos os casos é salientado o homem essencial, o espírito ou alma, como sede de toda a boa ação, de onde se espera que tais ações se originem. (Comparar com Marc. 12:30, onde o amor a Deus deve proceder «da alma»). Os bons escravos crentes de antigamente, ou os bons empregados crentes de hoje em dia, que assim serviam ou servem, cumprem a vontade de Deus. E isso pelos seguintes motivos: 1. Porque a «vontade de Deus» é que lhes determinou tal tarefa. 2. Porque a «vontade de Deus» exige um serviço honesto. 3.E porque tais tarefas são realmente realizadas para agrado de Deus; pois todos quantos fazem a vontade de Deus, servem a ele.

Essa atitude correta dos crentes que servem deve ser comparada com a do próprio Senhor Jesus, o qual, a fim de cumprir a vontade de Deus Pai, se tornou «escravo» (ver Fil. 2:7, onde o mesmo vocábulo grego aqui usado também aparece). (Ver as notas expositivas sobre o trecho de Mat. 6:10, que diz: «...faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu»). Todo aquele que cumpre a vontade de Deus é mãe e irmão e irmã de Cristo Jesus (ver Mat. 12:50); e nisso há uma perfeita emancipação da servidão.

7 μετ' εὐνοίας δουλεύοντες, ὡς τῷ κυρίῳ καὶ οὐκ ἀνθρώποις, 7 ως] *om* KL *pm* ς

6:7: servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens.

Este versículo reitera as idéias dos dois versículos anteriores, cinco e seis, que devemos servir a Cristo e não aos homens. Mas aqui é acrescentada a idéia da disposição que deveria caracterizar aquele que trabalha para outrem, «...boa vontade...» O original grego diz aqui «eunoias», após o termo «*psuche*», o que dá o significado de «desde a alma, com entusiasmo ou boa vontade». «*Eunoia*» também significa «favor», «afeto», «bondade», «benevolência». A boa vontade, em qualquer serviço prestado, é algo particularmente apreciado pelos empregadores. Deve ter sido uma qualidade admirável no caso de meros escravos. Não obstante, havia alguns escravos com tal disposição, mormente quando as relações entre senhor e escravo se tornavam amigáveis. Entre os papiros de *Oxyrhynchus*, datados de 157 d.C., há um fragmento que ilustra o presente texto: «...por causa de sua vontade e afeição...» para com o seu senhor, este, quando de seu testamento, deu liberdade a cinco de seus escravos. (Quanto a outras notas expositivas sobre esses papiros, que inclui afirmações extracanônicas de Jesus, ver a secção intitulada «Ensinamentos», no artigo referente ao Senhor Jesus). Se um homem servir a seus patrões com boa vontade, pode esperar a aprovação e a recompensa de Deus, conforme o oitavo versículo deste capítulo nos mostra. A «boa vontade» que ele demonstra deve ser reflexo que tal homem não serve a seu semelhante, mas a Deus, pois o Senhor o colocou na posição em que serve.

Xenofonte tem uma declaração paralela à que ocorre neste versículo: «O escravo que for mordomo, deve ter boa vontade, se tiver de preencher adequadamente o seu cargo». (*Oecon.* xxi.5). O paralelo em Col. 3:22,23 não contém essa expressão referente à «boa vontade», mas fala em fazer coisas «de coração», como ao Senhor, e isso serve de equivalente aproximado. Se um escravo for capaz de aprender a preocupar-se com o bem-estar pessoal de seu senhor, dessa maneira servindo-o de boa vontade, então terá obtido uma grande vitória moral e um notável desenvolvimento espiritual, e outro tanto pode ser dito acerca daqueles que trabalham para outros como empregados. Isso é dito em contraste com a indignação provável e natural que surgiria em um escravo qualquer, que assim passaria a odiar seu senhor; e então tudo faria de má vontade para aquele. Paulo exorta aqui aos escravos—ou aos empregados modernos, que não sejam *naturais*, e, sim, *espirituais*, no seu serviço. Quando temos boa vontade no trabalho que prestamos a outrem, não somente essa outra pessoa é beneficiada pelo que fazemos, mas até nós mesmos o somos, porque é fato bem conhecido que se sabe bem que o trabalho parece mais leve e fácil, quando o fazemos com essa atitude. O próprio corpo é afetado por uma atitude boa, sentindo-se muito melhor.

8 εἰδότες ὅτι ἕκαστος, ἐάν τι ποιήσῃ ἀγαθόν, τοῦτο κομίσεται παρὰ κυρίου, εἴτε δοῦλος εἴτε ἐλεύθερος.

8 2 Cor 5.10; Col 3.24-25

6:8: Sabendo que cada um, seja escravo, seja livre, receberá do Senhor todo bem que fizer.

(Este versículo deve ser comparado com Rom.2:6, no tocante ao «juízo segundo as obras»). Tanto os galardões como o juízo pertencem ao Senhor Deus (ver II Cor. 5:10). Ele é o Legislador sobre a lei da colheita e da semeadura (ver Gál. 6:7,8), e tanto os escravos como todo o povo estão sujeitos a essa lei. Portanto, o bem não pode deixar de ser galardoado, e o mal não pode deixar de ser castigado. Aprendemos, pois, que nossa responsabilidade primária é para com Deus, e que para com os homens é secundária. O Senhor celestial não faz distinções entre classes—não há senhores e escravos para ele. Deus recompensa ou castiga sem respeitar a pessoa dos homens, pois ele não faz acepção de pessoas. (Quanto a esse aspecto da verdade, ver Rom. 2:11; Atos 10:34). O *nono versículo* do presente capítulo reitera esse preceito.

Vivendo Com Vistas À Eternidade

1. Podemos perceber como o evangelho transmuta a tudo. Que poderia haver de mais desagradável do que viver como um escravo? Paulo, porém, não via qualquer obstáculo nisso, no tocante ao destino da alma.

2. De fato, ele percebia como um homem pode usar qualquer tipo de trabalho, profissão ou meio de vida, a fim de promover seu próprio bem-estar eterno.

3. Essa compreensão transformava tudo quanto ele fazia, e esperava que teria o mesmo benefício no caso de outros, incluindo os escravos.

4. Mesmo que vivesse como escravo, o indivíduo poderia buscar primeiramente o reino de Deus; e mesmo através de tal serviço, se alguém fizesse tudo por amor ao próximo, e não por mero senso de obrigação, Cristo poderia ser amado. Esse é o princípio que aparece em Mat. 25:25 e ss.

5. Paulo era do parecer que, as atitudes do indivíduo, se revestem de extrema importância. Com freqüência, mais importa como alguém faz algo, do que aquilo que se faz. Se nosso trabalho é honesto, pode servir de degrau, e não de obstáculo à espiritualidade. Todo trabalho honesto pode redundar em glória positiva para Deus, e todo trabalho oferece oportunidades através das quais, podemos crescer espiritualmente.

Aos olhos da lei civil romana, um escravo não tinha quaisquer direitos. Porém, aos olhos do Deus de todos, ele tinha iguais direitos, bem como iguais obrigações de servir bem, mesmo em situações desagradáveis.

«A doutrina da retribuição conforme as obras, perante o tribunal de Cristo, equipara-se à da salvação conforme a fé, perante a cruz de Cristo. Quão superficiais e evanescentes são então as diferenças entre as posições sociais na terra, em vista dessas sublimes realidades...Essa grande convicção abate toda a altivez. Ensina justiça para o poderoso e para o orgulhoso; exalta os humildes, e assegura que aos espoliados será dada a recompensa. De nada valem a peita, o privilégio, o sofisma ou a astúcia legal, como também não adianta ocultar ou distorcer os fatos perante aquele tribunal final de apelo...é maravilhoso pensar que o pobre escravo, que foi fiel nas 'poucas coisas' pertencentes à sua sorte terrena tão adversa, receberá as 'muitas coisas' próprias de um filho de Deus e co-herdeiro com Cristo». (Findlay, *in loc.*).

«O mundo está acostumado a dar pouco valor ao labor dos escravos; Deus, porém, estima tais labores da mesma maneira que estima os deveres dos reis. Segundo Deus estima as coisas, a situação externa é posta de lado, e cada qual é julgado de conformidade com a retidão do seu coração». (Calvino, *in loc.*).

Devemos notar que no paralelo de Col. 3:24, nos é prometido o grande galardão da «herança», que é a bênção mais elevada que um homem pode receber, a glorificação de Cristo, por ele compartilhada. (Ver o trecho de Rom. 8:17,30 e as notas expositivas ali existentes, acerca desses pensamentos). E a passagem de Col. 4:1 serve de paralelo aproximado deste versículo, exigindo dos senhores que façam aquilo que é «justo» a seus escravos, o que equivale a um tratamento humano, à base do fato que os senhores de escravos não deixam de estar sob vigilância do olhar discernidor do Senhor celeste e de seu julgamento final. Os senhores não devem *explorar* seus escravos; pois esse tipo de exploração, na realidade, redunda em auto-exploração.

Direitos Daqueles Que Não Tinham Direitos

1. As leis romanas, tão generosas e tão justas em tantos particulares, quando postas em confronto com as leis de outras nações, não tinham qualquer provisão em favor dos escravos. De certa feita, Cícero se sentiu envergonhado por haver-se compadecido de um escravo que sofria.

2. O evangelho sepultou todas as atitudes semelhantes. Na igreja cristã, os escravos tinham direitos. Há um só Senhor sobre todos. Ele vê o que fazemos, e nos galardoa de conformidade com as nossas obras (ver Rom. 2:6 e II Cor. 5:10).

3. Paulo lembrou os senhores de escravos, acerca desses fatos. O homem é responsável, além dos requisitos das leis humanas. Essa era a tese paulina. Paulo exigia respeito pelos escravos, embora não tivesse exigido a libertação dos mesmos.

4. Ficamos sinceramente desapontados ante o fato de que o cristianismo não tenha eliminado a escravidão, «dentro do âmbito da igreja», ao menos. Não podia mesmo fazer isso na sociedade pagã; mas a igreja poderia ter-se tornado um exemplo do que é direito, nesse particular. Contudo, a lei do amor regulamentava essa prática no seio da igreja, e isso já foi um bom começo.

«...preceito da bondade aos desprivilegiados nunca está fora de lugar. Não podemos prever um tempo quando as desigualdades de talento e circunstâncias não mais existirão na família divina, e quando o abuso de poder não será o mais comum dos pecados dos homens. E a mera pregação sobre a fraternidade humana não abolirá os pecados de desigualdade. Caim era irmão de Abel; mas essa fraternidade resultou em assassínio. Nosso versículo cita, como sanção de 'tolerância' mútua, algo que em muito transcende aos laços frágeis da natureza. Isso faz-nos lembrar a democracia que haveria no Dia do Juízo. Deus não faz acepção de pessoas. Perante qualquer teste final somos todos pecadores, pecadores que necessitam de idêntica salvação. Todos temos 'pecados', e ficamos aquém da glória de Deus. (Ver Rom. 3:23). O motivo do 'temor a Deus' não vem sendo devidamente salientado na pregação contemporânea. Contudo, isso desempenha grande papel na Bíblia. É claro que não se trata do motivo final das ações dos crentes; pois a gratidão e a redenção podem substituir o temor à lei. Mas a lei inexorável de Deus sob hipótese alguma foi cancelada. Em parte alguma a sanção de um temor saudável a Deus é mais necessária do que nas relações humanas que envolvem desigualdade de posição», (Wedel, *in loc.*).

«...*de igual modo procedei...*» É como se Paulo houvesse escrito: «Tratai de vossos escravos conforme ordenei os vossos escravos que se conduzissem convosco, buscando o bem deles, segundo a eles foi ordenado que buscassem o vosso bem. Mostrai-lhes a boa vontade, a generosidade e o amor, conforme devem eles mostrar a vós. Assim como deles se espera que cumpram seu dever, assim se espera que cumprais o vosso dever, que consiste em tratar dos escravos com humanidade e generosidade». Paulo recomenda aqui aos senhores humanos que tenham uma «conduta cristã», de acordo com o princípio do amor. Tanto os senhores como os servos devem cumprir a «vontade de Deus» nesses particulares (ver o sexto versículo deste capítulo), fazendo tudo de coração, e não apenas por senso de obrigação.

★★★

9 Καὶ οἱ κύριοι, τὰ αὐτὰ ποιεῖτε πρὸς αὐτούς, ἀνιέντες τὴν ἀπειλήν, εἰδότες ὅτι καὶ αὐτῶν καὶ ὑμῶν ὁ κύριός ἐστιν ἐν οὐρανοῖς, καὶ προσωπολημψία οὐκ ἔστιν παρ' αὐτῷ.

9 οἱ...οὐρανοῖς Col 4.1 προσωπολημψία...αὐτῷ Dt 10.17; 2 Chr 19.17; Ac 10.34; Col 3.25

6:9: E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor tanto deles como vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas.

«...*deixando as ameaças...*» O instrumento para fazer um escravo ou um empregado tornar-se indisposto a fazer o que lhe mandamos é a «ameaça de punição». Devemos observar aqui o artigo definido, «...as ameaças...», como se se tratasse de algo costumeiro entre os senhores. No dizer de Ellicott (in loc.): «O apóstolo Paulo destaca aqui o vício prevalente e mais costumeiro—a exibição de maus sentimentos por parte dos senhores; e ao proibir tal coisa naturalmente inclui toda a forma similar de violência».

«...*sabendo que o Senhor...*» O «...*Senhor...*», neste caso, é Jesus Cristo, conforme é muito comum nas páginas do N.T. (Ver as notas expositivas sobre esse título em Rom.1:4 e que incluem comentários sobre o «senhorio» de Cristo).

Variante Textual: Alguns manuscritos antigos dizem «...como vosso Senhor também...», a saber, o ms K e a maioria dos manuscritos cursivos. Mas os mss P(46), Aleph(1) e as versões da Vulgata, boárica e aramaica dizem o que temos refletido nesta tradução, que é forma mais enfática. Já os mss D(3) e G dizem a mesma coisa que o ms K, com uma ordem diferente de palavras. Mas a forma mais enfática conta com o apoio esmagador da evidência textual, devendo ser a preferida. Essa expressão salienta que há um só Senhor de todos, e que todos, sem importar sua posição social neste mundo, estão igualmente sujeitos a ele.

«...*nos céus...*» Essas palavras frisam a elevada autoridade do Senhor. Ele transcende ao plano terreno, sendo o Senhor supremo até desse plano terreno. Esta epístola inteira aos Efésios enfatiza essa soberania de Cristo, e como é da vontade de Deus que todas as coisas eventualmente sejam sujeitas a ele, em restauração e união com ele. Isso tem uma aplicação prática agora mesmo, no tocante aos senhores e aos servos. Ambos eles devem reconhecer esse senhorio de Cristo, como importantíssimo fato metafísico de toda a existência, deixando-se influenciar por esse fator, a fim de usarem de atitude fraterna de uns para com os outros. Eventualmente o Senhor virá do céu, como Juiz, conforme vemos em I Tes. 4:16 e II Tes. 1:7.

«...*não há acepção de pessoas...*» (Isso pode ser comparado com Tia. 2:1 e Col. 3:25). Outro tanto é afirmado sobre Deus ou Cristo. (A passagem de Rom. 2:11 contém notas expositivas completas sobre o conceito). As leis terrenas injustas, que conferem privilégios exagerados aos senhores, mas nenhuma proteção aos escravos, são desconsideradas pelo Juiz de todos. Ele recompensa e castiga de acordo com o que as ações de cada um merecem, transcendendo todas as considerações terrenas, os preconceitos e os privilégios dados a alguns, mas retidos no caso de outros. Deus jamais inocentará algum homem por ser ele altamente considerado entre os homens, por ter grande autoridade à face da terra. E nem jamais condenará a um homem somente porque ele era reputado por nada neste mundo. Essa mesma idéia transparece também no A.T., em Deut. 10:17 e II Crô. 19:7. O respeito humano, a consideração à posição social, à riqueza, em que alguns são favorecidos por motivo de algum poder, têm provocado inúmeras injustiças na terra, onde os maus são recompensados e os bons são punidos, onde os culpados são postos em liberdade e os inocentes são lançados na prisão, levando as pessoas iníquas a prosperar e as piedosas a sofrer. Tais condições não podem existir no tribunal celeste, pois ali não haverá acepção de pessoas.

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas das elevadas doutrinas expostas na primeira secção* (Efé. 4:1- 6:24).

5. Quinta exortação: Necessidade de nos vestirmos da completa armadura de Deus, na batalha contra o mal (6:10-18).

Na secção que se inicia neste ponto, transparece a crença na existência do mundo dos espíritos maus, o que também aparece por todo o N.T. Essa doutrina, apesar de ser posta de lado por muitos modernos, nos países civilizados, tem sido comprovada por vários estudos no campo da parapsicologia, que mostram a existência de forças estranhas e poderosas, de natureza negativa, e que operam no mundo. Aqueles que rejeitam tais idéias, mui provavelmente o fazem por terem um ponto de vista limitado sobre a formação do universo, supondo inutilmente que o homem, em sua mente pervertida, pode explicar quaisquer fenômenos que de outro modo são classificados como *demonismo*. Todavia, vários fenômenos ultrapassam em muito a essa maneira de ver as coisas, e males de tipo grotesco e poderoso realmente existem, inteiramente à parte da própria mente humana pervertida, a qual, segundo estamos prontos por admitir, já é bastante maldosa.

O dualismo no mundo espiritual é idéia antiqüíssima, alicerçada na experiência humana, que não pode ser abafada pela psicologia moderna, embora seja verdade que esse estudo tem aberto para nós a caverna proibida da mente humana, demostrando que muitos demônios, por muitas vezes, ali habitam. A tentativa de modernização do texto presente, como se Paulo estivesse querendo falar apenas sobre as forças em oposição do bem e do mal, sob o simbolismo de espíritos bons e espíritos maus, furta essa advertência de seu sentido óbvio.

O simbolismo envolve guerra; mas essa guerra ultrapassa em muito aos limites da mente humana, porquanto penetra até mesmo nos lugares celestiais, habitação dos espíritos bons e maus. O próprio homem é um ser espiritual, existindo outros seres de menor poder, como também de poder mais alto, até mesmo de poderes elevadíssimos. E alguns usam seu poder para o bem, mas outros dentre eles fazem-no para o mal.

Na secção perante nós, o propósito é de conferir-nos algumas exortações latas e gerais sobre a vida cristã, que é pintada como uma guerra espiritual. Esta secção serve para sumariar a vida piedosa prática, em vista das grandes bênçãos espirituais e eternas que nos pertencem por intermédio de Cristo. (Ver Efé. 1:3,23). Em nossa vida cristã, somos forçados a tomar sobre nós os poderes e as virtudes cristãs para a batalha, que é intensa e prenhe de perigos. Nas primeiras epístolas de Paulo, parte desse pensamento é apresentado (ver I Tes. 5:8,9 e Rom. 13:12); mas aqui ele é lindo e completamente desenvolvido.

Ao escrever a presente epístola, Paulo se encontrava em meio à tempestade que se armava, a fim de *intensificar* a batalha entre o bem e o mal. Ele via que o firmamento se enegrecia, e já podia ouvir o choque de exércitos hostis, ante a aproximação do exército do mal. Não estamos em tempo de descanso, de lassitude, de preguiça. Por isso é que a Palavra de Deus nos conclama às armas espirituais. Pois armas espirituais comuns não bastam. Somente os crentes supridos de armas pelo General celeste podem dar-se bem e serem vitoriosos nessa luta –e nenhuma peça da armadura nos foi dada para proteger as costas. Portanto, o inimigo precisa ser enfrentado de frente, sendo derrotado por um esforço e por uma resolução firmes.

Paulo queria que soubéssemos que a vitória sobre o pecado não é coisa pequena. E também não devemos imaginar que é a derrota provocada pelas más influências que podem destruir nossa experiência cristã. Para tanto, é mister o pleno desenvolvimento dos poderes espirituais e da vigilância; e aqueles que negligenciam sobre esses pontos não demorarão a cair vítimas do pecado e suas horrendas conseqüências. Toda a experiência cristã serve de comprovação disso. E é assim que aprendemos quão intensa e séria é a vida. O homem se desviou para longe de Deus, e somente o poder do próprio Deus pode trazê-lo de volta com sucesso, ao seu legítimo lar celestial, às suas possessões eternas, dentro das quais participará da própria natureza de Cristo. (Quanto a notas expositivas completas sobre os *anjos*, ver Luc. 4:10 e Atos 10:10; sobre os *demônios*, ver Marc. 5:2; e sobre *Satanás*, ver Luc. 10:18 e João 8:44).

10 *Τοῦ λοιποῦ ἐνδυναμοῦσθε ἐν κυρίῳ καὶ ἐν τῷ κράτει τῆς ἰσχύος αὐτοῦ.*

10 *Του λοιπου* $\mathfrak{p}^{46}\aleph^{*}$ABI *pc*; R] *Το λοιπον* DG *pl m* ς: *add* αδελφοι (A *post* ενδυν.) G: *add* αδ. μου KLP *pm* ς | ενδυναμ.] δυναμ. $\mathfrak{p}^{46}$B *33* Or

6:10: Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder.

Variante Textual: No grego temos as palavras «*to loipon*», que significam «finalmente», uma expressão comum, usada para fecho de alguma secção, ou para introduzir observações finais, de acordo com os mss Aleph(3), DGKLP e a maioria dos manuscritos cursivos. Porém, a forma «*tou loipou*» é a forma melhor confirmada nos manuscritos, aparecendo nos mss P(46), Aleph(1), AB e em alguns poucos outros. Essa forma significa «daqui por diante», ou então, conforme pensa Westcott, «no futuro». Portanto, essa palavra não assinala formalmente a parte final da epístola, mas antes, aponta para a vida cristã futura dos crentes, mostrando-lhes como se devem conduzir. A outra única ocorrência dessa expressão aparece em Gál. 6:17. É como se Paulo tivesse escrito: «De agora por diante a vossa conduta como crentes deve ser como estou prestes a descrever.

As palavras «*...meus irmãos...*» aparecem em alguns manuscritos antigos, como objeto da exortação de Paulo, conforme dizem os mss Aleph(3), KLP, as versões siríaca, boárica e a maioria dos manuscritos cursivos. Mas os mss P(46), Aleph, BD, e as versões aramaica e etíope omitem tais palavras. Já os mss AG e a Vulgata latina dizem o simples «irmãos», sem o qualificativo «meus». Contudo, a forma correta é a omissão, conforme mostram os manuscritos mais antigos e importantes desta epístola aos Efésios.

«*...sede fortalecidos...*» No grego é «endunamoo», que significa «fortalecer», «tornar-se forte». Temos aqui a convocação dos crentes a buscarem o poder espiritual, tão plenamente ilustrado em Efé. 1:19-23. É somente através do poder de Deus, que ressuscitou e exaltou a Cristo, assim conquistando todos os seus adversários (ver Col. 2:15), que podemos esperar obter uma vitória similar. Esse poder nos é conferido misticamente, através da influência e operação do Espírito de Deus. Por conseguinte, a busca pelo Senhor nos supre tal poder. E tal poder é outorgado à alma, transformando-a segundo a imagem de Cristo, de glória em glória (ver II Cor. 3:18), assegurando a vitória moral e a derrota dos poderes malignos que visam destruir a imagem de Cristo em nós. A convocação ao poder, pois, é essencialmente a chamada para a renovação de nossa inquirição pelo Espírito Santo e a sua plenitude. Trata-se da «renovação da mente» (ver Efé. 4:23) e do «revestimento do novo homem (ver Efé. 4:24), ou do «ficar cheio do Espírito» (ver Efé. 5:18). É como se Paulo tivesse dito: «Tornai-vos poderosos, por esses meios».

«*...no Senhor...*» Porque ele é aquele que tem todo o poder, nos céus e na terra (ver Mat. 28:28 e Efé. 1:19-23). Essa expressão aponta para aquele poder espiritual que nos é dado mediante a «comunhão mística» com Jesus, tal como a expressão «em Cristo» denota tal comunhão. (Ver o trecho de I Cor. 1:4 acerca dessa questão). A expressão «em Cristo» é empregada por cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas de Paulo, servindo de «nota chave» de sua teologia. O cristianismo bíblico não repousa meramente sobre preceitos, ritos ou cerimônias. Mas é basicamente uma questão de comunhão com uma pessoa divina, em cuja imagem estamos sendo transformados. Portanto, é algo místico; e as vitórias e fortalecimentos devem vir-nos através desse caminho. Os preceitos são bons, as instruções morais são boas, o estudo da Palavra é bom; mas a vida espiritual deve ser muito mais do que tudo isso, porquanto é a comunhão real com Deus, em Cristo, por intermédio de seu Santo Espírito. Seu poder é ilimitado; mas devemos compartilhar desse poder para que seja de utilidade para nós.

«*...na força do seu poder...*» (Ver as notas expositivas sobre Efé. 1:19, quanto aos sentidos distintivos dos termos aqui usado, que indica «poder»). Em Jesus Cristo, que nos fortalece, podemos fazer todas as coisas. (Ver Fil. 4:13). O poder de Cristo (ver II Cor. 12:9), tal como se vê em Efé. 1:19, é o poder de Deus Pai; e isso é transmitido aos crentes que enfrentam o mesmo inimigo comum, como o é o inimigo de toda a vontade e verdade.

11 *ἐνδύσασθε τὴν πανοπλίαν τοῦ θεοῦ πρὸς τὸ δύνασθαι ὑμᾶς στῆναι πρὸς τὰς μεθοδείας τοῦ διαβόλου·*

11 *ἐνδύσασθε...θεοῦ* Ro 13.12; 2 Cor 10.4

6:11: Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes permanecer firmes contra as ciladas do Diabo;

Tal como o «poder» é de Deus, assim também o é a «*...armadura...*», as armas de ataque e de defesa que ele nos confere para o combate. Essa armadura compõe-se da verdade, da retidão, do poder residente no evangelho, da fé, dos poderes inerentes à salvação, da operação íntima do Espírito Santo, que nos conduz na direção de nossa herança, e também da Palavra de Deus, ou seja, sua mensagem remidora e fortalecedora em Cristo, com as suas muitas provisões.

Essa armadura deve ser «revestida», mais ou menos como um soldado se prepara para a batalha, equipando-se com as peças de proteção e de defesa de seu equipamento. Aqueles itens mencionados, e que consistem da armadura em sua inteireza, evidentemente são apresentados na ordem em que os soldados antigos vestiam as várias peças de sua armadura. No grego, «armadura» é tradução do termo «panoplia», de onde vem o termo moderno «panóplia», termo coletivo que significa armadura completa. Portanto, Paulo recomenda-nos aqui um completo condicionamento de profundo preparo espiritual, em nada deficientes, dando a entender que um combate vitorioso não pode ocorrer se nos contentarmos com algo menos que isso.

Que há tantos crentes malsucedidos no mundo, ilustra o fato como não se equipam pessoalmente com todas as provisões divinas que lhes são propiciadas, por motivo de preguiça, de indiferença, ou por não quererem reconhecer a seriedade da batalha e a força astuta do inimigo. No grego clássico, o termo aqui usado fala sobre a armadura do «soldado pesadamente armado». Sim, um crente bem-sucedido deve ser pesadamente armado.

«...*de Deus...*» É uma refinação exagerada dessa metáfora pensar que o próprio Deus se reveste de uma armadura, ainda que o trecho de Isa. 59:17 talvez pinte o próprio Deus tendo a justiça como seu peitoral e a salvação como seu capacete. Mas essa profecia mui provavelmente é messiânica, apontando para Cristo Jesus, em sua humanidade e missão. Como homem, identificando-se como tal, ele precisou da mesma armadura. Utilizando-se da mesma, com a sua «própria mão», ele trouxe vitória.

Essas palavras, «de Deus», mui provavelmente são um «genitivo de origem», no original grego, ou seja, a armadura «procede de Deus». Naturalmente que essa armadura também pertence a ele; e a ele cabe dá-la, pois ele é o padrão supremo das virtudes mencionadas, como a retidão, a verdade e a fé. Mas que ele se revestiu dessas virtudes como uma armadura, é um exagero da metáfora. Porém, com ou sem essa interpretação particular, o ensinamento é o mesmo. Aquelas virtudes que nos conferem vitória sobre o pecado, bem como o sucesso no conflito cristão em favor de Deus e do bem, só nos podem ser dadas pelo próprio Deus, porquanto não são qualidades humanas.

Deve haver de nossa parte a apropriação do poder de Deus, conforme esse poder se encontra em Cristo. Sim, devemo-nos *revestir* de toda a armadura de Deus.

AS ARMADURAS ANTIGAS: A armadura inteira consistia de escudo, espada, lança, capacete, e armadura das pernas (que cobria as coxas até aos joelhos), segundo Políbio e outros escritores antigos. (Ver Thuc. iii,14; Isocr. 352 D; Herod. i.60; Platão, *Leis*, vii., pág. 796 B; Políbio vi. 23,2). O soldado romano mui provavelmente está em vista aqui; mas as armaduras gregas e romanas não diferiam muito entre si. Paulo era homem intensamente viajado pelo império romano, tendo sido encarcerado e solto por muitas vezes, e estaria bem familiarizado com as armaduras de seu tempo. Os museus modernos contêm exemplares dessa armadura. O apóstolo acrescenta aqui o cinturão e a espada em sua lista; e apesar desses dois objetos realmente não fazerem parte da armadura, eram necessários para o soldado antigo, muito apropriados para o propósito de ilustrar o equipamento espiritual necessário para derrotar o mal. Abaixo oferecemos uma descrição detalhada das armaduras antigas:

I. *Armas de Defesa*:

1. «*Perikephalaia*», o «capacete», que protegia a cabeça. Era feito de várias formas e de vários metais, e com freqüência era decorado com grande variedade de figuras. Alguns capacetes possuíam uma crista, ou como ornamento ou com a finalidade de aterrorizar, com figuras de leões, corvos, grifos, etc. Este último era um animal lendário, com corpo e pernas traseiras de leão, e cabeça e asas de águia. Paulo faz o capacete representar a «salvação». (Ver o décimo sétimo versículo deste capítulo).

2. «*Zoma*», o «cinturão», posto em torno da cintura, útil para apertar a armadura em volta do corpo, mas também para sustentar as adagas, as espadas curtas ou quaisquer outras armas que ali pudessem ser penduradas. Paulo faz do cinturão símbolo da «verdade» (ver o décimo quarto versículo).

3. «*Thoraks*», o «peitoral», que consistia de duas partes, chamadas «asas». Uma delas cobria a região inteira do peito, a parte frontal do tórax, protegendo os órgãos principais da vida, ali contidos. E a outra parte cobria uma parte das costas. Paulo faz isso representar a «justiça» ou «retidão». (Ver o décimo quarto versículo).

4. «*Knemides*», as «grevas», que serviam para proteger as canelas, isto é, do joelho para baixo, e com freqüência com uma extensão de couro que também protegia o pé.

5. «*Cheirides*», uma espécie de «luvas» que serviam para defender as mãos, bem como o antebraço, até ao cotovelo.

6. Vários tipos de escudo, que Paulo usa como símbolo da «fé» (ver o décimo sexto versículo). Era o «aspis» ou o «chiled». Havia várias formas, feitas de diferentes metais. O escudo de Aquiles, que teria sido feito por Vulcano, seria circular, composto de cinco chapas de metal, sendo duas de bronze, duas de estanho e uma de ouro. Ver *Ilíada*, Upsilon, v. 270:

Cinco chapas de vários metais, vários moldes,
Compunham o escudo; de bronze cada um se dobrava para fora,
De estanho, cada um para dentro; e o do meio, de ouro.

«*Gerron*», ou «guerra», um pequeno escudo quadrado, que a princípio foi usado pelos persas.

«*Laiseion*», o escudo de forma oblonga, coberto com couros ásperos, ainda com os pêlos.

«*Pelte*», o «escudo leve», na forma de uma lua crescente, com um pequeno ornamento similar às pétalas recurvas de uma flor *de luce*, no centro de uma linha diagonal reta, que passava perto de uma das beiradas. Esse era o escudo amazônico.

«Thureos», o «scutum» ou «escudo oblongo», feito de madeira e recoberto de couro, mas já sem os pêlos. Tinha o formato do «laiseion» (descrito acima), embora fosse muito maior. Seu nome se deriva da palavra «thura», que significa «porta», visto que se assemelhava a portas de tamanho comum, quanto à sua forma.

Nos dias de Paulo, o «aspis» e o «thureos» eram os escudos mais usados. O primeiro se destinava a soldados levemente armados, e o último para soldados pesadamente armados.

II. *Armas de Ataque*:

1. «*Egchos*», a «lança», usualmente munida de ponta de bronze ou de ferro, com uma longa haste de madeira dura, geralmente de «freixo», árvore pertencente ao grupo da oliveira, mas dotada de uma madeira dura e elástica.

2. «*Doru*», o «dardo», menor e mais leve que a «lança», que era atirado contra o inimigo ainda à distância.

3. «*Ziphos*», a «espada», que tinha várias formas e dimensões. As primeiras eram feitas de bronze, e mais tarde começaram a ser feitas de outros materiais. Todas as espadas referidas nos escritos de Homero são de bronze. Esse é o símbolo usado por Paulo para indicar a presença do Espírito Santo.

4. «*Machaira*», palavra que também significa «espada». Mas era mais curta um pouco, freqüentemente usada pelos gladiadores. Contudo, esta e a palavra anterior com freqüência eram usadas como sinônimas, sem diferenças apreciáveis.

5. «*Aksine*», a «acha de armas» ou «machado de guerra».

6. «*Pelekus*», a dupla «acha de armas», com uma folha afiada para cada lado.

7. «*Korune*», a «maça», feita de ferro, muito usada pelos persas e gregos.

8. «*Tokson*», o «arco», completo com a «pharetta» (a aljava) e as flechas, que no grego têm o nome de «bele» (ver o décimo sexto versículo).

9. «*Sphendone*», a «funda», muito usada pelos hebreus e muitos outros povos, com grande habilidade.

10. «*Akontion*», o «dardo», outro tipo de lança, mais leve que o «ecchos».

11. «*Belos*», «flecha».

Enquanto a crueldade não foi melhorada pela arte,
E a fúria não forneceu espada ou dardo,
Com os punhos, ou ramos, ou pedras lutavam os homens,
Essas eram as únicas armas ensinadas pela Natureza:
Mas quando chamas queimavam árvores e crestavam o solo,
Então apareceu o bronze, e foi preparado o ferro para ferir.
O bronze foi usado primeiro, por ser mais fácil de trabalhar,
E visto que as veias da terra o continham em maior dose.

(Lucrécio, *De Rerum Nat.*, lib. v. 1282)

Era costume, entre os antigos gregos e romanos, depois de se terem revestido de suas armaduras, comerem juntos e precederem o ataque com uma súplica feita aos deuses, pedindo o sucesso. E esse costume se reflete no décimo oitavo versículo deste capítulo, pois, além do revestimento da armadura, Paulo nos recomenda «...toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica...»

«...*ficar firmes...*» No grego é «istemi», que significa *oferecer resistência*, «permanecer firme», dando a entender que o crente deve resistir aos assédios da impiedade, deve batalhar com êxito, obtendo a vitória. Essa expressão indica a linguagem dos soldados: «Não recuar!», ao invés de fugir derrotado. (Ver Thuc., v.104).

«...*ciladas do diabo...*» No grego, «...ciladas...» é «methodeia», que quer dizer «astúcias», «planos», «esquemas», ou, em linguagem militar, «estratagemas». Quando tal palavra se aplica a Satanás, no N.T., porém, sempre indica seus maus desígnios. O comandante das forças malignas é o «...diabo...» o grande mestre do ludíbrio e do engodo, que capitaneia as forças do mal contra o bem. Sendo ele o comandante das forças malignas, é óbvio que toda a armadura espiritual é necessária para o crente, com toda a oração e súplica, para que essas forças sejam derrotadas. O fato que tantos crentes são derrotados na refrega, é prova que não se têm preocupado com a preparação para a batalha espiritual, adquirindo a armadura espiritual necessária; e nem oram com suficiente perseverança, para que o mestre supremo do mal seja vencido em suas vidas.

O diabo é o líder supremo do *reino das trevas*, bem como de seus poderes inúmeros e potentíssimos. Ele é a essência mesma do mal. Seus aliados malignos são mencionados no versículo seguinte. Sua depravação é consumada, e mostra-se extremamente inteligente em sua perversidade. Por toda a parte o N.T. dá a entender que ele tem «personalidade», sendo identificado como um ser real, não se utilizando de seu nome como mera figura simbólica para as formas mais concentradas da maldade. Seu nome, «diabo», significa «caluniador», «acusador». Suas atividades, relativas ao crente, consistem em atacá-lo, procurando destruir-lhe a alma, através de acusações falsas e tentações. (Ver as notas completas sobre esse ser maligno, em Luc. 10:18 e João 8:44. Sob o nome «Beelzebube», ver Mat. 10:25). Segundo certo ponto de vista, a história da humanidade é apenas o processo de como Deus, o Bem supremo, conquista a lealdade dos homens e de outros seres inteligentes, arrebatando-os das garras de Satanás, e como seres morais finalmente aprendem, por experiência própria, que o caminho de Deus é melhor que o caminho de Satanás, escolhendo o bem por vontade própria. É assim que os homens vêm a compartilhar da natureza essencial de Deus e não apenas a preferi-lo. Por essa razão também é que os processos históricos envolvem tão longo tempo; é mister que os homens, e outros seres dotados de livre-arbítrio, aprendam realmente no que consiste o bem, preferindo-o e passando segundo o mesmo.

«Entre os principais esquemas malignos do diabo, na época de Paulo, destacava-se o 'esquema do erro', a teia bem tecida da ilusão gnóstica, na qual o apóstolo temia que as igrejas da Ásia se deixassem enleiar. O império de Satanás é governado com uma norma fixa, e sua guerra é levada a efeito com um sistema estratégico que procura tirar vantagem de cada oportunidade de ataque. As múltiplas combinações do erro, as várias artes da sedução e da tentação, as dez mil formas de engodo da injustiça, constituem as 'ciladas do diabo'». (Findlay, *in loc.*).

Conforme o pensamento cristão do segundo século de nossa era, as «ciladas» do diabo eram especificamente consideradas como as aflições que

os cristãos então sofriam, que os levavam às perseguições e ao martírio. «O diabo tem tentado muitas ciladas contra eles; mas, graças sejam dadas a Deus, seu poder não prevaleceu contra ninguém». (*Martírio de Policarpo*, 2:4- 3:1). Eusébio, em sua *História Eclesiástica* (V.i), menciona como as igrejas de Lyons e de Viena atribuíram às ciladas de Satanás a fúria das perseguições, resolvidas a destruir a igreja. «Mas, a graça de Deus fez o conflito voltar-se contra ele, e foram livrados os fracos, os quais foram soerguidos como colunas, capazes de resistir à ira do Maligno mediante a paciência». No texto presente, entretanto, a alusão é de natureza mais geral, dando a entender as variegadas tentações ao pecado, à incredulidade, ao descuido e à conformação com este mundo incrédulo. (Comparar isso com Efé. 5:1-18, um trecho que alista os muitos pecados que os crentes precisam evitar, porquanto estavam dispersados de modo geral por todo o mundo pagão daquela época).

A mesma palavra aqui traduzida por «ciladas» também aparece em Efé. 4:14, mas em nenhuma outra porção paulina, e nem no restante do N.T. E em nenhuma outra passagem o apóstolo dos gentios usa o nome «diabo» como título de Satanás. É por essa razão que alguns estudiosos pensam descobrir motivos contrários à autoria paulina desta epístola. (Ver a introdução a esta epístola, sob o título «Autoria», onde o problema é discutido).

12 ὅτι οὐκ ἔστιν ἡμῖν[2] ἡ πάλη πρὸς αἷμα καὶ σάρκα, ἀλλὰ πρὸς τὰς ἀρχάς, πρὸς τὰς ἐξουσίας, πρὸς τοὺς κοσμοκράτορας τοῦ σκότους τούτου, πρὸς τὰ πνευματικὰ τῆς πονηρίας ἐν τοῖς ἐπουρανίοις.

[2] 12 {D} ἡμῖν ℵ A D[c] I K P 0230 33 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it[ar,c,dem,g*,x,z] vg syr[h] cop[sa(mss),bo] arm Clement Tertullian Origen[gr,lat] Cyprian Methodius Eusebius Athanasius (Ephraem) Ambrose Didymus Ps-Ignatius Antiochus // ὑμῖν $\mathfrak{p}^{46}$ B D* G Ψ 81 $\mathfrak{l}^{53,597vid}$ it[d,e,f,g^c,m,mon] syr[p,pal] goth eth Ambrosiaster Lucifer Ephraem Priscillian Pelagius Augustine Cassiodorus // *omit* cop[sa] Origen[lat]

12 Jn 14.30; Eph 2.2; 1 Pe 5.8–9 | αρχας, πρ. τ. εξ.] μεθοδιας $\mathfrak{p}^{46}$ | σκοτους] *add* του αιωνος **KLP** *pl* ς | εν τοις επουρ.] *om* $\mathfrak{p}^{46}$

Se a preponderância da evidência externa (*P* (46) B D* G Ψ 81 *al*) parece apoiar ὑμῖν, a tendência natural dos copistas teria sido alterar ἡμῖν para ὑμῖν, já que o resto do parágrafo envolve a segunda pessoa. A maioria da comissão preferiu ἡμῖν como talvez sendo a forma mais difícil.

6:12: pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniqüidade nas regiões celestes.

A palavra «*...luta...*», ou seja, literalmente, *disputa*, mostra que nosso conflito contra o mal exige preparação, força e coragem. No grego original temos a palavra «pale», que ordinariamente indicava a «luta romana», embora também pudesse indicar um conflito qualquer. A forma verbal significa «lançar», «projetar». Tal vocábulo é usado exclusivamente aqui, em todo o N.T. No sentido comum de «combate», essa palavra é encontrada nos escritos de vários poetas, como Ésquilo, *Cho.* 866, e Eurípedes, *Heracl. 159.* O apóstolo Paulo provavelmente a emprega no seu sentido geral, porquanto, de outro modo, ter-se-ia desviado momentaneamente de sua metáfora de uma guerra, passando a pintar o conflito cristão contra o mal como uma luta do corpo a corpo. Seja como for, é focalizada a intensidade do combate, e para o que o soldado cristão deve ter a preparação e a força necessárias. A luta contra o mal, assim sendo, deve ser vista como uma batalha séria, em nada fácil.Talvez a derrota de tantos crentes, em suas vidas morais, se deva ao fato que não levam muito a sério esse combate, mostrando-se por demais indisciplinados como soldados.

«*...sangue e carne...*» Esta tradução segue a ordem correta das palavras no grego, embora se diga usualmente, ao usar-se essa expressão, «carne e sangue». A ordem que aqui aparece também figura em Heb. 2:14, embora usualmente Paulo prefira «carne e sangue». (Ver I Cor. 15:50 e Gál. 1:16). Paulo quer dar a entender aqui, simplesmente, a «natureza humana», em contraste com os «seres espirituais», que não possuem a matéria crassa, e, portanto, não são de carne e sangue. Não há aqui qualquer pensamento da «carnalidade humana pecaminosa», ou das paixões humanas, conforme o termo «carne» algumas vezes tem. Também não se verifica qualquer contraste entre os «inimigos internos» e os «inimigos externos». Antes, o combate se dá entre humanos e sobre-humanos. Paulo não queria negar que a luta contra o mal é, por igual modo, a luta contra a nossa própria natureza pecaminosa, e nem que os «inimigos internos» não sejam também nossos inimigos (pois o sexto capítulo da epístola aos Romanos afirma ambas as coisas); mas neste ponto ele mostra que poderes malignos e externos tornam esse conflito tão intenso que facilmente o crente se sai perdedor na refrega, a menos que esteja equipado com o próprio poder de Deus.

A debilidade humana fica subentendida na expressão «sangue e carne», ao passo que o poder fica subentendido na menção que se segue sobre as entidades espirituais.

«*...principados e potestades...*» (Comparar com o trecho de Efé. 1:21, onde as mesmas palavras gregas são usadas e comentadas, mas onde se referem particularmente a poderes angelicais santos, ao passo que aqui estão em foco seres espirituais do mal, embora de ordem superior). Tanto os seres espirituais de índole boa como aqueles de má índole, habitam nos «lugares celestiais» (ver Efé. 1:20 e 6:12), sem isso querer dizer que habitam exatamente nos mesmos lugares ou campos celestiais, pois existem muitas dessas dimensões, algumas ocupadas por seres benignos, e outras ocupadas por seres malignos, embora todos pertençam à categoria «espiritual». Supõe-se que o termo «...principados..» se refere às ordens angelicais superiores, que possuem autoridade sobre grandes regiões e sobre muitíssimos seres. Já o vocábulo«...potestades...» se referiria a governantes subordinados.

A astrologia da época apostólica usava tais termos em conexão com os governantes dos corpos celestes, que poderiam exercer influência sobre os seres humanos, pois teriam acesso a esta dimensão terrena. (Ver Efé. 1:21; Col. 1:16; 2:10 e I Ped. 3:22). Não sabemos dizer se Paulo quis aludir às crenças astrológicas de seu tempo ou não. Seja como for, tais potestades e principados são considerados pelo apóstolo como perfeitamente reais, pois as palavras por ele usadas não têm qualquer intenção de ter um sentido simbólico.

«*...dominadores deste mundo...*» Uma única palavra grega foi assim traduzida, a saber, «kosmokrator», que literalmente significa «governante mundial». Esse termo também é usado na passagem de Efé. 1:21. E pode ter tal vocábulo diversas significações, a saber:

1. Havia os antigos *deuses-salvadores*, como Serápis, Ísis, Mitras, Mercúrio, Zeus e outros, que eram chamados por esse nome.

2. Além disso, tal nome era aplicado aos «deuses-sóis», no culto solar. Se porventura esse é o sentido da palavra aqui usada, então teríamos um sentido parcialmente astrológico, indicando a realidade de poderes associados à astrologia, embora na sua posição de «deuses», dominadores de homens, como algo real.

3. Os imperadores e outros grandes líderes políticos do passado também eram assim chamados. (Ver as inscrições egípcias, APF, 2,03,449, nº2, acerca do imperador romano Caracala, 211-217 d.C.).

4. Os maus espíritos em geral também eram assim denominados, como também o era o anjo da morte. (Ver Testamento de Salomão, 230, onde os maus espíritos assim se intitulam a si mesmos. Comparar isso com I Cor. 10:19,20, que é passagem que nos instrui sobre o fato que a idolatria está escudada em espíritos malignos).

Mui provavelmente Paulo usou esse termo para indicar poderes espirituais inferiores àqueles mencionados acima, como «principados e potestades».Nesse grupo poderíamos talvez incluir os *demônios*. (Ver as notas expositivas sobre os «demônios», em Marc. 5:2). Os povos antigos ordinariamente acreditavam que os «demônios» são espíritos humanos desencarnados; e esse foi o ponto de vista predominante, até ao século V d.C., quando a influência de Crisóstomo levou a cristandade a pensar em demônios somente como «anjos decaídos». Bons intérpretes, como Lange (o principal expositor luterano), pensam que os «demônios» pertencem tanto à ordem dos anjos como à ordem dos espíritos humanos.

Por conseguinte, há muitos poderes espirituais, de diferentes categorias e de diferentes potências. Alguns desses poderes são malignos, fazendo guerra contra o bem e a verdade, tanto nos lugares espirituais como neste mundo. Esses poderes são nossos adversários, porquanto têm fácil acesso até esta terra, motivo pelo qual são chamados de «dominadores deste mundo», visto que seu poder se estende ao «kosmos», a esfera da existência humana. E isso serve para ilustrar a seriedade da luta espiritual em que nos encontramos.

«*...mundo tenebroso...*» Estão em foco aqui a terra e a época presente, sob o controle de forças más e entenebrecidas. (Comparar isso com o trecho de Efé. 5:8, que chama os próprios pagãos ou incrédulos de «trevas»). (Os vários usos metafóricos de «luz» e de «trevas», aparecem nas notas expositivas sobre essa referência). O pecado, os seres pecaminosos, de natureza humana ou angelical, bem como as esferas da existência onde o mal domina, tudo isso está incluso aqui.

Variante Textual:—**As palavras «...deste mundo...» não compõem o texto mais perfeito, estando contidas nos mss Aleph(3), D(3), KLP e na maioria dos manuscritos posteriores. Essas palavras são omitidas pelos mss P(46), Aleph(1), ABD(1), G, na Vulgata latina, nas versões boárica e siríaca peshitta e nos escritos de Harcl., pai da igreja. Portanto, o texto verdadeiro diz «...contra os principados e potestades, contra os dominadores deste...» E posto que isso parecia indefinido, foi ornado e particularizado com a adição da palavra «mundo» ou «era», e, segundo dizem algumas traduções, «desta era presente». É bem possível que esse seja o significado do original, embora o grego não o expresse completamente com o reino de Deus, que é o «reino da luz» (ver Efé. 5:8), sem haver qualquer referência particular ao tempo ou era de seu domínio. Mas a forma literal do grego, «destas trevas», visto estar associada à presente existência terrena, talvez tenha pelo menos subentendido o terreno de sua operação nefanda.**

«*...forças espirituais...*» No grego temos meramente a palavra «penumatikos», acompanhada de «mal», o que dá a entender «seres espirituais malignos», ou seja, as «forças do mal», sobretudo nesta metáfora, que retrata um exército opositor, composto de seres malignos.O que fica entendido é que esses seres são numerosos, embora isso não seja especificamente declarado. Literalmente traduzida, a expressão grega diria «...coisas espirituais (e com base no contexto) da iniqüidade...», embora várias traduções prefiram dizer «hostes espirituais da maldade». O próprio Satanás é chamado de «maligno» (ver Luc. 3:19; 7:21 e I João 2:13), e as suas forças e os seus aliados recebem idêntico título.

«*...nas regiões celestes...*» Expressão usada somente nesta epístola aos Efésios, por cinco vezes. Ela é amplamente comentada nas notas expositivas sobre Efé. 1:3. Essas «regiões celestes» são o lar de Deus, de Cristo, dos anjos bons, dos homens remidos e até mesmo dos espíritos malignos; e não

fica subentendido se há uma ou mais regiões ocupadas por todos esses diversos seres residentes. Antes, há muitos reinos, alguns ocupados por seres bons, e outros ocupados por seres malignos. Trata-se de crença bem antiga, como também é o único significado que essa expressão pode ter nesta epístola. Interpretar isso como o «ar» ou o «firmamento» é um absurdo, considerando-se a crença antiga; além do que isso seria contra o uso da expressão encontrada nesta própria epístola. Pois certamente Deus nunca é apresentado como quem habita no «ar» ou no «firmamento» que circunda a terra, e nem esse é o lar das almas remidas. (Ver o trecho de Efé. 1:20, onde Cristo aparece entronizado nos «lugares celestiais», e onde o contexto mostra-nos que isso se aplica também aos crentes, pois que os crentes igualmente habitam ali é especificamente afirmado em Efé. 2:6). Por igual modo, não podem estar em foco os lugares onde a igreja cristã exerce a sua influência, como se esses lugares houvessem sido «invadidos» pelas forças do mal. Na verdade, a multiplicidade de «céus» é um conceito comum da doutrina judaica, o que se reflete tanto nesta epístola como em passagens como II Cor. 12:2,3 e João 14:2, nos quais trechos o conceito é mais amplamente ventilado.

13 διὰ τοῦτο ἀναλάβετε τὴν πανοπλίαν τοῦ θεοῦ, ἵνα δυνηθῆτε ἀντιστῆναι ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῇ πονηρᾷ καὶ ἅπαντα κατεργασάμενοι στῆναι.

6:13: Portanto tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, permanecer firmes.

O termo «...Portanto...» nos chama a atenção para o fato que o nosso adversário não é humano, e, sim, sobre-humano, podendo ser combatido somente por uma outra força sobre-humana, a saber, a força do Espírito de Deus no homem.

«...*tomai...*», ou seja, «estendei a mão» para a armadura posta à vossa disposição, e revesti-vos dela. Que as realidades espirituais pintadas por esta metáfora sejam postas em prática em vossas vidas, porquanto isso será vossa proteção e vitória. A ordem de Paulo é que nos apropriemos do poder espiritual a nós oferecido.Os antigos soldados, quando não eram apropriadamente disciplinados e se encontravam em condições físicas deficientes, mostravam-se menos dispostos e eram menos capazes de suportar as fadigas de seu duro serviço militar, queixando-se do peso da armadura; e alguns deles obtinham permissão para pôr de lado parte da armadura, ou mesmo toda. E muitos eram assim mortos ou feridos, por não contarem com a proteção adequada.

A Epístola a Policarpo, de autoria de Inácio (vi), contém um paralelo ao nosso texto que, mui provavelmente, foi sugerido por ele: «Agradai ao capitão sob quem servis e de quem também recebereis vosso salário. Que nenhum de vós se torne desertor; que vosso batismo seja como vosso escudo; que vossa fé seja o vosso capacete; que vosso amor seja a vossa lança; que vossa paciência seja a vossa armadura inteira. Que vossas boas obras sejam o vosso pecúlio 'ver as notas expositivas abaixo, sobre essa expressão', para que recebais o que foi lançado com razão em vosso crédito». O «pecúlio» aqui referido diz respeito a certa porção do salário de cada soldado que era retida até que ele fosse desligado do exército. E esse «dinheiro em prêmio» era voluntariamente depositado, posto aos cuidados de um oficial especial. Os desertores, ou aqueles que eram desligados sem honra das fileiras armadas, perdiam esse acúmulo. Ora, isso é uma excelente metáfora acerca dos «galardões» dos crentes, no que diz respeito ao seu serviço cristão. (Ver os trechos de II Cor. 5:10 e I Cor. 3:8,14, acerca dos «galardões», onde notas expositivas expandidas são oferecidas).

«...*toda a armadura de Deus...*» Reiteração da mesma frase encontrada no décimo primeiro versículo, onde ela é comentada. Nenhuma porção da armadura pode ser omitida, pois o adversário de nossas almas sabe como tomar partido de qualquer debilidade; sendo ele profudamente maligno, aproveitar-se-á disso. Os recursos humanos, as resoluções morais, os sistemas religiosos e filosóficos, não nos servirão de ajuda em nada, porquanto somente um toque real da mão de Deus nos pode garantir a vitória nesse combate mortal. Devemos dar atenção ao fato que em tudo isso, alguma forma de preparação espiritual autêntica—como a comunhão completa com o Espírito de Deus—é ordenada aos crentes, nos usos metafóricos que aparecem em seguida. Portanto, não basta o conselho que geralmente se dá aos novos convertidos: «Leia a sua Bíblia e ore», embora isso constitua um bom exercício. Pois deve haver o contacto pessoal do crente com o Senhor, a comunhão mística com ele. E o revestimento da completa armadura de Deus se faz através da busca, através dessa comunhão.

«...*possais resistir...*» No grego temos o verbo «anthistemi», que quer dizer «firmar-se contra», «resistir», e, na linguagem militar, «Não retroceder», não ceder ante os ataques do inimigo, não lhe outorgando qualquer vantagem, qualquer vitória. O mesmo verbo foi empregado para indicar a ocasião em que Paulo se «opôs» a Pedro face a face, devido à controvérsia legalista, segundo encontramos no trecho de Gál. 2:11. (Ver igualmente o décimo primeiro versículo do presente capítulo, onde o verbo grego «istemi» é utilizado da mesma maneira, sem o prefixo preposicional).

«...*no dia mau...*» A expressão é um tanto ou quanto vaga, pelo que também tem sido alvo de muitas interpretações, conforme a lista discriminada abaixo:

1. Alguns pensam que se trata do dia da morte física; mas isso está inteiramente em desacordo com o contexto, porquanto a batalha do crente já ruge, não esperando primeiro que ele morra.

2. *A vida presente* é uma opinião parcialmente correta, porquanto a batalha em que estamos envolvidos é assim retratada, não se tratando de alguma cena ainda futura. Os dias são maus, conforme temos visto em Efé. 5:16.

3. Outros opinam que se trata de qualquer dia de tentações particularmente violentas e insistentes, como parte da expansão total das experiências do crente, embora esteja aqui em foco algum período de crise, razão pela qual teria sido usado o artigo definido, em «no dia mau». Assim também pensava Barry (*in loc.*), segundo o seu comentário: «Qualquer dia sobre o qual se possa dizer: 'Esta é a vossa hora, e do poder das trevas'».

4. Ainda outros eruditos vêem aqui uma alusão *escatológica*, em que estaria em foco o «dia» imediatamente anterior à «parousia» (ou segundo advento de Cristo), para quando se espera tremendo irrompimento do poder satânico. Naturalmente que é doutrina neotestamentária que tal «dia» se aproxima. (Ver II Tes. 2:8-10; Apo. 16:12-16 e 20:7,8). Esse poder maligno se oporá a toda a bondade que houver sobre a face da terra, como que para impedir que o Filho do homem, o Senhor Jesus, se aposse de seu trono terreno, reconhecendo que o período de domínio da malignidade é curto.

5. Ainda outros vêem aqui uma referência astrológica, quando as estrelas que influenciam a vida de alguém se encontram em posição errada, o que produz tribulação. Mas o crente, em contraste com aqueles que não têm esperança, não pode resignar-se a uma sorte assim, ditada pelo acaso, como o fazem os incrédulos, que são vítimas do mito astrológico. Antes, ao crente compete resistir firme e combater, com o poder do Espírito de Cristo. Contudo, se tal alusão astrológica tiver de ser compreendida aqui, o próprio texto sagrado não nos informa se Paulo tomava isso a sério ou não, mas tão-somente que ele não queria que os crentes fossem derrotados. Das várias interpretações, a que ocupa aqui o terceiro lugar é a melhor, talvez de mescla com a de número quatro —a idéia escatológica— posto que os cristãos primitivos esperavam que houvesse uma crise nos «últimos dias». E isso eles pensavam que ocorreria ainda durante sua vida terrena, não imaginando que tão grande período de tempo se passasse, pois desde então já se foram quase dois mil anos.

6. Ainda outros intérpretes sugerem que esteja aqui em foco o «dia do juízo». Mas isso é contrário ao texto, visto que a crise terá de ser enfrentada pelo crente «nesta vida terrena», e não depois dela.

«...*depois de terdes vencido...*» Uma tradução ainda mais literal diria «...tendo feito tudo...», isto é, tendo vestido a armadura inteira, tendo «resistido», tendo cumprido cada dever, tendo combatido o inimigo, não deixando de cumprir cada dever assinalado, tendo derrotado cada pecado em particular—então o crente se «postará como vencedor». No dizer de Braune (*in loc.*): «O apóstolo fala aqui de cumprirmos a vontade de Deus em todas as direções e relações, a atividade ética e a eficiência do crente, que consegue vencer todos os assaltos e conflitos...sem ser desviado e debilitado».

Devemos notar que Paulo não usou o particípio presente para dar a idéia de «vencendo», e, sim, de «cumprindo». Aplicando isso à linguagem militar, isso quer dizer que o soldado cristão deve permanecer no campo, equipado da cabeça aos pés, utilizando suas armas, cumprindo cada dever; mas isso subentende que ele obterá finalmente a vitória, ainda que a declaração paulina não declare isso diretamente.

«...*permanecer inabaláveis...*» No grego temos a palavra «stenai», forma infinitiva do verbo que significa «permanecer», «ficar», e que é traduzido no décimo primeiro versículo por «ficar firme». Nesse citado versículo há alusão ao início da batalha e sua continuação; mas aqui está em pauta o seu fim realizado, de tal modo que, no término do conflito, ou em algum ponto ao longo do caminho, o crente seja visto como alguém que permanece constante, obtendo assim a vitória, sem escorregar, sem retroceder e sem cair por terra. No dizer de Salmond (*in loc.*): «...isso denota o resultado final; a capacidade de resistir quando a luta tiver prosseguimento, porque o crente tem em vista conservar sua posição no conflito até o fim, nem deslocar-se e nem desviar-se, mas antes, 'permanecendo' vitorioso em seu posto».

14 στῆτε οὖν περιζωσάμενοι τὴν ὀσφὺν ὑμῶν ἐν ἀληθείᾳ, καὶ ἐνδυσάμενοι τὸν θώρακα τῆς δικαιοσύνης,

14 περιζωσάμενοι...ἀληθείᾳ Is 11.5; Lk 12.35; 1 Pe 1.13 ἐνδυσάμενοι...δικαιοσύνης Is 59.17; Wsd 5.18; 1 Th 5.8

6:14: Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça,

As palavras «...*Estai...firmes...*» refletem novamente o verbo grego «istemi», que significa «permanecer», pois o apóstolo volta aqui à admoestação que faz no décimo primeiro versículo, embora agora o faça para introduzir à nossa atenção várias peças da armadura que nos ajuda a obter a vitória nessa batalha. Com isso se pode comparar a descrição feita por Paulo, que parece seguir a ordem em que o soldado pesadamente armado se vestia das várias peças de sua armadura, pois Homero invariavelmente mostra que essa era a ordem usada. Políbio descreve a armadura do lanceiro romano, pesadamente armado, «hastatus», como segue: «A *panóplia* romana consiste primeiramente de um escudo de superfície convexa, de 0,75 cm de altura; na beirada, sua espessura é da largura de u'a mão... Juntamente com o escudo há a espada; e esta o soldado leva em sua coxa direita, chamada 'espada espanhola'. Permite um golpe poderoso e profundo com ambos os fios, pois a lâmina é forte e firme. Além disso, o soldado leva dois dardos, um capacete de bronze e grevas...A maioria dos soldados também usa uma chapa de bronze, da largura de um palmo para cada lado, e que colocam sobre o peito—chamam-na de 'protetor do coração'; e aqueles que valem mais de dez mil dracmas, ao invés do protetor do coração usam uma cota de malhas». (*História*, Vi. 23).

Portanto, Paulo omitiu os dardos e adicionou o cinturão e os calçados.

Precisamos resguardar-nos de uma interpretação excessivamente refinada, neste ponto, conforme diz Calvino (*in loc.*) com grande aptidão: «Nada pode ser mais inútil que os esforços extraordinários que alguns envidam, a fim de descobrir a razão pela qual a retidão é o 'peitoral', e não o 'cinto'. O desígnio de Paulo era abordar superficialmente os pontos mais importantes requeridos de um crente, adaptando-os à metáfora militar que já havia usado». (Quanto a todas as peças das armaduras e armas dos soldados antigos, ver as descrições dadas nas notas expositivas sobre o décimo primeiro versículo deste capítulo).

«...*cingindo-vos com a verdade...*» Esse simbolismo se alicerça no trecho de Isa. 11:5, onde a verdade também é pintada como um cinturão que deve ser colocado. Consideremos ainda, a respeito disso, os pontos seguintes:

1. Talvez a alusão aqui feita seja à total verdade de Deus.

2. Devemos entender aqui a verdade cristã, isto é, segundo ela se encontra na pessoa de Cristo, ou seja, tudo quanto está envolvido desde a conversão, incluindo a conduta do crente, de acordo com padrões verdadeiramente bíblicos.

3. Alguns vêem aqui a verdade como alusão particular à «fidelidade», à «lealdade» a Cristo, conforme se vê no trecho de Isa. 11:5.

4. A harmonia com a «revelação» divina e a lealdade à mesma, em contraste com as heresias dos gnósticos, ou com outros desvios doutrinários, ou mesmo com uma conduta incorreta, também está aqui em foco. Isso pode ser comparado com o que se lê em Efé. 4:21, acerca da «verdade em Jesus».

5. Há também aqueles que vêem uma significação especial no cinto, associado à verdade, porque era essa a peça que ligava as diversas peças entre si; assim sendo, a verdade «...confere unidade às diferentes virtudes, bem como confere determinação e coerência ao caráter. Todas as virtudes devem ser exercidas dentro da esfera da verdade». (Vincent, in loc.).

A referência de Paulo mui provavelmente é lata, incluindo várias das idéias expostas nos pontos acima, e não apenas um ou outro aspecto.

A *colocação da armadura* é, na realidade, o revestimento do Senhor Jesus Cristo por parte do crente; e isso é expresso mediante uma metáfora poética. Todas as virtudes aqui referidas pertencem supremamente ao Senhor, e são proporcionadas pelo seu Santo Espírito (ver Gál. 5:22,23). Portanto, revestir-se da armadura de Cristo equivale a assumir a natureza moral de Cristo; e o revestimento de sua natureza moral envolve o sermos transformados metafisicamente em sua natureza (ver Rom.8:29), para que participemos de sua imagem, de sua plenitude, e também da plenitude do próprio Deus Pai (ver Efé. 1:23 e 3:19). Nisso é que consiste a vida cristã, verdadeiramente, o que é retratado mediante uma metáfora baseada na vida militar. E isso porque é a participação na natureza de Cristo que nos outorga verdadeira defesa contra todas as forças do mal e vitória sobre as mesmas, as quais pretendem impedir o progresso da alma de volta a Deus. (Ver o trecho de Rom. 13:12 acerca da colocação da «armadura da luz», bem como II Cor. 6:7, acerca das «armas da justiça». Ver ainda Rom.13:14 e Gál. 3:27 quanto a notas expositivas acerca do «revestir-se de Cristo», e, finalmente, Efé. 4:24, acerca do «revestir-se do novo homem»).

Todas as diversas declarações de Paulo, comentadas nas notas expositivas acima referidas, têm por alvo as mesmas verdades morais, embora sejam expostas de diferentes modos. A figura simbólica do «revestimento» alude ao ato de vestir as roupas, o que é uma metáfora diferente, embora indique a mesma coisa que a colocação da armadura, exceto que o conceito da armadura chama a nossa atenção, especificamente, para o combate do crente contra o mal, que é esperado da parte dele, enquanto se acha no processo de transformação segundo a imagem de Cristo.

«...*e vestindo-vos da couraça da justiça...*» (Ver o trecho de Isa. 59:17, que também se refere ao simbolismo do «peitoral» de uma armadura). Essa referência é messiânica, com toda a probabilidade, revelando-nos a preparação moral do Messias, o qual, mediante tal preparo, derrotou seus inimigos e completou sua missão e vitória. No trecho de I Tes. 5:8, o «peitoral» aparece composto da «fé» e do «amor», e a «fé» é também o escudo do crente.

Existiam vários tipos de *peitoral*, feitos de diferentes materiais, nas armaduras antigas. Os guerreiros levemente armados usavam um peitoral feito de linho; algumas nações bárbaras equipavam seus soldados com peitorais feitos de chifre ou osso, cortados em pedaços pequenos e pendurados esses pedaços como escamas, amarrados sobre um capote de couro ou de linho. Mais tarde foram introduzidas tiras flexíveis de aço, dobradas umas sobre as outras. Os lanceiros romanos usavam cotas de malha, ou armaduras flexíveis feitas de tiras de metal ligadas entre si. Virgílio menciona peitorais em que os anéis de ligação eram feitos de ouro. (*Eneida*, iii. 467). Ainda outros peitorais eram de material inteiramente rígido, ficando de pé quando postos no chão. Esse tipo de peitoral se compunha de duas partes, uma que cobria o peito e outra que cobria as costas; e essas duas metades eram ligadas entre si por tiras de couro ou tiras de metal, por cima dos ombros, amarradas na parte da frente, havendo também articulações nos lados. Esses peitorais eram fabricados de couro, de bronze, de ferro ou de outros metais. Suetônio conta-nos como Galba (imperador romano em 68,69 d.C.) foi morto pelos soldados de Oto, por haver-se protegido apenas com um peitoral de linho, ao invés de usar um peitoral de material mais resistente.

O peitoral protegia os órgãos vitais do tórax e da parte superior do abdomem. O que para o soldado era uma proteção extremamente importante, assim é a «justiça» ou «retidão» para o crente. (Ver Rom. 3:21 e as notas expositivas ali existentes, acerca dessa retidão, que é essencial à própria salvação, como decorrência da justificação). É a própria retidão de Deus que está aqui em foco; porque ninguém pode chegar à sua presença se não possuir exatamente essa modalidade de retidão. Essa justiça tanto tem um aspecto «forense», através de um decreto divino, baixado com base no sangue expiatório de Cristo, como tem um aspecto «real», mediante a santificação, o que forma em nós a natureza moral de Cristo. Assim, pois, a perfeição da natureza moral de Deus é o próprio alvo da vida cristã (ver Mat. 5:48), e o processo que nos faz avançar nessa direção é o da santificação, que nos serve de proteção contra todos os males que fazem guerra contra a nossa alma. No dizer de Faucett (in loc.): «Está em pauta a própria retidão de Cristo, operada em nosso interior pelo seu Espírito». Sim, as qualidades morais da retidão estão naturalmente incluídas, porquanto essas qualidades perfazem a justiça que nos vem por intermédio da justificação, quando consideradas em seu conjunto total. E ambas essas idéias fazem parte inerente da expressão aqui usada pelo apóstolo Paulo.

15 *καὶ ὑποδησάμενοι* **τοὺς πόδας ἐν ἑτοιμασίᾳ τοῦ εὐαγγελίου τῆς εἰρήνης,**

15 *ὑποδησάμενοι...εἰρήνης* Is 52.7; Na 1.15; Ro 10.15

6:15: e calçados os pés com a preparação do evangelho da paz,

O calçado do crente mui provavelmente é sugerido pela passagem de Isa. 52:7, que diz: «Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação...» O trecho de Rom. 10:15 cita essa passagem do A.T., e ali o leitor pode encontrar notas mais detalhadas a respeito. É possível que o calçado romano chamado «*caligae*» seja aludido nesta passagem, indicando as sandálias romanas com solas dotadas de inúmeros cravos, formando uma camada espessa. Os pés são nosso órgão de locomoção e viagem, aquele órgão que leva o mensageiro aos lugares onde ele deve anunciar a mensagem do estabelecimento da paz com Deus, o Pai celeste, bem como do estabelecimento da concórdia com os homens. (Ver em Efé. 2:14 como Cristo é a «nossa paz», através da mensagem cristã). Cristo reconciliou judeus e gentios entre si, e ambos com o Senhor Deus (ver Efé. 2:15,16), tendo-nos conferido acesso perfeito a Deus Pai (ver Efé. 2:17,18), tornando a comunidade dos crentes o próprio templo de Deus, onde ele habita mediante o seu Santo Espírito (ver Efé. 2:21,22). Sim, temos «paz com Deus» por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, no evangelho, onde é narrada sua história de amor remidor (ver Rom. 5:1).

Ora, tendo obtido a paz com Deus, com seus semelhantes e consigo mesmo, o crente fica em repouso, em meio a este mundo perturbado, obtendo vitória sobre todos os inimigos, e até mesmo conduzindo-os aos pés do Senhor, onde também encontram paz. Dessa maneira as forças espirituais do mal são derrotadas, conforme se pode inferir do presente texto e do que é dito em Col. 2:15. É para idéias assim que a metáfora aqui aludida aponta.

«...*preparação...*» Para que entendamos melhor o sentido desta palavra, é mister desdobrar a explicação nos pontos dados abaixo:

1. Na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã), a palavra aqui empregada, «etoimasia», significa «estado de preparação» (ver Sal. 9:41 e 10:17). Portanto, fica subentendida aqui a *necessidade* de nos prepararmos para a pregação do evangelho.

2. Outros preferem traduzir esse termo grego por «equipamento». O evangelho da paz é esse equipamento, posto em nossos pés, mediante o que «avançamos» batalha adentro, obtendo a vitória através de suas virtudes.

3. Esse vocábulo também pode significar «prontidão». Há certa preparação que produz a prontidão para enfrentar o inimigo, para obter a vitória espiritual e também conferi-la a outros, o que se encontra no recebimento correto do evangelho e no seu uso correto.

4. Além disso, essa palavra também pode significar o «estabelecimento de um alicerce firme», ou uma «base firme de apoio», espiritualmente falando, o que o evangelho igualmente nos confere. Assim, pois, o crente «fica firme», tendo os seus pés «protegidos», sendo assim capaz de cumprir a sua missão. E o evangelho, que é essa proteção, confere paz tanto a ele mesmo como àqueles que dão ouvidos ao evangelho. Uma vez que os pés estão protegidos, o avanço e a atividade cristã se tornam possíveis. O crente fica «preparado em sua mente», em estado de «prontidão», por causa de seu conhecimento, de sua aceitação e de sua propagação da boa mensagem cristã. A «paz» é o objetivo colimado, e a atividade na pregação do evangelho produz esse resultado.

Naturalmente, temos aqui um paradoxo: A finalidade legítima dessa batalha é trazer a «paz», não com os inimigos das realidades espirituais, mas com outros homens, que também estão em conflito com a impiedade existente nos «lugares celestiais». O evangelho, pois, torna-nos «prontos e dispostos» a nos atirarmos a essa batalha em prol da verdade e da retidão. Paulo aludia a tais coisas, portanto.

Dá ao Senhor o que há de melhor em ti,
Dá-lhe as tuas forças e a tua juventude;
Emprega o ardor fresco e vibrante de tua alma,
Na batalha em prol da verdade.
Jesus nos deixou o exemplo,
Intrépido ele se mostrou jovem e corajoso;
Dá-lhe a tua leal devoção,
Dá-lhe o melhor que há em ti.

.....

Dá ao Senhor o que há de melhor em ti;
Dá-lhe as tuas forças e a tua juventude;
Revestido da completa armadura da salvação,
Ajunta-te à batalha em prol da verdade.

«...*evangelho da paz...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre o «evangelho», ver Mat. 1:1 e Rom. 1:16). Esse evangelho é «...*da paz...*» porquanto nos traz a harmonização com Deus, a harmonia da alma entre os homens. O evangelho elimina aquela «alienação» entre o homem e Deus, entre o homem e seus semelhantes e entre o homem e ele mesmo, causada pela queda no pecado, pois nessa queda o homem se afastou para bem longe de Deus. Mas eis que o evangelho nos outorga a «paz», como um de seus resultados, paz essa que impera no seio da família de Deus. (Ver as notas expositivas sobre a «paz», em João 14:27 e 16:23, onde poemas ilustrativos também são oferecidos).

«A fim de estabelecer a paz de Deus no universo, que é o nosso desígnio final, precisamos combater contra o mal espiritual que perturba essa paz». (Beare, *in loc.*).

«Assim calçados, com prontidão e disposição, aparecem os 'belos pés' daqueles que cruzam desertos e terrenos montanhosos, levando as boas novas da paz, as boas notícias do retorno de Israel a Sião (ver Isa. 52:7-9). Foi com essa força veloz que os pés de nosso apóstolo foram calçados, quando, desde Jerusalém e até o Ilírico' ele pregara o evangelho de Cristo, estando pronto, conforme ele mesmo afirma, 'a pregar as boas novas também a vós que estais em Roma' (ver Rom. 1:15). Essa 'prontidão' pertence àqueles cujos pés são santos, que veio e pregou 'paz aos que estavam longe e aos que estavam perto' (ver Efé. 2:17), quando, por exemplo, assentado como exausto viajor, à beira do poço de Sicar, ele encontrou refrigério ao revelar à mulher samaritana qual a fonte da água da vida. Essa prontidão também convém aos seus servos, que da parte dele têm ouvido a mensagem da salvação, sendo enviados a proclamá-la por toda a parte...O ataque, com freqüência, é a melhor forma de defesa. Mantemos a paz propagando-a. Defendemo-nos de nossos oponentes levando-os a se converterem por meio do evangelho, o qual por toda a parte espalha as boas novas de reconciliação e fraternidade. Nossas missões ao estrangeiro são a nossa melhor apologia moderna; e os pacificadores de Deus são os seus mais poderosos guerreiros». (Findlay, *in loc.*).

«Mantemos a paz com Deus enquanto mantivermos a luta contra Satanás». (Faucett, *in loc.*).

16 ἐν πᾶσιν ἀναλαβόντες τὸν θυρεὸν τῆς πίστεως, ἐν ᾧ δυνήσεσθε πάντα τὰ βέλη τοῦ πονηροῦ [τὰ] πεπυρωμένα σβέσαι·

16 τὰ βέλη...πεπυρωμένα Ps 7.13

6:16: tomando, sobretudo, o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno.

As palavras «...*o escudo da fé...*» precisam ser esclarecidas mediante os pontos seguintes:

1. Não está aqui em foco a «fé» como um corpo de doutrinas, como um credo (objetivo e formalizado).

2. Mas devemos pensar aqui em «fé» como um princípio evangélico, o que consiste na «entrega» de alma aos braços de Cristo, mediante o que somos justificados. Essa é a fé que governa a vida do crente, já que vivemos «de fé em fé». A fé original, por conseguinte, opera a cada dia em novos atos de fé; mas, na realidade, tudo é a continuação da mesma atitude, pois entregamos sucessivamente nossa alma aos cuidados de Cristo, crescendo sempre na dedicação a ele.

3. É retratado aqui muitíssimo mais que a «crença fácil» tão generalizada nas igrejas de nossos dias, porquanto não se destaca aqui a mera aceitação de algum conjunto de doutrinas, mas antes, rebrilha neste ponto uma transação entre Cristo e a alma confiante.

4. Essa fé geral é expressa, em algumas pessoas, através do «dom da fé», algo especial, por intermédio do que empreendemos grandes realizações em favor de Cristo. (Ver a introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, onde são alistados todos os «dons do Espírito»; e ver também as notas expositivas sobre o nono versículo do mesmo capítulo, onde este dom é individualmente salientado. O «dom da fé» é apenas uma medida extraordinária da fé salvadora. Quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», incluindo poemas ilustrativos, ver Heb. 11:1. Ver também João 3:16, bem como a discussão existente nas notas expositivas a respeito sobre o «crer». Ver igualmente a fé como «dom do Espírito», em Gál. 5:22. Finalmente, ver a fé como «instrumento da justificação», nas notas expositivas sobre Rom. 3:24,28).

«...*embraçando sempre...*» Melhor tradução ainda dessas palavras seria, «... além de todas essas coisas...», isto é, em adição àquilo que Paulo já havia ordenado.

«...*escudo...*» (Quanto aos vários tipos de escudos antigos, ver as notas expositivas sobre o décimo primeiro versículo deste capítulo). Segundo o original grego, temos aqui o grande escudo de forma oblonga, «thura», por assemelhar-se muito a uma porta. Esse escudo, que era tão grande que protegia o corpo inteiro do soldado, serve de metáfora excelente para a grande proteção que nos é conferida pela fé. Normalmente, esse tipo de escudo consistia de duas camadas de madeira, recobertas de lona e então de couro, embora houvesse variações em sua fabricação. Era o escudo usado pelos soldados pesadamente armados, o que está de conformidade com a metáfora geral aqui exposta pelo apóstolo dos gentios. Esse era igualmente o escudo para o qual as mães gregas apontavam e diziam a seus filhos, que partiam para a guerra: «Volta para casa e traz esse escudo contigo, ou volta nele». Isso porque tal escudo era suficientemente grande para nele ser transportado um cadáver, como se fosse uma maca. Ver o trecho de Sal. 5:12: «...e, como escudo, o cercas da tua benevolência». (Ver Também o *Anábavis*, de Xenofonte, i.8,9, onde ele descreve que os soldados egípcios usavam escudos grandes que lhes chegavam aos pés).

«...*apagar todos os dardos inflamados do maligno...*» Essas palavras aludem aos dardos munidos de uma mecha em chamas, um método de combate que se prolonga desde os tempos antigos até aos tempos modernos. (*Heródoto*, viii.52, diz, descrevendo o ataque dos persas contra uma fortaleza grega em Atenas: «...com flechas às quais haviam sido amarradas uma mecha em chamas...atiram contra as barricadas». Outro tanto diz Tucídides ii.75: «Os plateanos levantaram um arcabouço de madeira, que puseram no alto de sua própria muralha, defronte do cômoro...Também dependuraram cortinas de peles e de couros na parte da frente, tudo com o propósito de proteger o arcabouço de madeira e os trabalhadores, como se fosse um escudo contra os dardos inflamados»).

Lívio descreve o uso de um imenso dardo, quando do cerco de Sagunto. Esse dardo era atirado mediante um conjunto de cordas retorcidas. Chamava-se «*falarica*». Sua haste era feita de madeira de abeto, e sua ponta era de ferro, com quase um metro de comprimento, de modo que pudesse perfurar a armadura de qualquer soldado e atravessar-lhe o corpo. No meio era munido de uma mecha inflamada, de tal modo que ainda que o escudo aparasse tão mortífero míssil, as chamas obrigassem o soldado a desfazer-se de seu escudo, deixando-o sem defesa e vulnerável a outro ataque. (Ver *Lívio*, xxi.8).

Tochas em chamas também eram usadas, algumas vezes com pixe, juntamente com os dardos inflamados. E assim, a ala inteira do exército que avançava parecia uma grande fogueira. Tais flechas em chamas, e outros mísseis similares, fazem-nos pensar sobre as tentações lançadas pelo diabo, com toda a sua fúria. Talvez tais tentações sejam aqui retratadas como algo que vem de longa distância, mas que atacam repentinamente, com todo o vigor. No dizer de Vincent (*in loc.*): «Parece haver um indício sobre sua propagação: um pecado atrai a outro, que também ataca; a chama do dardo inflamado não tarda a espalhar-se. As tentações atuam sobre material susceptível. A autoconfiança é combustível fácil. A fé, porém, que elimina a dependência do crente de si mesmo, retira o combustível da frente do dardo. Antes, cria a sensibilidade para as influências santas, mediante as quais a força da tentação é neutralizada. A fé chama em nosso socorro a ajuda de Deus. (Ver I Cor. 10:13; Luc. 22:32; Tia. 1:2; I Ped. 4:12 e II Ped. 2:9)».

«O problema mais profundo criado pela pecaminosidade humana não consiste do 'que' se faz, e, sim, do 'por que' se faz. Por que o alcoólatra cede à tentação de beber?Por que o fariseu se mostrava orgulhoso? Por que todos nós somos vítimas dos 'dardos inflamados do maligno'? A resposta final não seria a falta de confiança em Deus? A moderna psicologia em profundidade pode sair aqui em auxílio da análise cristã. O alcoolismo se pode explicar com base na insegurança, no temor e na culpa. Esse vício oferece um meio de escape às exigências da entrevista entre Deus e o homem. E o escape, por sua vez, é um sintoma de ausência de fé. É preciso coragem para nos apresentarmos em juízo e enfrentarmos o nosso próprio 'eu'. Somente a confiança no Deus de amor—uma confiança como a que teve em seu pai o filho pródigo—pode vencer a covardia da incredulidade. E o alcoolismo é meramente uma ilustração relativamente clara de uma verdade maior. A inveja e o orgulho, por exemplo, se originam da mesma raiz de ausência de confiança. O Senhor Jesus dirigiu sua parábola sobre o fariseu e o publicano '...a alguns que confiavam em si mesmos...' (Lucas 18:9). Não há necessidade de outra comprovação mais vívida. Basta que se substitua a confiança no Deus pela confiança própria, para que o orgulho apareça como resultado necessário. Nesse caso o 'eu', julgando-se moralmente aperfeiçoado, transformou-se em um 'deus'. E esse 'deus' precisa ser protegido de todo e qualquer ataque, acima de tudo, de todo ataque contra a perda da estima própria. Daí se origina o orgulho. Mas a fé em Deus indica a rendição do próprio 'eu'. Até mesmo da parte dos aristocratas morais, isso significa que ele deve reunir-se em coro à oração feita pelo publicano: 'Ó Deus, sê propício a mim, pecador». (Wedel, *in loc.*).

Prossegue esse mesmo autor: «A mesma coisa que se pode dizer acerca do orgulho, pode ser dito com relação a qualquer outro catálogo de pecados. A igreja cristã não poderia realizar um maior serviço aos homens de nosso período perturbado e desesperador, do que estender-lhes novamente a graça da 'fé'. A fé, por si mesma, é um dom. Nenhum evangelho de obras pode produzir tal resultado. A fé requer a mediação de uma estrutura de fé, a comunhão da confiança, na obediência. E é somente dentro da comunhão da fé que se pode destronar com segurança os deuses falsos do homem autônomo. Quebrar ídolos, porém, é um negócio perigoso. A fé é o tesouro supremo, confiado aos cuidados do povo de Deus, a igreja».

Sim, aprendemos que a fé é capaz de conquistar (ver I Ped. 5:9), de vencer o mundo (ver I João 5:4), e até mesmo de derrotar o «príncipe deste mundo», Satanás (ver I João 5:18).

«...*do maligno...*» Essas palavras podem ter um sentido impessoal, indicatórias do mal em geral; mais provavelmente, porém, devemos compreendê-las de maneira pessoal, como uma alusão a Satanás, o «maligno», o que é favorecido pelo contexto geral desta passagem. (Ver os trechos de Mat. 5:3 e João 17:15). O nosso conflito é contra inimigos «pessoais», contra seres maldosos, e Satanás é aqui retratado como quem lança contra nós seus dardos inflamados.

«...*apagar...*» O escudo grande, usado pelos infantes gregos e romanos, apesar de fabricado de madeira, era recoberto de couro ou com uma lona grossa, que não queimava facilmente, o que significa que quaisquer dardos inflamados eram apagados. Portanto, de maneira simbólica, os assaltos inflamados de Satanás são frustrados, e o crente é protegido pela sua fé, que se alicerça em sua fidelidade ao Senhor.

Ouvi a difamação de muitos; havia terror por todos os lados.
Mas confiei em ti, ó Jeová. Disse eu: Tu és o meu Deus!

17 καὶ τὴν περικεφαλαίαν τοῦ σωτηρίου δέξασθε, καὶ τὴν μάχαιραν τοῦ πνεύματος, ὅ ἐστιν **ῥῆμα Θεοῦ,**

17 *τὴν περικεφαλαίαν τοῦ σωτηρίου* Is 59.17; 1 Th 5.8 *τὴν μάχαιραν...θεοῦ* Is 11.4; 49.2; Ho 6.5; He 4.12

17 *δέξασθε*] *om* D*G *m* Mcion

6:17: Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;

«...*o capacete da salvação...*» (Ver as notas expositivas sobre o décimo primeiro versículo deste capítulo, quanto a descrições sobre os capacetes antigos). Cumpre-nos observar aqui a modificação do verbo, «...Tomai...», ao passo que antes era «vestindo-vos». Todas as demais peças da armadura o soldado também tomava e vestia. A armadura era posta no chão, peça por peça, e o soldado ia colocando as diversas peças de seu equipamento. Mas, agora, já protegido inteiramente por sua cota de malhas, lhe é entregue tanto o capacete como a espada, por seu escudeiro. Esse simbolismo é apropriado para mostrar a salvação e a presença interior do Espírito Santo, conforme se entende através da teologia paulina. Pois um homem não toma e se veste dessas realidades espirituais; antes, recebe-as da parte de Deus, como se não pudesse fazê-los com as suas próprias forças. Isso é assim porque a salvação é um *dom gratuito*, recebido da parte do Senhor Deus; e o próprio Espírito Santo é dom de Cristo, «dado» àqueles que lho pedem. O Espírito Santo é conferido ao crente a fim de conferir salvação mais completa, no sentido de ser recebida mais uma bênção decorrente da expiação pelo sangue de Cristo. E a fim de cumprir isso, o Senhor também nos dá a «espada de Deus», que é a mensagem divina concernente a Cristo Jesus. E esta outorga ao soldado cristão todas as bênçãos espirituais, sendo usadas por ele para abençoar a outros, já que se trata de uma arma ofensiva. Não obstante, essa «...espada do Espírito...» também é arma de defesa, visto que contém aqueles preceitos que preservam a experiência da salvação, ajudando na batalha contra o mal.

A idéia de um *capacete da salvação* se alicerça em Isa. 59:17, que mui provavelmente é uma passagem messiânica, pois retrata o Messias protegido com um capacete assim, ao lançar-se em sua missão para derrotar os adversários de seu povo. O capacete protege a cabeça, e Cristo é o Cabeça. Ora, nos homens, a porção mais vulnerável e vital do corpo é exatamente a cabeça. Por conseguinte, a salvação é aquele capacete que protege o ser vital de ser desintegrado sob os efeitos condenadores do pecado. Devemos notar que, no trecho de I Tes. 5:8, o capacete aparece como «a esperança da salvação», que não pinta a salvação como incerta, mas antes, mostra-nos que seu cumprimento principal ainda é futuro, e, portanto, algo pelo que embalamos esperança. E isso está de acordo com o ponto de vista sobre a salvação que transparece em Rom. 8:24,25, onde o conceito é amplamente comentado.

Do Que Consiste A Salvação?

1. Ela começa pela justificação e pela fé (ver Rom. 5:1).
2. Ela começa quando da conversão (ver João 3:3).
3. Ela começa quando do arrependimento (ver Atos 2:38).
4. Ela floresce através da santificação (ver I Tes. 4:3).
5. Alcança fruto em nosso ser transformado, segundo a imagem e natureza de Cristo, mediante as operações do Espírito (ver Rom. 8:29).
6. Ela nos conduz de um estágio de glória para outro, num processo eterno (ver II Cor. 3:18).
7. Envolve o fato de que nos tornamos co-herdeiros do Filho de Deus (ver Rom. 8:17).
8. Envolve a participação na natureza divina e seus atributos (ver II Ped. 1:4 e Efé. 3:19. Ver notas completas sobre esse tema, em Heb. 2:3).

Há muitos crentes, hoje em dia, que ao dizerem «Estou salvo», ou ao indagarem «Você está salvo?», referem-se à *conversão*, o passo *inicial* da salvação neste mundo, o que é um ponto de vista legítimo mas muito limitado sobre a salvação. A salvação é aqui apresentada como um capacete porque Satanás ataca a alma, que está recebendo as bênçãos próprias da salvação, procurando destruí-la. Por essa razão é que Pedro recomendou-nos:«Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais que fazem guerra contra a alma» (I Ped. 2:11). A conversão inicial nos confere uma proteção inicial, já que assim é dado início ao processo de transformação, e visto que a santidade nos protege do mal. Mas também precisamos aprimorar a santificação, que consiste do crescimento progressivo segundo a imagem moral de Cristo, que nos vai protegendo cada vez mais dos efeitos debilitadores do mal. Desse modo é que nossa proteção se vai completando, **pois tornamo-nos fortes no** poder de sua «força», já que estamos recebendo a **sua imagem moral. Ora,** estando nós nesse estado desenvolvido, o **Maligno já não nos consegue** influenciar tão facilmente.

«...*capacete da salvação...*», no original grego, **envolve um genitivo de** aposição, o que dá a entender «capacete que é a **salvação». Essa bênção é** que nos protege a alma de todo o malefício.

«...*espada do Espírito...* a palavra de Deus...» O Espírito **Santo, em nós** residente, utiliza-se da «...palavra...» para nossa vantagem. **Não podemos** ignorar aqui o fato espiritual da presença íntima do Espírito **de Deus (ver** Efé. 2:21,22), pois é somente através do poder do Espírito **Santo que a** Palavra de Deus nos oferece qualquer utilidade. O Espírito Santo **nos dá a** Palavra e a torna eficaz em nós, dando vigor ao uso que **fazemos dela.** Também é o Espírito do Senhor que interpreta os preceitos da **mensagem de** Cristo para nós, tornando-os reais em nossas vidas. Em suma, é o **Espírito** Santo quem torna a Palavra de Deus uma força viva e vital em **nossa vida** diária. A Palavra é vitalizada pelo Espírito Santo. E isso é que **eleva** o cristianismo acima de todas as demais religiões, acima de qualquer filosofia, pois não consiste apenas de «conceitos», embora também envolva esse aspecto, mas é um caminho vivo e místico, o que significa que ali temos contacto genuíno com o Senhor Deus. Portanto, suas obras, em prol da vida e do poder de Deus em nós, são dadas aos crentes, no decurso da vida cristã, o que assegura o sucesso dessa vida. Por essa razão é que a Palavra é chamada de «espada do Espírito».

A Palavra De Deus

1. Essa expressão, algumas vezes, aponta para o A.T., mas nunca para o Novo Testamento, porquanto a formação do cânon neotestamentário, só teve lugar após estar completo, como um documento escrito.
2. Usualmente, nas páginas do N.T., essa expressão indica «a mensagem oral do evangelho» (ver I Ped. 1:25). Isso também se patenteia em Rom. 10:17.
3. A palavra de Cristo, também pode indicar aquele corpo de doutrinas e de conceitos que circundam a pessoa de Cristo, em seus ensinamentos, em suas instruções, etc., que algumas vezes têm algo a ver com a moralidade e a conduta de nosso viver diário.
4. Examinar as seguintes expressões paralelas:
   a. Palavra de Promessa, em Rom. 9:9
   b. Palavra de fé, em Rom. 10:8
   c. Palavra da verdade, em Efé. 1:13.
   d. Palavra de Cristo, em Col. 3:16.
   e. Palavra de justiça, em Heb. 5:13.
   f. Palavra de profecia, em II Ped. 1:19.
   g. Palavra de vida, em I João 1:1.
5. A Palavra é vivificada pelo Espírito, tornando-se assim uma força impulsionadora para o bem (ver Heb. 4:12). A maioria dos usos neotestamentários é de natureza evangelística, tendo alguma referência ao evangelho pregado pelos apóstolos, à nova fé religiosa, a qual, posteriormente, assumiu forma escrita no N.T. Algo como esse uso, provavelmente é o que está em pauta no presente texto. Esse vocábulo aponta para a espiritualidade, para sua criação e desenvolvimento.

É mister esclarecer aqui que os «dois gumes» da Espada do Espírito não são a «lei» e o «evangelho», porquanto tal interpretação é totalmente contrária à mensagem do N.T. Não obstante, a lei condena, e isso tem seu devido valor, para levar os homens a se entregarem a Cristo.

A idéia que a Palavra de Deus é uma *espada* foi tomada por empréstimo da interpretação rabínica. Por exemplo, o comentário dos rabinos (a *midrash*), diz com respeito ao trecho de Sal. 45:3: «Cinge a espada no teu flanco, herói...» que: «Isso se refere a Moisés, que recebeu a Torah, que se assemelha a uma espada». (*Rabino Judá*, 150 D.C.). E acerca da «espada de dois gumes», que figura em Sal. 149:6, o comentário rabínico diz: «Essa é a Torah, escrita e oral». E a versão da Septuaginta traduz o trecho de Isa. 11:4, que diz, «...ferirá a terra com a vara de sua boca...», como «...com a espada de sua boca...» (Isso pode ser confrontado ainda com o trecho de II Tes. 2:8).

II. *Secção Hortatória: Conseqüências práticas das elevadas doutrinas expostas na primeira secção* (Efé. 4:1- 6:24).

6. Sexta Exortação: Apelo em favor da oração (6:18-20).

A secção que iniciamos neste momento, apesar de curta, é uma das melhores do N.T. acerca da *oração*. Abaixo damos as notas expositivas gerais sobre o tema. (Comparar com Atos 12:5, onde notas expositivas sobre a «oração» também são dadas). Nesta secção tem prosseguimento o simbolismo do soldado armado para a batalha. Os soldados dos antigos exércitos gregos e romanos, após terem posto a armadura e terem feito juntos uma refeição, reuniam-se para rogar aos deuses que fizessem da batalha um sucesso para suas armas. Por semelhante modo o soldado cristão, agora totalmente armado, estando pronto para atirar-se à batalha, faz uma pausa para buscar ao seu Deus. Na realidade, durante toda a luta persevera em oração, posto que assim se mantém em contacto com o seu Comandante, mediante o Espírito de Deus, e posto que o êxito espiritual em sua vida depende disso. Por isso é que aqui se lê que a oração deve ser feita «...no Espírito...com toda a perseverança e súplica...» Sim, as palavras deste versículo não nos dão a entender um combate fácil, uma vitória fácil, como também deixa entendido que a vitória seria impossível sem essa linha de suprimento que é a oração.

Necessidade da ajuda mútua entre os crentes. Embora o crente esteja armado dos pés à cabeça, ainda assim precisa manter comunhão diária com o seu Comandante. É mister que vigie, pois um soldado jamais deve ser surpreendido fora de guarda, despreparado. Também é necessário que o crente persevere, pois um soldado não pode dormir quando estiver em seu posto de vigia, e a vida é uma *vigilância* contínua. Não estamos empenhados em um único combate que, ao ter terminado com sucesso, nos ofereça descanso. Antes, nossa luta se compõe de uma fileira de muitas batalhas; e somente uma grande perseverança, por meio da oração, nos poderá levar seguramente ao fim da luta. Por igual modo, não nos podemos preocupar apenas conosco

mesmos; antes, convém que façamos intercessão e lutemos em favor de colegas de armas, pois a batalha não pode ser ganha por algum soldado isolado, e nem mesmo por um grupo pequeno de soldados; pelo contrário, deve ser conquistada a vitória pelo exército inteiro de Cristo. Deve haver a vitória comunitária, pois de outro modo a vitória de qualquer soldado individual é entravada e diminuída. (Esse conceito pode ser comparado com o trecho de Efé. 4:16). Sim, o desenvolvimento cristão não é apenas do crente individual; mas é coletivo, do corpo místico inteiro, o qual se compõe de muitos membros.

Assim sendo, o corpo inteiro de Cristo precisa ser edificado, coletivamente. A igreja cristã precisa crescer espiritualmente em sua inteireza, porque a glorificação do corpo de Cristo não poderá ser obtida de outra forma. Este versículo, portanto, diz a mesma coisa, embora com a utilização de uma metáfora diferente, aquela salientada neste décimo oitavo versículo, a da ajuda mútua entre os soldados cristãos. Nisso se comprova a veracidade daquele dito popular: «Ninguém é uma ilha».

18 διὰ πάσης προσευχῆς καὶ δεήσεως[a] προσευχόμενοι ἐν παντὶ καιρῷ ἐν πνεύματι, καὶ εἰς αὐτὸ
ἀγρυπνοῦντες ἐν πάσῃ προσκαρτερήσει καὶ δεήσει περὶ πάντων τῶν ἁγίων,

[a] **18** *d* none: TR AV RV ASV Zür Luth Seg // *d* minor: WH Bov Nes BF² RSV NEB TT Jer

18 διὰ...καιρῷ Lk 18.1; Col 4.2-3; 1 Th 5.17

18 (δεησεως, προσευχ.] δεησεως προσευχ., ς R)

6:18: com toda a oração e súplica orando em todo tempo no Espírito e, para o mesmo fim, vigiando com toda a perseverança e súplica, por todos os santos,

ORAÇÃO: Neste ponto apresentamos a nota expositiva geral sobre a «oração». Sete pontos chamam a nossa atenção, nesse particular: 1. Oração como submissão, como entrega às mãos de Deus. 2. Oração como ato de adoração. 3. Oração como ato criador. 4. Oração nas páginas do A.T. 5. Ensinamentos de Jesus sobre a oração. 6. Ensinamentos de Paulo sobre a oração. 7. Outros conceitos neotestamentários sobre a oração. (Essas notas são expostas em forma de esboço, que o leitor, com a ajuda de um pouco de imaginação, poderá desenvolver à vontade).

1. *Oração como submissão*: O soldado cristão está empenhado em uma luta que lhe defende a própria vida. Nada há de insignificante acerca da vida que o crente leva. Os perigos são graves e muitos. Mas seu grande Comandante lhe oferece a sua ajuda. Essa ajuda pode ser solicitada por intermédio da oração, mas só é possível recebê-la quando a alma crente se encontra em estado de submissão a Cristo. E tal ajuda vem da parte de Deus. A fé consiste na «entrega de alma» (ver as notas expositivas sobre Heb. 11:1). Portanto, toda a oração deve estar alicerçada sobre a fé. Por isso é que devemos pedir «crendo», já que essa atitude, por isso só, é um ato de submissão a Cristo, na certeza que ele é capaz de fazer aquilo que lhe solicitamos. (Ver Mat. 21:22). A oração é um ato da alma, mediante o qual nos pomos sob os cuidados de Deus, pois reconhecemos, em qualquer ocasião em que oramos, que dependemos de Deus e que temos limitações que só podem ser contrabalançadas por ele. A oração consiste em «pedir e receber»; mas consiste ainda em muito mais do que isso. Pois basicamente consiste na entrega da alma a Deus, a expectação do favor divino, e suas muitas solicitações são apenas resultados disso. A oração ocasionalmente é respondida com um «Não» porque, nesse estado de submissão, a alma quer mais que se faça a vontade de Deus que o cumprimento de seus próprios desejos. Portanto, a oração é um campo de provas, onde podemos aprender sobre Deus, não servindo meramente de instrumento pelo qual obtemos as coisas que queremos, embora nos seja assegurado que assim é, e que as vantagens recebidas serão importantes.

2. *Oração como ato de adoração:* A oração faz parte da liturgia, a qual faz parte da adoração coletiva. Mas a oração também faz parte da adoração individual. No trecho de Efé. 6:18, lemos que a oração do crente deve ser feita «no Espírito», e é nessa expressão que vemos tanto a atitude de adoração como a submissão ao Senhor. A oração incorpora em si as atitudes essenciais da adoração, como a confiança em Deus, a submissão à sua vontade, a adoração à sua pessoa, o louvor devido às obras divinas entre os homens. Quando a oração transcende ao mero ato de pedir, torna-se um ato de adoração, em sua própria essência. Sendo esse um ato de adoração, a oração é um estado no qual muito aprendemos de Deus; e assim a sua vontade pode cumprir-se em nós, transformando-se conforme a imagem de Cristo.

3. *Oração como ato criador*: A oração vale-se do poder criador de Deus, pelo que também se diz: «A oração modifica as coisas». Essa modificação não vem da parte do homem, pois depende da ajuda dada pelo Criador. Na oração, pois, entregamos nas mãos de Deus na ordem presente de coisas, para que elas sejam «modificadas». Essa modificação talvez exija, antes de tudo, a nossa própria transformação moral. Mas uma vez que nos tornemos seres transformados, podemos ser, nós mesmos, instrumentos modificadores. Todavia, a oração também pode criar novas situações nas circunstâncias externas, ou diferenças de atitude em outras pessoas, as quais pessoas podem modificar os acontecimentos. Quando a oração é um genuíno exercício da alma, isso nos põe sob o controle do poder criador de Deus. Isso também nos torna mais sensíveis para com a vontade de Deus, para com as necessidades alheias e para com as nossas próprias necessidades, diminuindo nossos desejos por coisas meramente físicas. Por conseguinte, em seu poder criador, a oração eleva o inteiro tom espiritual de nossas vidas. Quando a oração é devidamente usada, ela se torna uma maneira de adorar ao Senhor, se o servirmos com nossas vidas. A oração cria grande receptividade entre as pessoas, e é dessa maneira que, com grande freqüência, nossas orações são respondidas, sem a necessidade de qualquer milagre.

4. *Oração nas páginas do A.T.*: a. A oração reconhece a personalidade e o poder de Deus, bem como o seu interesse pelos homens (teísmo, em contraste com o deísmo). O teísmo ensina que Deus continua interessado pelos homens, fazendo intervenção na história humana, recompensando e punindo. Já o deísmo afiança que Deus não tem interesse pelos homens ou pelo mundo, mas estabeleceu leis impessoais que governam tudo. Segundo essa segunda posição, Deus não dá atenção aos homens e nem faz intervenção em sua história, não querendo puni-los ou recompensá-los. Mas a Bíblia inteira mostra-se altamente teísta, e não deísta, e a ênfase posta sobre a oração demonstra isso. (Quanto a conceitos filosóficos e teológicos de Deus, sua natureza e relação para com os homens, ver Atos 17:27). b. A oração é um meio de comunhão entre Deus e o homem; e isso pode ser pessoal, conforme temos nas narrativas dos patriarcas e suas intercessões. c. A oração é uma intercessão em benefício próprio e em benefício de outros, em que o crente busca melhoria espiritual e material. Abraão intercedeu por Sodoma (ver o décimo oitavo capítulo de Gênesis); Moisés intercedeu por Israel (ver Êxo. 32:10-12); Jó, pelos seus amigos (Jó 42:8-10). Petições individuais são comuns nos salmos. (Ver Sal. 31,86, 123 e 142). d. A oração é um meio de louvarmos ao Senhor, como é muito evidente nos Salmos. (Ver Sal. 113- 118). Há orações pedindo perdão (ver Sal. 51), solicitando comunhão (ver Sal. 63), pedindo proteção (ver Sal. 57), pedindo cura (ver Sal. 6), pedindo reivindicação (ver Sal. 119), louvando ao Senhor (ver Sal. 103). e. As orações fazem parte da liturgia. Isso transparece nos Salmos Halel, na forma de oração e louvor, que vieram a ser incorporados à liturgia (ver Sal. 113-118), e formas específicas foram estabelecidas para efetuar as orações diárias. (Ver Atos 3:1 quanto a notas expositivas sobre essa questão). f. A oração é um ato de devoção. (Ver Esd. 7:27; 8:22 e ss.; Nee. 2:4; 4:4,9 e Dan. 9:4-19).

5. *Ensinamentos de Jesus sobre a oração*: a. Jesus enfatizou a paternidade de Deus, o qual é retratado como generoso para com os seus filhos. (Ver Mat. 7:7-11). b. O individual se reveste de grande valor perante Deus, pelo que também pode esperar a resposta para as suas orações (ver Mat. 10:30; 6:25 e ss. e 7:7-11). c. A verdadeira oração é espiritual, e não formal (ver Mat. 6:5-8). d. Há grande poder na oração, pelo que também deve ser usada perseverantemente. (Ver Marc. 11:23 e Mat. 7:20). e. A oração deve ser feita com fé (ver Mat. 17:20). f. A oração deve ser perseverante (ver Luc. 18:1-8). g. A oração precisa ser governada com uma disposição amorosa e perdoadora (ver Mat. 18:21-35). h. A oração pode envolver coisas práticas e terrenas (ver Mat. 7:7-11 e 6:11). i. A oração visa também elevadas realidades espirituais (ver o décimo sétimo capítulo do evangelho de João). j. A oração pode solicitar força espiritual (ver Mat. 6:13). l. A oração tem por escopo o avanço na direção do reino de Deus sobre a terra e sua eventual inauguração (ver Mat. 6:10,13). m. O próprio Jesus nos deixou o exemplo mais elevado de uma vida de oração. (Ver Luc. 5:15; 6:12; João 12:20-28 e 17:6-19).

6. *Ensinamentos de Paulo sobre a oração*: a. Tal como Jesus, Paulo nos deixou grande exemplo de orações práticas (ver Col. 1:3; 4:12; Fil. 1:4; I Tes. 1:2; Rom. 1:9 e File.4). b. A oração consiste de adoração (ver Efé. 5:19; Col. 3:16), particular e coletiva. c. Faz intercessão em prol de todos os homens (ver I Tim. 2:1), como também é intercessão do Espírito Santo em favor dos homens (ver Rom. 8:26) e de Cristo em favor dos homens (ver Rom. 8:34). Portanto, envolve toda a trindade, porquanto o Filho e o Espírito de Deus intercedem juntamente com Deus Pai. d. A oração é exigente, pois requer perseverança. (Ver Rom. 15:30; Col. 4:12; Efé. 6:18 e I Tes. 5:17). e. A oração é uma expressão de ação de graças (ver Rom. 1:8 e ss.). f. A oração aprofunda nossa comunhão com Deus (ver II Cor. 12:7 e *ss*). g. A oração visa ao benefício e ao crescimento espiritual de outros crentes (Efé. 1:18 e ss.; e 3:13 e ss.). h. A oração solicita a salvação dos perdidos (ver I Tim. 2:4). i. A oração é feita «no Espírito», como exercício espiritual, que se vale do poder divino (ver Efé. 6:18). j. A oração chega mesmo a ser um dom do Espírito Santo (ver I Cor. 14:14-16).

7. *Outros conceitos neotestamentários sobre a oração*: a. O livro de Atos frisa a natureza coletiva da oração, como também o faz o trecho de Tia. 5:13-18. Paulo enfatiza a mesma verdade em Efé. 6:18. A igreja cristã nasceu dentro da atmosfera da oração (ver Atos 1:4), pois em resposta à oração é que o Espírito Santo veio sobre a comunidade da igreja (ver Atos 1:4 e 2:4). Em períodos de crise, a igreja apelou para a oração (ver Atos 4:21 e ss.). b. A igreja cristã, mediante os seus líderes, sempre se dedicou à oração (ver Atos. 9:40; 10:9; 16:25 e 28:8). A oração deve ser praticada em benefício à comunidade cristã (ver Atos 20:28,36 e 21:5). c. A oração é possível por causa do nosso grande Sumo Sacerdote, divino-humano, o qual garante o cumprimento do desejo sincero de corações crentes (ver Heb. 4:14-16. Ver também Heb. 5:7-10, que ilustra a necessidade de oração, dentro da vida de oração do Senhor Jesus, porquanto nos ensina a necessidade de submissão e obediência). d. A oração é um meio de entrarmos em nossos privilégios espirituais em Cristo (ver Heb. 10:19 e ss.), pois procura apelar para o poder de Deus, a fim de termos forças na vida. A oração penetra para além do véu, chegando ao próprio Santo dos Santos, até à presença de Deus (ver Heb. 6:19). e. A oração nos confere sabedoria espiritual (ver Tia. 1:5-8). f. A oração deve ser oferecida com base nas motivações certas, pois não pode servir ao egoísmo e ao pecado (ver Tia. 4:1-3). g. A oração pode curar o corpo, e deve ser usada com essa finalidade (Tia. 5:13-18). h. A oração deve ser ousada, e assim será eficaz (ver I João 3:21 e ss.). i. A oração sempre deve estar sujeita à vontade de Deus, sendo limitada por ela (ver I João 5:14-16).

«*...com toda oração...*» Expressão enfática que indica uma vida de oração plena, intensa, perseverante, ampla. Em meio à batalha um soldado tem muitas necessidades, porquanto tem de enfrentar muitos perigos; e seus colegas de armas passam por idêntica situação, necessitando também da sua intervenção. «Toda a forma» de oração é necessária para que o soldado cristão obtenha a vitória no combate. O vocábulo grego que é traduzido por «...oração...», neste passo bíblico, é «proseuche», cuja forma verbal quer dizer «votar», «implorar», «anelar por». Aplicava-se a Deus e aos homens no linguajar comum, mas nas páginas do N.T. usualmente focaliza Deus. Trata-se do desejo sincero da alma por alguma coisa, em que o crente fica dependendo de Deus, entregando-lhe a alma, sabendo que o Senhor se interessa pelos homens e é quem modifica as circunstâncias com o seu poder criador.

Satanás treme quando vê
O mais fraco santo de joelhos,

e isso porque a oração apela para o poder divino, que transcende a todo o poder humano.

«*...súplica...*» No grego original temos «deesis», que significa «rogo», e que podia ser usada como palavra sinônima da anterior. Esses dois termos podem ser usados simplesmente para efeito de ênfase, mediante certa variedade de termos, mas sem que isso tencione estabelecer qualquer

distinção de sentido. Alguns estudiosos pensam que «oração» indica pedidos gerais, ao passo que «súplica» seria algo mais específico, isto é, atinente a pedidos específicos, dirigidos na direção de necessidades específicas. Mas a distinção feita por alguns eruditos que «oração visa somente Deus, mas súplica visa Deus ou o homem», não resiste sob o exame a um bom dicionário.

«De que nos serviria a espada de Miguel, se a mão que a segura for frouxa e sem forças? de que nos valeria a panóplia de Deus, se por detrás dela bate um coração acovardado! Tão-somente se parece com um soldado aquele que usa armas sem a coragem de usá-las. A vida que deveria animar aquela figura armada, que deveria pulsar com grande resolução por debaixo da cota de malhas, para fortalecer o braço ao levantar o forte escudo e aplicar a afiada espada, para pôr em movimento pés velozes em suas missões evangelizadoras, a fim da igreja manter-se unida, formando um único exército do Deus vivo, procede da inspiração do Espírito divino, recebida em resposta à oração confiante. Por isso é que o apóstolo (Paulo) acrescentou: '...com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito...'» (Findlay, *in loc.*).

«*...em todo tempo...*», em qualquer ocasião, em todas as oportunidades, e não «sempre», com o sentido de *incessante*. A idéia de oração incessante, entretanto, se encontra em I Tes. 5:17. A mente do crente deve estar sempre pronta a orar ao Senhor. (Comparar com Col. 4:2).

«*...no Espírito...*» Em outras palavras, «mediante comunhão mística com ele», de tal modo que a oração seja expressão da natureza espiritual, e não apenas um desejo da mente. A comunhão com Deus é necessária para que haja orações corretas e poderosas; e a oração é o desejo sincero da alma, e não meramente um capricho mental. O Espírito do Senhor também intercede por nós, por causa de sua comunhão conosco (ver Rom. 8:26). No texto presente, o Espírito Santo é visto como o inspirador das verdadeiras orações. A oração não é um exercício meramente humano, pois, quando bem desenvolvido, deve ser um exercício da alma, inspirado pelo Espírito de Deus. Isso garante sua natureza e eficácia espirituais.

«*...vigiando com toda perseverança...*» Tal como um soldado, em batalha, precisa manter-se vigilante para que não seja apanhado de surpresa, o que o levaria a ser súbita e inesperadamente atingido, não estando ele preparado para algum ataque, assim também o crente deve exercer os cuidados espirituais correspondentes. O soldado espiritual vigia, aguardando toda oportunidade de empregar seu poder de oração, brandindo suas armas em favor do bem. Deveria conservar um espírito alerta e vigilante. (Ver Mat. 26:41 quanto ao fato que a «vigilância» também faz parte da atitude de oração. O paralelo do presente versículo, Col. 4:2, contém esse pensamento, como igualmente o faz Marc. 13:33,35).

«*...perseverança...*» Neste ponto encontramos o termo grego «proskarteresis», que significa «constância», «paciência», e que tem aqui sua única menção em forma de substantivo. A forma verbal dessa palavra significa «aderir», «persistir», «ocupar-se em», «passar muito tempo em». Temos aqui um apelo em prol da oração coerente e persistente. A parábola do juiz injusto e da viúva, em Luc. 18:1-8, ilustra esse princípio fundamental. (Ver igualmente I Tes. 5:17). A batalha é contínua, uma série interminável de conflitos, porquanto nenhuma vitória final ou término da guerra são esperados enquanto o crente não for libertado do corpo, mediante a morte. Por conseguinte, a perseverança é indispensável tanto para a oração como para todos os demais aspectos da vida e do desenvolvimento espirituais.

«*...por todos os santos...*» (Ver as notas expositivas, em Rom. 1:7, acerca desse título dos crentes, «...santos...», onde se mostra o pano de fundo e o significado geral do termo). Ninguém se encontra isolado, em batalha espiritual. Cumpre-se assim o ditado popular que diz: «Ninguém é uma ilha». A batalha é ganha pelo corpo inteiro de Cristo, coletivamente considerado. Nenhum crente poderá obter a vitória total sem cooperação da mesma com outros, participando igualmente das vitórias dos demais. A plena glorificação, tanto do Cabeça como do corpo, ocorre coletivamente (ver Efé. 1:23 e 2:6). O desenvolvimento espiritual envolve todo o corpo místico de Cristo, considerados juntamente os seus muitos membros, e não algum membro isoladamente (ver Efé. 4:16). Portanto, a oração deve envolver o corpo inteiro de Cristo, e não apenas o próprio crente individual; e isso é útil, tanto para os outros crentes como para cada crente que assim ora.

Paulo recomenda a intercessão mútua entre os crentes. Quando dois ou três fizerem algum pedido coletivo, isso lhes será outorgado. (Ver Mat. 18:19). Além disso, nenhum santo de Deus é tão perfeito ou tão forte que não necessite da ajuda de outros. No dizer de Wedel (*in loc.*): «Assim como um soldado, na linha de batalha, se desanimaria se não tivesse o conhecimento que seus camaradas lutam ao seu lado, assim também o crente individual vive com base na fé e na confiança inspiradas pelo Espírito de Deus acerca da fraternidade de Cristo. Quão desesperadamente, na qualidade de soldados cristãos, precisamos da comunhão do Espírito Santo, conforme nossa era conturbada o demonstra!»

Que é Orar?
A oração é o desejo sincero da alma,
Que fica mudo ou é expresso,
É o movimento de uma chama oculta
Que tremula no peito:

A oração é o enunciado de um suspiro,
O cair de uma lágrima,
O volver os olhos úmidos para cima,
Quando ninguém, senão Deus, está perto.

A oração é a linguagem mais simples
Que lábios infantis podem experimentar;
A oração é o clamor mais sublime que atinge
A Majestade nas alturas:

A oração é o hábito vital do crente,
É a sua atmosfera nativa,
É o seu lema às portas da morte,
Pois ele entra no céu pela oração.

A oração é a voz contrita do pecador,
Que retorna de seus maus caminhos,
Quando anjos se regozijam em cânticos,
E dizem: Eis que ele ora!

Os santos, na oração, aparecem como um só,
Na palavra, nos feitos, na mente,
Quando, com o Pai e o Filho,
Encontram seu companheirismo.

Nenhuma oração é feita só no mundo:
Pois o Espírito Santo intercede;
E Jesus, no trono eterno,
Intercede pelos pecadores.

O Tu, por meio de quem chegamos a Deus!
Vida, Verdade e Caminho,
Tu mesmo palmilhaste o caminho da oração,
Senhor, ensina-nos como orar!
(Montgomery).

19 καὶ ὑπὲρ ἐμοῦ, ἵνα μοι δοθῇ λόγος ἐν ἀνοίξει τοῦ στόματός μου,[e] ἐν παρρησίᾳ[e] γνωρίσαι τὸ μυστήριον τοῦ εὐαγγελίου[3]

[3] **19** {B} τοῦ εὐαγγελίου ℵ A D I K P Ψ 33 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1739 1877 1881 1962 1984 1985 2127 2492 2495 *Byz Lect* it[ar,c,d,dem,e,f,x,z] vg syr[p,h] cop[sa,bo,fay[ms]] goth arm Ambrosiaster[txt] Chrysostom Jerome Euthalius Theodoret John-Damascus // *omit* B G it[g.mon] cop[fay[ms]] Tertullian Ambrosiaster[comm] Victorinus-Rome Ephraem

[e] **19** *e* minor, *e* none: WH Bov Nes BF[2] RV ASV NEB (TT) Zür (Jer) Seg // *e* none, *e* minor: AV RV[mg] ASV[mg] (RSV) Luth // *e* none, *e* none: TR

19 Ac 4.29; Col 4.3; 2 Th 3.1 19 (μου, εν] μου εν R) |

Embora pareça digno de atenção que B se una a G it (g,86) *al* em apoio à forma mais breve, na coletânea paulina do códex Vaticanus, com alguma freqüência se exibem sinais de contaminação ocidental, pelo que o peso de seu testemunho, unido ao testemunho ocidental, não deve ser superestimado. Outrossim, é significativo que além de τοῦ εὐαγγελίου ——— não há outra variante, tal como τοῦ Χριστοῦ ou τοῦ θεοῦ (para as quais há paralelos em 3:4; Col. 2:2 e 4:3), conforme se esperaria se, de fato, a forma mais breve fosse a original, e τοῦ εὐαγγελίου fosse uma adição escribal.

6:19: e por mim, para que me seja dada a palavra, no abrir da minha boca, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho,

Nem mesmo o grande apóstolo dos gentios prescindia das orações de outros crentes; e isso nos serve de grande lição no tocante à oração comunitária, ordenada no versículo anterior. Ninguém se encontra tão avançado na batalha, tão vitorioso, tão inteiramente desenvolvido, espiritualmente falando, que não precise da ajuda da comunidade cristã, tanto na forma de orações como de outras maneiras.

«*...abrir a minha boca...*» (Comparar com o paralelo de Col. 4:3). Paulo orava pedindo o «perfume da elocução», a oportunidade de anunciar o evangelho de maneira especial e poderosa. Foi isso que o apóstolo pediu, que orassem pelo sucesso de sua missão, não sendo isso um pedido egoísta. Pois, afinal de contas, o que há de mais importante para o crente é que ele possa cumprir bem o que Deus lhe ordenou fazer, nesta esfera terrena. Portanto, Paulo queria um exercício pleno e bem-sucedido de seu ofício e comissão apostólicos. E quão preocupados estamos nós acerca do cumprimento de nossas respectivas missões? Até que ponto a oração participa dessa preocupação? Paulo nos deixou o exemplo, não apenas cumprindo de forma admirável o que lhe foi dado para fazer, mas também ele nos mostrou o caminho, ou, pelo menos, um dos métodos pelos quais deveríamos cumprir nossa missão. (Ver Apo. 2:17 quanto a notas expositivas sobre o conceito que cada crente foi dotado de «missão sem-par»).

A menção da palavra «*...boca...*», na opinião de alguns estudiosos, seria supérflua, como se quisesse dizer apenas «quando abro minha boca». Mas outros eruditos pensam que se trata da abertura da boca por Deus, o que está de acordo com o que nos diz o trecho de Sal. 51:15: «Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores». O fato que Deus é quem profere a mensagem favorece a idéia que Paulo encarava a questão segundo ela transparece no livro de Salmos. Deus dará plena expressão da mensagem neotestamentária; e, ao assim fazer, preparará os seus instrumentos, a fim de que se tornem aptos e prontos para anunciarem essa mensagem.

«*...a palavra...*», isto é, a «declaração», apropriada da Palavra de Deus segundo a definição do décimo sétimo versículo deste capítulo, a saber, a

mensagem acerca de Cristo, mostrando o que ele é e significa aos homens, e o que ele requer dos homens. (Comparar isso com I Cor. 1:5, que diz: «...porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo o conhecimento...»; e com o que se lê em II Cor. 8:7: «...em tudo manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra...»). E nesta última passagem, o termo traduzido por «palavra» é «logos». Agradou a Deus salvar aos que crêem, mediante a loucura da «pregação» (ver I Cor. 1:21). O apóstolo Paulo queria mostrar-se eloqüente e vigoroso na proclamação da mensagem de Cristo, apresentando bem as riquezas que se encontram no Senhor Jesus, para que exercesse, de maneira suprema, o dom do evangelismo (ver Efé. 4:11).

«*...com intrepidez...*» No grego temos o vocábulo «parresia», que significa «franqueza», «coragem», «ousadia», «destemor», «confiança». No dizer de Wedel (*in loc.*): «Tentações peculiares ao silêncio, entretanto, acompanham o testemunho do evangelho. Como é que um mero homem expressará as palavras de Deus? As palavras mais penetrantes do Senhor são ouvidas exclusivamente na câmara secreta da consciência... Mas Paulo, neste versículo, solicita a força de poder testificar verbalmente. Paulo orou para que a sua boca fosse aberta. Poucos dentre nós tem a coragem suficiente para fazer essa oração. Até mesmo o pregador, no púlpito, sente ser mais fácil proferir homilias morais ou sermões sobre tópicos acerca de nossa época do que proferir o profundo e perturbador 'mistério do evangelho'».

A idéia de ousadia pode estar vinculada ao que se segue, isto é, tornar conhecido o mistério com ousadia; mas, seja como for, isso em nada altera o sentido da frase, pois Paulo se refere à mensagem falada como o instrumento que produz esse resultado.

O apóstolo dos gentios queria anunciar a mensagem com tal poder que nenhuma força pudesse resistir à mesma.

> A espada
> *de Miguel, do arsenal de Deus,*
> *...temperada de tal modo que nem muita coisa*
> *e nem coisa sólida possa resistir-lhe ao gume.*

Paulo desejava poder a fim de que sua palavra, proferida perante Nero ou um escravo, pudesse ser igualmente eficaz. «O fato que ele era então um embaixador em cadeias era razão maior ainda pela qual seus leitores deveriam orar intensamente, a fim de que ele tivesse ousadia». (Alford, *in loc.*).

«Paulo ficava habitualmente mudo, ou o temor o restringia, impedindo-o de fazer aberta profissão do evangelho? De modo nenhum; mas havia razão de temer que seu esplêndido começo não fosse continuado em seu progresso futuro. Outrossim, o seu zelo na proclamação do evangelho era tão ardente que ele nunca se satisfez com os seus próprios esforços nesse sentido. De fato, se considerarmos o peso e a importância do tema, teremos de reconhecer que estamos bem aquém de sermos capazes de manusear tal assunto de forma apropriada». (Calvino, *in loc.*).

«A rota mais curta, a qualquer coração, é passando pelo céu». (Faucett, *in loc.*). Portanto, a maneira mais rápida de conquistar homens a Cristo é solicitando-o a Deus.

Variante Textual: As palavras «...do evangelho...» aparecem nos mss Aleph, ADEKLP e na maioria dos manuscritos posteriores e versões. Porém, os mss P(46) (vid), BG e os escritos de Tertuliano e Ambrosiastro, pais da igreja, omitem essas palavras. E é bem provável que a omissão seja correta, pois «do evangelho» é apenas um ornamento explicativo. Não há maneira de explicar por que tais palavras teriam sido omitidas, se porventura fossem genuínas. Portanto, Paulo escreveu «...para com intrepidez fazer conhecido o mistério...».

O «*...mistério...*» é aquele mesmo referido em Efé. 1:10, a saber, a restauração de tudo em Cristo, Cristo como cabeça de todos, quando houver união em Cristo e o reconhecimento do fato que ele é o Salvador e Senhor; mas, particularmente, de conformidade com a definição de Efé. 3:3, ou seja, o que Deus está fazendo no seio da igreja, na salvação dos remidos, levando-os a se unirem em torno de Cristo, conferindo-lhes sua própria natureza, tornando-os filhos de Deus, tal como ele é o Filho de Deus; conferindo-lhes a natureza moral e metafísica de Cristo, como também sua herança e glorificação. (Ver as notas expositivas em Efé. 3:3 onde esse tema é expandido; e ver Efé. 3:10, quanto a notas expandidas sobre a «igreja». Ver igualmente Efé. 5:32 acerca do «mistério da igreja», em que esta aparece como «a noiva de Cristo», o que é uma subcategoria do mistério da igreja). É de grande interesse e vantagem do mundo ouvir o que Deus está fazendo no seio da igreja, porquanto nisso consiste a salvação pessoal para eles. Outrossim, na igreja, Deus mostra o que ele fará em todo o universo, ao unir todas as coisas em torno de Cristo, restaurando nele todas as coisas—e isso é para nós uma extraordinária esperança.

★★★

20 ὑπὲρ οὗ πρεσβεύω ἐν ἁλύσει, ἵνα ἐν αὐτῷ παρρησιάσωμαι ὡς δεῖ με λαλῆσαι.

20 *ὑπὲρ οὗ πρεσβεύω* 2 Cor 5.20; Phm 9 *ἵνα...λαλῆσαι* Col 4.4 20 *εν αυτω*] *αυτο* $\mathfrak{p}^{46}$B

6:20: pelo qual sou embaixador em cadeias, para que nele eu tenha coragem para falar como devo falar.

Conforme sabemos, a epístola aos Efésios foi uma de suas epístolas escritas na prisão. Não há certeza sobre o período de aprisionamento em que isso sucedeu, se em Éfeso, se em Cesaréia ou se em Roma. Essa questão inteira é discutida na introdução a esta epístola, em sua secção II, intitulada «Data e Proveniência».

«*...em cadeias...*» No grego temos a forma singular, «alusis», que provavelmente se refere à corrente de ferro que ligava Paulo ao soldado que o guardava. É interessante que a combinação das idéias de embaixada e de cadeias também aparece em File. 9. Ver as notas expositivas em Efé. 4:1, onde Paulo igualmente menciona o seu aprisionamento, fazendo disso uma lição moral. O apóstolo queria que os seus leitores conhecessem suas tribulações pessoais, embora não as tivesse mencionado com o fito de desencorajá-los (ver Efé. 3:13). Em várias culturas, incluindo as antigas, os embaixadores têm desfrutado de imunidades diplomáticas, e não podiam ser encarcerados. Mas aqui temos Paulo, o maior embaixador do grande Rei, lançado na prisão. «O escritor sagrado tem em mente não apenas o pensamento geral de estar em cadeias, mas a imagem visual de um embaixador que se levanta para defender a causa de seu soberano, mas que exibe cadeias, como uma espécie de adorno, é a mais estranha das contradições». (Hort, *Prolegomena to St. Paul's Epistles to Romans and Ephesians*, pág. 156).

«*Cadeias*: Os romanos costumavam ligar cada prisioneiro a um soldado, através de uma 'única corrente', em uma espécie de custódia meio-livre. (Ver Atos 28:16,20). 'Cadeias' (no plural) era palavra usada quando as mãos e os pés do prisioneiro eram tolhidos juntamente (ver Atos 26:29). Uma exatidão não-estudada, uma verdade marcante». (Faucett, *in loc.*). Paulo estava aprisionado dentro da categoria da *custodia militaris*. (Ver Atos 27:16,20; ver também II Tim. 1:16. Ver o trecho de Atos 23:17 quanto aos «tipos de encarceramento». Ver Atos 16:24 acerca de uma descrição das prisões antigas. Finalmente, ver as notas expositivas em Atos 23:18 sobre o tema, «Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo»).

«*...seja ousado...*» Uma vez mais é usado o vocábulo (em forma verbal), que figura no décimo nono versículo. Sim, Paulo precisava de ousadia. Ele se encontrava na situação estranha de ser um embaixador encarcerado, embora a sua missão fosse exatamente de viajar ao redor e de anunciar a mensagem salvadora do seu Soberano e Senhor. Dessa maneira, era gravemente impedido de cumprir o seu trabalho. Por essa razão é que apelou aos irmãos, a fim de que rogassem aos céus, para que fosse libertado, embora também houvesse desejado que ali onde se encontrava pudesse cumprir sua missão o tanto quanto estava ao seu alcance. Seu próprio encarceramento lhe servia de tentação para conservar-se calado, visto que se achava na prisão exatamente por ter-se mostrado muito zeloso na proclamação da mensagem divina. Mas, por assim dizer, Paulo «não aprendera ainda a sua lição», e não queria conservar-se calado. Antes, desejava que lhe fosse outorgada ainda maior ousadia, a fim de que pudesse mais completamente desincumbir-se de tudo quanto o Senhor Jesus lhe dera para fazer.

«Contrariamente aos direitos reconhecidos em todas as nações, aquele embaixador do Rei dos céus se encontrava acorrentado! No entanto, teve a oportunidade de defender-se e de vindicar a honra do seu Senhor». (Adam Clarke, *in loc.*).

«*...para falar como me cumpre fazê-lo...*» Quanto a essas palavras, precisamos desdobrar e considerar os pontos seguintes:

1. Paulo desejava falar de acordo com a dignidade de sua posição de embaixador, não negando essa comissão por deixar de pregar, ainda que isso se tornasse a condição de sua soltura.

2. Paulo desejava falar em cumprimento da incumbência e da comissão que o seu Rei lhe dera.

3. Paulo desejava falar de tal modo que os homens percebessem plenamente qual a natureza do «mistério» (ver o décimo nono versículo).

4. Paulo desejava falar *ousadamente*, sem timidez, não procurando agradar aos homens e suavizar suas próprias tribulações e perseguições. Dessa maneira, e com essas coisas em mente, Paulo «deveria falar». O termo grego aqui empregado é «dei», conforme transpareceria na seguinte tradução «me é necessário falar». Pois Paulo sentia que «tinha de fazer» algo, o que denota certa forma de compulsão; e, no caso de Paulo, era uma compulsão moral e espiritual.

«*...para que em Cristo...*» Nessas palavras não encontramos exatamente uma tradução, e, sim, uma interpretação, visto que a palavra «...Cristo...» não figura no original. Alguns estudiosos fazem o dativo tornar-se objeto, dando o resultado «...para que eu possa declará-'lo' ousadamente...», onde o 'lo' é o «mistério», o evangelho contido e compreendido nesse mistério. Evidentemente essa interpretação segue os mss P(46) e B, que trazem a palavra grega «auto» (acusativo neutro, singular), ao invés de «auto» (com a letra final ômega, que mostra o dativo). Mas isso, bem provavelmente, reflete uma alteração da forma mais difícil para a mais simples. Por conseguinte, devemos entender que é como se Paulo houvesse escrito,

«...para que eu possa falar ousadamente acerca desse mistério...», ou seja, para que pudesse exercer ousadia quando estivesse pregando sobre o mistério do evangelho. Mui provavelmente, reflete uma alteração da forma mais difícil para a mais simples. Por conseguinte, devemos entender que é como se Paulo houvesse escrito, «...para que eu possa falar ousadamente acerca desse mistério...», ou seja, para que pudesse exercer ousadia quando estivesse pregando sobre o mistério do evangelho. Mui provavelmente a referência é ao «mistério» e seu anúncio. Por isso é que Meyer comentou (*in loc.*): «A fim de que, ocupado com esse mistério, isto é, com a sua 'proclamação', eu possa falar ousadamente».

III. *Encômios ao Portador da Epístola* (Efé. 6:21,22).

Os versículos vigésimo primeiro e vigésimo segundo deste capítulo são idênticos, quase palavra por palavra, ao trecho de Col. 4:7,8; e assim, concluímos que as circunstâncias sob as quais esta epístola dos Efésios foi escrita foram as mesmas que levaram o apóstolo Paulo a escrever suas epístolas aos Colossenses e a Filemom, e que suas datas e proveniências são similares, ainda que

talvez não exatamente idênticas. (Ver uma discussão a esse respeito dentro da secção II da introdução a esta epístola). Aqueles que não aceitam a autoria paulina desta epístola aos Efésios, porém, crêem que algum *discípulo* de Paulo é quem teria escrito a mesma, tendo acrescentado alguns dados pessoais a fim de dar ao escrito um sabor de autenticidade.

Mas Paulo sabia quão grande era a ansiedade, entre os cristãos primitivos, por causa das perseguições que o vitimavam (ver Efé. 3:13), e agora procura consolá-los um pouco, ao enviar a Tíquico com a informação sobre seu estado, além de outras instruções por seu intermédio, de maneiras que não são diretamente mencionadas aqui. O trecho de Col. 4:9,10 também menciona o fato que Onésimo fora enviado, que Aristarco e Marcos estavam em companhia do apóstolo, ao mesmo tempo que este chegou a João Marcos, solicitando que fosse este último cordialmente acolhido, se porventura fizesse a eles alguma visita. A epístola a Filemom, que evidentemente foi escrita mais ou menos nessa época, e na mesma prisão, exibe a boa esperança que Paulo teria solto em breve, pois recomenda a Filemom que lhe prepare hospedagem, quando de sua chegada. Alguns estudiosos pensam que isso prova que o lugar de aprisionamento de Paulo era distante da cidade de Roma, talvez em Éfeso. E disso também tiram a conclusão que sua vida não estava sendo seriamente ameaçada, conforme sucedeu posteriormente, quando foi aprisionado em Roma. Adicione-se a isso o fato que a menção de Marcos, na epístola aos Colossenses, indica uma data anterior, e não associada às suas últimas epístolas, pois não é provável que a dificuldade com Barnabé, por causa de Marcos, teria durado tantos anos, e que somente agora Paulo se sentisse livre para elogiar Marcos perante a igreja. (Ver outros pormenores sobre tais questões na introdução a esta epístola, em sua secção II).

21 *Ἵνα δὲ καὶ ὑμεῖς εἰδῆτε τὰ κατ' ἐμέ, τί πράσσω, πάντα γνωρίσει ὑμῖν Τυχικὸς ὁ ἀγαπητὸς ἀδελφὸς καὶ πιστὸς διάκονος ἐν κυρίῳ,*

21-22 Τυχικὸς...ὑμᾶς Ac 20.4; Col 4.7-8; 2 Tm 4.12

6:21: Ora, para que vós também possais saber como estou e o que estou fazendo, Tíquico, irmão amado e fiel ministro no Senhor, vos informará de tudo;

«...*Tíquico...*» era da Ásia, e, segundo o texto chamado «ocidental», natural de Éfeso. Acompanhou Paulo a Jerusalém, provavelmente como delegado de sua congregação local, levando a coleta iniciada pelo apóstolo dos gentios aos santos pobres da capital religiosa da Judéia. Foi portador—provavelmente com outros, como Onésimo—das epístolas da prisão, aos Colossenses, aos Efésios, e quiçá a Filemom. Havia ministrado em companhia de Paulo por algum tempo, talvez num total de alguns anos, em diferentes capacidades, parecendo ter sido motivo de ânimo para Paulo, em algumas ocasiões difíceis. A sua fidelidade é que preservou seu nome no maior de todos os documentos, o Novo Testamento. Parece que Paulo o reputava um bom auxiliar de Tito (ver Tito 3:12) em Creta, e parece ter sido enviado pelo apóstolo a Éfeso, talvez levando a segunda epístola a Timóteo. As várias comissões que Paulo achou por bem incumbi-lo refletem o quão digno de confiança era ele.

Tíquico foi designado como «ministro», mas isso não parece especificar que ele tenha sido um diácono ou algum outro oficial da igreja local. Parece antes que era um evangelista itinerante, conforme era o próprio Paulo, pelo menos no fim da vida deste. As referências sobre sua pessoa, no N.T., são Atos 20:4; Col. 4:7; II Tim. 3:12, além do que se lê aqui, na epístola aos Efésios.

«...*o irmão amado...*» Tíquico conquistara o respeito de Paulo, e em seguida o seu amor, devido à sua fidelidade em situações difíceis. Paulo enviou-o a fim de informar os crentes asiáticos sobre a sua situação. Isso pode ser confrontado com o que Cícero escreveu a Ático: «Envia-nos algum portador de missiva, para que saibas o que se passa conosco e para que saibamos como estás e o que estás fazendo» (verso 18). Tíquico é aludido aqui por Paulo como «o irmão amado». Evidentemente era conhecido por aqueles para quem Paulo escrevia, e sua reputação era bem conhecida entre eles também.

«...*fiel ministro...*» Literalmente, o substantivo poderia ser traduzido aqui como «servo». É da palavra grega através desses termos em português que obtivemos nosso vocábulo «diácono»; mas tal palavra tem um sentido geral, sem indicar qualquer ofício eclesiástico em particular. Assim é que o próprio Paulo se intitula de «ministro de Cristo», em Efé. 3:7, a mesma palavra utilizada aqui. Ora, dos servos é exigido que sejam achados fiéis. Tíquico era servo de Cristo, e não de Paulo. Não saía em companhia de Paulo somente para servi-lo; mas todo serviço que prestava para Paulo era porque cumpria fielmente a sua comissão, recebida da parte do Senhor. Não estava encarregado da elevadíssima responsabilidade que Paulo recebera, mas sua missão um tanto inferior nem por isso deixava de ser importante. (Quanto a notas expositivas sobre «missões secundárias, mas mesmo assim importantes», ver Atos 9:19; e acerca dos «Vasos escolhidos», ver Atos 9:15).

«...*no Senhor...*» Consideremos os dois pontos seguintes: 1. Talvez isso não signifique mais, neste ponto, do que um «colega cristão», que também se mostra leal para com o Senhor. 2. Ou então, juntamente com o apóstolo, alguém que desfrutava de comunhão mística com Cristo, no Espírito, por pertencer ao Senhor. (Ver o trecho de I Cor. 1:4; bem como as notas expositivas ali existentes, sobre essa idéia da mútua comunhão mística de que os crentes compartilham em Cristo). A expressão «no Senhor» está vinculada a «servo», e não a «irmão».

22 *ὃν ἔπεμψα πρὸς ὑμᾶς εἰς αὐτὸ τοῦτο ἵνα γνῶτε τὰ περὶ ἡμῶν καὶ παρακαλέσῃ τὰς καρδίας ὑμῶν.*

6:22: o qual vos envio para este mesmo fim, para que saibais do nosso estado, e ele vos conforte o coração.

Este versículo repete a idéia essencial do versículo anterior. Ele foi enviado para informá-los sobre «tudo», entre o que se destacavam as questões que envolviam pessoalmente a Paulo, como seu aprisionamento, sua saúde, suas esperanças acerca do futuro; mas agora é acrescentada também a idéia de «consolo». O trecho de Efé. 3:13 mostra-nos que Paulo cuidava em que as igrejas não se preocupassem com as suas tribulações. Não sabemos quão severas eram essas tribulações, e nem se realmente havia qualquer ameaça real de execução. Pelo menos as igrejas podem ter pensado que os testes de Paulo eram severos ao ponto de lhe ameaçarem a própria vida. Paulo queria aliviar esses temores, sem importar se isso diminuiria ou não o perigo de morte por que passava. Mas mesmo à parte desses temores, as perseguições pelas quais passava o apóstolo eram suficientemente severas. (Quanto a notas expositivas completas sobre o valor «da tribulação e das perseguições», e como elas nos podem ser benéficas, ver Atos 14:22).

«...*console...*» No grego original temos a idéia de «convocar», «apelar para», «exortar», «encorajar», «animar», «confortar», «chamar para o lado de». Os sentidos finais dessa palavra, nesta lista, certamente são os que estão em foco aqui. O divino «paracleto», o «Consolador», que diz respeito ao Espírito Santo, é título derivado do vocábulo grego que aparece no original. (Quanto às declarações de Jesus sobre o «divino paracleto», no evangelho de João, ver João 14:16).

No dizer de Adam Clarke (*in loc.*): «Consolo... Por mostrar-nos o quão poderosamente ele (o apóstolo Paulo) era sustentado em todas as suas tribulações, e como Deus fez suas cadeias promoverem ainda mais a propagação do evangelho». E assevera ainda o mesmo autor: «Não precisamos descobrir uma razão pela qual eles desejavam ser consolados; sem dúvida havia muitos motivos, naqueles tempos de perigo». Seja como for, o valor do consolo mútuo é óbvio, e essa é uma lição que podemos extrair do presente versículo.

Ó Jeová, meu Senhor, força da minha salvação,
Cobriste minha cabeça no dia da batalha.

IV. *Bênção* (Efé. 6:23,24).

As observações finais desta epístola não contêm quaisquer saudações pessoais; e isso é argumento convincente de que Paulo não escrevia aqui para uma igreja local com a qual tivesse tido muito contacto. Talvez até fosse desconhecido pessoalmente de seus membros, exceto por comunicações indiretas. (Ver os trechos de Efé. 1:15 e 3:2, que mostram nas notas expositivas a respeito que os membros da comunidade para a qual Paulo escrevia não lhe eram bem conhecidos. Ver também Efé. 1:1, onde se mostra, nas suas notas expositivas, que as palavras *em Éfeso*, não fazem parte genuína desta epístola, e onde são oferecidas várias explicações acerca dos crentes endereçados nesta epístola *aos Efésios*).

Pode-se observar, por igual modo, que a bênção desta epístola é bastante diferente de qualquer bênção encontrada em outras epístolas paulinas, por ser menos pessoais e mais geral, faltando-lhe as palavras comuns, «A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco», além de conter a expressão impessoal «com os irmãos», ao invés da expressão mais pessoal «a graça seja convosco», ou outra expressão similar. Essa expressão geral e impessoal está de conformidade com a natureza desta epístola, que mais se assemelha a uma encíclica. Detalhes dessa sorte têm sido apresentados como argumentos contrários à autoria paulina desta epístola; e apesar de não se tratar de argumentos conclusivos, nem por isso deixam de ter certo peso. Pois um intérprete honesto não pode passar por algo desses pormenores, sem mencioná-los. (Quanto a uma discussão sobre o problema da autoria desta epístola, ver a introdução à mesma, em sua secção I).

23 *Εἰρήνη τοῖς ἀδελφοῖς καὶ ἀγάπη μετὰ πίστεως ἀπὸ θεοῦ πατρὸς καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ.*

23 αγαπη] ελεος **A**

6:23: Paz seja com os irmãos, e amor com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Este breve versículo incorpora muitos grandiosos temas do N.T., a saber: 1. A «paz», comentado em Rom. 5:1; João 14:27; 16:33; Gál. 5:22 e Efé. 2:14,17, onde há explicações gerais. 2. O «amor», comentado em João 3:16; 14:21; 15:10; Rom. 5:8; Gál. 5:22. 3. A «fé», comentada em Heb. 11:1; João 3:16; Gál. 5:22, todas notas com poemas ilustrativos. Devemos notar que todas essas três qualidades são dons do Espírito Santo, e, por conseguinte, são qualidades espirituais e divinas, insufladas nos homens mediante a comunhão mística com o Senhor.

Também se deve dar atenção à conexão feita entre a fé e o amor, que neste versículo aparece dentro da frase «...amor com fé...» (E isso pode ser comparado ao trecho de Gál. 5:6, onde se lê: «...a fé que atua pelo amor...»). Além disso, uma vez mais Deus é visto como Pai, um tema constante desta epístola. (Ver Efé. 1:2,3,5,11,14,17; 2:18,19; 3:14,15 e 5:20. Ver também esse tema em geral da «paternidade de Deus», comentado em João 8:42 e Rom. 8:14,16,17). Deus, na qualidade de Pai, confere a seus filhos, mediante o seu Filho, as bênçãos celestes descritas nesta epístola (ver Efé. 1:3). E a maior de todas essas bênçãos é a de compartilharmos da própria natureza de Deus Filho (ver Efé. 1:23), e desse modo compartilharmos da plenitude do próprio Deus Pai (ver Efé. 3:19).

Finalmente, como outro ponto que deve chamar nossa atenção, destaca-se o título completo de Jesus, a saber, «Senhor Jesus Cristo», reiterado no vigésimo quarto versículo. (Quanto a notas expositivas completas sobre esse título, onde se inclui a idéia do *senhorio* de Cristo, ver Rom. 1:4). É por meio de nosso Senhor que as bênçãos descritas nesta epístola nos são conferidas, por causa da nossa conexão com ele, por sermos a sua plenitude (ver Efé. 1:23), por sermos o seu corpo (ver Efé. 1:23 e 5:23) e por sermos, coletivamente, a sua noiva (ver Efé. 5:23-32).

A *paz* é um dos temas básicos desta epístola, porquanto o mistério da vontade de Deus consiste no fato de que todos os homens, todos os seres inteligentes, serão eventualmente restaurados em Cristo, formando grande harmonia e união, tendo a Cristo como Cabeça, de modo a estabelecer-se uma paz universal, entre os seres criados, entre os homens, e entre todas as criaturas e Deus. (Ver Efé. 1:10; 2:14,16,17 e as notas expositivas a respeito). O que o Senhor está fazendo atualmente no seio da igreja, produzindo harmonia, união e paz, serve de modelo para o que Deus fará no universo inteiro, o que é contemplado com profundo respeito, até mesmo por seres celestiais, conforme aprendemos em Efé. 3:10.

Mas aquilo que agora tanto contribui para o desenvolvimento e o benefício espirituais é o «amor com fé», as duas qualidades supremas da natureza espiritual, bem como a «fé que opera pelo amor», na vida diária; pois assim a alma crente é mais prontamente transformada segundo a imagem de Cristo, e é dessa maneira que o mistério da vontade de Deus se vai cumprindo e se cumprirá cabalmente.

«...*da parte de Deus Pai e do Senhor...*» Essas grandes virtudes não são produtos humanos, mas divinos, conferidos por Deus, como dons celestiais outorgados mediante Cristo Jesus, concretizados através do Espírito Santo. Paulo ora para que essa seja a experiência daqueles crentes, bem como de todos os crentes, conforme nos é indicado mediante o termo «...irmãos...» No dizer de Robertson (*in loc.*): «O amor da irmandade, acompanhado pela fé em Cristo...». Note-se que esse amor é «fraternal», embora também seja divino, no tocante à sua fonte originária. Porém, o que é enfatizado é o amor mútuo, realizado na igreja. (Ver a «fé» e o «amor», que também aparecem vinculados entre si, em I Tim. 1:14). «Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros». (I João 4:11).

24 ἡ χάρις μετὰ πάντων τῶν ἀγαπώντων τὸν κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν ἀφθαρσίᾳ.

24 πάντων...Χριστόν 1 Pe 1.8

24 αφθαρσια.] *add* αμην **D** *pl* lat ς

Subscriptio: εγραφη απο Ρωμης **P**: *add* δια Τυχικου ς

O Textus Receptus adiciona o ἀμήν, litúrgico, juntamente com ℵ^{c} D K L P maioria dos minúsculos sir (p,h) cop (bo(mss)) gót ara (mss) etí (pp). O texto é bem apoiado por $\mathfrak{p}^{46}$ ℵ* A B F G 33 cop (sa,bo,fay) ara etí (ro).

(a) O subtítulo em ℵ A B (D) 33 466 cop (fay) é πρὸς Ἐφεσίους. Outros subtítulos incluem: (b) ἐτελέσθη ἐπιστολὴ πρὸς Ἐφεσίους F G; (c) πρὸς Ἐφεσίους ἐγράφη ἀπὸ Ῥώμης B (c) P; (d) tal como (c), além de διὰ Τυχικοῦ K 31 82 328 436 1908; (e) ἐγράφη ἡ ἐπιστολὴ αὕτη ἡ πρὸς Ἐφεσίους ἀπὸ Ῥώμης διὰ Τυχικοῦ — L; (f) πρὸς Ἐφεσίους ἐγράφη ἀπὸ Ῥώμης διὰ Τυχικοῦ Textus Receptus.

6:24: A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível.

«...*graça...*» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça» divina, ver Efé. 2:8). Neste ponto, mui provavelmente esse termo significa «favor divino», que é estendido aos crentes em todas as facetas de sua vida. A «graça», invocada aos crentes, é comum em todas as epístolas de Paulo. (Ver Rom. 16:24; I Cor. 16:23; II Cor. 13:14 e Gál. 6:18, onde tal conceito é comentado). Dentre o resto das epístolas paulinas, todas as demais incluem a idéia, sobretudo na introdução de cada uma delas. Em cada caso, destaca-se o desejo que os crentes recebam as bênçãos e o favor divinos, participando daquilo que Deus tem para os homens, favorecendo-os livremente.

«Graça e paz foram as primeiras palavras desta epístola—a saudação do apóstolo a todas as suas igrejas. Na expressão 'paz e graça' ele expressa a sua bênção final... Nas camadas profundas da paz que reside na igreja, e do amor que preenche cada coração crente, está a fonte eterna da 'graça'... A graça já pertence aos crentes—e nada desejam tanto como que essa graça aumente. O amor deles por Cristo é o fruto da graça de Deus, que está com eles. Esse desejo expresso pelo apóstolo inclui todos os bons desejos; ultrapassa tanto nossos merecimentos como os nossos desejos. Tudo quanto Deus comprou por seu amor remidor, todo o bem que nossa natureza pode receber, agora e para sempre, está envolvido nessa declaração: 'A graça seja convosco'» (Findlay, *in loc.*).

Devemos observar aqui o artigo definido, «a graça», que é bem conhecida pelos crentes, e que se acha na pessoa de Cristo Jesus.

«...que amam sinceramente...» A maioria dos pais da igreja via nesse vocábulo grego, «aphtharsia», a idéia de «sinceridade», mas o apoio léxico para tal significado é fraco, se é que ao menos existe. Trata-se antes da «incorruptibilidade» que pertence à imortalidade, ao que essa palavra ordinariamente aponta. Assim sendo, essa expressão pode significar «amor na incorruptibilidade», ou «amor imorredouro», ou «amor imortal». Dá a entender aqui que há um amor que transcende do que é terreno, corruptível e profano, mas que caracteriza o céu, a esfera da imortalidade. Os crentes participam da vida celestial do Senhor Jesus, que se acha em glória imortal. Há um amor que deve caracterizar tais seres como são os crentes; e esse amor é dom do Espírito de Deus (ver Gál. 5:22). É dessa maneira que os crentes devem amar ao Senhor Jesus Cristo. Aqueles que assim o amam recebem a promessa da «graça» de Deus, como benefício acompanhante.

No dizer de Alford (*in loc.*): «...o amor aqui aludido é 'na imortalidade', como sua esfera, elemento e condição, a 'incorruptibilidade'—não um amor terreno e passageiro, mas um amor espiritual e eterno. E é somente compreendida nesse sentido que a palavra é digna de figurar como coroa e clímax desta gloriosa epístola».

«Um amor que não conhece nem alteração, nem diminuição e nem decadência» (Ellicott, *in loc.*).

A tradução que aqui aparece, «...*sinceramente...*», talvez se tenha devido à confusão dos tradutores com o termo grego «aphtoria», palavra similar e que pode envolver a idéia de *sinceridade* (ver Tito 2:7). (Quanto a outros trechos neotestamentários que também usam esse termo, ver I Cor. 9:25; 14:50; 15:32; Rom. 1:23; I Tim. 1:17; I Ped. 1:4,23-3:4). É óbvio que essa palavra, no presente texto, está vinculada a «amor», e não a «graça», dando a entender um «amor imortal». Também não está vinculada a Cristo, como se quisesse dizer «Cristo imortal», ainda que isso também expresse verdades. O que o versículo quer dizer, porém, é que nos cumpre amar a Cristo com amor imorredouro, com aquele amor que caracteriza as esferas eternas.

«Esse amor se encontra na vida do corpo de Cristo. Disso é que depende a imortalidade da igreja. As portas do hades não podem prevalecer contra ela, arraigada e firmada como ela está no amor ao Cristo ressurrecto e imortal. É como se o apóstolo houvesse dito: 'Que o amor possa ser mantido em seu poder imorredouro. Que seja um amor sem mácula, e que nunca se desgaste'».

«Acerca do amor terreno, com freqüência dizemos, entristecidos:

O espaço é contrário a ti: pode acabar-se!
O tempo é contrário a ti: pode esfriar!

Mas não sucede outro tanto com o amor de Cristo. Nem morte e nem vida podem separar de Cristo uma alma. O nosso amor ao Senhor Jesus Cristo nos faz assentar com ele nos lugares celestiais, acima de toda a decadência, acima desta carne que perece e deste mundo que passa» (Findlay, *in loc.*).

Variante Textual: —Os mss Aleph(3), DKLP e a maioria dos manuscritos posteriores, quase todos cursivos, e também as versões latinas, siríacas e boáricas, dizem aqui «Amém». Mas esse vocábulo é omitido pelos mss P(46), Aleph(1), ABG e nas versões aramaicas, o que serve de evidência textual decisiva contra a sua inclusão. Tal palavra foi acrescentada por escribas posteriores. Mas em algumas epístolas paulinas, como em Gálatas e em Romanos, é parte genuína do texto.

Sobrescrito: As palavras «escrita em Roma» aparece no ms P, às quais é acrescentada a frase «por Tíquico», na maioria dos manuscritos posteriores, principalmente cursivos, mas também incluindo os mss K e L. O ms B(2) diz «aos Efésios, foi escrita em Roma». Os mss Aleph, AB(1)D dizem simplesmente «aos Efésios». A isso o ms F acrescenta «foi dirigida». Mas nenhum desses sobrescritos, acrescentados a epístolas do N.T., fazem parte do original, mas antes, foram adições subseqüentes, feitas por escribas, para fornecer-nos um pouco de informação acerca desta ou daquela epístola, no tocante à sua proveniência, autoria e destino.

Assim termina a epístola que certamente é a mais bela e profunda de todas as epístolas do nosso Novo Testamento.

★★★.